

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS HISTÓRICOS E LATINO-AMERICANOS
NÍVEL DOUTORADO
Marta Rosa Borin**

**POR UM BRASIL CATÓLICO: TENSÃO E CONFLITO NO CAMPO RELIGIOSO
DA REPÚBLICA**

**São Leopoldo,
2010**

Marta Rosa Borin

**POR UM BRASIL CATÓLICO: TENSÃO E CONFLITO NO CAMPO RELIGIOSO
DA REPÚBLICA**

**Trabalho apresentado como requisito
parcial para obtenção do título de
doutor em História pelo Programa de
Pós-Graduação em Estudos Históricos
Latino-Americanos da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eloísa
Capovilla da Luz Ramos**

**São Leopoldo,
Out/ 2010**

B734p

Borin, Marta Rosa

Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república / Marta Rosa Borin; orientadora Eloísa Capovila da Luz Ramos – São Leopoldo, 2010.

369 f. : il.

Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos e Latino-Americanos

1. Pluralismo religioso - tensões – conflito – estratégias 2. Pluralismo religioso - Rio Grande do Sul

I. Ramos, Eloísa Capovila da Luz II. Título

CDU 291

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera – CRB 10/1491

**POR UM BRASIL CATÓLICO: TENSÃO E CONFLITO NO CAMPO RELIGIOSO
DA REPÚBLICA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 04 de outubro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Jessie Jane Vieira de Souza (UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira Padoin (UFSM)

Prof. Dr. José Rogério Lopes (UNISINOS)

Prof. Dr. Claudio Pereira Elmir (UNISINOS)

Prof^a. Dr^a. Eloísa Capovilla da Luz Ramos (Orientadora) (UNISINOS)

AGRADECIMENTOS

As experiências vividas durante a realização deste estudo foram muitas. A convivência com *stress* no decorrer da pesquisa não impediu que a produção intelectual avançasse mesmo lentamente, resultando num processo descontínuo que atrasou a feitura da tese, mas não cheguei a pensar em desistir da tarefa. Aqui as justificativas não terão sentido, cabe dizer que, neste período foi grande o aprendizado e, conseqüentemente, o amadurecimento.

Assim, os meus primeiros agradecimentos são dirigidos à Deus, o parceiro indizível, o *dono do tempo*, do impossível, que me concedeu o hoje, ao qual chamamos Presente.

Agradeço imensamente aos meus pais, Atalício, *in memorium*, presença e ausência durante o tempo de realização desta tese; a minha pequena e grande mãe, Silvia, exemplo de amor paciente e corajoso que, quando na infância nos ensinava um trocadilho infantil não sabia que, com ele, estaria nos permitindo entender a complexidade das escolhas, para ela a brincadeira da repetição ajudava a exercitar a memória: “*O tempo perguntou pro tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo respondeu pro tempo que o tempo tem tanto tempo quanto tempo o tempo tem*”.

Não posso deixar de agradecer aos meus familiares, na pessoa do meu irmão Vicente, que foram incansáveis no apoio e no estímulo do *não desistir*. A alegria das sobrinhas, Giovana e Natália, eram como novas *janelas* para o existir.

Ao Dr. Wilmar Seixas e ao Pe. Ottomar Schneider, ouvidores e interlocutores na compreensão do equilíbrio do ser. Amigos que me mostraram esta linha tênue entre a *tensão* e o *conflito*.

Aos Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS pela compreensão durante todo o período da tese e a secretária do curso, Janaina Trescastro, sempre atenta e prestativa na solução dos problemas acadêmicos.

À CAPES, pela concessão integral da bolsa de estudos durante o curso de doutorado.

Ao Prof. Dr. Martin Norberto Dreher, orientador e fraterno amigo, por seu empenho em descobrir comigo o ponto nodal da tese e por sua compreensão aos problemas de saúde que enfrentei durante a pesquisa. À Prof^a. Dr^a. Eloísa Capovilla da Luz Ramos por ter aceito o meu pedido de dar continuidade à orientação extra-classe da tese. Orientadora potencial e incansável que acreditou na possibilidade desta

pesquisa. Obrigada, Elô, pelo incentivo e por ter abraçado comigo este desafio. Tua alegria no ensinar e no trato amável com o ser humano é contagiante.

Na pessoa do Prof. Dr. Arthur B. Rambo, agradeço aos demais professores da UNISINOS por dividirem comigo seus conhecimentos.

Não poderia deixar de agradecer ao apoio do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), especialmente, das Irmãs Anísia Margareta Schneider, Irani Rúpolo, Inacir Pederiva pelo seu profissionalismo e pelo estímulo à tese. Também aos professores e colegas do Curso de História (UNIFRA) que, atenciosamente, assumiram as disciplinas que ministrava no período que fui contemplada com a Bolsa de Doutorado da CAPES.

Em especial quero agradecer a Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira Padoin, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que, à época em que me decidi pelo doutorado, sugeriu trabalhar com uma das devoções marianas de Santa Maria. Embora o caminho desta pesquisa tenha tomado um rumo diferente da sugestão inicial, o tema religiosidade permaneceu. Obrigada professora por “apresentar-me” ao Movimento Apostólico de Schöenstatt, ponto de partida da tese cujo encontro possibilitou-me discutir outras questões históricas. Obrigada, ainda, pelas palavras de encorajamento e amizade.

Também tenho dívidas de gratidão com os professores Dr. Fernando Londoño, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e com a Prof^a Dr^a. Ruth Chittó Gauer, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pelo estímulo e aprendizado, paralelo à tese.

Agradeço ainda a outros professores da Universidade Federal de Santa Maria, como o Prof. Dr. Luiz Eugênio Vécio, *in memoriam*, que gentilmente, emprestou-me documentos de seu arquivo particular os quais serviram para este estudo, documentos estes ainda não trabalhados por outros pesquisadores e ao Prof. Dr. Victor Biasoli pelo interesse em discutir questões comuns ao nosso objeto de pesquisa.

Tenho dívidas de gratidão com o sacerdote palotino João Quaine, professor das Faculdades Palotinas de Santa Maria (FAPAS), pelas observações feitas ao texto.

Também quero agradecer, nas pessoas da Neila Guterres, Cleunice Devindorf Durlo, Eva da Silva Flores e Maria Goreti Parodi Araújo que com outras foram amigas de caminhada durante estes anos em que estive estudando.

Agradeço imensamente aos meus primos Carmem e Renato Dalla Lana, às primas Lourde e Célia Borin, a tia Iolanda Borin por terem me hospedado em suas

residências em Porto Alegre quando eu viajava para as orientações em São Leopoldo. À família Ramos, à Cecília, à Julia e ao Jenito “Felisberto” pela carinhosa e amável recepção na sua residência em Porto Alegre quando das longas jornadas de trabalho com a professora Eloísa.

Também não esqueço os momentos de descontração que passei a convite das amigas Regina Michel, Helena Pippi, Delmira Wolff e Fátima D’Ávila que muito se preocuparam com a falta de lazer no período de realização da tese.

O risco que se corre em procurar enumerar as pessoas a quem temos dívida de gratidão é esquecer de muitas delas. Sem querer melindrar outros amigos, fiz este agradecimento e, através da colega de doutorado a Prof^a. Dr^a. Isabel Arendt (UNISINOS), agradeço aos demais que muito contribuíram neste período de estudo.

RESUMO

O Projeto de Restauração Católica no Rio Grande do Sul encontrou eco na cidade de Santa Maria, principalmente com a chegada dos padres palotinos e jesuítas. No final do século XIX e início do século XX, a cidade, que tinha no seu território a presença de membros de diferentes crenças, vai ser palco de disputa pelo espaço do sagrado. Dentre as estratégias de conquista, por parte de católicos e protestantes, destaca-se a atuação no campo educacional e a construção de templos. Através da imprensa as tesões e os conflitos se declaram entre católicos e acatólicos e vice-versa. Anticlericais, maçons e metodistas criticam os dogmas da Igreja católica e a conduta do clero sul-rio-grandense. Nos anos de 1930, o clero católico santa-mariense, volta-se para a educação também da classe operária por temer a propagação das idéias comunistas. A afirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul acontece com a divulgação da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, a partir de Santa Maria. A difusão da idéia do “perigo comunista”, nos anos de 1930 contribuiu para que Nossa Senhora Medianeira se tornasse, no Brasil, a Padroeira dos Círculos Operários e no Estado, a padroeira do Rio Grande do Sul. Essa devoção, juntamente com a devoção paulista de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e a imagem do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, tornaram-se elementos importantes para a Igreja legitimar a conotação católica da nação naquele período.

Palavras-chave: poder, idéias, instituições.

RESUMEN

El Proyecto de Restauración Católica en el Río Grande del Sur ha encontrado eco en la ciudad de Santa Maria, principalmente con la llegada de los padres palotinos y jesuitas. A fines del siglo XIX e inicio del XX, la ciudad que tenía en su territorio la presencia de miembros de diferentes creencias, será palco de disputas por el espacio del sagrado. Entre las estrategias de conquista, por parte de católicos y protestantes, se destaca la actuación en el campo educacional y la construcción de templos. A través de la prensa las tensiones y los conflictos se declaran entre católicos y no católicos. Anticlericales, masones y metodistas critican a los dogmas de la Iglesia católica y la conducta del clero sur rio-grandense y eses los contesta. En los años del 1930, la Iglesia católica santa-mariense, se vuelve para la educación de la clase operaria por temer a la propagación de las ideas comunistas. La afirmación del catolicismo en el Río Grande do Sul ocurre con la divulgación de la devoción a Nuestra Señora Medianera de Todas las Gracias, a partir de la ciudad de Santa Maria. La difusión de la idea del “peligro comunista” contribuyó para que Nuestra Señora Medianera se tornase, en el Brasil, Patrona de los Círculos Operarios y del Estado del Río Grande do Sul. Esa devoción, juntamente con la devoción paulista a Nuestra Señora Aparecida, Patrona del Brasil y el imagen del Cristo Redentor, en el Río de Janeiro, se tornaran elementos importantes para la Iglesia legitimar la connotación católica de la nación en aquel período.

Palabras clave: poder, ideas, instituciones.

ABSTRACT

The Project of the Catholic Restoration in Rio Grande do Sul echoed in the city of Santa Maria mainly with the arrival of the Pallotti priests and jesuits. In the second half of the 19th century and at the beginning of the 20th century, the city that had in its territory the presence of members of different beliefs will be the center of dispute for the space of the sacred. Among the conquest strategies on the part of the catholics and protestants, their accomplishments on the education field and the construction of temples have been highlighted. Through the media, the tensions and conflicts are declared between the catholics and anticatholics and vice-versa. Anticlericals, masons and methodists criticize the dogmas of the catholic church and the conduct of the clergy in Rio Grande do Sul. In the 1930s, the catholic clergy in Santa Maria dedicated themselves to education of the working class fearing the propagation of communist ideas. The affirmation of catholicism in Rio Grande do Sul happens with the promotion of the devotion to *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* beginning in Santa Maria. The spread of the idea of the “communist danger” in the 1930s contributed to *Nossa Senhora Medianeira* becoming the Patron Saint of the Workers’ Circles, and the patron saint of the state of Rio Grande do Sul. This devotion along with the devotion in São Paulo to *Nossa Senhora Aparecida*, The Patron Saint of Brazil and the state of the Christ the Redeemer in Rio de Janeiro have become important elements to the church legitimize the catholic connotation of the nation in that period.

Keywords: power, ideas, institutions.

LISTA DE SIGLAS

ACPBNSM - Arquivo da Casa Paroquial, Basílica de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, Santa Maria.

ACMPA - Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre , Porto Alegre

AMDSM - Arquivo da Mitra Diocesana de Santa Maria, Santa Maria

AIB – Ação Integralista Brasileira

ANL - Aliança Nacional Libertadora

APIBSM - Arquivo da Primeira Igreja Batista de Santa Maria, Santa Maria

APNSC - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Santa Maria

APSJB. - Arquivo da Paróquia São João Batista, São João do Polêsine

APCD - Arquivo da Paróquia Corpo de Deus, ValeVêneto

APNSD - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora das Dores, Santa Maria

APNSR - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Santa Maria

APPJPA - Arquivo da Província dos Padres Jesuítas, “Sociedade Padre Antônio Vieira”, Porto Alegre

AIJW - Arquivo do Instituto João Wesley, Instituto Porto Alegrense, Porto Alegre

ASSJ - Arquivo do Seminário São José, Santa Maria.

AHMSM - Arquivo Histórico Municipal, Santa Maria

AHNSC - Arquivo Histórico Província Nossa Senhora Conquistadora, Santa Maria

AJLP - Arquivo João Luiz Pozzobon, Santa Maria

ALEV - Arquivo Luiz Eugenio Vécio, Silveira Martins

AMSM - Arquivo do Museu Sacro de Santa Maria, Santa Maria

CEDIC - Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Cassemiro dos Reis Filho”, PUC/SP, São Paulo

CMEC - Casa de Memória “Edmundo Cardoso”, Santa Maria

COB – Círculo Operário do Brasil

COF – Círculo Operário Ferroviário

COSM - Círculo Operário de Santa Maria

COPA - Círculo Operário Portoalegrense

CEPDOC-FGV - Arquivo da Fundação Getúlio Vargas – Centro de Pesquisa e Documentação, Rio de Janeiro

FORGS – Federação Operária do Rio Grande do Sul

ICA – Jewish Colonization Association

JEC - Juventude Estudantil Católica

JOC - Juventude Operária Católica

JUC - Juventude Universitária Católica

GORGS - Grande Oriente do Rio Grande do Sul

LEC – Liga Eleitoral Católica

MFSM - Museu Ferroviário de Santa Maria

MTA - Mãe Três Vezes Admirável

PRR – Partido Republicano Riograndense

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PRL – Partido Republicano Libertador

PRD – Partido Republicano Democrata

PL – Partido Libertador

LISTA DE FIGURAS

Ilustração 1 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana.	18
Ilustração 2 - Desenho da primitiva capela católica de Santa Maria.	21
Ilustração 3 - Cartão-Postal dos anos de 1910.	22
Ilustração 4 - Sede da <i>Sociedade Italiana di Mutuo Soccorso di Santa Maria</i>	26
Ilustração 5 - Intendência Municipal.	27
Ilustração 6 - Trecho da Avenida Rio Branco.	27
Ilustração 7 - Gustavo Vouthier.	72
Ilustração 8 - Catedral do Mediador.	80
Ilustração 9 - Igreja Nossa Senhora da Conceição.	82
Ilustração 10 - Catedral Diocesana de Santa Maria.	82
Ilustração 11 - Avenida Rio Branco.	83
Ilustração 12 - Catedral Diocesana de Santa Maria.	83
Ilustração 13 - Padre Caetano Pagliuca.	84
Ilustração 14 - Major Pedro Weinmann.	85
Ilustração 15 - Dom Miguel de Lima Valverde.	96
Ilustração 16 - Cônego José Marcelino de Souza Bittencourt.	96
Ilustração 17 - Dr. Astrogildo de Azevedo.	97
Ilustração 18 - Luiz Dânia.	97
Ilustração 19 - Amadeu Weinmann.	98
Ilustração 20 - Primeira edição do jornal <i>O Testemunho</i>	107
Ilustração 21 - Igreja Bom Pastor.	124
Ilustração 22 - Revista Reacção.	136
Ilustração 23 - Professor João Belém.	138
Ilustração 24 - “Soneto”.	140
Ilustração 25 - “O Epitaphio D’Elle”.	141
Ilustração 26 - Primeira edição do <i>O Santamariense</i>	151
Ilustração 27 - Colégio Distrital.	163
Ilustração 28 - Colégio São Luiz.	165
Ilustração 29 - Ginásio Santa Maria.	165
Ilustração 30 - Ginásio Santa Maria.	166
Ilustração 31 - Colégio Sant’Anna.	166
Ilustração 32 - Margarida Lopes.	171
Ilustração 33 - Colégio Metodista Centenário.	180
Ilustração 34 - Umberto Ancarani.	182
Ilustração 35 - Ginásio Ítalo-Brasileiro de Santa Maria.	182
Ilustração 36 - Escola de Artes e Ofícios “Hugo Taylor”.	184
Ilustração 37 - Escola de Artes e Ofícios “Hugo Taylor”.	185
Ilustração 38 - Escola de Artes e Ofícios “Santa Terezinha”.	186
Ilustração 39 - Monumento aos ferroviários.	193
Ilustração 40 - Fotografia aérea da cidade de Santa Maria.	195
Ilustração 41 - Pe. Inácio Rafael Valle.	202
Ilustração 42 - Praça Saldanha Marinho.	220
Ilustração 43 - Praça Saldanha Marinho, União dos Caixeiros Viajantes.	221
Ilustração 44 - Dom Antônio Reis.	227
Ilustração 45 - Dom Antônio Reis.	228
Ilustração 46 - Convite para a recepção ao Bispo Dom Antônio Reis.	229
Ilustração 47 - Reportagem sobre Dom Antônio Reis.	229
Ilustração 48 - Presidente Getúlio Vargas.	232
Ilustração 49 - Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria.	246
Ilustração 50 - Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria.	247
Ilustração 51 - Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria.	247
Ilustração 52 - Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria.	247
Ilustração 53 - Chegada da imagem de Nossa Senhora Aparecida à Santa Maria.	255
Ilustração 54 - V Congresso Eucarístico Nacional.	263
Ilustração 55 - V Congresso Eucarístico Nacional.	264
Ilustração 56 - II Congresso Eucarístico Diocesano e da 5ª. Romaria Estadual da Medianeira.	271

Ilustração 57 –Romaria de Nossa Senhora Medianeira.....	274
Ilustração 58: Escudo do Município de Santa Maria.....	277
Ilustração 59 - Fotografia do Portal de um Tabernáculo na França.....	349
Ilustração 60 - Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças	350
Ilustração 61 - Lembrança da 3ª Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira	350

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 O PROJETO DE RESTAURAÇÃO CATÓLICA CHEGA A SANTA MARIA.....	53
2. 1 Santa Maria nos <i>trilhos</i> da Restauração Católica.....	53
2. 2 Ressemantização das ações dos agentes sociais no campo religioso.....	86
3 ESTRATÉGIAS DE CONQUISTA: TENSÕES E CONFLITOS.....	105
3.1 Os metodistas entram em cena.....	105
3. 2 Havia uma <i>ferrovia</i> no caminho: tensões e conflitos com a Maçonaria.....	134
3. 3 A reação católica aos anticlericais.....	150
4 ESTRATÉGIAS DE COMBATE NO CAMPO RELIGIOSO: as sinetas batem e os sinos repicam em Santa Maria, primeiro quartel do século XX.....	161
5 A COROAÇÃO DA RESTAURAÇÃO CATÓLICA NO RIO GRANDE DO SUL.....	201
5. 1 Com Nossa Senhora Medianeira um valor maior se levanta: um operário ideal, cristão e anticomunista.....	201
5. 2 “A Medianeira nos salvou!” Entra em cena a <i>padroeira</i> da Restauração Católica em Santa Maria.....	211
5. 3 Igreja e Estado contra o <i>inimigo vermelho</i> : o comunismo.....	230
5. 4 Nossa Senhora Medianeira: a Padroeira dos Círculos Operários e do Estado do Rio Grande do Sul.....	249
5. 5 O Santuário e as Romarias Estaduais em honra a Nossa Senhora Medianeira.....	265
5. 6. Santa Maria e o Projeto de nação católica.....	281
CONCLUSÃO.....	292
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	302
CONFERÊNCIAS, REVISTAS, MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES:.....	320
REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS:.....	325
ANEXO.....	346

1 INTRODUÇÃO

Com o olhar dos viajantes estrangeiros sobre a cidade de Santa Maria, no século XIX, procuramos compor um conjunto de tempos e espaços distintos para introduzir o tema da pesquisa. O cenário urbano florescente é visto na virada do século XX devido às transformações decorridas com a implantação da ferrovia.

Desse modo, no primeiro quadrante do século XIX, em 1834, quando o Curato de Santa Maria da Boca do Monte¹ tinha pouca expressão no mapa do Rio Grande do Sul, foi descrito pelo viajante Isabelle, como uma localidade simples, com casas de madeira rebocadas de argila, com cerca de 1.200 habitantes, onde predominava uma população de imigrantes alemães.² Possuía uma capela católica muito modesta e diversas ruas em estado precário³. Somente décadas depois, em 1858, uma visão mais otimista, ou elegante, compara a Vila a uma “bonita aldeia suíça”, com casas brancas, uma praça e muitas famílias de alemães enriquecidos⁴. Nessa época, Santa Maria, como primeiro distrito, contava com 2.905 almas; já o segundo distrito, Pau Fincado, com 2.205 almas, totalizando 5.110 habitantes no município para uma população de 228.444 na Província do Rio Grande do Sul⁵. Calcula-se que, sem entrar na análise da visão estratégica sobre o Município, passados vinte e cinco anos da visita de Isabelle, a população do Município aumentara em 3.910 habitantes.

As impressões sobre a pequena Vila de, aproximadamente, 220 casas, eram de que se tratava de uma aldeia de origem germânica devido à predominância da população dessa

¹ Desde que se estabeleceu o Acampamento da demarcação dos limites no atual território da cidade de Santa Maria, em terrenos da estância de propriedade do Pe. Ambrósio José de Freitas, em 1797, foi construído também um Oratório para o Pessoal da Segunda Subdivisão. O capelão era o Pe. Eusébio de Magalhães Rangel e Silva. Em 1810, o Oratório foi substituído por capela pública e, em 27 de julho de 1812, por Curato de Santa Maria da Boca do Monte. Este foi instituído canonicamente pelo visitador Pe. Agostinho José Mendes, devido à significativa população e às doações de terras para o patrimônio da Igreja. O primeiro cura foi o padre de origem portuguesa, Antônio José Lopes, que chegou à localidade em 1814. Cf. RUBERT, Pe. Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul. Época Colonial (1626-1822)*, v. 1, Porto Alegre: EDPUC, 1994, p. 123

² Muitos alemães haviam sido mercenários dos batalhões estrangeiros do Império e, após o licenciamento, entre 1829 e 1831, vários deles fixaram-se na povoação. Cf. BRENNER, José Antônio. *Os primórdios da Comunidade Evangélica Alemã de Santa Maria*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria, n. 6, 1999, p. 7. Segundo a historiografia, o ano de 1824 é fixado como o da chegada dos alemães no Rio Grande do Sul, porque foi neste ano que se deu início à imigração de colonos alemães patrocinada pelo governo imperial. Todavia, alemães isolados já haviam entrado no Rio Grande do Sul antes desta data, sendo que o primeiro que se tem comprovação chegou a Hamburgo Velho e logo em seguida a São Leopoldo. Cf. AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924)*. Tradução de Arthur Blásio Rambo. Porto Alegre: Federação de Associações Alemãs, 1924, p. 57-63, 1999.

³ ISABELLE, Arsène. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1843). In: MARCHIORI, José Newton Cardoso e NOAL FILHO, Valter Antônio. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: UFSM, 1997, p. 35.

⁴ AVÈ-LALLEMANT, Robert. Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858). In: MARCHIORI, e NOAL FILHO, Id., p. 45. Pela Lei Provincial n. 400, de 16 de dezembro de 1857, a Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte foi elevada à categoria de Vila, sendo em 17 de maio de 1858, instalado o novo Município. BELÉM, João. *História do Município de Santa Maria (1797-1933)*. Santa Maria: editora UFSM, 2000, p. 105.

⁵ BELÉM, op. cit., p. 105-106.

nacionalidade. Chamavam atenção as placas comerciais indicando que eles detinham o comércio de tecidos, de miudezas, os armazéns de secos e molhados, a ferragem, a tamancaria, as alfaiatarias, a ferraria, a marcenaria, a botica. A Vila também tinha um médico, um cirurgião-mor e vários curandeiros⁶. Em 1855, a planta da Vila é aprovada pela Repartição Geral de Terras Públicas, trabalho realizado pelo engenheiro Otto Brinckmann. As placas nas esquinas com os nomes indicativos das ruas, colocadas em 1874, denotam a preferência ou o perfil político da cidade, pois os espaços públicos tinham, na sua maioria, denominações com nomes de políticos como: Barão de Cerro Largo, depois Rua Visconde de Pelotas; Barão de Porto Alegre, depois Conde de Porto Alegre; Travessa Marquês de Caxias, depois Duque de Caxias; Rua da Matriz, depois Rua Venâncio Aires; Rua do Comércio, mais tarde Rua Dr. Bozano; Praça da Constituição, depois Praça da República, etc. Uma e outra com denominação popular, como Rua da Aldeia que depois passou a chamar-se Avenida Ipiranga. A denominação primeira deveu-se ao fato de que ali residia a índia conhecida por Tia Chica e sua numerosa família. Conta-se que Francisca, índia religiosa, conservava nesse local uma capela, da qual cuidava com zelo. Naquele terreno, posteriormente, foi edificado o Hospital de Caridade. Assim, foi sendo alterado o mapa da cidade e, em 1876, surgem novas artérias e vias, algumas mudaram de nome com a República, mas geralmente homenageando personalidades políticas.⁷

O lugar, que havia nascido de um acampamento militar, adquiriu foro de Cidade, em 1876. Nessa época, em relação ao espaço religioso, possuía além da capela católica, em frente ao canteiro da praça central, uma Igreja Evangélica de Confissão Luterana, inaugurada em 1873, na então Travessa Germânica, hoje Barão do Triunfo, em frente à Praça da Constituição, depois denominada Praça da República, distante do núcleo central da cidade. Neste ano, também havia sido fundada a primeira Loja Maçônica de Santa Maria, a Loja Boca

⁶ Sobre as formas pelas quais se articulavam as visões acerca da doença, da cura e dos agentes da cura nas experiências de homens e mulheres na região do município de Santa Maria da Boca do Monte, no Brasil imperial, sugerimos a tese de doutorado de Witter, editada como livro. A autora, ao analisar um processo judicial contra a curandeira Maria Antônia que, mesmo sendo respeitada na região, foi acusada de envenenamento, destaca a diversidade de curadores e as formas como eles se relacionavam com a população. WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 a 1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Uma abordagem sobre a criação dos centros de curas como misticismo, homeopatia ou espiritismo, em nível estadual, pode ser encontrada na obra de Beatriz Weber, onde a autora aborda as diversas formas que os grupos sociais forjaram para tratar com a doença e os médicos, nas duas primeiras décadas do século XX, no Rio Grande do Sul. WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense -1889/1928*. Santa Maria: EDUFMSM; Bauru: EDUSC, 1999.

⁷ BELÉM, João. Op. cit., p. 106-108 e 144.

do Monte, definitivamente instalada em 1874⁸. A Loja, que chegou a ter 68 membros⁹, é representativa no sistema de relações da cidade, a qual possuía, nesse período, dois partidos políticos, o Liberal e o Conservador; com um corpo eleitoral de 750 votantes, em 1872, vencendo para o pleito seguinte (1873-1876) os liberais. Alguns desses, como José Alves Valença, quinto mais votado, e Maximiano José Appel, pertenceram à Loja Maçônica Boca do Monte, sendo este último vereador na Quinta Câmara Municipal, de 1873.¹⁰



Ilustração 1 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana localizada à Rua Barão do Triunfo, Santa Maria. O prédio foi inaugurado em 1873 e a torre foi concluída em 1887, mas a lei imperial permitiu que os sinos das Igrejas acatólicas pudessem badalar somente a partir de 1888 (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

Conhecidos pela historiografia como homens de ideias liberais, no final do século XIX, maçons e protestantes aparecem identificados por suas corporações neste cenário e serão peças chaves na movimentação da cidade, pois muitos deles eram políticos, donos de jornais locais ou articulistas da imprensa. Desempenhavam também outras atividades, quais sejam: advogados, promotores públicos e comerciantes. Os outros agentes sociais desta sociedade

⁸ Em 1894, a Loja Maçônica Boca do Monte mudará o nome para Paz e Trabalho. Cf. BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e o extinto Município de São Martinho – 1787-1930*. Canoas: La Salle, 1979, p. 291.

⁹ DIENSTBACH, Carlos. *A Maçonaria Gaúcha*. Londrina/ PR: A Trolha, vol. 3, 1993, p. 552-554.

¹⁰ BELÉM, op. cit., p. 138-141. A primeira Câmara Municipal de Santa Maria funcionou de 1858-1860.

sobre a qual a pesquisa se debruça são os sacerdotes. Alguns destes, a princípio, não tinham muito prestígio na cidade.

Essas corporações, Igreja católica, Igreja evangélica e maçonaria, presenciaram a instalação dos dormentes da Viação Férrea, entre 1880-1885, o qual é atribuído o desenvolvimento de Santa Maria, tornando-a um importante entroncamento ferroviário no Rio Grande do Sul. Considerando que a principal ferrovia do país, *The São Paulo Railway Company Limited*, foi terminada em 1867 para escoar a produção cafeeira e também transportar imigrantes do porto para as fazendas, a interiorana Santa Maria estava às portas da modernidade. A ferrovia contribuiu significativamente para o crescimento urbano local, ligando Santa Maria à Província do Rio de Janeiro e a outras localidades, inclusive da região Platina. Este crescimento era considerado inexpressivo antes de 1880.

O aumento significativo da circulação de pessoas e mercadorias diversificava o espaço e os grupos sociais. Um exemplo dessa mobilidade urbana era o movimento hoteleiro na cidade, como o *Hotel dos Viajantes*, surgido em 1882, à Rua Venâncio Aires, do francês Leon Berthaud, exímio cozinheiro e mestre de hotel que cultivava *escargot* num tanque nos fundos do prédio. À época, uma iguaria exótica como esta sinaliza, minimamente, que a cidade tinha público para gastronomia à moda francesa. Esse hotel durou 60 anos. Devido à ferrovia, a maioria dos hotéis localizava-se na avenida principal, a Avenida Progresso, atual Avenida Rio Branco, que desembocava na Estação de trem.¹¹

Nesse processo dinâmico do crescimento da cidade, verifica-se que a imprensa surgiu como importante veículo de registro da vida de Santa Maria, como meio de divulgação de ideias políticas, de anúncios comerciais e de notícias, como acontecia na capital gaúcha. Tendo-se em vista que Porto Alegre foi elevada à categoria de cidade em 1822, e o jornal na Província surgiu em 1827, as datas de fundação dos jornais da metrópole e dessa cidade do interior demonstra que havia, na pequena cidade, uma população que lia e se articulava. Em Santa Maria, o primeiro jornal passou a circular em 1883, foi denominado *A Gazeta do Norte*, fundado por Francisco José Ferreira Camboim Filho. Este jornal era impresso em oficinas próprias, localizado à Rua do Comércio, hoje Dr. Bozano; era publicado às quintas-feiras e aos domingos. Seu proprietário, José Ferreira Camboim, um tanto polêmico, envolvia-se em violentos debates, especialmente com o proprietário de outro jornal surgido em 1885, *O Santamariense*¹². Camboim foi presidente da Câmara Municipal de Vereadores no triênio de

¹¹ BELTRÃO, op. cit., p. 316 e 356.

¹² Camboim Filho mudou-se para Rio Grande, em 1888, quando, provavelmente, extinguiu-se o seu jornal. João Belém registrou o jornal *A Gazeta do Norte* com o nome de *A Gazetinha*. O proprietário do órgão *O*

1887-1889 juntamente com João Daudt Filho, Pedro Weinmann, João Pedro Lens, João Fernandes Niederauer, Frederico Drayer, Francisco de Oliveira Flores e José Adolfo Pithan.¹³

A imprensa, palavra escrita, representava o saber da cidade, era um dos códigos de civilidade. Como uma forma de “ler a cidade”, facultava aos seus proprietários o acesso mais rápido às informações, o que pressupunha a manipulação do conhecimento e da política.

Em Santa Maria, as divergências de ideias, de ideologias e de posicionamentos políticos fervilhavam e eram publicizadas nos jornais. Havia, portanto, espaço para o surgimento de outros jornais como *O Imparcial*, de propriedade de Orfino de Matos, surgido em 1884, redatado pelo primeiro promotor público de Santa Maria, o advogado José Marino de Matos. A cidade já contava, desde 1876, com a linha telegráfica sem fio Porto Alegre-Santa Maria para dinamizar a imprensa.

A multiplicação de ocupações e profissões é notável na vida citadina de Santa Maria nessa época quando, em 1885, na cidade viviam aproximadamente 5.000 habitantes e estavam edificadas de 25 a 30 casas comerciais e outros estabelecimentos como curtumes, ferrarias, padarias, matadouros, farmácias (uma alemã, uma italiana e uma brasileira) e um escritório de aluguel de carroças. A cidade também contava com serviços de advogados, de médicos, de ourives, de sapateiros, de costureiras, de ferradores, de um fotógrafo, de hotéis (dois alemães, um francês e um italiano), de topógrafos, uma seguradora de vida e de fogo, serviços de iluminação pública, água e polícia. Contava ainda com o serviço de oito fábricas, como de sela, de carroças, de carruagem, de cerveja e de chapéu. Para a educação, havia três escolas do governo e um colégio central; um Instituto Brasileiro-Alemão; uma biblioteca de empréstimo brasileira e uma alemã. Os alemães também haviam organizado uma Sociedade Beneficente Alemã e, para o entretenimento, a população da cidade contava com um teatro amador.¹⁴

Os vereadores da cidade, no ano de 1885, haviam externado ao Presidente da Província, Gaspar Silveira Martins, suas preocupações em relação à educação em Santa Maria, alegando a insuficiência de professores para as aulas públicas e a necessidade da criação de novas escolas na cidade, pois reconheciam no ensino o caminho para o progresso.

Nesse mesmo ano, esses agentes sociais, alegando medida de prevenção contra possíveis acidentes, também haviam recorrido ao Presidente da Província e ao Bispo do Rio

Santamariense era José Leão Porto, segundo Promotor Público de Santa Maria, o qual, em 1891, mudou-se para o Rio de Janeiro. Cf. BELTRÃO, op. cit., p. 317 e 320; BELÉM, op. cit, p. 233-240.

¹³ BELÉM, op. cit, p. 161.

¹⁴ LANGE, Henry. Südbrasilien. Die Provinzen São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catharina und Paraná mit Rücksicht die deutsche Kolonization. In: MARCHIORI, e NOAL FILHO, op, cit, p. 70. Em 1887 a iluminação pública na cidade passa a ser feita a eletricidade. Cf. BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e o extinto Município de São Martinho – 1787-1930*. Canoas: La Salle, 1979, p. 405.

Grande do Sul, Dom Sebastião Dias Laranjeiras, pedindo a remoção das imagens de culto católico que estavam na Igreja matriz, para a capela do Divino Espírito Santo, por considerarem que o templo estava ruindo e era perigoso para seus frequentadores:

Que espetáculo apresenta o Templo católico desta cidade, todo escorado ameaçando desabar a todo momento porque os poderes superiores da província, a quem pedimos a remoção das imagens para uma nova capela não se dignaram a atender os reclamos desta municipalidade, e continua este montão de pedras soltas servindo de espantinho aos transeuntes e atestando ao desrespeito às posturas municipais e à religião do cristianismo.¹⁵

Esta questão resultou numa contenda que durou quatro anos, resolvida em 1888. As imagens só foram removidas depois da conclusão da nova capela do Império do Divino Espírito Santo, levantada à Rua Coronel Valença, atualmente Avenida Rio Branco, esquina com a Rua dos Andradas. A demolição da antiga matriz católica ocorreu por ordem judicial, e sob protesto do vigário Aquiles Parrela Catallano. O imóvel colocado em hasta pública foi arrematado em leilão por João Daudt e o material da demolição aproveitado para iniciar a construção do Teatro 13 de maio.¹⁶

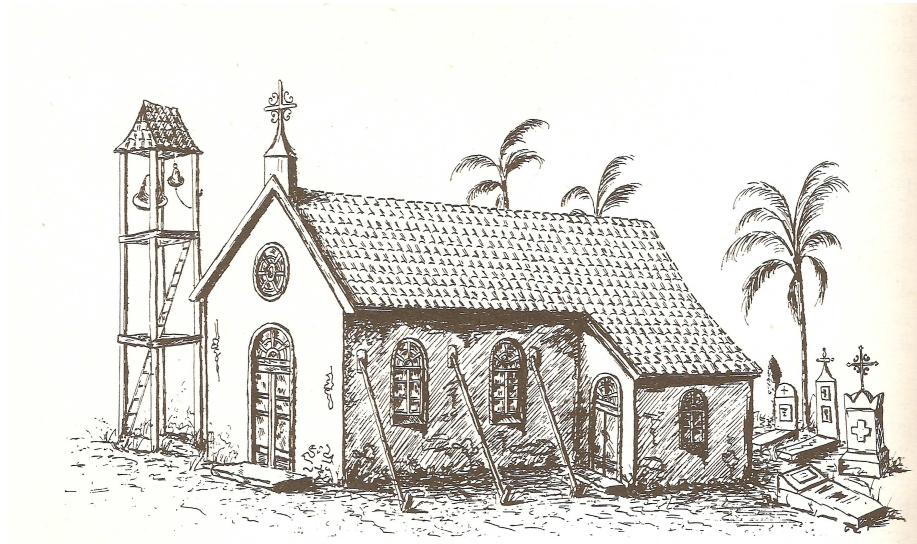


Ilustração 2 - Desenho da primitiva capela católica de Santa Maria descrita por Saint-Hilaire, localizada no início da atual Avenida Rio Branco. Foi demolida em 1888, quando sua estrutura já oferecia riscos aos usuários (Fonte: MARCHIORI, José Newton Cardoso e NOAL FILHO, Valter Antônio. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: UFSM, 1997, p 18.).

¹⁵ BELÉM, op.cit., p. 155.

¹⁶ Ibid., p. 158-159.



Ilustração 3 - Cartão-Postal dos anos de 1910, da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Santa Maria, onde aparece, no primeiro plano, a Capela do Divino Espírito Santo e, no segundo plano, a Catedral Diocesana (Fonte: Museu Sacro de Santa Maria – Paróquia Catedral, Santa Maria).

Com essa questão, consideramos que se estabeleceu um conflito no *coração* da cidade: no *campo religioso*,¹⁷ e por extensão no *campo político-cultural*.

É neste recorte que situamos a nossa tese. Ela trata da afirmação do catolicismo em Santa Maria na primeira metade do século XX, num embate que envolveu outras crenças presentes na cidade. Fazemos uma análise dos distintos desdobramentos desses grupos, católicos e acatólicos, e apresentamos um sistema de posições e relações que se definem e redefinem na história da cidade, de acordo com os interesses dos envolvidos.

Nesse campo de luta, de *conflito*, os agentes sociais nele comprometido têm em comum certo número de interesses fundamentais, ou seja, o objeto central das lutas e consenso em cada campo é construído pela diferença de variedade de *capital*. Esse consideramos, a partir de Bourdieu, como o conjunto de *bens acumulados* que é produzido, distribuído, consumido e que se investe e se perde. Nesse caso, o *capital* cultural, político e simbólico.¹⁸

¹⁷ Para Bourdieu, o campo religioso, enquanto monopólio da gestão de bens de salvação é constituído por um *corpo de especialistas religiosos* socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos destes bens, do lado oposto estão *os leigos (ou profanos)* destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) pelo fato de desconhcerem a racionalização da religião. A autonomia e legitimidade do campo religioso residem no grau de conhecimento. Um objetivo fundamental da constituição de um *campo religioso* reside na diferenciação entre quem pode ou consegue monopolizar os *bens de salvação* e quem são os agentes sociais que não possuem o mesmo poder e começam a atuar como consumidores destes bens. A constituição do *campo religioso* também depende do surgimento de instâncias incumbidas de assegurar a produção, a reprodução, a conservação e a difusão dos bens religiosos por especialistas, acompanhado de um processo de legitimação das práticas e representações religiosas. Cf. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 38-78.

¹⁸ A pesquisa estuda a história social de Santa Maria a partir de conceitos formulados por Bourdieu, para o qual o condicionamento social das práticas é importante tanto quanto o agente social que as produz. De acordo com o autor, “há tantos campos quantas são as formas de interesse e o interesse é o investimento em um jogo, qualquer que seja ele, que é criado e reforçado pelo jogo”. Os diferentes campos, social, religioso, científico, político, econômico, etc. são definidos como *espaços de jogo* historicamente construídos. As transformações ocorridas no

Se considerarmos que, de 1814 a 1896, a permanência de sacerdotes no Curato era temporária, pelos mais variados motivos, a situação do clero local, à época, não era confortável.

De acordo com Bonfada (1991, p. 97), de 1814 a 1895, a Paróquia esteve sob orientação de padres diocesanos, sendo o primeiro cura um português. O descontentamento com o clero nominado pela historiografia eclesiástica era devido “à vida desregrada e gananciosa de alguns sacerdotes, como o padre Antônio José Borges de Sant’Anna (1845-1850)”. Todavia, isso não significa que, durante esse período de alternância de sacerdotes na localidade de Santa Maria, todos os sacerdotes que por ali passaram houvessem tido uma vida desregrada segundo os cânones cristãos, pois na obra do padre Rubert¹⁹, por exemplo, ele aponta poucos sacerdotes de vida condenável na cidade. Para o autor, muitos teriam levado uma vida austera, outros haviam se empenhado na luta contra o protestantismo na cidade, como o Cônego José Marcelino de Souza Bittencourt (1866-1887), oriundo da Bahia, e por isso foram enaltecidos pelo seu biógrafo.²⁰

Ao se considerar difícil a situação do clero católico na cidade, destacamos como um expressivo crescimento a dos protestantes, pois, em 1889, Santa Maria foi sede do Terceiro Concílio Geral da Igreja Evangélica do Rio Grande do Sul.²¹ Consideramos esse fato como de

campo religioso, por exemplo, “se definem na relação entre a estrutura deste campo e as transformações externas a ele”, como a economia, a política, que “determinam mudanças decisivas, pois tudo está extremamente ligado, entrelaçado”. Estas leis de funcionamento devem ser compreendidas em relação a outros conceitos como: posição, interesse, capital, espaço social. Os campos se apresentam como sistemas de posições e de relações entre posições, isto explica que “os investimentos que alguns fazem em certos jogos”, no campo religioso, por exemplo, “aparecem como desinteressados quando percebidos por alguém, cujos investimentos, cujos interesses estão aplicados num outro jogo, em outro campo. Em cada caso é preciso determinar empiricamente as condições sociais de produção desse interesse, seu conteúdo específico”. A estrutura de um campo é um capital acumulado no decurso de lutas anteriores, como devoção, crença e tradição, que orienta as estratégias dos agentes que estão comprometidos no campo. BOURDIEU, op. cit., p. 34-78; BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 57-65.

¹⁹ RUBERT, Arlindo. *A diocese de Santa Maria*. Santa Maria: Pallotti, 1957, p. 39.

²⁰ De acordo com Dreher, existem cinco tipos de protestantismos na América Latina que podem ser caracterizados a partir da sequência de sua entrada no continente meridional. Os primeiros dissidentes religiosos a se estabelecerem em maior número, a partir de 1824, convencionou-se chamar de *protestantismo de imigração*. Este deu origem a dois tipos de Igrejas luteranas. A partir de 1835/ 1859 inicia-se o *protestantismo de missão* com missionários de diversas denominações protestantes dos Estados Unidos: congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas, adventistas. Entre 1824 e 1945, o Brasil recebeu cerca de 300.000 imigrantes alemães, dos quais se estima que 60% eram protestantes. O protestantismo luterano no Brasil é resultado da imigração alemã que, com o Sínodo Luterano realizado em 1910, resultou nas duas Igrejas luteranas hoje existentes no Brasil: a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Em 1910, instala-se na América Meridional o *pentecostalismo* representado pelas denominações de Igreja Evangélica Assembléia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Metodista Pentecostal. Cf. DREHER, Martin N. *Protestantismo na América Meridional*. In: DREHER, Martin N. (Org.). *500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST/ CEHILA, 2002, p. 120-135.

²¹ “A partir de 1864, o Conselho Superior Eclesiástico da Igreja Territorial da Prússia começou a se preocupar com o envio de pastores para o Rio Grande do Sul, pois até então os pastores eleitos não tinham formação teológica e nem ordenação, originando-se disto muitas aberrações. No ano de 1861, havia apenas um pastor ordenado em todo o Rio Grande do Sul. Foi em 1886 que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana criou, no

repercussão numa cidade que surgira sob o signo das missões jesuíticas²². Além desses concorrentes às *almas* da população, a Igreja católica tinha, no espaço da cidade, agentes sociais maçons e anticlericais.

Com a instalação dos núcleos coloniais de imigrantes italianos em Silveira Martins, entre 1877 e 1878, começam a instalar-se, em Santa Maria, imigrantes desta etnia, já a partir de 1877.²³ Depois vieram outros imigrantes como os sírios-libaneses, chegados em 1888 e os judeus, a partir de 1900, aumentando assim a população do município, o qual em 1885, segundo Lange,²⁴ contava 13.000 habitantes.

Na cidade de Santa Maria, em 1886, além de ser inaugurado um espaço importante de sociabilidade, o Clube Caixeiral Santamariense, surge outro jornal como veículo de expressão política do Partido Liberal, *A Província*, de Ernesto de Oliveira, que depois teve como diretor Felipe Alves de Oliveira, até 1890, quando ele foi assassinado. Nessa época, o município já tinha a concessão para estabelecer a linha telefônica e possuía 25.207 habitantes.²⁵

No último quartel do século XIX, em fevereiro de 1890, passou a circular um jornal com perfil anticlerical, *O Combatente*, órgão do Clube Caixeiral Santamariense, mais tarde comprado pelo republicano Adolfo Otto Brinkmann quando se tornou órgão do partido chefiado por Júlio de Castilhos. O jornal circulou até 1907, ano em que passou para o maçon Cândido Brinkmann²⁶ e transformou-se em folha comercial e noticiosa. Outro órgão de

Rio Grande do Sul, o “Sínodo Riograndense”, o que deu ao protestantismo a oportunidade de se apresentar como uma unidade diante das autoridades civis”. Cf. DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal/ EST/ EDUCS, 1984, p. 16.

²² Devido às divisões administrativo-eclésiásticas que demarcaram o território de Santa Maria, em 1779, D. José Joaquim Mascaranhas Castel Branco, bispo do Rio de Janeiro, invocou como padroeira da Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira à qual ficou subordinada à capela do Acampamento de Santa Maria da Boca do Monte até 17 de novembro de 1837, quando foi elevada à Freguesia. As reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul fizeram chegar a estas bandas o padre Ambrósio José de Freitas que cedeu terreno para erguer um oratório na localidade, após o convênio firmado entre os reinos de Portugal e Espanha, denominado Tratado de Restrições Recíprocas, destinado a marcar os limites de suas possessões em 1777, o Tratado de Santo Idelfonso. A sede da circunscrição eclesiástica brasileira era no Rio de Janeiro e estendia-se desde o rio Jequitinhonha, no atual Estado da Bahia, para o sul e para o oeste, onde, na época, não estavam definidos os limites com as colônias espanholas daquelas regiões. Cf. LACOMBE, Américo Jacobina, In HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo: Bertrand Brasil, 1990, vol. II; ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e imigração italiana*. Porto Alegre: EST/ Sulinas, 1975, p. 72-75.

²³ Os italianos vieram para o Rio Grande do Sul em busca de melhores condições de vida ou por motivos de perseguição política e muitos se guiavam por certa consciência político-ideológica, geralmente republicanos, como Garibaldi, Rossetti, Zambeccari e Anzani, entre outros, que haviam participado da Revolução Farroupilha. A organização social que os agrupava eram as Sociedades de Mútuo Socorro, diferentes dos imigrantes que se dirigem para as colônias que eram “italianos religiosos-papais”. Cf. SANTIN, Silvino. *Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul*. In. DE BONI, Luis A de (Org.). *A presença italiana no Brasil*, Porto Alegre; Torino: EST, Fondazione Giovanni Agnelli, v. II, 1990, p. 596.

²⁴ LANGE, Henry. *Südbrasilien. Die Provinzen São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catharina und Paraná mit Rücksicht die deutsche Kolonization*. In: MARCHIORI, e NOAL FILHO, op. cit., p. 70.

²⁵ BELTRÃO, op. cit., p. 365-366.

²⁶ Cândido Brinkmann era membro da maçonaria, pertencia a Loja Paz e Trabalho, fundada em 1893. Cf. DIENSTBACH, op. cit., p. 553.

imprensa que defendeu a causa republicana foi *O Popular*, o qual surgiu em 1888 e circulou até 1901. No ano do surgimento desse jornal, havia estreado na cidade, no teatrinho do Clube Caixeiral, uma companhia lírica-dramática. Era um grupo italiano da empresa Socral, provavelmente fruto da ligação que a ferrovia oportunizava à região da Depressão Central.²⁷ Outros jornais ligados a partidos políticos faziam pulsar a cidade como *O 14 de Julho*, surgido em 1892; *O 28 de Março*, em 1893; *O Estado*, em 1898.²⁸

Era grande o número de jornais editados em Santa Maria em curto espaço de tempo, denotando a multiplicidade de ideias e interesses que circulavam na cidade sob o ponto de vista político, especialmente. Do ponto de vista confessional, os jornais serão apontados e tratados ao longo do texto.

O trem permitiu a Santa Maria uma extensão funcional para além de suas fronteiras geográficas; em contrapartida, a cidade foi adquirindo um novo perfil, pois esse meio de transporte contribuiu para redesenhar a organização social da cidade posto que sua vida foi sendo matizada por personagens de outros lugares.

Santa Maria tornava-se movimentada pelo fato dos trens trazerem muitas pessoas que pernoitavam na cidade, não só passageiros, mas também companhias de teatro e de dança que se apresentavam no teatrinho do Clube Caixeiral²⁹ e no Teatro Treze de Maio, inaugurado em 1890. Esses trens traziam também políticos maçons que chegavam à cidade vindos, por exemplo, da região Platina³⁰. O estreitamento das distâncias e tempos inseriram a cidade “coração do Rio Grande”, como é popularmente conhecida, no âmbito nacional e internacional.

A efervescência de ideias fez surgir também quatro Lojas Maçônicas na cidade: em 1894, a Loja Paz e Trabalho, a qual em 1900 possuía 212 membros. Por divergências

²⁷ BELÉM, op. cit., 2000, p. 355.

²⁸ Para atestar a cultura letrada de Santa Maria, no tocante à imprensa, o levantamento de Beltrão (1979), destaca que surgiram na cidade, até 1928, aproximadamente quarenta e oito jornais, alguns com cunho político, outros críticos literários, confessionais e humorísticos. Na medida em que alguns deixavam de circular, outros iam surgindo. Em 1911, circulou também em Santa Maria *O 14 de Julho*, que durou pouco mais de um ano, de autoria de João Belém, pregando a doutrina Castilhistista, fazendo campanha à Borges de Medeiros para a presidência do Estado. Surgem outros jornais na cidade como, por exemplo: em 1913, *O Federalista* e a partir de 1914 alguns de vida curta. Citamos apenas três: *O Jornal de Notícias*, em 1914, redatado por Demétrio Niederauer; em 1915, *A Notícia*, de propriedade de Jacinto Barbosa; em 1928, *O Sul Brasil*, órgão que combateu a Aliança Liberal, sob a direção de Valter Jobim. Outro jornal eclético e que noticiava a movimentação religiosa da cidade era *A Razão*, editado na cidade desde 1934, iniciando com Clarimundo Flores. Cf. BELÉM, op. cit., p. 233-240; SANTOS, Terezinha de Jesus Pires e SANTOS, Gilda May Cardoso (Org.) *Santa Maria: vivências e memórias de Edmundo Cardoso*, Santa Maria: Anaterria, 2008, p. 23-50; BELTRÃO, op. cit., p. 233-240 e 286-287.

²⁹ BELTRÃO, op. cit., p. 316 e 366.

³⁰ PADOIN, Maria Medianeira. *O federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

políticas, seus membros fundaram outras três Lojas: em 1898, a Loja Luz e Fraternidade, a Loja Deus e Humanidade e a Loja União e Trabalho.³¹

A expressiva quantidade de membros nas corporações maçônicas em Santa Maria chama a atenção e percebe-se como de significativa importância para analisar o capital político-cultural da cidade que crescia, pois em dois anos (1896-1898), viu serem edificados 363 prédios, passando de 692 a 1.055.³² Alguns desses prédios iam compondo um cenário mais ao estilo europeu, como o da Sociedade Italiana de Socorros Mútuos, inaugurado em 1899, com uma fachada neoclássica e com pórticos de inspiração grega que embelezavam a cidade. Foi construído perto do prédio da Intendência que havia sido inaugurado em 1895, na atual Rua Otávio Binato, esquina com a Rua Vale Machado, em frente à Praça Tiradentes³³, ambos nas cercanias da Estação de trem. Naquele ano, 1895,³⁴ a intendência havia iniciado a pavimentação da cidade com pedras irregulares.

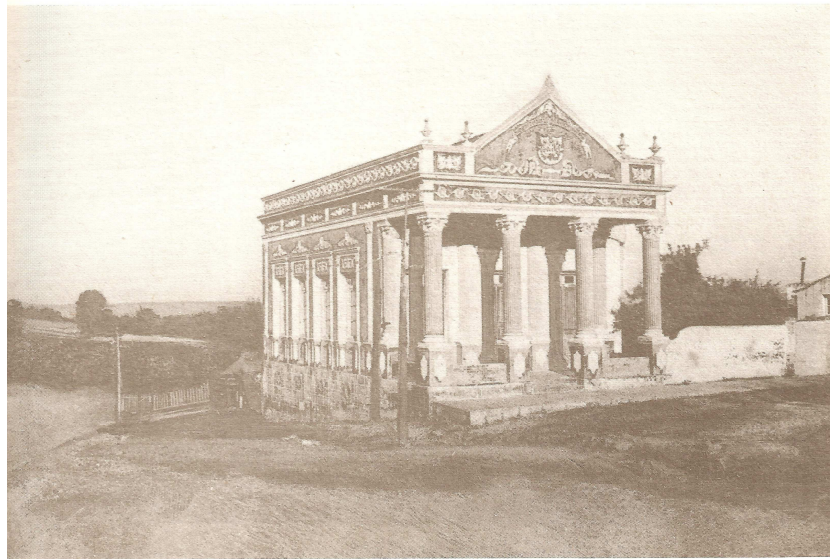


Ilustração 4 - Sede própria da *Sociedade Italiana di Mutuo Soccorso di Santa Maria*, em 1899. Um novo prédio foi inaugurado na Rua do Acampamento, em 1914 (Fonte: NOAL FILHO, Valter Antônio. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: UFSM, 1997, p. 105).

³¹ DIENSTBACH, op. cit., p. 552-554.

³² BELTRÃO, op. cit. p. 355, 402, 407 e 413.

³³ FOLLETO, Vani Terezinha (Org.). *Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria*. Santa Maria: Pallotti, 2008, p. 64-65.

³⁴ BELTRÃO, op. cit., p. 399.



Ilustração 5 - Prédio da Intendência Municipal, situado à Rua Vale Machado, atualmente abriga a Câmara de Vereadores (Fonte: NOAL FILHO, Valter Antônio. *Santa Maria: relatos e impressões de viagem*. Santa Maria: UFSM, 1997, p. 96).



Um trecho da avenida Rio Branco

Ilustração 6 - Trecho da Avenida Rio Branco, em primeiro plano, uma residência em estilo neo-clássico e ao fundo da fotografia a Catedral Diocesana de Santa Maria (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

A pequena cidade, expandida com trinta e três ruas, sete praças e dois logradouros públicos, contava ainda com outros locais de lazer e de sociabilidade como: um hipódromo,

um tiro ao alvo, três sociedades de música (bandas de música) e três cafés³⁵, além do Clube Republicano Garibaldi, da Sociedade Nova Aurora, de senhoras ligadas ao Clube Caixeiral e do Clube de Caçadores que começaram a funcionar a partir de 1890. Mas, foi em 1898 que Santa Maria conheceu uma novidade em termos de cultura, a primeira exibição de cinema pela Companhia de Variedades do Teatro Lucinda, do Rio de Janeiro, dirigida por Jerônimo Alves.³⁶

A existência de muitas cocheiras, carros de praça e hotéis, num total de seis, permite pensar na crescente mobilidade urbana da cidade. A ideia que se tem é que as outras fábricas que foram surgindo contribuíam para diversificar os serviços oferecidos à população, e conseqüentemente, aumentou o número de operários. Nessa época, funcionavam várias fábricas: de café, de cerveja, sabão, refrigerante, licor, charuto, de carros de tração animal e diversas de vinho³⁷.

Do ponto de vista religioso, constatamos que, entre 1888 a 1908, Santa Maria ainda não possuía edificada uma nova Igreja católica e possuía apenas a capela do Divino Espírito Santo. Por outro lado, em 1901, na então Intendência Municipal, no dia 10 de novembro, aconteceu o primeiro culto metodista em Santa Maria. Nesse ano, segundo Jayme (1963, p. 36-51), a Conferência Anual da Igreja Episcopal Metodista do Rio Grande do Sul “nomeou como Presbítero Presidente do Distrito de Santa Maria J. M. Terrel, na sala cedida pelo coronel Vale Machado”. Isto era resultado da Constituição republicana de 1891, que previa a abertura às outras confissões religiosas. Em setembro de 1892 foi nomeado o 1º Intendente Municipal Francisco de Abreu Vale Machado, orador da Loja Maçônica Paz e Trabalho, quando inaugurada em 1895³⁸.

Com esses exemplos, tenciona-se mostrar que, em Santa Maria, estava se impondo de fato uma “abertura religiosa”.

Num intervalo de 15 anos, entre 1899 e 1914, a população do município aumentou para 30.650 habitantes: desses, 6.443 indivíduos viviam no perímetro urbano em 1.323 casas. Na zona rural, 7.207 indivíduos em 1.121 casas³⁹. Nesse crescimento populacional, está certamente imbuída a diversidade do campo religioso.

Anos mais tarde, os anglicanos passaram também a ter expressão na cidade, pois em

³⁵ BRINCKMANN, Candido e COELHO, Catão. Almanach Municipal da Cidade de Santa Maria da Bocca do Monte para o Anno de 1899. In: MARCHIORI, e NOAL FILHO, op. cit., p. 82-83.

³⁶ BELTRÃO, op.cit., p. 354, 361, e 407.

³⁷ BRINCKMANN, Candido e COELHO, Catão. Almanach Municipal da Cidade de Santa Maria da Bocca do Monte para o Anno de 1899. In: MARCHIORI, e NOAL FILHO, op.cit, p. 82-83.

³⁸ DIENSTBACH, op.cit, p. 552.

³⁹ BELTRÃO, op.cit p. 372; FORTES, João Borges. Santa Maria da Boca do Monte – Cidade e Município. In: AZAMBUJA, G de. Anuário do Rio Grande do Sul, 1901. In: MARCHIORI, e NOAL FILHO, op.cit, p. 87.

1907 surge o jornal *A Tribuna*, de Alfredo Rodrigues da Costa, membro da Igreja Anglicana, da maçonaria e vinculado ao Partido Republicano. O jornal circulou até 1911.⁴⁰

O *campo religioso* da cidade, em 1900, estava, portanto, diversificado: uma capela católica, uma Igreja protestante, membros da Igreja anglicana que se reuniam em salas alugadas, membros da Igreja metodista que ainda não tinham seu templo. A conclusão da nova Igreja católica de Santa Maria se dará somente em 1909, passando a ser catedral em 1910, quando se torna sede da Diocese.

Para analisar o interesse dos metodistas no campo religioso de Santa Maria, neste estudo, ocuparemos-nos com um órgão de imprensa confessional que passou a expressar o anticlericalismo metodista na cidade, o jornal *O Testemunho*, o qual partiu dos metodistas do Rio Grande do Sul e circulou de 1904 a 1917. Esse veículo de comunicação também trazia notícias de cunho informativo, religioso e histórico, vinculando conteúdos que visavam advertir a população em relação àquilo que consideravam erros do catolicismo a fim de conquistar o seu *rebanho* na região. No *campo religioso*, o seu *capital* de bens simbólicos também era a salvação das *almas*. Era editado pela Igreja metodista de Porto Alegre⁴¹ e circulou nas localidades sul rio-grandenses, onde atuavam os pastores desta religião.

Outra forma de imprensa especificamente anticlerical, editada em Santa Maria, da qual nos ocupamos, é a revista *Reacção*, um veículo de comunicação maçônico com edição quinzenal que circulou de 1915 a 1917.⁴² A revista teria surgido como uma reação à publicação da *Revista o Centenário de Santa Maria*. Eram redatores da revista *Reacção* os promotores Dr. João Bonumá e Dr. Walter Jobim, além de Demétrio Niederauer e João Belém, que eventualmente usava o pseudônimo de J. Belzebth, entre outros colaboradores.

A partir desses órgãos impressos, podemos entender como foi se declarando o *conflito* entre os anticlericais maçons e protestantes e a Igreja católica em Santa Maria. Os agentes

⁴⁰ Alfredo R. da Costa em nota da Seção “Religiosa” do *Diario do Interior* comunicou o falecimento de sua filha de oito anos e convidou, através do jornal, os seus amigos para o velório na casa mortuária em frente a Praça Saldanha Marinho. O corpo da menina depois seria levado à Catedral do Mediador. Daí se entende que ele era membro da Igreja anglicana. Pertenceu a Loja Maçônica Luz e Trabalho. Cf. *Diario do Interior*, Santa Maria, 28 out. 1919, Ano IX, n. 253 p. 2; Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 19 out. 1919, ano IX, n. 254, p. 1; DIENSTBACH, op.cit, p. 556-558.

⁴¹ *O Testemunho*, segundo Jayme (1963, p. 38-95), que circulou no Rio Grande do Sul de 1904 a 1917, tinha sua sede até aquela data em Porto Alegre, depois mudou-se para São Paulo. De acordo com o mesmo autor, no início dos anos de 1900, havia outras publicações metodistas como o *Mensageiro Cristão*, editado pelo Dr. João da Costa Corrêa, *a Estrela*; o *Advogado Cristão*, fundado pelo Ministro Robson; *A Liga*, cujo redator era o Reverendo Donatti. Como as edições do jornal *O Testemunho*, de 1904-1908 estão no acervo do Instituto de Pesquisa João Wesley, do Instituto Porto-Alegrense (IPA), e digitalizados isto facilitou a pesquisa. Tivemos acesso aos exemplares de 1904 a 1908, pois os demais já não existem mais. O mesmo não se pode dizer sobre a documentação dos metodistas de Santa Maria, pois o acervo do Colégio Centenário, que hoje abriga a Faculdade Metodista do Sul (FAMES), sofreu um sinistro em 2007. Nas secretarias das Igrejas metodistas de Santa Maria fomos bem atendidos, mas, se os documentos antigos ainda existem, não nos permitiram o acesso.

⁴² ACMEC - Acervo Casa de Memória “Edmundo Cardoso”, Santa Maria.

sociais dessas instituições e agremiações exerceram função de liderança e estabeleceram estratégias de influência.

O sacerdote palotino, padre Kevin O' Neill⁴³, escrevendo sobre a extensão da missão palotina na Europa e seus desdobramentos na América Latina, considerou Santa Maria, no final do século XIX e início do século XX, uma cidade *descrente*.

Para entender esse registro sobre a cidade, passamos então a buscar subsídios na historiografia, posto que precisávamos pensá-la relacionalmente, ou seja, centrar a análise na estrutura das relações objetivas que determinaram as formas que teriam tomado as interações e as representações dos agentes sociais na Santa Maria do século XX.

De imediato, informamos que entendemos serem descrentes, naquele contexto, para o clero católico, os anticlericais⁴⁴, grupo no qual se concentravam protestantes e maçons. No sistema dessas relações, católicos e acatólicos ocupavam posições semelhantes no seu campo, ambos com seu capital simbólico e político-cultural, mas agiam de forma diferente porque concebiam o mundo de forma distinta devido ao conjunto de relações historicamente incorporadas por eles⁴⁵.

Assim, o eixo central da investigação pretende responder *como* e de que forma Santa Maria se tornou conhecida como um centro de peregrinação católica, na década de 1930, sobrepondo-se nesse embate a outros agentes sociais, protestantes e maçons.

Sem a pretensão de esgotar o tema, optamos por explorar o quadro de análise das relações entre católicos e anticlericais a fim de entender, neste processo inter-relacional, o conflito que se estabeleceu na cidade entre as partes bem como seu resultado para os católicos.

Estas são as indagações iniciais da pesquisa que vão na contra-mão das atuais discussões locais sobre a identidade ou vocação da cidade. As opiniões divergem entre considerar-se Santa Maria como cidade-cultura, cidade-universitária, um centro educacional ou, ainda, um centro onde são oferecidos vários serviços à população da região central. Não

⁴³ O' NEIL, Pe. Kevin. Apuntes Históricas Palotinos. Santa Maria: Pallotti, 1994.

⁴⁴ Como o termo clericalismo está relacionado mais às relações entre Igreja e sociedade civil e não tanto às relações entre Estado e Igreja, como entidades autônomas e independentes, o termo anticlericalismo será usado neste estudo para referir-se aqueles agentes sociais que, de uma maneira ou de outra, estavam em desacordo com a postura do clero católico. Isto significa que, na contemporaneidade, as radicalizações e as intransigências geraram formas de anticlericalismo, tanto em relação ao clero católico como em relação ao clero protestantes. Neste estudo, vamos encontrar indivíduos ou grupos de indivíduos anticlericais tanto entre os católicos como entre os acatólicos. Como entre “os liberais e os que não eram a favor da separação entre Igreja e Estado, o termo tem uma valência especialmente antiinstitucional mais que antieclesiástica e está sempre ausente o aspecto anti-religioso”, o termo anticlericalismo também poderá estar relacionado à Igreja católica. Cf. BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UnB, 1994, p. 176.

⁴⁵ BOURDIEU, op.cit., 1998, p. 34-78.

estaremos buscando rotular Santa Maria, mas pensá-la como uma cidade plural, mesmo na religiosidade. Em outras palavras, rompendo com a noção de uma única identidade, neste estudo, apresentaremos outro viés para dizer à cidade: o da religiosidade. Para tanto, vamos considerar, a partir de Bromberger (1989), que a identidade “não é um dom que se traduz pelo comportamento, mas um projeto daqueles indivíduos e grupos engajados, é uma postura a uma afirmação a que ela se refere, ela é relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”. Ou seja, pretendemos analisar como ela foi construída em Santa Maria.

Nesta pesquisa, ao abordar o *campo das crenças*, consideramos que, a partir de Bourdieu (1998), assim como os demais campos sociais, tem uma estrutura, um espaço de jogo, em que um conjunto de relações objetivas entre posições historicamente definidas se entrelaçam, onde os atores sociais ocupam uma posição determinada, à qual estão ligados certos interesses “orientados para a produção de efeitos sociais”. A ideia de interesse estará relacionada “às estratégias de manipulação simbólica que têm em vista determinar, através da representação mental ou objetiva (emblemas, bandeiras...), atos de percepção de conhecimento e ou reconhecimento”, mobilizados a agir em diferentes campos sociais, neste caso, o político, o religioso e o cultural⁴⁶.

Observamos, a partir de Bourdieu, que o sistema de relações, mesmo que seja coercitivo, nunca elimina a margem de autonomia individual dos atores sociais e explica as ações sociais como *estratégia*, a partir da lógica custo-benefício, quando eles selecionam a alternativa, entre aquelas que, no sistema de relação, considera de acordo com seus interesses, ligado a sua posição dentro do sistema.⁴⁷

O *conflito* e a *construção de consenso (de poderes, de saberes)* são trabalhados como um meio constante de interação social que visa à socialização dos sujeitos, neste caso pelo *convencimento, conversão e/ou catequese*. Essa perspectiva dualista de Georg Simmel permite-nos compreender a relação entre *conflito e consenso* como um eixo real que se encontra empiricamente em toda a sociedade. Nesse sentido, o conflito passa a ser positivo na medida em que é ambivalente, “desvela e mascara”: é uma forma de “associação e dissociação”; “de continuidade e ruptura”. O conflito passa a ser entendido não somente sob uma perspectiva negativa, mas positiva também porque permite mecanismos de socialização⁴⁸.

⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 107-113.

⁴⁷ BOURDIEU, op.cit., 1998, p.38.

⁴⁸ Na obra de Waizbort estas ideias foram dadas especialmente nos capítulos II e III, e na obra de Tedesco, especialmente nos capítulos 4, 6 e 7. WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP/

Assim, nosso estudo usa os espaços de conquista, como os templos e as instituições de ensino (católicos e acatólicos) na cidade, para identificar as estratégias de ação daquelas corporações, um meio de *conquista e integração* no espaço social; e analisa o *conflito* como meio de resolver a tensão entre os contrastes, como um “mal necessário” ou como um mecanismo de socialização, além de analisar a relação dos grupos em conflito⁴⁹. A contradição, as *discrepâncias* foram aceitas como elemento da própria realidade que concorre a favor da concepção de uma cidade plural, em movimento.⁵⁰

Para demarcar os fatos sobre o conflito entre agentes sociais do *campo religioso* e do *campo político-cultural*, usamos também, neste estudo, uma documentação maçônica do Arquivo do Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS), da cidade de Porto Alegre que reforça o tom do discurso anticlerical contido na revista *Reacção*.⁵¹ Através desta documentação, percebe-se que a situação, à época, era de *conflito de interesses*.

No *campo religioso*, o que estava em jogo para a Igreja católica era também o capital de *bens de salvação*. Assim, constatando a necessidade primeira de esclarecer e depois catequizar a população, ela passou a editar jornais confessionais para catequizar e para responder aos anticlericais.

Um órgão de imprensa católica que destacamos, neste estudo, como meio de manter seus fiéis e de conquistar *almas*, ou seja, de definir a força do *campo religioso* católico na cidade e delimitar suas relações com os demais campos, é o *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, cuja coleção abarca nove anos do episcopado de Dom Miguel de Lima Valverde, datado de dezembro de 1912 a dezembro de 1921. Esse órgão, além de informar sobre os *Atos da Santa Sé* e do governo da Diocese católica, também foi usado por Dom Valverde para, dentre outras coisas, advertir os leigos e o clero sobre a situação religiosa da Diocese, alertar sobre algumas leis do Direito Canônico e responder às dúvidas com relação a temas pertinentes à época, como aquilo que a Igreja considerava como erros do protestantismo, da maçonaria e do espiritismo. Era, portanto, um verdadeiro órgão de doutrinação católica.

Ed. 34, 2000; TEDESCO, João Carlos. *Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução*. Passo Fundo: UPF, 2006.

⁴⁹ Cf. CARVALHO, Giane Alves de. Conflito, violência e tragédia da cultura moderna: reflexões à luz de Georg Simmel. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, “Droga conflito e Violência”, ano 1, 2. ed., 2007. p. 150-162.

⁵⁰ Cf. WAIZBORT, op.cit., p. 20-28.

⁵¹ Os documentos a que tivemos acesso são fotocópias pertencentes ao acervo particular do professor Luiz Eugênio Vésicio (LEV), que gentilmente nos emprestou. Ele fotocopiou muitos documentos no período em que realizou sua tese de doutorado, mas não trabalhou com os que usamos nesta tese porque não era seu foco de pesquisa. Por isto, podemos afirmar que a documentação deste arquivo aqui trabalhado é inédita. ALEV - Acervo Luiz Eugênio Vésicio, Silveira Martins.

Na continuidade desse embate envolvendo a estrutura social da cidade, consideramos como significativa as iniciativas do padre Caetano Pagliuca contra os acatólicos e os anticlericais, publicizado no semanário *O Santamariense*, editado em Santa Maria de 1922 a 1929. O semanário era um órgão confessional católico que surgiu para combater a maçonaria e o protestantismo, além de orientar e educar o catolicismo local⁵². Esse sacerdote, para atingir seus objetivos no *campo religioso*, usou, além da imprensa, outra estratégia para arrefecer os ânimos dos que ele considerava anticlericais: promoveu a vinda de congregações religiosas para abrirem escolas na cidade. O conflito ficava outra vez explicitado, assim como as armas que seriam usadas por cada lado.

Outro jornal que destacamos nesta pesquisa como capital cultural da cidade é o *Diario do Interior*, primeira folha diária que apareceu no interior do Estado, em 1911, de propriedade do anglicano Alfredo Rodrigues da Costa. Era um jornal independente, sem política partidária, que na linguagem periodista dava a sensação de atualidade. Na seção “Telégrafo”, por exemplo, publicava notícia do exterior e do País, dando ênfase às questões de política internacional. Através desse jornal, ressaltamos, neste estudo, a dinâmica cultural e espiritual da cidade. O jornalista anunciava diariamente as peças teatrais, com artistas do centro do País e do exterior, a movimentação dos trens da Viação Férrea, os anúncios dos hotéis da cidade e do comércio local. Visando atingir um público diversificado, revelava a significativa circulação de pessoas indicando que a cidade prosperava⁵³. De uma forma geral, as notícias sobre a Igreja católica, vinculadas nesse periódico, apareciam na coluna “Vida Religiosa”, geralmente, relacionadas às festas religiosas populares.

Na composição deste cenário a pesquisa aponta a predominância de acatólicos na imprensa santa-mariense.

É importante, nesse contexto, destacar o papel da imprensa como fonte de pesquisa porque considera-se que “jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”⁵⁴, e também porque é parte intrínseca do desenvolvimento de Santa Maria. Esse veículo de comunicação, como documento histórico, permite uma releitura da cidade,

⁵² A coleção dos exemplares deste semanário não está completa, usamos o que havia disponível no Acervo da Casa de Memória “Edmundo Cardoso”, Santa Maria.

⁵³ O *Diario do Interior*, em 1915, passou a funcionar no *Teatro 13 de Maio*. Teve como diretor por muitos anos Ney Luiz Osório. Cf. COSTA, Alfredo R. da. *O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o Estado*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p. 147.

⁵⁴ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-154.

pois ele vai se encarregar de publicizar a (im) probabilidade do (não) conflito, o que significa, em outras palavras, divulgar as divergências de ideias, publicando artigos anticlericais, católicos, acatólicos, protestantes, místicos e maçônicos. Através da imprensa, apontaremos ainda para uma atmosfera de tensão e conflito na cidade de Santa Maria. Estes impressos são reveladores de uma contenda entre o *poder*⁵⁵ *coersitivo* dos agentes sociais através dos diferentes campos em que atuavam.

Através dos órgãos de imprensa, procura-se indicar que o anticlericalismo maçônico e o anticatolicismo dos evangélicos não foram velados, mas antes público em Santa Maria, pois entende-se que, a princípio, todos os próceres deste cenário estavam neste território declaradamente em *missão*, e isso assimilava-se a “combater o bom combate”,⁵⁶ para usar uma frase do Evangelho que é referência tanto para católicos como para protestantes. Dito de outra forma, o *conflito* tem o mesmo objetivo para todas as facções, ou seja, ser esclarecedor, educador. Como apontou Simmel, isto era o *positivo* dos grupos antagônicos.

O estudo pretende apontar também que a disputa entre católicos e anticlericais era de *território*,⁵⁷ e neste caso a *fronteira*⁵⁸ era a religião. A pesquisa considera que isto significava

⁵⁵ O *poder* será interpretado a partir da teoria de Foucault. Ele constatou a existência de duas concepções ideologicamente antagônicas de poder: a visão de direita, que entende o poder sob a ótica institucional e a concepção marxista, que toma o poder em termos de aparelho de Estado. O ponto em comum entre ambas, segundo Foucault, é o economicismo. Na teoria jurídica clássica, o poder é considerado como um direito, algo que se pode possuir, podendo ser transferido ou alienado por um ato jurídico. O poder é fundamentalmente privado na medida em que seu modelo formal se fundamenta no procedimento de troca. O contrato é a matriz do poder político. No entanto, a teoria marxista preocupou-se com a funcionalidade econômica do poder. Para Foucault “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação [...] o poder não é a manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força”. Foucault se preocupou em dizer de que forma o poder se manifesta no cotidiano, suas especificidades, as técnicas, os mecanismos e as estratégias com que se reveste em todos os níveis da sociedade, e chama a atenção para a análise do sentido oposto ao negativo do poder, pois considera que ele se mantém porque também produz coisas como prazer, saber, discursos, etc. “Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais que uma instância negativa que tem por função reprimir”. Dahrendorf, citado em Lebrun, atenta para o fato de que o poder não é um caso extremo de exercício de autoridade, é a sua violência que torna possível uma aparência de autoridade cortês e benevolente. Toda a sociedade está fundada na coerção de uns membros seus sobre outros. Esta equação, poder=coerção é característico da sociedade. O poder é o nome atribuído a um conjunto de relações que se articula por toda parte no corpo social, ele não é uma função qualquer na cidade: é a origem da cidade, a “causa da sociedade dos associados”. Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. 5-8, 175; LEBRUN, Gérard. *O que é poder*. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 14-20, 52 e 114-115.

⁵⁶ Uma expressão usada por São Paulo em sua segunda carta à Timóteo, por volta do ano 80 d.C. A carta era uma espécie de testamento espiritual de Paulo antes de ele ser degolado, onde ele diz: “Já estou sendo oferecido em libação, pois chegou o tempo de minha partida. *Combati o bom combate*, terminei a corrida, guardei a fé” (2Tm. 4, 6-7). Cf. *Bíblia Sagrada*. Tradução da CNBB. 6. ed. São Paulo: Canção Nova.

⁵⁷ A partir da geografia crítica, o território pode ser entendido como um conjunto de lugares onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social, independente ou não de ser um espaço fechado. A territorialidade é mais bem compreendida através das relações sociais e culturais que o grupo mantém com esta trama de lugares e itinerários que constitui o seu território. Assim, cada recorte social ou de grupo que tiver uma identidade (uma história comum), representado por instituições (formais ou informais) e que possua espaços próprios de socialização, constitui um território. Cf. SILVA, Joseli Maria. *Cultura e*

literalmente *salvar* ou *aprisionar* “almas”, dependendo do ponto de vista do leitor. Para tanto, não importava o tom do discurso.

O que emerge como *alma* do indivíduo, nos fundamentos de Elias, é pertinente a “psique” e tem função de unidade relacional de um poder superior a que chamou “sociedade”⁵⁹. A *alma* como estrutura formada por funções que servem ao organismo humano se auto-regula psicologicamente, tem alto grau de maleabilidade e adaptabilidade nas funções relacionais humanas e é uma precondição para a estrutura das relações entre as pessoas além de ser também a base da historicidade fundamental da sociedade humana.⁶⁰

Assim, devido aos variados caminhos a percorrer nos domínios da cidade de Santa Maria, apenas algumas pessoas acorriam ao badalar do pesado sino, forjado nas missões de São Nicolau, que ecoava da torre da Igreja católica matriz desde 1909, ano em que ela foi inaugurada.⁶¹ Outras, descrentes do catolicismo, rotularam aquele *badalo* como falso e combateram a Igreja católica e o clero com outra *forja*: a imprensa. Esta ferramenta serve de *ponte*⁶², de compreensão desta fronteira que se interpõe entre ideias, saberes (homens letrados) e devoção.

As crenças, a devoção e a religião serão tratadas, nesta pesquisa, como uma forma de expressão da cultura como *capital cultural*, pois a cultura, como um padrão de significados transmitido historicamente, incorpora símbolos, como um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais os agentes sociais comunicam perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Neste estudo, vamos considerar a cultura como um sistema simbólico, com significados entrelaçados, quando analisados, revela mecanismos de controle do comportamento.⁶³

territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. *Revista de História Regional* 5 (2), inverno, 2000, p. 9.

⁵⁸ Neste estudo, considerar-se-à “fronteira” um limite imaginado, como, por exemplo, a religião do outro, as diferenças que os atores sociais consideravam significativas, fronteira como um campo poroso, de negociação, que ora é identidade (limite) e ora não.

⁵⁹ Cf. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 37-39.

⁶⁰ ELIAS, op.cit., p. 37-39.

⁶¹ O sino da catedral diocesana de Santa Maria foi fundido em 1684 e nele está gravado *Sancta Maria ora pro nobis*. Acervo do Museu Sacro de Santa Maria.

⁶² A metáfora da “*ponte*” é um recurso interpretativo e dialógico sugerido por Georg Simmel, na sua reflexão sobre espaço. Ele a usou como conceito de cultura subjetiva ao avaliar como se construiu a individualidade humana. A *ponte* remete a uma análise espacial das noções de separação e reaproximação, dois aspectos, opostos e complementares, para examinar como o homem se movimenta, como administra a sociedade, como se associa e como se dissocia. Cf. MALDONADO, Simone Carneiro. Georg Simmel: uma apresentação. *Revista Política e Trabalho*. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPb, n. 12, set. 1996, p. 5-9. Georg Simmel (1858-1918) é considerado um dos “pais” da sociologia alemã que defendeu o fragmento e se opôs a toda tentativa de fixação e acabamento, a toda pretensão de sistema, adotou uma flexibilidade filosófica trabalhando temas inusitados, pois considerava tudo passível de interpretação. Cf. WAIZBORT, op.cit., p. 11-34.

⁶³ GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 21 e 103.

Com a palavra escrita, os maçons e os evangélicos adentram o século XX desdenhando o clero católico, atribuindo-lhe posições de elitismo e antiliberalismo, como veremos neste estudo. Para eles o clero católico não *construía pontes* de (re) ligação, de entendimento. Essa ideia advinha do século XIX, quando o Papa Pio IX publicou o Syllabus⁶⁴ e a Igreja introduziu corretivos aos indisciplinados, como a excomunhão aos que frequentassem os cultos de outras denominações. Era preciso “*vigiar e punir*”⁶⁵ para não confundir os cristãos católicos e para que os mesmos não perdessem suas *almas*.

Esta investigação considera, portanto, a situação de conflito como sendo de natureza da sociedade, onde cada um dos grupos tem tanto direito de decidir sobre o que é certo e errado quanto o outro, e assim se manifestar.

No contexto deste estudo, os agentes sociais, os personagens deste cenário, buscaram argumentos que consideravam plausíveis para defenderem seus interesses. Para os acatólicos, a ideia não era relegar o catolicismo ao esquecimento, mas lembrar a todos que, com a República, eles não só tinham o privilégio da expressão religiosa como eram retrógrados por resistirem às mudanças da Constituição republicana, de 1891, como, por exemplo, valorizarem o casamento religioso em detrimento do casamento civil. A nova ordem Constitucional, de 1891, acenava para uma nova perspectiva, o da liberdade religiosa. Isto significava a possibilidade de discutir o que era verdade em matéria de crença e de religião também na cidade de Santa Maria, sob o regime republicano.

A opção por explorar a situação da Igreja católica local a partir de Santa Maria justifica-se na medida em que as fontes permitem apontar indícios de conflito na cidade e, mais do que isto, quando constata-se que a historiografia local sobre a Igreja é muito recente e o tratamento dispensado às relações da Igreja católica local com outras corporações ignoram a positividade que as relações entre ideias opostas resguardam para definir o perfil da cidade. Considerar-se-à que a negação dos valores cristãos para determinados grupos sociais também constituiu um valor para definir o cenário urbano.

⁶⁴ *Syllabus Compectens Praecipuos Nostrae Aetatis Errores* é uma Bula papal que abarca o que a Igreja considerava como principais erros dos tempos modernos. Apresenta uma lista de oitenta proposições, ou seja, erros condenados pela Igreja romana, agrupados em alguns parágrafos divididos em panteísmo, naturalismo, racionalismo absoluto; racionalismo moderado; indiferentismo; socialismo, comunismo, sociedades secretas, sociedades bíblicas, sociedades clérigo-liberais; erros sobre a Igreja e sobre seus direitos; erros acerca da sociedade civil considerada em si mesma e em suas relações com a Igreja; erros referentes à moral natural e cristã; erros sobre o matrimônio cristão, sobre o poder temporal do pontífice romano e erros referentes ao liberalismo. Em 1864, esta Bula serviu para proibir os padres de fazerem parte da Maçonaria, proibição que não foi aceita pelo Governo Imperial brasileiro. A Igreja havia advertido o povo em relação à postura do Imperador D. Pedro II, pois o povo temia estar contra Deus e ser excomungado. O *Syllabus* suscitou ásperas polêmicas, exasperando, de um lado, os católicos conservadores e, de outro, oferecendo aos adversários do catolicismo a oportunidade de sustentar a impossibilidade de conciliar Igreja e evolução do mundo moderno.

⁶⁵ Parafraseando a obra de Michel Foucault, *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

É corrente afirmar, do ponto de vista da historiografia, que a ideia de progresso era privilégio da elite liberal e de que o atraso era característico dos eclesiásticos, devido ao ultramontanismo⁶⁶. Chamamos a atenção para o fato de que a incompatibilidade entre a Igreja católica e os acatólicos, neste caso os anticlericais (maçons e protestantes), existia porque não havia flexibilidade de ambos os lados, mas dogmatismos.

A partir do que foi exposto, pretende-se justificar o termo “*descrente*” usado por O’Neil ao se referir àqueles que não coadunavam com aquilo que era considerado dogma de fé, doutrina, sagrado para a Igreja católica.⁶⁷ Portanto, o termo “*descrente*” usado por parte do clero, no final do século XIX e início do século XX, para (des) qualificar a cidade de Santa Maria, foi adotado, ao nosso ver, para dizer que na localidade havia anticlericais de diferentes matizes. O motivo da afirmação de que Santa Maria era uma cidade *descrente* também nos parece que estava mais relacionado à presença de outras crenças populares na cidade, como o espiritismo, do que propriamente ao catolicismo popular de herança portuguesa.

A escolha da presença de anticlericais, em Santa Maria, como porta de entrada para pensar o papel da Igreja católica na cidade está associado à exploração de algumas *pontes* capazes de trazer à tona não só a complexidade do conflito na cidade, mas como a Igreja católica, apesar das deficiências de seus recursos humanos, beneficiou-se com o conflito.

Para tanto, privilegiaremos, ao longo do trabalho, as iniciativas de agentes sociais

⁶⁶ O clero Ultramontano é aquele que se tornou fiel ao Papa da Igreja de Roma, aquela que está atrás dos Alpes franceses, (ultra-monte, expressão que significa além das montanhas), devido ao Cisma do Ocidente (1378-1417). No século XIII, a Igreja católica crescia em autoridade ao mesmo tempo em que o poder político dos reis e dos Estados europeus tornava-se vigoroso e nem sempre esses queriam sujeitar-se ao papado. Devido às divergências internas na Igreja e com a realeza, no século XIV, o papa Bento XI promulgou uma bula *Unam Sanctam* (1302) onde dizia que todos deveriam obediência ao papado. Após divergências conciliares, promulgou outra bula, *Super Petri solio*, excomungando o rei francês. Este papa foi considerado pelos franceses um herege. O ultramontanismo começa a se esboçar no Brasil, durante o Segundo Reinado, “quando Roma torna-se o pólo propulsor do pensamento e da ação eclesiástica”, devido à entrada no País de diversos institutos religiosos que se tornam porta-vozes da Santa Sé no intuito de marginalizar o clero liberal. O ultramontanismo significava a adesão à Santa Sé, a fidelidade à ortodoxia religiosa, a confiança na autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina, fenômeno que ficou conhecido como romanização da Igreja no Brasil. É uma doutrina e política de um catolicismo tradicionalista que reconhecia no liberalismo um caminho para a decadência moral. Não bastava ser batizado, era preciso ser católico romano. Cf. AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 114 -126 e 151; MARTINA, Giacomo. *História da Igreja: de Lutero a nossos dias. O período da reforma*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 57-78; RAMBO, Arthur Blásio. *A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional*. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Populações rio-grandense e modelos de Igreja*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998 e DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem. A doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933)*. São Paulo: UNESP, 1996.

⁶⁷ O sagrado é entendido como “uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele”. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou às objeções da cultura humana. O chefe pode ser sagrado, como pode ser o costume ou instituição particular. Pode-se atribuir a mesma qualidade ao espaço e ao tempo, como nos lugares e tempos sagrados. O sagrado é apreendido como algo extraordinário. O homem enfrenta o sagrado como uma realidade poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, coloca sua vida numa ordem dotada de significado. O profano se define como ausência do caráter sagrado. Cf. BERGER, Peter L. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 38 e 39.

como os bispos, os sacerdotes, em especial o padre palotino Caetano Pagliuca e o padre jesuíta Inácio Rafael Valle; e no polo oposto, os anticlericais. Analisaremos as investidas dos dois lados contra o clero local, pois, como já apontamos, entendemos que isto é necessário para compreender a hipótese de que o Bispo e o vigário local, ao entrarem na contenda, agiram tal qual seus opositores.

Nesta pesquisa, queremos mostrar as estratégias através das quais a hierarquia da Igreja católica conquista espaço de influência e tutela na região e verificar a hipótese de que a cidade de Santa Maria se tornou um centro de peregrinações religiosas motivado, a princípio, por sacerdotes palotinos e jesuítas que impulsionaram, entre outras ações, o afluxo de congregações religiosas na cidade.

Para resolver o caráter conflituoso e tenso da cidade *aflita*, consideramos como outra estratégia da Igreja, e também dos anticlericais, o uso da imprensa que, como apontamos, era combatida ao longo do período estudado. Outra estratégia da Igreja foi pensar a cidade, geográfica e politicamente, para nela erigir os seus templos. Essa foi uma medida de defesa e de conquista, em relação aos protestantes e anticlericais que também usaram o mesmo expediente. A finalidade de todos era marcar os espaços da cidade como locais do sagrado.

Como a Igreja foi se reajustando à vida cidadina, trabalharemos com outra hipótese, a de que o movimento dos anticlericais recrucederam em Santa Maria nos anos de 1930, quando tiveram início as romarias em homenagem a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, sob os auspícios do clero diocesano, dos jesuítas e de famílias devotas.

A devoção a Nossa Senhora Medianeira chegou a Santa Maria em 1928, com o então seminarista jesuíta Inácio Rafael Valle, quando a Igreja combatia abertamente o protestantismo, a maçonaria e o comunismo. Cabe aqui perguntar se teria ou não essa devoção servido como uma resposta de afirmação da Igreja católica local, já que é contrária à visão dos seus opositores, protestantes e maçons, em relação à mãe de Jesus. Este é o ponto central do nosso trabalho, já que pretende-se analisar a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças como uma das mais importantes estratégias construídas pelo clero católico santamariense para a conquista de fiéis.

Para tanto, trataremos a devoção a Nossa Senhora Medianeira como *capital simbólico* que, enquanto religiosidade popular, foi tutelada pela hierarquia da Igreja, porque entendemos como uma das prerrogativas da Restauração Católica⁶⁸ o controle do catolicismo

⁶⁸ Segundo Azzi, a Restauração Católica, que coincide inicialmente com o Pontificado de Pio XI, quando a Igreja e o Estado italiano voltam a se entender, culmina com a assinatura do Tratado de Latrão, em 1929, ratificando a situação criada em 1870. O Papa passa então a preocupar-se com a influência da Igreja na sociedade moderna. Conforme o autor, é somente a partir da década de 1920 que realmente inicia uma etapa que

supersticioso, fantasioso e fanático, qualificação usada, não somente pelos anticlericais para execrar os católicos e o clero, mas pelo próprio clero liberal, progressista. Essa espécie de capital conferia prestígio e poder à Igreja não somente no campo religioso como também no campo social.

Trabalharemos, portanto, com a hipótese de que o incentivo e o triunfo desta devoção mariana em Santa Maria foi outra estratégia do clero católico, pois, segundo Azzi (1991), com Restauração Católica que acontece no Brasil após a proclamação da República, a Igreja passa a dar ênfase à união entre fé católica e pátria brasileira para recuperar sua influência junto ao poder político.

Para abordar o tema da devoção a Nossa Senhora Medianeira, analisaremos duas ideias básicas, a partir de Santa Maria. A primeira está ligada às divergências entre os anticlericais e a Igreja católica, antagonismo que se tornará menos explícito no segundo quadrante do século XX; e a segunda ideia, de que para superar o anticlericalismo apontado no livro do padre Kevin O'Neil (1994), o clero católico em Santa Maria, principalmente a partir da década de 1930, dirige o *espetáculo do sagrado*, promovendo as consagradas romarias e a festa popular da devoção mariana, aliando-se às autoridades políticas locais e regionais. Pretende-se analisar como isso contribuiu para assegurar à Igreja prestígio na região, já que no final do século XIX e início do XX, o clero local foi ridicularizado por seus opositores. O clero precisava, então, conquistar a confiança que os republicanos lhe retiraram pelo texto constitucional de 1891.

Assim, contextualizaremos o período em que esta devoção surgiu na cidade para endossar a hipótese de que a situação de conflito e tensão também foi propulsora da divulgação daquela devoção, a ponto de culminar com uma manifestação da maçonaria contra a Igreja católica em praça pública.

Para falar da importância da devoção a Nossa Senhora Medianeira, em nível local, inicialmente apresentaremos aspectos do cenário da cidade no final do século XIX e início do século XX, onde a ideia de progresso foi representada pela mobilidade urbana, circulação de mercadorias, ferrovia e imprensa. A partir desses aspectos, analisaremos como foi sedimentada esta devoção, com o intuito de não dissociar Santa Maria do contexto macro no qual havia tentativas de dar uma conotação católica à nação brasileira. Para tanto, vamos

pode ser designada como Restauração Católica ou neo-Cristandade brasileira, o que significava apenas de uma evolução na concepção de Igreja. De acordo com Rambo, o projeto de Restauração Católica tornou-se evidente no Rio Grande do Sul em 1860, com a nomeação do Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira. Cf. RAMBO, Arthur Blásio. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional. In: DREHER, Martin N. (Org.). op.cit., 1998, p. 149 e 150; AZZI, Riolando. *A Igreja do Brasil, da apologética à renovação pastoral*. Belo Horizonte: O Lutador, 1991; AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, v. 5, 1994.

abordar algumas iniciativas político-religiosas usadas pela Igreja católica em nível nacional, a fim de elucidar o empenho do Estado do Rio Grande do Sul para contribuir efetivamente nesse processo, principalmente a partir das décadas de 1920 e 1930, época em que a Igreja tinha ainda pequena penetração na vida social da população.

Analisa-se, também, como um sacerdote da Companhia de Jesus transformou a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças em acontecimento de grande repercussão a partir de Santa Maria. Ela foi implementada também pela hierarquia⁶⁹ da Igreja católica no período da Restauração Católica.

Por outro lado, é necessário tomar em conta também como a ferrovia e seu entorno, nesse período, impulsionou o desenvolvimento econômico e o crescimento populacional da cidade de Santa Maria onde o número de operários era significativo. Para um desses segmentos, foi criada uma vila operária na cidade, a *Vila Operária Brasil*, com aproximadamente 50 chalés de madeira desordenadamente construídos no antigo *Beco do Sabão*, que atualmente compreende o quarteirão das ruas Barão do Triunfo, Andradas, Visconde de Pelotas e Venâncio Aires.⁷⁰ Mais tarde, surgiu outra Vila operária para os funcionários da Viação Férrea, a *Vila Belga*, composta por um conjunto de casas geminadas e uma Cooperativa de Consumo.⁷¹

Os operários da cidade não se resumiam aos ferroviários, pois, segundo Beltrão (1979), Santa Maria chegou a ter mais de 40 fábricas até meados do século XX. Esse era um dos públicos preferenciais das distintas instituições que estudamos, pois havia o empenho do episcopado e de outros agentes sociais em atuar também junto à classe operária. Estes operários estavam num contexto de sociedade com diferentes corporações e a Igreja católica, através do clero e das congregações religiosas, disputava com os anticlericais este segmento social.

Neste sentido, apresentaremos duas formas de inserção da Igreja no meio operário: a educação e a devoção. Buscamos respostas para a seguinte pergunta: que motivo impulsionou

⁶⁹ A palavra hierarquia vem do grego *hieros*, que significa sagrado; *arquia*, ordem, poder, autoridade, ou seja, a estrutura do poder, a organização da autoridade de uma instituição religiosa. O princípio da hierarquia foi instituído por Deus na organização da Igreja, quando deu a Pedro o poder de ser o seu sucessor. Na era cristã, o termo foi aplicado à Igreja católica, na qual a estrutura da Igreja eclesiástica se organiza. “A Igreja é ao mesmo tempo provida de órgãos hierárquicos e Corpo Místico de Cristo; assembléia visível e comunidade espiritual; Igreja terrestre e Igreja enriquecida de bens celestes. Estas dimensões constituem junto uma só realidade complexa, em que se funde o elemento divino e humano”. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola/Vozes, 1993, p. 221.

⁷⁰ MARCHIORI, e NOAL FILHO, op.cit., p. 161.

⁷¹ A notícia das tratativas do prefeito Manoel Ribas, com o governo de Getúlio Vargas no Rio de Janeiro sobre a criação de uma Vila Operária em Santa Maria, a denominada Vila Belga, começou em janeiro de 1931. “Uma Vila Operária em Santa Maria”. *Diário do interior*, ano XVIII, n. 12, 15/01/1931, p. 3.

a iniciativa de colocar a devoção a Nossa Senhora Medianeira também a serviço da causa operária, à época? Assim, nesta tese, desenvolvemos reflexões sobre como esta devoção mariana significou *conflito* na cidade e foi, ao mesmo tempo, elemento aglutinador de grupos sociais. Perguntamos ainda se a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi socialmente construída em Santa Maria a fim de regular atitudes entre os populares ou foi transmitida para caracterizar e sedimentar o perfil católico da sociedade santa-mariense e do Estado do Rio Grande do Sul.

Com isso, queremos dar uma conotação histórica a esta devoção mariana num momento em que o Estado, anos depois de decretar a separação da Igreja, volta-se para ela, nos anos de 1930, pois o apoio do clero se tornará um trunfo para o governo, principalmente entre os operários. O reconhecimento, pelo Estado, das ações do clero irá, de certa forma, fortalecer a Igreja católica na luta contra os anticlericais, seus opositores.

Neste sentido, o conceito de “circularidade cultural”, proposto por Mikhail Bakhtin (2008), pode ser uma variável para entendermos como a devoção a Nossa Senhora Medianeira envolveu uma teia de significados, resultado de ações cotidianas que retornaram à sociedade com outra roupagem, com a visão de mundo daqueles indivíduos crentes. Através da festa popular em honra à Medianeira, poderemos perceber, ainda, uma ressemantização da devoção através da Igreja e do Estado. O conceito de circularidade cultural também poderá auxiliar na análise das relações entre a hierarquia da Igreja católica e os populares, uma vez que este conceito se presta para entender o viés dessa conjunção⁷².

O interesse por este enfoque surge da possibilidade de buscar-se, nas crenças, elementos para compor o processo histórico. Ao analisar categorias da cultura popular, Bakhtin (2008) observa que as fronteiras entre a cultura popular e a cultura dominante não se distinguem, são pouco precisas, elas se “metamorfoseiam em movimento interno da existência e exprimem-se de forma transformada”, pois considera que a relação entre as culturas, ao mesmo tempo em que é harmoniosa, também é marcada por tensões e conflitos. Por meio das obras de Rabelais, entende-se que a cultura popular, pautada pelo cômico, utiliza-se do deboche e da sátira como uma forma de resistência aos valores e à ideologia dominante.

⁷² Analisando a obra de François Rabelais, Mikhail Bakhtin formulou o conceito de *circularidade cultural*, nos anos de 1940. Ele identifica, no florescimento do realismo grotesco, a existência de um “profundo” diálogo entre a cultura cômica popular e a cultura da Igreja e do Estado feudal. Para Bakhtin, Rabelais possuía posições de vanguarda, “mais avançadas, mais progressistas”, para a sua época, apostando na consolidação do Estado Nacional e considerando o papado e o império ultrapassados. Sugere que em Rabelais não existe “dogmatismos na análise das imagens, nem formalidade, é hostil a toda perfeição definitiva, a estabilidade, a toda operação e decisão circunscrita ao domínio do pensamento e à concepção do mundo”. O diferente, o estranho, o irreverente era a lógica e não “o avesso”. BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC; UnB: Brasília, 2008, p. 28, 398- 400.

Se o homem medieval participava de dois mundos, que não se confundiam, mas coexistiam, um sério e piedoso, outro marcado pelo riso e pelo cômico, como menciona Bakhtin, talvez, por analogia, possamos encontrar no vocabulário caricato dos jornais editados por agentes sociais sul rio-grandenses, com elevado grau de instrução, e na *feira* à Medianeira, uma visão menos conformista sobre a devoção popular⁷³.

Como Santa Maria, a partir de 1930, tornou-se conhecida pelas romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, começamos a pensar sobre os agentes sociais e as corporações que compunham este cenário e, nele, buscamos entender onde estavam e como se representavam os *descrentes*.

A proposta de trabalhar a cidade como um espaço de práticas sociais e representações em constante inter-relação, em *movimento*, neste caso, externado na tensão e no conflito, pode possibilitar a compreensão das mudanças e das descontinuidades deste processo histórico onde, no conjunto das relações, o *campo religioso* teve significativa importância. Ao dar voz a personagens eclesiais e anticlericais que estavam à margem da história corrente, pensamos contribuir para uma releitura da história da Igreja no Rio Grande do Sul.

Embora o debate local no *campo religioso* seja um pouco acanhado, o procedimento analítico que realizamos parte de um ponto específico da realidade local, cidade *descrente* para, no contexto geral, já bastante descrito, empiricamente explicar a situação da Igreja católica na cidade, às vezes, destorcida pelas generalizações e o dizer anticlerical de agentes sociais antes não revelado na Santa Maria da Boca do Monte que estudamos.

Entendemos que, a partir da análise de situações locais, ações individuais e grupais, pode-se ampliar o estudo do social, posto que o assunto se relaciona com o contexto macro.

Com isso, através do cruzamento de informações, abrimos outro viés de interpretação da história da Igreja católica desta cidade e nas relações com o seu oposto, os anticlericais, como parte da cultura. A cultura envolve, além das crenças, questões como valores, costumes, ideias

⁷³ Autores como Michel Vovelle, Natalie Zemon Davis, Mona Ozouf vão adotar as festas em suas análises, enfatizando a vida cotidiana e as suas representações. No Brasil, destacamos Marina de Mello e Souza, Martha Abreu os dois volumes organizados por István Jancsó e Íris Kantor, e outros. VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991; DAVIS, Natalie Zemon. *Cultura do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; OZOUF, Mona. *A festa sob a Revolução Francesa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995; ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de Campinas, Campinas/ SP; JANCÓS, István e KANTOR, Íris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec; EdUSP; Fapesp; Imprensa oficial, v. I e II, 2001.

códigos morais, hábitos e sensibilidades que se configuram nas mudanças ou permanências da vida social.

O espaço geográfico nesta tese contempla, por um lado, a importância da localização dos templos na cidade de Santa Maria, pois entendemos que eles foram construídos em locais estrategicamente pensados, bem como a localização de instituições dirigidas por congregações religiosas, que com seus colégios, pretenderam delimitar o *espaço* católico da cidade. Como a especificidade, neste estudo, parte do local através do *conflito*, detectamos as continuidades e as rupturas nesse processo político-religioso.

Consideramos a cidade de Santa Maria, localizada no centro do Estado, um centro urbano articulado cultural e politicamente desde o início do século XX, pois concentrou uma população trabalhadora além de grupos promotores da imprensa escrita, um lugar onde se discutiam espiritualidades. Nesse sentido, *o lugar* aparece como um mundo de significados organizados e serve como refiguração de identidades, no dizer de Silva (2000). Assim, o estudo da devoção mariana na cidade é entendido também como uma das especificidades, a singularidade dentro da totalidade.

A partir do estudo de Süß (1979, p. 147), entende-se a religiosidade popular como prática religiosa tradicional do povo expressa no culto aos santos e na participação das festas dos padroeiros⁷⁴. Se, de acordo com Lopes, as crenças religiosas populares são resultado de constantes negociações, pretende-se analisar a devoção mariana para além da concepção dicotômica entre religião institucionalizada e as religiosidades populares conforme sugere o autor.⁷⁵

⁷⁴ Ver também outros autores que trabalham sobre a religiosidade popular: BEOZZO José Oscar. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II. De Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1993, p. 117 a 121; MASSOLO, Maria. El estudio de la religiosidad popular en Latinoamérica y Europa: perspectivas recientes. In: FRIGERIO, Alejandro e CAROZZI, María Júlia (Org.). *El estudio científico de la religión a fines del siglo XX*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1994, p. 101-109; PARKER, Cristian. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996; GONZÁLES, José Luís. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. IRARRÁZAVAL, Diego. *Catolicismo popular: história, cultura e teologia*. Petrópolis: Vozes, Tomo III, 1992; SÜSS, Günter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979; STEIL, Carlos Alberto e ALVES, Daniel. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção”. A aparição de Maria em Taquari (RS). In: STEIL, Carlos Alberto. MARIZ, Cecília Loreto e REESINK, Mísia Lins (Orgs). *Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 175-202; STEIL, Carlos Alberto. *Catolicismos e memórias no Rio Grande do Sul*. In: STEIL, Carlos Alberto e GOES, César (Orgs). *Catolicismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PPGAS, Debates do NER-IFCH/UFRGS, Ano 5, nº. 5, 2004, p. 9-30.

⁷⁵ O trabalho etnográfico de Lopes sobre festas religiosas populares analisa as práticas e representações de grupos religiosos na contemporaneidade. Em um destes estudos, faz um apanhado de diferentes interpretações teóricas elaboradas por cientistas sociais sobre a religiosidade popular. LOPES, José Rogério. Os sistemas abstratos e a produção de reflexividade da religiosidade contemporânea. In: *Ciências Sociais y Religión/ Ciencias Sociales e Religião*. Porto Alegre: Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur. Ano 11, n. 11, (2009), 1999.

Trabalhar com religiosidade popular significa dedicar-se ao estudo de certas manifestações religiosas, em especial, àquelas que se referem à vida cotidiana e à visão de mundo. A tendência, ao analisar a religiosidade popular, é de classificá-la como supersticiosa, pagã, em relação à religião oficial, esta julgada, *a priori*, como autêntica e verdadeira.

A partir do Concílio Vaticano II, 1960-1964, a Igreja católica passou a dar maior atenção às formas de expressão da religiosidade popular, valorizando o sentimento devocional do povo simples. A ideia de popular, após o referido Concílio, é a aplicação própria “de expressão religiosa comunitária que deixa de ser uma expressão arcaica, desfigurada e profanadoramente concorrente do trabalho legítimo da Igreja”. É quando a religiosidade popular passa a caracterizar “a cultura, a fé e a identidade religiosa do povo brasileiro”⁷⁶.

Na III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano de Puebla (1979), a religião popular foi definida como do povo, ligada à expressão cultural e de sua fé católica, bem como ao conceito de piedade popular. Nela foi reconhecida a necessidade de educação, catequese e pastoral adequada, pois a religião popular latino-americana foi prejudicada devido ao divórcio entre a elite e o povo.⁷⁷

Através da historiografia, percebemos que a situação da Igreja católica, desde a implantação da República, é de tensão, já que ela lutou para preservar o *status* e o espaço conquistado no período Imperial. A produção historiográfica produzida por eclesiásticos, em geral, aponta as dificuldades encontradas pelo clero no Rio Grande do Sul nesse período, e não raramente prioriza a cronologia da história da Igreja. Em nível local, Arlindo Rubert, na obra *A Diocese de Santa Maria*⁷⁸, faz uma cronologia da história da diocese desde o período colonial até os anos de 1950, citando os sacerdotes que atuaram em cada uma das paróquias bem como suas realizações, sem deixar de mencionar os que apostataram. Outra obra deste sacerdote faz um estudo mais aprofundado da Igreja no período colonial⁷⁹, deixando claras as dificuldades das dioceses, na época. Genésio Bonfada e Carlos Probst, sacerdotes palotinos, narram a chegada e as dificuldades enfrentadas por sua congregação no Rio Grande do Sul, em 1886, a Pia Sociedade das Missões (P.S.M.), dando destaque às regiões de colonização italiana. Não apresentam um quadro positivo para a Igreja e criticam a atuação de alguns

⁷⁶ BRANDÃO. Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião. In: SACHS, Viola et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 1988, p. 55.

⁷⁷ Cf. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1979, n.º. 454, p. 202.

⁷⁸ RUBERT, op.cit., 1957.

⁷⁹ RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul: período imperial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. II, 1998.

sacerdotes no final do século XIX e também nas duas primeiras décadas do século XX. Probst chama a atenção ainda para o anticlericalismo maçônico⁸⁰.

Luiz Eugênio Véscio, ao investigar o caso da morte de um sacerdote palotino, na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana,⁸¹ no ano de 1900, apresenta os conflitos entre a Igreja católica e a maçonaria, mas, apesar da extensa documentação não esclarece o caso da morte do sacerdote. Esta obra é de significativa importância por oferecer uma documentação inédita sobre a maçonaria e suas relações clientelistas.⁸²

A bibliografia que aborda as relações da Igreja católica em Santa Maria recentemente começou a ser produzida e analisada por historiadores. Por exemplo, a tese de Vitor Biasoli,⁸³ que trabalha com a vinda das missões palotinas para o Rio Grande do Sul, analisa a questão da Igreja após a Revolução Francesa na Europa para explicar como a Pia Sociedade das Missões se estabeleceu em Santa Maria. Ao reafirmar que os palotinos foram os responsáveis pela implantação do projeto ultramontano na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, explica que, a partir dos imigrantes dessa região, somados a outros italianos que desciam da Serra para Santa Maria, surge a oportunidade da Congregação palotina “conquistar Santa Maria” e tornar o catolicismo hegemônico. Qualifica as desavenças com os anticlericais como um jogo de palavras dos “folhetinistas”. Para o autor, a “historiografia eclesiástica da região comporta certo exagero” ao referir-se ao anticlericalismo maçônico.

A dissertação de mestrado de Alexandre de Oliveira Karsburg⁸⁴ procura mostrar que entre os vereadores locais “não havia uma guerra declarada contra o catolicismo ou a

⁸⁰ BONFADA, Genésio. *Os Palotinos no Rio Grande do Sul. 1886 a 1916: fim da Província Americana*. Santa Maria: Pallotti, 1991; PROBST, Carlos. *História da Província Americana da Pia Sociedade das Missões (PSM – Palotinos)*. Londrina, 1989 (texto datilografado).

⁸¹ Os primeiros imigrantes que chegaram, em 1877, na região que hoje é conhecida como Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, ficaram alojados num barracão no Val de Buia, localizado na estrada que liga o atual município de Silveira Martins à Santa Maria, onde aguardavam os lotes prometidos pelo governo brasileiro. O núcleo de Vale Vêneto foi fundado em 1878 e o de Ribeirão em 1880; a 4ª colônia Silveira Martins, *Cittá Nuova*, foi fundada em 1879 e extinta em 1886, quando suas terras são incorporadas aos municípios de Santa Maria, Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul. Faziam parte da 4ª colônia Silveira Martins, os núcleos Val Veronesse, Val Veneto, Sitio Norte, Polêsine, Dona Francisca, Treviso, Soturno. Em 1888, foram agregados Val Vêneto, Ribeirão, Dona Francisca e parte de Val Veronese ao município de Cachoeira; os núcleos de Soturno e Nova Treviso ao de Júlio de Castilhos. Cf. SANTIN, Silvino e ISAIÁ, Antônio. *Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural*. Porto Alegre: EST, 1990, p. 24-27 e 75.

⁸² VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul – 1893-1928*. Porto Alegre: UFRGS, Santa Maria: UFSM, 2000.

⁸³ BIASOLI, Victor. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte (Rio Grande do Sul - 1870-1920)*. 2005. Tese (Doutorado em História social), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2005, p.124 e 150.

⁸⁴ KARSBURG, Alexandre de Oliveira. *Sobre as ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria 1884-1897)*. 2007. Dissertação (Mestrado em história). Programa de Pós-Graduação em História Ibero Americana, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007, p.16.

religião”, mas contra “o governo e o bispado”; que a população da cidade no século XIX não era descrente, pois esta era uma visão clerical que condenava o catolicismo rústico de origem portuguesa. Sua pesquisa partiu da decisão de demolição da matriz católica de Santa Maria, em 1888, iniciativa tomada a partir da Câmara de Vereadores com vista à modernização da cidade que estava em fase de reestruturação do espaço urbano, e a Igreja matriz, em péssimo estado, não condizia com uma administração que previa uma cidade moderna. O autor não considera que havia uma guerra declarada ao catolicismo ou religião, mas contra o ultramontanismo, o bispado e o governo.

Outra dissertação de Mestrado que analisa o desenvolvimento urbano de Santa Maria é de Daniela Vallandro de Carvalho.⁸⁵ A autora, ao apresentar a importância da ferrovia para a urbanização da cidade, analisou as dificuldades que se apresentaram nesse centro urbano devido à afluência de pessoas de diferentes etnias em busca de emprego. A multiplicidade étnica cresceu com a chegada dos imigrantes italianos no final do século XIX.

A cronologia histórica de Romeu Beltrão, centrada no município de Santa Maria, aponta diversos conflitos entre a Igreja católica e a população local, a partir do final do século XIX, enumerando as Lojas maçônicas fundadas na localidade. Um guia de registros da história da cidade.⁸⁶

Uma obra que aborda diferentes temas sobre a história de Santa Maria é de João da Silva Belém. Composta nos anos de 1930, aborda a história do município desde os seus primórdios até o regime republicano, informando sobre a imprensa, as religiões, àqueles que considerou cidadãos ilustres e questões de geografia.⁸⁷

O quadro de análise historiográfica que indica uma conjuntura desfavorável, adversa para a Igreja Católica local no final do século XIX, é também encontrado no contexto do Estado do Rio Grande do Sul.

Quanto à bibliografia a respeito da Igreja no Rio Grande do Sul, citamos as obras de Martin Dreher: *Populações Rio-Grandenses e modelos de Igreja; 500 anos de Brasil e a Igreja na América Meridional; Igreja e germanidade; Rostos da Igreja no Brasil Meridional: o cristianismo do sul do Brasil; A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*. Essas publicações reúnem textos e artigos que tratam da forma de inserção dos credos católico e protestante no Estado bem como a contribuição da imigração europeia para o perfil plural sul

⁸⁵ CARVALHO, Daniela Vallandro de. “Entre a solidariedade e a animosidade”: os conflitos e as relações interétnicas populares. Santa Maria, -1885 a 1915. 2005. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em Estudos Históricos Latino-Americanos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2005.

⁸⁶ BELTRÃO, op.cit.

⁸⁷ BELÉM, op.cit.

rio-grandense.⁸⁸ Outro autor, Artur Isaia, analisa o governo do arcebispado de Dom João Becker e as conquistas desse à Igreja católica durante o governo de Getúlio Vargas. Já a obra de Eliane Colussi dá conta das alianças e desavenças políticas no Rio Grande do Sul e dos confrontos entre os católicos e a maçonaria no século XIX. Através desses dois últimos historiadores, podemos entender que, na conjuntura regional, predominavam as forças liberais e anticlericais, no final do século XIX, diante de uma Igreja em constante movimento motivada pelo seu episcopado⁸⁹. No entanto, a atuação eclesiástica de Dom João Becker no arcebispado do Rio Grande do Sul possibilitou à Igreja conquistar espaço no Estado, revertendo o quadro de influência. Outro autor, Zeno Haztentoufel, ao analisar a história da Igreja no Rio Grande do Sul, destaca o comprometimento do episcopado com a implantação do Projeto de Restauração Católica no Estado⁹⁰.

Em relação ao metodismo no Rio Grande do Sul, a obra de Márcia Medeiros aponta que, em Passo Fundo, em 1930, esse grupo social tinha amplo espaço de divulgação da religião através do jornal local *O Nacional*, de propriedade de um convertido ao metodismo, o qual também dava espaço aos católicos. Através deste periódico, a população passo-fundense se mantinha informada das divergências entre católicos e metodistas à época. Na visão da autora, houve uma expansão do metodismo no Planalto Médio porque “enquanto a Igreja Católica segue a linha organizacional extremamente hierarquizada e de difícil assimilação, segundo prédicas de bulas papais e ordens cardinalísticas e episcopais, o metodismo avança muito mais rápido, em virtude de sua organização em assembléias”. Para a autora, os metodistas eram hábeis “na propaganda e possuíam uma mobilidade maior que o catolicismo, que sempre ficava à mercê das decisões papais, cardinalísticas ou então seguia as prédicas dos seus bispos e arcebispos que, por sinal, não deixavam de rezar na mesma cartilha do papa”.⁹¹

Em nível nacional, a situação da Igreja era semelhante àquela vivida no plano regional, conforme mostram, entre outros, Eduardo Hoonart, Fernando Torres Londoño, Riolando Azzi, Paulo Fernando Diel ao abordarem os esforços do clero e dos episcopos em

⁸⁸ DREHER, Martin N. (Org.). *Populações Rio-Grandenses e modelos de Igreja*. São Leopoldo: Sinodal/ Porto Alegre: EST, 1998; DREHER, op.cit., 2002; DREHER, op.cit., 1984; DREHER, op.cit., 1998; DREHER, Martin N. *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, v. 4, 1999. (Coleção História da Igreja).

⁸⁹ ISAIA, Arthur. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998; COLUSSI, Eliane. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: UPF, 1998.

⁹⁰ HASTENTEUFEL, Zeno Pe. A Igreja do Rio Grande do Sul. In: *Revista TEOCOMUNICAÇÃO*. Porto Alegre, PUC/RS, v. 23, n. 101, 1993; HASTENTEUFEL, Zeno Pe. A legislação eclesiástica em vigor, no Brasil império, ao tempo da Revolução Farroupilha. In: *Revista TEOCOMUNICAÇÃO*. Porto Alegre, PUC/RS, ano XV, n. 68, 1985/2; HASTENTEUFEL, Zeno Pe. D. Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Acadêmica, 1987.

⁹¹ MEDEIROS, Márcia Maria. *Cara ou Coroa: católicos e metodistas no planalto médio gaúcho (início do século XX)*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2007, p. 92-124.

realizar reformas, a partir da implantação do Projeto de Restauração Católica, ideário romano-tridentino, ao longo do século XIX e primeira metade do século XX, no intuito de moralizar a Igreja no Brasil e avançar na catequese romanizadora. Estes autores abordam também as relações da Igreja com a sociedade e o Império.⁹²

Mais especificamente sobre a nova conjuntura criada pela implantação do regime republicano, em 1889, estudos como os de Riolando Azzi, Thomas Bruneau, Oscar Figueiredo Lustosa, Douglas Teixeira Monteiro, Sérgio Lobo Moura e José Maria Gouveia de Almeida evidenciam as novas conquistas do clero bem como os novos desafios daquele período do início da República e a forma como se processou esta mudança política e suas implicações para a Igreja.⁹³

Na obra organizada por Viola Sachs, destacamos artigos que tratam a questão da identidade religiosa brasileira. Selecionamos, dessa publicação, o texto de Maria Isaura Pereira de Queiros por tratar da multiplicidade do catolicismo brasileiro, característica também do Estado do Rio Grande do Sul.⁹⁴

Nos anos após a Revolução de 1930, destacamos as obras de Carla Rodeghero, Antônio Flávio de Oliveira Pierucci, que juntamente com Beatriz Muniz de Souza e Cândido Procópio Ferreira de Camargo, trazem em seus trabalhos os desafios da Igreja em relação a sua inserção junto à classe operária nos anos após a Revolução e seu alinhamento à ideologia do Estado Nacional no combate ao comunismo, como sendo o perigo “vermelho”.⁹⁵

⁹² HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1500-1800*. Petrópolis: Vozes, 1991; AZZI, Riolando. *A crise da cristandade e o projeto liberal*. São Paulo: Paulinas, 1991; LONDOÑO, Fernando Torres. Introdução: Elementos para uma história da paróquia no Brasil. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). *Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica*. São Paulo: Paulus, 1997; AZZI, Riolando. *O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular*. Petrópolis: Vozes, 1977; AZZI, Riolando. *O Altar Unido ao Trono: um projeto conservador*. São Paulo: Paulinas, 1992; DIEHL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). *Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica*. São Paulo: Paulus, 1997.

⁹³ AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994; *O Estado Leigo e Projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994; BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974; LUSTOSA, Oscar Figueiredo. *Igreja católica no Brasil República: cem anos de compromisso: 1889-1989*. São Paulo: Paulinas, 1991; MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. Cap. II. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil republicano, Sociedades e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, v. 2, Tomo III. (História Geral da Civilização Brasileira); MOURA, Sérgio Lobo e ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República, Livro Terceiro: Cultura, Igreja, Ideologia e Diplomacia. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano, Sociedade e Instituições (1889-1930)*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, Tomo III, v. 2. (História Geral da Civilização Brasileira).

⁹⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade nacional, religião, expressões culturais: criação religiosa no Brasil. In: SACHS, Viola et al. *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

⁹⁵ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo/ EDUPF, 1998; PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira, SOUZA, Beatriz Muniz de e CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja Católica: 1945-1970. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Republicano: Economia e cultura (1930-1964)*, Livro Segundo: Igreja, Educação e

Para tratar da questão operária, mais especificamente sobre os Círculos Operários no Rio Grande do Sul, buscamos subsídios nos estudos de Astor Antônio Diehl, Silvia Regina Ferraz Petersen e Jessie Jane Vieira de Souza, sendo que essa última trabalhou com o tema em nível nacional deixando claro que a postura da Igreja católica junto à classe operária não estava dissociada da sua missão de evangelização. A tese de doutorado de João Rodolpho Flores, sobre a Viação Férrea no Rio Grande do Sul, dá conta da abrangência do empreendimento e apresenta dados significativos sobre a estrutura da empresa ferroviária no Estado gaúcho, contribuição para nosso estudo no que tange a importância da estrutura organizacional dos operários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul.⁹⁶

Em conjunto, esses estudos denotam o quanto a Igreja católica resistiu ao liberalismo republicano e seu esforço pela implantação do Projeto de Restauração Católica no Brasil. A situação era de tensão e conflito, e não foi diferente no Rio Grande do Sul nem na cidade de Santa Maria.

As publicações sobre Nossa Senhora Medianeira tratam mais especificamente das romarias em torno da devoção e não especificamente do contexto histórico e seus conflitos. A tese de doutorado de Viviane Boreli procura evidenciar a evolução do espaço midiático em torno das romarias e da devoção. Nessa tese, compreende-se que a divulgação das romarias ao longo dos anos vai tomando vulto e a mídia foi uma aliada a sua propagação. A autora se refere à inexistência de jornais nos primeiros anos em que começaram a ser divulgadas as romarias na cidade, de 1930 e 1931. No entanto, encontramos as notícias deste período no jornal *Diário do Interior* em um arquivo particular da cidade. A dissertação de mestrado do Pe. Enio Rigo trata da visão eclesial sobre o tema. Dionara Paixão elaborou uma biografia sobre o Pe. Inácio Rafael Valle, idealizador da devoção a Nossa Senhora Medianeira no Rio Grande do Sul.⁹⁷

Cultura, cap. VII, , Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, Tomo III, v. 4 (História Geral da civilização Brasileira).

⁹⁶ DIEHL, Astor Antônio. *Círculos Operários no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990; PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *“Que a união operária seja nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Santa Maria: Editora UFSM; Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001; SOUZA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002; FLÔRES, João Rodolpho Amaral. *Os trabalhadores da V.F.R.G.S. Profissão, mutualismo e cooperativismo*. Santa Maria: Pallotti, 2008.

⁹⁷ BORELI, Viviane. *Da festa ao cerimonial midiático: as estratégias de mediação da teloromaria da Medianeira pela Rede Vida*. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2007; RIGO, Pe, Enio José. *A romaria da Medianeira e a Eucaristia*. Santa Maria: Biblos, 2006; PAIXÃO, Dinara. *Pe. Inácio Valle S. J. e a devoção a Nossa Senhora Medianeira*. Santa Maria: Pallotti, 2003.

Em termos de fontes de pesquisa, utilizamos, para tratar o tema da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, a documentação do Arquivo da Província dos Jesuítas “Sociedade Antônio Vieira”, de Porto Alegre, bem como os Livros Tombos dos Arquivos do Instituto São José e da Paróquia Catedral *Nossa Senhora da Conceição*, ambos de Santa Maria. Os registros dos episódios, acontecidos no final do século XIX, evidenciam questões anticlericais, a frequência às missas, as comunhões, as práticas religiosas na sociedade local e problemas enfrentados pelo Vaticano. Nos registros do século XX, do Livro Tombo da Paróquia Catedral de Santa Maria, encontramos um dos cronistas mais preocupados em detalhar os fatos no contexto histórico, padre Luizinho Sponchiado, mas em geral os fatos registrados estão relacionados à progressão do catolicismo na cidade, impulsionado com a devoção a Nossa Senhora Medianeira, as realizações da Igreja na cidade e determinações do episcopado.⁹⁸ Também utilizamos impressos confessionais, revistas e fotografias, dos quais alguns inéditos enquanto ferramenta de pesquisa histórica, disponíveis no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e na Casa de Memória “Edmundo Cardoso”.

Optamos em dar atenção também à questão operária, não porque este tema esteve intimamente ligado à política, mas por suas inter-relações com esta devoção mariana, em nível regional, e com a devoção a Nossa Senhora Aparecida, em nível nacional, durante o Governo de Getúlio Vargas.

Para este tema, pesquisamos nos exemplares da Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre, *UNITAS*, e nas Cartas Pastorais de bispos diocesanos, do Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre; no Arquivo do Centro de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” (CEDIC), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/ SP), o qual está extremamente organizado e disponibiliza, ao pesquisador, condições necessárias à pesquisa histórica. Nesse arquivo há uma documentação sobre os Círculos Operários do Brasil e sobre a Ação Católica Brasileira.

A pesquisa no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria foi profícua, pois ali encontramos muitos jornais locais com respostas às nossas indagações e às informações que buscávamos. No entanto, no Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC), da “Fundação Getúlio Vargas”, no Rio de Janeiro, as correspondências de políticos maçons, referindo-se aos eclesiásticos no período do governo de Getúlio Vargas, deixaram a desejar no que se refere especificamente ao Rio Grande do Sul.

Para explicar a visão eclesiástica, de cidade *descrente*, a qual não foi privilégio

⁹⁸ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3 (1889-1914).

daquele sacerdote,⁹⁹ a pesquisa ora apresentada reúne o resultado do exame da documentação levantada em diferentes arquivos com o intuito de ampliar a análise. Além dos arquivos eclesiais, já citados, pesquisamos nos Livros Tombo, nas Cartas Pastorais e nas revistas de época encontrados nos arquivos da Cúria Metropolitana de Porto Alegre e no Arquivo da Mitra Diocesana de Santa Maria. No Arquivo particular do professor Luiz Eugênio Vésco, em Silveira Martins, trabalhamos com as correspondências expedidas e recebidas, trocadas entre membros da maçonaria. Neste arquivo, também encontramos alguns jornais maçônicos, documentos até então não pesquisados. No Arquivo “João Wesley”, do Instituto Proto-Alegrense (IPA), utilizamos como fonte de pesquisa edições do jornal, *O Testemunho*, publicado pelo Distrito Metodista Sul Rio-Grandense.

Para a análise do campo político-cultural, privilegamos a bibliografia pertinente ao contexto estudado, bem como as fontes primárias encontradas no arquivo particular do Luiz Eugênio Vésco, em Silveira Martins. Através do cruzamento das fontes de pesquisa e a ordenação de ideias, trouxemos à tona um novo enfoque para a história da cidade e da Igreja católica, pois o resgate das informações contidas na documentação pesquisada contribuiu para elucidar questões relevantes neste processo.

Quanto à organização da tese, vamos considerar a introdução como um primeiro capítulo, onde procuramos traçar um panorama da cidade de Santa Maria para então explicitar o objeto da tese e, a partir de então, fundamentar a pesquisa e definir alguns conceitos a serem utilizados neste estudo.

Trataremos de contextualizar, no segundo capítulo, a situação da Igreja católica no Rio Grande do Sul para, então, localizá-la em Santa Maria no final do século XIX e início do século XX, procurando identificar os *agentes sociais* do clero e os anticlericais e, ainda, as situações que geraram tensão e conflito. Avançando no período histórico, trataremos de identificar na cidade as diferentes crenças que tiveram espaço na mídia impressa local, à época, atestando a pluralidade de crenças na cidade.

Como os anticlericais eram, na ótica dos eclesiais da cidade, na sua grande maioria, maçons e protestantes, mais especificamente os metodistas, este assunto será tratado no terceiro capítulo. Os metodistas serão identificados através do jornal *O Testemunho*, publicado nos anos de 1904 a 1906; os anticlericais maçons através da revista *Reacção* e a reação católica às investidas dos anticlericais através do *Boletim Mensal da Diocese de Santa*

⁹⁹Cf. Um artigo foi elaborado com o intuito de registrar uma etapa inicial da pesquisa. BORIN, Marta Rosa. Santa Maria: de cidade descrente a centro de peregrinação. REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, Rio de Janeiro, 2000. In: Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), Rio de Janeiro: SBPH, 2001, p. 337-343.

Maria e do veículo de imprensa confessional *O Santamariense*.

No quarto capítulo, trabalharemos com a ideia de que, na cidade, a Igreja católica lutou com dificuldade pelo monopólio das crenças, dificultado pelo anticlericalismo local, através da educação, da conquista de territórios bem como com a construção de templos e escolas.

No quinto capítulo, procuraremos defender a tese de que a divulgação da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças na cidade foi uma estratégia, numa época em que a Igreja católica local buscava afirmar o catolicismo, não somente entre os fiéis como também junto ao Estado e a sociedade civil.

Acreditamos que, no caminho desta pesquisa, existiram muitas *portas* que levaram a (re) descobrir muitas questões antes não pensadas, não lidas, não ditas; muitas *janelas* que levaram a refletir, a pensar, a repensar e, por fim, a construir um novo ponto de vista da história, mediante a investigação científica. Mas, nesse percurso, quando as fontes não contemplaram informações suficientes, quando as coleções de arquivos estavam incompletas, quando faltaram informações, buscamos outras alternativas para construir novas *pontes* e responder às nossas perguntas.

2 O PROJETO DE RESTAURAÇÃO CATÓLICA CHEGA A SANTA MARIA

2. 1 Santa Maria nos *trilhos* da Restauração Católica

A historiografia sobre a Igreja católica no Rio Grande do Sul, século XIX, apresenta um clero descompromissado com os princípios e sacramentos cristãos, com uma reputação duvidosa e muitos, ainda, praticamente ignorantes em matéria de religião¹⁰⁰. Esta percepção de Hastenteufel (1993), em certa medida, cabe para dizer sobre o clero católico presente em Santa Maria, no final do século XIX.

Assim, neste capítulo, procuraremos analisar como foi sendo implementado o projeto de Restauração Católica nesta cidade ferroviária, cuja Capela pertencia à Matriz de Cachoeira do Sul até 1910, quando Santa Maria torna-se Diocese.

A criação da Diocese em Porto Alegre, em maio de 1848, aconteceu após as Visitas Pastorais do bispo e do próprio imperador que constataram a situação de ignorância religiosa e a precariedade dos templos, resultado da Revolução Farroupilha, a qual havia dividido politicamente o clero. Alguns deles militaram abertamente a favor da revolução, outros foram perseguidos pelos revolucionários e alguns ficaram alheios.

Quando foi proclamada a república Rio-Grandense, em Piratini, não somente o Estado ficou separado do restante do país como também a Igreja católica devido à nomeação, pelo Governo da República Farroupilha, em 1838, do padre farrapo Francisco Chagas Martins de Ávila e Souza, como Vigário Apostólico, o qual constituiu-se numa autoridade eclesiástica própria da nova República. Como este cargo não foi reconhecido pelo Papa, o Vigário Apostólico da República foi considerado um falso pastor. O clero republicano rio-grandense, que havia se submetido àquele prelado, teve que se retratar ao bispo com o término da revolução, pois a autoridade canônica do padre Chagas foi considerada nula, e isto significa que foram invalidados todos os sacramentos ministrados por ele e seus colaboradores, inclusive os casamentos¹⁰¹.

Em 1853, o padre Chagas se retratou ao bispo Dom Feliciano José Rodrigues Prates (1853-1858) por ter assumido, durante a revolução, um cargo sem missão e teve permissão para exercer os ofícios eclesiásticos, o mesmo acontecendo com outros sacerdotes que, ao se reconciliarem com a Igreja, juravam obediência à Sé católica.¹⁰²

¹⁰⁰ ISAIA, op.cit. 1998.

¹⁰¹ RUBERT, Ibid, Id; HASTENTEUFEL, Ibid. Id.

¹⁰² Ibid. Id,

Essa referência indica o perfil do episcopado à época, o qual deveria primar pela obediência ao Sumo Pontífice romano, o que não era unânime em todo o país como, por exemplo, no caso do padre Diogo Antônio Feijó.¹⁰³ Esse não será o período que iremos analisar em Santa Maria sobre o campo religioso católico. A referência a esse servirá apenas como subsídio para entender que a situação interna do clero católico no século XIX, muitas vezes, dava margem a críticas de seus opositores, estendendo-se até o século XX.

Além disso, a indiferença religiosa que vamos apontar neste estudo, pode estar ligada às dificuldades administrativo-eclesiais da época, como eram as da América Latina. Isso gerava uma situação calamitosa do clero e foi um dos motivos pelo qual, em Roma, no ano de 1899, foram discutidas algumas reformas no Concílio Plenário dos Bispos da América Latina, convocado pelo Papa Leão XIII. Esse Concílio teria resultado no processo de *romanização* da América Latina. Isso significava que a Igreja estaria mais centrada na formação do clero, na questão da devoção dos santos e nos sacramentos. O Projeto de Restauração Católica no Brasil, iniciado em 1840, teria sido implementado neste Concílio, um processo que visava garantir melhorias na formação do clero e na administração eclesiástica. À época, o clero vivia longe dos Bispos e isso dificultava a administração das paróquias.

Por iniciativa de autoridades eclesiásticas brasileiras, esta reforma católica no Brasil teria acontecido entre 1840 e 1920. A ideia era “restaurar” a Igreja no Brasil de acordo com o Concílio de Trento,¹⁰⁴ o que, à época, significava modernizar a Igreja luso-brasileira, muito

¹⁰³ O cisma religioso sul-rio-grandense associava-se à política do II Império, quando as tentativas de impedir a influência da Santa Sé nos assuntos eclesiásticos geraram atrito com a Câmara dos Deputados. Os temas religiosos dos quais se ocupava a Câmara diziam respeito à Reforma Religiosa, à abolição do celibato sacerdotal e à nomeação do novo bispo do Rio de Janeiro. Além de tentar acabar ou ao menos diminuir as Ordens Religiosas no Brasil, os deputados tentaram abolir o celibato sacerdotal, pois muitos padres não o viviam e a imoralidade de alguns influenciava a sociedade. A liberação do celibato era defendida pelo Pe. Diogo Antônio Feijó, deputado à época. Mas, como o deputado Arcebispo da Bahia, D. Romualdo de Seixas, defendeu que o assunto era de competência eclesiástica e não legislativa, o projeto foi arquivado, mesmo que tivesse tido o apoio do bispo de São Paulo. Essa questão tornava-se delicada podendo levar a um cisma na Igreja. Feijó, assumindo a Regência do Brasil, pressionou o Vaticano e, em 1836, as relações entre o Brasil e o Vaticano foram cortadas. Mas, como a Santa Sé “rege-se por princípios fixos e inalterados dos quais nunca se separa e por isso espera do tempo o que não pode alcançar dos homens”, em 1837, com a queda de Feijó, as relações com o Vaticano se restabeleceram e a diocese do Rio de Janeiro voltava a ter um titular. Cf. HASTENTEUFEL, Zeno Pe. A legislação eclesiástica em vigor, no Brasil império, ao tempo da Revolução Farroupilha. In: *Revista TEOCOMUNICAÇÃO*. Porto Alegre, PUC/RS, ano XV, n. 68, 1985/2, p. 5-12.

¹⁰⁴ O Concílio de Trento foi convocado pelo Papa Paulo III, na cidade de Trento, atual Itália, no Tirol, a fim de renovar a vida espiritual da Igreja e reprimir os abusos do clero. As determinações deste Concílio orientaram a Igreja Católica até meados do século XX. O Concílio durou de 1545 a 1563, quando os teólogos discutiram as doutrinas católicas à luz das críticas dos protestantes, daí o nome de Contra-Reforma. O Concílio de Trento condenou a doutrina protestante da justificação pela fé, pois, segundo Lutero o homem se salva somente pela fé, pois ele não relacionava a salvação com “boas obras”, ou seja, seria inútil o homem fazer “boas obras” para ser salvo como prega o catolicismo, atribuindo a elas indulgências. O Concílio proibiu a intervenção dos príncipes nos negócios eclesiásticos e a acumulação de benefícios, definiu o pecado original e declarou como texto bíblico autêntico a tradução dos Livros Sagrados feitos para o latim por São Jerônimo, no século V, denominada *Vulgata*. O Concílio manteve os sete sacramentos (batismo, Eucaristia, penitência, confirmação da ordem

embora o Concílio de Trento date de 1545-1563. Entre os Bispos que contribuíram de forma decisiva para a reforma da Igreja no Brasil destaca-se a figura de Dom Feliciano José Rodrigues Prates, primeiro Bispo de Porto Alegre (1853-1858), o qual pode ser considerado o organizador da Igreja no Rio Grande do Sul, pois instalou o bispado, criou novas paróquias, fixando seus limites, fundou cemitérios e preocupou-se com a formação do clero, nascido na Província, sob as determinações do concílio de Trento¹⁰⁵. Com esta reforma, centrada na formação do clero e na catequese do povo, a Igreja no Brasil foi se unindo mais a Roma.

No episcopado de Dom Feliciano, alguns casos de “imoralidade do clero foram registrados, mas foram casos isolados”.¹⁰⁶ No entanto, um dos objetivos da Restauração Católica, segundo Diehl (1997), era moralizar a vida dos clérigos, conduzindo-os à observância do celibato e às normas eclesíásticas com relação ao sacerdócio, como também substituir as crenças de cunho devocional, leigo e familiar do povo por expressões religiosas de caráter mais clerical, dando ênfase aos sacramentos e colocando a autoridade da hierarquia eclesíástica entre o povo e o Estado. Esse processo permitiu que a Igreja católica tivesse mais autonomia com relação ao Estado e ao poder civil, dando aos bispos e ao clero maior poder de decisão em assuntos religiosos, principalmente, após a proclamação da República, quando o Estado declara a laicização, acaba com o regime de Padroado e proclama a liberdade de culto.

No Rio Grande do Sul, a Restauração Católica, enquanto *renovação* da Igreja, segundo Rambo (In: Dreher, 1998, p. 159), começou com a nomeação, em 1860, do Bispo formado em Roma, Dom Sebastião Dias Laranjeira. Ele teria implementado esse projeto numa situação de Igreja problemática, com um clero “impregnado de um espírito laico incompatível com a proposta ultramontana”. Além de muitos padres não respeitarem o celibato, alguns atuavam em acordo com os chefes políticos locais e outros eram filiados à maçonaria.

Riolando Azzi (1994, p. 19) considera que a proclamação da República foi para, a Igreja um duro golpe, pois, “de acordo com a concepção tridentina, duas sociedades perfeitas encarregavam-se de governar os súditos brasileiros: o Estado ou poder político, no que dizia

sacerdotal, matrimônio e extrema-unção), o celibato clerical, a indissolubilidade do matrimônio, o culto dos santos e das relíquias, a doutrina do purgatório e as indulgências, sendo considerado criminoso o lucro proveniente da venda destas; recomendou a criação de escolas para a preparação dos que quisessem ingressar no clero, denominadas Seminários Diocesanos; instituiu o Catecismo da Doutrina Cristã e organizou uma relação de livros proibidos aos católicos, o Index, além de estabelecer a supremacia dos Papas. Cf. CHECHINATO, Pe. Luiz. *Os 20 séculos da caminhada da Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II*. Petrópolis /RJ: Vozes, 1996, p. 272-273.

¹⁰⁵ HASTENTEUFEL, Pe. Zeno. *Dom Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Acadêmica, 1987.

¹⁰⁶ HASTENTEUFEL, A Igreja no Rio Grande do Sul. In: *Revista TEOCOMUNICAÇÃO*. Porto Alegre, PUC/RS, v. 23, n. 101, 1993, p. 246-249.

respeito aos negócios temporais, e a Igreja ou poder eclesiástico nas questões espirituais”. Com a República, devido a sua orientação laica, “o governo excluía a hierarquia eclesiástica da participação no poder político da nação”.

Assim, a Igreja, pouco fortalecida, precisava aproximar-se mais do povo, pois nesse período a religiosidade popular, segundo Montenegro (1972, p. 136-148), “embora impotente na assimilação da ortodoxia católica, mantinha profundo respeito ao prelado, ao padre, e prendia-se a certas devoções”. No entanto, predominava a ignorância religiosa, as crendices populares e as superstições.

As tradicionais Festas do Divino Espírito Santo e de Santo Antão são exemplos de manifestação da religiosidade popular em Santa Maria desde o século XIX. Sobre esta última, a população atribuía ao monge eremita curas e milagres e, quando da passagem no século XIX de outro monge eremita pela região, de nome João Maria, passaram a confiar nas curas pela água milagrosa do Campestre de Santo Antão onde o monge passou algum tempo¹⁰⁷. No entanto, estudos científicos, promovidos à época, revelaram que aquela água não tinha nenhuma substância especial.¹⁰⁸

Este tipo de catolicismo na cidade estava sob a tutela do vigário que se fazia presente nas festas e procissões e procurava zelar pela observância dessas práticas do catolicismo. Estes ritos, em nível nacional, entretanto, não eram característicos das camadas superiores e intelectuais, os quais pertenciam ao catolicismo oficial¹⁰⁹.

Azzi (1977, p. 9-13) aponta para a existência de dois tipos de catolicismo que influenciaram a formação religiosa brasileira: o catolicismo tradicional e o catolicismo renovado. O catolicismo tradicional é o luso-brasileiro, leigo, medieval, social e familiar; e o catolicismo renovado é o romano, clerical, tridentino, individual, sacramentalista. Segundo o mesmo autor, esses dois tipos de catolicismo coexistiram pacificamente em algumas fases históricas e em outras chegaram até mesmo a ser conflitivos. Todavia, no período colonial brasileiro, como os bispos não tinham um papel marcante, predominou no Brasil o catolicismo tradicional, “marcado por Irmandades e Ordens Terceiras, Procissões e Romarias, Promessas e Ex-votos.”¹¹⁰ Isso quer dizer, os leigos tomavam a iniciativa de promover as

¹⁰⁷ Para saber mais sobre o monge João Maria ver FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: recusa dos excluídos*. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 1995.

¹⁰⁸ As descrições dessas festas podem ser encontradas no livro de memórias de João Daudt Filho. *Memórias*. Santa Maria: UFSM, 2003. Várias edições do jornal *Diário do Interior* dão conta de publicizar a popularidade da festa de Santo Antão na cidade.

¹⁰⁹ Cf. QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira de. Identidade nacional, religião, expressões culturais: criação religiosa no Brasil. In: SACHS, op.cit.

¹¹⁰ A preposição latina “ex” significa “a respeito”, “sobre”. A respeito de um voto. O voto, no contexto de promessa, quer dizer comprometimento voluntário feito a um santo, a alguma divindade. Este comprometimento

devoções e as festas religiosas, e o clero administrava os sacramentos e celebrava as missas. Já no período imperial, houve confronto entre os dois tipos de catolicismo, pois o “governo imperial, fundamentado no padroado, sustentava o catolicismo tradicional, enquanto o episcopado brasileiro, com o apoio da Santa Sé, defendia o catolicismo renovado”. No período republicano predominou “o catolicismo renovado, de inspiração romana, clerical e sacramentalista”, quando “o catolicismo popular passa a ocupar uma posição secundária” e o clero assume o controle dos cultos e das festas religiosas, cuidando também da construção e manutenção das Igrejas, ou seja, o clero se apropria do sagrado.

Assim, a preocupação do episcopado, a partir do século XIX, segundo Azzi (1977, p. 11-19), “é separar o sagrado do profano,¹¹¹ o religioso do festivo, o espiritual do social”, para eliminar as superstições e a ignorância religiosa que têm raízes no catolicismo luso-brasileiro. Devido à dificuldade de divisar o limite do sagrado e do profano, os bispos do Brasil, a partir do século XIX, tentaram definitivamente assumir os lugares de culto erigidos anteriormente pela devoção dos leigos, como por exemplo, as capelas e ermidas. Assumiram, também, o controle das procissões e romarias de caráter religioso com a finalidade de evitar abusos dos ritos profanos que caracterizavam irreverência religiosa.

Nesse sentido, o episcopado brasileiro, através das congregações religiosas vindas da Europa para o Brasil, principalmente a partir do século XIX, implementou, na sociedade brasileira, um catolicismo reformado orientado pela Cúria Romana. Esses novos institutos religiosos vão trazer novas devoções que também irão chegar a Santa Maria, onde se estabeleceu uma considerável leva de imigrantes alemães e italianos, a partir de meados do século XIX.

Essa iniciativa da Igreja pode ser justificada se considerarmos que o catolicismo do Brasil, até o século XIX, foi tido como um tanto frouxo, relaxado, talvez fosse melhor usarmos o sentido do termo “desleixo” empregado, por exemplo, por Holanda (1995, p. 110) quando ele se refere à despreocupação dos portugueses com relação às cidades que eles

indica que a pessoa que faz o “voto”, a promessa, é livre e ninguém pode prometer por ela. A necessidade, a precisão da graça é espiritual, mas o comprometimento da promessa é quase sempre, materializado em ex-voto: são esmolas, retratos, velas, peças de roupa, representação do corpo humano em cera e outros. O ex-voto é a materialização de um pedido espiritual, de uma promessa feita a algum santo. Cf. RIBEIRO, Zilda. Sala das promessas, parte integrante do Santuário Nacional. *Revista Aparecida*, ano 5, n. 58, jan. 2007, p. 6 e 7.

¹¹¹ Profano significa literalmente “fora do templo” e, assim, tendo que ver com este mundo. Ao falar de profano está se falando de um homem arreligioso e não sacrílego, um homem que vê o mundo “não em termos de algum outro mundo, mas em termos deste próprio. O homem profano é simplesmente um homem *deste* mundo”. Cf. COX, Harvey. *A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 74. No entanto, para a maçonaria, o *profano* é o não maçom, os não-iniciados em seus mistérios. Cf. FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. São Paulo: Pensamento, Edição ampliada, s/ d, p. 365.

construíram na América. O sentido desse termo é de abandono, tanto por parte do clero como por parte dos fiéis de onde podemos entender porque os bispos reformadores, a partir do período do Segundo Reinado (1840-1889), empenharam-se no processo de implementação da Restauração Católica no Brasil.

No período imperial, de 1878 até a Proclamação da República, predominava no Rio Grande do Sul uma economia agropecuarista e os políticos regionais barganhavam com o poder central favores para a Província através do líder do Partido Liberal Gaspar Silveira Martins; mas o liberal não conseguiu resolver os problemas econômicos do Rio Grande do Sul. Na República Velha,¹¹² o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) vai realizar a modernização econômica que exigiam os gaúchos.

No Rio Grande do Sul, o ideário positivista de República serviu aos interesses de seus defensores, como o republicano Júlio de Castilhos,¹¹³ em cujo governo elaborou a Constituição estadual de 14 de julho de 1891, quando moldou a sociedade gaúcha com base nos fundamentos da política Positivista¹¹⁴. O PRR governou o Rio Grande do Sul de 1892 a 1930 sem interrupção, sendo que o partido em nível local utilizava-se dos coronéis para

¹¹²No período de 1892 a 1930, o Rio Grande do Sul foi governado pelo PRR (Partido Republicano Rio-grandense) e segundo a Constituição de 14 de julho de 1891 “a autoridade legal do governo equivalia à ditadura”. Entre a queda do Império e a segunda posse de Júlio de Castilhos, em janeiro de 1893, o governo estadual mudou de mãos 18 vezes. Republicanos e Federalistas (maragatos) se enfrentaram numa guerra civil de 1893-1895. Gaspar Silveira Martins, voltando do exílio, funda o Partido Federalista Brasileiro (PFB), em 1892, mas é derrotado pelos republicanos de Júlio de Castilhos. Em nível federal, governava Floriano Peixoto. O sucessor de Júlio de Castilhos, que faleceu em 1903, também positivista, foi Borges de Medeiros, que assumiu a presidência do Estado em 1898, ficando no poder até 1906. Nas eleições de 1907, é eleito Carlos Barbosa, do PRR, que governou até 1912. Em 1913 Borges de Medeiros retorna ao poder. Cf. LOVE, Joseph, WIRTH, John e LEVINE, Robert. O poder dos Estados: análise regional. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano. Estrutura de poder e economia (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, Tomo III, v. 8, p. 99-122.

¹¹³ Julio de Castilho era bacharel em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas de São Paulo. Governou o Rio Grande do Sul de 1891 a 1897.

¹¹⁴ O positivismo é a escola filosófica nascida das ideias do pensador francês Augusto Comte (1798-1857). Ele, além de defender a forma de governo republicano conduzido por homens esclarecidos, combateu o espírito religioso e acabou criando a “religião da humanidade”, um culto não-teísta, no qual Deus seria substituído por uma humanidade racional e evoluída. A religião positiva substituiu o Deus da religião revelada à humanidade, objeto de estudo da sociologia, cunhada a partir do positivismo. Entre os positivistas havia divergências “quanto à maneira de tornar a República um governo”, ou seja, havia positivistas ortodoxos que não aceitavam o parlamentarismo e queriam a imediata separação da Igreja do Estado e adotavam a ideia de uma ditadura republicana; um ditador vitalício que poderia escolher o seu sucessor, e os heterodoxos, que aceitavam o parlamentarismo e defendiam a ideia de que seria necessário aguardar o momento certo para intervir nas relações entre Estado e Igreja, era o que chamaram de “oportunismo”. O positivismo cresceu no plano político sul rio-grandense com Benjamin Constant, Demétrio Ribeiro, Júlio de Castilhos, João Pinheiro, Borges de Medeiros, entre outros. Cf. PINTO, Celi Regina Jardim. *O positivismo: um projeto político alternativo*. Porto Alegre: LP&M, 1986; BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Augusto Comte. In: DACANAL, J. H e GONZAGA, Sérgio (Orgs). *RS: cultura e ideologia*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980; LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975. PEZAT, Paulo. *O Positivismo na recente abordagem da historiografia gaúcha*. Anos 90 (UFRGS), V. 13, 2006, p 255-285; CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 20 e 21.

mobilizar o voto em seus distritos, com o emprego da violência e da fraude, se fosse necessário.

Júlio de Castilhos adotou, na administração pública, o sistema Comteano onde predominava o poder Executivo que propunha, dentre outras coisas, o progresso social. “Conservar melhorando’ tornou-se sua divisa”.¹¹⁵

Quando a Igreja foi separada do Estado, em 1890,¹¹⁶ após a Proclamação da República, vai procurar se adaptar aos novos desafios político-administrativos que se lhe apresentam. Com o reconhecimento da liberdade de culto e o direito de posse de bens a todas as religiões, o clero católico foi sustentado pelo Estado por apenas mais um ano. Logo as autoridades nacionais e estaduais foram proibidas de subvencionar qualquer religião. Contrariando as crenças do Império, a Constituição Republicana de 1891 não foi declarada em nome de Deus, deixando claro o caráter laico do novo regime. Os membros de ordens religiosas e congregações foram privados dos direitos políticos; somente os casamentos civis e não os religiosos eram reconhecidos pelo Estado; os cemitérios foram secularizados e entregues à administração municipal e a educação foi laicizada, sendo a religião eliminada do currículo das escolas e o governo ficou proibido de subvencionar escolas religiosas. Isso significou que a Igreja adquiria independência e tinha que se manter sozinha, podendo a Santa Sé nomear os bispos para o Brasil.¹¹⁷

Do ponto de vista espiritual, entretanto, a situação da Igreja católica, após a implantação da República, era considerada grave, pois “o episcopado e os pensadores católicos durante este período” sustentavam a tese de ilegitimidade da República devido a sua orientação laica. Referir-se a um Estado leigo equivalia a dizer um Estado “ímpio e ateu” e, portanto, sem os valores que permitiriam ser reconhecido pelos cristãos. Essas ideias foram expressas pelos prelados na Pastoral Coletiva de 1900.¹¹⁸

¹¹⁵ LOVE, Joseph, WIRTH, John e LEVINE, Robert. O poder dos Estados: análise regional. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano. Estrutura de poder e economia (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, Tomo III, v. 8, p. 110; Kuhn, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*, 2. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004, p. 112. PICCOLO, Helga I. L. *Vida política no século XIX*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

¹¹⁶ Podemos encontrar publicado parte do decreto governamental de 07/01/1890 que separa a Igreja do Estado e a resposta do episcopado a essa questão, através da Carta Pastoral de 19/03/1890, na obra de Arthur Rabuske, “Os inícios da República brasileira e a Igreja Católica” publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1990, p. 117-128.

¹¹⁷ Com a permissão do Estado, o Papa Leão XIII criou a nunciatura e o cardinalato brasileiro. Em 1889 havia apenas 11 dioceses e uma arquidiocese no Brasil, sendo que em 1893 o mesmo Papa criou outra Província eclesiástica e mais quatro novas dioceses. Já em 1900 havia 17 dioceses, em 1910 havia 30, em 1920, 58 e, por volta de 1964, o número de divisões eclesiásticas era de 178. Cf. BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974, p. 64-69.

¹¹⁸ Cf. AZZI, Riolando. AZZI, Riolando. *O estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 19-20.

Os republicanos, por defenderem a tese da laicidade do Estado, eram considerados pelos clericais como “ímpios e ateístas”. Para os bispos, a laicidade ou a secularização era sinônimo de ateísmo e, por isso, negavam a legitimidade do governo republicano, alegando que o novo regime não correspondia à vontade do povo brasileiro que havia sido moldado nos princípios católicos. A separação entre Estado e Igreja tirava da religião católica romana a exclusividade da *Verdade Revelada*, colocando-a em concorrência com outras religiões e isso vai se refletir também na questão da educação.¹¹⁹

Já a maçonaria, que estava presente no Rio Grande do Sul, à época, era insipiente, porque esteve condicionada a interesses particulares dos indivíduos ou grupos atuantes¹²⁰. No entanto, Colussi (2003) entende que o papel da maçonaria brasileira na política foi descrito na historiografia maçônica, e antimaçônica de forma apologética, o que serviu para reforçar a ideia da sua importância. Segundo ela, as ideias de maquinação e complô das sociedades secretas visando à obtenção do poder político e a destruição da Igreja ainda persistem no senso comum.

De acordo com Colussi (2003, p. 377-405), no final do Império, a romanização tornou conflituoso o relacionamento entre a maçonaria e a Igreja católica. Com Dom Feliciano José Rodrigues Prates (1853-1858)¹²¹, o confronto entre o maçonismo e o liberalismo não foi explícito. Ele tratou mais da formação do clero com a abertura de um pequeno Seminário no seu próprio Palácio Episcopal. Já no episcopado de Dom Sebastião Dias Laranjeira (1860-1888), a maçonaria se transformou em protagonista de importantes episódios da vida social gaúcha e declara-se abertamente anticlerical. E na gestão de Dom Cláudio José Ponce de Leão (1890-1912), a situação entre a Igreja católica e a maçonaria passa a ser conflitante. No entanto, foi neste episcopado que teve início a afirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul, que foi concomitante à consolidação do PRR.

Por outro lado, o conflito entre católicos e protestantes estava também na forma de interpretação do Evangelho, pois a novidade no Evangelho, Jesus Cristo, era a mesma para ambos. Ele deveria ter sido a interseção entre os cristãos, o positivo. Mas o conflito que se observou, por exemplo, na cidade de Santa Maria, revela que os agentes sociais, tanto

¹¹⁹ Cf. AZZI, Riolando. *O Altar unido ao trono: um projeto conservador*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 91 e AZZI, Riolando. *O estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 23.

¹²⁰ COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: editora UPF, 3. ed., 2003, 177 e 178.

¹²¹ A nova fase do catolicismo no Rio Grande do Sul se inaugurou em 1848 com a criação da Diocese de Porto Alegre. HASTENTEUFEL, Pe. Zeno. *Dom Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Acadêmica, 1987.

católicos como protestantes, do ponto de vista religioso, representavam *a ortodoxia*, cada qual lutando pelo reconhecimento do seu espaço na sociedade, prevalecendo a intolerância.

Para analisarmos historicamente o tema, apresentaremos alguns aspectos da situação do clero em Santa Maria, do final do século XIX até primeira metade do século XX, para possibilitar a compreensão do fato da cidade ter-se tornado palco de conflito pela territorialidade entre católicos, protestantes e anticlericais, resultado da secularização.

A secularização é entendida como “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”. No que diz respeito à situação das Igrejas cristãs, a secularização manifesta-se na retirada dessas de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência, como a expropriação das terras da Igreja, a emancipação da educação do poder eclesiástico, a separação da Igreja do Estado. Sendo a secularização “mais que um processo sócio-estrutural, ela afeta também a vida cultural e a consciência. Isso significa dizer que um número crescente de indivíduos passa a encarar o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas”.¹²² Com essa definição, interpretaremos os discursos e práticas sociais produzidos no campo religioso-político-cultural de Santa Maria, a partir do final do século XIX, por católicos, protestantes e maçons, posto que, afirmar que as relações entre eles foram pacíficas, em Santa Maria, seria furtar-se ao reconhecimento do conflito e das contingências comuns ao espaço da cidade. Isso significaria a negação factual da história local¹²³ e a negação de valores amplamente difundidos que contribuíram para determinar a ordem social, como as crenças.

No campo religioso católico do século XIX, predominava ainda a religiosidade popular com muitos devotos em torno, principalmente das festas e foguetórios, mesmo que os ares da modernidade, advindos com a proclamação da República, conduzissem à secularização. Essa, como um fenômeno global das sociedades modernas, atingiu grupos da população de forma diferente, seu impacto foi maior entre as classes diretamente vinculadas à produção industrial (classe trabalhadora), entre protestantes e judeus, do que entre católicos, mas isso

¹²² Cf. BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 119-120.

¹²³ Entende-se a cidade como um espaço político-administrativo com características vividas historicamente imbricadas de valores, nesse caso, as crenças. O *local*, micro-região contém os sentidos das relações sociais que vamos privilegiar, indica movimento e interação de grupos que se articulam e se opõem em relação a determinados interesses. Assim, pode-se falar de uma região cujas fronteiras não coincidem com as fronteiras políticas definidas, mas como, nesse caso, a *fronteira da devoção, das ideias*. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História. Cidades*. São Paulo: ANPUH, v. 27, n. 53, jan.- jun., 2007, p. 11-23; PECHMAN, Robert Moses. A cidade dilacerada. In: SOUZA, Célia Ferz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1997. p. 205-219; WEIMER, Günter. A imagem da cidade e o poder. In: SOUZA, Célia Ferz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1997, p. 223-235.

difere de um país para outro.¹²⁴

Segundo Parker (1996), com a prática republicana da secularização não se apaga o aspecto religioso, o que ocorre é a quebra do monopólio do cristianismo e a introdução de outras opções religiosas. Em Santa Maria, esse processo de secularização não foi diferente, aconteceu de forma conflituosa e tensa.

Em outras palavras, segundo Berger (1985, p. 56-63 e 139), com a secularização as *legitimações religiosas do mundo*¹²⁵ perderam sua plausibilidade para uma grande massa da sociedade. A “crise de credibilidade da religião” é o efeito mais evidente da secularização para o homem comum. A secularização servirá, portanto, para pensar o conflito entre os anticlericais e a Igreja católica, e vice-versa, no Rio Grande do Sul, bem como o enraizamento de uma devoção mariana no Estado, no século XX.

No Rio Grande do Sul, a imigração europeia, desde meados do século XIX, propiciou a afluência de ordens religiosas estrangeiras e o interior do Estado gaúcho vai ter uma significativa importância para o Projeto de Restauração Católica. Uma destas localidades é a cidade de Santa Maria, onde o anticlericalismo não impediu que ela se tornasse um centro de peregrinação de devotos marianos devido às ações do clero. Nesse sentido, o objetivo deste capítulo, com relação à cidade de Santa Maria, é compreender como a Igreja, representada pelo vigário, organizou-se no território para manter sua autoridade e eliminar os entraves ao seu movimento representado pelo anticlericalismo.

É importante destacar que, com a Restauração Católica, dentro da divisão político-administrativa da Igreja, as Paróquias começavam a ter mais importância¹²⁶ já que são uma divisão eclesiástica da Diocese da qual dependem. Na zona urbana, a Paróquia era controlada pelo vigário que administrava e procurava controlar a disciplina e a moral dos fiéis. Sua autoridade advinha, em grande parte, de sua formação diferenciada e de seu reconhecimento pelas autoridades civis¹²⁷, no caso em estudo, mais notadamente no século XX.

A cidade de Santa Maria teve criada sua primeira Paróquia em novembro de 1837.

¹²⁴ Cf. BERGER, op. cit., p. 120.

¹²⁵ A religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. Ela representa o ponto máximo da auto-externalização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. A religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo. Cf. BERGER, Ibid. Id.

¹²⁶ A paróquia abrange grupos de indivíduos que se identificam pelo culto religioso e está geograficamente organizada para os fiéis que vivem na circunscrição daquele território delimitado pela Igreja. A diocese, que abrange as paróquias de determinados territórios eclesiásticos, pode ser vista como um mosaico de territórios com suas devoções populares, onde a Igreja é “o lugar de culto e recolhimento, sendo verdadeiramente o símbolo do sagrado e de sua permanência”. Cf. ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. *Religião identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

¹²⁷ Cf. ROSENDAHL, Ibid. p. 11.

Naquela época predominava no Brasil o regime de Padroado, ou seja, a Igreja era dependente do Estado. Alguns anos depois, a Paróquia criada foi filiada à Igreja Matriz de Cachoeira do Sul e, somente em 1910, quando foi organizada administrativamente a divisão eclesiástica do Rio Grande do Sul, foi criada a Diocese de Santa Maria. Conforme as normas do Concílio de Trento, numa Diocese deveriam ficar submetidos ao pároco os fiéis, as confrarias e os outros clérigos.¹²⁸

Antes dessa organização, a situação do clero da Diocese de Santa Maria era conflituosa. Um registro do Livro Tombo de 1861, da atual Catedral Diocesana de Santa Maria, exemplifica o que dizemos e revela a urgência da mudança no comportamento do clero local. O texto do livro destaca normas que deviam ser observadas pelo vigário devido “aos abusos introduzidos nesta diocese em oposição aos sagrados cânones”.¹²⁹ Nesse período, segundo Rubert (1957, p. 39-40), a diocese estava sob a responsabilidade do padre Antônio Gomes Coelho do Vale (1853-1865), apresentado pelo Imperador Dom Pedro II como primeiro Pároco Colado de Santa Maria, confirmado pelo bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira.

A situação desconfortável do clero local chegou aos ouvidos do bispo sucessor, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de León (1890-1912), terceiro bispo do Rio Grande do Sul, pois quando chegou à cidade, em visita pastoral, recebeu denúncias sobre a vida irregular do vigário italiano padre Aquiles Parrella Catalano (1887-1895).¹³⁰ O bispo censurou-o publicamente na festa do Campestre,¹³¹ sendo desacatado e até ameaçado de morte por simpatizantes do padre.

Consta na obra de um historiador local, Romeu Beltrão (1979, p. 394-402), que o padre Catalano, numa noite de Natal, foi encontrado na casa da amante onde os fiéis tiveram que buscá-lo para celebrar a “Missa do Galo”. O padre Catalano continuou com a vida irregular em São Martinho para onde fora transferido. De lá, em 1894, foi transferido por Dom Cláudio para Cruz Alta, onde veio a falecer em 1903. A paróquia de São Martinho passou a ser administrada pelo padre de Santa Maria. Com o afastamento do padre Catalano da paróquia de Santa Maria, assume, em 1895, outro sacerdote, o padre Carlos Becker que, segundo Rubert (1957, p. 40), teve comportamento exemplar.

Encontramos algumas referências a essa questão no relatório da pesquisa realizada

¹²⁸ Em 1802, o Pe. Ambrósio José de Freitas, proprietário do Rincão de Santa Maria, doou o terreno para a capela e povoação do núcleo inicial de Santa Maria. Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 1, 1837-1860, APNSC, Santa Maria.

¹²⁹ Livro Tombo, Catedral Diocesana, Santa Maria, n. 2, 1837-1860, p. 9, APNSC, Santa Maria.

¹³⁰ Oriundo do sul da Itália, mas naturalizado brasileiro. De temperamento paradoxal, ora zeloso ora arrastado por paixões. Cf. RUBERT. op.cit., 1957, p. 40.

¹³¹ A época referir-se ao “campestre” significava falar no Campestre de Santo Antônio ou no Bairro Menino Deus, em Santa Maria.

pelo palotino, padre Carlos Probst (1989), membro da Província São Paulo Apóstolo. Ele fez um levantamento histórico sobre os trabalhos realizados pelos padres da Província Eclesiástica, de 1886 a 1929, no Rio Grande do Sul.¹³² Nesse estudo, o sacerdote palotino registra a história das Igrejas e capelas católicas fundadas no interior do Rio Grande do Sul pelos padres palotinos, destacando que a população da região da Quarta Colônia de Imigração Italiana, por exemplo, foi muito mais persistente na sua religiosidade do que os moradores de Santa Maria, pois os imigrantes italianos daquela região preocupavam-se em promover a vinda de “bons sacerdotes” que falassem no seu idioma, o italiano, ao contrário do que aconteceu em Santa Maria.

Essa situação de desleixo talvez possa ser explicada a partir das considerações de Bruneau (1974, p. 52-56), quando ele lembra que a legislação do Império, de 1827 a 1889, revela o quanto a Igreja estava atrelada ao Estado. Os bispos estavam proibidos de deixar suas dioceses sem a permissão do governo sob pena de sua sede episcopal ser declarada vacante. Eles eram considerados como funcionários das Províncias, as visitas pastorais dos bispos não eram frequentes devido às longas distâncias, o que dificultava o controle dos seus subordinados, os párocos. Com relação às ordens religiosas, o Império tentou aumentar o controle sobre elas ou eliminá-las, pois tendo todas elas seus centros no exterior, traziam novas ideias. A partir de 1827, foram publicadas leis e normas que restringiam, limitavam ou diminuía a independência das ordens religiosas no Brasil. Algumas foram abolidas, outras reformadas e outras ainda foram proibidas de receber noviços. Assim, a Igreja teve que se apoiar somente no clero secular, considerado mais político do que sacerdotal, relaxado na disciplina clerical e pouco preocupado com a Santa Sé, diminuindo, conseqüentemente, a confiabilidade na Igreja durante o Império.¹³³

Sobre a situação religiosa de Santa Maria, o padre Probst (1989) destaca um relatório redigido pelo padre Aquiles Catalano para mandar à cúria diocesana, em 1888, relatando a situação da Igreja matriz de Santa Maria. Segundo ele, essa estava abandonada, em perigo de desmoronar, acrescentando que era uma vergonha os católicos terem permitido que a Igreja fosse vendida em leilão e que o material de demolição servisse para erigir um teatro.

¹³² O relatório da pesquisa do Pe. Probst foi escrito entre 1938 e 1939, quando ele voltou à Alemanha. Todavia, o próprio sacerdote, no prólogo da tradução que ele fez para o português, esclarece que “os superiores da Província daquela época consideraram o trabalho impróprio para publicação motivados pela apresentação realista dos acontecimentos, a qual poderia desgostar uma e outra testemunha ainda viva dos fatos descritos”. O manuscrito foi assim guardado no arquivo da Província na Alemanha até que em 1988, o superior da Província de São Paulo Apóstolo, Pe. Francisco Pio Dantas, encontrou uma cópia do original no arquivo da Província em São Paulo e pediu ao Pe. Probst que o traduzisse para o português, o que foi concluído em 1989, mas não foi publicado como livro. Cf. PROBST, Carlos. *História da Província Americana da Pia Sociedade das Missões* (PSM – Palotinos), Londrina, 1989.

¹³³ Cf. BRUNEAU, op.cit., p.52-56.

Na dissertação de Karsburg (2007, p. 33-59), ao analisar as correspondências entre a Câmara de Vereadores e o episcopado, é apontada a longa discussão político-clerical sobre a questão que somente foi resolvida com a compreensão do padre Aquiles Catalano que com a concordância do Bispo, colocou parte do material em leilão, arrematado pelo farmacêutico João Daudt Filho que o empregou na construção do primeiro teatro da cidade: o 13 de Maio. Esse procedimento foi condenado pelo Bispo, pois o material da Igreja não deveria ser destinado a causas profanas, considerando também que naquele local ainda existiam restos mortais de um sacerdote falecido. Para esse autor “este fato criou a impressão de hostilidade à Igreja e ao catolicismo”.

Até 1888, os fiéis da Igreja católica romana reuniam-se numa construção precária e, de acordo com um dos únicos desenhos que retratam a matriz da época, mantida por escoras. Karsburg (2007) sugere que, na ótica dos liberais e homens de visão da época, essa situação foi interpretada como um caso de desleixo em dissonância ao progresso da cidade. A velha Igreja matriz católica estava localizada num ponto nevrálgico da cidade, em frente à praça central e próxima a estabelecimentos comerciais. Se a Igreja permanecesse como estava, além de representar um perigo aos frequentadores, não contribuiria em nada para o desenvolvimento urbano. Os primeiros comerciantes da cidade eram, na sua grande maioria de origem germânica, sendo que alguns eram católicos, outros anticlericais, mas, sobretudo, protestantes. O novo templo levou sete anos para ser construído¹³⁴.

Sobre o material de demolição da matriz católica, Schilling (2005, p. 51-70),¹³⁵ ao fazer um apanhado das peças teatrais exibidas em Santa Maria desde 1880, comenta, ironicamente que, “para aqueles depreciadores das artes cênicas, o Teatro 13 de maio, ‘templo da arte’, havia se transformado em ‘mensageiros da fé, da esperança e da caridade’ do qual Jesus não precisava expulsar os vendilhões de pombas’, pois também oferecia o divertimento às crianças carentes”. No teatro, a arte “seria cultuada como arma bifronte que o é, do bem e do mal”. Com essa expressão do autor, poderíamos inferir que os anticlericais da cidade combatiam a Igreja também através da arte, pois, na ótica desses agentes sociais, os prelados católicos não estavam isentos do mal.

¹³⁴ A diocese de Santa Maria foi criada em 1910 e só então a matriz passou a ser Catedral, isto é, a Igreja que tem a cátedra, ou seja, a cadeira sede do Bispo.

¹³⁵ Getúlio Schilling nasceu em Santa Maria, em 1896. Foi um dos primeiros datilógrafos da cidade. Autor de romances, contos, textos regionais e biografias. A obra citada dedica especial atenção ao legado literário do autor sobre a história da fotografia e a chegada desta ao Rio Grande do Sul e a cidade e sobre o Teatro em Santa Maria. Faleceu em Santa Maria em 1959. SANTOS, Gilda May Cardoso; SANTOS, Therezinha de Jesus Pires, MARCHIORI, e NOAL FILHO, op.cit.

No entanto, nessa mesma publicação, uma nota explicativa de Brenner (2005, p. 51-52) ameniza a contenda que se estabelecia entre a Igreja católica e os anticlericais: “os tijolos da pequena Igreja teriam servido para construir apenas um pouco mais do que as espessas paredes do subsolo do teatro, cujo volume ultrapassava 60m².”

Nas conclusões da pesquisa, Karsburg (2007) afirma que os administradores públicos de Santa Maria, da década de 1880, pretendiam deixar a cidade “com aspecto de cartão-postal.” Esse fato, se por um lado é positivo e válido, por outro, estabeleceu *o conflito* entre a Igreja católica e políticos locais. Os vereadores, quando propuseram demolir a Igreja matriz, não estavam pensando em “prejudicar esta ou aquela religião”, mas, como sugere Karsburg, buscando acima de tudo “inserir Santa Maria no progresso” e organizar o centro da cidade. Para isso tiveram o apoio dos anticlericais que duvidavam que a Igreja católica conseguisse construir um novo templo. Pensamos que, para os anticlericais, as duas ações se complementavam.

Nem o bispo e nem o vigário reconheciam, porém, o estado precário e ruinoso da velha matriz, dificultando a iniciativa dos vereadores por quase vinte anos. Nesse período, o agravamento das relações entre os agentes sociais da Igreja e Câmara de Vereadores se deu, inicialmente, com a “provável” insubordinação do padre José Marcelino Bittencourt que autorizou a demolição do templo sem a aprovação oficial do bispo Laranjeiras. Com essa decisão, o padre estava tentado resolver uma questão religiosa que se tornara também política na cidade, pois, pela lei canônica, não era lícito a demolição de templos católicos sem a autorização do bispo nem tampouco destinar o material a causas profanas. Foi somente com a vinda do padre Pagliuca, em 1900, que houve acordo entre os poderes religiosos e civis da cidade para a realização da demolição e leilão do material da velha Igreja.

Analisando os ditos acontecimentos, consideramo-los o início do processo de dessacralização ou secularização da cidade, tendo-se em vista que a secularização pode ser entendida como uma intenção política dos anticlericais no sentido de desdenhar sobre os princípios católicos e com isso, lograrem o seu reconhecimento na sociedade, pois, partindo de Rosendahl (2001, p. 20), a secularização ou dessacralização pode ser uma “ação política com a finalidade última de reduzir a influência das instituições eclesiais em todos os setores da vida social”.¹³⁶ Neste caso, a construção de um novo templo católico em Santa

¹³⁶ A partir de DaMatta, Rosendahl infere que a secularização refere-se a uma nova forma de compreensão do social fundamentada por ideologias ou visões de mundo produzidas por outras esferas ou instituições, como o Estado, a ciência, o mercado, os meios de comunicação de massa que passam a ser reconhecidos como sagrados devido à liberdade do homem “frente à religião social e à submissão à religião civil”, uma vez que a autoridade moral da sociedade lhe permite legitimar ideias e comportamentos do grupo social. ROSEND AHL, Zeny.

Maria era um desafio para o clero. Aliado a isso, a postura de alguns sacerdotes não coadunava com o projeto de *romanização*.

Além desse fato, o relatório do padre Catalano, registrado na dissertação do padre Probst (1989, p. 52), diz ainda que, “devido aos maus princípios implantados no povo, irmandades como as do Santíssimo Sacramento e do Rosário há tempo não funcionavam”. Além disso, o autor ainda acrescenta que, na cidade havia muitos homens que viviam em concubinato e havia uma “boa dose de indiferentismo que deveria ser enfrentado pela catequese e pregação, pois os pais e professores caçoam do fanatismo ridículo ensinado às crianças e alunos”, pelos religiosos e leigos católicos. O padre Aquiles Catalano procurou desculpar-se sobre a precária situação da Igreja na localidade dizendo que a cidade contava com muitas almas para apenas um sacerdote. Estamos falando do final do século XIX.

As publicações dos padres Rubert (1957) e Probst (1989) remetem-nos a um descontentamento da Igreja com aquele sacerdote, já que o padre Probst (1989, p. 53) não poupou críticas ao padre Catalano quando relatou que ele “não rezava a missa diária, desaconselhava a recepção dos sacramentos” e sabia que a população tinha conhecimento de sua vida “indigna de sacerdote”. Há aqui, então um julgamento de conduta daquele sacerdote pelos seus pares.

Na obra de Bonfada (1991, p. 102), pode ser encontrado o relatório do padre Pagliuca, de 1907, que resume os acontecimentos locais desde 1814 e corrobora com as afirmações do padre Probst em relação à conduta do padre Catalano. Em tal relatório, redigido para o bispo coadjutor de São Pedro do Rio Grande do Sul, Dom João Antônio Pimenta, padre Pagliuca afirma que o padre Catalano não havia feito nada pela Igreja católica local, é “desleixado em relação às suas obrigações de vigário, principalmente na questão de ministrar os sacramentos, deixando inclusive de rezar a missa ao domingos”¹³⁷, além de referir-se ao cônego José Marcelino Bittencourt como um “mau vigário” por ter-se envolvido em política, sendo desacatado e agredido pela população¹³⁸.

É importante observar que esses registros desnudam aspectos críticos da Igreja católica naquele momento que deveriam ter sido enfrentados para serem resolvidos. É preciso considerar também que o registro do padre Pagliuca é feito após a implantação da Restauração Católica no Rio Grande do Sul, o que significa que, após 1890, a vida sacerdotal considerada desregrada é literalmente condenada por alguns sacerdotes em seus registros, pois

Espaço, política e religião. In. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) *Religião identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

¹³⁷ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, (1889-1914), p. 86, 1895. APNSC, Santa Maria.

¹³⁸ O padre Rubert não concorda com esta afirmação. Cf. RUBERT, op.cit., 1957, p. 40.

passou a haver mais rigor pela observância dos dogmas e da postura dos sacerdotes em Santa Maria. No entanto, através da bibliografia eclesiástica consultada, podemos perceber que, de 1814 a 1901, dos nove padres que estiveram como curas e párocos em Santa Maria, dois são citados como desobedientes aos cânones cristãos: o padre Bittencourt e o padre Catalano. E a situação encontrada por Dom Cláudio ao assumir o episcopado em Porto Alegre, em 1890, foi de desolação. Segundo Costa (In: Dreher 1998, p. 176), dos 100 padres que estavam sob a responsabilidade de Dom Cláudio 90 mereciam suspensão.

Assim, percebe-se que a tese de que a Igreja católica sul rio-grandense, naquela época, não gozava de muito prestígio nesta cidade não pode ser maximizada a partir da vida desregrada de alguns sacerdotes, pois em 87 anos somente dois sacerdotes incorreram em faltas graves à luz da Igreja. O tempo que esses dois sacerdotes ficaram à frente da paróquia gira em torno de 10% do tempo total analisado. Essa situação nos leva a crer que talvez pudéssemos falar aqui da existência de dois tipos de discursos na cidade de Santa Maria: o ligado à Igreja romanizada, que se delineia com a vinda dos padres palotinos, pautado pela ortodoxia, e o da Igreja anterior à Restauração Católica, onde aparecem sacerdotes despreocupados com o rigorismo do catolicismo romano. Os dois padres estão situados, ao nosso ver, nesse momento de transição.

A situação delicada da Igreja católica no Brasil após a implantação da República, como estamos apontando, encontra respostas na Carta Apostólica do Papa Leão XIII, de 1898, *Cum diuturnum*, a qual foi dirigida ao Brasil pela *Pastoral Coletiva* dos bispos da América Latina. Nessa Carta, ficava explícito que os sacerdotes estrangeiros, entre outros aspectos, seriam “submetidos a exame de moral, dogma e de língua portuguesa”, devido aos abusos que haviam acontecido antes da implementação do Projeto de Restauração Católica no Brasil. Essa questão, no Rio Grande do Sul, foi monitorada pelos religiosos jesuítas que viajavam pelas colônias a fim de tomar conhecimento dos acontecimentos relativos à conduta moral e dignidade do clero estrangeiro informando ao bispo, posteriormente, a fim de corrigir os erros cometidos pelos eclesiásticos (Costa In: Dreher, 1998, p. 173 e 174).

Examinando a questão local, verificamos que a Igreja católica em Santa Maria vai encontrar no Bispo Dom Cláudio Ponce de León o respaldo para reverter o quadro de influência do clero católico na cidade, pois, segundo Isaia (1998, p. 44), esse clero despreparado teve em Dom Cláudio um líder que procurou formar sacerdotes dentro dos parâmetros reformistas a fim de mudar o quadro de decadência apresentado pelo catolicismo

no Rio Grande do Sul no decorrer do século XIX.¹³⁹

Mas a situação crítica da Igreja católica na cidade tinha outros entraves que não só a má conduta ou postura de alguns padres, mas, principalmente, as manifestações anticlericais, fazendo-se necessário o envio de lideranças religiosas realmente compromissadas com a espiritualidade reformista, tendo-se em vista que, no final do século XIX, a cidade já contava com homens letrados, considerados de espírito liberal, entre os quais encontravam-se alguns protestantes e outros ligados a sociedades secretas.

Nesse sentido, a secularização fez emergir outro aspecto considerado problemático pelo clero na cidade de Santa Maria nesse período: o maçonismo. Segundo Colussi (1998, p. 376), no século XIX, no Rio Grande do Sul, os maçons se utilizavam da “imoralidade de sacerdotes católicos para desmoralizar o clero e a Igreja católica”.

Para agravar tal situação da Igreja católica na cidade de Santa Maria, padre Probst (1989, p. 53) constata que, no final do século XIX, seus concorrentes “proclamavam através de alto-falantes, sermões sobre humanismo que ficavam a cargo da maçonaria e que em lugar das associações religiosas, havia três lojas maçônicas”.¹⁴⁰ Eram as Lojas Boca do Monte, criada em 1874, a Loja Paz e Trabalho, criada em 1894 e, das dissidências internas dessas surgiram, em 1898, as Lojas Luz e Fraternidade, Deus e Humanidade e União e Trabalho.¹⁴¹ Na verdade, existiram cinco Lojas, à época.¹⁴² As Lojas Paz e Trabalho e União e Trabalho

¹³⁹ Aspectos da vida irregular de alguns sacerdotes no Rio Grande do Sul, “os lamentáveis escândalos e vícios”, também são abordados por Zagonel. Ele registrou que D. Cláudio Ponce de León colocou suas expectativas na formação dos Seminários fundamentados na Igreja tridentina, em especial o Seminário Diocesano Mãe de Deus, de Porto Alegre, onde pretendia formar sacerdotes que realmente amassem a Igreja Romana, comprometidos com o ministério eclesástico de Pastor. Promoveu a vinda de congregações religiosas e missionárias comprometidas com o espírito apostólico. Cf. ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e imigração italiana. Capuchinhos de Sabóia um contributo para a Igreja no Rio Grande do Sul (1895-1915)*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975, p. 90-96 e 105-123.

¹⁴⁰ Como o catolicismo era a religião oficial do Brasil Imperial e a Igreja estava subordinada ao Estado, através do regime de Padroado, cabia ao imperador a escolha dos clérigos para os cargos importantes da Igreja, da mesma forma que as bulas papais só eram aplicadas com o consentimento explícito do monarca. Nessa época, o Papa Pio IX (1846-1878) condenou a maçonaria e proibiu padres e fiéis de pertencerem a seus quadros. Essa determinação, entretanto, não foi aplicada de todo no Brasil, visto que era grande o número de católicos e elementos do clero brasileiro filiados à maçonaria. A divergência entre maçons e a Igreja resultou na “Questão Religiosa” de 1874 e a separação final entre a Igreja e o Estado, em 07 de janeiro de 1890, quando o governo republicano extinguiu o regime de Padroado. Pio IX, obteve do Concílio Vaticano I, em 1870, a declaração da infalibilidade papal, ou seja, a centralização institucional da Igreja Universal no papado. Cf. BARROS, Roque Spenser M. A questão religiosa. In. HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, v. 6, 1985; BENIMELI, L. R. F., CAPRILE, G. ALBERTON, V. *Maçonaria e Igreja Católica: ontem, hoje e amanhã*. São Paulo: Paulus, 1998; BRUNEAU, op.cit., AZZI, op.cit., 1992, p. 69-71.

¹⁴¹ Cf. DIENSTBACH, op.cit., p. 561-568.

¹⁴² Provavelmente estas Lojas tenham surgido como resultado das divergências internas das maçônicas regionais com as potências nacionais, com sede no Rio de Janeiro. Pois, até 1857, existiam no Rio Grande do Sul três poderes centrais maçônicos constituídos: o Grande Oriente do Brasil (GOB), o Grande Oriente do Passeio (GOP) e o Areópago dos Cavaleiros de Kadosch. Os dois primeiros corpos eram dirigentes da maçonaria simbólica, isto é, das oficinas que trabalhavam com os três primeiros graus maçônicos e o terceiro representante da maçonaria

filiaram-se ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul e a Loja Deus e Humanidade ao Grande Oriente do Brasil.

Considerando-se que, a partir de 1870, a maçonaria se consolidou no Rio Grande do Sul independente da sua identidade heterogênea, conforme aponta Colussi (2003, p. 207-213), o Estado gaúcho tornou-se, então, um dos principais centros maçônicos do País.¹⁴³ Na cidade de Santa Maria, vamos perceber que o surgimento destas agremiações contribuiu para o acirramento do *conflito* entre os anticlericais e a Igreja católica até, pelo menos, a primeira metade do século XX e, como em grande parte do país, na ótica clerical, a maçonaria “estava levando muitas almas.”¹⁴⁴

Devido às várias bulas e documentos papais proibindo os católicos romanos de participarem de sociedades secretas,¹⁴⁵ a Igreja católica local deixava claro que não tolerava a maçonaria, o protestantismo, nem o espiritismo, pois, na ótica do vigário católico, os

filosófica, portanto dos graus superiores do Rio Grande do Sul. Em 1840, o Grande Oriente do Passeio desapareceu, permanecendo apenas o Grande Oriente do Brasil. Naquela época estava em jogo, além das rivalidades das potências nacionais, interesses pessoais e políticos de seus membros maçons. Apesar da unificação da maçonaria nacional ter acontecido em 1883, dez anos depois, em 1893 é criado o Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS), quando o federalismo é levado para o interior da organização maçônica, principalmente devido à excessiva centralização política do poder central maçônico e o seu descaso para com as maçonarias regionais. As Lojas estavam, naquele momento, em dificuldades financeiras, principalmente devido à obrigatoriedade de ter que repassar metade de sua arrecadação para o poder central maçônico e também devido às disputas pessoais e divergências político-ideológicas. O Grande Oriente do Rio Grande do Sul se organizou sob a orientação de Julio de Castilhos e os que se identificavam com o PRR. Em 1902, os Grandes Orientes autônomos começam a ser reconhecidos pela maçonaria, mas a unificação dessa agremiação aconteceu somente em 1909. Cf. COLUCCI, op.cit., p. 207-263.

¹⁴³ Em 1873, no Rio Grande do Sul, havia 17 Lojas maçônicas, e o Estado gaúcho ficava em segundo lugar, atrás somente do Rio de Janeiro, sede do poder central maçônico. De 1873 a 1875, foram fundadas 22 Lojas maçônicas no Rio Grande do Sul. Dizer que a maçonaria gaúcha era heterogênea significa identificar grupos de maçons liberal-monarquista, liberal-republicano, maçons católicos, maçons protestantes, ateus ou agnósticos. Cf. COLUCCI, Ibid. p. 219-220 e 269.

¹⁴⁴ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1889-1914. APNSC, Santa Maria.

¹⁴⁵ O Papado respondeu à iniciativa da maçonaria de aceitar pessoas de diferentes religiões, com a Bula *In Eminentis apostolatus specula*, de 28 de abril de 1738, do Papa Clemente XII. Em Portugal, por exemplo, um edital da Inquisição portuguesa, assinado a 28 de setembro de 1738, exortava os católicos a denunciar as lojas ou as associações maçônicas existentes e pedia a todos que se abstivessem de tais sociedades. A época era de perseguição à maçonaria. Outras bulas que condenaram a maçonaria são a do Papa Bento XIV, *Provida romanorum pontificum*, de 1751; a do Papa Pio VII, Bula *Eccelesiam a Jesu Christo*, de 13-9-1821; a Bula do Papa Leão XII, *Quo graviora*, de 13-03-1825; a Encíclica do Papa Pio IX, *Qui pluribus*, de 9-11-1846 com a Locução *Quibus quantisque*, de 20-04-1849, com a Constituição *Nostris et nobiscum*, de 08-12-1849, com a Encíclica *Quanta cura*, de 08-12-1864. Desde a segunda parte do pontificado do Papa Pio IX (1848-1878), a Igreja Católica havia declarado guerra ao mundo moderno. Pelo *Syllabus*, documento da Encíclica *Quanta cura*, não só a democracia, o liberalismo, o socialismo, o anarquismo, o feminismo, o voto universal, foram vistos pelo Vaticano como erros da época moderna, mas também a franco-maçonaria. A Encíclica *Nascita et nobiscum*, de 1894, e a Constituição *Apostolicae Sedis*, de 1869, também condenavam a maçonaria, bem como a Encíclica *Humanum genus*, de 20-04-1884, do Papa Leão XIII, e outras Encíclicas dirigidas ao clero e ao povo italiano publicadas em 1882, 1890 e 1892. No século XX, podemos encontrar referências à condenação a maçonaria no Código de Direito Canônico, de 27 de maio de 1917, que mantém a proibição aos católicos de se filiarem à Maçonaria, está clara a pena de excomunhão em vários cânones. Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira, *História da Maçonaria em Portugal*. Das Origens ao Triunfo, v. 1, Lisboa: Editorial Presença, 1990; BENIMELLI, J. A. F., CAPRILE, G., ALBERTON, V. op.cit; TERRA, João Evangelista Martins. *Maçonaria e Igreja católica*. Aparecida/ SP: Santuário, 1996.

protestantes eram auxiliados pela maçonaria.¹⁴⁶

No que se refere a Santa Maria, os maçons se defrontavam com a Igreja católica, dentre outras coisas, ao defender a liberdade religiosa. Para tanto, vão fundar Lojas Maçônicas.

Os fundadores da Loja Boca do Monte, a mais antiga de Santa Maria, fundada em 1874, foram: Jerônimo Pereira de Oliveira, Sebastião Barreto Pereira Pinto Filho, Manuel Bento de Simas, Francisco Pereira Miranda, Joaquim Pereira Miranda, João Thomas da Silva Beasi, André Marques Oestreach, que ocuparam cargos de diretoria provisória até 1875. Depois ingressou Jonatas Abott, em junho de 1875 e foi eleita a nova diretoria, assim composta: Venerável Mestre, José Álvares Valença (juiz da comarca); 1º. Vigilante, Maximiano José Appel (juiz da comarca), 2º. Vigilante, Germano Hoffmeister; Secretário, José Pereira Barros Junior; Orador, Jerônimo Pereira de Oliveira Pavão e Tesoureiro, Frederico Kessler¹⁴⁷. A Loja chegou a ter 68 membros.¹⁴⁸

Em 1894, remanescentes da Loja Boca do Monte, fundaram a Loja Paz e Trabalho, regulamentada, em 1895, por João Batista de Moura Lacerda. Faziam parte da primeira diretoria desta¹⁴⁹: Venerável Mestre, Pedro Weinmann; o qual foi vereador em 1881, na sétima Câmara Municipal, foi um dos membros da terceira junta governativa de 1892, durante o Governo Provisório de Júlio de Castilhos, o “governicho”; foi vice-juiz de Paz da Comarca, no biênio de 1887-1889 e Vice-Presidente da nona Câmara Municipal de Vereador, de 1887-1890 (Belém: 2000, p. 161-172; Beltrão: 1979, p. 307, 338 e 369). Como 1º. Vigilante, Jacob Luiz Laydner; como 2º Vigilante, Maximiano José Appel; Francisco Abreu Vale Machado, eleito Orador da Loja Paz e Trabalho, foi também presidente da Primeira Junta Intendencial, em 1889, e ao mesmo tempo Delegado de Polícia, foi o primeiro Intendente Municipal, em 1892 e Vereador, em 1899 (Belém: 2000, p. 167-173; Beltrão: 1979, p. 372). Gustavo Vouthier foi nomeado Tesoureiro da Loja Paz e Trabalho, engenheiro e diretor da Viação Férrea, de origem belga, conhecido por suas idéias socialistas. A Loja chegou a ter 44 membros, mas parece ter desaparecido em 1907.¹⁵⁰

¹⁴⁶ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1889-1914, p. 86, APNSC, Santa Maria.

¹⁴⁷ De acordo com a hierarquia maçônica os cinco primeiros cargos da Loja, o Venerável, os dois Vigilantes, o Orador e o Secretário chamam-se Dignidades. As três primeiras “Dignidades” se chamam Luzes. Cf. FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. 19ª. ed., São Paulo: Pensamento, [19 _ _], p. 125. Verbetes *Dignidades*.

¹⁴⁸ Cf. DIENSTBACH, op.cit., p. 561-568.

¹⁴⁹ Cf. DIENSTBACH, Ibid. p. 561-568.

¹⁵⁰ O engenheiro Gustavo Vauthier chegou a Santa Maria em 1898, permanecendo nesta cidade até 1920. Faleceu no Paraná, em 1923. Cf. SANTOS, Terezinha de Jesus Pires e SANTOS, Gilda May Cardoso (Org.) *Santa Maria: vivências e memórias de Edmundo Cardoso*. Santa Maria: Anatterra, 2008, p. 93-96.



Ilustração 7 - Engenheiro da Viação Férrea de Santa Maria Gustavo Vauthier (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

A Loja Luz e Fraternidade foi regularizada por José Domingues de Almeida, em 1900, e possuía 87 membros, sendo a diretoria desse ano formada por: Cândido Fampas Ribas, Venerável Mestre; Luiz Dânia, 1º. Vigilante; Jerônimo da Costa Gomes, 2º. Vigilante (foi vice-intendente municipal em 1914, assumindo a intendência quando da renúncia do Intendente Dr. Manoel Viterbo da Costa e Silva), Francisco de Abreu Vale Machado, Orador; Laudelino da Cunha Lima, Secretário; Manoel Augusto Carmo, Tesoureiro.¹⁵¹

Assim, a Loja Luz e Fraternidade, por exemplo, em 1900, contava com 87 membros, em 1901 com 116 membros, dos quais 111 ativos, dentre eles alguns com títulos de benemérito e honorário¹⁵² e as Lojas maçônicas na cidade continuavam ativas, às vezes fundiam-se e não tinham tão poucos membros. O Clube Beneficente de Senhoras, fundado a 21 de novembro de 1900, por exemplo, contava com “cerca de 100 sócias”, em 1902, segundo Schilling (2005, p. 70).

Percebe-se que alguns membros das Lojas maçônicas locais faziam parte de um dos quadros de carreiras com prestígio social e político à época, e isto, via de regra, conferia-lhes “reconhecimento nas eleições dos grãos-mestres maçônicos”, segundo Collussi (2003, p. 272, 291-293 e 327), pois, de acordo com a autora, o grau de escolaridade dos membros da

¹⁵¹ Cf. DIENSTBACH, op.cit., p. 554-555.

¹⁵² Loja Luz e Fraternidade, Santa Maria, 1901, ALEV, Silveira Martins.

maçonaria, em sua maioria, era de nível superior, sendo eles receptores e produtores de uma cultura elitista, tanto por sua origem social como pela exclusão de analfabetos, os quais não eram convidados a participar dessa agremiação. O *status* socioeconômico e intelectual eram condições para que alguém fosse convidado a ser iniciado na maçonaria.

Mas, um ano antes da criação da primeira Loja maçônica em Santa Maria, Dom Sebastião Dias Laranjeiras, na Carta Pastoral de 29 de setembro de 1873, de acordo com Colussi (2003, p. 395), levou ao conhecimento do clero e do povo gaúcho um documento do Papa Pio IX o qual advertia que “católico e maçom são termos que se contradizem”¹⁵³ e que os cristãos que se vinculassem a qualquer sociedade secreta renunciavam automaticamente a Igreja e perderiam seus privilégios de cristãos, até mesmo a salvação eterna. Esse documento, intitulado *Quamquam dolores*, teria sido resultado da troca de correspondências entre o Bispo de Olinda Dom Vidal e o Papa Pio IX sobre a influência da maçonaria nas irmandades e ordens religiosas, publicado como um Breve, o qual resultou, para o Brasil, a *Questão religiosa* e provocou a prisão dos bispos Dom Vital e Dom Macedo Costa, por haverem desobedecido ao Visconde de Rio Branco, representante do governo imperial, que defendia os posicionamentos maçônicos e nessa questão em relação à Igreja católica.

Uma primeira análise sobre a maçonaria nos mostra que ela estava extremamente ativa em Santa Maria no último quartel do século XIX e adentrava o século XX como uma agremiação capacitada a disputar diferentes espaços de cunho sócio-cultural com a Igreja católica. Percebe-se, do texto analisado, que os membros dessas agremiações, pelos seus nomes e sobrenomes, pertenciam às camadas da elite santa-mariense. Observa-se, também, que o número de maçons nessas lojas era expressivo e ainda que havia mulheres que frequentavam e se destacavam nessas sociedades através de ações de cunho filantrópico.

Sendo um grupo de elite e buscando “um lugar ao sol” na cidade de Santa Maria, os maçons desencadearam ações para alcançar seus objetivos, entre essas, padre Probst (1989, p. 53) registra que membros da maçonaria perturbaram o substituto do padre Aquiles Catalano, padre Carlos Becker. Descendente de alemães, ele não conseguiu realizar quase nada na cidade pela vida cristã: “levantou-se contra ele ‘uma tempestade infernal’ e a Câmara Municipal avisou-o de que não podia responsabilizar-se por sua vida”.¹⁵⁴ A justificativa da saída do padre Becker da paróquia foi registrada no Livro Tombo pelo padre Caetano

¹⁵³ FLEICHMAN, Júlio. *D. Vital e a Maçonaria*, nov/ dez. 1981. Disponível em: <<http://www.permanencia.org.br/revista/historia/vital.htm>> Acesso em: 16 set. 2008. São dados do livro do Frei Felix de Olivola O.F.M. *D. Vital: um Grande Brasileiro*. Recife: Edição da Imprensa Universitária, 1967.

¹⁵⁴ Esta referência consta no relatório do Pe. Caetano Pagliuca no Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, (1889-1914), p. 85-87, 1895. APNSC, Santa Maria.

Pagliuca, no seu resumo de 1907, no qual consta que o padre Carlos Becker asseverou ter sido “intimado pela força bruta de 30 homens inimigos da religião e, por conseguinte, de todo sacerdote cumpridor de seus deveres”.¹⁵⁵ O padre Becker teria ficado apenas três meses na cidade. A solicitação, feita por parte da população de Santa Maria para que o padre Becker também se retirasse da cidade, é registrada por Biasoli (2005) e Beltrão (1979, p. 394- 402). Estes autores destacam que uma comissão da população da cidade solicitou que o padre Becker também se afastasse da cidade, pois a inabilidade desse sacerdote e do bispo em relação à postura do padre Catalano no que tange à demolição da matriz teria provocado um clima de hostilidade em relação ao clero em geral. Em decorrência disso, o Bispo Dom Cláudio Ponce de León interditou a paróquia de Santa Maria, de 17 de novembro de 1895 a 03 de março de 1896.

O texto indica claramente as posições antagônicas que marcaram essas agremiações. Vemos de um lado os maçons, os vereadores e parte da população defendendo um projeto de modernização para a cidade que incluía a demolição da matriz católica que era uma velha Igreja, quase caindo. Nesse sentido, o grupo encontrou, no padre Catalano, um aliado, pois, possivelmente, a sociedade também comungasse do espírito modernizador que movia esses agentes sociais, o que não ocorria com o seu sucessor, o padre Becker. Daí a rejeição pela população e sua expulsão. Poderia ser ainda a adesão do padre Catalano a esse ato resultado de uma ordem judicial, conforme Belém (2000).

Analisando detalhadamente o caso, é mister considerar ainda as posturas municipais da cidade que, aprovada pelos vereadores, organizava o espaço urbano em seus diversos aspectos, assim como a ação dos vereadores no sentido de fazer cumprir a lei, mesmo que sob ordem judicial. No caso em foco, o padre Catalano teria concordado com a demolição e o posterior leilão do material, embora tenha se indignado com a forma como o ato foi feito. Teria havido, de sua parte, flexibilização ou cooptação, o que não ocorreu com o Bispo e outros sacerdotes.

Em outra perspectiva, temos o registro do padre Pagliuca que, ao reportar-se ao episódio anos mais tarde, registrou que o padre Becker havia sofrido uma expulsão da cidade de Santa Maria por inimigos do catolicismo. Sua versão foi taxativa, não levando em conta os diferentes contextos que perpassavam a vida cotidiana da cidade e fazendo uma análise maniqueísta do episódio. Isso, entretanto, não retira o aspecto violento da expulsão do padre Becker, o que caracteriza, como estamos afirmando, o conflito.

Algumas questões nesse conflito entre a maçonaria e a Igreja católica ficam colocadas

¹⁵⁵ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria n. 3, (1889-1914), p. 86, 1895. APNSC, Santa Maria.

de forma subliminar, embora exaustivamente analisados por Karsburg (2007). Entre elas, citamos as coincidências de vereadores maçons no quadriênio da proposta de demolição; a intenção do arrematante do espólio da Igreja em construir um teatro e a data da demolição, 25 de dezembro de 1888, ser muito importante no calendário cristão. Juntamos a isso, a indignação do padre Catalano que, tendo concordado com a demolição, não foi consultado e nem comunicado sobre o preço do espólio, a data da demolição e a intenção da destinação desse material. São fatos que, juntos, e respeitada a época de sua ocorrência, são passíveis de serem interpretados como manifestações anticlericais.

Karsburg (2007, p. 240), analisando o episódio, considera, dentre outras coisas, que a situação de dificuldade do episcopado frente ao Estado, a personalidade autoritária do bispo e a desobediência do padre Catalano às leis canônicas, permitindo a demolição da matriz sem autorização oficial do prelado, teriam sido os motivos da interdição da paróquia. Nas palavras desse autor: “*uma vingança* à sociedade e ao Estado que vinham desafiando-o há algum tempo”. A atitude do bispo é caracterizada pelo autor como uma atitude personalista, um “castigo a cidade” (Karsburg: 2007, p. 186).

Devido à natureza lacunar dessas questões, é pertinente pensarmos sobre o fato de que “parte da sociedade” desejou a volta do padre Catalano, mesmo que ele tenha sido polêmico na cidade¹⁵⁶, não significaria que essa mesma sociedade fora (in) formada por agentes sociais interessados na manutenção da *desordem* sacramentalista da Igreja católica local do que aquilo que foi usado como argumento?

Karsburg (2007, p. 212, 236-241) afirma também que o padre Catalano estaria se “confundido” com as novas leis constitucionais quando realizava o casamento religioso antes do civil e, como outros sacerdotes, era criticado e hostilizado pelos anticlericais. Quanto ao bispo Dom Cláudio, o autor destaca que ele havia sido inábil ao repreender o padre Catalano em público.

Outro momento de tensão que envolveu o padre Catalano, a autoridade do bispo, a população e a maçonaria foi aquele ocorrido em torno da conduta desse mesmo sacerdote que vivia em concubinato. Ao ser repreendido publicamente pelo bispo, ganhou a simpatia de boa parte da população, uma vez que, no período colonial e imperial, o concubinato era uma prática, de certa forma, comum, entre o clero e aceita pela população. O ponto fucral do episódio esteve centrado em torno dessa tensão e a repercussão que ela teve na cidade.

Sobre essa questão Karsburg (2007, p. 245-248) cita jornais da capital onde aparecem críticas à postura do bispo e que parte da população da cidade solicitou a permanência do

¹⁵⁶ BELTRÃO, op.cit.; RUBERT, op.cit.; 1957. PROBST, op.cit.

padre Catalano. Os jornais não só manifestaram repúdio ao ultramontanismo [jesuitismo] do bispo como ainda foram seguidos pelo articulista do jornal *O Combatente*, de Santa Maria, que declarou “guerra de extermínio ao jesuitismo” e apoio ao padre Catalano, o qual considerava “despido de toda a hipocrisia e de preconceitos ridículos”.

Para Karsburg (2007, p. 228 e 249) ainda, o apoio ao padre Catalano teria vindo de “fiéis católicos” simpatizantes de uma Igreja liberal, indiferentes ao Papa. “Antiultramontanos”, como denomina o autor, “identificavam-se com o protestantismo, não freqüentavam os sacramentos e os condenavam e tampouco iam à Igreja”. Em nossa análise, o termo “fiéis católicos”, usado pelo autor, torna-se impróprio, pois os que assim foram denominados por Karsburg não poderiam, pela própria condição de fiéis, desobedecer a doutrina cristã, embora pudessem ser simpáticos às ações do padre. No entanto, essa posição gerava *conflito* entre o clero que, por seu turno contribuía para o indiferentismo religioso, que não era só uma preocupação particular da Igreja católica, mas também dos pastores protestantes no Rio Grande do Sul, no século XIX.¹⁵⁷ Por esse motivo, também o clero podia pensar em cidade *descrente*.

O desdobramento dessa polêmica foi parcialmente sanado quando o Bispo ofereceu a administração da paróquia aos padres palotinos. Estes destinaram a tarefa ao neo-sacerdote, também de origem alemã, padre Pedro Wimmer (1896-1900). Devido aos constantes problemas encontrados pelo clero na localidade, o padre Wimmer perguntou ao Bispo se ele deveria usar a batina ao que o Bispo teria dito que sim, pois ele deveria obedecer às leis da Igreja. Isso causou uma manifestação dos maçons que logo pediram ao novo sacerdote que não usasse a batina, que se filiasse à maçonaria e que se casasse no cartório. A resposta negativa do padre Wimmer provocou uma “campanha de ódio e perseguição”. No seu relatório, o padre Probst (1989) conta alguns episódios das memórias do padre Wimmer que marcaram as investidas da maçonaria contra ele, como ameaças de morte por capangas, assaltos à casa paroquial e a divulgação da notícia no jornal de que o padre seria fuzilado, no intuito de amedrontá-lo. Para deixar claro que a Igreja romana tinha pouco prestígio na localidade, o padre Wimmer registrou que, nessa época, “a missa era freqüentada por apenas

¹⁵⁷ Ao abordar as dificuldades dos pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em sedimentar o protestantismo no Rio Grande do Sul, Radünz atribui tal fato ao indiferentismo religioso também entre os protestantes da colônia bem como o interesse de diferentes correntes protestantes independentes, autônomas no Rio Grande do Sul, as quais, a partir de seus pastores, divergiam em questões de doutrina e de política, pois aqui “não eram escravos”. Cf. RADÜNZ, Roberto. *A terra da liberdade: o protestantismo luterano em Santa Cruz, no século XIX*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História Ibero-Americana, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

30 homens, sendo que 20 eram negros e os outros eram italianos”.¹⁵⁸

A resistência do padre Wimmer contra as provocações maçônicas fez com que um grupo de homens da cidade solicitasse a volta do padre Catalano, figura em relação à qual o clero mantinha certas restrições, mas não os homens de ideias religiosas liberais. Talvez aqueles homens tivessem o intuito de anular as conquistas feitas pelo padre Wimmer, mas o bispo Dom Cláudio negou o pedido e o padre Wimmer permaneceu na cidade até fins de dezembro de 1900, quando foi transferido para Porto Alegre, segundo as anotações do padre Probst (1989).

O conflito, como vemos, tornava-se explícito pelas provocações recebidas pelo padre Wimmer que mostra também outra face da Igreja católica em Santa Maria – a do desprestígio. Frequentar a missa e participar dos ritos religiosos eram uma forma de manifestar adesão e fidelidade ao catolicismo. O registro do padre Wimmer não deixa dúvidas sobre um momento pelo qual passava a Igreja católica em Santa Maria.

Outro episódio desse mesmo teor foi a Visita Pastoral do Bispo Dom Cláudio Ponce de León que, na sua chegada a Santa Maria, foi agredido por manifestantes anticlericais.¹⁵⁹ O padre Probst (1989, p. 56) relata esse fato também, ocorrido em 1898. Ele diz que, quando o Bispo Dom Cláudio chegou à estação de trem de Santa Maria, foi recebido pelo vigário e por um grupo de fiéis, sendo que alguns maçons também se fizeram presentes na recepção para manifestar o seu repúdio ao Bispo. Mais tarde, na sacada da casa onde estava hospedado, o Bispo mostrou-se corajosamente à população que se reunia diante dele dizendo: “estou aqui para ver qual é o rio-grandense que possa fazer mal ao seu Bispo”. Pelo relato do autor, o desafio aos anticlericais deu resultado e nada de anormal aconteceu nessa visita canônica.

A análise mais simples que podemos fazer desses dois episódios mostra que havia entre as partes uma intolerância latente, mas mostra também que a Igreja, buscando implantar a Restauração Católica, não descurava da situação clerical na cidade, haja vista a pouca frequência de fiéis católicos à Igreja.

Do ponto de vista da maçonaria, as conflitantes relações com a Igreja católica eram perpassadas pela questão do antijesuitismo, conforme exemplo do texto. O “irmão orador”, em sessão, sobre os fins da maçonaria e principais artigos da Constituição Republicana, criticava o governador do Estado, à época Júlio de Castilhos, por tolerar exageradamente a liberdade profissional dos jesuítas: “esses eternos inimigos da humanidade, porque o são da

¹⁵⁸ Estes dados também foram encontrados em BONFADA, Genésio. *Os Palotinos no Rio Grande do Sul 1886 a 1919*: fim da Província Americana. Porto Alegre: Pallotti, 1991, p. 103.

¹⁵⁹ Para aprofundar esta questão ver a tese de BIASOLI, op.cit., 2005; Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1889-1914, APNSC, Santa Maria.

liberdade de consciência e da instrução dos povos, [estão] disfarçados hoje em diversas ordens religiosas”. Acusava os “jesuítas” de introduzirem nas famílias livros perniciosos como o catecismo da Doutrina Cristã que, segundo a maçonaria, continha perguntas “imorais, baixas e detestáveis” que levavam o fiel à confissão auricular, considerada por eles o maior perigo para o crente. Nessa carta redigida pelo secretário Benvindo P. de Salles, ficava registrada a sugestão do “irmão orador” dizendo que “a maçonaria não fique indiferente às ameaças por tal catecismo”. Sugeria, ainda, que o Estado criasse uma lei obrigando os padres a casarem, pois não confiavam nos padres, mesmo naqueles considerados liberais, por considerarem que o sacerdócio os “tornava egoístas, pois viviam sem família e sem pátria.”¹⁶⁰

Nesse contexto, outro conflito surge, no final do século XIX, em torno de outro espaço do sagrado: a futura paróquia da Igreja Nossa Senhora do Rosário, à Rua Silva Jardim.

Segundo o cronista do Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, padre Erasmo Dall’Asta, “os negros da Irmandade do Rosário não eram instruídos na fé por seus patrões e estavam se afastando das finalidades da associação religiosa desrespeitando os estatutos”. Após a abolição da escravatura, em 1888, os negros teriam buscado se organizar novamente. O vigário, Aquiles Catalano, teria selecionado os “melhores elementos” e, em 1889, pediu a aprovação da Irmandade ao vigário capitular da diocese do Rio Grande do Sul, Monsenhor Vicente Ferreira da Costa Pinheiro, que anuiu ao pedido. Em janeiro de 1890, o padre Catalano lançou a primeira pedra da primitiva capela de Nossa Senhora do Rosário que foi levantada com material do antigo cemitério Santa Cruz, situado neste local, com o auxílio dos irmãos e com esmolas dos fiéis.

Segundo o mesmo cronista, padre Erasmo Dall’Asta que relatou o episódio muito depois do ocorrido, aquele início do século XX foi um período religioso difícil para os católicos: “os maçons e as seitas queriam banir a fé católica”. De acordo com o relato do sacerdote, “houve perseguição à Igreja católica”, pois “um pastor evangélico, auxiliado pela maçonaria, apossou-se da capela do Rosário” no início do século XX. Foi na gestão do padre Pagliuca, em 1915, que a Igreja católica conseguiu reaver a capela. Diz o cronista que os pretos queriam o domínio absoluto da capela do Rosário e, por isso, o bispo, Dom Miguel de Lima Valverde (1912-1922), mandou fechá-la: “o padre Pagliuca ficou firme e não deu as chaves aos rebeldes.” Em 1915, o juiz da Comarca deu ganho de causa à Igreja católica contra as pretensões dos seus adversários.¹⁶¹

¹⁶⁰ Loja Luz e Fraternidade, Santa Maria, n. folha 79-08, 02 jun. 1899, ALEV, Silveira Martins.

¹⁶¹ O caso da Irmandade do Rosário foi publicado no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* em várias edições, bem como casos de destituições de outras irmandades de Santa Maria, como a de Nossa Senhora da Assunção e a de São Miguel e Almas, e o caso da Irmandade do Rosário de Cachoeira do Sul. Cf. “Apelação

Segundo Probst (1989, p. 57), analisando o mesmo episódio, endossa e complementa a versão do referido cronista quando registra que as autoridades municipais entregaram aos episcopais a capela do Santo Rosário de Santa Maria e a capela da Estação Colônia, localizada no atual Bairro Camobi. Tal fato, mais tarde, vai causar uma celeuma para a Igreja católica local que será resolvida na administração do padre Caetano Pagliuca.

Na obra de Kickhöfel (2000), pudemos esclarecer um novo aspecto desse conflito. Diz o autor que um membro da Igreja Anglicana de Santa Maria, Rafael Arcanjo dos Santos, organizou uma escola que funcionava aos domingos à tarde para crianças de cor, negros da Irmandade do Rosário. Todavia, a partir de 1901, as aulas dominicais passaram a ser realizadas na capela do Rosário. O mesmo autor destaca como fato curioso que o presidente da Irmandade do Rosário era branco, de origem germânica, de nome João Appel Primo, um bem sucedido comerciante da cidade. O autor relata ainda que os membros dessa Irmandade, de vez em quando, convidavam um padre para officiar a missa, mas certo dia o presidente da Irmandade pediu demissão do cargo e filiou-se à Igreja Episcopal. João Appel Primo consultou a Irmandade do Rosário sobre a possibilidade de os reverendos da Igreja Episcopal dirigirem cultos na capela, o que foi bem aceito, sendo que uma vez na semana James Watson Morris dirigia cultos na capela, mas não presidia sacramentos, como a celebração de casamentos, exceto um batismo e um enterro. Com o passar do tempo, alguns membros da Irmandade do Rosário manifestaram-se contra a pregação dos anglicanos e pediram a Morris que se retirasse da capela. Foi o que aconteceu.

Na disputa de fiéis, verificamos que, antes mesmo desse episódio, já havia um bispo anglicano que atuou junto aos negros da Irmandade do Rosário, nas dependências da própria capela de Nossa Senhora do Rosário. Seu nome era Lucien Lee Kinsolving, o qual com o reverendo George Wallece Ribble, foi enviado para iniciar as atividades da Igreja Anglicana em Santa Maria, pois ambos chegam em dezembro de 1899. Com eles veio também a professora Mary Packard (Kickhöfel: 2000, p. 18).

A questão da irmandade do Rosário é um exemplo do conflito pela disputa de *almas*. Anglicanos e católicos disputavam integrantes dessa Irmandade. Nessa luta, de aproximadamente quinze anos, a capela de Nossa Senhora do Rosário, construída pelos

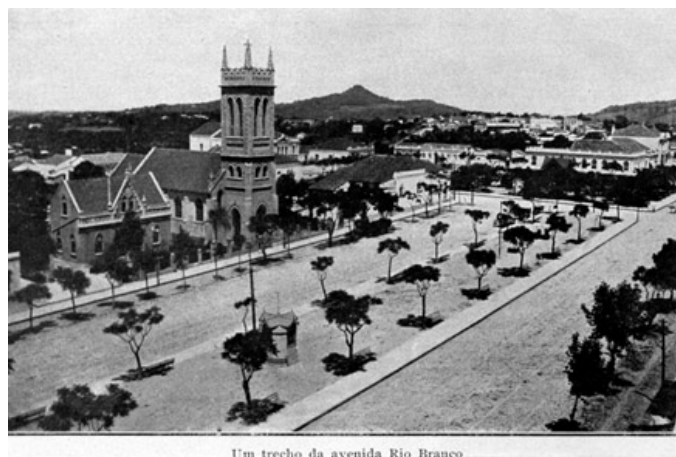
cível e sentença do juiz sobre o caso da Irmandade do Rosário”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. 5, mai. 1915, p. 256 a 265. AMSSM, Santa Maria; “Decretos de dissolução das irmandades de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Assunção e a de São Miguel e Almas. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VI, n. 4-5, abr. mai. 1918, p. 61 a 71 e 78 e 79. AMSSM, Santa Maria. O processo judicial foi publicado como anexo, por GRIGIO, Ênio. *A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Santa Maria/ RS (1871-1915): uma trajetória de conflitos*. 2003. Monografia (Especialização em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003..

católicos transformou-se, pela incúria do padre, em espaço dos anglicanos. Ao fim e ao cabo, a Igreja católica pôde reaver judicialmente o templo e dar continuidade ao seu trabalho.

Aqui cabe salientar que a atitude da Igreja católica, através do padre Pagliuca e do bispo diocesano parece- nos de intolerância para com as irmandades, pois muitas delas foram canceladas nesse período, 1915-1918, na região. É de supor-se que agentes sociais de todos os grupos religiosos praticavam atos de intolerância e o conflito no campo religioso nesse contexto ficava explícito.

O grupo da Igreja anglicana de Santa Maria chegou a ter, segundo Kickhöfel (2000), no ano de 1900, a Sociedade Bíblica Literária Evangélica, para propagar as mensagens evangélicas na cidade e manter os cultos da Igreja Episcopal; em 1916 fundaram seis escolas dominicais, sendo que no ano seguinte fundaram mais uma e, em 1920, durante a administração do reverendo João Batista Barcelos da Cunha, havia 560 alunos matriculados e 33 professores nas dez escolas dominicais espalhadas na cidade. Os cursos desses evangélicos estavam divididos em três níveis: primário, secundário e superior, ou especial, onde aprendiam o catecismo e dedicavam-se a estudar a Bíblia. Suas reuniões eram mensais e duraram até 1914, quando a sociedade foi transferida para Rio Grande. Fundaram também, em 1901, a Irmandade de Santo André que reunia jovens e homens da Igreja Anglicana para dissertar sobre o Evangelho e, mais tarde, a Sociedade Literária de Moços Cristãos, a Milícia Cristã, a Sociedade de Propaganda Evangélica, a Legião Cristã, entre outros.

Essa ação expansionista da Igreja anglicana vai preocupar sobremaneira o clero católico que, nesse período, enfrenta a construção da nova Igreja católica matriz de Santa Maria, concluída em 1909. Sua pedra fundamental havia sido lançada em 1902.



Um trecho da avenida Rio Branco

Ilustração 8 – Catedral do Mediador, Igreja Anglicana de Santa Maria, na atual Avenida Rio Branco (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

É importante lembrar que a matriz da Igreja católica romana em Santa Maria passou a ser catedral somente em 1910, mas antes da sua construção já existiam dois templos protestantes na cidade. A ênfase na fundação dos templos visa compreender como o espaço geográfico do sagrado tornava-se disputado estrategicamente. As disputas pelo espaço da religiosidade também aparecem na obra de Kickhöfel (2000, p. 52), onde ele diz que a Igreja católica romana, no início do século XX, teve que fazer um grande esforço para “recuperar a influência perdida”. O autor acusa o clero católico romano de tentar desrespeitar a Constituição quando obriga a cidade, através dos poderes constituídos, a ceder um terreno público para construir sua Igreja, “mostrando assim que ainda podia ditar normas às autoridades”, mas o pedido foi recusado.¹⁶²

Apesar das contendas em torno da construção da matriz católica, ela contribuiu para a estética da cidade. Talvez tenha sido por este motivo que alguns maçons vão participar da construção do novo templo ao lado dos católicos. No entanto, o padre Pagliuca registra que alguns maçons duvidavam de que os católicos construíssem sua Igreja em Santa Maria. Um desses maçons era Pedro Weinmann, que prometera, caso o intento fosse logrado, colocar a cumeeira na Igreja e fornecer todas as telhas. Todavia, no Livro Tombo não estão registrados os nomes dos maçons que haviam se comprometido em ajudar a Igreja.¹⁶³

O personagem que se destacou no contexto da construção da matriz católica foi o sacerdote palotino padre Caetano Pagliuca que, por sua habilidade política, passa a contar com o apoio de católicos e maçons no projeto da Igreja, o que explicita que no jogo de interesses ambos ganhavam já que era uma forma de prestígio social e distinção fazer parte do grupo e contribuir com obras que modernizassem a cidade. Tal fato pode ser percebido quando o padre Pagliuca formou a Comissão para tratar da construção da Igreja. Segundo o padre Probst (1989, p. 58-61), o padre Pagliuca, juntamente com o padre Carlos Kolb, conseguiram ajuda de outros membros da maçonaria para tratar da construção, dentre eles o Sr. Gustavo Vauthier¹⁶⁴, de origem belga, diretor da Companhia da Viação Férrea e membro da diretoria da Loja Paz e Trabalho, que atuou junto com Sr. Pedro Weinmann e que cumpriu a promessa ao fornecer todas as telhas. Outras pessoas abastadas da cidade também deixaram registrado o seu nome nessa história como o Dr. Augusto Alvarez da Cunha que doou o altar-

¹⁶² O Visconde de Rio Branco era Grão-Mestre maçom e dá o nome à principal avenida de Santa Maria onde estão erigidos os templos católico e anglicano; Saldanha Marinho, nome dado à praça central da cidade, pertencia à Loja Grande Oriente Unido e iniciou uma campanha contra a Igreja católica. Muitas outras ruas da cidade tiveram seus nomes colocados em homenagem a líderes políticos republicanos maçons como: Pinheiro Machado, Silva Jardim, Deodoro da Fonseca, Benjamim Constant, Aristides Lobo, entre outros. Cf. COLUSSI, op.cit.

¹⁶³ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1889-1914. APNSC, Santa Maria.

¹⁶⁴ Loja Luz e Fraternidade, Santa Maria, n. folha 79-55, [s.d.]. ALEV, Silveira Martins.

mor; o coronel Joaquim Luiz de Lima que doou a imagem de Nossa Senhora da Conceição, trazida de Paris; a Sra. Rita Marchond Chagas que doou um altar lateral, o do Coração de Maria; a família de Antônio Alves Ramos que doou o relógio da torre; a Sra. Francisca Teixeira Chagas que custeou o portal da entrada principal; o fazendeiro Luiz Gonçalves Chagas que doou os portais laterais e o coronel Horácio Borges que forneceu grande parte do madeiramento.

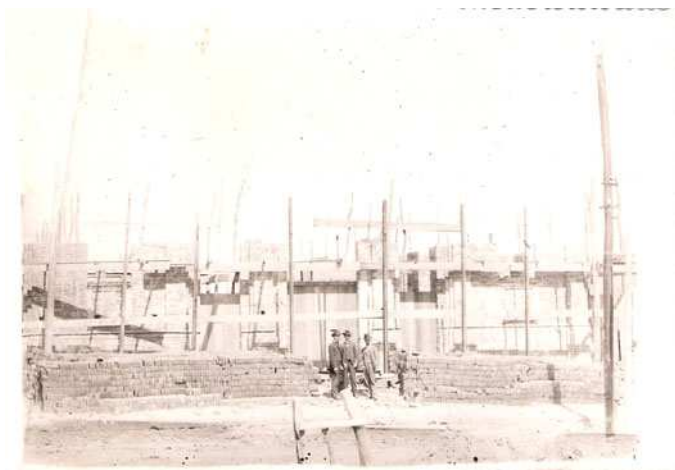


Ilustração 9 – Construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição, matriz católica de Santa Maria, iniciada em 1902 e concluída em 1909 (Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Sacro de Santa Maria – Paróquia Catedral)



Ilustração 10 – Catedral Diocesana de Santa Maria em 1909 (Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso, Santa Maria)



Ilustração 11 – Avenida Rio Branco, artéria principal da cidade de Santa Maria. À direita da fotografia a Praça Saldanha Marinho e ao fundo da Praça a Catedral do Mediador, Igreja anglicana; mais abaixo, à esquerda, a Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição, matriz católica (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).



Ilustração 12 – Catedral Diocesana de Santa Maria nos anos de 1930 (Fonte: Acervo Fotográfico do Museu Sacro de Santa Maria – Paróquia Catedral)

Neste cenário, a inauguração da Igreja “foi um acontecimento extraordinário com banda de música e missa campal” presidida pelo Superior Geral dos padres palotinos em Roma, padre Maximiliano Kugelmann. O fazendeiro Domiciano Pinto e o Major Ernesto Marques da Rocha teriam dado reses para o churrasco, os padeiros da cidade o pão e o Sr. Luiz Grassi teria ofertado vinho. “Ninguém negava nada ao bondoso sacerdote: do começo ao

fim da construção nunca faltou dinheiro. Toda Santa Maria estava ao lado dele”.¹⁶⁵

No conflito com a maçonaria, o padre Pagliuca teria informado, segundo o padre Probst (1989, p. 58-60), que “duas lojas maçônicas não tinham mais frequentadores, restava apenas uma com poucos irmãos”. Referia-se à Luz e Trabalho, que resultou da divisão de duas lojas, a qual localizava-se em frente à praça central, Praça Saldanha Marinho, à Rua Venâncio Aires.



Ilustração 13 - Padre Caetano Pagliuca. Lembrança de falecimento, em 1957 (Fonte: Arquivo Particular).

O padre Pagliuca teria relatado a conversão do Major Pedro Weinmann, cujas filhas, Dina e Pudica Weinmann, eram catequistas e muito ligadas à Igreja: “Pe. Pagliuca escreveu uma carta ao Pe. Carlos Gissler, que estava em Roma dizendo: “sabe da última? No dia 03 de outubro de 1910, o nosso grande amigo, Major Weinmann, fez a Primeira comunhão”.¹⁶⁶

¹⁶⁵ MEGRO, Cláudio. *Pe. Caetano Pagliuca, cidadão Santa-Mariense*. Reportagem acadêmica, Universidade Federal de Santa Maria, [s. d.].

¹⁶⁶ MEGRO, Cláudio. *Pe. Caetano Pagliuca, cidadão Santa-Mariense*. Reportagem acadêmica, Universidade Federal de Santa Maria, [s.d.].



Ilustração 14 - Major Pedro Weinmann (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

Para a maçonaria, entretanto, a atitude de Pedro Weinmann fora reprovável. Em uma carta¹⁶⁷ assinada por Henrique R. da Silva, da Loja Paz e Trabalho, sobre esse suposto dissidente maçom, enviada ao Sr. José Domingues de Almeida, o missivista denuncia as atitudes das filhas de Pedro Weinmann, Grau 33¹⁶⁸, por fazerem parte da Igreja católica, angariando fundos para os fiéis ao invés de participar das obras da maçonaria para dar exemplo. E, como seus filhos também não frequentavam a Loja maçônica, foi impugnado o seu aumento de grau. Temos aqui um exemplo de tensão entre os membros desta agremiação.

Diva e Pudica Weinmann também faziam parte da *Congregação Filhas de Maria*, sob o título *Imaculada Conceição*, fundada pelo padre Pagliuca, em 6 de maio de 1906, no Colégio Sant'Anna. Junto com outras moças, formaram um grupo dessa agremiação católica,¹⁶⁹ sendo também membros da *Associação de Adoração Perpétua do Santíssimo Sacramento e Obra das Igrejas Pobres*, fundada em 21 de novembro de 1912, pelo Bispo Dom Miguel de Lima Valverde, no Colégio Sant'Anna.¹⁷⁰ As referidas moças frequentemente eram notícia na seção “Vida Religiosa” do jornal *Diario do Interior*,¹⁷¹ como, por exemplo,

¹⁶⁷ Loja Paz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 75-28A, 29 fev. 1909, ALEV, Silveira Martins.

¹⁶⁸ Loja Paz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 75-18A, 07 dez 1901, ALEV, Silveira Martins.

¹⁶⁹ *Crônica da Congregação Mariana*, livro 1. APNSC, Santa Maria.

¹⁷⁰ Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano I, n. IV, dez. 1912, p. 63. AMSM, Santa Maria.

¹⁷¹ Seção “Vida Religiosa”, *Jornal Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 244, 27/10/1920, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

pessoas responsáveis pela adoração ao Santíssimo Sacramento.¹⁷²

O padre Pagliuca fazia questão de registrar a *conversão* de um maçom. Se Pedro Weinmann abandonou a maçonaria não sabemos informar, mas a Loja que ele frequentava desde a sua fundação, em 1894, foi diminuindo o número de membros e, em 1907, já não se tinha mais notícia dela.¹⁷³ Se ele migrou ou não para outra Loja em Santa Maria, não pudemos apurar.

Tudo indica, a partir do exposto, que alguns maçons frequentavam ao mesmo tempo a Igreja católica e o templo maçônico com o conhecimento do sacerdote, que soube aproveitar-se da boa vontade e da ajuda financeira de alguns membros daquelas Lojas. Nesse caso, o conflito foi resolvido a contento para o lado católico. O diálogo entre o clero local e alguns membros da maçonaria, nesse caso, resultou num consenso, e pode-se pensar que nem todos aqueles maçons eram anticatólicos ou acatólicos. Talvez isso dependesse do grau maçônico, pois, segundo o presbiteriano Horrell (2007), “o maçom só conhece realmente a maçonaria à medida que vai subindo de grau e dificilmente um maçom aceita o catolicismo”.

Analisando a ação do padre Pagliuca nesse episódio, poder-se-ia dizer que o sacerdote transformara, com sua habilidade política, um conflito latente em um processo de interação social e, a par dessa atitude, ainda levava algumas *almas* para o catolicismo. Na disputa pela “formação das almas”, o padre Pagliuca logrou *capital de bens de salvação* para a Igreja católica. Isso fica visível quando olhamos a vida religiosa de Santa Maria desde meados do século XIX.

2. 2 Ressemantização das ações dos agentes sociais no campo religioso

Apesar das diferenças entre a Igreja católica e os anticlericais, alguns maçons participavam, como anteriormente mencionado, das obras da Igreja Catedral. O clero santamariense preparava-se para combater o agnosticismo e as investidas de alguns maçons contra a Igreja na cidade. Para tanto, irão contar com o auxílio de congregações religiosas¹⁷⁴ que

¹⁷² Para a Igreja Católica Apostólica Romana, Cristo está vivo e presente, invisivelmente, na Eucaristia, hóstia que, quando consagrada pelo sacerdote, acredita-se que torna-se o Corpo de Deus vivo. É denominado de Santíssimo Sacramento, sendo a procissão uma homenagem de reconhecimento desse dogma de fé.

¹⁷³ Cf. DIENSTBACH, op.cit.,p. 553.

¹⁷⁴ A vida religiosa é uma prática eclesial, parte intrínseca da história da Igreja e não simplesmente uma teoria, doutrina ou ideia teológica. É de origem carismática. Insere-se à margem do poder (na sociedade e na Igreja) e, desde esse espaço, desempenha uma função crítica profética. Situa-se num contexto não apenas eclesial, mas também social e político. Os votos permitem e exigem que o religioso esteja presente no “deserto”, ali onde não

estrategicamente chegarão à região passando a atuar em espaços públicos, como é o caso do Hospital de Caridade “Astrogildo de Azevedo” que, após a inauguração, em 1903, havia entregado a sua zeladoria às Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Segundo Probst (1989, p. 62), essa concessão foi resultado de uma negociação da Igreja católica local que doou o terreno com a garantia de que fosse incluído na planta do hospital um espaço para uma capela católica e que garantisse o acesso livre de sacerdotes aos doentes.

De acordo com o memorialista Edmundo Cardoso (2008, p. 93-96) e as informações de Belém (2000, p. 257-263), o hospital só foi concluído porque a *Compagnie Auxiliaire au Chamin de Fer au Brésil* emprestou uma considerável quantia em dinheiro, pagável a juros módicos. Encontramos a confirmação desse dado numa carta assinada pelo secretário da Loja Luz e Fraternidade de Santa Maria, Benvindo P. de Salles, que escreve ao Irmão Grande Secretário da Ordem, enfatizando ser o “Irmão Gustavo Vauthier um bom maçom”, pois o seu primeiro ato como diretor da Estrada de Ferro foi obter da Companhia um donativo para as obras do Hospital de Caridade.

Além dos religiosos, a cidade de Santa Maria recebeu um grande número de funcionários que chegavam para trabalhar nos negócios da ferrovia, pois nesta cidade estava centrada sua administração e o pessoal encarregado de seu funcionamento. A princípio, a ferrovia, com sede em Bruxelas, era arrendatária das estradas de ferro do Rio Grande do Sul, que se encarregou de construir, em Santa Maria, casas para seus funcionários, local que ficou conhecido como Vila Belga, um empreendimento arrojado para a época que abrigaria funcionários de segundo e terceiro escalões da empresa arrendatária da via férrea.

Por causa do número significativo de funcionário da Viação Férrea na cidade, a Loja Honra e Verdade fundada, devido a algumas divergências entre os maçons da Loja Luz e Trabalho, era composta “exclusivamente” pelo pessoal da Estrada de Ferro, segundo a carta enviada por Angelo Caldonazzi, membro da Loja Luz e Trabalho de Santa Maria, para José Domingues de Almeida, secretário do Grande Oriente do Estado, com sede em Porto Alegre.¹⁷⁵ A Loja Honra e Verdade, no ano de 1914, estava em pleno funcionamento e contava com 30 membros.¹⁷⁶

Através da filantropia, a maçonaria local disputava com a Igreja católica o prestígio na

há ninguém, como o foi em hospitais e escolas ou hoje em paróquias não atendidas; na “periferia”, não no centro do poder, mas ali onde não há poder e sim impotência; na “fronteira”, ali antes de tudo é preciso experimentar, onde o risco é maior, onde é mais necessária a atividade profética para sacudir a inércia em que a Igreja em sua totalidade está se petrificando. Cf. CERON, Ir^a Ida Tereza. *Consciência Viva: 40 anos de caminhada (1951-1991)*. Província “Imaculado Coração de Maria”, Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Santa Maria: Associação Franciscana Madalena Damen, 1996, p. 481.

¹⁷⁵ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-26, 20 abr. 1914, ALEV, Silveira Martins.

¹⁷⁶ Loja Honra e Verdade, Santa Maria, n. folha 77-19 A, B, C e D, 08 out. 1914, ALEV, Silveira Martins.

cidade e, politicamente, havia “deixava de lado” o anticlericalismo de seus “veneráveis irmãos”, colocando-se lado a lado com os católicos. Assim, católicos e alguns maçons atuaram em parceria em prol de causas humanitárias em benefício da comunidade, nesse caso, num projeto hospitalar laico que compartilharia suas atividades com um serviço católico.¹⁷⁷

Para conquistar mais almas para o credo católico, a partir de 1906, é reorganizado pelo padre Pagliuca, em Santa Maria, o Apostolado da Oração,¹⁷⁸ que havia sido fundado em Santa Maria, em 1900, pelo padre Wimmer, pois fazia-se necessário organizar e instruir os fiéis sobre a religião. O vigário estava preocupado com a educação da espiritualidade dos fiéis. Segundo o padre Probst (1989, p.61), foi fundada, em 1906, a Associação de Jovens para o sexo masculino como “um centro de refúgio num ambiente moralmente decaído”.

Esses dados sobre a cidade se coadunavam com as observações de O’ Neill (1994, p.155), nos seus “apontamentos palotinos”, sobre o trabalho da Congregação no Brasil, no Uruguai e na Argentina, quando referia que Santa Maria era uma cidade “corrompida e descrente.” A partir da chegada do palotino padre Caetano Pagliuca, em 1900, Santa Maria seria convertida em uma das cidades com um número expressivo de católicos e de muitos religiosos. O sacerdote assumiu a Paróquia Catedral de 1901 a 1937.¹⁷⁹ O texto de O’ Neill sugere que havia consciência da passagem pela cidade de alguns sacerdotes de vida irregular e sobre a presença de anticlericais no local, como também espelha os ideais da Restauração Católica ainda presentes no início do século XX.

Podemos dizer que as ligações dos padres palotinos com a cidade de Santa Maria vão se tornando estreitas, pois eles irão, de certa forma, organizar e determinar os caminhos da

¹⁷⁷ Para saber mais sobre a filantropia na maçonaria ver a obra de COLUCCI, op.cit.

¹⁷⁸ A associação religiosa do Apostolado da Oração nasceu numa casa de estudos da Companhia de Jesus, em Vals, na França, em 1844. Depois de aprovado pelo Bispo de Lê Puy, o Papa Pio IX concedeu-lhe, em 1849, as primeiras indulgências. É uma associação de direito pontifício dos jesuítas. No Brasil, o primeiro Apostolado da Oração foi fundado em 1867, em Recife, na Igreja de Santa Cruz. Cf. *Manual do Coração de Jesus*, para os associados do Apostolado da Oração. São Paulo: Loyola, 1995, p. 7-10.

¹⁷⁹ Em 1922, começam a ser publicados os escritos de Vicente Pallotti, buscando-se a sua canonização. A Província Americana dos padres palotinos foi criada no Capítulo Geral da Pia Sociedade das Missões (hoje Sociedade do Apóstolo Católico) em 1909. A sua sede foi sempre Santa Maria, de 1909 a 1923. No Capítulo Geral de 1919, foi criado o Distrito Brasileiro constituído de membros ítalo-brasileiros e das seguintes localidades: Silveira Martins, Vale Vêneto, Novo Treviso, Arroio Grande, Tristeza em Porto Alegre. Em 1923, a Província Americana, constituída só de membros alemães, transferiu sua sede para Bruchsal, Alemanha. Em 1925, a Província de Bruchsal recebeu o nome de Província do Sagrado Coração de Jesus, assim como a Província de Limburgo foi chamada de Província da Santíssima Trindade. O Instituto Brasileiro, em 1929, passou a ser Região Nossa Senhora Conquistadora e, em 1940, tornou-se Província Nossa Senhora Conquistadora presente não só no Rio Grande do Sul como no sudoeste do Paraná, no Mato Grosso do Sul, em Rondônia, no Amazonas e em Moçambique. Desde a fundação sul-americana, havia certa resistência em admitir pessoas nascidas nessas regiões, ficando fechada a luso-brasileiros, aos negros e aos descendentes de imigrantes. Por muito tempo houve preocupação de que os seminaristas fossem estudar na Europa. Cf. O’ NEIL, Pe. Kevin. *Apuntes Históricos Palotinos*. Santa Maria: Pallotti 1994; QUAINÉ, Pe. João B. *Celebração dos 120 anos da chegada dos palotinos em Vale Vêneto: 1886-2006*, Santa Maria: Pallotti, 2006, p. 11 e 12.

religiosidade dos primeiros imigrantes católicos e seus descendentes, bem como a doutrina dos Seminários da região. Os padres jesuítas,¹⁸⁰ no final do século XIX, serão os incentivadores da vinda de outras ordens e congregações religiosas no Rio Grande do Sul. Em Santa Maria, irão trabalhar no Seminário Diocesano São José a partir de março de 1926, quando foi inaugurado. Os sacerdotes dessas congregações irão também promover Retiros para os católicos da cidade.¹⁸¹

Os padres palotinos vieram ao Brasil para, a princípio, dar atendimento espiritual aos imigrantes italianos, depois passaram a atender os poloneses, os luso-brasileiros e os alemães. Em 1866, e nos anos seguintes, chegaram também ao Rio Grande do Sul padres palotinos de origem italiana, como o padre Caetano Pagliuca (1874-1957), João Barbisan e Domingos Nostro. Devido às dificuldades financeiras da época, os palotinos abriram um pequeno Seminário em Vale Vêneto em 1892, o primeiro Seminário palotino sul-americano que funcionava na própria casa paroquial.¹⁸²

Assim, entende-se que os sacerdotes palotinos que chegaram a Santa Maria são contemporâneos do Projeto de Restauração Católica e, nesse sentido, procuraram fazer valer o modelo de Igreja romanizada na localidade, já que antes da chegada dos sacerdotes dessa congregação, o clero local era pouco numeroso e alguns foram vistos com reservas sendo advertidos pelo seu comportamento.

Ao longo desta investigação percebemos que a cidade, como um todo, não pode ser considerada anticlerical, mas, desde o final do século XIX até meados do século XX, devido à oposição de alguns segmentos sociais aos ditos privilégios e dogmas da Igreja, o anticlericalismo era expressivo em Santa Maria. A Igreja católica, até o final do século XIX, bem como outras confissões religiosas como a anglicana, recebeu apoio de pessoas influentes que lhes concediam terrenos para a construção dos templos.

¹⁸⁰ Os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759, mas durante o Segundo Reinado voltam a se estabelecer paulatinamente, instalando-se inicialmente no Rio Grande do Sul, a partir de 1842, e depois em Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro. Tornam-se os defensores do modelo eclesial tridentino no Brasil. Cf. AZZI, op.cit., 1992, p. 92-9; ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e imigração italiana*. Porto Alegre: EST/Sulina, 1975, p. 81.

¹⁸¹ Os padres jesuítas chegaram em maior número ao Rio Grande do Sul entre 1870 a 1904 e os padres palotinos alemães em 1886, em função do Projeto Regional de Restauração Católica abrindo escolas e noviciados. Cf. KREUTZ, Lúcio. Modelo de uma Igreja Imigrante: educação e escola. In: DREHER, Martin. *Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja*. Porto Alegre: EST, São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 210.

¹⁸² Em 1896, o Seminário foi transferido para Porto Alegre, no Bairro Tristeza, sendo que em 1909 foi fechado. Entre 1915 e 1922 novamente a casa paroquial de Vale Vêneto acolheu alunos seminaristas, sob a direção do Pe. João Iop. Nesse mesmo ano, foi lançada a pedra fundamental do atual Seminário, a ala principal foi construída em oito meses, sendo inaugurado com o nome de Colégio Rainha dos Apóstolos. Os palotinos dirigiram também um colégio em Cruz Alta (1932-1933), o Ginásio Cristo Redentor que, em 1934, foi entregue aos maristas. Em 1927, os padres palotinos alemães retiraram-se do Rio Grande do Sul estabelecendo-se, em 1929, no Paraná. Cf. QUAINÉ, op.cit., p. 4-12.

As novas confissões religiosas católicas irão chegar no início do século XX. Mesmo que a cidade abrigasse Lojas maçônicas e anticlericais, não podemos afirmar que a população fosse descrente, mas antes composta de diferentes crenças. Pois, na cidade, no ano de 1899, os anglicanos, com o reverendo James W. Morris, instalaram uma Casa de Orações e, no ano de 1900, foi realizado o primeiro culto em casa alugada à Rua Dr. Bozano, com a presença de aproximadamente 300 pessoas incluindo “ilustres representantes da sociedade santamariense.”¹⁸³

No ano de 1906, foi inaugurado o templo da Igreja anglicana, a capela do Mediador da Igreja Episcopal Brasileira na Avenida Rio Branco. O fundador foi o reverendo James Morris. Segundo Belém (2000, p. 250-252), as senhoras evangélicas constituíram a Sociedade Auxiliadora com a finalidade de cooperar para a propagação de sua crença. Os anglicanos também criaram escolas dominicais, uma no bairro Itararé, outra no Prado, local que ficava nos arredores da cidade, outra no Pinhal e no distrito de São Martinho e Júlio de Castilhos. Em 1902, passaram a publicar o jornal *Estrela do Oriente*.

Em 1907, os anglicanos já haviam criado uma escola dominical na Rua Ipiranga, atual Avenida Presidente Vargas. Os primeiros membros da Capela do Mediador pertenciam às famílias Rolim, Pinto, Gomes, Casagrande, Appel, Silva, Niederauer, Valle Machado, Burther e Mello, como se pode verificar em várias edições do *Diário do Interior*, seção “Vida Religiosa”, de Santa Maria.

A interiorana cidade, beneficiada pelos trilhos da Viação Férrea, movimentava-se no campo religioso protestante, pois em 1905 a Igreja Episcopal Brasileira realizou o seu primeiro Concílio em Santa Maria, seguindo-se de outros dois: um em 1909 e o outro em 1926. Tal fato denota que o campo religioso na cidade se diversificava e, para o clero católico, a situação tornava-se delicada, pois havia muitos concorrentes no jogo de interesses, ou no jogo das crenças, onde vivia uma população de muitos saberes, mas ignorante em termos de religião, segundo os prelados católicos e protestantes.

Outros cultos de cunho protestantes tinham espaço na cidade no início do século XX. Segundo Beltrão (1979, p. 452), em 1908, foi celebrado o primeiro culto da Igreja Adventista do Sétimo Dia, conhecidos por Mórmons, dirigida pelos reverendos W. Spies, P. Kraemer e John Lipke. Dois anos depois, os anglicanos comemoraram a inauguração da casa pastoral ou Paróquia do Mediador, na Avenida Progresso, atual Avenida Rio Branco, contígua à Igreja anglicana. Na obra publicada por Kickhofel (2000, p. 19-29) em comemoração aos 100 anos

¹⁸³ Cf. KICKHOFEL, Oswaldo. *Capela do Mediador, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Santa Maria: Pallotti, 2000, p. 19-29.

da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil, ele deixa claro que a disputa pela espacialidade espiritual era recíproca quando afirma que a inauguração do culto não reprovando o celibato e a confissão teria sido “mais uma desilusão para a Igreja Católica Romana”. Esses dados mostram que as estratégias de conquista do espaço do sagrado eram comuns a todas as crenças em Santa Maria.

Foi fundado também, em 1910, o primeiro centro espírita denominado “Sociedade Espírita Frei Francisco do Mont´ Alverne”, na residência de Otacílio Carlos Aguiar, de acordo com o “*Álbum Ilustrado do Primeiro Centenário da Emancipação Política de Santa Maria*”. Em 1950, a sociedade passa a chamar-se “Amor e Caridade”, funcionando à Rua Tuiuti, presidida pelo Major João Scherer.¹⁸⁴

Assim, percebe-se que, além dessas agremiações, maçônicas e protestantes, a questão da divulgação do espiritismo na cidade foi uma das preocupações do episcopado de Dom Miguel de Lima Valverde, pois as advertências do clero católico com relação a esta crença vinham sendo registradas no *Boletim Mensal da Diocese*, desde 1913. Chama à atenção a preocupação do epíscopo, à época, em explicar o espiritismo publicando estudos de bispos e médicos de outras regiões do país sem negar os fenômenos explicáveis pela física. Pelas publicações, percebe-se que o clero católico enfrentava o assunto com seriedade e não se imiscuía em publicizar artigos que circulavam em outras cidades sobre o tema. Um exemplo é o artigo do médico católico, Dr. Felício dos Santos, publicado em junho de 1913, alertando que para a medicina, “a causa dos fenômenos mediúnicos é um ente espiritual-preternatural”, excluindo os casos de “artifícios humanos ou ilusões mórbidas”. Advertiu categoricamente aos católicos: “para nós católicos não há dúvida, são os anjos maus”, pois entendia que “os anjos bons não são mentirosos e nem pretensiosos, não se manifestam por médiuns, ou condescendendo com o espírito de qualquer sapateiro que se meta a tocar o rebecão no coro”. Considerava que os espíritos eram “entidade alheia a nós, mas que pretendem nos dirigir, convencer, persuadir”. Explicou ainda, no artigo, as diferenças entre histeria, obsessão, possessão, benzeduras, etc. relatando experiências de seu consultório e como conseguia “libertar pessoas do cativoiro” dos espíritos através da invocação de Nossa Senhora.¹⁸⁵

Assim, a preocupação do bispo com relação à ignorância religiosa dos fiéis e com a difusão de outras crenças na interiorana cidade era expressa no *Boletim Mensal da Diocese*,

¹⁸⁴ *Álbum Ilustrado Comemorativo do Primeiro Centenário da Emancipação Política de Santa Maria* – 17 de maio de 1858 – 17 de maio de 1958. Santa Maria, [s.n.], 1958.

¹⁸⁵ “Espiritismo: importante testemunho. Carta do Dr. Felício dos Santos”, Parte I. *Boletim mensal da Diocese de Santa Maria*, ano I, n. IX e X, mai/ jun, 1913, p. 155 e 156; “Espiritismo: importante testemunho. Carta do Dr. Felício dos Santos”, Parte II. *Boletim mensal da Diocese de Santa Maria*, ano I, n.XI, jul. 1913, p. 165-176. AMSM, Santa Maria.

onde também fazia advertências ao clero em relação ao desleixo deles com o catecismo nas paróquias o qual deveria atender também a essa questão. Nesse sentido, Dom Miguel de Lima Valverde redige um mandato aos sacerdotes da Diocese, publicado em 1912, no *Boletim*. Após sua Visita Pastoral, nas paróquias da Diocese, ele observou a existência de uma “profunda ignorância religiosa da população local” devido, principalmente, às superstições. Então, mandou que “em cada paróquia, o mais breve possível e no prazo máximo de treze meses”, fosse constituída a Congregação da Doutrina Cristã, “de acordo com o disposto na Pastoral Coletiva de 1904”. A carta, assinada no dia 17 de agosto de 1912, expressava a realidade católica na visão do bispo:

O mal da ignorância religiosa é ainda mui profundo e geral de sorte que, si não lhe aplicarmos remédio urgente e efficaz, a nova geração será, na sua maioria perdida para o nosso divino Redemptor, Jesus cristo (...). Não nos iludamos: a instrução religiosa é descurada no lar doméstico, anda proscrita das escolas governistas, por muitas e em muitas partes é até combatida e perseguida, como si não fora ela a primeira das necessidades do homem e do fundamento mesmo da ordem social.¹⁸⁶

A partir dessa constatação, entende-se porque, no ano seguinte, Dom Miguel de Lima Valverde advertiu aos párocos da Diocese sobre a necessidade de “deplorar a confusão de idéias, os tristes preconceitos e não poucas desordens moraes (...), de causas diversas e deploradíssimas já removidas, aliás, pela divina Misericórdia”. Para tanto, recomenda o dever dos sacerdotes em “aproveitar todas as ocasiões para levar adiante a grande obra da restauração religiosa nesta diocese”.¹⁸⁷

Após nova visita às paróquias da sua diocese, Dom Miguel de Lima Valverde se dirigiu aos seus cooperadores, através de Carta Pastoral, pois continuava preocupado com a situação de desconhecimento da doutrina cristã: “a ignorância do povo em matéria de religião, principalmente nas freguesias da campanha”, é causa de “graves desordens morais” e da “pouca devoção do povo”. Observou falha em coisas primárias como, por exemplo, o modo como faziam o sinal da cruz, como assistiam a missa na Igreja e como tratavam o vigário.¹⁸⁸

¹⁸⁶ “Congregação da Doutrina Cristã”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano I, n. 1, set. 1912, p. 7 e 8. AMSM, Santa Maria. No ano de 1913, o Município de Santa Maria estava dividido em seis distritos que, no total, contava com uma população de 54.960 indivíduos. Somente na cidade, viviam 15.538 pessoas, dos quais 7.613 eram homens e 7.925 eram mulheres. O número de edificações era significativo, 2.429 prédios. Cf. BELÉM, João. Dados geográficos sobre Santa Maria. In: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914.

¹⁸⁷ Congregação da Doutrina Cristã”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano I, n. 1, set. 1912, p. 7 e 8. AMSM, Santa Maria.

¹⁸⁸ “Carta Pastoral de D. Miguel Lima Valverde ao clero parochial da diocese de Santa Maria – Santa Maria, 19 de março de 1914”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano II, n. VIII, abr. 1914, p. 113 e 121. AMSM, Santa Maria.

Questionou os sacerdotes sobre a pouca assistência dos fiéis às pregações dominicais e às aulas de catecismo. Nesse sentido, solicitou-lhes um trabalho sistemático de catequese, advertindo-os de que eles não deveriam poupar sacrifícios para que as colônias se convertessem em foco de intensa vida religiosa, advertindo-os para a necessidade de adoção de um método eficaz de evangelização:

Não nos façamos ilusão acerca da eficiência de nosso ministério, como é actualmente exercido. Sem orientação, sem método, sem organização pouco havemos de conseguir. A grande massa do povo continuará ignorando Jesus Cristo e a sua Igreja, sem compreender a sua dignidade de christãos, vivendo uma vida materializada, como despreocupados da própria salvação eterna. Que responsabilidade para nós, se por nossa culpa se perderem essas almas!¹⁸⁹

Na Carta Pastoral, de 1914, Dom Miguel de Lima Valverde aconselhou, também, os sacerdotes em questões de pregação sobre a necessidade de catequese às crianças e aos adultos; ordenou que eles se empenhassem em fundar “escolas paroquiais”, à época, eram assim chamadas as escolas primárias católicas, “uma necessidade inadiável frente ao ensino leigo”; recomendou atenção especial às associações religiosas, pois considerava “um auxílio precioso ao êxito da causa cristã no combate à indiferença religiosa”; advertiu que “só proibir os católicos de ler livros, folhetos, jornais ímpios não bastava. É preciso substituí-los por bons livros e jornais de modo que o gosto pela leitura se converta em instrumento de instrução religiosa e saneamento moral”.¹⁹⁰

Como uma das ações da Diocese católica, consideramos importante o *Boletim Mensal da Diocese*, um órgão usado para o esclarecimento aos paroquianos sobre a fé católica, os dogmas e doutrinas da Igreja. Para abordar as convicções católicas e suas diferenças em relação aos anticlericais, foi criado, nesse impresso, uma seção intitulada “Pequenas Controvérsias”. Um dos temas tratados, em 1913, foi a existência de Deus. O autor, ao considerar que viviam em “tempos de incredulidade”, em que os “homens de ciências têm procurado destruir a força deste argumento”, reiterou que os esforços dos incrédulos são inúteis porque “todos os dados subministrados pela ciência lhe são favoráveis”. Citou alguns autores que, ao mesmo tempo em que defendiam a revolução da ciência, da ética, da harmonia do universo, tratavam com credulidade da ressurreição, da providência divina, da imortalidade das almas e da necessidade da revelação.¹⁹¹

¹⁸⁹ “Carta Pastoral de D. Miguel Lima Valverde” Ibid. p. 115.

¹⁹⁰ “Carta Pastoral de D. Miguel Lima Valverde”, op. cit., p. 119.

¹⁹¹ “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano II, n. II, out. 1913, p. 28 a 30; “Pequenas Controvérsias”. Ibid. p. 45 a 47; “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa*

Em meio à diversidade religiosa da cidade, o bispo reagiu estrategicamente, convertendo em benefícios para o campo religioso católico as questões relativas à fé e à ciência.

Nossa pesquisa explica, assim, o motivo pelo qual acredita-se que, na cidade, preponderou a influência católica, a ponto de, em 1914, ter sido comemorado o Primeiro Centenário de Santa Maria, considerando o ano de fundação da cidade 1814, provavelmente remetendo a data à chegada do primeiro Cura. Essa data foi refutada por historiadores locais e homens letrados que, ao considerá-lo como “falso centenário”¹⁹² atribuíram uma pretensão da Igreja católica, pois considera-se o ano de aniversário da cidade 1858, quando ela foi elevada à condição de município. O embate não foi, porém, pensado senão pelo viés da emoção, pois verificamos que são duas ordens distintas de datas: uma em 1812, quando o Oratório de Santa Maria foi substituído por Capela Curada, e outra em 1837, ano da criação da Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte e, por isso, o curato foi elevado à Paróquia, deixando de ser filiada à matriz de Cachoeira e, em 1910, sendo elevada a Diocese.

Ainda nesse jogo de interesses, em 1914, o bispo reuniu alguns artigos com a elite letrada da cidade e publicaram a *Revista do Centenário de Santa Maria*. A publicação, ao trazer a palavra *centenário* no seu título, suscitou polêmica porque a data diferia das datas oficiais relativas a Santa Maria. A publicação em tela ficou conhecida mais tarde como testemunho de um “falso centenário”, como registrou Beltrão (1979). No entanto, a partir do que pesquisamos, podemos inferir que o foco da preocupação dos organizadores era afirmar a primazia da Igreja católica, pois a data remetia a época da chegada do primeiro Cura à cidade, o padre Antônio José Lopes.

Na realidade, estamos diante de um fato que poderia ser lido como tentativa de “invenção da tradição”, uma forma de dizer que a sua fundação se deu com a presença da Igreja católica ou que ela havia “chegado” primeiro à cidade, pois a Comissão Demarcadora de Limites da localidade aconteceu em 1797 e Santa Maria tornou-se município em 1858, sendo que, canonicamente, o povoado tornou-se Capela Curada em 1812.¹⁹³

Apesar da *falsidade* da data, a Revista pode ser lida e analisada em seu conteúdo. Ela inicia com uma pequena apresentação de Carlos Maximiliano e com muitas fotos de homens influentes na cidade que contribuíram para a publicação da mesma, como Dr. Gustavo

Maria, ano II, n. IV, dez. 1913, p. 63; “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. V, jan. 1914, p. 79 e 80; “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. VI, fev. 1914, p. 94 e 96. AMSM, Santa Maria.

¹⁹² BELTÃO, op.cit.; BELÉM, op.cit., p. 55 e 95.

¹⁹³ DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914. Augusto Daisson era jornalista redator do *Correio do Povo*, Porto Alegre.

Vauthier, Dr. Nicolau Becker Pinto, Secretário Geral das Festas do Centenário; Germano Brenner, Tesoureiro da Comissão do Centenário; Dr. Astrogildo César de Azevedo, Luiz Dânia e Amadeu Weinmann da Comissão dos Festejos; entre outros. Mas, a fotografia ilustrativa da primeira página, em tamanho grande, é do bispo Dom Miguel de Lima Valverde, Presidente honorário da Comissão do Centenário. No entanto, a importância de sua figura na cidade não é mencionada em texto. Em seguida, os artigos são escritos por diferentes pessoas da cidade. O primeiro, intitulado “*O progresso em Santa Maria*”, foi escrito por João Bonumá, juiz distrital, anticlerical. Nesse texto, ele deixa claro que Santa Maria, à época, 1914, tinha apenas 38 anos, pois havia sido elevada a categoria de cidade pela Lei Provincial de nº. 1013, de 6 de abril de 1876, e por isto a cidade “estava apenas na sua infância (...) mas já era o coração e o centro econômico do Rio Grande do Sul”. O artigo intitulado “*A Igreja Católica em Santa Maria*” foi escrito pelo padre Caetano Pagliuca; o artigo sobre “*A imprensa em Santa Maria*” e “*Os intendentes municipais*” por João Belém; sobre a “*Festa de Santo Antônio*” escreveu Dr. Becker Pinto.

Em novembro de 1913, Augusto Daisson havia publicado no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, um artigo sobre os 100 anos de Santa Maria, o qual foi incluído na *Revista* sob o título “*Centenário de Santa Maria*”. A obra também dava espaço a outros temas como a “*Crônica da Paróquia Evangélica Alemã de Santa Maria*”, escrita pelo pastor evangélico Americo Furtado Camboim, o qual informava que o número de sócios da paróquia, à época, era superior a mil. Sobre os anglicanos, o artigo intitulava-se “*Epítome histórico da igreja Episcopal Brasileira em Santa Maria*”, escrito por Ignácio de Oliveira Vale Machado. Essa publicação, conjunta, demonstra o quanto àqueles agentes sociais eram políticos, com pontos de vista divergentes que marcavam suas posições no espaço social, objetivamente.

Tudo indica que, além da publicação da *Revista*, houve uma festa. O fato de o bispo aparecer apenas representado na foto significa que foi feito a ele apenas uma referência, um “beija-mão”, e isso teria sido um ponto a favor da Igreja. Mas, como no âmbito geral, o livro foi escrito por agentes sociais maçons, protestantes e alguns anticlericais, pode significar que Santa Maria estava acima das divergências e que a grande parte da intelectualidade convidada para compor as comissões de organização do fato comemorativo, mesmo sendo membro da maçonaria, dispunha-se a escrever para ocupar o espaço e manter o prestígio.

A revista, nesse sentido, tornava-se uma espécie de vitrine porque, à época, todos comemoraram, ficando implícito o jogo de interesses com aparente vantagem para a Igreja.

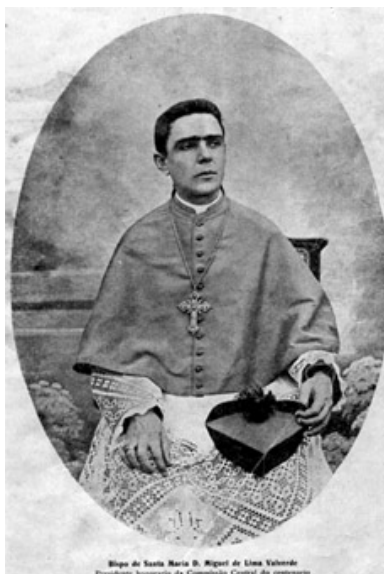


Ilustração 15 – Dom Miguel de Lima Valverde, Bispo que governou a Diocese de Santa Maria de 1912 a 1922 (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).



Ilustração 16 - Cónego José Marcelino de Souza Bittencourt (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).



Ilustração 17 - Dr. Astrogildo de Azevedo, Presidente da Comissão de Festejos do Centenário de Santa Maria, comemorado em 1914 (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).



Ilustração 18 - Luiz Dânia, membro da Comissão de Festejos do Centenário de Santa Maria, comemorado em 1914 (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).



Ilustração 19 - Amadeu Weinmann, membro da Comissão de Festejos do Centenário de Santa Maria, comemorado em 1914 (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

Na promoção da Restauração Católica,¹⁹⁴ a imprensa foi um dos instrumentos importantes, pois, desde a Pastoral Coletiva de 1890, o clero católico evidenciava a urgência de “criar e difundir a imprensa confessional, a ‘boa imprensa’”, que, no dizer dos epíscopes brasileiros, “atalharia os estragos da imprensa ímpia”.¹⁹⁵

No campo religioso, para melhor esclarecer os católicos da Diocese sobre crenças e religião, no episcopado de Dom Miguel de Lima Valverde percebe-se, uma preocupação constante com a informação e formação, pois no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* foram publicados artigos que faziam os católicos se sentirem obrigados a sustentar o órgão *Boa Imprensa* que defendia a causa da Igreja, combatia o protestantismo, a maçonaria e outras crenças.

Em artigo, o Arcebispo de Olinda, por exemplo, argumentava que a fé católica, “atacada nas ruas, nas escolas e, sobretudo, na má imprensa” deveria ser defendida; pois considerava que a imprensa laica havia se transformado “em alavanca destruidora, manejada

¹⁹⁴ GONÇALVES, Marcos. Missionários da ‘boa imprensa’: a revista Ave-Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. In: *Revista Brasileira de História. Imprensa e impressos*. São Paulo: ANPHU, v. 28, n. 55, jan-jun, 2008, p.65.

¹⁹⁵ AZZI, Riolando. op.cit., 1994, p. 27.

por agentes que, perdendo o coração, procuram corromper igualmente a inteligência.”¹⁹⁶ Para reforçar o tema, na edição de agosto de 1917, do *Boletim da Diocese*, foi publicada a Carta Pastoral de Dom Aducto Aurélio de Miranda Henriques questionando os sacerdotes sobre o quanto estavam investindo na imprensa católica e advertindo que cada um deveria promovê-la do modo mais apropriado no seu meio.¹⁹⁷

O trabalho do clero católico local e do bispo, sob o ponto de vista da defesa da fé e dos dogmas católicos, redobrava; seus opositores não davam trégua, pois a Constituição lhes facultava a liberdade de culto. Assim, a preocupação do clero católico em publicar artigos, não só advertindo quanto aos *erros* do protestantismo e da maçonaria como também sobre os do espiritismo, vão adentrando a primeira década do século XX.¹⁹⁸ Esse tema apareceu novamente em agosto de 1916, onde foi expressa a proibição da Igreja ao católico em ser médium e de assistir a sessões espíritas, pois o Espiritismo era qualificado como anticatólico, porque “na sua essência não dá culto a Deus, nem admite sansão eterna”, ao contrário, declarava a existência de “um tempo de provas para os espíritos até chegarem a perfeição”.¹⁹⁹

As muitas notícias sobre o espiritismo veiculadas nos jornais locais de Santa Maria levaram aos articulistas da Igreja a abordar o tema no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, através do qual os católicos eram advertidos sobre a “perniciosíssima heresia do espiritismo, sob pena de excomunhão”. O articulista considerava o espiritismo uma pseudo-religião que negava os dogmas fundamentais do cristianismo, alertando que quem seguisse o espiritismo “*desobedece* diretamente às ordens de Deus que já no tempo de Moisés proibiu esse comercio abusivo com o além”. Procurava apresentar uma explicação simples e objetiva para atestar que o espiritismo, “pelo seu lado *científico*”, poderia ser chamado de “phantasmagórico”, uma falácia.²⁰⁰

Na cidade havia público para diferentes crenças. Assim, em 1917, foi fundada uma nova sociedade espírita, pois em 1919, o jornal *Diario do Interior* de Santa Maria informa

¹⁹⁶ “A última palavra do Sr. Arcebispo de Olinda”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IV, n. 1, jan. 1916, p. 14 e 15. AMSM, Santa Maria.

¹⁹⁷ “Palavras episcopais – Carta Pastoral de D. Aducto Aurélio de Miranda Henriques”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano V, n. 8, ago. 1917, p. 125 a 127, AMSM, Santa Maria.

¹⁹⁸ Desde o século XIX, intelectuais brasileiros se identificam com o espiritismo kardecista e na primeira metade do século XX “o trabalho de intelectuais e dirigentes umbandistas direcionava-se no sentido da divulgação da herança negra e da valorização dos códigos simbólicos dominantes. É assim que a Umbanda, nos seus primórdios, aproximou-se da ética cristã interpretada pelo Espiritismo de matriz kardecista”. Cf. ISAIA, Artur César. Os intelectuais da umbanda e o mundo do trabalho. In: *Anais da XX Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, 2001, p. 365-370.

¹⁹⁹ “Pequenas controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IV, n. 8, ago. 1916, p. 125 a 126, AMSM, Santa Maria.

²⁰⁰ “Espiritismo”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, dez. 1921, ano IX, n. 12, p. 175-178. AMSM, Santa Maria.

sobre uma palestra proferida pelo Sr. Nigro Basciano no “Círculo Espírita Allan Kardec” de Santa Maria em comemoração ao segundo aniversário dessa associação.²⁰¹ Verificamos, nas edições dos anos de 1920, por exemplo, dos jornais *Diario do Interior* e *O Castihista*, nas publicações da revista *Reacção* e ainda no jornal maçônico *O Templário*²⁰² que havia um grande número de notícias sobre assuntos ligados ao espiritismo e ao cientificismo que, em nosso ponto de vista, pode ser tomado como divulgação de novas ideias.

O Templário, por exemplo, expressava amplo apoio a essa crença numa época em que “tudo se revoluciona, mistura e confunde brotando, finalmente dessa massa informe em que foi circunscrito o pensamento humano, o rebento de uma nova geração (espiritismo) que satisfaça melhor as aspirações, cumprindo, condignamente, com a lei divina e que a presente não soube conquistar (catolicismo)”²⁰³. Esse jornal citava curas espirituais realizadas por espíritas dando destaque à homenagem feita por um deputado a um médium da época. O jornal também tecia críticas à Igreja católica, em relação ao tema espiritismo, por considerar as ditas comunicações de médiuns com espíritos “manifestação dos demônios em busca de almas”.²⁰⁴

A questão da teosofia também foi tema abordado na interiorana cidade através do *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, pois um Tenente Coronel, chamado Raymundo Seide, havia escrito ao Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro indagando se as doutrinas teosóficas eram conciliáveis com a católica. A resposta a carta, datada de 8 de janeiro de 1920, foi publicada no *Boletim* diocesano porque o estabelecimento do núcleo teosófico no Rio de Janeiro havia sido um ato público e, portanto, era dever da Igreja declarar sua reprovação a tal doutrina. Segundo o Cardeal, não era lícito um católico filiar-se as sociedades teosóficas, nem participar de suas reuniões, tampouco ler seus livros, revistas e jornais. Justificou explicando que entendia o teosofismo como “uma mescla de ciências pagãs, gnósticas, udistas, maçônicas, espíritas, protestantes. Não é, portanto, um sistema definido e

²⁰¹ “Círculo Espírita Allan Kardec completa dois anos de existência”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 15/11/1919, ano IX, n. 269, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

²⁰² *O Templário*, folha maçônica, começou a circular em 1903, sob a direção de Boaventura Lopes. Essa referência sobre o surgimento de *O Templário* encontramos no jornal *O Combatente* com o título “Imprensa”. Cf. *O Combatente*, Santa Maria, 08 jan. 1903, ano XVII, n. 1077, p. 1, ACMEC, Santa Maria. Segundo a edição de 1925, do jornal *O Templário*, esse órgão de imprensa era um “mensageiro gratuito, destinado à propaganda maçônica”, publicado pela Loja Fraternidade e impresso na Guarany.

²⁰³ Cf. *O Templário*, fev. e mar. 1925, abr. e jul. 1925, p. 4. ALEV, Silveira Martins.

²⁰⁴ Cf. *O Templário*, Ibid. Em artigo publicado sobre o surgimento do Espiritismo de Umbanda no Brasil Isaia adverte que o Espiritismo codificado por Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) estava ligado à ideia de progresso evolutivo. Cf. ISAIA, Artur César. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Revista Anos 90*. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre: UFRGS, n. 11, jul. 1999, p. 104.

tende a fundir todas as religiões num sincretismo geral de todas as crenças”.²⁰⁵

Com essas publicações, percebe-se que, no campo religioso da cidade, estava estabelecido um conflito de crenças. Numa leitura mais apurada do *Diario do Interior*, observamos que, já no início do século XX, esse jornal dava espaço à divulgação do ocultismo, aos progressos do espiritismo. São publicadas notícias da chegada à cidade de videntes que haviam percorrido a Europa. Por exemplo, a Mme. Athéne “professora em ciências ocultas de passagem pela cidade”.²⁰⁶ Outros videntes do Rio de Janeiro e Nova York também são notícias desse jornal, como, por exemplo, a “conhecida cartomante Zizinha” que, nas suas últimas predições, revelava acontecimentos para o ano de 1920. Essa notícia é publicada como proveniente do Rio de Janeiro²⁰⁷. Outro exemplo desse tipo de notícia provém também do Rio de Janeiro e eram de revelações feitas pelo grafólogo Sr. Detourt para o ano de 1920.²⁰⁸

A reportagem “*Nos domínios do psiquismo: Edson e o intercâmbio com o além*”, por exemplo, anunciava a criação de um aparelho “sensível para registrar as manifestações espíritas e ver se é possível comunicar-se com as personalidades que deixaram esta terra”.²⁰⁹ Esse mesmo jornal publicou também, no ano de 1919 e 1920, uma sequência de notícias sobre a independência da mulher na Europa e sua atuação no trabalho como profissional, destacando o liberalismo feminino ou independente.

Em outras reportagens desse periódico, percebe-se também a ênfase dada à crença, entre alguns anglicanos, no espiritismo e as discussões provocadas entre eles no exterior. Um exemplo é a reportagem intitulada “*Uma assembléia anglicana de eclesiásticos*” noticiando que, na Inglaterra, os anglicanos, numa reunião “de ilustres personalidades eclesiásticas das Igrejas Anglicanas”, iriam discutir sobre as relações entre cristianismo e espiritismo. Segundo a matéria do jornal, alguns pastores, como o Bispo de Lincon, opinavam que “o espiritismo não é loucura nem embuste”, deveria ser estudado, bem como o Reverendo J. P. Wiles que afirmava “que o espiritismo é aliado e não inimigo do cristianismo”. Por outro lado, outros

²⁰⁵ “A Igreja e o Theosofismo – resposta do Sr. Cardeal a uma carta que lhe foi endereçada”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VIII, n. 1-2, jan.- fev. 1920, p. 18 a 20. AHMSM, Santa Maria.

²⁰⁶ “O Segredo do poder. Queres conhecer a vossa vida?”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 11 out. 1919, ano IX, n. 238, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

²⁰⁷ “Nos domínios das sciencias occultas: 1920 será um anno de fogo, paixões, perfídias, infâmias e ignomínias”. Seção “Serviço Especial do Diario do Interior, Telegramas”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 05 dez. 1919, ano IX, n. 284, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

²⁰⁸ “Novas previsões para 1920: Minas Gerais e o Rio Grande do Sul assumirão posição de destaque. A Igreja vai ter intrincadas questões a resolver. Os capitães estrangeiros afluirão para o Brasil. Outras notícias interessantes”. Seção “Serviço Especial do Diario do Interior, Telegramas”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 16 dez. 1919, ano IX, n. 293, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

²⁰⁹ LUZ, Flávio. “Nos domínios do psiquismo Edson e o intercâmbio com o além”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 20 nov. 1920, ano 10, n. 263, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

bispos anglicanos “repudiavam o espiritismo, como o Bispo de Norwich e o de Horwich”.²¹⁰ Para encerrar essa matéria, anônima, foi citada uma reportagem do Jornal *Liverphol Echo*, onde dizia que a “eletricidade e telegraphia sem fio existiam desde Adão e Eva”, aludindo que à época dos faraós já existia a comunicação com os mortos.

Em Santa Maria, o articulista do jornal republicano local, *O Castilhistas*, que no cabeçalho do mesmo sustentava ser “pela ordem e pelo direito - pela razão e pela justiça”, também dava espaço a notícias ligadas ao espiritismo e, pelas reportagens, percebe-se que alguns comungavam com esta crença²¹¹. Para respaldar esta afirmação, citamos uma notícia de 1925, onde comunicava que o Sr. Vital Lanza, advogado no foro de Porto Alegre, foi encarregado de, em nome da Federação Espírita Riograndense, viajar ao Rio de Janeiro a fim de convidar o médium Mozart “que com tanto interesse tem curado aleijados e outros doentes nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro”.²¹²

Outro registro relativo ao espiritismo, nesse mesmo jornal, foi publicado em 1927, onde os articulistas comunicaram um “fenômeno” ocorrido na sala da redação do mesmo. A notícia dizia que o quadro da parede com a foto do “Patriarca” do Partido Republicano, Júlio de Castilhos, havia se movido. Para interpretar e decifrar o caso, chamaram um médium espírita da cidade que se encarregou de resolver o problema.²¹³

Como estamos demonstrando, a diversidade de crenças era uma das características da cidade de Santa Maria e adentrava os anos de 1920. Em 1929, por exemplo, foi organizado o primeiro *Círculo Esotérico da Comunhão de Pensamento Swami vive kananda*, sob a presidência de Amaro dos Santos Pinto.²¹⁴

Desse modo, vamos percebendo que havia uma relação dialética entre os agentes sociais, católicos e acatólicos, relacionada a sua posição no espaço social da cidade. Neste caso, pretendemos demonstrar que os lugares do saber (escola, imprensa, igrejas) contribuíram na definição de posições e construíram uma teia de relações historicamente incorporadas a eles. Nesse sistema de relações, percebe-se que a autonomia dos atores sociais lhe permitia ocupar uma posição determinada, a qual estão ligados certos interesses, em relação a outros interesses ligados a outras posições. Aqui estamos pensando nas diferentes posições do clero católico frente aos protestantes, aos expoentes maçons e outras crenças e

²¹⁰ “Uma assembléia anglicana de eclesiásticos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 21 nov. 1920, ano X, n. 264, p. 4, AHMSM, Santa Maria.

²¹¹ *O Castilhistas*, jornal da política Borgista, foi fundado em 1925, sob a direção de Felisberto Monteiro. Os exemplares do acervo do Arquivo Histórico de Santa Maria são do ano de 1925 a 1927, sendo que a coleção está incompleta, AHMSM, Santa Maria.

²¹² “O Médium Mozart”. *O Castilhistas*, Santa Maria, 13 mar. 1925, ano 1, n. 4, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

²¹³ “Phenomeno Psychico”. *O Castilhistas*, Santa Maria, 30 jul. 1927, ano II, n. 114, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

²¹⁴ BELTRÃO, op.cit., p. 526.

vice-versa.

Exemplo de jogo de interesses vai sendo observado ainda na cidade, em matéria estampada no *Diario do Interior*. Trata-se de um convite, exclusivo aos sócios da “Associação União dos Caixeiros Viajantes” e seus familiares, para a “Conferência Científico Literária” que seria proferida pelo padre João Henrique,²¹⁵ intitulada a “Mulher na Antiguidade”. Segundo a reportagem, essa conferência foi uma apologia à mulher e versou “desde o hino à mulher entoado por Anacreonte em lira jóia, a mais de 2400 anos²¹⁶”, passando pela opinião de Rousseau e D’Alambert sobre a mulher e também pelo Gênese. Outros temas da conferência foram sobre “a mulher na era paleolítica; o amor platônico e sensual” demonstrado por passagens mitológicas; e, por fim, “a mulher na história e na filosofia”.²¹⁷

Esse jornal era o mais popular na cidade, à época, mas pouco recomendável pelo vigário à população católica, pois, além de seu proprietário ser anglicano, dava constantemente espaço para reportagens sobre o espiritismo e credices populares de curas milagrosas, além de noticiar atividades das Igrejas protestantes e da Loja maçônica Luz e Trabalho. Um exemplo de notícia acatólica são os convites às reuniões dessa loja maçônica para a “comemoração aos mortos.”²¹⁸ O espaço midiático reservado à Igreja católica no mesmo jornal era pequeno, geralmente encontrado na coluna “Vida Religiosa”.

A publicização das crenças, explicitada nos jornais e no jogo de interesses dos agentes sociais, vai delineando, em nosso entendimento, *o conflito* através de tensões e distensões e desenhando também o perfil da cidade. Um exemplo, aparece nos jornais *O Castilhist*a e o *Diario do Interior* quando se publicam chamadas para reuniões na Loja maçônica Luz e Trabalho²¹⁹, o que nos permite afirmar que a população identificava alguns membros dessa agremiação e alguns de seus ritos através dos jornais. De certa forma, isso contribuía para o prestígio do maçonismo, principalmente quando eram identificados os benfeitores de obras sociais da cidade.

²¹⁵ Consta que o Pe. João Henrique, sacerdote português, “foi secretário do Bispado de Santa Maria, em 1921, e foi suspenso pelo Bispo D. Miguel Lima Valverde e apostatou”. Morreu em Porto Alegre, em 1954, reconciliado com a Igreja. Cf. RUBERT, op.cit., 1957, p. 216.

²¹⁶ Anacreonte foi um poeta lírico grego, nascido em Teos, na Jônia, entre os séculos VI e V a. C., que celebrava os prazeres do vinho e do amor com versos festivos e laudatórios. Não tratava temas sérios. disponível em: < <http://www.vidaslusofonas.pt/anacreonte.htm>> Acesso em: 20 jun. 2007.

²¹⁷ “Conferência Científico Literária”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 17 nov. 1920, Ano X, n. 260, p. 3 e 4, AHMSM, Santa Maria.

²¹⁸ *Diario do Interior*, Santa Maria, 28 out. 1919, Ano IX, n. 253, p. 2. Outra chamada para os “maçons e suas famílias para uma sessão no templo, à Praça Saldanha Marinho, em comemoração ao dia dos mortos”: *Diario do Interior*, Santa Maria, 01 nov. 1919, ano IX, n. 257, p. 2. No ano seguinte, o jornal publica que a Loja Luz e Trabalho convida o “Ilmº do quad. para sessão magna, assunto da just”. Assina o secretário “C.. J.B... grau 30”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 12 out. 1920, ano X, n. 232, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

²¹⁹ “Sessão fúnebre”. *O Castilhist*a, Santa Maria, 13 mar. 1925, ano 1, n. 4, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

Santa Maria se urbanizava rapidamente nos anos de 1920. Contava com templos protestantes, associações espíritas e sociedades secretas, além dos templos católicos. Por tal diversidade de crenças presentes na cidade no início do século XX, podemos caracterizá-la como uma localidade onde “fervilhavam” as ideias liberais, aberta à pluralidade cultural que afluía junto aos imigrantes, aos viajantes estrangeiros, aos Caixeiros Viajantes e às novas crenças. Isso tudo era retratado pela imprensa local que fazia do telégrafo um meio eficaz para colocar o cidadão santa-mariense a par das notícias do País e do exterior.

3 ESTRATÉGIAS DE CONQUISTA: TENSÕES E CONFLITOS

3.1 Os metodistas entram em cena

Apesar do relato da conversão de um maçom ao catolicismo e das ações do padre Pagliuca e do bispo Dom Miguel de Lima Valverde terem sido um fato positivo para o campo religioso católico, ao perscrutar outras fontes de pesquisa, percebemos que o clero católico local estava num “fogo cruzado” ou, melhor dizendo, sendo desafiado a reagir às ações estratégicas dos metodistas que, através dos jornais, especialmente o periódico confessional *O Testemunho*, explicitavam suas posições dogmáticas, morais e religiosas para alertar a sociedade e, com isso, tentar determinar a lógica de funcionamento do campo religioso no Rio Grande do Sul.

A presença de pastores metodistas no Estado será motivo de tensão e conflito com os católicos, como verificamos nos fragmentos do jornal *O Testemunho*, que dão conta do anticlericalismo protestante em Santa Maria no início do século XX.

As edições desse jornal, publicado em Porto Alegre pela Igreja Metodista do Sul quinzenalmente, traziam notícias dos avanços da missão metodista do Distrito sul rio-grandense, além de notícias sobre o metodismo em outros países, artigos de ensinamento evangélico e outros com críticas à Igreja católica, aos sacerdotes e ao catolicismo. Os redatores responsáveis pelo periódico eram João Wollmer e Miguel Dickie²²⁰.

Segundo Martin Dreher (2002, p. 127-129), o *protestantismo de missão* chegou ao Brasil a partir de 1835, através dos missionários, agentes de Sociedades Bíblicas Americanas que, com o auxílio de outras pessoas, difundiram a Bíblia, mas, o *protestantismo de missão* tem impulso no Brasil a partir de 1870, devido à Guerra de Secessão nos Estados Unidos. Estabeleceram-se, então, diversas denominações protestantes: presbiterianas, metodistas e batistas²²¹.

²²⁰ O Metodismo foi criado pelo anglicano John Wesley (1703-1791), em 1744, que se reuniu com nove colaboradores com o intuito de reformar o seu país de origem, a Inglaterra e, em particular, a Igreja anglicana divulgando a santidade bíblica a partir da atualização e ampliação das doutrinas da Reforma de Lutero. O metodismo foi para a América do Norte e de lá para a América do Sul. No Rio Grande do Sul, o metodismo chegou em 1875, com o pastor João da Costa Corrêa, o qual residia no Uruguai. Esse era representante do metodismo do norte dos Estados Unidos. Em 1877, o missionário John James Ramson, Ministro da Igreja Metodista Episcopal do Sul, visitou o Rio Grande do Sul. Assim, no pampa gaúcho, nesse período encontravam-se dois metodismos, mas o representante do metodismo do sul dos Estados Unidos retornou para a América do Norte. Cf. JAYME, Eduardo Menna Barreto. *O Metodismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Moderna, 1963, p. 15-37.

²²¹ Cf. DREHER, Martin N. Protestantismo na América Meridional. In: DREHER. op.cit., 2002, p. 127-129.

Santa Maria foi uma das cidades visitadas pelo ministro metodista João da Costa Corrêa. Durante as visitas, segundo Jayme (1963, p. 15-37), “houve forte distribuições de Bíblias”. Em 1885, o mesmo autor informa que ele foi indicado “para dirigir a obra do metodismo no Rio Grande do Sul”. Nesse período, ficaram estabelecidas as regras de organização da Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos e a sua relação com a missão Metodista Episcopal do Sul da América.

Pelos dados apresentados por Jayme (1963, p. 37-68), alguns tirados do jornal *O Testemunho*, podemos, de certa forma, compreender a preocupação do vigário católico, padre Pagliuca, pois ambas as confissões, católica e metodista, tinham o mesmo objetivo: pelas missões atrair fiéis. Cada qual lutava como podia.

Para analisar a atuação dos bispos metodistas no Rio Grande do Sul nos valemos principalmente de Jayme (1963, p. 37-68) e do jornal *O Testemunho*. Segundo o autor, em 1903 ocorreu a primeira visita de um Bispo Metodista ao Rio Grande do Sul, Alpheus Wilson, que presidiu a Conferência Distrital Riograndense. No ano seguinte, 1904, a Conferência “ocorreu em Santa Maria, com 605 membros do Distrito” [metodista] sendo que, em 1906, o metodismo em Santa Maria contava com 113 membros e no Rio Grande do Sul, com 842. Nesse ano, foi organizada a missão sul-brasileira a qual separou o Distrito do Rio Grande do Sul da Conferência do Centro, com sede em São Paulo. Assim, a obra metodista do Rio Grande do Sul deixava de ser um Distrito e subia à categoria de Missão, passando a ter como sede central a cidade de Porto Alegre.

O jornal *O Testemunho* começou a circular no Rio Grande do Sul em 1904 com ampla divulgação do metodismo. Para justificar a hipótese da existência de uma atmosfera tensa no campo religioso da cidade de Santa Maria, vamos nos ater às investidas desse segmento protestante contra a Igreja católica para posteriormente, entender a reação do vigário, o padre Pagliuca, em defesa da religião católica. É quando apontamos para a reação católica em Santa Maria, nos anos de 1920, através da publicação do jornal confessional *O Santamariense*.

Na primeira edição do periódico metodista *O Testemunho*, João J. Ruiz escreveu, de Bento Gonçalves, em dezembro de 1903, um artigo justificando a existência do jornal como “paladino da verdade evangélica” da Igreja Metodista do Rio Grande do Sul. Os metodistas surgiram como “os heróis do sul para erguer o baluarte da liberdade cristã, [buscando a] igualdade como filhos de Deus, a pura e real fraternidade que enobrece e engrandece a família, a sociedade e a pátria, quando baseados nos sãos princípios do Evangelho de Nosso

Senhor Jesus Cristo.”²²²



Ilustração 20 – Primeira edição do jornal metodista *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jan. 1904, ano I, n. 1, p.1 (Fonte: Instituto de Pesquisa John Wesley – Instituto Porto-Alegrense)

Como o objetivo do jornal era chegar onde os pregadores metodistas não podiam estar constantemente, percebemos que pretendiam, com seus artigos, combater o catolicismo romano considerado por eles e pelos anticlericais como “obscurantista”, atrasado, além de também impor e divulgar a Bíblia protestante com a qual queriam “expandir como fecho luminoso a luz divina espantando e despedaçando com a alavanca da verdade a trave medonha do obscurantismo e das paixões humanas.”²²³

Estava estabelecido um novo foco de *tensão* religiosa na cidade de Santa Maria. O instrumento cultural de dominação pretendido era o pensar protestante, expresso, através do jornal, com base na verdade bíblica protestante.

Os articulistas de *O Testemunho* publicavam constantemente o número e o nome das pessoas que aderiam ao metodismo no Estado. Era o que chamavam de “conversão”. Um exemplo registrado no primeiro ano da edição, 1904, é o pedido de doze pessoas em Santa Maria para serem admitidas na Igreja Metodista por ocasião da visita do presbítero presidente quando realizou uma conferência e um culto eucarístico.²²⁴

Na edição seguinte, o articulista do jornal *O Testemunho* teceu críticas aos jornais

²²² RUIZ, João J. “Lutemos pelo bem”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jan. 1904, ano I, n. 1, p. 2. AIPJW.

²²³ RUIZ, Ibid. Id.

²²⁴ *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jan. 1904, ano I, n. 1, p. 3. AIPJW.

“ultramontanos” sobre as “conversões de protestantes ao romanismo”. Citou uma notícia de um jornal católico de Porto Alegre, sem referir o nome do órgão de imprensa que teria informado a ocorrência de conversão de um jovem protestante na cidade de Pelotas. O articulista metodista responde a questão afirmando: “a verdade é que onde se converte um protestante ao romanismo, por conveniência, se convertem cem romanistas ao protestantismo, por convicção”. Acrescentou que os jornais metodistas não publicavam todas as conversões porque não teriam “espaço para publicar outra coisa”. Alegava que o intuito dos metodistas “não é adquirir fama pelo número de nossos conversos, mas sim para fazê-los conhecidos à comunidade evangélica em geral”, pois considerava que “o romanismo está constantemente perdendo terreno”. Para tanto, o articulista registrou dados do Diretório Católico dos Estados Unidos a fim de mostrar que a Igreja católica romana estava em desvantagem, sendo que a Igreja episcopal evangélica teria recebido “mais de 80 mil católicos romanos, naturais da Polônia e residentes na União Americana”.²²⁵ O articulista termina o artigo com a seguinte indagação: “mas quem não sabe que aqui mesmo em nossa pátria o romanismo constantemente perde terreno?”

Em seguida, acrescentou que aos evangélicos interessavam não só as verdadeiras conversões, como também desacreditar o catolicismo devido à adesão de sacerdotes ao protestantismo:

Não são só os fiéis que deserdam os arraiais do ultramontanismo, porém o próprio clero abjurando as doutrinas errôneas abraça e se dedica ao trabalho do Evangelho puro. Em nada nos atemorizam, pois estas conversões de conveniência que com tanta jactância registram os arautos do romanismo²²⁶.

Em outras edições, estrategicamente, os editores do jornal *O Testemunho* publicavam notícias de outros jornais protestantes para confirmar a expansão do metodismo, as novas adesões ao protestantismo e como eles enfrentavam o catolicismo. Um exemplo foi tirado do jornal *O Cristão* onde dizia que “a Igreja Valdense²²⁷ acaba de abrir deante do Vaticano, a Praça de São Pedro, em Roma, um asylo destinado a receber e a educar os padres que deixaram o romanismo e desta maneira prepará-los para a evangelização naquela cidade.”

²²⁵ “Conversões de protestantes”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º fev. 1904, ano I, n. 3, p. 10. AIPJW, Porto Alegre.

²²⁶ Ibid. Id.

²²⁷ Os Valdenses surgem em fins do século XII, no sul da França, os chamados “pobres de Lião, que queriam uma Igreja dos pobres”. Pedro Valdo era o pai espiritual da seita, um rico mercador de Lião que renunciou a todos os seus bens e tornou-se pregador de penitências. Foi proibido de pregar e pela desobediência e por investir contra os costumes eclesiásticos, foi excomungado pelo Papa. Cf. FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. *Os papas: de Pedro à João Paulo II*, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 378-379.

Outros exemplos, na mesma edição do jornal são notas que remetem à Europa, de onde advinham noções de civilidade a serem seguidas como, por exemplo, a adesão de um jesuíta ao metodismo: “o professor Andrés Sopp (da Áustria) da Companhia de Jesus, abandonou a Igreja romana para estudar theologia evangélica.”²²⁸

Percebe-se que a partir das edições de fevereiro de 1904, na coluna “Notas e Factos”, os articulistas do jornal *O Testemunho* passaram a publicar, com mais frequência, notícias sobre acontecimentos entre os evangélicos e o número de batismos e adesões de católicos ao metodismo. No conjunto, os dados remetem a idéia de que o metodismo crescia a passos largos, pois as informações sobre as conversões vinham de vários países, não só do Brasil. Isso demonstra como era grande a competição pela conquista do espaço confessional e que a devoção, como *bem de salvação*, não tinha fronteiras, ao contrário do que ocorria quando os agentes sociais impunham as suas crenças, a sua religião, porque eles mesmos criavam a fronteira.

Nas edições de 1904, os metodistas destacavam no impresso *O Testemunho* o crescimento do metodismo: “em 1903 converteram-se ao Evangelho 2.334 pessoas na Áustria”, em maior número, na Boêmia, sendo que “desde 1898 se chegou a um total de 26.638 conversões.” Para motivar as adesões ao metodismo no Brasil e para se auto-fortalecer em detrimento do catolicismo, fizeram alusão também ao comportamento reprovável de um sacerdote em Ribeirão Preto, São Paulo.²²⁹

Os articulistas do jornal *O Testemunho* foram enumerando outras adesões ao metodismo na Europa, em países como Alemanha e Áustria e o considerável número de Igrejas Evangélicas que foram sendo erguidas nos primeiros anos do século XX, no Continente Europeu. Como resultado, em 1903, os distritos paroquiais protestantes teriam subido em número de 18 para 50, só na Bohemia.²³⁰ Em outra edição, destacavam o avanço dos evangélicos na Alemanha, Chile, México e Japão sendo que haviam registrado a existência de 1.500 metodistas somente em uma determinada localidade²³¹.

O responsável pelo Distrito metodista de Santa Maria, em 1904, era o pastor Leonel Lopes. Em março daquele ano, ele relatou no jornal *O Testemunho* que havia percorrido Pinhalzinho, Pains, São Martinho da Serra, Silveira Martins e Estação Colônia quando destacou que só em Silveira Martins 130 pessoas haviam assistido ao culto, pois percebia que

²²⁸ “Da imprensa religiosa e secular”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º fev. 1904, ano I, n. 3, p. 11. AIPJW, Porto Alegre.

²²⁹ Seção “Notas e Fatos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 fev. 1904, ano I, n. 4, p. 15. AIPJW, Porto Alegre..

²³⁰ Seção “Notas e Fatos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mar. 1904, ano I, n. 5, p. 19. AIPJW, Porto Alegre..

²³¹ Seção “Notas e Fatos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mai. 1904, ano I, n. 9, p. 35. AIPJW, Porto Alegre..

a população estava sendo receptiva ao metodismo naquela região: “por todo o distrito há pessoas prontas para professar sua fé em Cristo.”²³²

“O Circuito de Cruz Alta” também incluía a cidade de Passo Fundo onde as primeiras reuniões aconteceram em Loja maçônica chegando a contar “com a presença de 21 pessoas.”²³³ Também foi registrado que, em Passo Fundo, havia receptividade da maçonaria aos metodistas. Segundo o pastor João J. Ruiz, quando esteve naquela cidade, realizou uma “conferência pública em um dos salões da maçonaria, gentilmente oferecido pelo seu digno venerável Sr. Pantaleão Telles.”²³⁴

Para reforçar o crescente número de adesões ao metodismo, os articulistas do jornal *O Testemunho* citavam exemplos de sacerdotes que haviam apostatado na França e em Roma, por exemplo. Os sacerdotes declaravam que “não havia perdido a fé, antes, porém, a tinham mais desenvolvida”. Um dos apóstatas questionava: “quando se convencerão muitos que o romanismo não é o christianismo em sua pureza.”²³⁵

Percebe-se, na leitura do jornal metodista, o quanto a questão das conversões era um tema provocante, pois vai se delineando um quadro de disputa entre os pastores metodistas e o clero católico pelas *almas*. As notícias de uma situação privilegiada em outros países davam a ideia de que a expansão do metodismo era significativa em detrimento do catolicismo.

No nosso quadro de análise, atribuímos às estratégias dos agentes sociais metodistas o fato de divulgarem as adesões ao metodismo através do jornal *O Testemunho*. No Estado do Rio Grande do Sul, as adesões dos gaúchos também são publicizadas, o que demonstrava que, na República, o metodismo também tinha expressão. Alguns exemplos são publicados na seção “Culto Público”, onde também divulgavam os cultos realizados pela Igreja metodista em Porto Alegre, Silveira Martins, Cruz Alta, Uruguaiana, Bento Gonçalves e Forqueta do Chay.²³⁶

Na edição de junho de 1904, por exemplo, para reforçar a expansão desse ramo do protestantismo, foi publicada a adesão de um pintor, residente em Santa Maria, ao metodismo. Chamava-se Pery Saint-Clair de Oliveira. Sua manifestação foi publicada no jornal, nos seguintes termos: “eis-me então convertido após 15 anos de terrível tentação, tentação que

²³² “Circuito de Santa Maria”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mar. 1904, ano I, n. 5, p. 18. AIPJW, Porto Alegre.

²³³ “O Circuito de Cruz Alta”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mar. 1904, ano I, n. 5, p. 22. AIPJW, Porto Alegre.

²³⁴ Seção “Correspondência”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mar. 1905, ano II, n. 5, p. 19. AIPJW, Porto Alegre.

²³⁵ Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º abr. 1904, ano I, n. 7, p. 26; “Para Que?” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º nov. 1905, ano II, n. 21, p. 93. AIPJW, Porto Alegre

²³⁶ Seção “Culto Público”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jan. 1904, ano I, n. 1, p. 3. AIPJW, Porto Alegre.

levar-me-ia as trevas se a voz do Evangelho não ecoasse em meu espírito. Louvado seja o nome de Deus altíssimo por ter me guiado para o conhecimento do bem.”²³⁷

Nas edições seguintes, do órgão de imprensa acima referido, continuavam sendo editadas as atividades realizadas pelos pastores metodistas no interior do Rio Grande do Sul, pelo Brasil e em outros países, bem como a conquista de novos adeptos.

Em julho de 1904, o articulista registrava que o pastor Leonel Lopes havia voltado a São Martinho da Serra onde teria pregado na casa do Major Fagundes. À reunião, compareceram poucas pessoas. Por outro lado, em Silveira Martins, teria conseguido reunir em torno de “20 pessoas interessadas, das quais 16 deram a palavra de aceitação.” Mas em Cachoeira do Sul, a situação foi diferente, pois nessa localidade a Igreja católica era atuante: “disseram-me que o vigário está desenvolvendo com uma energia nunca vista antes de nossa estada alli. Ele já formou uma Sociedade do Coração de Jesus; todos os domingos têm catecismo e o povo já concorreu mais para a igreja.”²³⁸ Nesta época, Cachoeira do Sul era sede da Diocese de Santa Maria.

Nessa mesma edição, o articulista ressalta o êxito das missões protestantes na África e, com o título “Verdades das cifras”, cita dados do órgão *O Pelicano*, da cidade de Campos, para apontar a superioridade numérica do protestantismo:

Os parpatões do romanismo não se envergonham de repetir constantemente a superioridade numérica dos seus adeptos, sendo isto uma mentira (...). Dos habitantes do mundo 128 milhões estão sob o domínio dos catholicos gregos, 242 milhões sob o domínio dos catholicos romanos e 540 milhões sob o domínio dos protestantes.²³⁹

No campo religioso, portanto, a tensão ia sendo alimentada pelos metodistas com informações numéricas cujo objetivo era atestar a superioridade protestante em adeptos, como também desqualificar o catolicismo com adjetivos pejorativos.

Na edição de agosto de 1904, por exemplo, o pastor Vollmer acusava novamente os jesuítas de caluniadores e fraudadores e apresentou dados numéricos, pretendendo assim demonstrar que ele estava com a verdade, pois o número de evangélicos crescia em detrimento do número de católicos. Argumentava a questão com publicações de alguns

²³⁷ *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jun. 1904, ano I, n. 12, p. 48. AIPJW, Porto Alegre.

²³⁸ “No Circuito de Santa Maria”. Seção “Correspondência”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jul. 1904, ano I, n. 13, p. 53-54. AIPJW, Porto Alegre.

²³⁹ Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jul. 1904, ano I, n. 14, p. 55. AIPJW, Porto Alegre.

católicos que considerava sensatas para rebater os “ultramontanos” gaúchos, como o *Diretório Católico* que apontava a perda líquida, em 12 anos, de 29.794 católicos²⁴⁰.

Outra constatação dos evangélicos, que voltava ao jornal, dizia respeito aos que haviam apostatado: “a deserção diária, não só de leigos, mas até de sacerdotes, algumas vezes acompanhados da totalidade de seus pharoquianos, dos arraiais do ultramontanismo não tem contribuído pouco para trazer alarmados aos homens negros que a sentem escacear os fundos necessários ao sustento de seus formidáveis exércitos.”²⁴¹

Para reforçar a ideia de superioridade do protestantismo, foi publicada outra “deserção de mais um sacerdote espanhol, Antonio Péres de Murillo” que teria abandonado “os erros do romanismo” para trabalhar como “ministro evangélico sob a superintendência do reverendo Cabrera por cujo motivo foi deserddado de sua família que possui muitos bens.”²⁴²

No que tange ao número de novos adeptos na cidade, o periódico metodista constatava “36 pessoas, isto para uma estância é grande número.”²⁴³ Em Santa Maria, dizia o jornal, mais 3 pessoas haviam aderido ao metodismo, “abjurando o romanismo e o espiritismo aceitando o puro christianismo.”²⁴⁴

As publicações de deserções ou adesões de católicos, leigos ou sacerdotes, ao protestantismo, desafiavam os católicos a reagir, pois, através do jornal *O Testemunho* percebe-se a insistência na constatação do crescimento e da simpatia do protestantismo, mostrando-o como a pura e verdadeira religião e salientando, em contrapartida, a decadência do catolicismo como ultrapassado e interesseiro.

Na edição da quinzena seguinte, João Vollmer, indignado, rebatia o órgão de imprensa católica *A União*²⁴⁵, de número 24 que, segundo ele, “com humor pestifero” atacou, caluniou e mentiu sobre o protestantismo. Ao articulista do jornal *A União* referiu-se como o “*basofio*” que teria assinado o primeiro artigo com a inicial “X”, por temer ser desmascarado: “talvez

²⁴⁰ VOLLMER, João. “Nós e a ‘União’”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 ago. 1904, ano I, n. 16, p. 1. AIPJW, Porto Alegre. Para reforçar o crescimento do metodismo, os articulistas do jornal *O Testemunho* publicaram, nessa mesma edição, que na Inglaterra o número de católicos romanos se encontrava reduzido: “1.5000.000 no meio de 30.000.000 habitantes, causa reconhecida pelos clérigos católicos”. Citaram o padre da Igreja do Sagrado Coração em Westington, que teria dito no púlpito durante a missa: “durante 40 anos temos perdido um milhão de católicos.” Enumeram a situação que considerava difícil para a Igreja católica em Roma, na França, na Alemanha e na Espanha em relação ao número de fiéis. Cf. Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 ago. 1904, ano I, n. 16, p. 62. AIPJW, Porto Alegre. AIPJW, Porto Alegre.

²⁴¹ “Para Que?” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º nov. 1905, ano II, n. 21, p. 93. AIPJW, Porto Alegre.

²⁴² “Outra batina as ortigas”. Seção “O Que se Passa”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 out. 1905, ano II, n. 20, p. 90. AIPJW, Porto Alegre.

²⁴³ “Circuito de Santa Maria”. Seção “Correspondência”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º nov. 1905, ano II, n. 21, p. 94. AIPJW, Porto Alegre.

²⁴⁴ LOPES, Leonel. “Circuito de Santa Maria”. Seção “Correspondência”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 nov. 1905, ano II, n. 22, p. 99. AIPJW, Porto Alegre.

²⁴⁵ *A União* era um órgão de imprensa católica de Belo Horizonte.

com receio que lhe puzessemos a calva a mostra”. Vollmer refere que não levaria em consideração o que havia sido dirigido a ele, mas não poderia permitir “os insultos atirados contra Lutero e Wesley”, pois o articulista do jornal *A União* teria qualificado Martinho Lutero de “devasso”. Para responder a esse insulto, João Vollmer buscou, na Idade Média, argumentação para o seu artigo. Citou um cardeal da Igreja romana, de nome Baronio, que teria escrito sobre o século X, afirmando que naquele tempo “viu-se a maior depredação no templo e no sacrário do Senhor e a cadeira de São Pedro era ocupada pelos homens mais infames, que já não eram papas, senão verdadeiros monstros.” Como João Wesley havia sido qualificado de “*pastrano*” pelo órgão impresso *A União*, o articulista do jornal *O Testemunho* qualificou o redator do órgão oponente como um desqualificado, um “fantoche”, por ter usado uma “expressão de um *rústico* ignorante ou de um grosseiro *despeitado*.”²⁴⁶

E, para “esmagar o sapo do *União*”, citou um artigo do *Correio de Viena*, jornal notoriamente católico, onde se podia ler um texto ufanista, redigido por um sacerdote à Wesley como ação afirmativa em relação ao metodismo frente ao catolicismo:

No século XVIII, um sacerdote anglicano, o célebre Wesley, depois de ter lido a vida de São Francisco de Assis, quis conformar sua conduta à do patriarca da ordem seraphica. Segundo os historiadores de então a Inglaterra tinha cahido n’aquele tempo nas desordens do mais ridículo paganismo. Reunindo alguns discípulos recrutados as classes mais pobres, Wesley infundiu nelles seu espírito e recorreu por quase trinta anos as ruas da Grã-Bretanha. Si no dia de hoje a Inglaterra é ainda o povo mais religioso da Europa, apesar de seus erros, deve este benefício a Wesley. Surgirá no meio de nossos religiosos francezes secularizados, um Weslwy catholico? Eu o auguro. A França tem hoje necessidade de um apóstolo que pregue o Evangelho nas ruas, nas praças e sobre as margens dos rios.²⁴⁷

Com essa citação, Vollmer desafiava os católicos a serem tão exemplares como considerava Wesley: “Eis ahí o *pastrano* João Wesley que insultasteis apresentado como exemplo aos catholicos romanos, e oxalá que todos os monges inúteis expulsos de diversos paizes, vindo infestar e explorar nossa pátria, se tornassem tão *pastrano* como elle o era.”²⁴⁸

O articulista do órgão impresso *A União* teria também criticado as divisões do protestantismo, sendo essas explicadas e rebatidas no jornal *O Testemunho* com as “variações na fé católica”, assunto que o articulista católico do jornal *A União* deveria, segundo Vollmer, estudar antes de escrever “tantas asneiras.” E pergunta: “não é estranho haverem *doutores de mulas russa* (sic), quando asnos colaboram em jornais? Haverá necessidade de pregar aos

²⁴⁶ VOLLMER, João. “Mais uma vez a União”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1set. 1904, ano I, n. 17, p. 65. AIPJW, Porto Alegre.

²⁴⁷ Ibid. Id.

²⁴⁸ VOLLMER, João. “Mais uma vez a União”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º set. 1904, ano I, n. 17, p. 65. AIPJW, Porto Alegre.

botocudos quando a ignorância mais crassa reina entre aqueles que se prezam ter algum conhecimento de religião?”²⁴⁹

Na mesma edição, o pastor Leonel Lopes registrou um número significativo de metodistas no Circuito de Santa Maria, 45, sendo que, naquela altura, “mais dois homens e uma mulher que abjurando o mundo, as concupiscências carnaes e o romanismo” haviam aderido ao metodismo.²⁵⁰ Para contribuir com a ideia de credibilidade do metodismo em detrimento do catolicismo, outras notas iam informando o crescimento dos evangélicos como, por exemplo, a adesão de padres católicos ao metodismo na França e na Argentina.²⁵¹ Essas observações serviram de introdução ao artigo, para dizer, logo em seguida, que não fazia sentido o que os católicos estavam tentando pregar a nulidade das missões evangélicas nos países católicos, pois, os evangélicos consideravam que os “ultramontanos” conspiravam contra si próprios quando “fomentavam o paganismo, o fanatismo, deturpando a moral de Cristo.” E, depois de criticar os Papas e escritores cristãos, destacava que a “conclusão lógica é - a immoralidade. E essa é a verdade.”²⁵²

Como, à época, era costume a maioria dos sacerdotes usarem batinas pretas, a alusão a eles como “homens negros”, imorais, aflitos pela conquista de fiéis, reafirma a tensão no campo religioso e o quanto ele estava sendo disputado. Mas, também poderia a expressão ter duplo sentido, já que os “homens negros” remeteria à ideia de que na Igreja católica predominava o obscurantismo, representado por maus sacerdotes, homens “das trevas” nos quais não se podia confiar.

A leitura desses periódicos nos permite dizer que a intolerância religiosa assemelhava as instituições católicas e metodistas nesse período. O articulista do jornal *O Testemunho* também denunciava as agressões feitas aos protestantes em missão no Estado, fato geralmente atribuído aos católicos “fanáticos”. Em Forqueta do Cahy, por exemplo, um indivíduo colocou em dificuldade os metodistas tendo “se tornado verdadeiramente perverso, destruindo a propriedade que a nossa Igreja ali possui. O irmão Ruiz solicitou a autoridade local e superiores para intervir.”²⁵³

Percebe-se que os temas registrados no órgão impresso *O Testemunho* eram inflamados e refletiam uma sociedade rústica onde as agressões verbais dos agentes sociais do

²⁴⁹ Ibid. Id.

²⁵⁰ LOPES, Leonel. Seção “Correspondência”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º set. 1904, ano I, n. 17, p. 66. AIPJW, Porto Alegre.

²⁵¹ “Ainda Mais”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º out. 1904, ano I, n. 19, p.75. AIPJW, Porto Alegre.

²⁵² “Para Que?” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º nov. 1905, ano II, n. 21, p. 94. AIPJW, Porto Alegre.

²⁵³ “Fanatismo ou perversidade?” *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jan. 1904, ano I, n. 2, p. 7. AIPJW, Porto Alegre.

campo religioso desdobravam-se também em agressões físicas. Um exemplo disto vem de Cruz Alta, onde o pastor João J. Ruiz atuava. Afirmava o pastor estar sendo “alvo de ataques” por parte de alguns “destes campeões do romanismo” porque os “dignos filhos de Loyola estavam alarmados” com a postura desse metodista, a forma como defendia o Evangelho e acusava a Igreja romana, pois temiam que “sua máscara de hypocrisia e mentiras fosse arrancada.”²⁵⁴

Esses representantes das religiões, católica e protestante, continuavam a se digladiar constantemente com ofensas e difamações. Cada um procurava denegrir, cada vez mais, a imagem do outro. O tom era sempre o mesmo, e o objetivo era o convencimento pela correção, quer dos erros doutrinários, quer de postura: “no seu sistema de ultramontanismo ensinam o povo que a religião evangélica é novíssima e as suas doutrinas inventadas por homens corrompidos e esforçam-se para provar taes absurdos e calunias não só verbalmente como por meio de panfletos.”²⁵⁵

Contestando o catolicismo, o pastor articulista do jornal *O Testemunho* rebatia que “nova era a religião romana com doutrinas e mandamentos de homens, com suas missas, imagens, culto puramente idólatra, purgatório, celibato dos padres, confissão auricular e tantos outros decretado tudo a capricho do infalível.” Criticava o Papa Pio X por ter decretado a elevação de santidade “do seu tocaio Pio IX cuja vida de crimes a história registra e o mesmo, como se fosse Deus, decreta no dia 8 de dezembro de 1854, a doutrina idolatra da immaculada concepção de Maria e, em junho de 1870, a sua própria infalibilidade papal.”²⁵⁶

O pastor João J. Ruiz refere-se ainda aos jesuítas como “homens das trevas” que ludibriavam a Igreja e o Papa e manipulavam os Concílios quando “mandavam perguntar pelas portas dos bispos que tal achavam aquelle appendiculo à fé catholica, os bispos pela maior parte encolhem os ombros ou riem-se, dizem-lhes que está vistoso, e vão jantar.” Fazia citações no seu artigo que atribuía ao historiador Herculano, para reforçar a ideia de “heresia” às doutrinas e dogmas católicos e de uma postura “deplorável e astuta.”²⁵⁷

Outro artigo condenava a absolvição dos pecados, poder concedido aos sacerdotes católicos através do sacramento da confissão; condenava a missa, “as medalhas da virgem presa ao pescoço”, as orações das Ave-Marias como falsas, pois “não podiam salvar qualquer

²⁵⁴ “Actividade da Curia romana”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º dez. 1904, ano I, n. 23, p. 89. AIPJW, Porto Alegre.

²⁵⁵ Ibid. Id.

²⁵⁶ “Actividade da Curia romana”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º dez. 1904, ano I, n. 23, p. 89. AIPJW, Porto Alegre.

²⁵⁷ Ibid. Id.

pecador obstinado”; condenava a obediência ao Papa e aos dogmas por eles proclamados, etc.²⁵⁸

A questão da intolerância religiosa retorna em um artigo, no mês de abril de 1904, mesmo após a garantia constitucional de liberdade de culto. Nesse artigo, atribuíam aos “católicos exaltados” a queima de Bíblias em Pernambuco, no Rio de Janeiro e Alagoas e ainda a destruição do templo protestante em Recife, bem como o espancamento do reverendo J. L. Kennedy no Rio de Janeiro e o apedrejamento do templo evangélico dessa cidade: “e assim se tem sucedido de uma a uma as perseguições contra os crentes evangélicos, perseguições estas que quadram perfeitamente com o caráter da igreja romana, conforme retratada nas páginas da história dos séculos passados.”²⁵⁹

Diante desse clima tenso a ameaça de agração a Dom Cláudio Ponce de Leon, quando de visita a Santa Maria, soa como uma represália, pois os metodistas justificaram-na as dizendo que: “(...) é natural que si há alguém que mereça castigo são aqueles que vivem pregando doutrinas que são justamente opostas as nossas leis, como se deu ainda há pouco pela visita episcopal de Dom Cláudio pelo interior do Estado.”²⁶⁰

Nessa mesma edição do jornal metodista, James M. Terrel informou, mais uma vez, a intolerância aos evangélicos no Rio Grande do Sul. Em Ijuí, por exemplo, o Delegado de Polícia, juntamente com outros indivíduos, teria ido à casa dos evangélicos quando celebravam seu culto. Naquela ocasião, “prenderam e açoitaram os crentes e deram com a palmatória nos braços e nas mãos”. A uma senhora de cor teriam dito que “assim procediam por causa da crença. E levaram os livros dos crentes”. Terrel teria se informado com o Intendente. Este, por sua vez, teria respondido que “a administração dele não tinha a mínima responsabilidade por taes acontecimentos”. James Terrel, então, reclamou ao general Firmino de Paula, sub-chefe de polícia daquela região, a respeito daqueles “abusos” e ele teria se comprometido em tomar providências tendo por base a Constituição republicana.²⁶¹

A Constituição republicana, de 1891, respaldava a questão da liberdade religiosa e, no início da República Velha, a postura da Igreja católica foi, nesse veículo de comunicação metodista, constantemente tratada como intransigente, errônea. Nessa edição, uma nota refere-se ao jornal “ultramontano”, *A Cruzada*, que teria noticiado que “os combatentes francos do protestantismo e das demais seitas, os Legionários de São Pedro, tem conseguido

²⁵⁸ Pio X e sua Encyclica de 15 de abril P. P.” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º. set. 1905, ano II, n. 17, p. 77-78. AIPJW, Porto Alegre.

²⁵⁹ “Intolerância”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 abr. 1904, ano I, n. 8, p. 29. AIPJW, Porto Alegre.

²⁶⁰ Ibid. Id.

²⁶¹ “O mês de março no Circuito de Cruz Alta”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 abr. 1904, ano I, n. 8, p. 31. AIPJW, Porto Alegre.

vitórias esplendorosas” contra os protestantes que pregavam nas ruas, vaiando-os e arrancando-lhes os folhetos. Aquela agremiação católica paulista teria queimado “10.030 escritos dos protestantes e 212 dos espíritas”. Indignado com tais ações, o articulista exclamava: “Até que ponto chega o fanatismo! As obras immoraes que os filhos da igreja romana publica aos milhares constantemente são tolerados, mas os tratados em que o puro Evangelho é apresentado ao povo são destruídos pelas chamas da moderna inquisição dos Legionários de São Pedro.”²⁶²

Por outro lado, os articulistas do *O Testemunho* procuravam demonstrar que essa intolerância religiosa não era regra geral e que, entre pessoas que consideravam esclarecidas e liberais, havia a possibilidade de diálogo religioso, havia visões equilibradas sobre as diferenças de doutrinas.

Outro tema que gerava tensão entre católicos e metodistas era referente à autoridade papal, pois os evangélicos não aceitam o Papa como sucessor de Pedro, nem que Pedro seja o primeiro apóstolo sob o qual foi fundada a Igreja Católica. Nesse sentido, o jornal *O Testemunho* fazia constantes referências a essa questão, às vezes, em forma de chacota. Um exemplo disso é a citação de uma piada do jornal *Estandarte Christão* que colocava em dúvida a Bíblia católica, quando esta afirma que Pedro foi apóstolo e sucessor de Cristo:

Houve ultimamente em Roma, uma discussão entre um ministro evangélico e um padre sobre a estada de São Pedro em Roma. Pode-se dizer que o padre saíu derrotado, mas poucos dias depois, para não dar-lo por vencido, um empregado da bíblia do Vaticano declarou ter achado entre alguns papéis antigos bilhetes de passagem que São Pedro comprara para viajar no trem de Jerusalém a Roma. Já é!²⁶³

Na segunda quinzena do mês de junho, o articulista João Wollmer, do jornal *O Testemunho*, voltou a negar o que a Igreja católica afirmava, ou seja, que Pedro é o sucessor de Jesus Cristo, que ele tem a primazia na sucessão: “a verdadeira pedra de que se fala como fundamento da igreja christã é Christo mesmo e nunca Pedro (...). Esse Pedro não foi o privilegiado, pois esse mesmo poder foi conferido aos demais apóstolos.”²⁶⁴

Em outras edições, o papado foi sendo criticado pelos articulistas metodistas os quais estavam se utilizando da imprensa como um meio de combater o catolicismo na região. Para

²⁶² “Intolerância do Romanismo”. Seção “O Que se Passa”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 set. 1905, ano II, n. 18, p. 88. AIPJW, Porto Alegre.

²⁶³ Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º abr. 1904, ano I, n. 7, p. 27. AIPJW, Porto Alegre.

²⁶⁴ WOLLMER, João. “Passagens Diffíceis”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mai. 1904, ano I, n. 9, p. 33; WOLLMER, João. “Passagens Diffíceis”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jun. 1904, ano I, n. 12, p. 46. AIPJW, Porto Alegre.

respaldar dita afirmação, citamos alguns exemplos da seção “Notas e Factos”, de 1904. O primeiro trata de desacreditar o catolicismo romano como única e verdadeira religião:

Ao contrário do que muita gente pensa na christandade existem cinco papas: um em Roma – dos catholicos; um em São Petersburgo – dos ortodoxos russos; dois em Constantinopla – o patriarca dos ortodoxos gregos e o excharca dos búlgaros – e um dos habitantes do Líbano, em Jerusalém. Os búlgaros pertencem à religião dos ortodoxos gregos, mas um schisma os dividiu há pouco tempo. Basearam o desacordo no modo de se fazer o sinal da cruz; os gregos começam pela esquerda e os búlgaros entendem que é pela direita. E o de roma ainda prega que elle só é o papa. Cada um dos quatro por sua vez há de ensinar que é o único. Egoísmo dos homens e nada mais²⁶⁵.

Com isso, percebe-se o quanto era necessário deixar claro no conflito os campos de força que se enfrentavam, pois os oponentes eram semelhantes nesse quesito, não havia do que duvidar. Exemplo do que falamos é o fato de, em 1896, o Papa Leão XIII (1878-1903) ter publicado uma Encíclica sobre a unidade da Igreja com o intuito de reunificar os cristãos que haviam se dividido no Concílio de 1870 por não concordarem com o dogma da infalibilidade papal²⁶⁶. Tal tema de economia interna da Igreja católica foi objeto de artigos dos metodistas que alertavam os católicos e o próprio clero sobre a impossibilidade da infalibilidade humana, o que deixava a Igreja numa situação desconfortável por ver os seus problemas intramuros serem expostos de tal modo.

Outra nota dessa seção “Notas e Factos” do jornal em tela procurava demonstrar o quanto a Igreja romana ludibriava os cristãos, pois consideravam que ela havia enriquecido às custas do povo. Para comprovar suas afirmações, os metodistas divulgam algumas cifras a partir do acesso que teriam tido a um “inventário” o qual teria sido encontrado nos aposentos de Leão XIII: com dinheiro, presentes recebidos por ocasião do jubileu e “em particular a famosa tiara, avaliada em 80.000 libras, que elle nunca pode usar por ser muito pesada.”²⁶⁷

Nos meses seguintes, as referências à Igreja católica e aos sacerdotes continuaram sendo de desdém. A ideia que se tem é de que os articulistas de *O Testemunho* buscavam, no dia a dia, fatos que consideravam indignos e, com a publicação dos mesmos instigavam a repulsa ao catolicismo e combatiam as publicações antiprotestantes de jornais católicos que

²⁶⁵ Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 abr. 1904, ano I, n. 8, p. 31. AIPJW, Porto Alegre.

²⁶⁶ A seita, originada em 1871, recebeu o nome de igreja Católica Antiga ou Velhos Católicos. Um problema a mais para o papado. Cf. CECHINATO, Pe. Luiz. *Os 20 séculos da caminhada da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 358-359.

²⁶⁷ Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 abr. 1904, ano I, n. 8, p. 31. AIPJW, Porto Alegre.

circulavam no país tecendo críticas a sacerdotes e satirizando os procedimentos administrativos da igreja, atribuindo-lhe caráter mercantilista.²⁶⁸

Mas as notícias selecionadas para serem publicadas no jornal *O Testemunho* a fim de combater a Igreja católica também diziam respeito ao comportamento de sacerdotes católicos. Os fatos escolhidos, geralmente, diziam respeito a delitos ou apostasia. Podemos citar vários exemplos, como o artigo do mês de março de 1904, quando o articulista citou na seção “Frutos e Árvores”, do jornal *Vida de Florianópolis*, que apontava “os crimes de padres” que tinham contato com um ex-pastor batista fundador uma igreja independente o qual o jornal nominava como “padre assassino, padre bandalho, padre erótico, outro patife, os bandalhos de Lázaro. É uma raça de víboras”. Esses adjetivos remetem, ao que tudo indica, ao fato de um padre ter mantido amizade com um pastor batista. O artigo termina ironizando a junção “dos canalhas. Queiram pois, a religião catholica, os senhores padres catholicos receber os nossos sinceros pezames por tão maravilhosa aquisição. Quanto a nós diremos apenas: que alívio!”²⁶⁹

Nessa mesma edição, na seção “Notas e Factos”, o articulista criticava o governo republicano por “favorecer o romanismo”, quando permitiam aos padres de entrar no Brasil.²⁷⁰

No citado jornal, eram publicados artigos condenando também as formas de expressão do catolicismo popular romano. Um exemplo é o fato de que repudiava a forma como a “Igreja romana” cultuava a Semana Santa, classificando as procissões católicas como ignorantes, supersticiosas: “dizemos repugnante porque não podemos encontrar um qualificativo que mais adequado expresse os sentimentos que em nossos corações evocam as scenas carnavalescas que se realizam nestes dias em nome da religião de Christo e ao que se tem dado o nome de Semana Santa.”²⁷¹

O crescimento que vinha tendo o metodismo na região de Santa Maria pode ser verificado na publicação do mês de maio de 1904, do citado jornal. No dia 11 daquele mês,

²⁶⁸ Na edição de junho de 1904, a coluna “Notas e Factos”, do jornal *O Testemunho*, iniciava tecendo críticas a um sacerdote de São Paulo afirmando que ele “não se contentava com a atual crise financeira” da Igreja e “resolveu cobrar por uma missa simples 20\$000; por um casamento 50\$000. Além disso tem nas dependências da Igreja o seu ateller photographico.” Para encerrar a nota, provocou o órgão de imprensa católica *A União*: “é bom que *A União* que diz que o methodismo se faz com dinheiro a vista procure inquirir este assunto e logo informar-nos quem são os traficantes do templo”. Em seguida, o articulista do jornal metodista apresentava, em números, o progresso do metodismo na Europa, destacando as proibições do clero católico aos jovens, como por exemplo, de manterem amizade com “seus companheiros protestantes”, de lerem a Bíblia e livros de autores protestantes e de freqüentarem cultos protestantes. O artigo refere ainda que: “todo mundo sabe que a egreja romana está decaindo aqui na América quanto mais na velha Europa.” Cf. Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jun. 1904, ano I, n. 11, p. 48. AIPJW, Porto Alegre.

²⁶⁹ *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 mar. 1904, ano I, n. 6, p. 22. AIPJW, Porto Alegre.

²⁷⁰ “Romanismo favorecido”, seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 mar. 1904, ano I, n. 6, p. 23. AIPJW, Porto Alegre.

²⁷¹ “Semana Santa”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º abr. 1904, ano I, n. 7, p. 25. AIPJW, Porto Alegre.

aconteceu em Santa Maria a Conferência Distrital, quando a cidade acolheu aproximadamente 60 dirigentes da Igreja Metodista. O jornal divulgou a organização da conferência, os cultos e as reuniões dos líderes metodistas. Estiveram presentes clérigos metodistas do Distrito Evangélico de Santa Maria e de Porto Alegre, leigos e o pastor da Igreja Luterana, reverendo Emann, e o reverendo C. H. Sergel, pároco da Igreja Episcopal Brasileira. Em nome da Igreja Metodista local falou, dentre outros, o reverendo Leonel Lopes e Matheus Donatti. O jornal informou que, no culto, reuniram-se aproximadamente 130 pessoas. Um dos temas tratados nessa conferência foi o “indiferentismo do povo sul rio-grandense ao Evangelho”, as dificuldades encontradas na evangelização entre os italianos de Silveira Martins e a grande diferença entre a “influência do christianismo e das outras religiões pagãs e idólatras”. As conclusões da Conferência, segundo João Vollmer, foram positivas: “foi uma scena tocante ver aquele grupo de obreiro, entre os quaes se achavam os dignos representantes das egrejas Lutherana e Episcopal Brasileira, darem-se as mãos em prova de união no propósito de ganhar o mundo para Christo e assim prepara-los condignamente para o estabelecimento do reino messiânico.”²⁷²

Outra forma de desmoralizar a Igreja católica e seus representantes aparece em um artigo da edição seguinte, reproduzido do jornal *El Heraldo Evangélico*. O articulista, que não se identifica, afirmava que a presença de ateus nas missas era um fenômeno que se repetia em “todos os povos papistas. O ateísmo se collegia no fundo com o catholicismo romano, porque o catholicismo romano no fundo é atheu. O senhor já o disse: ‘este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim’.” O autor do texto é contundente ao dizer que os “templos romanos” são frequentados por uma “multidão de homens e mulheres sem religião, ímpios e depravados que vão ali presenciar com fingida devoção as mímicas dos sacerdotes, porém que tem suas consciências cauterizadas e não conhecem Deus”. Aponta o catholicismo como falsa doutrina e anticristã de ritos idólatras que se preocupa apenas com a aparência.²⁷³

As respostas às provocações dos protestantes aos católicos provavelmente apareciam em publicações do país. No jornal *O Testemunho*, o articulista citava um panfleto católico, que teria sido publicado, em São Paulo, por um senhor de nome A. Campos. O folhetim intitulado “*Mixornia Protestante*”, segundo o articulista do jornal *O Testemunho*, “era altamente recomendado pelo *A União*. Esse folhetim, anos mais tarde, será usado em Santa Maria pelo padre Pagliuca, como veremos neste estudo.

²⁷² “Conferência Distrital”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 19 mai. 1904, ano I, n. 10, p. 37. AIPJW, Porto Alegre.

²⁷³ “Atheus na missa”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jul. 1904, ano I, n. 13, p. 49. AIPJW, Porto Alegre.

A disputa por adeptos no campo religioso era evidente quando os metodistas acrescentam, sob o título “*O feitiço contra o feiticeiro*”, que “os jesuítas fazem actualmente gato morto do Sr. A. Campos que tem miado a valer por meio da *Mixornia* que afirmava tão somente seu caráter de vil mercenário.” Informa que tal publicação havia sido distribuída em São Paulo e Minas Gerais e, segundo o articulista metodista, “provocado a simpatia de muitos católicos em favor do Evangelho de Christo, que o Sr. A. Campos uma vez explorou iscarioticamente”. E, em seguida desafia: “mande-nos Sr. A. Campos um exemplar de sua *mixornia* que já foi distribuída até nos ateus da Central para ficarmos ainda mais protestantes.” O articulista metodista esclarece que o referido senhor havia sido expulso da Igreja batista e, então, com espírito mais desdenhado satirizou: “ora para que deu o Campos! Está servindo de pastagem aos frades, freiras e concommittante catreva! Outro ofício camaleão religioso!”²⁷⁴

No campo religioso, portanto, verificamos que o conflito se delineava pelas oposições antagônicas de ideias e saberes. Não havia preocupação, por parte dos metodistas, em externar suas convicções. Era nesse tom enfático e até mesmo jocoso, que esses missionários galgavam espaço, uma vez que precisavam primeiro desconstruir o discurso católico.²⁷⁵

Percebe-se também que as estratégias usadas para a conquista do campo religioso era cada vez mais acirrada e no jogo de interesses as informações depreciativas e precisas tinham valor simbólico, pois desconstruíam o conceito de honra e prestígio da Igreja católica. No jornal *O Testemunho*, as notícias de adesões ao metodismo e o crescente investimento em edificações para abrigar o número cada vez maior de crentes era constante. As informações nesse sentido provinham de vários lugares, do Brasil e do exterior.

Uma das estratégias era estimular o membro da agremiação religiosa metodista a se sentir unido a uma grande confraria de cunho internacional. Essa forma de dar *status* aos grandes e pequenos aparece seguidamente nas edições desse órgão impresso. Um exemplo é a nota publicada sob o título “*Santa Maria, 16 de julho de 1904*”, onde o informante era o pintor que havia aderido ao metodismo, Pery Saint-Clair de Oliveira. A nota destacava o número significativo de metodistas em Santa Maria: “20 crianças e 22 adultos, no total 44 pessoas para o culto de 14 de junho.”²⁷⁶

²⁷⁴ “*Mixornia Protestante*” e “*O Feitiço contra o Feiticeiro*”. Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º ago. 1904, ano I, n. 15, p. 58. AIPJW, Porto Alegre.

²⁷⁵ Cf. AZZI, op.cit., 1992, p. 131-133.

²⁷⁶ “*Santa Maria, 16 de julho de 1904*”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º ago. 1904, ano I, n. 15, p. 60. AIPJW, Porto Alegre.

Outro artigo, após tratar das escolas metodistas no Rio Grande do Sul, destacava que, de acordo com a Igreja católica, o jornal *O Testemunho* e outros escritos semelhantes, “segundo a ordem do INDEX, pertenciam aos jornais proibidos pela Igreja” e os católicos que os lessem não só pecariam gravemente contra a lei natural que proíbe expor a perigos sua fé, mas também se levantavam “contra uma grande proibição da autoridade eclesiástica”. Por essa advertência, Vollmer se referia à Igreja católica como medieval, despótica que “procura ainda hoje impor suas leis e sua prepotência a um povo que ansioso procura sacudir de sobre si as pesadas algemas da escravidão espiritual.”²⁷⁷ Para reafirmar que o clero católico, agindo assim, era representante do retrocesso, lembra que o século XX é o do progresso das ideias que se relaciona “ao bem-estar da família humana e onde a palavra e a pena são armas” a favor dos mais elevados ideais. “Só a retrograda igreja de Roma ousa elevar sua voz para condenar ao INDEX jornais e escritos semelhantes ao de nosso humilde *Testemunho*”. No entanto, o articulista não se intimidou e lembrou que os metodistas eram indiferentes às normas da Igreja católica, “porque o INDEX para os protestantes não tem nenhum valor”. Pois, não considerava que fosse de interesse geral aquilo que era “desagradável ao ultramontanismo”. Lembrava ainda que, assim como proibiam a leitura do jornal *O Testemunho*, teriam que proibir também a imprensa secular de Porto Alegre que “de quando em vez aparecem opiniões que muito discordam das regras da vossa igreja”. Tampouco considerava que a religião dos brasileiros fosse a católica romana, por isso considerava que *A União* não havia insultado a religião nacional: “não conheço tal religião e portanto não podíamos tê-la insultado. Querer dizer que a religião dos brasileiros seja a romanista é uma pretensão, filha de um orgulhoso passado.” Procurava explicar que era um engano considerar o Brasil um país eminentemente católico, já que aqui conviviam espíritas, ateus e maçons:

Na distribuição religiosa de nossos patrícios encontramos um grande número formando parte da família massonica e que como taes não podem ser contado entre os fiéis do romanismo, outro grande número filiado ao espiritismo e ao racionalismo, outros rendendo culto à humanidade, e não pequeno número que são crentes evangélicos. Os indiferentes e os ateus declarados, também formam, infelizmente, um exército numeroso. Não negamos que o romanismo tenha sua parte também, mas que elle se possa chamar a religião dos brasileiros, isso nunca.²⁷⁸

²⁷⁷ VOLLMER, João. “Nós e a ‘União’”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 ago. 1904, ano I, n. 16, p. 1. AIPJW, Porto Alegre.

²⁷⁸ Ibid. Id.

Para reforçar a ideia de que a Igreja católica tinha pouco prestígio, acusava os “ultramontanos” de lançarem mão “das armas mais vergonhosas como a mentira, a fraude, a falsificação, etc, a fim de alcançar os seus propósitos.”

Segundo Vollmer, o articulista do órgão *A União* havia caluniado os evangélicos para ferir o trabalho de evangelização feito pelos missionários americanos a quem ele representava. Os “ultramontanos” teriam se referido aos evangélicos como “emissários norte-americanos que fazem por ahy os negócios dos yankes.” A essa difamação, o articulista do *O Testemunho* procurava dar uma resposta no mesmo nível, lembrando que os missionários norte-americanos trabalhavam sem ferir a Constituição republicana, fato que nem sempre podia afirmar por parte do clero católico quando se negavam a reconhecer o casamento civil como o mais importante:

Se os missionários evangélicos norte-americanos são emissários norte-americanos, os jesuítas não passam de emissários de Roma que fazem por ahy os negócios de Pio X sob a capa de sacerdotes de Christo. Não podem dizer-se respeitadores das leis porque constantemente as atacam como sucede frequentemente em nosso Estado com respeito ao casamento civil e tornando-se participantes de crimes vergonhosos.²⁷⁹

Essa referência à desobediência da Igreja ao Estado pode ser compreendida também no jornal *O Combatente* de Santa Maria, por exemplo, quando os republicanos criticam o clero católico por realizar o casamento religioso antes do civil.

As notícias e a contra-notícia que trazemos à tona são evidências claras do conflito de ideias de cunho religioso que se desenvolveu no Brasil na época e que tinha desdobramentos em cidades como Santa Maria, onde percebemos que o metodismo ia tendo expressão evidenciada na inauguração do novo salão da Igreja metodista, à Rua do Acampamento. O evento, presidido pelo reverendo Leonel Lopes, aconteceu no dia 7 de setembro de 1904, data alusiva à independência do Brasil.²⁸⁰ O culto protestante uniu-se ao culto da pátria.

²⁷⁹ VOLLMER, João. “Nós e a ‘União’”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 ago. 1904, ano I, n. 16, p. 1. A questão do casamento civil vai aparecer novamente em edições no ano seguinte onde o discurso de reprimenda a Igreja católica se mantinha, pelo fato do clero considerar como válido apenas o casamento religioso, “de inibir a lei” e desconsiderar que as leis que o Estado instituíra era para a proteção da população. “O casamento civil”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jun. 1905, ano II, n. 12, p. 56. AIPJW, Porto Alegre.

²⁸⁰ RUIZ, João. Seção “Correspondência”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 set. 1904, ano I, n. 18, p.71. AIPJW, Porto Alegre.



Ilustração 21 - Igreja Bom Pastor, situada à Rua do Acampamento em Santa Maria. O primeiro salão desta igreja metodista foi inaugurado no dia 07 de setembro de 1904 e o edifício em 1922 (Fonte: Álbum ilustrado de Santa Maria, Casa Memória Edmundo Cardoso).

As comemorações dos 100 anos da Sociedade Bíblica Britânica, acontecido no ano de 1904, foi um evento importante para os protestantes. Esse fato foi destaque na primeira página do jornal *O Testemunho*.²⁸¹

Na edição de agosto desse mesmo ano, 1904, uma notícia vinculada à queima de Bíblias e folhetos evangélicos afirmava que esta ação teria sido executada por sacerdotes católicos em Pernambuco, Alagoas, Minas Gerais São Paulo.²⁸² A ampla difusão da Bíblia evangélica já acontecia em outros países, ao que parece, sem violência, como, por exemplo, a informação de que: “no ano de 1901 foram distribuídas na China 872000 cópias da Sagrada Escritura”.²⁸³

Trazendo a notícia para o nível local, o jornal informava que, em Santa Maria, por ocasião do centenário da Sociedade Bíblica Britânica, reuniram-se as “três congregações evangélicas no templo da Igreja Alemã”. Os convites haviam sido anteriormente distribuídos e reuniram aproximadamente “300 pessoas” e a “colaboração rendeu 41\$000”.²⁸⁴

Aqui, três aspectos merecem destaque: a desconstrução do *capital simbólico* católico feita pelos metodistas, pois, no imaginário desse grupo protestante, o clero e a Igreja católica eram tradicionalmente agentes “do mal” que, com seus discursos, manipulavam a sociedade. Já os protestantes e, em particular, os metodistas, ao estimularem a leitura da Bíblia, consideravam-se não só detentores da liberdade, mas, como grupo, conhecedores da *verdade*

²⁸¹ A Sociedade Bíblica Britânica foi fundada no dia 07 de março de 1804, em Londres. Cf. “O Primeiro Centenário”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mar. 1904, ano I, n. 5, p. 17. AIPJW, Porto Alegre

²⁸² Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º ago. 1904, ano I, n. 15, p. 58. AIPJW, Porto Alegre.

²⁸³ *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º abr. 1904, ano I, n. 7, p. 25. AIPJW, Porto Alegre.

²⁸⁴ “Santa Maria”, seção “O Que se Passa”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º abr. 1904, ano I, n. 7, p. 27. AIPJW, Porto Alegre.

revelada. O outro aspecto diz respeito à Bíblia metodista como *bem simbólico*, meio de doutrinação, dominação e reversão de conceitos. E, por último, o tema que nos parece importante e que aponta para as Bíblias como outra estratégia de divulgar o progresso e a aceitação do protestantismo, o que lhes creditava o sentimento de liberdade de expressão, pois, segundo o órgão impresso *O Testemunho*, elas continuavam sendo vendidas em outros países, como na Holanda, no Império russo e na Argentina, “isentas de impostos”. E, para agregar valor e prestígio ao metodismo ressaltaram que “um dos contribuintes mais ilustres da Sociedade Bíblica Britânica era o imperador alemão.”²⁸⁵

Tal era a força desse argumento que, em agosto de 1905, um dos articulistas do *O Testemunho* publicou um artigo destacando a iniciativa do Vaticano em criar, em Roma, o Instituto Bíblico, mas, a iniciativa católica foi considerada tardia por parte da Igreja romana, uma vez que a Bíblia já tinha sido “espalhada pela Igreja Evangélica com mais de 400 traduções”, sendo que, o pretense elogio veio acompanhado de críticas quando referiu que o estudo bíblico era para poucos privilegiados do catolicismo, ao contrário do que acontecia nas escolas protestantes:

Era tempo que Roma também procurasse ao menos aparentar interesse pelas fontes do Christianismo. Eis hay uma inovação contra a qual nós os protestantes não protestamos. Pelo contrário lamentamos que seja só em Roma que se possa estudar a Bíblia e que sejam *só os clérigos de Ordens Maiores* que possam fazer juz ao premio instituído *pelo protestante, Lord Braye, convertido ao catholicismo* (...) Os protestantes que se passaram para o romanismo, não perdem d’um todo o protestantismo (...) Que Deus abençoe os privilegiados que podem ir a Roma estudar a Bíblia. Os romanistas que queiram estudar a Bíblia, sem necessidade de ir a Roma pode faze-lo por ir a qualquer das Igrejas Evangélicas desta cidade (...) e não necessitam ser *clérigos de Ordens Maiores*”.²⁸⁶

Mas a reação dos católicos do jornal *A União* foi reproduzida em parte, ironicamente, no impresso *O Testemunho*. O articulista metodista recordava que havia muito tempo vinha aconselhando o redator daquele órgão católico a mudar de estratégia. Sugeria que eles tinham entendido quando publicaram no *A União* que:

Si os tempos são outros e outras a capoeiras dos homens do século, também nós devemos mudar *o sistema de luta* (...) *persegui-los até que os esmaguemos* (...). A ação dos católicos não deve se resumir as festas apparatusas e sem espírito religioso sério só contentando-nos com o apoio da mulher – a obra cathólica no Brasil ficará

²⁸⁵ “Livro dos Livros”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º out. 1904, ano I, n. 19, p.75. AIPJW, Porto Alegre.

²⁸⁶ “A Bíblia no Vaticano”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 ago. 1905, ano I, n. 16, p. 74. AIPJW, Porto Alegre.

sujeita a decepção pela qual passou e continua passando a França, hoje nas mãos do liberalismo maçônico.²⁸⁷

O articulista do *O Testemunho* reproduziu outra parte do jornal católico *A União* onde os redatores advertiam aos católicos sobre os bons e os maus sacerdotes:

Tolerar o mal e esperar a morte, *contemporizar com o mau padre, o ganancioso e o relaxado, é confessar fraqueza* porquanto dez bons exemplos não bastam para uma incoherencia. O que temos de fazer é antes de mais nada separar os elementos (...). Não nos querendo desfazer daquilo já por si imprestável como o padre preguiçoso, agiota, festeiro, immoral perderemos o trabalho dos padres abnegados, coerente, sinceros, bons aos olhos do mundo como aos olhos de Deus.²⁸⁸

Ao reconhecer a imoralidade de alguns clérigos, através do jornal *A União*, aqueles católicos abriam precedentes aos protestantes que não pouparam o deslize.

O redator do jornal *O Testemunho*, ao concluir o artigo, ironizou: “ora já era tempo que se fizesse ouvir este grito de reforma. Este protesto tão franco contra as imoralidades, babuzeiras, relaxamentos, inépcias, etc... Da-nos a entender que no próprio seio da igreja romana existem alguns protestantes.”²⁸⁹

Outro tema de divergência doutrinária entre católicos e protestantes que vai aparecer no impresso *O Testemunho* está relacionado a a veneração que os católicos dedicavam a mãe de Jesus.

No órgão *O Testemunho*, um longo artigo criticava o dogma da Imaculada Conceição, proclamado pelo Papa Pio IX. O articulista, João Vollmer, advertia que, para os protestantes, esse dogma “é uma doutrina anti-bíblica, anti-apostólica e anti-racional (...) semelhante asseveração é oriunda de corações pervertidos.” Considerava sem fundamento histórico, nem sagrado e nem profano: “só Cristo é declarado imaculado na Sagrada Escritura”. Como em outros artigos, citava padres que haviam afirmado que “Maria nem sempre foi considerada isenta de toda culpa”. Exemplificava com Orígenes, São João Chrisostomo, Tertuliano e Theophilact, as controvérsias que esse dogma teria causado entre franciscanos e dominicanos. Responsabilizava os jesuítas por divulgarem “por toda parte” essa doutrina no século XVII até que, no século XIX, foi declarada como dogma. Ao indagar sobre a serventia desse dogma, o articulista advertiu que isso seria por interesse econômico, e então ponderou: “a nosso ver só advieram benefícios aos cofres da Cúria romana porque moralmente falando maior

²⁸⁷ “Já era Tempo”. Seção “Notas e Factos”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º nov. 1904, ano I, n. 21, p.82-83. AIPJW, Porto Alegre.

²⁸⁸ Ibid. Id.

²⁸⁹ Ibid. p. 83.

calamidade para Maria e para a causa de Christo não poderia ter acaecido.” O autor do artigo também recriminava as orações oferecidas a Deus tendo Maria como mediadora, pois considerava que as orações, geralmente, são dirigidas a ela diretamente, rivalizando-a ao culto de Deus e ao de Christo, aniquilando a supremacia do poder de Deus. O articulista também condenou as festas dedicadas a Maria durante o ano, pois “além destas festas todos os sábados são dedicados a Maria, o mês de Maio também é inteiramente consagrado ao culto dela e bem assim todo o mês de outubro, conhecido como mês do rosário.” Argumentou ainda que, se Maria se considerava indigna, não se exaltava, não deveria se alegrar com essas exaltações “simplesmente para satisfação dos caprichos de homens (...) doutrina iníqua.”²⁹⁰

No ano entrante, de 1905, o jornal *O Testemunho* apresentou aos seus fiéis uma novidade importante nas suas edições: passou a ser editado com fotografias e informações de seus pastores mais ilustres juntamente com suas esposas e não raras vezes, de famílias completas. Deu espaço em todas as edições ao Dr. João C. Corrêa, onde ele foi relatando a história da Igreja metodista no Rio Grande do Sul, desde os seus primórdios. Era o ano do “avivamento religioso de todos os ramos da Igreja evangélica” e em torno disso muito prometiam fazer pela expansão do metodismo para “lutar contra os inimigos de Cristo que se erguem em todos os lados. O seu nome é legião, criterismo, spiritismo, materialismo e outras mil, que orgulhosamente proclamam sua vitória”. O *Avivamento Religioso* foi considerado um “movimento espiritual na história eclesiástica” metodista porque pretendia abranger a África do Sul, Austrália, Europa e América.²⁹¹

Essa renovação espiritual era pretendida também no Brasil. Em abril de 1905, o reverendo H. C. Tucker, do Rio de Janeiro, fazia um chamamento para que no Brasil, a exemplo dos outros países, “se organizem pequenos grupos de crentes em toda parte com o fim de orar a Deus para que haja entre nós uma verdadeira renascença espiritual (...) e se espalhe pela pátria inteira.”²⁹²

Ao exortar seus *inimigos ultramontanos* pretendiam, como o clero católico, conquistar o campo religioso gaúcho: “oxalá que o dilúvio purifique a igreja estadual do seu clericalismo arrogante e dos emissários papais que hoje minam aquela organização.”²⁹³

²⁹⁰ “Innefabilis Deus”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º dez. 1904, ano I, n. 23, p. 89. AIPJW, Porto Alegre.

²⁹¹ “Avivamentos Religiosos”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º fev. 1905, ano II, n. 3, p. 17. AIPJW, Porto Alegre.

²⁹² TUCKER, H.C. “Uma Revivificação Religiosa”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 abr. 1905, ano II, n. 8, p. 31. AIPJW, Porto Alegre.

²⁹³ Seção “Na Procissão”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º abr. 1905, ano II, n. 7, p. 27. AIPJW, Porto Alegre. Para reforçar a expansão do protestantismo, em outras edições, os editores do jornal *O Testemunho* destacavam, por exemplo, que “mais de 20.000 convertidos já se uniram formalmente com as diversas igrejas evangélicas de Galles como resultado do *Avivamento Religioso*.” Seção “Missões”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 abr. 1905,

Outro fato significativo, no ano de 1905, foi a ampliação das permutas realizadas pelo *O Testemunho* com os seguintes jornais que ficavam a disposição para a leitura daqueles metodistas interessados. Eram jornais de todo o Brasil e também do exterior: *O Expositor Christão*, *O Jornal Batispta*, *O A. C. M.*, *O Christão*, *O Puritano*, *O Trabalho*, *A Voz Pública*, *A Cruzada*, *A Revista Científica* e *A Revista Filosófica*, todos estes da cidade do Rio de Janeiro. *A Reforma*, de Campos, RJ e *O Despertar*, de Rio Claro, RJ. Da cidade de São Paulo, *O Estandarte*, *Revista das Missões Nacionais*, *Verdade e Luz*, *O Esforçador*, *O Progresso*, e *o Juvenil*. De Florianópolis, *A Vida*. Da cidade de Castro, Paraná, *A Gazeta de Castro*. Da cidade de Araguary, Minas Gerais, *O Evangelista*. Da cidade de Belém, Pará, *O Apologista Christão* e *O Semeador*. De Natal, Rio Grande do Norte, *O Século*. Também faziam permuta com jornais do exterior como, por exemplo: *L'Evangelista* e *Il Testimonio*, de Roma, *La Buena* e *El Faro*, do México; *El Atalaya*, de Montevidéu; *El Estandarte Evangélico de Sud América*, de Buenos Aires; *El Testigo*, de La Plata; *El Helderado*, de Figueiras, Espanha; *El Cristiano* e *El Esfuerzo Cristiano*, de Madrid; *Egreja Lusitana*, de Vila Nova de Gaya, Portugal; *O Pequeno Mensageiro*, de Lisboa; *El Defensor Cristiano*, de Porto Rico; *Revista Spirita*, do Porto, Portugal.²⁹⁴

A redação do jornal se tornava expressiva, pois também recebia a visita de representantes de outros periódicos protestantes do Rio Grande do Sul, entre os quais: *O Estandarte Christão*, de Rio Grande; *A Revista Spirita*, *O Independente*, *O Escrínio* e *O Athleta* de Porto Alegre; *O Jaguary*, da colônia de Jaguary; *Echos da Serra*, de Cruz Alta e *O Arauto da Verdade*, de Taquary.²⁹⁵

Mas os discursos em torno da Igreja católica continuavam ácidos e se acirravam à medida que publicações católicas do país se manifestavam contra o protestantismo. Na primeira edição de janeiro de 1905, por exemplo, os articulistas do jornal *O Testemunho* publicaram uma nota provocativa aos católicos quando apontaram que a falta de circulação do jornal *A União* era devido a sua inutilidade: “fallecido, pois havia nascido doente”, pelo fato de considerarem que a Igreja católica privava a alguns de “instrução elevada” já que para ela não convinha que a maioria do povo fosse instruído, “pois assim será melhor phanatisado.”²⁹⁶

ano II, n. 8, p. 33; Seção “Missões”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jun. 1905, ano II, n. 11, p. 51. AIPJW, Porto Alegre AIPJW, Porto Alegre.

²⁹⁴ “Bibliographia”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 abr. 1905, ano II, n. 8, p. 34. AIPJW, Porto Alegre.

²⁹⁵ Ibid. Id.

²⁹⁶ Seção “Noctas e Fatos”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jan. 1905, ano II, n. 1, p. 7; em outras notas o articulista do jornal *O Testemunho* criticava a Igreja católica como sendo, por exemplo, mais política do que religiosa. Seção “Na Procissão”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mai. 1905, ano II, n. 9, p. 40. AIPJW, Porto Alegre; DONATTI, Matheus. “Christo e os sacerdotes”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 mai. 1905, ano II, n. 10, p. 44-45. AIPJW, Porto Alegre.

A par das provocações, os metodistas se valiam também da intolerância do clero católico. Exemplo é o fato ocorrido em Bento Gonçalves, em junho de 1905, quando um pároco teria aconselhado aos católicos romanos, durante a homilia da missa rezada na capela de São Miguel, na Linha Palmira, que “os fiéis filhos da igreja catholica deveriam odiar os protestantes, não fazer-lhes favor algum, nem cumprimenta-los, que deveriam aborrecê-los fazendo-lhes todo o mal possível, etc.” Atitude essa criticada pelo articulista que chamou a atenção para esse procedimento como resultado da infidelidade ao Evangelho. Recomendava, “ao lobo com pele de cordeiro, um pouco mais de brandura para com aqueles que não pensam como ele e principalmente quando não podem provar que suas doutrinas sejam anti-evangélicas.”²⁹⁷

Como se pode perceber, há dois pesos e duas medidas nessa atitude, embora os metodistas julgassem o campo religioso católico ambivalente.

Uma das festas populares de cunho religioso que muito causava indignação aos protestantes era Festa do Divino Espírito Santo. Ela também era muito prestigiada em Santa Maria, não só pelos populares, mas também pelo clero e por famílias tradicionais. O articulista do jornal *O Testemunho* passou a criticar as manifestações de júbilo que encerrava essa festa, como as procissões e os foguetórios. “Os fogos são apenas folguedos com que a igreja romana engoda os infelizes que para as suas repletas áreas concorrem com as economias de seus sacrifícios. Procissões e fogos não podem nutrir a alma, não podem edificar o espírito.”²⁹⁸

Para manifestar sua indignação, o mesmo articulista protesta:

Infeliz pátria a nossa que geme ainda debaixo da férula do ultramontanismo, apesar da lei da separação da igreja do estado. Infeliz sociedade a nossa que ainda se curva submissa aos pés do mais tirano dos escravocratas que tem o seu trono em Roma e seus assalariados em todo o mundo. Infeliz terá do cruzeiro onde procissões e fogos, restos do barbarismo antigo, são de maior importância que o estado e meditação da Lei do Senhor que deleita o indivíduo e engrandece a nação.²⁹⁹

A Festa do Divino, como a de *Corpus Christi*, era muito popular no Brasil desde o Império, no entanto, a preocupação do episcopado era em relação às manifestações profanas

²⁹⁷ UNGARETTI, Adolpho. “Lobo em pele de cordeiro”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jun. 1905, ano II, n. 12, p. 59. AIPJW, Porto Alegre.

²⁹⁸ “Qual? Procissão ou fogos?” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jul. 1905, ano II, n. 13, p. 61. AIPJW, Porto Alegre.

²⁹⁹ “Qual? Procissão ou fogos?” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jul. 1905, ano II, n. 13, p. 61. AIPJW, Porto Alegre.

dentro das igrejas.³⁰⁰ Em Santa Maria, ambas as festas eram bastante populares, sendo, inclusive, a Capela do Divino construída antes da Catedral.

Outra festa religiosa católica, que foi condenada pelos protestantes no jornal *O Testemunho*, era a de “*Corpus Christi*”. Um articulista, que não se identificou, procurou esclarecer a sua origem na Igreja romana como uma invenção de “clérigos descrentes e de pessoas visionárias, místicas, alucinadas.”³⁰¹

Outro tema, que naquele contexto gerava disputa, era o referente à construção de templos. Tal assunto foi explorado pelos redatores metodistas, assim: “a edificação constante de novos templos evangélicos não só em nosso país, mas em todas as partes do mundo é uma espinha nas carnes do romanismo que bastante os incomoda”. E, “a prova mais incontestável da aceitação que vai tendo o Evangelho puro entre os homens sensatos”.

Na edição da segunda quinzena de janeiro, de 1906, *O Testemunho* registrou a reação dos “apóstolos católicos” às notícias e aos esclarecimentos do órgão de imprensa que pregava o “puro Evangelho de Cristo.”

No *jogo de interesses*, católicos e metodistas mediavam forças, disputavam território. Para os metodistas, a publicação de um “folheto róseo” pela imprensa católica porto-alegrense, intitulado “*Aos Católicos! Alerta!*” condensava “uma nova carrada de sandices”, pois pretendiam sufocar os evangélicos que estavam “despertando a consciência do povo religioso adormecida pela influência narcótica do cerimonial romano”. Segundo *O Testemunho*, como a Igreja católica não conseguia evitar as “deserções das fileiras do papismo para as do Evangelho puro de Cristo” procurava manter o povo na ignorância e, quando escrevia, dirigia-se ao povo “como quem escreve para idiotas”, tementes das excomunhões. O articulista inicia dizendo que reconhecia “o direito de doutrinar, argumentar,

³⁰⁰ AZZI, op.cit., 1977, p. 32 e 33.

³⁰¹ “*Corpus Christi*”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º jul. 1905, ano II, n. 13, p. 62. AIPJW, Porto Alegre. A celebração do Corpo de Deus teve origem em 1243, em Liège, na Bélgica, no século XIII, quando a freira Juliana de Cornion teria tido visões de Cristo demonstrando-lhe desejo de que o mistério da Eucaristia fosse celebrado com destaque. Em 1264, o Papa Urbano IV, através da Bula Papal *Trasnsiturus de hoc mundo*, estendeu a festa para toda a Igreja, pedindo a São Tomás de Aquino que preparasse as leituras e textos litúrgicos que, até hoje, são usados durante a celebração. Compôs o hino *Lauda Sion Salvatorem* (Louva, ó Sião, o Salvador), ainda hoje usado e cantado nas liturgias do dia pelos mais de 400 mil sacerdotes nos cinco continentes. A procissão, com a Hóstia consagrada conduzida em um ostensório, é datada de 1274. Foi na época barroca, contudo, que ela se tornou um grande cortejo de ação de graças. No Brasil, a festa passou a integrar o calendário religioso de Brasília, em 1961, quando uma pequena procissão saiu da Igreja de madeira de Santo Antônio e seguiu até a Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima. A tradição de enfeitar as ruas surgiu em Ouro Preto, cidade histórica do interior de Minas Gerais. A celebração de Corpus Christi consta de uma missa, procissão e adoração ao Santíssimo Sacramento. A procissão lembra a caminhada do povo de Deus, que é peregrino, em busca da Terra Prometida. No Antigo Testamento, esse povo foi alimentado com maná, no deserto. Hoje, ele é alimentado com o próprio Corpo de Cristo. Durante a Missa, o celebrante consagra duas hóstias, uma é consumida e a outra, apresentada aos fiéis para adoração. Essa hóstia permanece no meio da comunidade, como sinal da presença de Cristo vivo no coração de sua Igreja. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=234011>> Acessado em: 24 abr. 2008.

lógica e racionalmente, fazer propaganda entusiástica do romanismo”, mas não podia aceitar que “por ódio ou ignorância sophismem a história e alterem os fatos – armas que com tanta destreza manejam.” Em seguida, para “provar que a igreja romana nunca cuidou de seus interesses espirituais”, o autor citou trechos de artigos de jornais católicos onde afirmava que a religião católica, mesmo sendo reconhecida como oficial no Brasil Império, como tal não era respeitada, pois bispos e sacerdotes haviam sido presos e naquele período prevalecia o “indiferentismo religioso e o descuido no ensino da religião.”³⁰²

O incômodo folheto, “*Aos Católicos! Alerta!*”, circulou no interior do Estado. O pastor João J. Ruiz comentou que, em Cruz Alta, causou “alguma sensação” sendo que alguns evangélicos haviam lhe pedido que respondesse às “asserções caluniosas de nossos adversários”. O vigário católico da paróquia de Cruz Alta teria apoiado a um número “avultado de desordeiros” que pretendiam invadir as reuniões dos evangélicos, ameaçando-os de espancamento, ao que foram impedidos pelas autoridades: “não obstante a má vontade dos filhos de Loyola, continuaremos a proclamar em bom tom e com ousadia a verdade em todos os seus aspectos.”³⁰³ Em Antônio Prado, o pastor Adolpho Ungaretti ficou sabendo que o vigário havia dito que iria queimar uma Bíblia que havia encontrado, foi à Igreja e presenciou a cena. Referiu que o padre criticou “os milhões de dólares que as Missões Americanas gastam em mandar missionários por todo o mundo para propagar heresias”. Também teria chamado os protestantes “de filhos das trevas e os catholicos da luz” e exortado os católicos a perseguir os protestantes de Antônio Prado e a “fazer de tudo para que eles não pudessem mais viver ali.”³⁰⁴

Na edição do mês seguinte, a resposta ao folheto “*Aos Católicos! Alerta!*” continuou, pois teriam ofendido aos evangélicos quando os responsabilizavam por terem “abalado a paz religiosa” que reinava no país, quando apareceu “um exército de missionários norte-americanos inundando nossas cidades, vilas, aldeias todo país (...) Não se contentam elles em pastorear as suas próprias ovelhas porque não as tem, mas seu fim declarado é seduzir os catholicos a apostasia da fé”. A resposta veio logo em seguida: “Em vez de *paz religiosa*, o apostolado deveria ter dito *pasmaceira religiosa* e logo agradecer aos evangélicos por terem vindo abalar tal estado, necessariamente fatal a sua igreja.” O articulista recordava que Lutero também havia abalado profundamente a paz religiosa de sua época, “arrancando do domínio

³⁰² “Aos Católicos! Alerta! I”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jan. 1906, ano III, n. 2, p. 5-6. AIPJW, Porto Alegre.

³⁰³ “Cruz Alta, 8 de janeiro de 1906.” Seção “Correspondência”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 jan. 1906, ano III, n. 2, p. 7. AIPJW, Porto Alegre.

³⁰⁴ UNGARETTI, Adolpho. “Sempre são e serão os mesmos”. Seção “Correspondência”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º set. 1906, ano III, n. 17, p. 66. AIPJW, Porto Alegre.

papal metade da Europa” e voltava a destacar que a Igreja católica, com a “mentira, a fraude, a calúnia” não resistiria “aos embates altivos e vigorosos dos Arautos da Verdade.”³⁰⁵

Nesta mesma edição, sob o título “*Pela Verdade*”, o pastor metodista E. E. Joiner também expôs suas críticas e argumentações ao folheto “*Aos Católicos! Alerta!*”, e, advertindo, ironizou, dizendo que os católicos não precisavam temer os evangélicos, pois, se no Brasil, à época, havia “mais de 200 ministros ordenados metodistas e 70 missionários norte-americanos”, havia entre os católicos um número muito maior: “800 frades e padres espanhóis, 500 e tantos italianos e os 1.000 e mais salesianos e maristas franceses e os cento e tantos alemães e 20 americanos e ingleses, padres estes que aninharam-se no Brasil para cuidar da religião e do patriotismo brasileiros!”³⁰⁶

A questão era áspera e continuou sendo replicada nas edições seguintes, sempre nas primeiras páginas do *O Testemunho*. Os temas eram os de sempre: a divulgação da Bíblia; a missa rezada em latim e não na língua vernácula; a devoção a Nossa Senhora, considerada blasfema; críticas às “suntuosas catedrais, aos adúlões do papa”, aos dogmas como imposições papais; reprovação aos “homens sem pátria, como o bando numeroso de jesuítas que constantemente conspiram contra os mais santos princípios de nossas liberdades”; as diferentes “seitas” protestantes; e o não reconhecimento da veracidade do cristianismo: “negamos que a igreja romana seja christã. Protestamos contra todos os erros que ensinam em nome do christianismo. É este um facto que está no domínio público.” Para se auto-afirmar declaravam que aquilo que foi escrito sobre os evangélicos concorreu para a propaganda do protestantismo: “o tiro de misericórdia a quem estrebucha nas ancias de um fracasso vergonhoso.”³⁰⁷

E assim seguiram os artigos do *O Testemunho*, procurando provar e comprovar que a Igreja católica levava ao ateísmo e a superstição.³⁰⁸

De acordo com Jayme (1963), em 1910, os metodistas de Santa Maria, reunidos no salão da Igreja, à Rua do Comércio, elevaram a Missão sul-brasileira à categoria de Conferência Anual “fato de grande significação religiosa para o metodismo”. Na sessão,

³⁰⁵ “Aos Católicos! Alerta! II”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º fev. 1906, ano III, n. 3, p. 9. AIPJW, Porto Alegre.

³⁰⁶ JOINER, E. E. “Pela Verdade”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º fev. 1906, ano III, n. 3, p. 10. AIPJW, Porto Alegre.

³⁰⁷ “Aos Cathólicos! Alerta! III” *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 fev. 1906, ano III, n. 4, p. 13-14; “Aos Cathólicos! Alerta! IV” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mar. 1906, ano III, n. 5, p. 17; “Aos Cathólicos! Alerta! V” *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 mar. 1906, ano III, n. 6, p. 21-22; “Aos Cathólicos! Alerta! VI” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º abr. 1906, ano III, n. 7, p. 25-26 e “Aos Cathólicos! Alerta! IV (Conclusão)”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º mai. 1906, ano III, n. 9, p. 33. AIPJW, Porto Alegre.

³⁰⁸ RUIZ, J. J. “O romanismo produz atheismo”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º nov. 1906, ano III, n. 22, p. 85. AIPJW, Porto Alegre.

estavam presentes ministros, missionários leigos e senhoras missionárias. No ano em que a Sociedade Auxiliadora Santamariense, ligada aos metodistas, completava um ano, o metodismo contava no Rio Grande do Sul com 12 ministros itinerantes, 10 pregadores locais e 1.309 membros.³⁰⁹

Pelos dados apontados, percebemos que era significativa a presença de protestantes, majoritariamente metodistas, na cidade no início do século XX. Nesse sentido, podemos entender as preocupações do Bispo, Dom Miguel de Lima Valverde e do vigário católico, padre Pagliuca.

Por outro lado, os Relatórios Paroquiais da Diocese de Santa Maria, em 1912, indicam os seguintes números para a Igreja católica: em Santa Maria foram batizadas 1.161 crianças e oficializados 116 casamentos; em Silveira Martins 154 batizados e 41 casamentos; em Vale Vêneto, 328 batizados e 48 casamentos. A Diocese católica teve, no total, 13.935 batizados e 1.023 casamentos.³¹⁰

Tais dados não invalidam a preocupação da Igreja católica de Santa Maria com a difusão do metodismo na cidade, fato que foi registrado em 1921, no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* com a publicação de uma Epístola, enviada de Roma, a qual destinava-se aos “ordinários locais” a fim de alertá-los sobre o que consideravam *manobras* ou os *perigos* da via protestante. A preocupação expressa na Epístola estava centrada em uma “das novas agremiações acatólicas”, a Associação Cristã de Moços, instituição metodista que, segundo a carta cardinalícia, dizia não fazer distinção de nacionalidade. Uma associação que possuía o apoio de “homens de elevada posição” e que:

Há muito vem armando ciladas perniciosíssimas aos nossos fiéis, mormente jovens, fornecendo-lhes grande variedade de recursos sob pretexto de robustecer os corpos, e de os adiantar na cultura do espírito e do coração, mas na realidade corrompem a pureza da fé catholica, e arrancam os filhos aos carinhos maternais da Egreja.³¹¹

A carta do cardeal admoestava ainda que ditas associações mascaravam o seu verdadeiro intento, sob o pretexto de oferecer “faculdade libérrima de pensar independente e desligada de qualquer religião ou confissão” advertindo que, a isso, a Igreja denominava de

³⁰⁹ Os exemplares do jornal *O Testemunho*, de 1907 e 1908, não tivemos acesso, os demais, segundo o Instituto de Pesquisa “João Wesley”, de Porto Alegre, não foram encontrados no Brasil.

³¹⁰ “Relatórios Paroquiais relativos ao ano de 1912”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, mai-jun, 1913, ano I, n.º IX e X, p. 146-147. AMSM, Santa Maria.

³¹¹ VAL, Cardeal R. Merry del. “Sagrada e Suprema Cong. Do S. Ofício. Epístola aos Ordinários locais despertando-lhes a vigilância à cerca de novos manejos dos acatholicos contra a nossa fé”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IX, n.º. 3-5, mai. 1921, p. 50. AMSM, Santa Maria.

“*indiferentismo religioso*” sendo condenado, pois considerava que ele “inclui em si mesmo a negação de qualquer religião”.³¹²

Num dos artigos do *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, o protestantismo foi tratado como uma seita na qual o juramento de morrer no luteranismo poderia ser quebrado porque “dá culto a Cristo em um cristianismo falso, que ele como Deus da verdade condena.”³¹³ Outro artigo está relacionado à questão da conversão de um protestante ao cristianismo. O autor recomendava aos protestantes que estavam preocupados em desapontar seus pais evangélicos, que considerassem as palavras do Evangelho: “importa obedecer a Deus mais do que aos homens”, e pelo mandamento “honrar pai e mãe, significa a obediência a tudo o que é bom e legal. A escolha não deve ser contrária a lei de Deus.”³¹⁴ Em outra edição, foi lançada a pergunta: “É certo que os católicos estão obrigados a aborrecer e detestar os protestantes?” A resposta foi negativa, com a justificativa de que “o amor universal ao próximo de qualquer raça, cor ou religião é um estrito mandamento de Jesus.”³¹⁵

Anos mais tarde, em 1922, o padre Caetano Pagliuca se empenhou na publicação de uma revista para combater os “maus cristãos”, dentre estes os metodistas. Entrava em cena o semanário católico *O Santamariense*.

3. 2 Havia uma ferrovia no caminho: tensões e conflitos com a Maçonaria

O cenário santa-mariense que estamos desenhando era perpassado ainda pela voz e pela ação dos maçons que também tiveram embates que geraram tensões e conflitos com a Igreja católica.

Verificamos, nos exemplares do jornal maçônico de Porto Alegre intitulado *Lúcifer*, publicado entre 1906 e 1909³¹⁶, não media palavras para expressar a aversão maçônica ao Papado e aos sacerdotes católicos. O redator responsável era Franco Carneiro Longo

O impresso alimentava o anticlericalismo, por exemplo, na seção “Papismo”, de 1909, quando o editor publicou dados sobre os tesouros do Vaticano e a “Criadagem do Papa” para referendar a tese de que o Papa não é imitador de Cristo na Igreja, não é depositário da moral,

³¹² VAL, Cardeal R. Merry del. “Sagrada e Suprema Cong. Do S. Ofício. Epístola aos Ordinários locais despertando-lhes a vigilância à cerca de novos manejos dos acatholicos contra a nossa fé”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IX, n.º 3-5, mai. 1921, p. 52-53. AMSM, Santa Maria.

³¹³ “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. IV, abr. 1915, p. 253. AMSM, Santa Maria.

³¹⁴ Ibid. p. 333.

³¹⁵ Ibid. p. 316 e 317.

³¹⁶ Jornal *Lúcifer*, Porto Alegre, ALEV, Silveira Martins.

não é o legítimo representante de Cristo e vivia coberto de ouro, morava esplendorosamente no “maior e mais bello palácio do mundo”, vivendo da exploração dos crentes³¹⁷. Com esses argumentos afirmava:

O “Papa é o imitador do exoso, seclerado e venal sacerdócio de seus predecessores; o Papa é o depositário do obscurantismo; o Papa é o representante do delicto; o Papa é o chefe do exército de parasitas espalhados pelo mundo para attentar á paz, á fraternidade, ao progresso, á liberdade dos povos; o Papa é o representante do vampirismo mais odioso nunca farto de ouro e de sangue humano; o Papa é o chefe do sacerdócio mais imundo e immoral; o Papa é o chefe da igreja a mais retrograda, a mais obscurantista, a mais immunda, a mais sanguinária entre todas as religiões que fazem desbaratado da credulidade humana; o Papa é o representante do mal.”³¹⁸

No mesmo jornal, os seus editores referiam-se aos padres como perdulários, malvados, desonestos, bandidos, tiranos, mentirosos, sanguinários, etc. Publicavam várias histórias, reportagens, opiniões, charges e piadas na tentativa de desfazer a integridade dos sacerdotes e do sacerdócio. Numa delas, afirmaram: “nenhuma virtude sustenta os padres: a immoralidade e o vicio os sostém de uma vez!”. Outra charge dizia: “sete pecados mortaes: avareza, ira, soberba, gula, preguiça, inveja e luxuria. Todos estes formam um padre”.³¹⁹

Tais referências, que podem ser consideradas abusivas e desrespeitosas em relação ao clero, revelam que esse veículo de comunicação alimentava o tom do anticlericalismo.

As divergências entre a Igreja católica e a maçonaria ficaram explicitadas pela edição de um novo órgão de imprensa anticlerical que surgiu em Santa Maria: a revista *Reacção*³²⁰. Ela tinha como Comissão Redatora oficial os maçons João Belém, poeta, escritor e professor; Dr. João Bonumá e Demétrio Niederauer, ambos Promotores de Justiça, além de outros intelectuais como a professora Margarida Lopes e o professor Cícero Barreto. A partir de 01 de julho de 1915, consta na capa da referida revista o nome do diretor-gerente, Ângelo Caldonazi e, segundo ele, a Loja Luz e Trabalho foi transformada em escritório da *Reacção*.³²¹

³¹⁷ Jornal *Lúcifer*, Porto Alegre, ano 3, n. 7, 05 mai. 1909, p. 7, ALEV, Silveira Martins.

³¹⁸ Jornal *Lúcifer*, Ibid. Id.

³¹⁹ Jornal *Lúcifer*, Porto Alegre, ano 3, n. 8, 20 set. 1909, p. 4 – 7, ALEV, Silveira Martins.

³²⁰ Uma primeira alusão a Revista *Reacção* fizemos numa comunicação na XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) quando estávamos iniciando esta pesquisa. BORIN, Marta Rosa. Santa Maria: de cidade decrente a centro de peregrinação. In: *Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Rio de Janeiro, 2001, p. 337-343.

³²¹ Correspondência de Ângelo Caldonazzi para o José Domingos d’Almeida, Porto Alegre. Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-40, 27 jun. 1915. ALEV, Silveira Martins.



Ilustração 22 - Exemplar de capa da revista Reacção onde constava que o seu perfil editorial era de ideias liberais. As palavras de chamada da capa, “tolle lege”, expressavam que as notícias da revista eram o brado imediato da maçonaria às questões polêmicas em relação à Igreja católica. Reacção, Santa Maria, ano I, n. 3, 1º de junho de 1915 (Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso, Santa Maria).

Através da revista, os articulistas provocavam e combatiam a Igreja católica local, publicando artigos de repulsa ao clero, ao Vaticano e à Igreja romana como um todo³²². Criticavam e ridicularizam explicitamente os sacramentos, como o do matrimônio e da confissão e as práticas religiosas católicas como, por exemplo, o celibato, a veneração às imagens e as procissões.³²³

As respostas a tais questionamentos eram dadas através do *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*. Em setembro de 1915, por exemplo, foi reproduzido um artigo do órgão de imprensa oficial do Vaticano, *Osservatorio Romano*, intitulado “O Maldito”, uma alusão a uma poesia considerada infame publicada por Lourenço Stecchetti, no *Il Travaso*, no qual o Papa Bento XV havia sido denominado de “*maledetto*”. Neste artigo do *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, o articulista edifica a Igreja católica, o Papa e a caridade cristã, como “serena e sem protestos”. Argumenta que os católicos não odiavam ninguém, nem mesmo quando eram “constrangidos a ofender para se defenderem”. Lembrou que entre “os

³²² “São Pedro nunca foi Papa”; *Reacção*, Santa Maria, Ano I, n. 5, 01 jul. 1915, p. 2. GRAINHA, Manoel Borges, “Os jesuítas e as mulheres”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 5, 01 jul. 1915, p. 10. ACMEC, Santa Maria.

³²³ “Na lavoura do padre”, “Mentiras divinas”, *Reacção*, Santa Maria, 01 mai. 1915, n. 1, p. 6, 7 e 8. “A Confissão”; “Essa miserável invenção dos padres degrada e perverte tudo”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 7, 01 ago. 1915, p. 8, ACMEC, Santa Maria.

inimigos a combater com ardor, conta-se o perigo sectário, *o perigo maçônico lucífero*, meridiano e serodio, isto é, pertinazmente contínuo.”³²⁴

A revista *Reacção* publicou um artigo desabonador sobre uma das mais antigas e tradicionais procissões que acontecia na cidade de Santa Maria, a de *Corpus Christi*³²⁵ onde se referia ao evento como “uma festa bizarra”, onde “beatos bojudos, obesos, equilibravam-se para levar o pálio de cor amarelecenta. Meninos com fantasia de diversas cores e formas bizarras, conforme a devoção do paizinho”. A dificuldade descrita no andar da procissão se dava devido ao estado alagadiço da via pública, à época. A ridicularização da devoção se dava, a nosso ver, quando expressavam: “convencidos de que aquilo era religião e que Deus ali também se achava materializado no metal doirado que o seu reverendo tinha nas mãos”³²⁶. Pela descrição da cena, entende-se que as casas estavam enfeitadas com rendas e flores nas janelas, bem como as ruas da cidade, indícios de que a população apreciava e mantinha a devoção popular católica na localidade. O metal dourado era a peça chamada de *ostensório*, usada pelo clero católico para proteger a hóstia consagrada, o “Corpo de Deus”, quando exposto ao público.

O bispo Dom Miguel de Lima Valverde aparentemente ignorou a postura maçônica. Em 1918, mandou publicar, no *Boletim Mensal da Diocese*, uma exortação aos seus cooperadores para que dessem a maior solenidade possível a festa de *Corpus Christi*, “ficando todos os fiéis obrigados em consciência a ouvir a missa.”³²⁷

No segundo centenário em que se comemorou o aparecimento de Nossa Senhora da Conceição Aparecida no Brasil, aconteceu, em São Paulo, o I Congresso Mariano, em 1917. Respalhando esse acontecimento, o bispo de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde, reiterou à população santa-mariense que Nossa Senhora “é o melhor escudo de proteção contra a heresia que tanto se esforça para criar raízes em nossa terra.”³²⁸ Uma clara alusão às manifestações anticlericais na cidade, já citadas ao longo do trabalho.

Alguns articulistas da *Reacção*, para escreverem contra os dogmas de fé da Igreja católica e contra os sacerdotes, usavam pseudônimos, como *Diabolic*.³²⁹ Outros versos, com

³²⁴ “O Maldito”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. IX, set. 1915, p. 329 e 332. AMSM, Santa Maria.

³²⁵ Segundo a “Sagrada Congregação do Concílio, de Roma”, era obrigação dos sacerdotes comparecerem à procissão de *Corpus Christi*, sob pena de excomunhão àqueles que se ausentassem sem motivo legítimo. “Pela disciplina eclesiástica”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano II, n. III, nov. 1913, p. 41 a 43. AMSM, Santa Maria.

³²⁶ “Uma festa excêntrica”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 19, 16 jul. 1916, p. 4. ACMEC, Santa Maria.

³²⁷ *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VI, n. 3, mar. 1918, p. 34. AMSSM, Santa Maria.

³²⁸ *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano V, nº. 8, ago. 1917, p. 114. AMSSM, Santa Maria.

³²⁹ DIABOLIC, “Labaredas”: poema sobre o “sábio padre” que estimulava a veneração de imagens. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 1, 01 mai. 1915, p. 8. ACMEC, Santa Maria.

sátiras ao clero, eram de autoria do reconhecido poeta e dramaturgo local João Belém. Um exemplo é a poesia “Ciúmes.”³³⁰



Ilustração 23 - Professor João Belém (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

Para encorajar os anticlericais a se manifestarem por escrito contra o clero, em uma das edições da revista *Reacção*, seus redatores estimularam na cidade um concurso de poesias cujo tema era “O padre”. Tiveram oito inscritos. O vencedor, Sady Lisboa, teve seus versos publicados na edição da revista do dia 15 de junho de 1915. A poesia, intitulada “O padre”, comparou explicitamente um sacerdote com satanás.³³¹

Seguros da receptividade, na primeira edição da *Reacção*, os editores deixavam claro que o periódico era anticlerical, “de reação e combate” à Igreja católica e ao clero, ao qual se referiam como um “bando negro portador de trevas”³³²:

Nossa reação anticlerical e liberal é a luta da verdade e da luz *contra o obscurantismo pregado e mantido cuidadosamente pelo jesuitismo avassalante*, é um largo movimento de patriotismo contra a seita repudiada e parasitária, que como um polvo, estende sobre o nosso meio e os seus mil tentáculos negros e viciosos; é um alarme daqueles que amam a família na sua pureza imácula, contra a invasão

³³⁰ BELÉM, João. “Ciúmes”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 01, 01 mai. 1915, p. 3. João Belém faleceu em 24 de junho de 1935 e legou seu nome a uma escola pública de Santa Maria. ACMEC, Santa Maria.

³³¹ “Concurso poético da *Reacção*”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, 15 mai. 1915, p. 7. ACMEC, Santa Maria.

³³² No artigo “*Alea jacta est*”, o articulista deixa claro que as ameaças do clero não irão ter efeito, pois a revista queria contribuir com as “vítimas do jugo ferrenho do clericalismo egoísta e absorvente”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, 15/05/1915, p. 1.

clandestina e desmoralizadora de uma seita que nega a família e que vive o celibato e no contubernio, que considera o trabalho um castigo e a preguiça mística dos exploradores uma virtude católica. (*grifo nosso*)

O conteúdo da revista *Reacção* foi considerado uma afronta à Igreja católica. Como o vigário, padre Caetano Pagliuca, condenou de imediato a publicação da mesma e solicitou aos católicos que a devolvessem, na segunda edição, os editores provocaram o sacerdote, comunicando que o número de pedidos de sua edição havia aumentado e que a tiragem havia passado de 200 para 500.³³³

Abaixo citamos dois exemplos de sátiras dedicados ao clero editados na revista *Reacção*:

SONETO

*Vais confessar-te, agora, vais cantail-os
 Todos os teus peccados mais secretos
 Ao confessor, que diz serem discretos
 Os ouvidos que vão hoje escutal-os.*

*E como irão ficar elles repletos!
 Mas ouve: há de o vigário esmieuçal-os
 Muito e muito talvez sem intervallos
 Que assim fazem os padres circumspectos.*

*Reserva alguma cousa, e, em todo o caso,
 Si fores compellida a algum desazo,
 Põe no que vou dizer muito sentido:*

*Sendo mister conta-lhe tudo, tudo
 Supplica ao confessor que seja mudo
 Si um dia encontrar o teu marido...*

Caldas Junior

³³³ “Reacção: sucesso extraordinário”. *Reacção*, Santa Maria, Ano I, n. 2, 15/ 05/ 1915, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

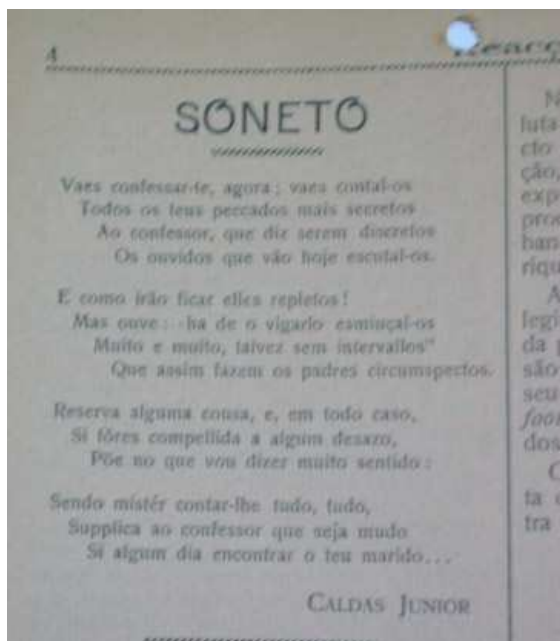


Ilustração 24 – Poema satírico dedicado à Igreja católica com o título “Soneto”, escrito por Caldas Junior (Fonte: Revista *Reacção*, 01 de mai, de 1915, Santa Maria, ACMED, Santa Maria.

O Epitaphio D'Elle

P. C.

*Comedor, comeu em vida
Prata, tostões e vintém.
Morreu, em ao ser enterrado
Comeu os vermes também.*

O Epitaphio do Outro

A. C.

*Quando saia da igreja
A morte o acommetteu,
E morreu empanturrado
Com as hóstias que comeu.*

Zelador do Cemitério

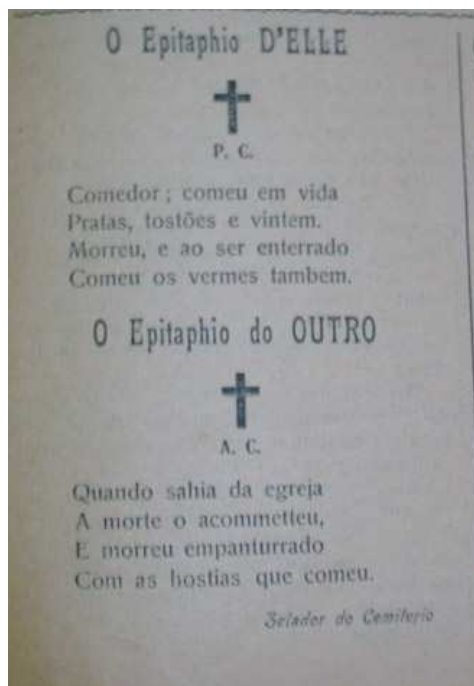


Ilustração 25 – Poema satírico dedicado ao clero católico sob o título “O Epitaphio D’Elle”, assinado com o pseudônimo “Zelador do Cemitério” (Fonte: Revista *Reacção*, 15 de mai, de 1915, Santa Maria, ACMED, Santa Maria).

Para dar espaço às opiniões suscitadas em relação aos artigos da revista, os editores criaram, a partir da segunda edição, uma sessão intitulada “Posta Restante”, em resposta às cartas que recebiam sobre o conteúdo dos mesmos. Essas cartas eram geralmente anônimas, algumas com manifestações de indignação em relação ao conteúdo da Revista e outras não.

O antijesuitismo maçônico também foi manifestado na cidade com a publicação de um artigo anônimo, intitulado “Jesuítas”. Nele, o autor demonstrava que Santa Maria estava “contaminada de jesuítas a paisana”. Referia-se aos membros dessa ordem religiosa como “missionários da negra casta no retiro do lar, os agentes da propaganda do âmbito social, os que originam festas em benefício do orfanato, das obras do Seminário”.³³⁴ Em seguida, criticaram a atitude do Bispo Dom Miguel de Lima Valverde, por ocasião da visita do Chanceler brasileiro Dr. Lauro Müller à cidade. Este, em reunião com o Bispo, ficou sabendo da intenção dos anticlericais de ridicularizar o clero e a Igreja católica através da revista *Reacção*. O autor do artigo refere que “o bando negro do jesuitismo” não devia ter levado ao

³³⁴ “Jesuítas”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, 15/ 05/ 1915, p. 3, ACMEC, Santa Maria.

chanceler “os mexericos, as intrigas, deveria ter abafado o seu despeito.”³³⁵

Na edição do mês de junho de 1915, dentre outras provocações à Igreja católica, os maçons dirigem-se especificamente ao padre Caetano Pagliuca, em nota explicativa do que significava *pagliuca*, na língua italiana:

Uma palhinha, argueiro, banalidade, ninharia. Imagínávamos que quisesse dizer uma coisa grandiosa. Sem saber fazíamos um argueiro, um cavalheiro, isto é, de “pagliuca” uma grande coisa. Indiscutivelmente tínhamos como muita gente boa tem “pagliuca nos olhos.”³³⁶

O tom jocoso deste fragmento talvez não fosse meramente um jogo de palavras que, de certa forma, depreciava a figura do sacerdote e desafiava a autoridade da Igreja, aqui representada pelo padre Pagliuca. No seu conjunto, a revista permitia que os leitores tivessem uma versão irreverente sobre o sacerdócio e, por extensão, sobre o catolicismo.

Por outro lado, este vocabulário, de certa forma cômico, utilizado na revista, conforme estamos mostrando, facultava ao leitor outra compreensão do mundo, a partir destes agentes sociais sul rio-grandenses que, através do “estranho”, do diferente, procuravam inverter o processo de “conquista” da cidade. Com esta estratégia “o habitual”, o catolicismo, *única e verdadeira religião*, poderia tornar-se “hostil.”³³⁷

Se as interpretações do mundo são formas de representações que o nosso cérebro guarda,³³⁸ à população santa-mariense, com a circulação desta revista e de outros jornais anticlericais, era facultada a possibilidade de fazer uma releitura da ideia conformista, *de Igreja sociedade perfeita*, pois a visão de mundo do maçonismo e dos evangélicos diferia do catolicismo. Neste sistema de representações coletivas, neste caso as crenças, “as práticas sociais imprimem o seu reconhecimento enquanto identidade, sua maneira própria de ser no mundo”. Neste caso, as Igrejas e a Maçonaria, eram as formas “institucionalizadas e objetivadas destas representações, e graças a elas os seus representantes procuravam marcar de forma visível a existência do grupo”³³⁹ e o que estamos procurando identificar, minimamente aqui, são algumas das estratégias simbólicas que determinaram estas posições

³³⁵ “A viagem do Dr. Lauro Muller”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, 15 mai. 1915, p. 11, ACMEC, Santa Maria.

³³⁶ “O que quer dizer ‘Pagliuca’”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 4, 15 jun. 1915, p. 8, ACMEC, Santa Maria.

³³⁷ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. São Paulo: HUCITEC; UnB: Brasília, 2008, p. 42.

³³⁸ RUANO-BORBALAN, Jean-Claude. *Une notion clef des Sciences Humaines. Sciences Humaines*, nº 27, Abr. 1993.

³³⁹ CHARTIER, Roger. *El mundo como representación. Historia Cultural: entre práctica e representación*. Barcelona: Gedisa, 1995, p. 56-57.

relações em cada um destes grupos para que eles pudessem, neste jogo, afirmar suas identidades.

Observamos ainda que a mobilidade da maçonaria na cidade era atestada na revista *Reacção* quando, nela, os articulistas anunciavam as visitas de seus membros às Lojas maçônicas de Santa Maria e a existência de mulheres simpáticas à maçonaria ou de associações maçônicas de mulheres na cidade. Um exemplo era a “Sociedade Nova Aurora”, a qual, segundo a revista, há mais de 30 anos, reunia “a fina flor do nosso bello sexo”. Essa Sociedade, em 1915, prestou uma homenagem ao Grão-Mestre adjunto da Maçonaria Rio-grandense na antiga Praça do Comércio. O orador oficial da solenidade foi Dr. Jacyntho Barbosa e os representantes da Loja Luz e Trabalho, Sr. Walter Jobim, Altino Paz e João Bonumá.³⁴⁰ Mais tarde, essa Sociedade se mobilizou para organizar um clube social no que teve apoio da revista *Reacção*, a qual criticou o clero por não contribuir com a cultura, afirmando que se, ao contrário, a apoiassem, “nós que, com tamanho ardor os combatemos, estaríamos ao seu lado.”³⁴¹

Outra associação feminina, simpatizante da maçonaria expressa na *Reacção*, era a “Sociedade Chrysantemos” que, em 1915, enviou à revista uma lista das senhoritas eleitas para a diretoria, assim constituída: Cecy Martins – presidente; Olga Cezimbra – vice-presidente; Odette Lenz – primeira secretária; Elvira Felizzola – segunda secretária; Praudelina Hervé – oradora; Edith Brenner – tesoureira e Maria Martins – diretora.³⁴²

Outro objeto de crítica expresso na *Reacção*, foi o lançamento da revista católica *O Seminário*, que surgira para divulgar notícias sobre a Igreja e as obras em torno das vocações sacerdotais na cidade, lançada pelo Bispo Dom Miguel de Lima, em outubro de 1915,³⁴³. Sobre àquele órgão impresso, a revista *Reacção* registrou, em outubro daquele mesmo ano, como sendo “raqúitico, tuberculoso e disforme, que mendiga verbas para *O Seminário*.”³⁴⁴

Essa posição nos mostra que, se “o campo social não é uma estrutura morta, mas um espaço de jogo”, é nele que deve dar-se a disposição dos agentes sociais católicos e maçons de dominar a disputa por seus interesses e cada qual reagia neste processo com o aparato que lhe conferia mais reconhecimento. Estes veículos de comunicação que circularam no Estado sul

³⁴⁰ “A Sociedade Nova Aurora”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 8, 16 ago. 1915, p. 5, ACMEC, Santa Maria.

³⁴¹ RIGOLETTO. “Em prol de um grande cometimento: uma lição ao jesuitismo”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 10, 16 set. 1915, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

³⁴² “Sociedade Chrysantemos”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 5, 01 jul. 1915, p. 5, ACMEC, Santa Maria.

³⁴³ *O Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* cumprimenta o aniversário de um ano de publicação do órgão de propaganda católica, *O Seminário*. “O Seminário”. Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IV, n. 10, out. 1916, AMSM, Santa Maria. O responsável pelo *O Seminário* era Amadeu Weinmann. Cf. RIBEIRO, Nely. Jornais gráficos - RS 1827-1900. *O jornal em santa Maria*. Santa Maria: UFSM, 1993, p. 113.

³⁴⁴ “O Seminário”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 12, 10/ 10/ 1915, p. 12, ACMEC, Santa Maria.

rio-grandense, no primeiro quartel do século XX, podem ser indícios de que a representação social, tanto do catolicismo quanto dos não católicos foi sendo (des) construída e servia como mecanismo de controle social, de orientação de conduta.³⁴⁵

Um exemplo visível foi a presença de alguns maçons na inauguração do Seminário, juntamente com outros irmãos de confraria que, aparentemente, não se manifestavam na revista *Reacção*. *O Boletim da Diocese de Santa Maria*³⁴⁶ registrou as pessoas presentes naquela inauguração. Dentre as autoridades estava um dos editores da revista *Reacção*, o Promotor Público, Dr. João Bonumá. Sua presença no evento está ligada, certamente, à autoridade da qual estava investido. Outros presentes eram o Coronel Bruce, comandante da 3º Brigada; o Coronel Jerônimo da Costa Gomes; o Sr. Inácio Vale Machado, Intendente Municipal; Major Ernesto Marques da Rocha; o Juiz da Comarca, Dr. Alberto Chaves; Dr. Astrogildo César de Azevedo, Francisco Mariano da Rocha, João Cauduro, Amadeu Weinmann,³⁴⁷ João Jorge Weinmann, Pudica Weinmann, Diva Weinmann, Leocádia Weinmann.

Os editores da revista *Reacção*, além de continuar criticando o clero em uma de suas edições, satirizavam, também, o paramento episcopal usado por ocasião da bênção ao Seminário Menor Diocesano, fundado em maio de 1914: “empunhado o báculo, com sua vestimenta rósea com matizes doiradas para a infalível bênção do Seminário.”³⁴⁸

Segue o artigo com uma crítica exacerbada ao discurso do Bispo, pois, segundo esse órgão de imprensa, ele havia se referido, figurativamente, ao Seminário como uma “sementeira para a diocese.” Com essa expressão, queria dizer que esperava que ali se formassem muitos sacerdotes, mas os articulistas da revista *Reacção* não pouparam críticas ao Bispo:

A diocese, pespersando a padralhada para a colheita em seu proveito exclusivo, não trabalha, suga o trabalho alheio, é como uma nuvem de gafanhotos pretos, bicorneos, com mandíbulas anavalhadas que poisa sobre a lavoura do povo, deixando tudo nu, raso, apenas o caule (...).³⁴⁹

Com a circulação da revista *Reacção*, em 1915, a população local e a Igreja católica ficavam cientes da situação de conflito entre as crenças maçônica e católica, bem como da

³⁴⁵ JODELET, Denise. *Les représentations sociales. Sciences Humaines*, n.º. 27, abr. 1993.

³⁴⁶ “Seminário Menor Diocesano”. Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano II, n. IX, mai. 1914, p. 142-143, AMSM, Santa Maria.

³⁴⁷ Amadeu Weinmann foi presidente do Conselho Particular das Conferências de São Vicente de Paulo. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano II, n. III, nov. 1913, p. 48. AMSM, Santa Maria.

³⁴⁸ LORTIGO. “A bênção bispal”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 13, 01 nov. 1915, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

³⁴⁹ LORTIGO. “A bênção bispal”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 13, 01 nov. 1915, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

postura maçônica, de suas pretensões e influência na cidade, pois as festas maçônicas, os casamentos civis e maçônicos também eram anunciados nessa Revista.

Com relação ao casamento, através da revista *Reacção*, os anticlericais maçons deixavam claro que era apenas necessário o casamento civil e/ ou, no rito maçônico³⁵⁰. Nesse sentido, em janeiro do ano seguinte, publicaram uma nota do jornal *A Federação*, órgão de Porto Alegre, para destacar, em letras garrafais, o artigo n. 229 do Código Civil Brasileiro, onde dizia que “o casamento civil cria a família legítima”. Esse assunto era endereçado aos “incautos a quem os *pagliucas e valverdes* procuram convencer que o casamento religioso é bastante para se constituir um lar.”³⁵¹

Sobre esse tema, a Igreja católica, no texto da Pastoral Coletiva de 1915, alertava que os maçons não poderiam ser padrinhos de nubentes católicos; que os párocos deveriam impedir, quando possível, casamentos na Igreja que julgavam de “mau resultado”. Isso significava dizer, quando o nubente fosse “dado à embriaguez, quando um for ímpio, *maçom*, ou por outro vício incapaz de cumprir as obrigações conjugais.”³⁵²

Para dar a conhecer a população local sobre a questão de impedimentos e permissões do casamento religioso e civil, o clero local, com o apoio do Bispo D. Miguel de Lima Valverde, viu-se obrigado a publicar, a partir de 1918, no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, artigos que reafirmavam a postura da Igreja com relação à doutrina e aos dogmas católicos. Para fins de esclarecimento, publicou também, em várias edições, *Inovações e Comentários* sobre o matrimônio, segundo o Código do Direito Canônico.³⁵³

³⁵⁰ “Enlace Menna Barreto-Almeida”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 13, 01 nov. 1915, p. 12; “Enlace Araújo-Dorneles”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 15, 01 dez. 1915, p. 3, ACMEC, Santa Maria.

³⁵¹ “Código Civil Brasileiro”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 18, 16 jan. 1916, p. 10, ACMEC, Santa Maria.

³⁵² “Batismo”, Título II: Sacramentos, Cap. II, 185; “Matrimônio”, Título II: Sacramentos, Cap. VIII, 366. In: *Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências Episcopais na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915*. Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1915, p. 380. AMSM, Santa Maria.

³⁵³ “O Código Canônico”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano V, n. 11-12, nov.- dez. 1917, p. 11; “Matrimônio perante só as testemunhas, fora de perigo de morte”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VI, n. 1, jan. 1918, p. 11 e 12; “Casamento Civil”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VI, n. 11, nov. 1918, p. 176 a 178; “Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo I – Preliminares do Matrimônio, A. Promessa”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VII, n. 3-4, mar.- abr. 1919, p. 55 a 59; “Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VII, n. 7, jul. 1919, p. 101 a 106; “Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VII, n. 8, ago. 1919, p. 115 a 118; “Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VII, n. 10, out. 1919, p. 157 a 160; “Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VII, n. 12, dez. 1919, p. 185 a 188; “Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VIII, n. 1-2, jan.- fev. 1920, p. 25

Nesse período de disputa pela conversão, através do *poder das crenças*, um artigo foi publicado no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* explicando e argumentando, a partir do Evangelho, como a Igreja católica podia proclamar-se infalível. A alusão ao protestantismo era feita para responder à questão contestada pelos evangélicos e maçons e registrar que a infalibilidade papal gerava maior compromisso com o que era proclamado:

Com suas contradições e incertezas e falta de unidade de doutrina, com a inabilidade para governar e ensinar, suas negações dos dogmas do cristianismo, suas tendências para o indiferentismo e a incredulidade, necessitavam de uma mestra infalível como a Igreja católica (...) quem não proclama a infalibilidade não pode exigir o assentimento de qualquer homem racional.³⁵⁴

No mês seguinte, em dezembro de 1915, a questão da infalibilidade papal é retomada pelo órgão católico, com resposta as perguntas: “não se opõe a doutrina da infalibilidade à liberdade do pensamento? Não é um lançar peias ao católico em suas investigações da verdade essa obediência cega e degradante às exigências de uma Igreja infalível?” A resposta a estas questões foi a seguinte: “a doutrina da infalibilidade é oposta a falsa liberdade de pensar a verdade.”³⁵⁵ A objeção se baseava no argumento que afirmava ser falsa a ideia de existência de uma liberdade ilimitada de pensamento, que também era falsa a ideia de que o homem tinha liberdade de pensar o que lhe agradasse:

A Igreja católica sustenta que ninguém tem o direito de crer no que é falso, como ninguém tem o direito de fazer o que é mau. Jesus Cristo nos diz terminantemente que o erro e o pecado implicam não na liberdade, mas na escravidão do entendimento da vontade (...). A liberdade universal de pensamento é de todo impossível, porque, qualquer princípio ou conhecimento, seja da razão ou da revelação que adquirimos, necessariamente restringe nossa liberdade de pensar o oposto.³⁵⁶

Ao afirmar que, à época, um homem inteligente não poderia negar a telegrafia sem fio, a existência da bateria, do Raio X, dos fenômenos de hipnose, o articulista do *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* ponderou que um ignorante poderia “considerar-se livre

a 29; “Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano VIII, n. 3-4, mar.- abr. 1920, p. 58 a 64. AMSM, Santa Maria.

³⁵⁴ “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. 11, nov. 1915, p. 361 e 362, AMSM, Santa Maria.

³⁵⁵ Ibid. Id.

³⁵⁶ “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. 12, dez. 1915, p. 375 a 377, AMSM, Santa Maria.

para crer em toda sorte de calúnias contra a Igreja católica”. Também julgou ignorantes àqueles que pensavam que os católicos adoravam os santos, quando rendiam culto às imagens deles ou que a Igreja vendia indulgências, cobrava pela confissão e outras coisas semelhantes. Advertiu que não era lícito mentir aos hereges e que a liberdade de crer naquilo que é falso “não é certamente uma bênção, mas antes uma maldição”.³⁵⁷

Ao defender o dogma da infalibilidade papal, chamou a atenção dos acatólicos quando se baseavam “no terreno movediço do juízo privado e se atreviam em disputar acerca de questões religiosas, apoiando sua fé unicamente na opinião individual, logicamente se segue que tudo é incerto, duvidoso e questionável”. E conclui, com isso, que o resultado é o ceticismo, a indiferença e a incredulidade; sendo o contrário para o católico que, crendo “na autoridade da Igreja aceita a revelação de Deus” proclamada por ela e ainda, que “a submissão do católico à Igreja não é uma obediência cega e degradante a uma autoridade humana, mas um assentimento da fé à autoridade divina”, pois argumentou que a confiança do católico no Evangelho lhe dá “maior liberdade para investigar novas verdades, porque muitas coisas foram deixadas às especulações dos homens, fora do domínio do dogma”.³⁵⁸

Esse artigo, provavelmente estava respondendo às divulgações de cunho espírita, às vezes, contida na revista *Reacção*, pois, percebe-se que este órgão anticlerical de mídia impressa, de certa forma, coadunou com o espiritismo. Um fato que pode atestar a simpatia ou, até mesmo, a ligação da maçonaria com o espiritismo à época, é um artigo da revista *Reacção* a qual se referia a Allan Kardec como “gênio precoce” que considerava individualidades de vidas anteriores, a reencarnação.³⁵⁹ Numa revista com apenas 15 páginas, editada com o objetivo declarado de afrontar os dogmas e o clero católico, tal escrito é muito significativo e foi lido como apoio daquele a este.

A preocupação com o anticlericalismo, por parte do clero em Santa Maria, foi expressa ainda nos Livros Tombo da Catedral Diocesana, pois os cronistas registravam os jornais “mais lidos”. No ano de 1915, foi citando, por exemplo, o *Diario do Interior* e o *Correio do Povo* de Porto Alegre, sem deixar de mencionar a existência de jornais espíritas e protestantes: “no curato se faz intensa propaganda do protestantismo e espiritismo. Para a defesa da fé se tem pregado contra os ditos erros.”³⁶⁰

Outros artigos, no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, vão permear o tema da autoridade da Igreja católica como “mestra divina mandada pelo Onipotente filho de Deus”,

³⁵⁷ Ibid. Id.

³⁵⁸ Ibid. Id.

³⁵⁹ “Espiritualismo”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 3, 01 jul. 1915, p. 4, ACMEC, Santa Maria.

³⁶⁰ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p.2, APNSC, Santa Maria.

da infalibilidade papal.³⁶¹

A questão da infalibilidade papal também foi tema da revista *Reacção*. O teor do escrito levou o clero católico a exigir judicialmente uma retratação dos envolvidos. O juiz da comarca exigiu que o diretor revelasse o nome dos demais articulistas. Encontramos uma carta escrita por Ângelo Caldonazzi, da Loja Luz e Trabalho de Santa Maria, enviada ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS),³⁶² onde ele relatava que o juiz da comarca exigia dele o nome dos articulistas da Revista *Reacção* que assinavam com pseudônimo. Quando ele revelou que um artigo original da revista estava assinado pelo Dr. Walter Sá Jobim, o juiz da comarca desistiu do processo e acrescentou: “vamos ver o que o jesuitismo estuda agora para acabar com a ‘Reacção!’” Na sequência da carta, refere que o juiz da comarca persegue a todos que “não comungam com a idéia do padre Pagliuca”, tanto que o autor da carta e outros maçons, como Cícero Barreto, foram advertidos para tomar cuidado.³⁶³

Para respaldar seus protestos contra a maçonaria, a Igreja local se valia do documento lançado pelo Papa Pio IX, o *Syllabus*. Assim, os acontecimentos considerados anticlericais na cidade de Santa Maria são rebatidos com o respaldo da Santa Sé, pois os sacerdotes católicos, já no final do século XIX, vão exortar os fiéis a não se deixarem iludir e ficarem atentos, pois quem pertencesse à maçonaria, com convicção ou não, seria penalizado pela Igreja católica:

Meus filhos, não vos deixeis iludir e ficai de sobreaviso que todo aquele que pertence a maçonaria ou qualquer outra sociedade secreta sem exceção de dignidade ou convicção, está incurso nas penas fulminadas pela cúspide da Igreja Católica, fora da qual não há salvação.³⁶⁴

O desdobramento do conflito entre os católicos e maçons com relação às provocações dos articulistas da revista *Reacção* à Igreja resultou na transferência de João Bonumá, que atuava como promotor em Santa Maria, para Bagé em julho de 1915; do juiz distrital Walter Jobim para São Gabriel, em dezembro de 1916.³⁶⁵ Para Biasoli (2005), esse fato enfraqueceu a maçonaria. Nossa pesquisa não confirma tal assertiva, pois educadores, membros da

³⁶¹ “Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IV, n. 2 e 3, fev. mar. 1916, p. 34 a 35, AMSM, Santa Maria.

³⁶² “Grande Oriente”, na linguagem maçônica, é o Estado-Maior ou Corporação Superior do governo maçônico circunscrito a um só país ou Rito, ou abrangendo vários países ou ritos. Cf. FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. Grau 33. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. São Paulo: Pensamento, s/d, p. 173.

³⁶³ Correspondência de Ângelo Caldonazzi para o GORGS, Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 77-1C, 1D e 1E, dez 1915, ALEV, Silveira Martins.

³⁶⁴ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 2, 26 fev. 1869, p.114; Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 29 e mai. 1893, APNSC, Santa Maria.

³⁶⁵ BELTRÃO, op.cit., p. 486.

maçonaria, permaneceram na cidade e as Lojas maçônicas não fecharam, ao contrário, continuavam normalmente suas atividades e muitos de seus membros participavam de associações literárias e da política. Tal fato pode ser visto pelos anúncios de suas reuniões no jornal *Diario do Interior*. A maçonaria não abria flanco para a Igreja e sua luta continuava publicamente na cidade, ao menos até os anos de 1930, quando a Loja Luz e Trabalho realizou um protesto contra a Igreja católica na Praça Saldanha Marinho, no centro da cidade.³⁶⁶

Outros temas polêmicos foram trazidos à luz, entre as duas agremiações, na coluna “Vida Religiosa” do jornal *Diario do Interior* como a questão das indulgências concedidas pelo clero católico aos fiéis. No jornal era anunciado, por exemplo, que na “matriz católica será dada a indulgência plenária, somente aos mortos.”³⁶⁷ No dia seguinte, na primeira página do mesmo jornal, Coelho Neto escreveu:

A oração não vale pela palavra mas pelos sentimentos que encarna. Um hipócrita pode passar o dia diante do altar orado e nem por isto Deus, que o vê no íntimo atenderá as suas rogatórias (...) A virtude não está no sofrimento, mas no exercício do bem, nem as lágrimas são meios de louvar ao Senhor. Deus prefere a taciturnidade da serpente à alegria vivaz do passarinho.³⁶⁸

Em seguida, em matéria anônima intitulada “A indulgência”, a Igreja católica é criticada sobre essa antiga tradição católica: “a indulgência ensina a mais sabia das virtudes, e ensina o menos nocivo dos gestos: o perdão – um perdão unânime, atirado sobre as coisas e os crentes.”³⁶⁹

As reações católicas às divergências doutrinárias com seus opositores continuaram aparecendo no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* e, anos mais tarde, também foram publicizadas pelo vigário, como veremos a seguir.

³⁶⁶ “Pró-liberdade religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 30 dez. 1930, ano XVIII, n. 297, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

³⁶⁷ Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 01 nov. 1919, ano IX, n. 257, p. 2. AHMSM, Santa Maria.

³⁶⁸ NETO, Coelho, “A Oração”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 02 nov. 1919, ano IX, n. 258, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

³⁶⁹ “A Indulgência”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 01 nov. 1919, ano IX, n. 257, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

3. 3 A reação católica aos anticlericais

No jogo das crenças, destacamos como os principais defensores da fé católica em Santa Maria, nas primeiras décadas do século XX, o vigário local, padre Caetano Pagliuca e o Bispo D. Miguel de Lima Valverde. Juntos lograram defender o catolicismo dos diferentes detratores na década de 1920 através do semanário *O Santamariense* e do *Boletim Mensal da Diocese* do qual já apresentamos alguns recortes.

O padre Caetano Pagliuca, em 03 de agosto de 1922, passou a publicar o semanário *O Santamariense*, um informativo com a finalidade de não só “guiar o povo católico e colocá-lo a par da vida religiosa da paróquia”, mas de “combater os nossos inimigos com as mesmas armas, pela palavra escrita.”³⁷⁰

Essa iniciativa do dito padre funcionava uníssona à Igreja da Restauração Católica que, nessa época, contava com uma elite leiga que fundou o Centro Dom Vidal, no Rio de Janeiro, o qual surge com o objetivo de promover estudos e discussões sobre a doutrina religiosa católica romana e a revista *A Ordem*, importante veículo de comunicação dos agentes sociais católicos que traduzia a expectativa e a situação de tensão entre católicos e liberais anticlericais.³⁷¹

Os articulistas do semanário *O Santamariense*, na tentativa de esclarecer os católicos da cidade sobre as diferenças entre protestantismo e catolicismo, vão utilizar publicações e informações dos próprios protestantes, com o intuito de responder às agressões feitas à Igreja católica e, ao mesmo tempo, vão ridicularizar o protestantismo, tal qual eles haviam feito com o catolicismo nos primeiros anos do século XX, nesse caso, o que encontramos documentado no jornal *O Testemunho*.

Neste semanário, o protestantismo passou a ser considerado como uma “seita” dividida em muitas outras e os seus articulistas utilizavam as pregações protestantes para ridicularizar aqueles seus adversários. Pelas publicações, os leitores poderiam entender que os maçons eram simpatizantes do protestantismo ou que muitos protestantes eram maçons, assim como alguns católicos o eram.

³⁷⁰“Catholicos”. *O Santamariense*, Santa Maria, 03 ago. 1922, ano I, n. 1, p. 1. *O Santamariense* circulou até 1929. Cf. RIBEIRO, Nely. *Jornais em Santa Maria*. Santa Maria: UFSM, 1993, p. 119.

³⁷¹ AZZI, op.cit.



Ilustração 26 – Exemplar da primeira edição do semanário católico *O Santamariense*, editado nos anos de 1920, em Santa Maria. Abaixo do nome do jornal vinha impresso o consentimento do Bispo para a sua publicação: “com licença da autoridade eclesiástica” (Fonte: *O Santamariense*, Santa Maria, 03 ago. 1922, ano I, n. 1, p. 1. Casa de Memória Edmundo Cardoso).

O antiprottestantismo apareceu na primeira edição do semanário católico *O Santamariense*. A princípio, o editor tomou cuidado de esclarecer que a Igreja católica não era contra os luteranos, mas contra os pentecostais³⁷², pois informava que poucos meses antes dessa publicação circulava na cidade um folhetim metodista intitulado *O Christão Catholico*. Os articulistas do semanário *O Santamariense* criticavam o folhetim como sendo de “gente que atira a pedra e esconde a mão”, por ter sido impresso anonimamente. Em resumo, no folhetim, os pentecostais teriam criticado um pretenso padre e um Bispo que, depois de terem “lido a Bíblia velha e outros livros”, tornaram-se protestantes. O articulista católico advertia que “fatos deste calibre exigem serem publicados em folhetins anônimos, pois não suportam a luz da crítica”; e atestava que “jamais existiram na Igreja católica tais sacerdotes e tais bispos,”³⁷³ pois os pastores protestantes estimulavam a leitura da Bíblia, através do *O Santamariense*.

Esse veículo de comunicação católico era usado também para explicar como se processava a educação no Seminário, quanto ao estudo bíblico, já que era uma crítica dos protestantes, à época: “o jovem sacerdote estudava a Bíblia inteira. Sobre a Bíblia baseiam-se

³⁷² O pentecostalismo clássico é uma forma de espiritualidade característica das religiões populares (emoção, ritos de possessão, participação coletiva). É Jesus quem salva, cura, batiza no Espírito Santo e voltará como rei e juiz. O pentecostalismo é um fenômeno que afetou o protestantismo, foi denominado de renovação carismática no Brasil e “neopentecostalismo” nos Estados Unidos. Cf. SIEPIERSKI, Paulo. D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERREIRO, Silas (Org.). *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 71-72.

³⁷³ F. S. “Christãos Chatolicos”. *O Santamariense*, Santa Maria, 03 ago. 1922, ano I, n. 1, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

os estudos teológicos e a santa Missa, onde também são lidos trechos bíblicos”. Pois, à época, a missa era rezada em latim e, de modo geral, o povo não entendia esse idioma, o que os fiéis compreendiam era a pregação que o sacerdote fazia em língua vernácula no púlpito. O artigo explicava ainda, que o sacerdote católico era “obrigado, sob pena gravíssima, de ler e explicar aos fiéis os santos Evangelhos, todos os domingos e dias santos”. O articulista parecia estar indignado com seus opositores, pois registrou que “apesar de tudo isto os sectários norte-americanos tem pejo de inventarem que um cura e um Bispo de idade avançada chegaram a descobrir a Bíblia. Como esses sectários são grosseiros na sua profissão de mentir”. Terminava o artigo relativizando a questão: “da santa Bíblia somente a Igreja católica faz uso razoável e sincero.”³⁷⁴

A alegação do redator católico para a proibição ou “moderação” na leitura da Bíblia ficava explicitada no semanário como uma prática considerada “oposta a Jesus Cristo que nunca deixou escrito e mandou escrever coisa alguma, mas mandou os apóstolos pregarem. São Paulo, o apóstolo por excelência, afirmava que ‘a fé vêm do ouvido.’ Alegava, no artigo que “o Espírito Santo inspirou ‘a alguns’, mas advertia que não há preceito algum que torne a leitura da Bíblia obrigatória.”³⁷⁵ Esta prática teria sido característica de seus adversários contestadores que “inculcaram a torto e a direito a leitura da Bíblia”.

Vimos que o órgão de imprensa *O Santamariense* informou que um padre havia se convertido ao protestantismo. Segundo Jayme (1963, p. 96-111), no ano de 1918, ano da comemoração do centenário das missões metodistas sul rio-grandenses, aconteceu na cidade de Santa Maria a nona Conferência Anual, presidida pelo Bispo Moore; e um ex-padre, convertido à Igreja evangélica, Francisco Carchia, foi nomeado para o Circuito de Santa Maria. Se não era este o ex-padre o motivo da crítica feita no semanário católico, havia outros que mudaram de religião.

Nesse ano, também começaram a ser erguidos templos metodistas no interior do Rio Grande do Sul, sendo que em 1921, os metodistas sul rio-grandenses iniciam uma nova “campanha pelo reavivamento do evangelismo em todas as Igrejas metodistas” formando grupos de cinco membros do metodismo que chamaram de “*teams*”. Esses para evangelizar, deveriam ter “o máximo cuidado com os novos conversos”. Dentre eles, estava o ex-padre, Francisco Carchia, o qual “abria os cultos nas três primeiras noites, logo o evangelista anunciava o Evangelho” (Jayme: 1963, p. 111).

Podemos pensar que o vigário católico sentiu-se provocado com as pregações dos

³⁷⁴ Ibid. Id.

³⁷⁵ Ibid. Id.

metodistas e o estímulo à leitura da Bíblia quando externou, no semanário católico, suas convicções a respeito desses assuntos. As críticas eram dirigidas através de contestações daquele jornal metodista, *O Christão Catholico*, considerado pelo vigário como anticlerical. Em agosto de 1922, por exemplo, pelo órgão impresso *O Santamariense*, os articulistas continuavam esclarecendo sobre a crítica que os protestantes faziam em relação à Igreja católica que proibia aos fiéis a leitura da Bíblia. No artigo intitulado “Christão Chatolico”, o articulista do semanário *O Santamariense* lembrou, em primeiro lugar que, na ótica da Igreja romana, “foi a Igreja católica que através dos séculos conservou os textos sagrados e traduziu os escritos do aramaico e do hebraico para o grego, vulgata daquele tempo”. Advertiu também que “foi a Igreja católica que providenciou a tradução do grego para outras línguas modernas, pois antes de Lutero, a Bíblia já havia sido traduzida para o francês, o alemão, o holandês, inglês, polaco e língua escandinava”. Com isso, entende-se que o articulista queria mostrar aos fiéis católicos que todos os estudos teológicos dos sacerdotes tinham por base a Bíblia e que as críticas dos metodistas eram infundadas: “mas tudo isto os sectários norte-americanos, estes mercadores de Bíblias, pouco ou nada sabem.”³⁷⁶

Para completar a justificativa da proibição da leitura da Bíblia feita pela Igreja católica, o padre explicava que a Igreja, desde a Antiguidade, havia contribuído com o desenvolvimento da cultura, nesse caso através da escrita, informando que as primeiras Bíblias, pelo fato de serem raras e terem sido publicadas manualmente, eram muito caras e somente pessoas de posses podiam comprá-las. Por isso, poucos tinham acesso a elas. Para ser mais preciso, referiu, no semanário católico que “a Bíblia mais antiga em língua alemã é de 748, sete séculos antes da invenção da imprensa, 785 anos antes do nascimento de Lutero.”³⁷⁷

Em outras edições, explicaram que a Igreja católica “não proíbe a ninguém a leitura da Bíblia, isto é, a verdadeira Bíblia, por ela reconhecida como tal seja em que língua for”. A igreja “proíbe a leitura de Bíblias protestantes e heréticas, da Bíblia adulterada e mystificada.”³⁷⁸ O redator do artigo argumentava ainda que, por considerarem um texto de difícil compreensão, recomendavam critério e muito estudo para ler as Escrituras, pois as

³⁷⁶ F. S. “Christãos Chatolicos”. *O Santamariense*, Santa Maria, 10 ago. 1922, ano I, n. 2, p. 3, ACMEC, Santa Maria.

³⁷⁷ F. S. “Christãos Chatolicos”. *O Santamariense*, Santa Maria, 17 ago. 1922, ano I, n. 3, p. 4, ACMEC, Santa Maria. Com o atual pastor metodista da Igreja Bom Pastor de Santa Maria, Almerindo Pedroso, conseguimos apurar que o jornal *O Christão Catholico* circulou em Santa Maria entre os metodistas como um seguimento do jornal *O Testemunho*, mas a informação que obtivemos junto ao referido pastor e ao grupo de trabalho sobre a história do metodismo do Instituto de Teologia John Wesley, do Instituto Porto-Alegrense (IPA), é de que não existe nenhum exemplar de *O Christão Catholico*. Entrevista com o pastor Almerindo Pedroso, Igreja Bom Pastor, Santa Maria, 13 jun. 2007.

³⁷⁸ “Os Catholicos e a Bíblia”. *O Santamariense*, Santa Maria, 22 fev. 1923, ano I, n. 30, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

“pessoas sem ilustração podem incorrer em graves erros”. Para exemplificar, citou a leitura feita por protestantes norte-americanos que, equivocadamente, “negavam que Deus queria salvar a todos os homens e que Jesus Cristo tivesse morrido por todos nós”. Citou ainda os anabatistas³⁷⁹ como os que “negam os dogmas das penas eternas”, dentre outras afirmações consideradas errôneas pela Igreja católica.³⁸⁰

Assim, no semanário *O Santamariense*, o editor cumpria o prometido. As edições seguem com o mesmo tom de crítica ao protestantismo. Na edição de 10 de agosto de 1922, no artigo “*Os protestantes norte-americanos*”, o redator reafirmava que “inúmeras seitas protestantes unem-se para formarem uma espécie de Igreja Universal contra a unidade católica” e que o protestantismo se resume numa “multiplicidade de seitas professando idéias contraditórias”. Anunciava ainda que o Ministro do presidente Woodrow Wilson (1912-1921), “Sr. Lansing, ardoroso presbiteriano, convocou em Atlantic city, EUA, uma assembleia de representantes de todas as seitas com o fim de organizar uma combinação destinada a evangelizar todo o mundo inclusive os países inteiramente católicos”. Essa missão teria sido promovida pela Fundação Rockefeller³⁸¹ que teria orçado a quantia de “1.300 milhões de dólares para ser coletado por todas as Igrejas”. Advertia o artigo que os delegados haviam combinado nas reuniões que “nas missões não deveria haver discussões theologicas”. Em seguida, para dar mais credibilidade à notícia, dizia que esse tema também havia sido tratado na União de Moços Católicos, de Belo Horizonte³⁸² e, apesar das intenções anticlericais da Fundação Rockefeller, o Brasil deveria aceitar a oferta para fins sociais “mas não se deixar encher a cabeça de minhocas heréticas”.³⁸³

Em outras edições do semanário *O Santamariense*, o tema do metodismo é retomado com notícias reproduzidas de outros jornais do País, no intuito de dar mais credibilidade às

³⁷⁹ Os anabatistas são hoje os batistas.

³⁸⁰ “Os Catholicos e a Bíblia”. *O Santamariense*, Santa Maria, 01 mar. 1923, ano I, n. 31, p. 4; “Os Catholicos e a Bíblia”. *O Santamariense*, Santa Maria, 08 mar. 1923, ano I, n. 32, p. 1 e 2, ACMEC, Santa Maria.

³⁸¹ A partir de 1910, há um clamor da intelectualidade no Brasil em favor de reformas sanitárias, educacionais e políticas. A Fundação Rockefeller começou a atuar no Brasil a partir de 1916 e, juntamente com iniciativas do governo federal, tomam medidas para combater a malária e a febre amarela. Imperialismo e filantropia poderiam ser as duas vias da Fundação Rockefeller no Brasil. A questão sanitária no Brasil era caótica e a partir de 1920 o quadro começa a mudar. A Divisão Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller estabeleceu no Brasil um diretório regional o qual existiu até 1942. Cf. SANTOS, Luiz Antônio de Castro e FARIAS, Lina Rodrigues de. *A Reforma Sanitária no Brasil: ecos da Primeira República*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2003. Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br>> Acesso em: 04 jul. 2007.

³⁸² A União de Moços Católicos foi fundada em Belo Horizonte, em 1915, pelo Dr. Orsini de Castro, “com o objetivo de educar o moço para perfeito cidadão e destemido católico”. A partir de uma visita a Minas Gerais, D. João Becker tomou medidas para sua implantação no Rio Grande do Sul. Cf. GERTZ René E. D. João Becker e o nacionalismo. *Estudos Leopoldenses – Série História* vol. 3, n. 2, jul./ dez. 1999, p. 159. Em Santa Maria, a União de Moços Católicos foi fundada em 22 de junho de 1925. Cf. “União de Moços Catholicos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 22 jun. 1931, n. 140, p.4, ACMEC, Santa Maria.

³⁸³ “Os protestantes norte-americanos”. *O Santamariense*, Santa Maria, 10/ ago. 1922, ano I, n. 2, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

informações que eram publicadas no semanário católico, uma estratégia para convencer os leitores da cidade de que o semanário local estava atualizado sobre esta questão.

Um exemplo é o artigo intitulado “*Abrindo os olhos*”, onde foram citados os jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha da Noite* como críticos, à época, da missão Rockefeller, os quais referiram-se a ela como uma forma de infiltração do metodismo no Brasil, “uma missão de saneamento que levava nesse embrolho o lado religioso. Com a Bíblia e a seringa planeja-se conquistar uma raça”.³⁸⁴ Em outro artigo intitulado “*Ainda o protestantismo*”, também destacaram as críticas da imprensa paulista àquela missão sanitária e ao Colégio Mackenzie,³⁸⁵ como portadores de interesses catequéticos.³⁸⁶

Nos anos de 1920, intelectuais brasileiros consideravam o Brasil um País “civilizável”, mas doente, e sua cura estava nas mãos dos médicos e sanitaristas. Para higienizar o País, era necessária uma série de medidas. Foram criadas associações em torno de projetos que confundiram saneamento, higiene e eugenia. A ideia era levar o País ao “progresso” e, para tanto, foram tomadas medidas eugênicas, isso significava classificar as raças em inferiores e superiores. Muitas obras foram publicadas sobre eugenia, darwinismo social, algumas sugerindo como escolher um bom marido devido à herança racial.³⁸⁷

Em todas as edições do ano de 1922, *O Santamariense* trazia suas advertências aos católicos em relação aos interesses dos protestantes, acusando-os de usarem também os comerciantes acatólicos ou anticlericais como intermediários de sua propaganda religiosa. Na reportagem da União de Moços Católicos, intitulada “*Os protestantes norte-americanos*”, referiram-se à Conferência da Filadélfia a qual teria se reunido “para a defesa dos interesses cristãos” onde teriam participado membros de “todas as Igreja, menos a católica”. Informava que os protestantes haviam formado um Conselho Supremo, incluindo os mórmons.³⁸⁸ Em relação ao Brasil, acusavam os protestantes de terem investido em pessoas de posses, donos de fábricas e indústrias que “não tem fé religiosa alguma e, por isso, aproveitam a liga para

³⁸⁴ “Abrindo os olhos”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 13, p. 3, 26 ago. 1922, ACMEC, Santa Maria.

³⁸⁵ John Theodor Mackenzie (1818–1832) era presbiteriano, foi advogado em Nova Iorque e demonstrou muito interesse pelo Brasil e deixou em seu testamento uma soma em dinheiro que foi utilizada para a construção do edifício que leva o seu nome, inaugurado em 1894. Como reconhecimento a esse empreendedor, foi dado o nome a uma instituição inteira em São Paulo, colégios e universidade. Os presbiterianos chegaram ao Brasil em 1859. Em 1903, há uma cisão entre os presbiterianos no Brasil surgindo assim a Igreja Presbiteriana Independente, pois havia presbiterianos que não concordavam com a aceitação da maçonaria na Igreja Presbiteriana Sinodal (Presbiteriana do Brasil). Acesso em: <<http://www.mackenzie.com.br>>; HORRELL, Scott. *Maçonaria tensões e perguntas*. <<http://www.monergismo.com>> Acesso em 04 jul. 2007.

³⁸⁶ “Ainda o protestantismo”. *O Santamariense*, Santa Maria, 30 nov. 1922, ano I, n. 18, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

³⁸⁷ Cf. MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. *Revista Anos 90*, n. 11, jul. 1999, p. 127-129, Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

³⁸⁸ Os mórmons são os membros de um ramo do protestantismo, da Igreja dos Santos dos Últimos Dias, fundada por Joseph Smidt Jr., em 1820, em Utah, nos Estados Unidos.

terem agentes de propaganda de sua freguesia. Esses duplos agentes são conhecidos pela distribuição de Bíblias e folhetos anticlericais” e, juntamente levavam seus “catálogos e amostras comerciais”, quando não raro “aliciam os maus padre católicos ambiciosos ou viciosos, especialmente os que não querem suportar o celibato, incapazes de suportar as austeras virtudes da Igreja romana.”³⁸⁹

As investidas do clero católico contra o metodismo não arrefeciam as iniciativas de seus adversários. No final dos anos de 1922, por exemplo, foi inaugurado o templo metodista em Santa Maria, à Rua do Acampamento, fato significativo que atestava a expressiva mobilização dos protestantes na cidade. Uma preocupação a mais para o clero católico local.

No ano de 1924, alguns artigos do semanário católico, *O Santamariense*, apontavam novamente o protestantismo como um sistema mercantilista. Nesse mesmo ano, Santa Maria hospedou a 15ª Conferência Anual Metodista. O pastor local era o reverendo G. D. Parker e a Conferência foi presidida pelo Bispo Dobb que inaugurou o auditório do Colégio Centenário. Realizou-se, também, na cidade, o I Congresso da Sociedade Missionária de Senhoras Metodistas.³⁹⁰

Em novembro de 1924, em artigo do *O Santamariense*, o redator acusava os pastores protestantes de não se preocuparem com o “puro Evangelho”, mas com a “propaganda do tráfego inglês e americano. Calorosamente eles apoiam o imperialismo da própria nação”. Citava como exemplo as colônias americanas na América Central e Caribe (Panamá, Cuba, Antilhas, Porto Rico, Haiti e Philipinas). Para o clero local, os católicos deveriam saber que, assim como a Igreja católica foi acusada de mercantilista ao longo da história, os protestantes também deveriam assim ser reconhecidos, pois continuavam fazendo da sua religião um “mercado”. Para tanto, registraram no semanário que existia um “comércio missionário protestante” dividido em duas vertentes: uma coletivista e outra pessoal. Isso significava que acreditavam que havia “associações missionárias comerciais e missionários que negociavam por conta própria.”³⁹¹

Para dar credibilidade a essas acusações, no mês seguinte, dezembro de 1924, no órgão impresso *O Santamariense*, foram citadas fábricas e indústrias de propriedade privada de Bispos e de membros das Igrejas protestantes, os quais teriam investido nas Companhias Evangélicas, inglesas e americanas como, por exemplo: a “Sociedade Evangélica da

³⁸⁹ D’ União. “Os protestantes norte-americanos”. *O Santamariense*, Santa Maria, 24 ago. 1922, ano I, n. 4, p. 1. Artigo escrito em 27 de julho de 1922. ACMEC, Santa Maria.

³⁹⁰ Cf. JAYME, op.cit., 1963, p. 115-116.

³⁹¹ “Apostolado ou commercio?” *O Santamariense*, Santa Maria, 27 nov. 1924, ano III, n. 17, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

Rhenania”; a “Companhia Britânica Africana de Uganda”, em 1891, socorrida antes de quebrar pela *London Missionary Society*, com uma avultada soma. A *Industry Mission aid Society*, de Londres, fundada em 1895, com estabelecimentos na Índia, China e África. A *Foreign Mission Industrial Association*, dos Estados Unidos, com numerosas empresas. A *Mombassa Industrial Mission*, a *Zambesi Industrial Mission*, fundada em 1801 pelo bispo protestante Taylor; a *Papuan Industrial Mission*, fundada pelo reverendo F. W. Walker e outras sociedades de apólices, como a Sociedade Missionária de Londres, que em 1908, teria ganhado 158 mil francos; a Sociedade de Propagação da Bíblia, que teria obtido um lucro de juros anual no valor de dois milhões de francos e a Sociedade Bíblica Britânica, que em um ano teria lucrado 6 milhões de francos.³⁹²

Para continuar contestando o protestantismo, o cônego Mello Lula escreveu várias notas no semanário *O Santamariense*, intitulando sua seção nesse espaço midiático de “*Mixornia protestante*”. O objetivo da sua coluna era explicitado pelo teor das publicações: desclassificar o protestantismo como religião e condená-lo como herético e imoral, a exemplo do que apresentamos anteriormente do lado dos opositores ao catolicismo.

Assim, no mesmo ano de lançamento do impresso *O Santamariense*, em dezembro de 1922, esse semanário católico, dentre as notas sob o título “*Mixornia Protestante*”, procurou ridicularizar o protestantismo, referindo-se às várias divisões do que o cônego considerava “feia heresia luterana”, onde “há protestantes de todos os gostos”. Citando jornais americanos, listou o que entendia como “seitas batistas” para dizer que nos Estados Unidos existia uma variedade de denominações para a religião protestante. Para exemplificar, publicou, então, o que considerava uma confusão de seitas, ao que chamou de “mixornia”: “batistas, batistas livres, batistas do sétimo dia, batistas particulares, batistas da nossa comunhão geral, batistas separados, batistas independentes, batistas pacíficos e batistas gloriaes.”³⁹³ Em outra edição, do mesmo ano, no *O Santamariense*, foi publicado outra nota onde o cônego dizia ter descoberto em suas leituras “mais uma seitazinha batista” nos Estados Unidos, “os batistas negros, naturalmente com uma Igreja, um ceo (céu) e um cemitério separado. Para o futuro talvez apareçam os batistas azuis, batistas amarelos, batistas vermelhos e batistas

³⁹² Apostolado ou commercio?” *O Santamariense*, Santa Maria, 04 dez. 1924, ano III, n. 18, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

³⁹³ Mello Lula. “A mixornia protestante”. *O Santamariense*, Santa Maria, 21 dez. 1922, ano I, n. 21, p. 2, ACMEC, Santa Maria. Somente em 1955, um grupo de quatro ou cinco famílias se reuniu numa casa na Av. Rio Branco e fundaram a Igreja Batista em Santa Maria. Com o crescimento do grupo, compraram uma casa em frente ao atual Colégio Manoel Ribas. Em 1972 foi criada a Instituição com Estatuto. Cf. Ata Constitutiva da Primeira Igreja Batista de Santa Maria, Santa Maria, 07 ago. 1972. Posteriormente com a afluência de batistas a Santa Maria, atualmente pode-se contar seis denominações de Igrejas que se intitulam batista na cidade.

morenos.”³⁹⁴

O cônego Mello Lula, para convencer o leitor de que havia contradição no protestantismo e que até mesmo alguns protestantes não eram favoráveis à Reforma e, portanto, eram levados em consideração pela Igreja católica, cita alguns casos que considerava relevante. Um exemplo, por ele citado, foi o filósofo Leibnitz que teria escrito: “todas as lágrimas do gênero humano não seriam bastante para se chorar o funesto schisma no século XVI – o protestantismo”, e citou a fonte desta informação: “*Leibnitz, Lettre à Mad. De Brinon*, p. 173.” Em seguida, afirmou que Lutero reconheceu a confissão como um sacramento e citou trechos de artigos da teologia luterana e a fonte de pesquisa do semanário: “*Luthero, Winder de XXXII, artickel der theologisten, n. 34, apologie der Augsb. Conf. 1535.*”³⁹⁵

As diferenças entre protestantismo e catolicismo são enfaticamente destacadas no primeiro número do ano entrante:

Onde o catholico afirma o protestante nega; onde a Igreja ensina, o protestantismo se revolta (...). O católico tem como regra da sua fé o ensino infalível da Igreja. O protestante nega a Igreja, nega sua autoridade e não admite outra coisa senão a Bíblia; e muitas vezes a Bíblia adulterada que ele interpreta como pode e como quer. O catolicismo venera o Papa como Vigário de Jesus Cristo, o chefe dos fiéis, o pastor supremo, o doutor infalível da lei. O protestante pelo contrário odeia o Sumo Pontífice, chama-o de anticristo, de vigário de satanás e de inimigo principal do Evangelho.³⁹⁶

O artigo termina com a citação de um protestante convertido ao cristianismo, o Conde Molberg. Este procedimento era comum no semanário, tal como fizeram os articulistas do jornal *O Testemunho* e da revista *Reacção*, quando citavam sacerdotes que haviam abandonado a religião católica ou haviam aderido ao protestantismo, na tentativa de enfraquecer a Igreja católica na cidade e reforçar a luta anticlerical.

Assim, sob o título “*Mixornia protestante*”, no ano de 1923, o Cônego continuou as reprovações ao protestantismo tentando mostrar as contradições nas Obras de Lutero e seus companheiros. Citou, por exemplo, Zuinglio, como um sacerdote excomungado e apóstata que teria escrito: “assim como é evidente que Deus é Deus, assim é claro que Lutero é o

³⁹⁴ Mello Lula. “A mixornia protestante”. *O Santamariense*, Santa Maria, 30 nov. 1922, ano I, n. 18, p. 1, ACMEC, Santa Maria. Os batistas iniciaram seus trabalhos no Brasil em 1881, em Santa Bárbara d’Oeste. Cf. DREHER, Martin. Protestantismo na América Meridional. In: DREHER. op.cit.,2002, p.129.

³⁹⁵ Mello Lula. “A mixornia protestante”. *O Santamariense*, Santa Maria, 30 nov. 1922, ano I, n. 18, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

³⁹⁶ Mansuelus. “Protestantismo e catolicismo será quase a mesma cousa?”. *O Santamariense*, Santa Maria, 04 jan. 1923, ano I, n. 23, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

diabo (...) no meio de seu furor se contradiz de uma página para outra.” Em seguida citou W. Cobbert, como um dos mais notáveis escritores protestantes, que teria escrito, na obra “*História da Reforma Protestante* na página 73”: “todos os historiadores concordam que Lutero era um homem depravadíssimo.”³⁹⁷

Parece-nos que os ataques a Lutero e seus seguidores, no semanário *O Santamariense*, embora publicados décadas depois das edições a que tivemos acesso do jornal *O Testemunho* e da revista *Reação*, eram uma resposta aos anticlericais ou aos acatólicos que, naquele momento, haviam dado espaço a ex-padres e a sacerdotes que haviam trocado de religião. E o editor do semanário católico não se ateu apenas aos metodistas como havia mencionado na primeira edição do semanário, mas aos protestantes em geral.

Ao longo do ano de 1923, as advertências em relação ao protestantismo continuaram aparecendo no órgão impresso *O Santamariense* na mesma linha editorial: de combate e, ao mesmo tempo, de esclarecimento à população local daquilo que a Igreja católica aprovava e reprovava em termos de religião.

Esse órgão da Igreja católica local também dava espaço às críticas e condenações ao espiritismo que considerava como “uma das pragas que mais devastam o Brasil levando aos manicômios e às cadeias inúmeras de suas vítimas”. No semanário *O Santamariense*, acusavam o espiritismo como “filho dileto do protestantismo norte-americano e seu companheiro inseparável na luta contra a Igreja.”³⁹⁸ Referiam-se ao espiritismo e ao protestantismo como falsa religião. Sobre o protestantismo afirmavam: “Lutero e os outros reformadores conservaram algumas verdades ensinadas pela Igreja cristã, mas não há um só artigo de fé cristã que tenha sido rejeitado por este ou aquele reformador.”³⁹⁹

O Santamariense foi um dos órgãos de mídia impressa que o padre Caetano Pagliuca usou para responder aos anticlericais e com ele tentava se impor na cidade. Colocava a população católica a par das condenações da Igreja ao protestantismo e ao espiritismo. Os poucos números remanescentes, que encontramos no Arquivo nos dão uma ideia do clima de hostilidade entre católicos e protestantes em Santa Maria, ainda na primeira metade do século XX.

A análise do embate entre metodistas e católicos nos parece evidenciada nos textos apresentados. Lemos tais conflitos na perspectiva de Simmel, ou seja, como estratégias de

³⁹⁷ Mello Lula. “A mixornia protestante”. *O Santamariense*, Santa Maria, 11 jan. 1923, ano I, n. 24, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

³⁹⁸ “A derrocada espírita”. *O Santamariense*, Santa Maria, 04 jan. 1923, ano I, n. 23, p. 4, ACMEC, Santa Maria.

³⁹⁹ “O espiritismo e a loucura” e “Lutero & Bíblia”. *O Santamariense*, Santa Maria, 28/ jun. 1923, ano I, n. 48, p. 4, ACMEC, Santa Maria.

conquista de *almas* e de ampliar os espaços do sagrado, o que, em última instância, garantiria um perfil plural à cidade. Podemos afirmar então que as relações entre protestante, maçons e católicos no período estudado são resultantes de estratégias para conquistar adeptos e seguidores.

Concomitante a essas desavenças no campo religioso, as congregações religiosas católicas que haviam chegado, palotinos, maristas e franciscanas, buscavam ocupar espaço através das ações entre as instituições de ensino confessional e catequético. Isso também provocou tensões entre as outras confissões religiosas e os anticlericais, os quais defendiam o ensino público. Assim, a construção de templos e escolas, a criação de associações religiosas, as comemorações, os espaços de sociabilidade são ações que serão publicizadas pela imprensa, católica e profana e concorrerão para a disputa pela conquista do espaço do sagrado na cidade.

4 ESTRATÉGIAS DE COMBATE NO CAMPO RELIGIOSO: as sinetas batem e os sinos repicam em Santa Maria, primeiro quartel do século XX

Foi através do ensino confessional, dirigindo escolas junto à classe abastada e depois à classe operária, que os religiosos católicos, maristas, jesuítas e irmãs franciscanas, atuaram, estrategicamente, em Santa Maria, durante o primeiro quartel do século XX; combatem com capital cultural o anticlericalismo, época em que a primeira Constituição republicana de 1891 estabelecia que o ensino fosse leigo em todos os estabelecimentos públicos. A liberdade de culto legislada na Constituição propiciou a implantação de escolas confessionais de diferentes credos religiosos, o que, do ponto de vista educacional, possibilitou também a instalação de escolas de orientação protestante no Brasil.⁴⁰⁰

Santa Maria, ao abrigar outras congregações religiosas católicas, formará uma espécie de *legião*⁴⁰¹ em defesa do ensino religioso católico nas escolas, públicas e particulares, a fim de, não somente fazer frente ao anticlericalismo e ao agnosticismo, mas para formar famílias cristãs.

O projeto de Restauração Católica, já explicitado, deu um novo rumo à Igreja que, segundo Rambo (1988), passará a “negar qualquer tipo de ingerência do Estado laico nos assuntos da Igreja que, por sua vez, deveria manter-se afastada do Estado areligioso, agnóstico ou ateu”. Esse projeto, segundo o autor, contou com “um fator poderoso: a educação nas escolas comunitárias e nos colégios secundários”, onde o aluno, além de ler e escrever, aprendia o significado de ser membro da Igreja, “aprendia o catecismo, a História Bíblica, a amar a Igreja, respeitar as autoridades eclesiais e viver escrupulosamente, conforme os mandamentos de Deus e da Igreja” (Rambo In: Dreher: 1998, p. 148-154).

O respaldo para essa questão vinha do Santo Ofício que, em 1875, segundo Kreutz (1998: 211), estabelecia, como diretriz da Igreja católica romana, o dever de que os pais

⁴⁰⁰ Com a proclamação da República em 1889, no Governo Provisório do Marechal Deodoro da Fonseca, torna-se Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, Benjamin Constant, que decreta o ensino leigo em todos os graus e gratuito no primário. Já em 1891, no governo de Deodoro da Fonseca, quando se estabelece a Primeira Constituição da República, o Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos foi José Higinio Duarte Pereira (interino) e Fernando Lobo Leite Pereira. Sobre a diversidade dos positivismo rio-grandenses ver BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (Org.) *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. Ver também sobre o positivismo e a educação no Rio Grande do Sul: TAMBARA, Elomar. Positivismo e educação no Rio Grande do Sul. In: GRAEBIN, Cleusa Maria e LEAL, Elisabete (Org.) *Revisitando o positivismo*. Canoas: La Salle, 1998, p. 171-196; GRAEBIN, Cleusa Maria. Positivismo e educação na América Latina. In: GRAEBIN, Cleusa Maria e LEAL, Elisabete (Org.) *Revisitando o positivismo*. Canoas: La Salle, 1998, p. 161-199.

⁴⁰¹ Originalmente o termo *legião* designa o corpo do antigo exército romano com toda sua estrutura de defesa e combate. Nos moldes do *legio* romano foi estruturada uma das mais tradicionais associações religiosas católicas, a *Legião de Maria*. Usamos o termo, figurativamente, para acentuar que o clima de *tensão e conflito* também se estendia a outros campos sociais, como a educação.

enviassem seus filhos às escolas paroquiais. Caso contrário, estariam cometendo pecado pelo fato de privá-los da formação católica.

Posteriormente, em 1899, no Concílio Latino-Americano, em Roma⁴⁰², o Papa Leão XIII (1878-1903) destacava a necessidade de a Igreja cumprir sua missão auxiliando escolas e professores católicos. Também foi tratada a questão das superstições, “que afetavam mais as classes médias e altas como o espiritismo, o sonambulismo, a clarividência, o agnosticismo, o hipnotismo,” etc. Sendo o capítulo sete, do segundo título, dedicado a proibições à “seita maçônica e a outras sociedades ilícitas”.⁴⁰³

Na área da educação, no Rio Grande do Sul, segundo a Constituição de 1891, o ensino deveria depender da iniciativa particular ou ser assumido pelo Estado. A Constituição propunha a formação dos trabalhadores, através do ensino técnico profissionalizante e a formação de líderes capacitados para dirigir a política e a economia.

Para os liberais e positivistas, a Igreja era uma instituição anticientífica e, por isso, irracional, contrária ao progresso e à modernização (Viola. In: Graebin e Leal, 1998), interpretação que tomou força desde a publicação do *Syllabus* por Pio IX.

Para os pensadores positivistas, a educação, a liberdade social e política passavam pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, sob o controle das elites.

Na ótica do historiador santamariense João Belém (2000, p. 210 e 211), “o colono português não fazia questão de escola, fazia questão de Igreja.” Por esse motivo as “aulas públicas” em Santa Maria, no período monárquico, foram instituídas em 1838, com o professor João Maria Braga, seguido pela professora Maria do Carmo, em 1839, depois pelo professor Izidro Antonio Nunez, em 1852. Outros professores foram atuando na cidade e depois transferidos. No entanto, em 1860, foi criada outra aula pública para o sexo feminino. A nova professora foi Maria das Dores Álvares de Barros.⁴⁰⁴

Uma publicação do *Boletim do Grande Oriente do Brasil, Jornal Oficial da*

⁴⁰² Em 1899, Leão XIII reuniu, em Roma, o Concílio Plenário Latino-Americano, a pedido do Chile. Teólogos italianos e alemães, sem experiência de América Latina, prepararam o concílio buscando readequar o catolicismo da América a Roma. Rompeu-se totalmente o catolicismo popular e encerrou-se a experiência do catolicismo colonial. Voltando de Roma, os bispos brasileiros insistem na convocação de um Concílio Plenário Brasileiro para adaptar a situação nacional à legislação latino-americana, mas a Santa Sé não permite essa articulação nacional, e Roma permanece o centro do poder. O Concílio Plenário Brasileiro só irá acontecer em 1939, sob articulação do Cardeal Sebastião Leme, quando procuraram encaixar os problemas pastorais brasileiros à legislação canônica romana. Cf. DREHER. op.cit., vol. 4, 1999.

⁴⁰³ Cf. SARANYANA, Josep-Ignasi. *Cem anos de Teologia na América Latina (1899-2001)*. São Paulo: Paulinas/ Paulus, 2005, p. 23.

⁴⁰⁴ Em artigo do jornal local, *Diário do Interior*, foi lembrado os 100 anos da primeira aula pública em Santa Maria ministrada pelo professor Braga. “Monumento Comemorativo ao primeiro centenário da abertura da primeira escola pública em Santa Maria 1838-1938. *Diário do Interior*. Santa Maria, ano XXVII, n. 123, p.1, 15/10/1938, AHMSM, Santa Maria.

Maçonaria Brasileira, que circuclava nas Lojas maçônicas de Santa Maria, alertava sobre a necessidade de um colégio maçônico na cidade, devido ao “fanatismo e ousadia” do jesuitismo que “tenta tudo avassalar, é forçoso, é urgente instruímos a geração vindoura, afim de que ella comprehenda o que deve a si, a Deus e a pátria”.⁴⁰⁵

Segundo Belém (2000, p. 211), em Santa Maria, por volta de 1887, o professor Carlos Luiz Teixeira comunicou à diretoria da Instrução Pública que não era possível promover o ensino com 140 alunos em sua aula. Então, em janeiro de 1888, foi criada mais uma escola do sexo masculino e, em 1899, foi criada outra aula pública nas imediações da via férrea. Assim, de acordo com o autor, ao ser proclamada a República, existiam na cidade cinco escolas provinciais, uma mista, uma feminina e três masculinas.

O trabalho do intendente municipal, Francisco de Abreu Vale Machado, pela causa da educação pública é destacado por Belém (2000, p. 215-217), pois esse autor se refere que, em 1895, em todo o município, funcionavam “seis cadeiras do sexo masculino e oito do sexo feminino”. Em 1901, o Estado criou colégios distritais, sendo que, em Santa Maria, foi iniciado a 20 de setembro daquele ano, sob a intendência do coronel Pedro Scherer, o Colégio Olavo Bilac, com 190 alunos.



Ilustração 27 – Colégio Distrital (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

No ano seguinte, em 1902, o Congresso dos Veneráveis Maçons, tratou sobre a questão do ensino, quando os “pedreiros-livres” gaúchos foram orientados para que não matriculassem seus filhos nos colégios de jesuítas e advertia que a maçonaria deveria interferir a fim de que a instrução primária fosse inteiramente leiga, como determinava a

⁴⁰⁵ Loja Luz e Fraternidade, Santa Maria, n. folha 79-62, out. 1876, ALEV, Silveira Martins.

Constituição do Estado, (Colussi: 1998, p. 436-446). Para a autora, a Companhia de Jesus ocupava, no Estado sul rio-grandense, um espaço importante na educação, tanto para a elite quanto para as classes populares, o que passou a ser, a partir da segunda metade do século XIX, uma afronta para a maçonaria:

Para a maçonaria a ação dos jesuítas era um empecilho às suas pretensões, pois para fazer frente ao ensino particular e católico dos jesuítas, os maçons fundaram escolas maçônicas, com um modelo educacional identificado com o “espírito das luzes”, libertadora da consciência dos homens e fiéis escudeiros no combate às trevas representadas pelo fanatismo da Igreja católica. As concepções maçônicas baseavam-se no ideário liberal e cientificista em voga: racionalismo, ciência e progresso.

Em 1885, por outro lado, o ensino particular supriria, em parte, a falta de professores públicos. Em Santa Maria, a Sr^a. Maria Gonçalves, por exemplo, abriu um colégio particular na Rua do Acampamento, havia outro na Rua do Comércio, dirigido pela professora Manoela da Costa. Em 1861, o padre Klein fundou um estabelecimento de ensino onde as matérias elementares eram ministradas no idioma alemão. Em 1869, Guilherme Wellington também fundou um colégio misto com 75 alunos matriculados. Assim, segundo os dados de Belém (2000, p. 211, 213 e 214), na vila de Santa Maria, havia cinco colégios particulares.

O campo educacional da cidade também estava no jogo de interesses dos agentes sociais da cidade, nesse caso a formação liberal, católico-liberal, católico-conservador, acatólico e anticlerical. Para a Igreja católica, a escola pública leiga representava um *perigo* para a *alma* do jovem. Em Santa Maria, a Igreja católica seguia a orientação hierárquica, promovendo a vinda de ordens religiosas para atuarem também no ensino.

Segundo Kreutz (1998: 215), é a partir de 1860 que, no Rio Grande do Sul, tem início uma atenção maior ao processo escolar, tanto do governo quanto das Igrejas, sendo que “as Igrejas católicas e luteranas tinham interesse específico em coordenar o processo escolar, entendendo a escola como uma instância básica de seu processo pastoral”. Era a reação cristã contra o espírito liberal, contra o avanço do Estado laico na condução do processo educacional. Segundo esse autor, “as Igrejas começam uma campanha de promoção da escola confessional incentivando e coordenando as ações nesse sentido”. Em Santa Maria não será diferente.

Atentas à visão dos liberais e positivistas com relação à Igreja, lideranças católicas começam a atender às diretrizes da Santa Sé no que diz respeito ao ensino em Santa Maria e, por iniciativa do padre Pagliuca, em 03 de fevereiro de 1904, a cidade havia recebido os

Irmãos Maristas franceses que fundam o Colégio São Luiz, à Rua do Acampamento. Os maristas adotaram a abordagem educativa de São Marcelino Champagnat, sendo seus colégios destinados a estudantes do sexo masculino. Esse Ginásio, em janeiro de 1906, passou a se chamar Colégio Santa Maria e congregou 600 alunos, alguns procedentes do Uruguai e da Argentina.⁴⁰⁶



Ilustração 28 – Prédio do antigo Colégio São Luiz, em 1904, localizado à Rua do Acampamento, Santa Maria (Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso)

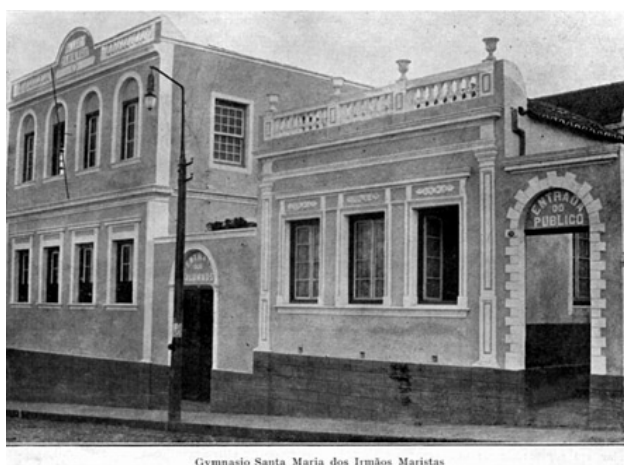


Ilustração 29 – Ginásio Santa Maria, dos Irmãos maristas, localizado à Rua Floriano Peixoto, em Santa Maria (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

⁴⁰⁶ O colégio Santa Maria foi fundado pelo Dr. Clemente Pinto, em 1898, num prédio na Rua Floriano Peixoto, para o sexo masculino. No mesmo ano, foi fundado o colégio Sant'Anna, pela professora Ana Eufrazina de Borba e Almeida. Cf. BELÉM, João. *História do Município de Santa Maria, 1797-1933*. Santa Maria: Ed.da UFSM, 2000, p. 222.



Gymnasio Santa Maria dos Irmãos Maristas

Ilustração 30 – Ginásio Santa Maria, dos Irmãos maristas, localizado à Rua Floriano Peixoto, em Santa Maria (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

Nessa década, o padre Pagliuca promoveu também a vinda das Irmãs Franciscanas que, em 1905, inauguram o Colégio Sant' Anna, destinado a estudantes do sexo feminino, à Rua dos Andradas, onde receberam como doação quase um quarteirão para a construção do colégio, com matrícula anual de mais de 350 alunas.



Collegio Sant'Anna das Irmãs Franciscanas

Ilustração 31 – Colégio Sant'Anna, das Irmãs franciscanas, localizado à Rua dos Andradas em Santa Maria (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

Santa Maria também passou a ser a sede da congregação católica feminina das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Elas construíram o Convento São Francisco de Assis com uma Casa de Formação para noviças e postulantes e dirigiram outras escolas na

cidade: a Escola de I grau Santo Antônio, o Educandário São Vicente de Paulo, inaugurado em 10 de julho de 1914.⁴⁰⁷

Em relação ao ensino confessional católico, na edição de dezembro de 1904, o pastor João J. Ruiz, escreveu de Cruz Alta, condenando a chegada dos irmãos maristas na região serrana do Rio Grande do Sul que, junto com outras congregações religiosas católicas, afluíam para “putrefar” o Estado gaúcho:

Os dignos êmulos de Pio X corridos e expulsos dos próprios paizes catholicos-romanos arribaram como bando de esfaimadas aves de rapina nas plagas brasileiras, e vemo-los esporsos, infelizmente em número indefinido, trazendo as diversas librés dos súbditos ou creados inconcursos do ambicioso monarca chamado papa romano, que ainda aspira a que os reis e imperadores submissos a sua déspota vontade vão lhe beijar os pés, ambicionando assim o domínio universal de todos os governos (...). Ainda que os povos civilizados da nossa época estejam em contradição aberta ao ultramontanismo romano e ainda que a imprensa esteja a registrar diariamente o aniquilamento das forças daquele que arroga-se o título pomposo de vigário de Christo, o mesmo (...) continua a enviar seus esquadrões de escravos submissos, fardados de maneiras diversas. Um desses esquadrões composto de padres maristas com suas vestes talares, pretas como a hypocresia personificada, está invadindo presentemente a rica zona serrana onde até a presente data se respirava ar puro da liberdade histórica, sempre provada pelos heróicos filhos da terra gaúcha que habitamos. Esse purismo de liberdade natural no rio-grandense começa a ser saturado no coração inexperiente d'um número singular de moços.⁴⁰⁸

O tom do discurso expressa uma atmosfera tensa no campo educacional e vai delineando o perfil de determinados agentes e grupos sociais.

As ações educacionais do clero católico tinham respaldo na Encíclica *Acerbo nimis*⁴⁰⁹, do Papa Pio X, publicada em 15 de abril de 1905, alertando sobre a ignorância entre os fiéis católicos. A Encíclica, criticada pelos protestantes através do jornal *O Testemunho*, traça a visão do Pontífice sobre os males da sociedade da época. Ele havia determinado que, nas Universidades, fossem estabelecidas aulas de religião “das verdades da fé e a formação da vida cristã”. Mas, para o articulista metodista “o chefe da igreja de Roma”, mesmo tendo razão sobre sua análise da sociedade, não tinha o remédio para todos os males sociais porque “declarando-se infalível arrancou das mãos do povo o ensino sagrado de Deus e deu-lhe o

⁴⁰⁷ As irmãs franciscanas fundaram, em 1950, em Santa Maria, a Faculdade de Enfermagem “Nossa Senhora Medianeira” e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição”, as quais fundiram-se para dar origem ao Centro Universitário Franciscano. A mantenedora é a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis (SCALIFRA).

⁴⁰⁸ “Actividade da Curia romana”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º dez. 1904, ano I, n. 23, p. 89. AIPJW, Porto Alegre.

⁴⁰⁹ Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/index_po.htm> Acesso em: 27 abr. 2008.

ensino corrompido (...). Tirou-lhe o Evangelho e deu-lhe o catecismo romano. Tirou-lhe o ensino divino e deu-lhe o humano.”⁴¹⁰

Em relação ao ensino, percebe-se, ainda, que as publicações do órgão de imprensa católica *A União* afrontavam os protestantes e o clima era de conflito. Na edição, de agosto de 1904, por exemplo, o pastor João Vollmer publicava, na primeira página do jornal *O Testemunho*, um longo artigo como uma contra-resposta àquele jornal católico, pois os articulistas do jornal *A União* haviam citado o jornal *O Testemunho* naquele órgão impresso. O texto do jornal metodista inicia deixando claro que *A União* era um órgão do “ultramontanismo no Rio Grande do Sul”, publicado em Porto Alegre. Referia-se a um artigo que, segundo Vollmer, é “um composto de calúnias e intrigas, não provando cousa alguma.” Destacava dois pontos principais vinculados pelo órgão *A União*. O primeiro dizia respeito à educação, quando recriminavam os pais católicos que mandavam seus filhos às escolas e aos colégios dos missionários metodistas, pois eram considerados “ex-professo com o propósito declarado para combater a religião catholica, compromettem gravemente sua consciência e não podem receber a absolvição no tribunal da penitência”. Segundo o redator do citado jornal, todo o homem culto poderia ver nesse quesito o “espírito reacionário do jesuíta que nem a liberdade de educação quer ceder ao seu semelhante,” mas advertia que: “o ignorante infeliz, para quem a eternidade depende da vontade d’uma creatura pretenciosa, que pode excomungar e absolver a sua vontade, olhará com muito receio e desconfiança para nossos collegios d’ora em diante.”⁴¹¹ E vai além, afirmando que tais investidas dos católicos não deveriam causar temor aos metodistas, pois Vollmer logo infere que isto não iria perturbar a expansão do metodismo no Rio Grande do Sul: “não nos assustam, pois semelhantes avisos, pelo contrário, muito folgamos em o senhor X chamar a atenção de seus correligionários para a existência de nossos collegios”, aos quais garante ter maior número de alunos que os colégios das ordens religiosas, fato que creditava a publicação daquela advertência aos católicos.⁴¹²

O apoio dos protestantes à educação pública aparece novamente na edição da segunda quinzena do mês de março de 1905. A matéria de primeira página do jornal *O Testemunho* versava sobre a importância da educação pública no Brasil. O artigo exaltava a República onde “grandes direitos civis são concedidos as massas onde o povo é, por assim dizer, quem

⁴¹⁰ “Pio X e sua Encyclica de 15 de abril P. P.” *O Testemunho*, Porto Alegre, 1º. set. 1905, ano II, n. 17, p. 77-78. AIPJW, Porto Alegre.

⁴¹¹ VOLLMER, João. “Nós e a ‘União’”, *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 ago. 1904, ano I, n. 16, p. 1. AIPJW, Porto Alegre.

⁴¹² Ibid. Id.

governa os negócios do estado, é necessário que haja uma sólida base intelectual, uma educação que abranja tudo que de melhor encerra”. Atribuiu o crescimento dos Estados Unidos à educação pública e gratuita e sugeriu que o método de ensino norte-americano fosse adotado no Brasil, pois lembrava que este país era tão antigo quanto aquele, porém, menos desenvolvido por culpa da educação precária. Mencionou que duas professoras norte-americanas, “com ampla experiência nas escolas públicas de sua pátria” já estavam em Porto Alegre onde iriam abrir um curso normal com método de ensino norte-americano.⁴¹³

Como na ótica protestante, o “verdadeiro perigo” que rondava a nação brasileira era o “ultramontanismo”, ou “o jesuitismo”, outra notícia de primeira página de *O Testemunho*, da segunda quinzena de agosto de 1904, traz à tona esse tema expressando a indignação com a “imprensa secular” por ter permanecido “silenciosa ante a invasão sempre crescente dos representantes da seita que mais tem concorrido para a infelicidade das nações.”⁴¹⁴ O articulista respaldava sua indignação com a chegada de ordens religiosas católicas ao Estado, na seguinte afirmação:

No tribunal da opinião pública o ultramontanismo já é conhecido como o germen activo de todas as infâmias, de todas as impiedades, de todos os attentados e de todas as desordens (...). A constituição desta sangrenta instituição não é conhecida e jamais foi submetida a um exame legal, o que por si só bastaria para torná-la suspeita (...). A principal arma de que se servem afim de levar avante seus funestos planos é a conspiração (...). O perigo ultramontano, jesuítico, já de há muito invadiu a nossa cara pátria (...). Não nos admira o facto delles invadirem nossa terra, pois isto forma parte de seus vastos projectos de formar de toda a terra um só proselyto e logo torna-los cem vezes peores do que elles próprios (...). A imprensa contempla hoje a introdução dessas ordens sem uma só palavra de protesto, amanhã lamentará as desordens, o abysmo e a confusão que só eles sabem criar. Fazem uma obra boa dizem alguns, dedicam-se a instrução da juventude. Infeliz a nação que abandona na mão dessa gente sem pátria e sem família a educação d’aqueles que hão de ser os cidadãos e os paes de amanhã.⁴¹⁵ (*grifo nosso*)

Assim, percebe-se que, em Santa Maria, nos primeiros anos do século XX, os protestantes metodistas, como também os maçons, difundiam e compartilhavam a ideia de que o ensino católico levaria à decadência do Estado e, juntos, formavam coro contra os dogmas católicos e contra seus representantes.

⁴¹³ “Instrução Publica Primária”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 mar. 1905, ano II, n. 6, p. 20. AIPJW, Porto Alegre.

⁴¹⁴ “O Verdadeiro Perigo”. *O Testemunho*, Porto Alegre, 15 ago. 1905, ano II, n. 16, p. 73. AIPJW, Porto Alegre.

⁴¹⁵ *Ibid.*

Agentes sociais maçons, por seu turno, no final do século XIX, vão se empenhar na criação de escolas próprias por entenderem que o ensino deveria ser laico, conforme previsto na Constituição de 1891. Como observa Colussi (1998, p. 438):

O espaço e o debate educacional e do ensino foram os instrumentos maçônicos de propaganda preferencial na luta anticlerical. Em termos nacionais, foi também a partir de 1870 que se observaram as primeiras iniciativas mais concretas nesse campo, as quais desembocariam, na virada do século, na política maçônica de criação de escolas próprias. Em nível nacional, a maçonaria fundou lojas com a finalidade de “difundir a instrução nas classes populares”.

O ingresso de professores na maçonaria, especialmente dos que atuavam na instrução pública, era facilitada para que os maçons tivessem acesso e influência na formação laica dos setores populares. Nesse sentido, Colussi (1998, p. 442-443) se refere que, em Porto Alegre, por exemplo, a Loja Zur Eintracht aprovou uma resolução, na sessão de julho de 1876, que previa a inserção de professores na ordem de Franco-Maçons, independente do pagamento de mensalidade:

Assim, no Rio Grande do Sul a maçonaria, estrategicamente, criou uma rede de escolas maçônicas onde “iniciou” professores no rito, sendo que as primeiras iniciativas maçônicas na criação de escolas estão em São Leopoldo, devido ao fato de esta cidade ser o centro pioneiro na atuação dos padres da Companhia de Jesus. Essa iniciativa objetivava opor-se às escolas dos jesuítas oferecendo uma alternativa educacional aos filhos de maçons e a setores populares. Para fazer frente ao colégio dos padres jesuítas, a Loja maçônica criou a “Sociedade Propagadora da Educação Popular” cuja clientela preferencial eram os pobres. (grifo nosso)

Na cidade de Santa Maria, havia sido erigido, também no início do século XX, durante o governo de Borges de Medeiros, o primeiro Instituto de Educação do Estado, o Instituto Educacional “Olavo Bilac”, com o nome de Colégio Distrital, com ensino elementar e fundamental. Nele vai se destacar a figura da professora Margarida Lopes, retratada na fotografia abaixo.⁴¹⁶ Ela foi membro da Ordem Maçônica Mista-Internacional de Direitos Humanos, fundada em 1893, em Porto Alegre, por Georges Martins. Essa professora atuou na escola desde 1901, tornando-se diretora da mesma em 1906, quando o Colégio Distrital foi

⁴¹⁶ A professora Margarida Lopes nasceu em Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, em 03 de setembro de 1874, onde se diplomou pela antiga Escola Normal, possivelmente em 1892 ou 1893. Ministrou aulas no município de Santo Ângelo sendo que, em 1898, foi transferida para Cachoeira do Sul onde permaneceu até 1901, quando foi transferida para Santa Maria. Em 1934, Margarida Lopes recebeu sua jubilação e transferiu-se para Porto Alegre, onde faleceu, em 1949. Seus restos mortais foram transladados para Santa Maria pelos membros da Loja Maçônica Luz e Trabalho. Cf. SILVEIRA, José Luiz. *Revelações históricas da maçonaria*. Santa Maria: [s. n.], 1985, p. 201-208.

transformado em Escola Complementar de Santa Maria. Devido à valorização de seu trabalho em defesa do ensino leigo, os maçons de Santa Maria, após o seu falecimento homenagearam-na erguendo um busto na Avenida Rio Branco, de frente para a Rua Andradas. Posteriormente, com o mesmo intuito, emprestaram seu nome a uma escola no bairro Camobi, a Escola Estadual “Margarida Lopes”.



Ilustração 32 - Professora do Colégio Distrital, Margarida Lopes (Fonte: SILVEIRA, José Luiz. *Revelações históricas da maçonaria*. Santa Maria: [s. n.], 1985).

Referências ao antijesuitismo maçônico também aparecem nas correspondências das Lojas maçônicas de Santa Maria como, por exemplo, no relatório da Loja Luz e Trabalho de Santa Maria ao Grande Oriente Maçom, em 1908, assinado por Luiz Dânia, onde ele reconhecia a preponderância do jesuitismo na cidade e alertava para que os maçons não esmorecessem e continuassem na “batalha contra estes inimigos da instituição maçônica.”⁴¹⁷

Outro documento que atesta a aversão ao ensino confessional católico em Santa Maria está na ata de sessão, de 1908, da Loja Luz e Trabalho, assinada pela comissão regularizadora, a qual diz que os maçons devem “trabalhar com todo devotamento para combater o jesuitismo que, a passos agigantados, implantam o seu *domínio malévol* em Santa Maria”⁴¹⁸ (grifo nosso).

Em 1909, a Loja Luz e Trabalho condenava a “ação pernicioso do jesuitismo que

⁴¹⁷ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-04, 07 ago. 1908, ALEV, Silveira Martins.

⁴¹⁸ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-05, 13 nov. 1908, ALEV, Silveira Martins.

ameaça, neste momento, avassalar as consciências, com suas práticas subversivas”, advertindo sobre a “ambição clerical” em torno da educação pública, pois considerava Santa Maria um local apropriado, devido à localização geográfica, para estabelecer um “Gymnasio leigo” a fim de que seus filhos deixassem de frequentar o “ensino viciado e retrógrado dos padres e das freiras.”⁴¹⁹ Encontramos posicionamentos contrários aos jesuítas também nas correspondências a que tivemos acesso, até 1924, na Loja maçônica referida acima.

Os termos jesuitismo e jesuíta, usados nas cartas pelos maçons para se referirem ao clero católico deixam claro que não havia nenhuma simpatia por parte de alguns maçons pelo clero, nem tampouco pela Igreja. Mas isto se referia àqueles clérigos que eles consideravam fiéis à Santa Sé, como podemos observar na carta que Cícero Barreto escreveu a José Domingues de Almeida, reclamando da posição “bastarda” de certos maçons de estarem “próximos ao jesuitismo, que avassala o ensino e não é patriota”, referindo que é uma “invasão malfadada através do ensino religioso”.⁴²⁰ Cícero Jacyntho Barreto, juntamente com outros professores, fazia parte do corpo docente do Colégio Elementar, em 1910, como: Alcinda Ribeiro, Francisca Weinmann, Otto Muller, Nestor Oliveira e Catarina Acampis e, mais tarde, Aurélio Porto e representam professores leigos filiados à ideia maçônica de combater o ensino confessional católico⁴²¹.

Nessa mesma época, outras ordens religiosas chegam à localidade com o objetivo de fortalecer a ação da Igreja católica. Elas formavam grupos de oração com o intuito de fortalecer o catolicismo em Santa Maria e afastar os jovens e as famílias da propaganda anticlerical. Contendo o indiferentismo religiosos esperavam enfraquecer as lojas maçônicas e as outras crenças presentes nas cidades pertencentes a Diocese católica.⁴²²

Na maçonaria, por outro lado, a batalha contra o catolicismo não arrefecia. Um exemplo é o texto escrito pela professora Margarida Lopes criticando o ensino religioso nas escolas. Em reconhecimento ao trabalho por ela realizado em prol do ensino público a Loja Maçônica Luz e Trabalho de Santa Maria, em 1912, solicitou a concessão do título de benemerita em carta à Assembleia Geral do Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS). A missiva justificava que o título era devido ao fato de a referida professora ser “dotada de inteligência e elevada cultura”, considerada por essa Loja como uma pessoa que não se deixava levar pelos agentes do clero, negando-se a inscrever-se nas associações católicas e

⁴¹⁹ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-07, 11 jun. 1909, ALEV, Silveira Martins.

⁴²⁰ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 75-34A, 12 mai. 1909, ALEV, Silveira Martins.

⁴²¹ Em 1910, o Colégio Distrital foi transformado em Colégio Elementar.

⁴²² Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1889-1914. APNSC, Santa Maria.

dedicada a “combater sem tréguas as conquistas do obscurantismo e do atraso.”⁴²³ Segundo Silveira (1985, p. 205), Margarida Lopes foi considerada “membro honorário da maçonaria rio-grandense, no grau de Cavaleiro Rosa Cruz (18º do Rito e Escocês Antigo e Aceito)”.

Em outra carta dirigida também ao GORGS, a Loja enfatizava que a professora Margarida Lopes tinha trabalhado muito em favor da maçonaria, auxiliando num curso particular com 40 alunos e alunas da sociedade santa-mariense.⁴²⁴ Outro reconhecimento feito pela maçonaria à referida professora veio em 1914, quando ela foi escolhida para fazer parte da comissão que representou a maçonaria rio-grandense no Congresso Maçônico no Oriente do Rio de Janeiro, onde a Loja Luz e Trabalho recomendava que ela deveria tratar dos temas referentes às causas da decadência do ensino público, a ação do Estado e o ensino religioso.⁴²⁵

No início do ano de 1915, o *Boletim Mensal Diocesano de Santa Maria* dava o seu recado à população local quando destacava o anti-modernismo, publicando a Primeira Carta Encíclica do Papa Bento XV, na qual ele atribuiu o flagelo da I Guerra Mundial ao “desprezo pela autoridade divina por parte do Estado que havia se divorciado da religião e os absurdos do socialismo ao estimular a luta de classes”. Nessa Encíclica, o papa também atribuiu a enfermidade da sociedade às “escolas perversas e a má imprensa que informa as mentes das massas inexpertas”, reiterou as advertências de seu predecessor sobre os “erros do modernismo”, qualificando o modernismo como um “espírito que infecta todo aquele ávido por novidades em todas as coisas, inclusive no modo de falar das coisas divinas.”⁴²⁶

Na primeira edição da revista maçônica *Reacção*, em 1915,⁴²⁷ os editores maçons deram uma resposta aos clericais do *Boletim Mensal Diocesano* criticando as escolas católicas, pois consideravam que ali era ensinada “pouca ciência” e que “no meio de minguados conhecimentos que ministravam lá vão as mais errôneas e absurdas, aleijando os cérebros dos pobrezinhos que lhes caem nas unhas”. Para melhorar a cultura na cidade, os editores da revista maçônica criaram uma seção de “Livros Recomendados” onde indicavam algumas obras, como por exemplo: *As grandes lendas da humanidade* que, segundo a nota da revista, tratava sobre lendas poéticas, filosóficas, religiosas e heróicas; *A Igreja e a Liberdade*, uma história da perseguição religiosa, da intolerância clerical e das devassidões do clero romano. Uma obra que, segundo a revista, serviria para “abrir os olhos do perigo constante do bando negro da Companhia de Jesus, pela qual se molda o clero católico”. Outro

⁴²³ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-11, 27 mar 1912, ALEV, Silveira Martins.

⁴²⁴ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-12, 16 jun. 1912, ALEV, Silveira Martins.

⁴²⁵ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-26, 17 jun. 1914, ALEV, Silveira Martins.

⁴²⁶ “Primeira Carta Encíclica do Papa Bento XV”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano III, n. 2 e 3, fev.- mar, 1915, p. 205-221. AMSM, Santa Maria.

⁴²⁷ “A Escola e o livro”. *Reacção*. Santa Maria, 01 mai. 1915, ano I, n. 1, p. 5, ACMEC, Santa Maria.

livro recomendado para combater o clero era intitulado *Os jesuítas*, de Manuel Borges Grainha que, segundo a informação da revista, viveu entre os jesuítas e narrava um célebre envenenamento no Convento das Trinas, em Lisboa.⁴²⁸

Na guerra declarada à escolha de livros de agentes sociais que estavam no mesmo campo de interesses e na mesma posição, denota os dogmatismos do conflito. Assim, em meados de julho daquele mesmo ano, o presidente do Conselho Escolar do Município, o maçom Demetrio Niederauer, empenhava-se em fazer “desaparecer a superstição de que para se educar as crianças, só recorrendo ao colégio dos padres”, o que considerava um engano injustificável devido à existência do Colégio Elementar, o qual coadunava com os princípios da República.⁴²⁹ No entanto, alguns professores de escolas públicas de Santa Maria consultaram o presidente do Conselho Escolar do Município sobre a possibilidade de ministrarem aulas de ensino religioso. A resposta, à época, foi negativa. Segundo a revista *Reacção*, aquelas professoras foram influenciadas pelo padre Pagliuca “com aquela habilidade dominadora que distingue o jesuíta do verdadeiro sacerdote.”⁴³⁰

A situação era tensa e tendenciosa. Do lado católico, o resultado do Concílio Plenário Latino-Americano, ocorrido no Colégio Anchieta, em janeiro de 1915, em Nova Friburgo no Rio de Janeiro, deu o tom à situação da questão religiosa, à época. Nesta Pastoral Coletiva, foi advertido aos pais que confiarem seus filhos “a mestres imorais e ímpios, a colégios anticatólicos ou sem religião, é cometer pecado grave, porque tais pais se tornam, por este procedimento, cúmplices da corrupção de seus filhos e responsáveis, diante de Deus por todos os males que advirão mais tarde aos mesmos e à sociedade.” Também recomendava que os fiéis católicos fossem afastados das “sociedades secretas, perversas e proibidas pela Igreja” e do espiritismo.⁴³¹ Àqueles que se filiarem a “seita maçônica ou carburaria ou a outra do mesmo gênero que, aberta ou clandestinamente, maquinam contra a Igreja e os legítimos poderes, assim como os que prestam às mesmas qualquer favor, os que não denunciam os seus corripheus ou chefes ocultos, até que não tenham cumprido o dever da denúncia” ficarão sujeitos à excomunhão.⁴³²

⁴²⁸ “Livros Recomendados”. *Reacção*. Santa Maria, 01 mai. 1915, ano I, n. 1, p. 9, ACMEC, Santa Maria.

⁴²⁹ “A instrução dos pequenos”. *Reacção*. Santa Maria, 16 jul. 1915, ano I, n. 6, p. 10, ACMEC, Santa Maria.

⁴³⁰ “A instrução religiosa e as aulas públicas”. *Reacção*. Santa Maria, 16 set. 1915, ano I, n. 10, p. 9. e “A instrução religiosa e as aulas públicas”. *Reacção*. Santa Maria, 11, jan. 1915, ano I, n., p. 1, ACMEC, Santa Maria.

⁴³¹ “Perigos contra a fé”, Título I: Fé, Cap. V, 59, 60. In: *Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências Episcopais na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915*. Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1915, p. 14. AMSM, Santa Maria.

⁴³² “Principais erros modernos”, Título I: Fé, Cap. VI, 90. In: *Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto*

Através desse documento, a Igreja católica reclamava o direito dos bispos terem a absoluta liberdade de dirigir o ensino católico, pois “no exercício do seu ministério” não podiam ser “embaraçados ou impedidos de vigiar para que a doutrina que se ensina nos diversos ramos de ciência seja conforme a religião católica”. Assim, advertiam: “os católicos não podem defender nem aprovar esse methodo de ensino e educação leiga da juventude, que é separado da fé catholica e da autoridade e poder da Egreja; methodo que se reduz apenas ao ensino das sciencias naturaes e puramente humanas e tem por fim último, ou ao menos primário, os limites da vida social e terrena.”⁴³³

Pela Pastoral Coletiva de 1915 o clero católico recomendava que as escolas públicas também fossem regidas por professores “de sentimentos religiosos” e que “membros de associações religiosas” obtivessem o diploma de normalistas a fim de atuarem nas diversas escolas, confessionais ou não.⁴³⁴ Por meio desse documento os prelados da Igreja católica condenavam o Estado por se descuidar da religião, como se Deus não existisse, sendo indiferente a religião, não adotando nem a que lhe melhor parecesse: “tal indiferentismo civil é uma temeridade inaudita até entre os pagãos que tinham tão profundamente gravado no entendimento e no coração a crença na divindade e a necessidade de uma religião pública.”⁴³⁵

Provavelmente a Pastoral Coletiva de 1915 teve repercussão entre os liberais anticlericais, pois as questões conflitivas do ensino foram um dos temas abordados no Congresso Nacional Maçônico, realizado no Rio de Janeiro, em dezembro de 1915. A população santa-mariense pode tomar conhecimento de toda a programação através da revista *Reacção*.⁴³⁶

Nesse Congresso maçônico brasileiro⁴³⁷ foi apresentada uma tese pela professora Margarida Lopes, que está registrada pela Comissão Regularizadora, da Loja Luz e Trabalho

Alegre comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências Episcopais na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915. Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1915, p. 22. AMSM, Santa Maria.

⁴³³ “Escolas catholicas”, Título I: Fé, Cap. VIII, 113, 114”. In: *Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências Episcopais na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915.* Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1915, p. 28. AMSM, Santa Maria

⁴³⁴ “Escolas catholicas”, Título I: Fé, Cap. VIII, 132. In: *Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências Episcopais na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915.* Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1915, p. 33. AMSM, Santa Maria.

⁴³⁵ “Escolas e colégios em geral”, Título V: Costumes do povo, Cap. IV, 1515, 1516. In: *Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências Episcopais na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915.* Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1915, p. 380. AMSM, Santa Maria.

⁴³⁶ “Congresso Nacional Maçônico: o seu fim”. *Reacção*. Santa Maria, 16 dez. 1915, ano I, n. 16, p. 7, ACMEC, Santa Maria.

⁴³⁷ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-43, 1915, p. 18-33, ALEV, Silveira Martins.

de Santa Maria, criticando o ensino clerical caracterizando-o como sendo fanático, além de ser o principal responsável pela decadência moral da sociedade. Margarida Lopes julgava que as ordens religiosas abusavam da ascensão social que exerciam, “prejudicando e perturbando a integridade da família, principalmente por meio da educação feminina”. Nessa tese,⁴³⁸ desprovida de título, a professora Margarida Lopes advertia que as escolas dirigidas por religiosos “deveriam ser classificadas como estabelecimentos político-religiosos comerciais, não collegios, porque realmente os seus proprietários trabalham para um fim político”. Enfatizava que o ensino não estava em decadência, mas faltava-lhe firmeza e orientação e o único remédio era “combater os princípios destas seitas”.

Na verdade, tal texto é um discurso de advertência aos maçons do perigo em que, segundo a autora, encontrava-se o ensino no País, especialmente no Rio Grande do Sul, onde a situação do ensino secundário era preocupante, pois estava predominantemente nas mãos das “deformadas” ordens religiosas católicas que “enfraqueciam os laços da sociedade, desacreditavam o caráter nacional e combatiam as idéias republicanas”. Criticava ainda a excessiva liberdade religiosa que o Estado concedeu ao clero, já que ele é considerado pela autora como hipócrita porque ocultava o seu desprezo pelo Estado, a quem odiava por ter abolido o direito divino. Falava ainda do pseudo-patriotismo do clero e da “incompetência das freiras e padres para ministrar lições para a formação de um caráter”, pois “estimulam os filhos à leviandade e à desobediência aos pais”, além do que considerava desfavorável o sistema de internato devido a pouca higiene e à “vida vegetativa” a que submetiam os alunos.

Naquele ano, 1915, já existiam, na Diocese de Santa Maria, associações religiosas, como por exemplo, a Confraria do Santíssimo, a Congregação de Doutrina Cristã, o Apostolado da Oração e a Obra das Vocações Sacerdotais, além das congregações religiosas. Ainda, segundo Probst (1989, p. 116), a partir de 1912, já havia as Conferências Vicentinas; a Associação dos Paramentos; os Marianos, sob a proteção de Nossa Senhora da Graça Divina; a Pia União da Rainha dos Apóstolos e a Guarda do Sagrado Coração de Jesus. Para revigorar o catolicismo na cidade, foi fundado, em 1915, segundo Beltrão (1979, p. 520), a União de Moços Católicos em um dos pavilhões da Escola de Artes e Ofícios, dirigida pelos Irmãos maristas.

No combate ao anticlericalismo, no Bairro Itararé, local onde predominavam as famílias de ferroviários, em 1916, a diocese já contava com a “Escola Santa Catarina” que, segundo Probst (1989, p. 116), foi dirigida, a princípio pelas irmãs franciscanas e logo depois pelas Irmãs de Nossa Senhora (*Notre Dame*). Segundo o Livro Tombo da Catedral Diocesana

⁴³⁸ LOPES, Margarida, documento datilografado, 35 páginas, s/ título, [191-], ALEV, Silveira Martins.

de Santa Maria,⁴³⁹ a Escola Santa Catarina, no ano de 1920, contava aproximadamente com 200 alunos, sendo que, em 1932, o número havia sido reduzido para 85. Esse bairro era um ponto estratégico de atuação da Igreja católica na cidade devido a grande concentração de famílias operárias da Viação Férrea.

As advertências por parte dos bispos em relação a preponderância do ensino leigo eram feitas por diversos prelados no Brasil. Citamos como exemplo a Carta Pastoral de 1916, do Arcebispo de Olinda, Dom Sebastião Leme, onde ele caracterizou o ensino leigo como “antireligioso”.

No entanto, reconhecia que a fé cristã era vivida superficialmente no Brasil, pois referiu-se à ignorância religiosa, não só dos nacionais, mas também dos intelectuais brasileiros que mostravam desinteresse: “são verdadeiros ignorantes da Ciência religiosa, não possuindo nem mesmo noções elementares”. Constatava que, no Brasil, apesar de ter uma maioria absoluta de católicos, “não temos e não vivemos vida católica (...) somos na maioria ineficiente (...) somos católicos de clausura: a nossa fé se restringe ao encerro do oratório ou à nave das Igrejas, quando fora da portada dos lugares santos tremulam os nossos pendões (...) não são bandeiras de ação, são vexilos de procissão”. Quanto aos literatos anticristãos, Dom Leme expressou, através dessa Carta Pastoral, que eles “não são leais, nem mesmo a religião católica como patrimônio espiritual da humanidade”, ao contrário “deformam as nossas crenças, truncam os nossos Evangelhos, rasgam a nossa história, desvirtuam a nossa moral, ignoram a Religião católica”. Não deixou de se referir aos intelectuais indiferentes e aos intelectuais incrédulos, aos quais reconheceu seus talentos e suas pretensões de serem reconhecidos como “ídolos” combatendo explicitamente as crenças religiosas. Dom Leme atribuiu, na mesma Carta, “a falta de uma verdadeira formação religiosa do povo o apego às superstições mais primitivas”. Daí a necessidade de a Igreja organizar-se com publicações, fundação de associações religiosas e com o Catecismo⁴⁴⁰.

As advertências dos bispos aos católicos denotam a constante luta dos agentes sociais da Igreja por espaços de ação na sociedade. No caso da educação, Santa Maria foi sendo conquistada pelos católicos com um número expressivo de escolas confessionais.

Segundo o Livro Tombo da Catedral diocesana de Santa Maria, no ano de 1920, por

⁴³⁹ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n.4, 1915-1944, p. 1 verso, 2, 2 verso, 15 verso e 16, APNSC, Santa Maria.

⁴⁴⁰ *Carta Pastoral* de Dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando a sua arquidiocese. Petrópolis, 1916. In: SILVA, Pe. Francisco Oliveira. *O Cardeal Leme e a Revolução de 1930*. Pontifícia Universidade Gregoriana, Faculdade de História Eclesiástica, Roma, 1995. (dissertação de Mestrado). Mimeografado, p. 22-24 e 88. De Pernambuco D. Sebastião Leme foi designado para o Rio de Janeiro onde, a partir de 1930, vai lograr alcançar a atuação de intelectuais católicos na política e conquistar, na Constituição de 1934, o ensino religioso facultativo nas escolas públicas do Brasil.

exemplo, o Colégio São Luiz contava com aproximadamente 195 alunos e o colégio Sant'Anna com aproximadamente 200 alunas.⁴⁴¹

Observa-se que, estando a cidade na iminência da inauguração de uma escola metodista, no ano anterior, 1921, o epíscopo, Dom Miguel de Lima Valverde, e o clero local expressaram a preocupação da Igreja católica com a difusão do ensino e da religião metodista na cidade. Para atestar que a repreensão é de cunho geral da Igreja, publicaram, no *Boletim mensal da Diocese de Santa Maria*, uma Carta Pastoral do Arcebispo de Mariana, na qual advertia não somente sobre “o perigo dos collegios acatholicos”, especificamente os metodistas, mas também sobre a difusão do metodismo. A Carta Pastoral considerava os professores metodistas como sendo “mestres hereges, ímpios, escandalosos ou infames” justificando que eles procuravam “implantar a heresia protestante no território brasileiro”.

Com esta posição preconceituosa alertavam que “outras seitas da América do Norte” há muito tempo trabalhavam no Brasil com o intuito de conquistar adeptos ao metodismo:

Usando de embustes, promessas, e até de corrupção pelo dinheiro (...) sustentados pelo dinheiro que lhes vem a rodo da América do Norte abriram colégios e institutos de artes e officios, instituíram associações de moços e senhoras. E, para não arripiarem no princípio os sentimentos religiosos do povo, propalavam que nada tinham com a religião que deixavam inteira liberdade aos alunos. Com esta armadilha que, dado fosse sincera já era terrivelmente nociva à fé dos meninos, procuravam lançar os mais tímidos, até que, ganhando animo pela fraqueza criminosa dos paes, arrojaram a mascara e alguns chegaram a dizer que não vinham do Norte para ensinar Àlgebra ou Geographia, senão para propagar sua religião (...) os alunos são obrigados às orações rituais do protestantismo, à leitura da Bíblia protestante, às explicações protestantes da mesma, à assistência enfim do culto desses missionários (...) sem o ensino cathólico saem imbuídos dos erros protestantes, e ou se fazem protestantes, ou se tornam de todo indiferentes as cousas religiosas, que é mal ou quase igual a apostasia (...). Por isto brademos aos pais, com todas as forças d'alma que por nenhuma razão, por nenhuma conveniência, por nenhuma solicitação de amigos, confiem seus filhos ou pupillos a collegios protestantes, nem a mestres ímpios, ou de maus costumes. Cosa triste é a ignorância, muito mais triste porém é o erro em ponto de religião. Confiar filhos a mestres hereges ou collegios heterodoxos, é po-los no caminho direto da condenação eterna.⁴⁴²

A Carta Pastoral não somente advertiu sobre o perigo para a *alma* do aluno, na visão clerical, mas também para o compromisso dos pais perante Deus, sendo considerado “um pecado gravíssimo contra o amor e cuidado que devem a seus filhos”. Os pais não deveriam matricular os seus filhos nas escolas protestantes, mesmo que fosse de forma gratuita. Aos

⁴⁴¹ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 1 verso, 2 e 2 verso, APNSC, Santa Maria.

⁴⁴² PIMENTA, D. Silvério Gomes. “Pastoral D. Silvério Gomes Pimenta. Arcebispo de Marianna sobre o perigo dos collegios acatholicos”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IX, nº. 3-5, mai. 1921, p. 63-67. AMSM, Santa Maria.

que permitissem que seus filhos estudassem em escolas acatólicas incorreriam “na excomunhão maior reservada ao Papa, de modo especial, como fautores de heresia, porque confiar alunos a esses collegios é manifesta proteção dada aos mesmos, e à causa que elles propugnam”. A Carta Pastoral também conclamava os católicos a resistir tenazmente à propaganda protestante se quisessem uma pátria verdadeiramente livre, pois considerava que o principal objetivo dos protestantes norte-americanos era dominar o Brasil.⁴⁴³

Na Carta Pastoral, em tom agressivo e radical, o prelado católico se nivelava àqueles que considerava seus opositores. Percebe-se, na fala do bispo, a intolerância e agressividade para impor a obediência aos católicos.

Em abril de 1923, no semanário católico *O Santamariense* foi lembrado aos leitores que, no ano de 1922, ano de inauguração do colégio metodista em Santa Maria, o Bispo de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde, mandou publicar no *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria* e no *Diario do Interior*, uma circular advertindo os pais a não matricularem seus filhos em escolas protestantes sob pena de “encorrerem na excomunhão”. Trechos da circular reproduzidos nesse semanário diziam que os colégios protestantes “fazem proselitismo, mascarando com programas e prospectos que afirmarão o maior respeito à liberdade religiosa dos alunos, inteira observância da vontade dos pais (...)”. Encerrava o artigo alertando aos pais, pois se eles mandassem seus filhos às escolas protestantes “exporiam seus filhos ao gravíssimo perigo de perder a fé.”⁴⁴⁴

Em agosto de 1922, a Sociedade Metodista de Senhoras, dos Estados Unidos, havia fundado “um colégio para a educação aprimorada das meninas gaúchas”. As aulas no Colégio Centenário em Santa Maria tiveram início com as missionárias norte-americanas Eunice Andrew e Louise Best, iniciaram com sete meninas, sendo que em 1923, começaram a construção do primeiro prédio.⁴⁴⁵ O nome do colégio homenageava os cem anos de trabalho missionário da Igreja Metodista dos Estados Unidos no Brasil e também o centenário de emancipação política do Brasil.

⁴⁴³ PIMENTA, D. Silvério Gomes. “Pastoral D. Silvério Gomes Pimenta. Ibid. p. 65.

⁴⁴⁴ “Collegios protestantes”. *O Santamariense*. Santa Maria, 12 abr. 1923, ano 1, n. 37, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

⁴⁴⁵ Cf. JAYME, Eduardo Menna Barreto. *O Metodismo no Rio Grande no Sul*. Porto Alegre: 1963, p. 107.



Ilustração 33 - Colégio Metodista Centenário, localizado à Rua Dr. Turi em Santa Maria (Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso).

Na semana seguinte, antes da chegada do novo bispo⁴⁴⁶, aquele semanário católico publicava uma Resolução da Província Eclesiástica de Mariana, Minas Gerais, para reforçar o artigo anteriormente publicado com a circular do Bispo local advertindo sobre o ensino protestante. Essa Resolução dos bispos mineiros também exortava as famílias católicas a não matricularem seus filhos em escolas protestantes. Recomendava “aos vigários e ao clero em geral a serem vigilantes contra os propagandistas do protestantismo, do espiritismo e outros erros”. Assim exortava-os:

Nunca assistam pregações protestantes ou as seções espíritas, nunca leiam livros, folhetos ou jornais de nenhuma destas seitas, nunca mandem seus filhos a colégios de protestantes ou espíritas, nunca tomem parte de festas promovidas pela maçonaria ou qualquer outra seita.⁴⁴⁷

Assim, no final da década de 1920, a cidade de Santa Maria já contava com algumas escolas dirigidas por leigos, levando a nova autoridade máxima da Igreja católica da cidade a se manifestar sobre o ensino, no intuito de assegurar que os filhos de pais cristãos fossem educados em escolas dirigidas por religiosos católicos.

O fato foi registrado pela maçonaria local, como atesta a circular dirigida ao GORGS, assinada pelo Grande Secretário Geral de Porto Alegre, advertindo que o bispo de Santa Maria, Dom Ático Eusébio da Rocha (1923-1929),⁴⁴⁸ havia enviado uma circular declarando

⁴⁴⁶ O Bispo D. Miguel de Lima Valverde foi transferido de Santa Maria para Recife, onde tomou posse como Arcebispo de Olinda e Recife, em 23 de julho de 1923. A diocese católica de Santa Maria foi assumida por D. Ático Eusébio da Rocha, no dia 27 de maio de 1923, permanecendo em Santa Maria até 1929. Em abril de 1929, ele foi transferido para a Diocese de Cafelândia/ SP, como primeiro Bispo daquele local. Cf. SANTOS, Zozymo Lopes. *Três Jubileus Católicos em Santa Maria: registros cronológicos nominais*. Santa Maria: UFSM, 1985, p. 39 a 43.

⁴⁴⁷ “A voz dos Bispos brasileiros”. *O Santamariense*. Santa Maria, 19 jul. 1923, ano 1, n. 51, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

⁴⁴⁸ A chegada do Bispo D. Ático Eusébio da Rocha foi saudada com banda de música na estação de trem da cidade quando compareceram, além dos eclesiásticos, autoridades civis e militares como: o Intendente Municipal, Coronel Ernesto Marques da Rocha; o Tenente da 5ª Brigada Militar, (sic) Torres; o Dr. Deodoro

que incorrerão em erro gravíssimo, sob pena de excomunhão todos os pais que colocarem seus filhos em escolas que não fossem dirigidas por religiosos católicos. Na missiva, os maçons declaravam que os representantes do catolicismo “aproveitam-se do cultivo inferior, procuram impor-se pela astúcia e pela hypocresia.”⁴⁴⁹ Em resposta à atitude do bispo, o secretário da Loja Luz e Trabalho, Rodolpho Ângelo,⁴⁵⁰ escreve ao GORGS, propondo a criação, em toda a jurisdição do Grande Oriente, de colégios patrocinados pela Ordem, respondendo às perguntas sobre o combate aos colégios religiosos e até mesmo à questão entre os velhos maçons, pedindo que fossem solidários em matricular seus filhos nesses colégios.

Referindo-se ao mesmo assunto, o secretário maçom, Sylvio Planella, da Loja Fraternidade de Pelotas, também escreve, nos mesmos termos ao Irmão de confraria, ao GORGS, solicitando que as Lojas que se encontrassem em Santa Maria trabalhassem em prol do ensino leigo, pois nessa cidade “o catolicismo, aproveitando-se do cultivo inferior, e explorando mesmo as dificuldades de vida, procuram impor-se pela astúcia e pela hypocresia.”⁴⁵¹

Pelos documentos pertencentes ao GORGS, aos quais tivemos acesso, não há referência de uma escola maçônica em Santa Maria. O que acontecia era que professores que eram membros da maçonaria tornavam-se diretores de escolas públicas, como é o caso da professora Margarida Lopes ou tinham escolas particulares, como é o caso do “Gymnasio Ítalo-brasileiro”⁴⁵² de Santa Maria, com internato e externato que, conforme uma correspondência do proprietário, Umberto Ancarani, seguia um programa de ensino livre. Ainda, membros da maçonaria local foram homenageados por seus pares emprestando seus nomes às escolas públicas da cidade, como é o caso de Cícero Barreto que pertenceu à Loja Luz e Trabalho, além dos já citados, João Belém e Margarida Lopes.

Moraes Soares; o Dr. Astrogildo César de Azevedo; a família Mariano da Rocha; o Sr. Eduardo Emiliano dos Santos entre outros. Cf. Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1915-1944, p. 6, APNSC, Santa Maria.

⁴⁴⁹ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-71, 30 abr. 1927, ALEV, Silveira Martins.

⁴⁵⁰ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-72, 05 abr. 1927, ALEV, Silveira Martins.

⁴⁵¹ Loja Fraternidade, Pelotas, n. folha 45-56, 10 mar. 1927, ALEV, Silveira Martins.

⁴⁵² Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-115, s/d, ALEV, Silveira Martins.



Ilustração 34 - Umberto Ancarani, representante da Itália em Santa Maria (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).



Ilustração 35 – Interior de uma sala de aula do Ginásio Ítalo-Brasileiro de Santa Maria (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

Na obra de Vécio (2001), encontramos muitas referências aos favorecimentos que a maçonaria gaúcha legava aos seus veneráveis irmãos. Aqui queremos destacar um documento que atesta o fato de a professora Margarida Lopes ter logrado o cargo de Diretora da Escola Complementar, do Instituto Educacional “Olavo Bilac”, na década de 1920, também por intermédio da influência de seus admiradores maçons que solicitam ao Governo do Estado esse cargo, alegando que a referida professora tinha competência e preparo. A alegação se justificava por ela ter trabalhado por treze anos nesse posto no Colégio Elementar. A missiva destacava que o ensino leigo teria muito a ganhar com a nomeação da “ilustre patricia” devido as suas ideias radicais sobre liberdade de consciência, de acordo com os fins da Ordem.⁴⁵³

⁴⁵³ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-63, 01 jun. 1923, ALEV, Silveira Martins.

Podemos notar, pelas datas das correspondências, que as divergências entre maçonismo e catolicismo vão adentrando o século XX e que os termos usados pelos maçons eram de repulsa em relação ao clero católico e vice-versa. O clima era de tensão e conflito, como estamos mostrando ao longo do texto.

O anticlericalismo maçônico também é destacado por Azzi (1994, p. 128-131), quando o autor cita fragmentos de notícia de alguns jornais do início do século XX em Salvador como, por exemplo, um artigo do *Diário de Notícias* onde condenava a vinda dos jesuítas para o Brasil, acusando-os de falhas gravíssimas em sua terra de origem e “que aqui pretendem ficar montando colégios e mais outras coisas”, recomendando que as pessoas “não entreguem sem provas de idoneidade seus filhos a educadores cujos precedentes não sabemos”.

O articulista, antijesuíta, referia-se também à preocupação de os jesuítas exercerem ainda funções religiosas, ao que Thales de Azevedo responde em editorial:

Esse distendido arrazoado é um daqueles em que o anticlericalismo, insistindo em dizer-se isento de preconceitos e de irreligião, se dissimula em preservação para com os discípulos do místico de Manresa. Ao invés das medidas pelas quais se bate o que suscita é a campanha contra os jesuítas recebidos na cidade, e contra a Companhia de Jesus.

Se, no final do século XIX, o anticlericalismo maçônico prosperou e cooptou os principais segmentos da intelectualidade e dos políticos gaúchos e, com sua instrução popular, encaixou-se no espírito filantrópico, no século XX, a Igreja católica conquista espaços importantes no campo educacional e cria uma rede de escolas tendo como clientela parte importante da elite gaúcha.

Segundo Colussi (1998, p. 450-451), a maçonaria, para garantir espaço e influência, direcionou-se, cada vez mais, às iniciativas voltadas para os segmentos populares, criando escolas para priorizar a instrução popular através de aulas noturnas para trabalhadores e filhos de trabalhadores. Em sua análise, os maçons admitiam que o crescimento e a influência dos colégios jesuítas e de outras congregações católicas no Rio Grande do Sul foram ajudados pelos próprios maçons quando matriculavam seus filhos nesses colégios: “enquanto que nas lojas dizem que é necessário bater o jesuitismo”.

Em outra esfera da sociedade, o número expressivo de ferroviários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul levou à direção da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea a se preocupar com a formação profissional de seus filhos. Em 1922, mesmo ano da Semana da Arte Moderna e da fundação do Partido Comunista do Brasil, o napolitano

padre Caetano Pagliuca negociou, em Santa Maria, com a Associação da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, a direção da Escola de Artes e Ofícios masculina para os Irmãos maristas. Assim, o ensino profissional foi orientado pelo Instituto Paraobé da Escola da Engenharia de Porto Alegre e o diretor foi Augusto Ribas.

Sob a direção dos Irmãos maristas, a Escola de Artes e Ofícios masculina foi inaugurada dia 1º de maio de 1922, frequentada pelos filhos dos associados da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em um terreno, na Avenida Rio Branco. A escola cumpriu com sua finalidade educacional por mais de 50 anos, sendo que o setor profissionalizante da “Hugo Taylor” contava com uma bem montada carpintaria, marcenaria, ferraria, forjas e ajustagens, mecânica, eletricidade, modelagem e funilaria. Os alunos tinham aulas teóricas pela manhã e à tarde oficinas onde aprendiam técnicas de pintura decorativa e plástica, de solda, de escultura em madeira, oficina de estofaria e oficina de eletricidade. Já os cursos noturnos eram para os funcionários da Viação Férrea.⁴⁵⁴



Ilustração 36 – Em segundo plano, o prédio de dois andares é a antiga Escola de Artes e Ofícios “Hugo Taylor” (Seção masculina), localizada na esquina da Rua dos Andradas com a Avenida Rio Branco, em Santa Maria (Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso).

⁴⁵⁴ Cf. PEREZ, Carlos Blaya. *A fotografia na narrativa histórica: “o resgate da história da Cooperativa de Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul”*. 1998. Campinas, Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Campinas, SP, 1998; COSTA BEBER, Cirilo. *Santa Maria 200 Anos: História da Economia do Município*. Santa Maria: Pallotti, 1998.



Ilustração 37 – Parte da fachada da antiga Escola de Artes e Ofícios “Hugo Taylor” (Seção masculina), localizada na Avenida Rio Branco, em Santa Maria (Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso)

Para as filhas dos ferroviários, foi criada uma escola feminina de Artes e Ofícios, a “Escola Santa Terezinha”, fundada em 1º de junho de 1923, em frente à Praça Cristóvão Colombo, atual Praça Eduardo Trevisan, com 21 alunas matriculadas, sendo que a Cooperativa da Viação Férrea do Rio Grande do Sul entregou às irmãs franciscanas o ensino profissionalizante que contou com 60 alunas, as quais, nessa escola, recebiam aulas de corte, costura, bordado, música, culinária e economia doméstica. Foram criados cursos de confecção de chapéus e arranjos florais. A escola era bem conceituada, devido à procura pelo seu ensino. Possuía refeitório, lavanderia, padaria, capela e instalações para funcionamento de um internato. Ao concluir o curso, as alunas saíam aptas para dar aulas nas escolas de alfabetização mantidas pela Cooperativa. No ano de 1930, a escola recebeu 343 alunas, das quais 50 internas.⁴⁵⁵

Segundo Belém (2000, p. 228), em 1931, o corpo docente da Escola de Artes e Ofícios contava com 15 professores, 12 mestres de oficina, na seção masculina e 18 professoras, na seção feminina, sob a direção da madre Diethilde. Em 1933, matricularam-se 789 alunos, dos quais 561 externos e 100 internos e 128 aulas noturnas. Na seção feminina, 517 alunas externas e 80 internas.

⁴⁵⁵ Cf. PEREZ, Carlos Blaya. *A fotografia na narrativa histórica: “o resgate da história da Cooperativa de Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul”*. 1998. Campinas, Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Campinas, SP, 1998; COSTA BEBER, Cirilo. *Santa Maria 200 Anos: História da Economia do Município*. Santa Maria: Pallotti, 1998.



Fachada da Escola de Artes e Ofícios (Secção Feminina) da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea - Fonte: Relatório da Cooperativa dos Empregados da VFRGS - Exercício de 1929

Ilustração 38 – Fachada da Escola de Artes e Ofícios “Santa Terezinha” (Seção feminina), localizada em frente à atual Praça Eduardo Trevisan. (Fonte: Relatório da Cooperativa de Consumo dos Empregados da VFRGS, 1929 - Casa de Memória Edmundo Cardoso)

Todavia, em 1943, com a crise pela qual passava a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o Estado encampou a escola feminina de Artes e Ofícios bem como todo o seu patrimônio, passando a Escola a chamar-se Colégio Manuel Ribas, conhecido como “Maneco.”⁴⁵⁶

Outras congregações religiosas católica foram encarregadas de atuar na rede de ensino administrando escolas na cidade. As Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria, por exemplo, dirigiram a Escola Ferroviária “Instituto Rui Barbosa” e, a partir de 1933, a Escola Coração de Maria, no Bairro Nossa Senhora das Dores (Rubert: 1957, p. 156 e 230).

Como podemos observar, congregações religiosas estavam atuando junto a um segmento social muito importante para o Estado, a classe operária, atingindo, assim, a formação de suas famílias.

Por outro lado, para dar ênfase à influência do ensino particular católico na cidade de Santa Maria, o semanário católico *O Santamariense* passou a publicar alguns dados sobre essa questão. Desde suas primeiras edições deu ênfase às escolas particulares sob orientação católica, que funcionavam na cidade nos anos de 1920. Assim, em dezembro de 1922, comunicava que, além dos colégios Sant’Anna e Santa Maria, existiam na cidade as escolas Santa Rosa, que funcionavam na Rua Tuiuti, numa casa cedida pela senhora Geni Cunha da Rocha e dirigida por Moreninha Cavalheiro, com 66 alunos; a Escola Santa Terezinha, fundada em 1920, localizada na antiga Chácara da Baronesa, hoje local do Convento das Irmãs Franciscanas, onde atuava a professora Ida Moroni, naquele ano com 54 alunos matriculados; o Colégio São Luiz, dirigido pelo padre Pagliuca, com 160 alunos e a Escola

⁴⁵⁶ BELÉM, João. *História do Município de Santa Maria, 1787-1933*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000, p. 227.

Nossa Senhora das Dores, com 97 alunos. Esta tinha como diretora uma religiosa auxiliada pela professora Ida Grassi.⁴⁵⁷

No ano seguinte, o semanário católico noticia também o número de alunos das seguintes escolas católicas: Santa Catarina⁴⁵⁸, com 63 alunos matriculados, a Escola Santo Antônio, com 48 alunos e a existência da Escola Coração de Jesus.⁴⁵⁹

Como era difundida a concepção de que a Igreja era retrógrada e atrasada em relação às outras religiões e à ciência por sua postura conservadora e tradicional, no órgão *O Santamariense* foi publicado, em 1922, um artigo, em forma de diálogo estabelecido entre um aluno católico e um professor anticlerical, o qual em suas aulas não se cansava de criticar a Igreja. As indagações do pretense aluno diziam respeito às contribuições de escritores, artistas, inventores e cientistas à história da humanidade. Para mostrar, indiretamente, ao suposto professor que clérigos da Igreja católica, desde a Antiguidade, haviam contribuído para a cultura, o aluno perguntava se o professor sabia quem havia conservado os antigos clássicos, obras-primas da Antiguidade que resistiram aos bárbaros da Idade Média. Ao que o professor teria respondido que haviam sido salvos pelos monges que copiaram, com cuidado, folha por folha e as guardaram em seus mosteiros e conventos. Teria citado como exemplo uma Bíblia e obras literárias de Tito Lívio, César, Cícero e Vergílio⁴⁶⁰.

As perguntas do aluno teriam seguido nesse sentido para que o professor, no caso do *O Santamariense*, o leitor da cidade, reconhecesse ou, se não soubesse, ficasse informado que muitos membros do clero católico haviam contribuído, desde a Antiguidade, com o progresso.

Assim, naquele artigo, o semanário católico informava que quem desenhou o mapa da Europa em 1450, o qual despertou em Cristóvão Colombo e Vasco da Gama o interesse pela exploração, foi o Irmão Mauro; que foi o Papa Silvestre II quem introduziu os algarismos arábicos na aritmética; que foi o franciscano, Rogério Bacon, quem inventou o telescópio e o microscópio, falecido em 1292, “um moderno muito prematuro”; que Copérnico era um cônego, o qual descobriu que a terra girava em torno do sol, e antes dele o Bispo de Rogenburg, Regimontarus, falecido em 1476, já havia se antecipado nesses experimentos. Informava também, através do “diálogo”, que a Renascença foi considerada o “Século de Leão X”, porque esse Papa teria favorecido muito às letras, às ciências e às artes; que João Batista de la Salle teria sido o primeiro a abrir escolas gratuitas; que um abade de L’ Epée, o

⁴⁵⁷ “Colégios e Escolas”. *O Santamariense*. Santa Maria, 28 dez. 1922, ano 1, n. 22, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

⁴⁵⁸ O edifício da Escola Santa Catarina foi inaugurado dia 24 de junho de 1916, com quase 80 alunas, no Bairro Itararé. Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, ano IV, n. 7, p. 111. AMSM, Santa Maria.

⁴⁵⁹ “Colégios”. *O Santamariense*. Santa Maria, 01 mar. 1923, ano 1, n. 31, p. 3, ACMEC, Santa Maria.

⁴⁶⁰ “Os padres são inimigos da ciência?” *O Santamariense*, Santa Maria, 02 nov. 1922, ano I, n. 14, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

francês, Pedro de Ponce, teria sido o primeiro a se ocupar dos surdos; que um monge, Bertholdo Schwars, teria inventado a pólvora; que outro monge, Guido d'Arezzo, inventou a escala musical e as leis da harmonia das notas musicais; que um monge da Baviera, no ano 1000, teria inventado a pintura sobre o vidro; que o jesuíta Cavalieri teria inventado a policromia, em 1747 e outro jesuíta a análise espectral; um premonstatense, Procópio Divisch, teria inventado o para-raio, em 1754; que ao padre brasileiro, Bartholomeu de Gusmão devemos os balões e ao dominicano Alexandre Spina, que viveu no século XIII as lunetas; os relógios, a Cassiodoro, em 505, cujo invento foi inspirado por Silvestre II; o gás, aos jesuítas ingleses de Stonyhurst (1794) e a bicicleta, ao padre Pricenton, em 1845.

As estratégias de domínio do conhecimento eram publicizadas, pois os representantes da Igreja católica haviam sido frequentemente acusados de atrasados, mentirosos e hipócritas. Não havia mais o monopólio das crenças, tanto o campo educacional como o campo religioso eram campos de lutas destinado a transformar a cidade. A religião que conseguisse sobrepor-se ou monopolizar esse capital específico, das crenças, possuiria o fundamento do poder ou da autoridade na cidade. Nesse campo, percebe-se que os atores sociais das diferentes crenças tinham em comum certo número de interesses fundamentais. Aqueles antagonistas apostavam, dentre outras coisas, na educação, *capital cultural* e na catequese, *capital de bens de salvação*.

Esses bens acumulados que se produziam na escola, na família, no templo e na sociedade, precisavam ser *distribuídos, acumulados* para que o campo religioso católico se mantivesse hegemônico e a imprensa foi um dos meios para que isso acontecesse.

Em outubro de 1924, no artigo “Ciência e Fé”,⁴⁶¹ os articulistas do semanário católico procuram, mais uma vez, dar uma resposta àqueles que julgavam a fé inimiga da ciência dizendo que, embora tenham existido sábios incrédulos, muitos cientistas tinham fé em Deus. Citam, dentre eles, Pasteur e Newton.

Assim, com o intuito de promover, na paróquia, o ensino religioso, em 1923, foi fundada, em Santa Maria, sob os auspícios dos católicos, uma associação denominada “Instrução”. Segundo *O Santamariense*, funcionava na Rua Tuiuti e na Avenida Gaspar Martins, atual Avenida Nossa Senhora Medianeira. A intenção era estabelecer outra sede na Rua 7 de setembro. As aulas eram gratuitas, sendo aceitas contribuições espontâneas. A diretoria da associação era composta pelas seguintes pessoas: Maria José Machado Borges, Nicota Niederauer, Maria Philbert e padre Caetano Pagliuca.⁴⁶²

⁴⁶¹ “Ciência e Fé”. *O Santamariense*, Santa Maria, 02 out. 1924, ano III, n. 10, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

⁴⁶² “Escolas parochiaes”. *O Santamariense*. Santa Maria, 18 jan. 1923, ano I, n. 25, p. 4, ACMEC, Santa Maria.

Na gestão do intendente Manoel Ribas,⁴⁶³ em 1929, surgem novas Escolas a partir da Olavo Bilac: a Escola Estadual Manuel Ribas, o Colégio Estadual Maria Rocha e a Escola Estadual Marieta Dambrósio. Somente em 1938 foi inaugurado o prédio atual da Escola Olavo Bilac, na gestão da professora Alda Saldanha.⁴⁶⁴

A partir de meados de 1910, articula-se um entusiasmo pela educação, visando levar o país a um lugar dentre as nações mais desenvolvidas. Por volta de 1920:

O entusiasmo pela educação cede lugar ao otimismo pedagógico que apontava idéias reformistas que afrontavam diretamente os princípios católicos. A Igreja vê a necessidade de assumir uma posição mais agressiva para não se ver marginalizada de um campo que, segundo ela, era de competência mais da família ou de qualquer grupo profissional laico, do que do Estado. Entretanto enfrentou na década de 1930 a “Escola Nova” que propunha a laicização do ensino e o monopólio pedagógico estatal. O combate a estas propostas constituiu-se nas principais bandeiras da luta do movimento católico na esfera do ensino primário, secundário e normal (Schwartzman, Bomeny e Costa:1982).

Lustosa (1991, p. 31) observa que a Igreja Católica, a partir de 1910, continuava seu empenho estratégico de se aproximar do governo para afirmar o poder e a força do poder eclesial, pois continuava preocupada com os ataques ao catolicismo, montados por membros da maçonaria, muitos deles com cargos no governo. Bruneau (1974, p. 78) destaca que, no governo do Presidente Artur Bernardes (1922-1926), por exemplo, ocorreu, por iniciativa do Estado, uma colaboração constante com o poder eclesiástico.

Os projetos de educação religiosa apontam para a tentativa de uma hegemonia do catolicismo romano e na competição com seus opositores, ainda na década de 1920, o clero católico preocupou-se em reforçar o seu quadro de pessoal investindo na formação seminarística, pois foi construído, em Santa Maria, o Seminário Menor Diocesano, no episcopado de Dom Ático Eusébio da Rocha (1923-1929), o qual foi destinado a formar sacerdotes católicos.⁴⁶⁵ Situava-se à Rua Gaspar Silveira Martins, atual Avenida Nossa Senhora Medianeira. A alteração do nome da rua não deixa de ser significativo como um bem simbólico: o nome do maçom e líder do Partido Liberal, defensor da igualdade de direitos civis e religiosos, foi substituído pelo da mãe de Jesus, invocada como Nossa Senhora Medianeira. O Seminário São José esteve sob a direção dos jesuítas por 40 anos.

No episcopado de Dom Antônio Reis (1932-1960), terceiro bispo de Santa Maria, o

⁴⁶³ Manoel Ribas, no ano de fundação da Loja Honra e Verdade, em 1914, foi membro da diretoria, como 1º Vigilante. Cf. DIENSTBACH, op.cit., p. 561.

⁴⁶⁴ BELÉM, op.cit., p. 217.

⁴⁶⁵ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1915-1944, p. 9, APNSC, Santa Maria.

edifício do Seminário foi ampliado. Mais tarde, em 1955, com a demolição do mesmo, a escola seminarística foi transferida para o Parque Dom Antônio Reis, com o nome de Instituto São José.⁴⁶⁶ Posteriormente, os seminaristas da diocese faziam os estudos superiores no Seminário Maior da Imaculada Conceição, em Viamão, que pertencia a toda a Província Eclesiástica. Alguns alunos dirigiam-se para o Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma, onde frequentavam a Universidade Gregoriana.⁴⁶⁷

Outra iniciativa, no campo educacional promovida durante este episcopado, foi tomada pelo padre palotino Caetano Pagliuca e do empreendedor Antônio Álvares Ramos, os quais fundaram, em 1927, uma escola para atender alunos provenientes de famílias carentes ou órfãos. Eles recebiam, além da formação cristã, instrução para um ofício. A escola foi denominada Escola Patronato Agrícola “Antônio Alves Ramos”.⁴⁶⁸

Ainda podemos citar aqui outras instituições da cidade de Santa Maria dirigidas por religiosas católicas: Escola Nossa Senhora de Fátima, dirigida pelas Irmãs do Apóstolo Católico (Palotinas); Pensionato Santa Terezinha, dirigido pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado; Irmãzinhas da Imaculada Conceição, com a Casa e Escola Maria Medianeira.

Assim, o progresso da cidade, trazido primeiramente com a ferrovia, motivou ainda o investimento na educação dos funcionários desse grupo social. Os ferroviários conseguiram, com a ajuda de religiosos, administrar escolas e, com o empenho dos operários, dirigir uma Cooperativa de Consumo de grande vulto na cidade que abastecia os funcionários da Viação Férrea de Santa Maria e de outras cidades do interior. Esta era uma classe de trabalhadores muito visada pela Igreja católica que alimentava a esperança de mantê-los sob seu controle, pois desejava reprimir as ideias que ela considerava subversiva e anticlerical, contra as quais lutava para que não fossem difundidas entre eles. Para tanto, o clero católico criou associações como as Conferências Vicentinas, em 1932, e a Juventude Estudantil Católica e a Juventude Operária Católica, do Colégio Santa Terezinha, em 1938.⁴⁶⁹

Na década de 1930, alguns maçons de Santa Maria ainda estavam atentos aos avanços das ordens religiosas católicas na cidade e, para lograr uma vitória nessa *competição* com o ensino católico confessional católico, o Venerável Cícero Barreto, que anteriormente, em

⁴⁶⁶ Cf. Registro Civil, pessoa jurídica, Cartório de Santa Maria, 1973.

⁴⁶⁷ No seu episcopado D. Antônio Reis ordenou 171 sacerdotes, dos quais 73 pertenceram ao clero secular, sendo que destes 62 eram da diocese de Santa Maria. Ordenou também na diocese 65 palotinos, 18 jesuítas, 8 saletinos, 5 redentoristas e 2 da Congregação Sagrada Família. Cf. RUBERT, op.cit.,1957, p. 131.

⁴⁶⁸ Em 1961, foi criado o Ginásio Antônio Alves Ramos, quando começou, então, a Escola Industrial “Antônio Alves Ramos”. Em 1972, com a extinção do Ginásio, passou a funcionar o antigo Ensino de I Grau, de 6ª a 8ª séries. Em 1982, iniciou o ensino das séries iniciais, completando o Ensino Fundamental e a Educação Infantil mantida pela Sociedade Vicente Pallotti.

⁴⁶⁹ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n.4, 1915-1944, p. 16 e 37, APNSC, Santa Maria.

1914, foi recomendado para o Grau 51⁴⁷⁰, em uma missiva dirigida ao Irmão de confraria Otto Wermann Menchem, do GORGS, solicitava que fosse localizada a tese apresentada anteriormente no Congresso maçônico sobre o ensino, no Rio de Janeiro, pois pretendia reeditar alguns capítulos devido às “descabidas pretensões do ultramontanismo relapso, tentando com suas práticas insidiosas assenhorear-se mais do ensino”.⁴⁷¹ A justificativa para tal preocupação dos anticlericais pode ser explicada pelo número considerável de escolas confessionais católicas na cidade, pois em 1932, Santa Maria contava com 12 escolas católicas que somavam 4.375 alunos, sendo que nas escolas públicas e particulares o ensino religioso católico também era ministrado.⁴⁷²

Encontramos respaldo na ênfase dada à educação pela Igreja católica na referência de Beozzo In: Pierucci (1995, p. 321-322), sobre a atuação do leigo no apostolado católico, quando o autor aponta que, no Brasil, na década de 1930, a Igreja católica preocupava-se com a formação de intelectuais católicos para combater o agnosticismo, o positivismo e o anticlericalismo, pois percebia que o número de escritores católicos, quase sem expressão, não conhecia a fundo a doutrina da Igreja. Isso era um contra-senso comparado com a grande maioria da intelectualidade brasileira que era positivista e que conhecia sua doutrina ou manifestava indiferença religiosa.

A crescente atuação das congregações religiosas católicas em Santa Maria pode ser atestada com alguns dados. Desde os anos de 1940, surgiram seis grandes institutos atendidos pelos padres diocesanos que atuam no Santuário de Nossa Senhora Medianeira e no Seminário São José: o Seminário Menor Diocesano São José; o Lar das Vovozinhas; a Escola Maria Medianeira; o Colégio Irmão José Otão; a Escola Dom Antônio Reis. A maioria da população atendida nessa área era empobrecida ou miserável.⁴⁷³

A par das análises que se desenvolveu sobre as nuances entre os agenciadores católicos e maçons, fica claro que o conflito tem como substância a conquista pelo espaço do sagrado, que é também espaço de dominação e poder, mas, poderia significar ainda, visibilidade política.

O mapeamento de outras iniciativas da Igreja católica no campo religioso vai se tornando importante, à medida que se percebe o intento de cercar o antigo Acampamento de

⁴⁷⁰ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78 - 27, 20 abr. 1927, ALEV, Silveira Martins.

⁴⁷¹ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78 – 76, A e B, 25 dez 1930, ALEV, Silveira Martins.

⁴⁷² Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 16 verso, APNSC, Santa Maria. Dos 132 estabelecimentos de ensino, até o ano de 1932, 24 eram estaduais, 57 municipais, 37 particulares, 2 militares, 8 de ensino secundário, 3 de ensino profissionalizante e 1 de ensino superior. Este foi fundado em 1931 e passou a ser chamado Escola de Farmácia e Odontologia. Cf. BELÉM, op.cit., p. 217-230.

⁴⁷³ *Revista O Santuário*, Santa Maria, 1985, AMDSM, Santa Maria.

Santa Maria, com aquele que se pensava ser o caminho da salvação e do *progresso*, ou seja, frear os avanços do liberalismo, construindo Igrejas católicas e escolas confessionais católicas romanas. Era uma forma de combater o anticlericalismo pois, segundo Colussi (1998, p.145), “a maçonaria e o protestantismo representavam as noções de racionalismo, progresso e modernidade”, contra os quais a Igreja Católica marcou com a publicação do *Syllabus*, de Pio IX.

Como pudemos constatar, a educação cristã, na cidade de Santa Maria, tinha várias vertentes, todas com o aval da Constituição liberal do Estado brasileiro, de 1891, que, ao separar a Igreja do Estado criava um problema para o episcopado católico que pretendia salvaguardar o ensino na cidade dos *erros do protestantismo*, o qual também se apresentava preocupado em salvaguardar a cidade daquilo que considerava *erros do catolicismo*.

Na continuidade desta competição pelo campo religioso, a construção de novos templos católicos em Santa Maria significava que ainda havia público a ser conquistado e que o prestígio do catolicismo aumentava, coadunando-se com o crescimento da cidade.

Em 1934, por exemplo, foi erigida, no Bairro Itararé, a Igreja Santa Catarina para assistir e acompanhar espiritualmente a vida dos operários, posto que o Bairro foi um dos espaços geográficos mais procurados pelos operários da Viação Férrea. Segundo Rubert (1957, p. 115), nesse bairro, os operários “levantavam suas modestas casas, a fim de ficarem mais próximos de seu emprego e serem favorecidos pela barateza do terreno. Em poucos anos o bairro se tornou populoso”. A Igreja do Bairro Itararé pertencia à Paróquia Catedral, porém “fazia-se sentir a necessidade de atender melhor àquela população, bem como opor uma barreira aos erros que campeavam entre os humildes trabalhadores, vítimas de atrevidos propagadores de idéias errôneas e subversivas”.

A citação de Rubert evidencia o surgimento de outro “perigo” para o catolicismo: além da maçonaria e do protestantismo, a ameaça do comunismo e do socialismo, combatidos desde Pio IX.

A Casa de Saúde, inaugurada em 1931, no mesmo bairro, foi um amplo e moderno hospital, construído com o dinheiro da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, destinado a atender os ferroviários e suas famílias. Era atendido por religiosas franciscanas e pelas Irmãs do Imaculado Coração de Maria.⁴⁷⁴ Este hospital também recebia pessoas que não pertenciam à Cooperativa da Viação Férrea.

A partir de 1967, a população do Bairro Itararé passou a contar com uma ordem

⁴⁷⁴ A informação de que as irmãs franciscanas atuaram na Casa de Saúde está no Livro Tombo da Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 16, APNSC, Santa Maria.

religiosa de Irmãs contemplativas, as Irmãs Carmelitas, as quais haviam chegado à cidade em 1935, quando fixaram residência na Vila de Nossa Senhora do Carmo. O Convento das Irmãs Carmelitas foi erigido no Bairro Itararé junto a uma capela que havia sido inaugurada em 1936, pela comunidade de alemães católicos do bairro, os quais doaram-na para a Ordem carmelitana.

Um acontecimento que pode dar a dimensão da importância dos operários da Viação Férrea para Santa Maria, em especial para esta zona da cidade, está simbolicamente representado no monumento erigido aos ferroviários, localizado no alto do morro, num lugar de destaque, do Bairro Itararé.



Ilustração 39 - Monumento aos ferroviários localizado no Bairro Itararé, em Santa Maria (Fonte: Acervo fotográfico, Museu Sacro de Santa Maria).

Uma das estratégias da Igreja católica para cercar o espaço geográfico e com isso difundir a sua doutrina foi a construção de outro templo na “zona da Praça Protestante”, ou seja, em território próximo à antiga Praça da República, em frente a qual já estava erigida a Igreja Evangélica de Confissão Luterana. Para tanto, um católico abastado, Frederico Krebs, doou na esquina da Rua Venâncio Aires um terreno que era pequeno, mas “os desígnios da Providência Divina prepararam coisa melhor”, pois outra família negociou com a Mitra Diocesana um prédio inacabado na mesma rua, em troca do terreno. Assim, em 22 de outubro de 1935, é lançada a pedra fundamental da Igreja de Nosso Senhor do Bom Fim, por iniciativa da congregação dos padres carmelitas e, em 30 de novembro do mesmo ano, é feita uma homenagem ao Bispo Dom Antônio Reis na referida Igreja. Após as comemorações, o padre Caetano Pagliuca tomou a palavra e lembrou das “diversas tentativas para a construção de

uma Igreja católica naquela parte da cidade”.⁴⁷⁵

Referindo-se a Dom Antônio Reis, o padre Pagliuca enfatizou a necessidade de combater a expansão de outras religiões em Santa Maria:

O mesmo bem espiritual colhido em tão grande abundância não há de terminar com o desaparecimento daqueles que foram protagonistas. A ereção da Igreja Nosso Senhor do Bom Fim, há de ser um centro de irradiação religiosa perene, acudindo as necessidades espirituais de milhares de recrutas que anualmente revezam nos vizinhos quartéis do governo federal, de milhares de operários que povoam a Vila Brasil, e ao mesmo tempo há de neutralizar o efeito da propaganda acatólica disseminada nessa parte da cidade.⁴⁷⁶ (grifo nosso)

Encerrando a sessão, Monsenhor Balém agradeceu as palavras do padre Pagliuca que “expressam muito bem, espiritual e material, a tal iniciativa”. Nas imediações da Igreja do Bom Fim, além da Igreja Protestante, estavam localizados o Quartel do Exército, uma pequena Fábrica de Sabão e remanescentes da Vila Operária Brasil. Assim, esses segmentos sociais, militares, operários e classe média teriam a assistência espiritual católica romana mais próxima. A Ordem do Carmo (Carmelitas Descalços), também tinha, na cidade, um Seminário Menor Carmelitano.

No segundo semestre de 1936, no mês de setembro, outro templo católico, foi inaugurado: a Igreja Nossa Senhora das Dores, num bairro onde predominavam descendentes de italianos que, desmembrada da Catedral Diocesana, tornou-se Paróquia em 1937. A nova paróquia foi anexada à casa matriz da congregação dos padres palotinos, ficando à frente da mesma o padre Caetano Pagliuca auxiliado pelos coadjutores, os padres Rômulo Niederauer Zanchi e Pedro Luiz Bottari. A casa paroquial ficou por certo tempo, de 1947 até 1949, servindo como sede do Provincial dos padres palotinos. A Paróquia Catedral passou a ser dirigida pelo clero secular.⁴⁷⁷

No citado bairro, à convite dos padres palotinos, as Irmãs de Maria de Schönstatt, da Alemanha, deram início à obra do Movimento Apostólico de Schönstatt na cidade, fundando ali o primeiro Santuário de Schönstatt do Brasil, em 1948.

A estratégia de construir Igrejas e escolas no mesmo bairro contribuiu para desenhar o perfil católico da cidade. Santa Maria, uma cidade considerada *descrente* pelo padre O’ Neil, no final do Império, apresentava-se já, no primeiro quartel do século XX, cercada de Igrejas e

⁴⁷⁵ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 25, APNSC, Santa Maria.

⁴⁷⁶ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 25 e 25 verso, APNSC, Santa Maria.

⁴⁷⁷ Livro Tombo, Paróquia Nossa Senhora das Dores, n. 1, APNSD, Santa Maria; Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, v. 4, 1915-1944, p.28 e 29, APNSC, Santa Maria.

escolas confessionais católicas, transformando-se num centro de convergência de congregações religiosas católicas.

Em 1940, o clero católico ocupa outro ponto estratégico na cidade quando os padres diocesanos compraram um edifício onde funcionava a Igreja Assembleia de Deus, na Avenida Borges de Medeiros. Após fazer uma reforma, inauguraram, em 07 de abril, a Igreja São José do Patrocínio,⁴⁷⁸ dirigida pelos Servos da Caridade, que, em frente a esta Igreja, passaram a administrar a Escola Pão dos Pobres. Essa congregação religiosa também construiu um Seminário Menor, no bairro Camobi, denominado “Cidade dos Meninos”.

Na fotografia aérea, abaixo, podemos visualizar a Avenida Rio Branco, ao centro, onde estava localizada a matriz católica e a Catedral anglicana e, na continuidade da avenida a Rua do Acampamento, onde foi erigida a Igreja metodista. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana pode ser visualizada na parte esquerda da foto, a cinco quadras do primeiro canteiro da Avenida Rio Branco, nas imediações da qual estava a Escola Estadual Olavo Bilac. A praça central faz margem ao entroncamento da Avenida Rio Branco com a Rua do Acampamento. Em frente a praça foi erigida uma das Lojas maçônicas. A Viação Férrea de Santa Maria está na parte inferior da imagem, acima da qual foi criada a Vila Belga.



Ilustração 40 – Fotografia aérea da cidade de Santa Maria, 1940. Foto de Victor N. de Camargo, Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso. In. MARCHIORI, José Newton Cardoso. MACHADO, Paulo Fernando dos Santos e NOAL FILHO, Valter Antonio. *Do céu de Santa Maria*. Santa Maria: Pallotti, 2008, p. 46.

⁴⁷⁸ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 39, APNSC, Santa Maria.

No que tange à ação dos leigos, estes foram chamados a participar de movimentos de Igreja como a Ação Católica, por exemplo, para ali formar líderes capazes de combater o comunismo, adversário da Igreja, principalmente junto às populações empobrecidas. Com a mesma intenção, são publicadas, pela Igreja católica, as Cartas Pastorais,⁴⁷⁹ redigidas por Bispos de vários Estados do Brasil, condenando o comunismo ateu e advertindo sobre o dever dos católicos em combater-los. O avanço do capitalismo nas cidades era visto como o advento de uma era dominada pela mecanização, pelo primado da técnica, capaz de acelerar o processo de laicização em curso.

Mas, a preocupação do clero católico estendia-se a outros segmentos sociais. Um exemplo, era a juventude animada a participar da Ação Católica,⁴⁸⁰ em Santa Maria num edifício praticamente anexo a atual Casa Paroquial. Em 1937, foi instalada a Junta Diocesana Provisória da Juventude Feminina de Ação Católica e da Juventude Católica Brasileira. Em 1938, surgiu a Liga Feminina da Ação Católica e também uma Associação de Professores Católicos, fundada pelo delegado de ensino de Porto Alegre, Dr. Schmitt⁴⁸¹. Em Santa Maria, a presidência, à época, ficou a cargo da Sr^a. Alda Saldanha e o curso inaugural foi ministrado pelo padre Valentim Ferrari, cura da Igreja Catedral Diocesana. O tema versou sobre a diferença entre conhecimento sensível e intelectual e condenou os conceitos de realismo de

⁴⁷⁹ *Carta Pastoral*, Arcebispo e Bispo da Província Eclesiástica da Baía, sobre o comunismo ateu, 1937; *Carta Pastoral* e mandamentos do episcopado brasileiro sobre o comunismo ateu, Rio de Janeiro, 1937; *Encyclica Divini Redemptoris* do S. S. Pio XI, sobre o Comunismo Ateu, Rio de Janeiro, 1937. AMDSM, Santa Maria.

⁴⁸⁰ A Ação Católica nasceu e se firmou na Itália, na década de 1920, no pontificado de Pio XI, quando também nascia na Bélgica em torno da classe operária. A Ação Católica significava a ação apostólica dos leigos cristãos, organizados e integrados em Movimentos reconhecidos oficialmente pela Igreja, ou seja, era a colaboração dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja. A Ação Católica teve, em cada país, sua história e suas realizações originais. O método criado pelo sacerdote belga Joseph Cardijn era: ver, julgar e agir. A Ação Católica Brasileira é oficialmente instituída com base nos Mandamentos dos Bispos do Brasil, de 09 de junho de 1935, inspirados nos Estatutos da Ação Católica Italiana. Foi organizada para homens e mulheres maiores de 30 anos e casados de qualquer idade. Também foi organizada para a juventude masculina (JCB – Juventude Católica Brasileira) e juventude feminina (JFC – Juventude Feminina Católica), na faixa etária de 14 a 30 anos. Havia sessões diferenciadas para a juventude: Juventude Estudantil Católica (JEC), para jovens de nível secundário; Juventude Universitária Católica (JUC), para universitários e Juventude Operária Católica (JOC), para jovens operários. Em determinados períodos a JUC e a JOC passaram a funcionar independentes da Ação Católica Brasileira. A Ação Católica Brasileira era distinta de todas as outras existentes, com uma metodologia e estrutura próprias, a qual visava à colaboração ou participação do leigo no apostolado da hierarquia da Igreja. Mas, em 1935, ressurgiu com intensidade a Ação Católica Brasileira, corrente crítica dentro do catolicismo. A religião passou a restringir-se à esfera privada, enquanto a Ação Católica pretendia estabelecer uma ponte entre a esfera privada e a esfera pública. Era a participação dos leigos organizados no apostolado hierárquico da Igreja, fora e acima dos partidos, para o estabelecimento do reino universal de Cristo. Surge para lutar por uma nova cristandade, isto é, por uma ordem econômica, social e política sob a direção dos princípios cristãos definidos pela Igreja. Cf. KHOURY, Yara Aun (Coord.). *Guia da Central de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”* – CEDIC - PUC-SP. São Paulo: EDUC, 1995, p. 43 e 44; GARRONE, Mons. *Ação Católica: sua história, sua doutrina, seu panorama, seu destino. Sei e Creio*. Enciclopédia do Católico no século XX, Nona Parte, Problemas do Mundo e da Igreja. São Paulo: Flamboyant, 1960.

⁴⁸¹ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 23 verso e 31, APNSC, Santa Maria.

Platão e Hobbes, dando ênfase à filosofia aristotélico-tomista.⁴⁸²

A Igreja Católica, a fim de cristianizar, a partir da escola, utilizava o movimento chamado Ação Católica visando, também, crianças e jovens, pois, segundo Augusto (1940, p. 7-44), a Igreja acreditava que o clero não era “suficiente para lutar e catequizar”, precisava da atuação dos leigos, de professores católicos para “preparar o menino para o apostolado”; “ensinar a querer” ser católico, a “ter convicções religiosas”, pois muitas crianças e jovens praticavam a religião sem saber por que e precisavam de uma “instrução religiosa sólida” através do conhecimento do Evangelho; “ensinar o menino a governar o espírito” através de seus recursos pessoais.

O bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis, empenhou-se em dar continuidade às iniciativas anteriores realizadas pelo clero para cristianizar a cidade e combater o agnosticismo além de dar atenção aos Círculos Operários, à Cidade dos Meninos e à Obra de Santo Antônio do Pão dos Pobres, instituições da diocese,⁴⁸³ incentivou também as *Conferências Vicentinas* que, em 1939, eram 8 na diocese e a Ação Católica. Esta, a partir de 1938, através da *Liga Feminina* impulsionou o surgimento de novas associações religiosas que estavam sob a jurisdição da Paróquia Catedral como: a *Congregação Mariana de Homens e Moços*, a *Missão Católica dos Militares*, a *Congregação Mariana do Ginásio Santa Maria*, a *Juventude Católica do Ginásio Santa Maria*, a *Juventude Católica da Escola de Artes e Ofícios do Círculo Operário*. Todas exclusivamente para o sexo masculino. Para o sexo feminino, formaram-se: a *Juventude Feminina da Ação Católica*, a *Juventude Estudantil Católica* do Ginásio Santa Maria, a *Congregação Mariana “Regina Apostolorum”*, a *Congregação Mariana do Colégio Sant’Anna*. Como resultado da conquista no campo religioso, em 1937, o *Apostolado da Oração* da Paróquia Catedral, por exemplo, e as *Conferências Vicentinas* contavam com 100 associados; a *Congregação Mariana*, com 80; a *União Católica dos Militares* com 30; a *Juventude da Ação Católica*, com 60 associados. Dom Antônio Reis estimulou também a *Associação Eucarística “Lâmpadas Vivas”*; a *Congregação da Doutrina Cristã*; a *Cruzada Eucarística*, que em 1937 contava com 120 associados; a *Obra das Vocações Sacerdotais* e a *Ação Social Rural*. No episcopado de Dom Antônio Reis, (1932-1960), também foi construída a Casa de Retiros, pertencente aos padres palotinos, foi erigido o prédio da Ação Católica e diversas casas paroquiais.⁴⁸⁴

⁴⁸² “Associação de Professores Catholicos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXVII, n. 123, 15 out. 1938, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

⁴⁸³ *Revista O Santuário*, Santa Maria, 1985, AMDSM, Santa Maria.

⁴⁸⁴ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 23 verso, 30 e 37, APNSC, Santa Maria.

Segundo Rubert (1957), o bispo acima referido criou 60 paróquias e 4 curatos, fundou dois pré-seminários, um em Ivorá, o Pré-Seminário “*Nossa Senhora Aparecida*”, inaugurado em 1947 e outro em Frederico Westphalen, o Pré-Seminário “*Nossa Senhora Medianeira*”, inaugurado em 1948 que, somados as 43 paróquias existentes, resultaram em 103. E ainda, de acordo com Silveira Neto (1987), promoveu a vinda dos Capuchinhos, dos Oblatos de São Francisco de Sales, dos Missionários do Coração de Jesus, dos padres Carmelitas, dos Padres do Verbo Divino, dos Franciscanos, dos Servos da Caridade, das Irmãs Carmelitas, das Missionárias de Jesus Crucificado, das Irmãs de Maria do Apostolado Católico, das Vicentinas e das Irmãzinhas da Imaculada. Época em que o ensino nas escolas primava pela erudição e conhecimento de línguas estrangeiras como o latim, o francês e o inglês.

Durante o episcopado de Dom Antônio Reis nota-se um grande investimento nos recursos humanos em torno das vocações sacerdotais, pois os seminários que ele fundou são os primeiros do sul do Brasil. Tais iniciativas foram de significativa importância para o Projeto de Restauração Católica, pois resultou numa permanente campanha em prol do campo religioso, o que significa que a diocese passou a manter sacerdotes recrutadores de seminaristas e a destinar parte das coletas financeiras para manter aqueles carentes, além dos próprios seminários.

As escolas de formação seminarística da cidade teriam sido um contra-golpe aos anticlericais que haviam desdenhado do poder da Igreja, quando consideraram a educação católica retrógrada. Percebemos que ficou explícito, nos documentos pesquisados, o quanto as religiões reformadoras não toleravam a doutrina e os dogmas da Igreja católica que passou, nessa época, a contar também com teólogos letrados defensores do Magistério da Igreja.

O campo cultural da cidade de Santa Maria tornara-se amplo. Em 1938, por exemplo, educadores e intelectuais de Santa Maria prepararam-se para comemorar o Centenário de abertura de Escolas Públicas na cidade. Nesse mesmo ano, em 12 de outubro, foi inaugurado o Centro Cultural de Santa Maria, cuja sessão aconteceu no recinto da Biblioteca Pública Municipal, localizada, à época, à Rua do Acampamento, no prédio da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, “restrito à cultura e a intelectualidade, sem distinção de credo”. Estavam presentes romancistas, teatrólogos, poetas, educadores, estudantes, músicos, cantores, representantes de diferentes credos e jornalistas. A sessão foi presidida pelo prefeito Dr. Xavier da Rocha e o orador oficial foi o Dr. Augusto Menna Barreto. Na ocasião, foi feita uma homenagem à memória de João Belém com um medalhão onde foi esculpido seu perfil

em madeira.⁴⁸⁵ Outro membro da maçonaria homenageado naquele ano foi o professor Cícero Barreto, com um retrato colocado numa das salas da Escola Olavo Bilac. A homenagem referia-se a seus serviços prestados ao ensino da cidade e aos relevantes serviços prestados “à maçonaria rio-grandense.”⁴⁸⁶

A documentação maçônica pode atestar que o interesse dos agenciadores maçons no campo educacional teria adentrado a segunda metade do século XX.

No Boletim n. 10 de 1950, da Loja Luz e Trabalho de Santa Maria, por exemplo, foi publicado que “a imprensa profana noticiou uma notícia dada pelo Vaticano sobre reunião com representantes da ordem para tratarem de reformar seus regulamentos com o objetivo de se adaptarem às exigências do mundo atual”, pois, “as ordens orientadoras da educação da mocidade vêm usando seus regulamentos de há 300 anos”.

O articulista registra que, para os maçons, “conscientes e operosos, batalhadores eternos pela libertação do espírito humano, constituiu uma vitória altamente significativa. É que a maçonaria sempre se debateu e se debaterá a fundo contra o clericalismo”. A ideia da maçonaria era livrar a sociedade desses “terríveis abutres”⁴⁸⁷.

O articulista maçom considerava uma vitória da maçonaria e incitava os membros daquela Loja a continuarem lutando contra o clero: “redobremos nossas forças porque a vacilação agora demonstrada pelos sequazes de Roma é prova inequívoca de que nossa maior inimiga – por o ser também da Evolução e da Verdade – não tardará a ruir, minada em seus próprios fundamentos.”⁴⁸⁸

Nota-se que não havia nenhuma preocupação dos maçons em reconhecer que o Vaticano pudesse ter a iniciativa de pensar em mudanças em relação à educação. Ao contrário, a maçonaria parecia estar interessada que a Igreja católica ruísse desde dentro, pois se o articulista mencionava que havia intenção do Vaticano em reformular seus regulamentos, a maçonaria, que se proclamava representante do progresso e da ciência, poderia ter reconhecido, naquele momento, que a Igreja estava tentando avançar na questão da educação

⁴⁸⁵ “A fundação do Centro Cultural Santamariense: discurso do orador oficial”. *Diario do interior*, Santa Maria, 15 out. 1938, ano XXVII, n. 123, p. 1; “A fundação do Centro Cultural Santamariense revestiu-se de excepcional brilhantismo a solenidade inaugural – O discurso do orador oficial – Outros oradores – A comissão diretora aclamada – uma hora de arte – Várias notas”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 14 out. 1938, ano XXVII, n. 122, p.1; “Inauguração da Biblioteca Pública: o acto foi solene e brilhante os discursos proferidos – Uma homenagem ao Dr. Xavier da Rocha”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 14 out. 1938, ano XXVII, n. 122, p. 2. AHMSM, Santa Maria.

⁴⁸⁶ “Homenagem posthuma a um professor: na Escola Olavo Bilac foi inaugurado um retrato do saudoso professor Cícero J. Barreto – os discursos proferidos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 16 out. 1938, ano XXVII, n. 124, p. 2. AHMSM, Santa Maria.

⁴⁸⁷ Ibid. Id.

⁴⁸⁸ Loja Luz e Trabalho, Boletim n. 10, “Três Séculos de Atrazo”, Ir. Raposos, Santa Maria, n. folha 78 -105, nov. 1950. ALEV, Silveira Martins.

ou os maçons. Poderiam ter se colocado em compasso de espera para depois emitir seus pareceres. Mas o clima ainda era de intolerância.

5 A COROAÇÃO DA RESTAURAÇÃO CATÓLICA NO RIO GRANDE DO SUL

5. 1 Com Nossa Senhora Medianeira um valor maior se levanta: um operário ideal, cristão e anticomunista

Neste capítulo, vamos priorizar o processo de construção da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças a partir da situação política no Estado do Rio Grande do Sul e da realidade religiosa de Santa Maria, pois entendemos que tal devoção vai ser (re) conhecida na cidade e no Estado a partir de um fato histórico ocorrido na Revolução de 1930. Para tanto, vamos dividir o capítulo em seis partes. Nesta primeira, interessa-nos abordar alguns aspectos geradores de tensão nos anos que antecederam a Revolução de 1930, os quais poderiam justificar as intervenções da Igreja católica no campo sócio-político.

Nas outras seções deste capítulo trataremos de mostrar de que forma o clero católico interpretou os acontecimentos da Revolução de 1930 em Santa Maria e, a partir da sua interpretação, como procurou reverter o quadro de influência da Igreja católica, no período pós-revolucionário, especialmente no campo religioso e, ainda, como o Estado teria se apropriado do prestígio da Igreja.

Se a presença de congregações religiosas católicas em escolas públicas destinadas a filhos de operários foi importante para o catolicismo em Santa Maria como apoio para catequizar a juventude e combater anticlericais, os protestantes e os espíritas, um outro fator decisivo para o êxito das iniciativas de conquista de *almas* para a diocese católica em Santa Maria, junto à sociedade, seria a introdução e a divulgação da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. A forma como essa devoção vai ser popularizada na cidade poderia ser vista como uma eloquente resposta do prestígio do catolicismo aos protestantes, aos anticlericais e àqueles que não a aceitavam.

Essa devoção chegou a Santa Maria, no final dos anos de 1920, com o então seminarista da Companhia de Jesus, Inácio Rafael Valle. A cidade plural no campo das crenças, entre os anos de 1900 a 1930, também foi um centro de circulação de ideias, graças à ferrovia onde transitavam muitos operários.

Vamos considerar Inácio Rafael Valle⁴⁸⁹ um homem letrado para o seu tempo, por sua

⁴⁸⁹ Nascido em 1902, em Nova Trento, Santa Catarina, Inácio Valle estudou no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, entre 1924 e 1927. Fez o estágio como professor e Prefeito dos alunos no Seminário São José, em Santa Maria, no ano de 1928, à época dirigido pelo Reitor Pe. Germano Middeldorf S. J. Em 1931 passou a residir em São Leopoldo onde terminou seus estudos eclesiásticos, no Seminário Central. No dia 06 de novembro de 1934, Inácio Valle foi ordenado sacerdote em Santa Maria, na capela do Seminário São José em cerimônia presidida pelo Bispo D. Antônio Reis. No entanto, o sacerdote jesuíta exerceu grande parte de sua

formação seminarística. Ele chegou a Santa Maria, em 1928, para estagiar como professor no Seminário São José, onde estimulou a devoção mariana invocada como Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. O caminho que ele seguiu para abrir *portas* à Igreja foi através de uma devoção “maternal”, conseqüentemente obediente, boa, sensível, subjetiva. A devoção como *capital simbólico* era repleta de significados que não eram atribuídos ao Estado.



Ilustração 41 – Pe. Inácio Rafael Valle (Fonte: PAIXÃO, Dinara Xavier da. Pe. Inácio Valle e a devoção a Nossa Senhora Medianeira. Santa Maria: Pallotti, 2003, p. 79).

As iniciativas deste jesuíta vieram se somar aos esforços do padre palotino Caetano Pagliuca e dos bispos de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde e Dom Antônio Reis e do Arcebispo metropolitano, Dom João Becker, no processo de consolidação do projeto de Restauração Católica no Rio Grande do Sul e, de modo especial, em Santa Maria, tendo-se em vista, principalmente, as tensões e conflitos da cidade no campo religioso, já explicitado, e o crescimento e a formação da classe operária, no final do século XIX e início do século XX.

Em relação à questão social, o devoto da Medianeira considerava que o futuro da classe operária dependia de sua organização estar fundamentada na Doutrina Social Cristã. E, para tanto, a atuação da Igreja católica em Santa Maria se estendia à educação dos filhos dos ferroviários e também a outros segmentos do próprio operariado, pois, segundo Rambo (In: Dreher: 1998, p. 156), a ideia de cuidar do operariado urbano também estava balizada no

vida apostólica em Porto Alegre, de 1937 a 1982. Na capital gaúcha, foi Assistente Eclesiástico dos Círculos Operário de Porto Alegre, divulgou a devoção a Nossa Senhora Medianeira e, junto com outros companheiros, construiu, aproximadamente, doze obras assistenciais como: a Casa de Formação “Nossa Senhora Medianeira”, no Bairro Belém Velho, a Policlínica Santo Inácio, inaugurada em 1948, o Colégio Santo Inácio e a Casa de Retiros. Cf. SIMONETTI, Pe. Breno. *História de um Seminário: 50 anos do Seminário Diocesano de Santa Maria 1926-1976*. Santa Maria: Pallotti, 1976, p. 20; PAIXÃO, op.cit..

Projeto de Restauração Católica.

Na ótica católica, a apropriação da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças haveria de, não somente proteger a cidade, mas contribuir para cristianizar a classe operária e “protege-la” das ideias originárias do anarquismo e do socialismo. Em Santa Maria, a significativa concentração de operários tinha peso no Estado nos momentos de mobilização da classe em torno da organização de sociedades de caráter reivindicatório.

Para a Igreja, Nossa Senhora, sob a invocação de Medianeira de Todas as Graças, seria a mediadora entre o povo oprimido (operário) e a elite dirigente. Assim, essa devoção não representaria somente o invisível, o miraculoso, o transcendente, mas a ação concreta em benefício do povo.

No entanto, pela nossa análise do contexto histórico anterior a esta devoção mariana em Santa Maria, podemos afirmar que ela viria *coroar*, a médio prazo, o Projeto de Restauração Católica na diocese como uma resposta do clero local aos anticlericais, aos protestantes e também aos comunistas.

A devoção mariana do padre Valle viria ao encontro das preocupações da população católica da cidade e da diocese, pois o clero, ciente do anticlericalismo na localidade ao temer o avanço do comunismo entre os operários, vai legitimar, juntamente com a população católica local, a iniciativa do jesuíta dotando a cidade de uma devoção mariana e, como iremos perceber, visando principalmente à classe operária. Tal iniciativa seria uma desvantagem para os anticlericais, pois suas críticas em relação à situação financeira privilegiada da Igreja, em detrimento do desinteresse pela situação da classe operária, perderiam terreno.

As insatisfações da classe operária em relação ao empregador era latente e em contato com o Movimento Operário de outros países, tomava consciência, desde o final do século XIX, da necessidade de se organizar politicamente para conquistar seus objetivos trabalhistas.

A classe trabalhadora foi conclamada, através do *Manifesto Comunista*, a derrubar o capitalismo, através de revolução. Era uma luta de classes entre os donos do meio de produção e aqueles cujo trabalho era explorado para fornecer riqueza à classe alta. As ideias de Marx se expandiram e influenciaram as últimas décadas do século XIX.

A questão do trabalho operário também foi tema da Encíclica *Rerum novarum*, publicada em 1891, pelo Papa Leão XIII (1878-1903),⁴⁹⁰ onde ele definiu a Doutrina Social

⁴⁹⁰ Disponível em: < <http://www.multimedios.org/terra/t000003.htm> > Biblioteca Cristã. Acesso em: 09 ago. 2005. O Papa Leão XIII também publicou a Encíclica *Quod apostolici muneris* condenando os erros do socialismo, do comunismo e das sociedades secretas.

da Igreja Católica quando defendeu os direitos dos trabalhadores e as responsabilidades do capital e do trabalho; tratou do trabalho como uma atividade destinada a promover o ser humano e defendeu os direitos dos trabalhadores à organização de associações com o intuito de conseguir condições de trabalho e salários mais justos.

A Igreja católica, através da Santa Sé, atuava claramente contra o liberalismo, anarquismo e o comunismo para que essas ideologias não se enraizassem no meio operário. Dita posição tinha por base a Doutrina Social da Igreja expressa, também, na Encíclica *Divini redemptoris* que considerava o comunismo como sendo uma ideia falsa de redenção, com um pseudo-ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade no trabalho. Considerava que referida ideologia iludia as massas com falsas promessas e com um entusiasmo contagioso, numa época em que, conforme o Papa destacava, a população vivia numa defeituosa distribuição da riqueza.⁴⁹¹

Após a Primeira Guerra Mundial, na Europa, são implementados regimes democráticos em detrimento do desaparecimento dos grandes impérios europeus. Muitos países europeus, a partir do Tratado de Versalhes, em 1918, voltam-se para a codificação das legislações sociais e a elaboração de uma carta internacional do trabalho, abordando as relações entre empregadores e empregados. Embora tenham se estabelecido repúblicas democráticas na Europa, após a Primeira Guerra Mundial, a Rússia, dominada pelas facções do partido comunista, enfrentou uma guerra civil que finalmente colocou no poder os bolchevique que estavam convencidos de que ofereceriam ao mundo um exemplo de alcance universal. Esse País passa a ser a esperança de uma parte da classe operária mundial, pois o socialismo havia sido vencido na Europa e ela, para conter o avanço do comunismo, isola a Rússia. Era a “política do cordão sanitário”, a fim de “impedir o contágio, a multiplicação dos micróbios no organismo europeu”.⁴⁹²

Em relação à classe operária no Rio Grande do Sul, Petersen (2001, p, 34-53) informa que as Sociedades de Socorros Mútuos antecederam as organizações sindicais que haviam sido proibidas pela Constituição de 1824. Os sindicatos operários somente serão organizados no governo Vargas, pois até então surgem como ligas ou associações, daí a preocupação com o operariado cristão.

Existiam fundamentalmente três tipos de sindicatos ou sociedades de resistência durante a Primeira República: as associações pluriprofissionais, reunindo operários

⁴⁹¹ Disponível em: <[http:// www.multimedios.org/terra/tooooo3.htm](http://www.multimedios.org/terra/tooooo3.htm)> Biblioteca Cristã. Acesso em: 09 ago. 2005.

⁴⁹² Cf. RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 53.

de diferentes ofícios e diferentes ramos industriais; as sociedades por ofício, reunindo operários de determinados ofícios e quando muito de alguns ofícios similares; e por último, os sindicatos de indústrias ou ramo de atividades.

O número significativo de ferroviários em Santa Maria propiciou, no ano de 1908, a fundação da Sociedade de Amparo Mútuo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com o intuito de defender o interesse dos operários que haviam entrado em greve. Segundo Beltrão (1979): “eram cerca de 300 grevistas que retêm os trens e impedem as locomotivas de funcionar. Os grevistas das oficinas da Viação Férrea não queriam acatar ordens do chefe geral da mesma, eles retêm os trens, apagam as fornalhas e tiram a água das caldeiras das locomotivas”.

Vale lembrar que a classe operária mais significativa em Santa Maria, no início do século XX, concentrava-se na *Compagnie Auxiliaire de Chemins du Fer du Sud-Ouest Brésilien*, que teve como primeiro presidente o banqueiro belga Franz Philippson.⁴⁹³

A greve referida por Beltrão aparece também no estudo de Perez (1998). Segundo o autor, em 1906,⁴⁹⁴ a Companhia da Viação Férrea do Rio Grande do Sul enfrentou uma greve dos ferroviários que queriam aumento salarial, mas foi-lhes negado. Nessa época, o seu diretor, Dr. Gustavo Vauthier, lança a ideia dos armazéns para distribuir as mercadorias, que recebe o nome de *Economat*. Como os preços começavam a subir, surgem entre os líderes ferroviários a ideia de criar uma Cooperativa de Consumo. Com a instalação das maiores oficinas da ferrovia do Estado na cidade, aumentou o número de funcionários da Viação Férrea e facilitou a criação da Cooperativa que servia para o abastecimento das suas famílias. Foi fundada em 1913 com o nome de “Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação

⁴⁹³ Franz Philippson também foi vice-presidente da *Jewish Colonization Association* (ICA), após a morte de seu fundador Barão Maurice Hirsch, em 1896. A companhia colonizadora judaica fundou o primeiro núcleo de colonização judaica no Rio Grande do Sul, em Philippson, hoje Pinhal, no município de Itaara. Essa localidade pertencia ao município de Santa Maria. Com o passar do tempo e o abandono da ICA aos colonos, os judeus foram deixando as colônias e estabelecendo-se na cidade de Santa Maria, onde muitos se dedicaram ao comércio e construíram uma sinagoga. Cf. GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 266-267.

⁴⁹⁴ No ano de 1906, realizou-se no Rio de Janeiro o I Congresso Operário Brasileiro, ocasião em que foi criada a Confederação Operária Brasileira (COB). Nesse mesmo ano, no âmbito estadual, avança a organização operária anarquista e também é deflagrada a primeira greve geral (greve dos 21 dias), durante a qual será fundada a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), “que virá a se transformar no mais importante órgão de representação e combate dos trabalhadores gaúchos”. A ideia de uma Confederação Operária havia sido lançada no seio da Liga Operária Internacional de Porto Alegre já em 1896 e gerou uma disputa entre socialistas e anarquistas. No ano de 1906, foi fundada em Porto Alegre, por anarquistas, uma escola para operários de todas as categorias, a Escola Eliseu Reclus. Mais tarde, surgem outras como a Escola Francisco Ferrer e a Escola Moderna. Em 1911, é fundada em Porto Alegre a Confederação Geral dos Trabalhadores que irá ocupar o lugar da Federação, com a finalidade de harmonizar as agremiações operárias. Cf. PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *“Que a união operária seja nossa pátria”*: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: Editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001, p. 203-295.

Férrea do Rio Grande do Sul.”⁴⁹⁵

Nessa época, a ferrovia no Rio Grande do Sul já havia sido encampada pela *Brasil Railway Company*, companhia de capital americano. A aceitação da Cooperativa foi rápida, pois possibilitava adquirir produtos básicos com garantia de entrega nos mais diversos lugares, com preços reduzidos e ainda com desconto em folha de pagamento. A Cooperativa chegou a contar com 17 armazéns e 15 farmácias funcionando simultaneamente, além de fornecer produtos de boa qualidade. Investiu na criação de um açougue, de um matadouro, uma fábrica de salsichas, uma fábrica de sabão, uma fábrica de gelo em barras, uma torrefadora de café, uma fábrica de confecções e uma lenheira. No ano de 1913, os ferroviários fundam o Sindicato de Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, mas teve curta duração.⁴⁹⁶

Embora o número de empregados da rede ferroviária fosse o mais expressivo da cidade, havia outras categorias de trabalhadores.

Segundo Petersen (2001, p. 296-360), o período de 1912 a 1916 foi assinalado por inúmeras greves em vários municípios gaúchos envolvendo diversas categorias, período em que a Federação Operária do Rio Grande do Sul esteve sob o controle dos anarquistas. A autora tem alguns registros de greves ocorridas em Santa Maria: no ano de 1912, houve greve “dos operários de pedreiras, carpinteiros e marceneiros reivindicando a jornada de 8 horas de trabalho”. Em 1913, ocorreu a greve de duas categorias: dos cocheiros “em protesto pelos maus tratos recebidos por um fiscal da municipalidade” e dos tipógrafos de um jornal, protestando “pela repressão de um companheiro”. Os dados apresentados pela autora revelam que o período era de tensão entre os operários e o Estado. Em 1916, a greve em Santa Maria foi dos cocheiros por terem sido impedidos de entrar com seus carros na estação ferroviária. Ela informa ainda que, de 1917 a 1920, os grandes centros do País são marcados por uma onda de movimentos grevistas que foram reprimidos pelo Estado, influenciados pela Revolução Russa de 1917 que irá inspirar também a fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1922.

Nesse contexto de mobilização da classe operária em Santa Maria, Diehl (1990, p. 56) cita o estudo de Marçal (1985), para informar que, em 1915, foi criada a *Congregação para a*

⁴⁹⁵ A Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em 1957, chegou a possuir mais de 20.000 sócios, dos quais 5.600 residiam em Santa Maria e eram atendidos por um grupo de mais de 200 funcionários que trabalhavam nos armazéns e farmácias e também nas seções industriais. Cf. PEREZ, Carlos Blaya. 1998. *A fotografia na narrativa histórica: “o resgate da história da Cooperativa de Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul”*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998.

⁴⁹⁶ Ibid. Id.

proteção das empregadas domésticas, que funcionava como uma agência de empregos”.

No Rio Grande do Sul, a paralisação de 1917 começou em Santa Maria, dia 31 de julho, com os operários da Viação Férrea e estendeu-se às outras cidades do Estado servidas pela Viação Férrea.⁴⁹⁷ Reivindicavam aumento salarial, jornada de 8 horas, semana inglesa e o retorno dos escritórios da Companhia para Santa Maria, no que não foram atendidos pela Companhia arrendatária que estava sob administração do americano Sr. Cartwright. Essa greve terminou em outubro, quando o governo federal ocupou militarmente a ferrovia, devido à declaração de guerra do Brasil à Alemanha. Foi quando Borges de Medeiros advogou pela causa dos operários e tiveram atendidas suas solicitações.

As insatisfações dos operários sul rio-grandenses em relação ao trabalho são externadas novamente em 1919. Em Porto Alegre, por exemplo, ocorreu uma greve entre os operários de um armazém da Viação Férrea, em virtude de terem sido despedidos dois estivadores.⁴⁹⁸ Petersen (2001, p. 296-360) registra que, naquele ano, os funcionários da Viação Férrea de Santa Maria realizaram uma outra greve em protesto pela demissão de companheiros, na qual foram vitoriosos.

Naquele mesmo ano, no dia 10 de dezembro, o jornal *Diario do Interior* registrou que, na cidade de Santa Maria, foi fundada uma sociedade operária com escola, biblioteca e sede social, com o nome de União Geral dos Trabalhadores, à Rua Silva Jardim, nº. 125. Contou com a presença de 300 operários. A reunião foi presidida pelo Sr. José Casagrande, anglicano, membro da diretoria da Associação Santo André.⁴⁹⁹ A primeira diretoria ficou assim constituída: 1º. Secretário – Felipe Garcia; 2º. Secretário – Francisco Cunha; Tesoureiros – Francisco Azambuja e Franklim Aguirre; Bibliotecário – José Casagrande. A nota deixava claro que dita associação “não partiu dos operários da Viação Férrea e nem a Sociedade Beneficente dos Operários da Viação Férrea fundiu-se com a União dos Trabalhadores.”⁵⁰⁰ Seu objetivo era “defender e proteger os seus associados e os seus filhos. Para a primeira reunião, foram convidados ferroviários, gráficos, sapateiros, carpinteiros, alfaiates, marceneiros, pedreiros, metalúrgicos, condutores de veículo, padeiros, pintores, barbeiros,

⁴⁹⁷ O jornal *A Federação* de Santa Maria noticia, no ano de 1917, as várias greves ocorridas na cidade e no País, AHMSM, Santa Maria.

⁴⁹⁸ “Greve entre o pessoal de um armazém da Viação Férrea”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 19 nov. 1919, ano IX, n. 271, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

⁴⁹⁹ Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 21 nov. 1919, ano IX, n. 273, p. 1. AHMSM, Santa Maria. A “Associação Santo André” pertencia a Igreja Anglicana de Santa Maria.

⁵⁰⁰ “Vida Operária: a reunião de domingo. A fundação da União Geral dos Trabalhadores. Criação de uma escola e de uma biblioteca. Outras notas”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 10 dez. 1919, ano IX, n. 288, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

etc.”⁵⁰¹

No entanto, no ano seguinte, em agosto de 1920, um dos membros da União Operária de Santa Maria, Tácito Ferreira, em uma reunião de operários na cidade de Bagé, fez “insultos à Sociedade União Operária” e provocou “intrigas entre os operários ordeiros e educados” durante uma conferência no Coliseu Bageense. Como consequência o presidente da União Operária de Bagé mandou publicar o seu protesto em jornais de Santa Maria, declarando que “durante sua administração as portas da União Operária de Bagé estarão fechadas à de Santa Maria.”⁵⁰² Esses dados denotam a existência de diferentes associações operárias e uma relativa tensão entre eles.

As insatisfações dos operários, manifestadas nas greves, encontrariam respostas, segundo Batalha (2000, p. 25-43), em diferentes tendências que atuavam no movimento operário. Uma forma de organização significativa da classe operária durante a República Velha são os Círculos Operários, resultado da aproximação entre dirigentes operários e situacionistas do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), de Borges de Medeiros, numa tentativa de incorporar o operário à sociedade moderna.

O movimento circulista⁵⁰³ que surge no Rio Grande do Sul também aparecerá em outros Estados brasileiros, visando fortalecer o operariado e suas famílias. Tornou-se um movimento influente e muito apoiado pela Igreja que, na década de 1930, assume-o nacionalmente. O circulismo em Santa Maria, além de lutar pelos direitos trabalhistas, buscou, na educação e na formação moral cristã, as metas para a vida dos operários e seus familiares. O intuito era afastá-los das ideias comunistas e dos anticlericais, integrando trabalhadores de várias áreas a partir de momentos de lazer, de esporte, de educação e de reivindicação trabalhista.

Nesse sentido, a Igreja católica além de promover a vinda de religiosos para atuarem na educação dos filhos dos operários, em 01 de agosto de 1920, sob o episcopado de Dom Miguel de Lima Valverde (1912-1922) fundou o Círculo Operário Católico em Santa Maria.

⁵⁰¹ “Vida Operária: projeto de fundação de uma sociedade, uma escola, uma biblioteca”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 04 dez. 1919, ano IX, n. 283, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁰² “Protesto”. Seção “Livre”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 25 ago. 1920, ano X, n. 196, p. 2. AHMSM, Santa Maria.

⁵⁰³ Diehl refere que, para alguns pesquisadores, a ideia do circulismo “foi o meio de políticos canalizarem seus interesses imediatistas para sufocar a atuação do movimento operário de esquerda”. Com relação ao Brasil, para o autor, “o movimento operário católico pretendia suprir a ausência do Estado na assistência social, ponto fundamental para a expansão e adesão do operariado”, na tentativa de colocar em prática os documentos pontifícios sobre as questões sociais e o mundo do trabalho. Cf. DIEHL, Astor. *Círculos Operários no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990, p. 7- 10.

O órgão *Diario do Interior*⁵⁰⁴ comunicou a fundação do Círculo Operário Católico de Santa Maria que aconteceu no Colégio São Luiz, bem como a diretoria que então foi constituída. Foi eleito presidente Mergener; Vice-Presidente - Baptista Seroni; 1º. Secretário - Acelyno Assis de Oliveira; 2º. Secretário - João Souza; Tesoureiro – Amadeu Weinmann; Ajudante - Antão Motta; Orador – Francisco Crossetti; Diretores – Hermenegildo Mussoi, Louro Coutinho, Achylles Martel e Alfredo Grassi. Estavam presentes à reunião de fundação, além destas pessoas citadas, os padres João Henrique, Erasmo Raabe e Caetano Pagliuca.

A posse da diretoria do que seria o primeiro Círculo Operário Católico do Rio Grande do Sul aconteceu dia 15 de agosto daquele ano, com a presença de “numerosas pessoas, autoridades civis e militares, representantes da imprensa”. Quem presidiu a sessão foi o Bispo Dom Miguel de Lima Valverde, o juiz da comarca, Dr. Joaquim Américo Carneiro e o Intendente Municipal, Coronel Ernesto Marques da Rocha.⁵⁰⁵ O orador oficial foi o Tenente Souza Reis que, no discurso inaugural, destacou a importância de “todas as boas doutrinas”. No entanto, fez uma ressalva, enfatizando o catolicismo quando disse: “é evidente, e só pode demonstrar até a saciedade, quanto o catolicismo está apto a influir energicamente no animo de todos os operários para encaminhá-los até o cimo daquelas sacrossantas aspirações”. Além de destacar a “nobre missão do operário na conquista do pão para o sustento material da mulher”, salientou, novamente, a importância da religião católica à época, motivando os operários a observarem a doutrina cristã:

O desenvolvimento integral da inteligência, energia física e sentimento depende do catolicismo com suas fontes de fé, esperança e caridade gerada pelos ensinamentos doutrinários e pela prática dos sacramentos. O operário deve ficar calmo e resignado no meio da tormenta atual, sempre fitando o farol da religião católica que é a única capaz de o levar a salvo. Aí surge a necessidade da fundação de um Círculo Operário Católico.⁵⁰⁶

Depois do discurso, o Bispo Dom Miguel de Lima Valverde encerrou a reunião, servindo-se das palavras da Encíclica *Rerum novarum*, do Papa Leão XIII.

Outro indício de que a data de fundação do primeiro Círculo Operário Católico do Rio Grande do Sul tenha sido 1920 é o fato de termos encontrado esse ano gravado no carimbo do Círculo Operário Católico de Santa Maria, do que se compreende que seja mesmo essa a data de sua fundação.

⁵⁰⁴ “Círculo Operário de Santa Maria”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 03 ago. 1920, ano X, n. 175, p.2, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁰⁵ “Círculo Operário de Santa Maria: posse de sua diretoria”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 15 out. 1920, ano X, n. 186, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁰⁶ “Círculo Operário de Santa Maria: posse de sua diretoria”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 15 out. 1920, ano X, n. 186, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

Meses depois, Dom Miguel de Lima Valverde, ao ser cumprimentado pelos associados e benfeitores do Círculo Operário de Santa Maria pelo seu aniversário, comentou sobre seu contentamento pelo “ardor dos sócios”, almejando que “a exemplo deste surgisse outros Círculos Operário em outros lugares.”⁵⁰⁷

O registro do Círculo Operário católico no Livro Tombo da Paróquia Catedral de Santa Maria foi realizado somente no dia 19 de março de 1921, “dia da festa de São José”, quando o Bispo Dom Miguel de Lima Valverde aprovou os Estatutos do mesmo: “a decisão de fundar o Círculo Operário foi tomada na ocasião do Congresso realizado na festa do jubileu sacerdotal do Bispo Diocesano, quando foi nomeado primeiro presidente o Sr. Arthur Carlo Mergener.”⁵⁰⁸ O jornal local, *Diario do Interior*, informa que foi ministrada uma palestra no citado ano, nesse Círculo Operário, cujo secretário era o Sr. Acelyno Assis de Oliveira.⁵⁰⁹

A instrução dos operários, através da Doutrina Social Cristã, diferenciava-se da União Operária apoiada por membros da maçonaria e anglicanos. Numa época de greves, de disputas político-ideológicas, a Igreja acreditava ter motivos para arregimentar um número significativo de operários e livrá-los daqueles que considerava falsos líderes.

Em Santa Maria existia, além da União Operária nos anos de 1920, outra associação operária, apoiada pelos republicanos, o “Centro Operário Dr. Bozano” que, em 1925, passou a funcionar na Praça Saldanha Marinho, numa casa onde antes havia a sub-chefia de polícia. O presidente eleito, à época, foi o republicano Alfredo Carvalho.⁵¹⁰ O nome da associação foi uma homenagem ao republicano Júlio Rafael de Aragão Bozano, falecido em 1925, depois de ter sido Intendente Municipal, de outubro a dezembro de 1924. No dia da posse da diretoria, 21 de março de 1925, o orador oficial foi o maçom Cícero Barreto que se referiu à necessidade do operariado interferir na política.⁵¹¹

A agitação entre os operários continuou acontecendo na cidade. Em setembro de 1920, os operários da União Geral dos Trabalhadores de Santa Maria ameaçaram fazer greve se colegas demitidos das oficinas em Rio Grande não fossem reintegrados ao trabalho. Só foram

⁵⁰⁷ “Círculo Operário”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 29 set. 1920, ano X, n. 221, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁰⁸ Cf. Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 2 verso e 3, APNSC, Santa Maria.

⁵⁰⁹ *Diario do Interior*, Santa Maria, 11 out. 1920, ano X, n. 233, p. 3, AHMSM, Santa Maria. O Círculo Operário de confissão católica de Santa Maria funcionou numa sala do colégio São Luiz que era dos Irmãos maristas, onde depois foi a sede da Ação Católica. Atualmente o local do prédio da diocese abriga a Livraria Shopping Medianeira.

⁵¹⁰ “Centro Operário Dr. Bozano”. *O Castilhistas*, Santa Maria, 14 fev. 1925, ano 1, n. 1, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

⁵¹¹ “Centro Operário Dr. Bozano”. *O Castilhistas*, Santa Maria, 21 mar. 1925, ano 1, n. 5, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

readmitidos os “mais ordeiros e respeitosos”.⁵¹² O movimento grevista em torno da permanência de escriturários nas oficinas da Viação Férrea de Santa Maria também foi vitorioso.⁵¹³

Segundo Beltrão (1979), as greves dos ferroviários somente irão cessar em fevereiro de 1921, quando as oficinas são reabertas, sendo demitidos “os cabeças do movimento” e proibida a admissão de filiados à União Geral dos Trabalhadores por ser considerada foco de greves, desordens e perturbações na vida dos operários. Um indício de que essa associação não tinha muito prestígio pelos conservadores e, conseqüentemente seus apoiadores.

Durante a República Velha, além das tendências socialistas e anarquistas, a fundação do Partido Comunista, em 1922, vai consolidar uma nova corrente no movimento operário, pois era “uma organização que defendia e aceitava tomar parte das negociações através dos sindicatos sob sua influência, visando conquistar o operariado”. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) pretendia adotar uma política de unidade sindical, defendia um único sindicato por categoria ou ramo industrial, sendo que, no movimento operário, os comunistas optaram por uma política agressiva de luta pela conquista desses sindicatos (Batalha: 2000, p. 25-35).

O clero católico se mobilizava contra a descristianização da sociedade e contra o comunismo e, neste mesmo ano, 1922, fundou a Confederação Católica. Mais tarde, tal confederação se transformará na Ação Católica Brasileira (Dihe: 1990, p. 29). O comunismo ou bolchevismo também era condenado pelo vigário de Santa Maria através do semanário *O Santamariense*.

5.2 “A Medianeira nos salvou!” Entra em cena a *padroeira* da Restauração Católica em Santa Maria

Assim como o avanço das ideias comunistas entre os operários preocupava as elites dirigentes (civis, militares e eclesiásticas) os episódios político-militares dos anos de 1920, chamados de Tenentismo,⁵¹⁴ também. No entanto, um fato histórico ocorrido na Revolução de

⁵¹² “Rumores de Greve”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 26 set. 1920, ano X, n. 219, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

⁵¹³ “Viação Férrea: os escriturários não sairão de Santa Maria. Uma greve”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, 11 set. 1920, p. 3, AHMSM, Santa Maria.

⁵¹⁴ A primeira revolta tenentista, chamada “os Dezoito do Forte”, ocorreu por ocasião das eleições de 1922 quando, durante a campanha eleitoral, foram ofendidos pelos opositores, o Exército e o Marechal Hermes da Fonseca. A segunda revolta tenentista contra o governo republicano ocorreu em São Paulo, em 1924, surgindo motins no Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará, Amazonas e Sergipe. O Exército bombardeou os quartéis revoltosos e os tenentes retiraram-se para Foz do Iguaçu, onde se uniram aos oficiais gaúchos, formando a Coluna Prestes. A terceira revolta tenentista ocorreu no Rio Grande do Sul, saindo de Alegrete e, com o auxílio

1930 reverteria a situação de tensão na cidade de Santa Maria.

No pleito de 1923, disputavam o governo do Rio Grande do Sul Borges de Medeiros e Assis Brasil. A vitória do situacionista foi contestada, alegando-se fraude nas eleições e tomando em armas contra o governo estadual. Os opositoristas promoveram uma série de levantes regionais que teve fim com o Pacto de Pedras Altas, em dezembro daquele ano, quando ficou garantido que Borges de Medeiros, depois de completar o quinto mandato, não mais se reelegeria.⁵¹⁵

As divergências entre as elites políticas acabaram gerando, no Rio Grande do Sul, a Revolução de 1923. De acordo com Belém (2000, p. 281), essa Revolução resultou para Santa Maria num ataque ao quartel da Brigada Militar. Os revolucionários sofreram baixas sendo que a guarnição aquartelada não sofreu perdas e nem a Intendência foi atacada.

O ano de 1925 também foi de agitação política na cidade devido à insatisfação da população e do próprio chefe do PRR, Borges de Medeiros, com a administração municipal. Seu correligionário santa-mariense, Dr. Carlos Ribeiro Tracques, provocou uma mobilização na cidade por causa da cassação do seu mandato como Intendente, ocorrido com o apoio de Borges de Medeiros.⁵¹⁶

Com essa situação de instabilidade política, a cidade de Santa Maria enfrenta o levante militar de 1926. Tal fato é também registrado pelo cronista do Livro Tombo da Catedral Diocesana de Santa Maria, informando que os tenentes revoltosos eram Iguatymy Moreira, Heitor Lobato Valle, Alcides e Nelson Etchegoyen que atacaram o Quartel do 7º Regimento de Infantaria. Os prédios que mais sofreram ataques foram o Seminário, o Ginásio e o Bispado, sendo que as vítimas de ambas as partes não foram muitas. O coadjutor da catedral,

dos tenentes de São Paulo, travou inúmeros combates sob a liderança de Luiz Carlos Prestes. Depois de mais de dois anos de batalha os revoltosos retiraram-se para a Bolívia.

⁵¹⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A revolução federalista*. São Paulo, Brasiliense, 1983; AXT, Günter. Coronelismo indomável: o sistema das relações. In: BOEIRA, Nelson e GOLIN, Tau (Org. geral) e RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e AXT, Günter (Org.). *História do Rio Grande do Sul*. República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, Tomo I, v. 3, 2007, p.102-112.

⁵¹⁶ Tracques era acusado de perseguir funcionários que lhe recusassem apoio, de aliciar pessoas dispensadas da Viação Férrea com fins subversivos, além de ser acusado de não administrar bem as verbas públicas. Foi realizada uma consulta eleitoral resultando na vitória de Tracques. A partir disso, se “estabeleceu uma luta e, do entre-choque, resultou a vitória do partido republicano local”. Isso provocou uma divisão entre os membros do PRR santa-mariense. No entanto, através de nota publicada no órgão *O Castilhistas*, os republicanos locais foram advertidos para esperarem as ordens de Borges de Medeiros, “nada de manifestações comprometedoras”. Mas a cassação do mandato de Tracques foi inevitável e o jornal *O Castilhistas* publicou uma pequena nota, dia 13 de novembro de 1926. O candidato eleito, Celso Penna de Moraes viajaria a Porto Alegre “para entender-se com Borges de Medeiros”. Foi empossado em 22 de novembro daquele ano. “O manifesto do Sr. Ribeiro Tracques”. *O Castilhistas*, Santa Maria, 21 ago. 1926, ano II, n. 88, p. 1 e 2; “A consulta eleitoral de 5: apenas 188 eleitores contra a cassação”. *O Castilhistas*. Santa Maria, 11 set.1926, ano II, n. 92, p. 1; “*Consumatum est*”. *O Castilhistas*, Santa Maria, 25 set. 1926, ano II, n. 94, p. 1; “A língua dos bajuladores”. *O Castilhistas*. Santa Maria, 13 nov. 1926, ano II, n. 101, p. 2. AHMSM, Santa Maria.

padre Alfredo Pozzer, ficou detido no Asilo da Mendicidade⁵¹⁷ onde atendeu alguns feridos revoltosos, sendo que no hospital o capelão atendeu os legalistas.⁵¹⁸

No jornal *O Castilhista*, encontramos várias notícias referente aos “horrores” desencadeados na cidade nos dias 16 e 17 de novembro de 1926. O fato foi narrado como uma sangrenta e vingativa tragédia combatida pela Brigada Militar do Estado, comandada pelo Major Aníbal Garcia Barão contra os revolucionários da Coluna de Zeca Neto. Estes saqueavam lojas, casa e estâncias, praticando muitas degolas na cidade e zona rural. Os revoltosos também atacaram em São Sepé, Erechim, Candelária e Caçapava do Sul. Nesta, aprisionaram alguns republicanos.⁵¹⁹ O jornal acusava o aliancista Assis Brasil como um instigador da desordem e aliado da Coluna Zeca Neto.⁵²⁰ Derrotados os revoltosos de Zeca Neto, foram para o exílio no Uruguai. Em Santa Maria, morreram alguns militares e entre os feridos também havia civis.⁵²¹

É preciso ressaltar aqui que o jornal *O Castilhista* era um periódico ligado à situação política da cidade e do Estado, ou seja, republicano.

Na cronologia histórica sobre Santa Maria, Beltrão (1979, p. 529) registra que, em novembro de 1926, o 5º Regimento de Artilharia Montada, Grupo Mallet e o 7º Regimento de Infantaria lutaram nas ruas da cidade visando impedir a posse de Washington Luiz à presidência da República, que ocorreria em 15 de novembro de 1926. Assim, o foco de insurreição estava em frente ao 5º Regimento de Artilharia Montada de Santa Maria, em frente ao 7º Regimento de Infantaria e à Igreja do Rosário. Os rebeldes atacaram posições da Brigada Militar e locais do centro da cidade, ficando a cidade sob fogo armado durante 28 horas, resultando em muitos mortos e feridos. No dia 17, os efetivos federais rebelados se retiraram da cidade.⁵²²

Para o quadriênio de 1928-1932, foi eleito como Intendente Municipal de Santa Maria Manoel Ribas e Vice-Intendente Dr. Severo do Amaral, período em que a cidade teve

⁵¹⁷ A pedra fundamental do Asilo da Mendicidade foi lançada, em 10 de setembro de 1922, no terreno ao lado do Orfanato São Vicente de Paulo. Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1915-1944, p. 5, 5 verso e 7 verso, APNSC, Santa Maria.

⁵¹⁸ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 3, 1915-1944, p. 9 verso, APNSC, Santa Maria.

⁵¹⁹ “Delinqüentes”. *O Castilhista*. Santa Maria, 27 nov. 1926, ano II, n. 102, p. 1; “Várias notícias referentes ao criminoso levante militar nesta cidade”. *O Castilhista*. Santa Maria, 27 nov. 1926, ano II, n. 102, p. 2; “26 Corpo Auxiliar”. *O Castilhista*. Santa Maria, 27 nov. 1926, ano II, n. 102, p. 1; “A morte do saudoso Capitão Mario Druck”. *O Castilhista*. Santa Maria, 27 nov. 1926, ano II, n. 102, p. 1, e “Revolucionário não; bandidos!” *O Castilhista*. Santa Maria, 08 jan. 1927, ano II, n. 106, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

⁵²⁰ “Ainda a vergonha de um homem e de um bando”. *O Castilhista*. Santa Maria, 22 jan. 1927, ano II, n. 107, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

⁵²¹ Ver também: NETTO, José Antônio. *Memórias do Genral Zeca Netto: episódios das Revoluções de 1893 e 1923*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2ª ed. 2003.

⁵²² Ver também: BELÉM, op.cit.,p. 282-285.

implantado o saneamento básico.

Em nível estadual, em 1928, Getúlio Vargas foi eleito pelo Partido Republicano Riograndense (PRR) para governar o Estado do Rio Grande do Sul. Nesse período, foi criada a Frente Única Gaúcha (FUG), unindo republicanos e opositores em apoio à candidatura de Vargas ao governo federal em chapa de oposição, pois o paulista Washington Luiz, presidente da República, inclinou-se para Júlio Prestes como candidato da situação a sua sucessão, preterindo o nome do mineiro Antônio Carlos. As forças políticas dos Estados que se opunham ao governo central formaram a Aliança Liberal, contando, também, o apoio dos tenentes.

O assassinato de João Pessoa, em julho de 1930, candidato a Vice-Presidente da República na chapa de Getúlio Vargas, provocou uma revolução armada contra o governo de Washington Luiz. O movimento, que eclodiu em 03 de outubro de 1930, levou Washington Luiz a entregar o poder a uma junta militar, aconselhado por Dom Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro.⁵²³

Em Santa Maria, esse episódio, como em todo o Rio Grande do Sul, teve desdobramentos. Estavam aquartelados na cidade duas unidades do Exército Nacional e uma da milícia estadual. Com a eclosão da revolução, a população temia um novo embate na cidade. Na iminência desse episódio, segundo Belém (2000, p. 285-287), “nos cafés, nas barbearias, nas lojas não se falava em outra coisa” senão na eclosão da revolução. Mas, “o Tenente Coronel Honório Campelo, comandante do 5º Regimento de Artilharia”, afirmava que “queimaria até o último cartucho em defesa do governo da República”. Com isso, a cidade ficou em polvorosa e ninguém ignorava que a revolta aconteceria em todo o Rio Grande do Sul ao mesmo tempo e todos sabiam que “o primeiro ato dos rebeldes era prender o General Fernando Medeiros comandante das forças federais”. Como os populares acorreram na data marcada para a Praça Saldanha Marinho para, de soslaio, presenciar a prisão do General Medeiros, o autor afirma que a prisão, sem resistência, do general, em frente ao Telégrafo Nacional da cidade, era coisa combinada e “devido ao civismo do General Fernando Medeiros não houve derramamento de sangue na cidade”. Mas essa não foi a versão eclesiástica.

No Livro Tombo da Catedral Diocesana de Santa Maria, o cronista registrou que na cidade foi preso, pelos revolucionários, o General Comandante da 3ª Brigada de Infantaria;

⁵²³ D. Sebastião Leme apoiava Washington Luiz e, na mediação quando da Revolução de 1930, ofereceu sua casa ao presidente que depois foi para o exílio. Diferente de D. João Becker que apoiou Vargas desde o início. Cf. SILVA, Pe. Francisco Oliveira. *O Cardeal Leme e a Revolução de 1930*. Roma, 1995. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Gregoriana, Faculdade de História Eclesiástica, 1995, p. 60-65.

logo aderiram a revolução o 7º Regimento de Infantaria e a Brigada Militar do Estado, mas o 5º Regimento de Artilharia não se manifestou favorável até o dia seguinte, quando capitulou, sem derramamento de sangue.⁵²⁴

Assim, na edição de 04 de outubro de 1930, por exemplo, a notícia do jornal *Diario do Interior* iniciava anunciando que a cidade de Santa Maria, desde o dia 03 de outubro daquele ano, “estava prestes a explodir” e populares haviam saído às ruas “reclamando uma medida enérgica e decisiva contra os erros, desmandos e vilipêndios de um governo mau e rancoroso que tem feito retrogradar a nossa Pátria”. O artigo narra a prisão do Comandante da 3ª Região Militar, General Gil Almeida, em Porto Alegre, onde havia iniciado o levante: “houve tiroteio entre as forças federais que haviam se colocado no Morro do Menino Deus e aqueles da Brigada Militar do Estado. Logo a guarnição federal aderiu ao movimento, triunfando, assim o golpe revolucionário no Rio Grande do Sul”.⁵²⁵

A população local estava sendo informada pela imprensa dos perigos da Revolução, em nível nacional e regional, portanto era natural que se preparasse para um enfrentamento, um embate, já que Santa Maria sediava muitas unidades militares.

Em relação à cidade, na mesma reportagem do dia citado acima, foi narrada a situação apreensiva dos populares em relação à Revolução e ao posicionamento frente aos revolucionários.

A reportagem evidencia o apoio dado pela população à prisão dos revoltosos, como a do Comandante da 5ª Brigada de Infantaria, o General Fernando de Medeiros, “pouco antes das 18hs, em frente à Estação do Telégrafo Nacional, no momento em que o general procurava entrar naquela repartição pública”. Comunica, também, que outras pessoas foram presas e que, depois de ocupadas todas as repartições públicas federais, aqueles funcionários públicos foram presos, sendo tomadas pela Brigada Militar algumas esquinas e praças da cidade. Logo, o jornal informou que assumiu o comando da Brigada Militar o Tenente-Coronel Anníbal Garcia Barão, Comandante do 1º Regimento, que foi também quem dirigiu toda a ação revolucionária auxiliado pelo Coronel Valenciano Coelho e por outros oficiais da força pública rio-grandense.

Na sequência da reportagem, encontramos o respaldo para os registros do Livro Tombo,

⁵²⁴ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1915-1944, p. 11 verso e 12, APNSC, Santa Maria.

⁵²⁵ “Irrompeu no Brasil a Revolução redemptora. No Rio Grande do Sul, o movimento iniciou com a prisão dos generais Gil Almeida, em Porto Alegre e Fernando Medeiros, em Santa Maria. Assumiu o comando desta praça o tenente-coronel Annibal Garcia Barão. A tropa federalista da capital do Estado confraternizou com a Brigada Militar. O movimento libertador está triunfante em todo este Estado. Outras notícias dão como convulsionados vários Estados da Federação. Parte da guarnição federal já aderiu ao Movimento reivindicador. Diversas informações”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 04 out. 1930, n. 225, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

citado anteriormente e para as palavras do padre Valle sobre a Revolução, ou seja que, na cidade de Santa Maria, não teria havido derramamento de sangue. O *Diário do Interior*, em 04 de outubro dirá:

A ação enérgica destas autoridades foi elogiada pelos populares que poupou a população de enfrentamentos e sangue, diferente de Passo Fundo que ofereceu resistência. Logo os revoltosos foram presos em outras cidades do interior do Estado. A população apoiou com entusiasmo as ações da Brigada⁵²⁶.

A reportagem continuou informando que, após as 18h30min, foi recebido um telegrama de Oswaldo Aranha comunicando que a Revolução havia triunfado no País e “o povo que se encontrava na Praça Saldanha Marinho vibrou”. A cidade de Santa Maria estava sendo protegida “com artilharia pesada e patrulhas montadas da Brigada Militar.”⁵²⁷

No entanto, havia na cidade divergências em relação a revolução. No dia seguinte, o *Diário do Interior* narra a rendição do 5º Regimento, onde lê-se que aconteceu por volta das 9 horas, quando o Tenente-Coronel Oscar Lisboa Campello foi ao cassino dos oficiais do 7º Regimento local “onde se achavam as altas patentes do Exército e chefes dos revolucionários e ali declarou sua adesão ao movimento revolucionário junto aos comandados”. O jornal informou que a população, sabendo do acontecimento, reuniu-se na Praça Saldanha Marinho para ouvir o Coronel Estácio Mariense de Lemos o qual elogiou a rendição e “regozijou-se com o povo pela adesão sem derramamento de sangue da guarda federal da cidade à causa do Rio Grande e do Brasil”. No final da tarde, por volta das 17 horas, houve a apresentação das tropas na Praça Saldanha Marinho para saudar o triunfo da Revolução “atraindo a massa popular.”⁵²⁸

Getúlio Vargas, chefe do movimento revolucionário, assumiria o poder provisoriamente em novembro daquele mesmo ano, dominando o cenário político brasileiro de 1930 a 1945 e, mais tarde, de 1951 a 1954.

A versão do padre Inácio Rafael Valle sobre o episódio foi posta em outra dimensão. Segundo ele, foi Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças que protegeu a cidade Revolução de 1930.

A Brigada Militar tomou conta da cidade. A população estava em pânico. Foi dado o prazo até o dia seguinte para entregar os quartéis, caso contrário às 9h30min do dia 04, iniciariam o bombardeamento dos mesmos. O quartel de infantaria entregou-se

⁵²⁶ Ibid. Id.

⁵²⁷ Ibid. Id.

⁵²⁸ “A Revolução brasileira a caminho do triunfo final”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 05 out. 1930, n. 226, p. 3, ACMEC, Santa Maria.

à meia-noite e o quartel de artilharia às 9 horas do dia 04, meia hora antes de expirar o prazo cedido. O terror da cidade transformou-se em “ *festa* ”, pois não houve tiros nem derramamento de sangue. E o povo clamou: “*a Virgem Medianeira nos salvou!*”

Com tal convicção, a devoção a Nossa Senhora Medianeira foi sendo construída em Santa Maria. Parafraseando Bourdieu, a sobrevivência desta crença cristã, como as outras crenças, dependia da sua capacidade de transformação à medida que fossem modificadas as suas funções em favor do grupo que a adotava. Desse modo, as representações e as condutas religiosas que ela invocava passavam a receber significações e funções distintas por parte de diferentes grupos.⁵²⁹

O trecho acima citado pode ser respaldado pelas notícias do *Diario do Interior* de Santa Maria, à época da Revolução. Edições do citado jornal relataram passo a passo os acontecimentos da Revolução de 1930 no Rio Grande do Sul e como foi o processo de adesão de Santa Maria ao novo governo federal. Segundo esse órgão de imprensa, a Revolução ocorreu na cidade sem que a população local sofresse as consequências de um enfrentamento militar, mas a ênfase à devoção mariana foi publicada na coluna “Vida Religiosa”. Pelo teor dos textos do jornal, percebe-se que eram escritos por eclesiásticos, no intuito de propagar a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, atribuindo a ela a proteção da cidade de Santa Maria no período da Revolução de 1930.

Para referendar essa afirmação, observamos que, cinco dias após eclodir a Revolução, no dia 08 de outubro de 1930, na coluna “Vida Religiosa”, o jornal *Diário do Interior* informou à população católica sobre a novena que seria iniciada no dia seguinte, 09 de outubro, em honra a Nossa Senhora Medianeira. Aquela oração havia sido “encomendada por uma senhorita desta cidade em cumprimento de que a Virgem Senhora impedisse o derramamento de sangue em Santa Maria”. Na mesma coluna, diz que, “no dia anterior, 38 pessoas haviam visitado a capela do Seminário rezando em comum diante da imagem da ‘santa muito milagro a’ como o povo a chama”.⁵³⁰

A população católica local, a par dos levantes e enfrentamentos da revolução, apelava à devoção mariana que popularizava o prodígio da invocação.

Para atestar essa devoção mariana fomentada na cidade, citamos outra notícia do *Diario do Interior*, quando menciona que, junto com o povo católico santa-mariense, os seminaristas vinham rezando o terço, ininterruptamente, no Seminário São José, diante da Imagem de

⁵²⁹ BOURDIEU, op.cit., 1998, p.52-53.

⁵³⁰ “Novena em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 08 out. 1930, n. 229, p. 4. ACMEC, Santa Maria.

Nossa Senhora Medianeira, pedindo pela paz no Brasil e no Rio Grande do Sul e agradecendo a Nossa Senhora pela proteção da cidade.⁵³¹

No entanto, as orações a Nossa Senhora Medianeira não se restringiam apenas à população civil. Antes, vieram do Seminário, por influência do então professor, o jesuíta Rafael Inácio Valle. Os seminaristas do Seminário Diocesano São José já haviam se tornando zelosos pela devoção a Nossa Senhora Medianeira, o que teria motivado o vigário capitular, Luiz Scortegagna, a pedir à Santa Sé o privilégio da *feira* em honra a Nossa Senhora Medianeira para a Diocese de Santa Maria. A resposta afirmativa chegara em novembro de 1929, quando o Papa Pio XI concedeu à Igreja particular de Santa Maria o privilégio da festa a Medianeira com missa, ofício e breviário próprios.⁵³²

Assim, em 1929, no intuito de dar continuidade à obra de cristianização da cidade de Santa Maria, o clero católico havia acolhido um grupo da Congregação Mariana sob o título de Medianeira de Todas as Graças. Ditas congregações,⁵³³ pertencentes à Companhia de Jesus, “sempre foram altamente louvadas pela Santa Sé” que via no congregado mariano um membro pronto a defender o nome de Maria, um guarda de suas “excelsas prerrogativas”

Os congregados do passado combateram na linha de frente, com a palavra, com a pena, com a imprensa, na controvérsia, na polêmica, na apologia; com a ação, sustentando a coragem dos fiéis, socorrendo os confessores da fé, colaborando no árduo e odiado ministério dos sacerdotes católicos com sua assistência e apoio.⁵³⁴

No campo religioso, os seminaristas eram, portanto, simbolicamente representados na palavra “sementeira”. Trata-se de uma condição de *arando o campo e semeando a semente*. Em outras palavras, o padre Valle plantara uma ideia da devoção mariana e foi divulgando-a entre os seminaristas.

Para impactar a repercussão dessa devoção mariana na cidade, a edição de abril e maio de 1930, da revista *Rainha dos Apóstolos*, deu destaque a Nossa Senhora Medianeira. A edição fez uma homenagem especial à mediação de Nossa Senhora e os membros da

⁵³¹ “O dia da prece deante da Imagem de Nossa Senhora Medianeira no Seminário São José”. Seção “Vida Religiosa”, *Diário do Interior*. Santa Maria, 11 out. 1930, n. 231, p. 3. ACMEC, Santa Maria.

⁵³²Cf. Artigo “Um grande mal e um grande remédio!”. In: Revista *Rainha dos Apóstolos*, Vale Vêneto, abri e mai. 1930, n. 4 e 5, p. 23, APNSC, Santa Maria.

⁵³³ As Congregações Marianas foram instituídas no século XVI pelo Papa Gregório XIII, (1542-1585), e confirmadas por Bento XIV (1740-1758) pela Bula *Áurea Gloriosae Dominae*; são associações com espírito apostólico que inspiram a seus membros o ideal de perfeição cristã, elas devem estar agregadas à Prima Primária do Colégio Romano. Cf. *Constituição Apostólica do Santo Padre Pio XII* sobre as Congregações Marianas. Pio XII Bispo, servo dos servos de Deus para perpétua memória. In: UNITAS, Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre, “Atos da Santa Sé”, n. 10-12, ano XXXVIII, 1948, p. 201-208, ACMCPA, Porto Alegre.

⁵³⁴ Pronunciamento do Papa Pio XII no dia 21 de janeiro de 1945 em Roma. “Atos do S. Padre Pio XII sobre as Congregações Marianas”. In: UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre, n. 10-12, ano XXXIV, out. – dez. 1945, p. 250-255, ACMCPA, Porto Alegre.

Congregação Mariana de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, do Seminário São José da cidade de Santa Maria, publicaram-na como: “*Homenagem de profundíssimo respeito, protesto de entranhável amor filial a Maria Santíssima sua excelsa Mãe, por ocasião de celebrar, pela primeira vez em Santa Maria, a festa da Medianeira de Todas as Graças, 31 de maio de 1930.*”⁵³⁵

Esses fatos iniciais indicam que o padre Valle, como devoto de Nossa Senhora Medianeira, difundiu sua crença em Santa Maria, no que teve apoio do clero local.

A devoção do jesuíta encorajou a população da cidade, pois, no final dos anos 20, o perigo iminente do agnosticismo, da maçonaria, do protestantismo e do comunismo teria uma resposta concreta, com muitos fiéis em procissão rezando em voz alta, vocalizando sua devoção, uma situação de publicização da crença de que a cidade teria a proteção *divina*. Para abrigar o povo devoto e o quadro com a imagem da Virgem milagrosa, o ideal seria a construção de um “grandioso santuário”, fato que padre Valle registrou como sendo *uma solicitação dos devotos*, tanto que o relator do histórico afirma: “os seminaristas desejavam ardentíssimamente que a Virgem transformasse a sua capela num Santuário de graças e numerosas romarias. Com esta ‘santa’ finalidade fizeram, com extraordinário fervor, a novena da Natividade, com muita oração e numerosos sacrifíciozinhos”. No final do texto, o autor⁵³⁶ registrou a data em que foi escrito tal relato: 08 de setembro de 1930.

Através desse registro, o Pe Valle atribuía a devoção a um outro segmento social da cidade, ampliando assim, não somente a abrangência da devoção, mas o significado da tradição. Nesse sentido, entendemos que, no jogo das crenças, o padre Valle atribuiu a intervenção de Nossa Senhora à mudança de um fato histórico extraordinário, uma ação que teria evitado uma tragédia na vida das pessoas da cidade.

Na continuidade dessa devoção, padre Valle esperava afirmar o catolicismo em Santa Maria. O fato é que essa manifestação católica ficou conhecida na cidade e moveu um grupo de pessoas a pedir às autoridades eclesiais a organização de uma romaria oficial à Virgem Medianeira, por ter atendido ao pedido dos devotos para que os quartéis da localidade não aderissem àquela Revolução.

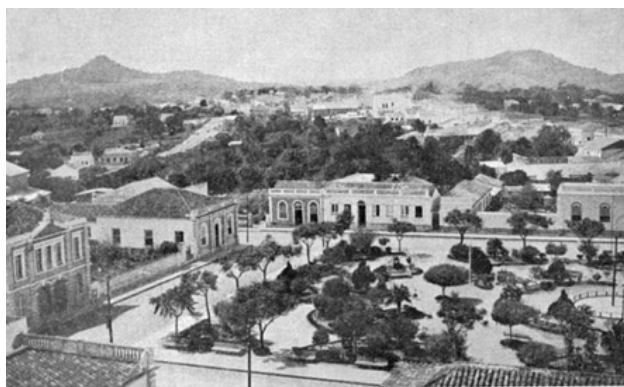
Consideramos que, com os fatos apresentados e com a afirmação do sacerdote jesuíta, é lícito dizermos que a iniciava da construção da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria, pode ser entendida e estudada a partir daquilo que

⁵³⁵ Revista *Rainha dos Apóstolos*, Vale Vêneto, abri - mai. 1930, n. 4 e 5. APNSC, Santa Maria.

⁵³⁶ Este documento *O histórico da devoção de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças no Brasil*, consta de 16 páginas datilografadas, sem referência do autor e sem data de realização. [s.i, s.n.], [199-?]. APPJPA, Porto Alegre.

Hobsbawm (1997, p. 9-23) denomina “tradição inventada”.⁵³⁷ Segundo o autor, esse termo “inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e de determinado tempo – às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabelecem com enorme rapidez”. A “invenção da tradição” expressa, no caso, as mudanças ocorridas nas relações políticas entre a Igreja e o Estado, nos anos de 1930.

A par dos avanços da religiosidade e da fé católica fixada pelo episódio da Revolução de 1930, o campo das crenças era ainda tenso em Santa Maria. Esse descontentamento foi registrado no *Diário do Interior*, no último dia do ano de 1930, quando foi anunciado no jornal que a Loja maçônica Luz e Trabalho faria uma reunião em praça pública para tratar do tema da liberdade religiosa em “protesto contra a pretendida oficialização da Igreja católica romana”. A manifestação maçônica aconteceu na praça central, Saldanha Marinho, em frente à Loja Luz e Trabalho. De acordo com o jornal, a ocasião reuniu uma multidão “inclusive católicos que procuraram interromper os oradores”. Discursaram o reverendo anglicano José B. Leão, pároco da Catedral do Mediador, os professores Cícero Barreto e o Tenente Fernando do O’, ambos da Loja Luz e Trabalho; Diógenes Cony e Octacílio Aguiar.⁵³⁸ A nota informa que “elementos jogaram alguns ovos sobre a assistência.”⁵³⁹



Trecho da cidade compreendido entre a praça Saldanha Marinho e os Serritos

Ilustração 42 – Praça Saldanha Marinho, cenário da manifestação maçônica de 1930 (Fonte: DAISSON, Augusto (Org.). *Revista do Centenário de Santa Maria*. Santa Maria: Globo, 1914).

⁵³⁷ As “tradições inventadas” são um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Cf. HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terece. *A Invenção das Tradições* (Org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2. ed., 1997, p. 9.

⁵³⁸ DIENSTBACH, op.cit., p. 556-57.

⁵³⁹ “Pró-liberdade religiosa”. *Diário do Interior*. Santa Maria, 30 dez. 1930, n. 294, p. 3, ACMEC, Santa Maria.



Ilustração 43 – No primeiro plano a Praça Saldanha Marinho, ao lado o prédio da União dos Caixeiros Viajantes, inaugurado em 1926, ao fundo a Igreja Anglicana, na Avenida Rio Branco. (Fonte: Casa de Memória Edmundo Cardoso)

Se o resultado da devoção a Medianeira foi público, o conflito provocado pelos anticlericais também o foi. Dentro do quadro da “velha arte da sociabilidade cordial”,⁵⁴⁰ o que estava em jogo era a disputa pelo reconhecimento de espaço sócio-político, pois no conflito, os “ideais supremos”⁵⁴¹ que moviam a sociedade santa-mariense estavam em luta e eram *sagrados* para ambos os grupos.

Após uma leitura mais atenta do jornal local, *Diario do Interior* a propósito dessa manifestação, constatamos que dito órgão de imprensa, no final dos anos de 1920, passou a publicar, frequentemente, notícias sobre os acontecimentos da Igreja católica de Santa Maria.

Nos anos de 1930, o mesmo jornal continuou dando espaço midiático ao catolicismo, pois publicava quase diariamente, na coluna “Vida Religiosa”, notícias sobre as novenas, festas e procissões religiosas da Diocese como, por exemplo: Festa de Nossa Senhora do Rosário, Festa de Santo Antônio, Festa de Nossa Senhora da Conceição, Festa de São José, Festa de Nossa Senhora Aparecida, novena de Santa Catarina, novena de Nossa Senhora de Lourdes, Procissão do Corpo de Deus, Procissão de Nossa Senhora da Conceição, entre outras. Chegou a noticiar que, no ano de 1930, haviam sido rezadas 100 missas em honra a Nossa Senhora Medianeira.⁵⁴²

O *Diario do Interior* noticiava, também, a realização dos retiros espirituais promovidos pela Diocese católica para homens, mulheres, jovens e clero; as reuniões das associações religiosas católicas locais; as atividades e o desempenho das Escolas católicas durante o ano letivo. As Escolas públicas e outras particulares também tinham espaço no mesmo órgão

⁵⁴⁰ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 16.

⁵⁴¹ Ibid. Id.

⁵⁴² “M^a. S^a. Medianeira de todas as graças”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 21 mar. 1931, n. 65, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

mediático.

No entanto, nesse veículo de comunicação, a seção “Pela Maçonaria” vai aparecer raramente e, quando era publicada, restringia-se a convites para reuniões e sessões fúnebres. Provavelmente a mudança de postura do jornal *Diario do Interior* nos leva a pensar que ela aconteceu devido à troca de proprietário ou, quem sabe, a uma mudança de postura política ou de posição com relação à Igreja católica.⁵⁴³

Mas a devoção a Nossa Senhora Medianeira voltou a aparecer novamente na mídia impressa em 24 de janeiro de 1931, como piedade popular, quando foi anunciada uma missa a ser celebrada, a pedido de uma pessoa devota, na capela do Seminário São José “em cumprimento de uma promessa pelo feliz retorno de dois filhos da Revolução.” A nota destacava ainda que “a devoção a Medianeira estava ganhando terreno em toda a parte.”

Uma prática própria da religião popular está relacionada à promessa do devoto em troca de benefícios pessoais, “uma relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia (...) ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo em que se insere no quadro da uma economia, a da troca.”⁵⁴⁴ Esta prática que legitimava “os modos de produção simbólica da dominação”, poderemos perceber também em Santa Maria quando a devoção à Medianeira contribuía para “deslocar os conflitos através da compreensão e transfiguração simbólica (promessa de salvação).⁵⁴⁵

O *Diario do Interior* trouxe, ainda, a informação de que o padre Benjamin Busato, vigário de Erechim, anotou num bilhete: “cura de uma pessoa amiga atacada de reumatismo articular já desenganada pelo médico”.⁵⁴⁶ No dia 22 de março de 1931, domingo, teria sido realizada outra missa em honra a Nossa Senhora Medianeira, devido ao grande afluxo de fiéis que visitavam o local onde estava o ícone sagrado, a imagem. Embora a frequência de homenagens à santa, a festa em sua honra já estava marcada para acontecer no dia 31 de maio.⁵⁴⁷

Aqui é pertinente atentarmos para o que diz Brandão (1986, p. 131), quando explica o

⁵⁴³ Provavelmente nos anos de 1930 o *Diario do Interior* já tinha um novo proprietário, Nei Luiz Osório. No entanto, não sabemos apurar a data em que ele comprou o jornal. Até 1939, último ano de funcionamento deste órgão impresso, era publicado no cabeçalho do mesmo o nome do fundador, mas não o nome do proprietário.

⁵⁴⁴ Cf. SACHIS, Pierre. Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992, p.42. In: MAGALHÃES, Beatriz ricardina. O divino e a festa do martírio. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris. *Festa: Cultura & sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: EdUSP, USITEC, Fapesp, v. II, 2001, p. 940.

⁵⁴⁵ BOURDIEU, op.cit., 1998, p. 53.

⁵⁴⁶ “Maria Santíssima Medianeira de todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 24 jan. 1931, n. 19, p. 2. ACMEC, Santa Maria.

⁵⁴⁷ “Maria Santíssima Medianeira de todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 24 jan. 1931, n. 19, p.2. ACMEC, Santa Maria.

sentido do milagre para o fiel e o seu significado:

Ele é o aviso mais visível e o mais acreditado entre os poderes do sobrenatural; à sua maneira, ele serve para medir a crença comunitária no vigor de Deus e na verdade da fé, nada é mais forte do que as religiões dos fracos (...) mas cada um codifica as relações do prodígio a sua maneira e segundo o modo como classifica o suposto sistema de trocas entre um plano e outro (...) *o milagre é um tipo de ocorrência extraordinária, por meio da qual a divindade quebra o curso da ordem natural das coisas (...) o milagre popular é a mostra de efeitos simples de trocas de fidelidades mútuas entre o sujeito e a divindade com a ajuda ou não da igreja e de mediadores humanos ou sobrenaturais; ele não é quebra, mas a retomada da ordem natural das coisas na vida do fiel. (grifo nosso)*

Naquele momento, o *prodígio divino*, em relação à cidade, estava sendo incorporado pela Igreja como um bem de distinção religiosa com o qual ela se beneficiaria em relação aos seus opositores. Veremos ainda neste estudo a repercussão dessa marcação simbólica no campo religioso do Estado sul rio-grandense.

Assim, os católicos passaram a ser atraídos à devoção a Nossa Senhora Medianeira pelos padres das paróquias quando a cúria diocesana de Santa Maria expediu circular às Igrejas da diocese a fim de preparar os fiéis para a celebração da *primeira festa* em honra a Medianeira de Todas as Graças, no edifício do Seminário Menor Diocesano São José, dirigido pelos jesuítas.

Com esse ato, a devoção, que foi sendo mantida pelos devotos, desde o episódio da Revolução de 1930, começava a ser publicamente solenizada. O órgão *Diario do Interior* registrou tal ritualização em 31 de maio de 1931, narrando que havia sido realizada “uma romaria em honra a Nossa Senhora Medianeira com a presença de colégios e associações religiosas, famílias e grande massa do povo, calculando-se mais de três mil pessoas”.⁵⁴⁸ Foi a primeira romaria realizada na cidade em honra a Nossa Senhora Medianeira após a Revolução de 1930. A mesma nota do jornal descreveu a procissão do seguinte modo:

As 9h, saiu da catedral enorme procissão com o andor do Divino, percorrendo a Avenida Rio Branco e as ruas Acampamento, Avenida Ipiranga, Floriano Peixoto e Gaspar Martins, chegando as 10 ¼ no Seminário Menor Diocesano onde em altar majestoso e ricamente ornado, foi cantada a solene missa, sendo celebrante o venerado Pe. Mario Deluy. Após esta cerimônia tomou a palavra o clérigo Fr. [frater] Valle S. J. que promoveu comovente discurso sobre a proteção de Santa Maria. O orador foi muito felicitado pela belíssima peça oratória sacra.

⁵⁴⁸ “Romaria”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 03 jun. 1931, n. 124, p. 2, ACMEC, Santa Maria. A coleção do *Diario do Interior* do arquivo da Casa Memória “Edmundo Cardoso” está incompleta, ou seja, de 1º de abril a 31 de maio de 1931 não foi localizada. O dia 02 de junho era uma terça-feira e o dia 1º de junho não tinha edição, porque era segunda-feira.

O jornal *Diario do Interior* continuou dando espaço midiático para essa primeira romaria em honra a Nossa Senhora Medianeira e, com isso, reafirmava, fortalecia o catolicismo popular. Nas quatro edições após a realização da procissão, o jornal divide o discurso do padre Valle em partes e o publica, na íntegra, uma parte a cada dia.⁵⁴⁹ Descreveu como a população havia ornado suas casas ao longo do percurso da romaria, fato que, anos atrás, era ridicularizado pelos anticlericais na revista *Reacção* em relação às procissões de *Corpus Chisti*.

Foram surgindo outras iniciativas de oblação à Medianeira como, por exemplo, a do Estandarte Religioso, doado por famílias devotas da cidade, ricamente confeccionado para ser usado em procissões e romarias representando Nossa Senhora Medianeira. Uma insígnia religiosa que servia para estimular a piedade dos fiéis, para louvar Nossa Senhora *em ordem de batalha* e dar graças a seus prodígios pelos devotos da cidade.

A cerimônia de acolhimento ao Estandarte também foi solenizada quando o clero, os seminaristas e os devotos se reuniram na tarde do domingo, 06 de setembro de 1931, no pátio do Seminário São José onde estavam presentes o padre João Iop, Superior dos Padres Palotinos, Leonardo Fritzen S. J., Reitor do Seminário São José, padre Lamberto e os Irmãos do Ginásio Santa Maria, Irmão Norberto e Irmão Luiz. Os discursos sobre a Mediação de Nossa Senhora ficaram a cargo do Monsenhor Luiz Scortegagna e do padre Valle.⁵⁵⁰

Às estratégias de afirmação do catolicismo em Santa Maria correspondem uma reação da maçonaria que, através da Loja Luz e Trabalho convidava, em 13 de junho de 1931, seus confrades para uma reunião onde seriam deliberados assuntos sobre a comemoração do dia do seu padroeiro, São João da Escócia. Comunicaram que, numa “sessão magna”, iriam receber a adoção de “*lawtons*”.⁵⁵¹ Isso significa a adoção de filhos de membros da Loja na cerimônia de batismo no rito maçônico.⁵⁵²

⁵⁴⁹ “E’cos da romaria em honra a N. S. Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*. Santa Maria, 06 jun. 1931, n. 126, p. 2.; Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 07 jun. 1931, n. 127, p. 1. *Diario do Interior*, Santa Maria, 09 jun. 1931, n. 128, p. 2. Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 10 jun. 1931, n. 129, p. 2. ACMEC, Santa Maria.

⁵⁵⁰ O Estandarte foi confeccionado pelas Mestras de pintura do Colégio São José, de São Leopoldo/RS, dirigido pelas Irmãs Franciscanas. Foi doado pelas famílias do Dr. Francisco Mariano da Rocha e do Dr. João Cauduro. Cf. “Bênção solene do novo Estandarte de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 04 set. 1931, n. 201, p. 2; “Bênção do Estandarte de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”, Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 12 set. 1931, n. 207, p. 1. ACMEC, Santa Maria.

⁵⁵¹ “Pela maçonaria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 13 jun, 1931, n. 132, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

⁵⁵² O *lowton* pode ser iniciado aos 18 anos, mediante o consentimento do pai ou tutor, porém só pode receber o grau de Mestre depois de completar 21 anos de idade. Também se chama *lawton*; *lewis*, *loweton*, *sobrinhos*, vindo esta denominação dos antigos mistérios egípcios. Cf. FIGUEIREDO. Joaquim Gervásio de. Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história. São Paulo: Pensamento, s/ d. Verbete Lowton, p.227 e adoção, p. 26.

Na edição de 25 de junho, daquele mesmo ano, noticiavam que à “festa simbólica concorreram muitas famílias e cavalheiros convidados, quando foram adotadas 10 crianças, segundo o ritual maçônico.”⁵⁵³ O outro exemplo dessa reação é a nota do dia 20 de junho, onde o jornal informou que “a sessão magna de elevação de grau”, realizada na Loja Luz e Trabalho na noite seguinte, dia 19 de junho de 1931, foi presidida por Cícero Barreto e que, na noite do dia 20 de junho, iriam se reunir “os membros da mesma corporação para um sessão de iniciação.”⁵⁵⁴

Acompanhando as notícias da seção “Vida Religiosa” do órgão *Diario do Interior*, percebemos que o clero católico permanecia atento a toda publicidade relativa à devoção a Nossa Senhora Medianeira pelo que ela estava representando como estratégia de conquista no campo religioso santamariense.

Naquele contexto histórico, a Igreja católica local obtinha, com a devoção do Fráter jesuíta, a oportunidade de convencer os devotos sobre a ação divina a partir de um acontecimento concreto – o episódio de 1930 – e, com isso, desconstruir o discurso dos descrentes do poder da mãe de Jesus, catalizando a devoção para um projeto maior no campo religioso. Estava em jogo, desde o Projeto de Restauração Católica em Santa Maria, o prestígio da Igreja e seu *capital de bens de salvação*.

Neste campo religioso, o *capital cultural* como *conjunto de bens acumulados*, como por exemplo, o conhecimento dos bispos e sacerdotes, creditava poder de monitorar a devoção através de cursos e palestras, bem como das missas. Assim, a Igreja católica em Santa Maria acumulava *capital de bens de salvação*. O *poder simbólico*, representado pela devoção a Medianeira, agia como sobreposto à autoridade, ao reconhecimento, ao prestígio, o que agregava valor à Igreja, conferindo a ela um poder que lhe era fundamental para a conquista de fiéis e para o seu *reconhecimento* como preponderante no espaço da cidade. Podemos entender assim, que o poder simbólico é uma forma irreconhecível, transfigurada das outras formas de poder. Ele exige pensá-lo relacionalmente, neste caso, o interesse seria a crença.⁵⁵⁵

Aqui, então, redefine-se o conceito de interesse da Igreja que, nesse caso, significava especificamente a legitimação social do *capital religioso* na cidade, pois estava investindo *no jogo de trocas*: a *Medianeira que salvou* a cidade da revolução, salvaria também a população da ignorância religiosa, do agnosticismo e da maçonaria. Para tanto, era imprescindível a fidelidade dos devotos.

⁵⁵³ “Festa maçônica”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 25 jun, 1931, n. 142, p. 3, ACMEC, Santa Maria.

⁵⁵⁴ “Pela Maçonaria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 20 jun. 1931, n. 138, p. 3, ACMEC, Santa Maria.

⁵⁵⁵BOURDIEU, Pierre. op.cit., 1998, p. 55-56..

O *pode simbólico* como poder de constituir o dado pelo vocativo, “a Medianeira nos salvou!”, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão daquele episódio de 1930 e, por extensão, a catolicidade da população sul rio-grandense, exerce um poder quase mágico de obter benefícios. Este poder é exercido somente se ele for reconhecido, ou seja, com a adesão da população, ignorando o poder como arbitrário. Assim, a divulgação do crescimento desta devoção através da imprensa corroborava para sua legitimação.⁵⁵⁶

No desdobramento dessas estratégias, lê-se no *Diario do Interior*, que no Seminário São José estavam sendo rezadas missas, a pedido de fiéis, para que se definisse, o quanto antes, o dogma da Mediação Universal de Maria Santíssima”. A nota fez uma breve explicação sobre o início da devoção à Medianeira com o Cardeal Mercier (Anexo 1) e mencionou publicamente que, por seu pedido, o Papa Pio XI havia concedido a festa e a missa de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Anunciou também as comissões que haviam sido organizadas para o estudo do dogma, formada com mais de 450 bispos europeus, sendo que, no Brasil, cerca de 20 dioceses haviam pedido a festa da Medianeira. Informou também que o maior centro de pró-devoção a Medianeira estava nessa cidade e que a população esperava o Santuário.⁵⁵⁷

À realização desta prerrogativa de sagração talvez pudéssemos relacionar a uma outra estratégia da Igreja, no sentido de poder transformar as “romarias” em “peregrinação”. Isto significa, de acordo com o estudo de Sanchis, que na visão eclesial as peregrinações teriam um caráter mais oficial porque totalmente reguladas pela autoridade eclesiástica, enquanto que as “romarias”, de certa forma revestiam-se de mais autonomia.⁵⁵⁸

Podemos afirmar, portanto, que os padres palotinos, jesuítas e diocesanos deram um novo perfil a Santa Maria e cooperaram para a concretização da ideia da Igreja em período de *renovação*. A atuação nas escolas, seminários e movimentos sociais, como a Ação Católica e o Círculo Operário, como veremos ainda nesse estudo, possibilitaram à sociedade santamariense, como um todo, perceber uma outra face da Igreja católica e, ao fazê-lo, mudava

⁵⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. op.cit., 2000, p. 14-31.

⁵⁵⁷ “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 27 jun. 1931, n. 144, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

⁵⁵⁸ Segundo Sanchis, as “romarias”, desde a Idade Média, “estavam inscritas na sensibilidade religiosa local”, impregnadas do imaginário religioso popular relacionadas às etapas da vida como: namoro, casamentos, chegada dos filhos, carreiras, problemas, etc. Isto significava um caminhar, muitas vezes penoso, às vezes, em condições precárias, por isso demorado, mas cheios de encantos até a concretização da apresentação e presença do peregrino a um “Santo”, com quem se conversa, se troca bens (promessas), com quem e para quem se fazia a Festa, esta envolvendo comida, bebida, encontros, danças, até o retorno ao cotidiano a espera de outra romaria. Esta relação, pouco regulada pela Igreja, resultou em manifestações de “paganismo”, foi então que a Igreja passou a se preocupar em recristianizar as Festas religiosas populares. Cf. SANCHIS, Pierre. *Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. Ciências Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 88-89.

também o perfil da cidade. O clero católico de Santa Maria contribuiria, significativamente, para a consolidação e implementação efetiva da Restauração Católica tanto em Santa Maria quando nas cidades da região onde atuaram.

Assim, a sagração do terceiro bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis, foi significativa para o catolicismo, especialmente de Santa Maria. A sua aprovação pelo Estado estava representada por seu paraninfo, o General Flores da Cunha,⁵⁵⁹ uma ação simbólica expressiva para a Igreja. Dom Antônio Reis, que governou a Diocese católica de 1932 a 1960, por entender ser importante à devoção a Nossa Senhora Medianeira e empenhar-se pela difusão dessa invocação mariana, ficou conhecido como “o Bispo da Medianeira”.



Ilustração 44 - Dom Antônio Reis, Bispo de Santa Maria (1932-1960). (Fonte: Acervo Fotográfico Museu Sacro de Santa Maria).

Para atestar o prestígio que a Igreja católica vinha conquistando na cidade, na edição de domingo, dia 03 de janeiro de 1932, o jornal *Diário do Interior* destacou uma notícia sobre o novo epíscopo na primeira página.⁵⁶⁰ E, na terça-feira, o mesmo jornal, novamente, publicou uma reportagem sobre a chegada de Dom Antônio Reis, destacando que na estação de trem ele havia sido recebido “com dobradas palmas”. Estavam presentes na recepção

⁵⁵⁹ Com a vitória dos revolucionários em 1930, Flores da Cunha, nomeado Interventor Federal no Rio Grande do Sul, recuperou as finanças públicas estaduais e criou institutos de fomento econômico. Nos primeiros anos, manteve-se sempre ao lado de Vargas, inclusive durante a Revolução Constitucionalista de 1932. As interventorias constituíam um elemento-chave nas relações do governo central com os Estados, representando um meio de enfraquecer as oligarquias regionais pela perda de suas condições institucionais e de sua autonomia. Com o Estado-Novo, os Estados não tinham o poder de legislar. Cf. DINIZ, Eli. *O Estado-Novo: estrutura de poder, relações de classe*. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Tomo III, v. 3., 1991, p. 110-111.

⁵⁶⁰ “Bispado de Santa Maria”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 03 jan. 1932, ano XIX, n. 2, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

representantes de escolas católicas, associações religiosas e autoridades civis e militares como, por exemplo, o Prefeito Manoel Ribas, o qual, em 1915 pertencia a Loja Honra e Verdade, e o Major Maciel Monteiro, comandante do 7º. Regimento. Na tomada de posse da Diocese, o jornal informou que acompanhavam o Bispo o “Cônego Vicente Scherer, secretário particular do Arcebispo e o vigário de Montenegro.”⁵⁶¹

O bispo chegou a Santa Maria com a pompa que lhe havia sido conferida, não só pela Igreja, mas pelo Estado. Desfilou em carro aberto com autoridades civis e militares para ser aclamado pelo povo santa-mariense e, mais tarde, selar o Projeto de Restauração Católica com a devoção a Nossa Senhora Medianeira. A rua transformava-se num teatro para receber a autoridade eclesiástica e o jornal local dedicava ao prelado um amplo espaço.⁵⁶²

Um novo tempo estava começando em Santa Maria?



Ilustração 45 - Dom Antônio Reis desfilando em carro aberto com autoridades civis e militares, na atual Avenida Rio Branco de Santa Maria. (Fonte: Acervo Fotográfico Museu Sacro de Santa Maria).

⁵⁶¹ “Bispado de Santa Maria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 05 jan. 1932, ano XIX, n. 3, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁶² Sete dias após a chegada de D. Antônio Reis, o mesmo jornal publicava um convite da Loja Maçônica Luz e Trabalho para sessão fúnebre em homenagem a memória do professor Cícero Barreto, que seria realizada dia 11 de janeiro daquele ano, 1932. A maçonaria havia perdido um membro importante, não só de confraria como também uma pessoa de destaque na promoção da educação em escolas públicas da cidade. “Sessão Fúnebre - Convite”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 09 jan. 1932, ano XIX, n. 8, p. 1, AHMSM, Santa Maria.



Ilustração 46 - Convite para a recepção ao Bispo Dom Antônio Reis na Estação da Viação Férrea de Santa Maria e de sua tomada de posse na Catedral Diocesana. (Fonte: Fonte: Jornal *Diario do Interior*, Santa Maria, 3 de janeiro de 1932. AHMSM, Santa Maria).



Ilustração 47 - Reportagem sobre a chegada do Bispo Dom Antônio Reis em Santa Maria. (Fonte: Jornal *Diario do Interior*, Santa Maria, 5 de janeiro de 1932, AHMSM, Santa Maria).

5. 3 Igreja e Estado contra o *inimigo vermelho*: o comunismo

A par da afirmação do catolicismo, através da devoção a Nossa Senhora Medianeira e da ação do clero junto aos operários o governo varguista une forças com a Igreja católica no combate ao adversário comum, os comunistas.

Nesse sentido, em relação as questões sócio-políticas, na primeira quinzena do ano 1931, o *Diario do Interior* publicou uma notícia do “*Osservatorio romano*”, órgão de imprensa do Vaticano, sobre a preocupação da Igreja com a pastoral daquele ano devido aos diferentes aspectos do nacionalismo, advertindo aos fiéis que deveriam “respeitar as instituições vigentes” e condenando o comunismo.⁵⁶³

Naquele período o prefeito, Manuel Ribas, estava em tratativas com o diretor comercial da Cooperativa de Empregados da Viação Férrea, no Rio de Janeiro, sobre a criação de uma Vila Operária em Santa Maria.⁵⁶⁴

Entretanto, outro segmento operário da cidade, descontente com a redução de salários, entrou em greve. Eram os operários da fábrica de móveis denominada “Casa Exportação”. A fábrica foi fechada temporariamente.⁵⁶⁵

Devido à circulação de ideias comunistas entre os operários um dos meios utilizados pelo clero católico para combater-las foi através dos Círculos Operários.

Souza (2002, p. 141), que trabalhou com documentos do próprio padre Brentano, fundador do Círculo Operário Católico de Pelotas, considerado o precursor do circulismo no Brasil, cita fragmentos do documento que previa disciplinar os trabalhadores, oferecendo-lhes uma alternativa político-organizativa que garantisse sua participação no cenário político em gestação e, ao mesmo tempo, legitimasse a presença católica no espaço do trabalho e promovesse a organização corporativa de todos os trabalhadores católicos do Brasil:

A organização corporativa dos trabalhadores que já estava sendo colocada em prática pelo Ministério do Trabalho contava no Rio Grande do Sul com a colaboração do Movimento Circulista criado pelo Pe. Leopoldo Brentano que se adiantava às diretrizes do Centro D. Vital porque, segundo afirmava a ação do Estado diante da questão social era inspirada na doutrina social e no programa social da *Rerum novarum* e das Encíclicas Papais.

Essa questão tinha por objetivo dizer aos operários do Brasil que eles também

⁵⁶³ “A Igreja católica e as doutrinas comunistas”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 16 jan. 1931, n. 13, p. 1, ACMEC, Santa Maria.

⁵⁶⁴ “Uma Vila Operária em Santa Maria”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 16 jan. 1931, n. 13, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

⁵⁶⁵ “Uma greve operária”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 21 jan, 1931, n. 16, p. 2, ACMEC, Santa Maria.

poderiam e deveriam ser católicos e que o catolicismo também fazia parte do mundo do trabalho, pois, com base nas Encíclicas *Rerum novarum*, do Papa Leão XIII, e *Quadragesimo anno*, do Papa Pio XI, a Igreja visava disciplinar o trabalho e reconhecia que a questão operária era um caso a ser tratado com urgência, pois advertia que o empregador deveria dar condições dignas aos seus operários.⁵⁶⁶

O perfil esperado do operário estava explicitado na estrutura e no programa do Círculo Operário Porto-Alegrense⁵⁶⁷ onde dizia, por exemplo, que ele deveria ser “cristão e anticomunista”.⁵⁶⁸

Como os princípios básicos do circulismo eram norteados pela Doutrina Social Cristã, o clero católico deixava claro que a Igreja condenava o marxismo. Isso podemos verificar na Estrutura do Círculo Operário Porto-Alegrense:

1º. A moral e a doutrina de Cristo, código inigualável de justiça, respeito mútuo e amor; 2º. A Encíclica *Rerum novarum* e outros documentos pontifícios; 3º. Repúdio à luta sistemática de classes; 4º. O direito natural e sagrado de propriedade legitimamente adquirida; 5º. O direito e a necessidade de intervenção do Estado na questão social, no sentido de regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.⁵⁶⁹

Na Estrutura⁵⁷⁰ do Circulismo ficava registrado, em letras garrafais, que os Círculos Operários Católicos receberam do chefe da nação, Getúlio Vargas, o título de “Órgão Técnico Consultivo do Ministério do Trabalho”. Dito órgão foi instituído em novembro de 1930 como “Conselho Consultivo composto de individualidades iminentes, sinceramente integradas na corrente das idéias novas”.⁵⁷¹ Dentre suas realizações, orientava, construtivamente, o sindicalismo, “colaborando com as autoridades e patrões, livrando os trabalhadores dos

⁵⁶⁶ A Encíclica *Quadragesimo anno* foi publicada, em 1931, comemorativa ao 40º ano da *Rerum novarum*, enfocando a urgência do equilíbrio entre capital e trabalho, criticando as estruturas do capitalismo liberal e a “apostasia de grande parte dos trabalhadores. Cf. SOUZA, Jessie Jane. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002, p. 67, 86-89.

⁵⁶⁷ Programa, Estrutura e realizações. Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida. Círculo Operário Porto-alegrense, COPA, Porto Alegre: Tipografia do Centro, [19--?], p.1, APPJPA, Porto Alegre.

⁵⁶⁸ Correspondência expedida em 15 de abril de 1978, pelo Pe. Rafael Valle, da Universidade do Trabalho em Porto Alegre, para a Madre Geral e Madres Capilares da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus, APPJPA, Porto Alegre. O Círculo Operário Católico de Porto Alegre foi fundado, posteriormente ao de Santa Maria, em 27 de janeiro de 1934, no Bairro Navegantes: “Pe. Brentano fundou uma creche num bairro onde a mortalidade infantil era enorme e as mães trabalhavam nas fábricas, não tendo com quem deixar as crianças. Essa creche ficou a cargo das Filhas do Sagrado Coração de Jesus”. Assim, as Irmãs estavam ligadas ao Movimento Circulista, atuando junto às famílias operárias.

⁵⁶⁹ Programa, Estrutura e realizações. Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida. Círculo Operário Porto-alegrense, COPA. Porto Alegre: Tipografia do Centro, s/d, p.1, APPJPA, Porto Alegre.

⁵⁷⁰ Ibid. Id.

⁵⁷¹ “A nova organização administrativa do país”. Discurso de posse da chefia do Governo Provisório, em 03 de novembro de 1930”. In: VARGAS, Getúlio. *O pensamento político de Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Assembleia legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/ Museu Júlio de Castilhos, 2004, p. 62-64.

despóticos chefes comunistas que tiranizam os operários e criam um ambiente permanente de instabilidade pública”. A página da notícia está ilustrada com uma foto de Getúlio Vargas examinando o álbum das atividades circunistas, explicitando o alinhamento entre a Igreja e o Estado, nesse caso, contra a propagação das ideias comunistas entre a classe operária, além de reafirmar a credibilidade da Igreja católica junto ao governo Varguista, principalmente no que dizia respeito à questão da educação e organização da classe operária.



Ilustração 48 – O Presidente Getúlio Vargas examina o álbum de atividades dos Círculos Operários
(Fonte: Círculo Operário Porto Alegrense – C.O.P.A. Programa Estrutura e Realizações. Trabalhador Alerta! p. 5).

De acordo com Souza (2002, p. 139-143), a Igreja no Brasil, a partir de 1930, tentava desvencilhar-se de uma imagem que a caracterizava como instituição alheia aos anseios dos trabalhadores, promovendo a organização corporativa de todos os trabalhadores católicos do Brasil. No Rio Grande do Sul, já estava sendo colocada em prática pelo Ministério do Trabalho, por contar com a colaboração do Movimento Circulista. O Estado, preocupado com a questão social, aproximava-se da Igreja e vice-versa. Segundo a autora:

Neste aspecto, o caminho dos revolucionários de 30 convergia para o dos católicos, que também procuravam despir a questão social de todo o conteúdo negativo, dando-lhe centralidade tanto em sua produção teológica quanto na pastoral. E é dessa centralidade que emerge a sua importância política e, em consequência, a possibilidade de a Igreja estabelecer parcerias com o Estado.

O governo Vargas, segundo a autora, colocou, na equipe política do Estado, assessores técnicos conhecedores da Doutrina Social da Cristã que irão se destacar no cenário trabalhista. A Igreja católica reconhecia o importante papel que estava sendo desempenhado pelo Estado, pois Vargas, com a promulgação das leis trabalhistas, cumpria sua promessa com o circulismo

feita em 1929, quando se dirigia aos trabalhadores de Porto Alegre: a elaboração de uma legislação sindical e previdenciária.

Os Círculos Operários Católicos no Rio Grande do Sul ficaram, então, sob tutela da Igreja que também não tinha muita experiência com o circulismo. Porém, esse cenário político preocupava e, ao mesmo tempo, estimulava o grupo de padres jesuítas que iria coordenar as iniciativas dos Círculos Operários Católicos no Rio Grande do Sul, dentre eles o padre Valle. O sacerdote, enquanto agente social do campo religioso católico pretendia, também, que Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças fosse reconhecida como padroeira dos Círculos Operários Católicos do Brasil e “do mundo”. Para tanto, passou a incentivar os operários do Círculo Operário Porto-Alegrense a lotarem os trens e dirigirem-se a Santa Maria por ocasião das romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira. Isso fortaleceria o catolicismo na cidade.

Para Rausch (1997, p. 58), os jesuítas desempenharam um papel importante nos Círculos Operários, pois, temendo o comunismo, manipulavam as votações e, ainda, devido às iniciativas dos sacerdotes, criaram, entre os operários, certa dependência que acabava por supervalorizar a figura do padre, causando certa antipatia em relação aos sacerdotes jesuítas.

Para o autor:

A Igreja significava os padres, fazia a lista dos candidatos “nossos” que eram para serem votados. Na outra folha havia a lista dos condenados (comunistas, maçons, protestantes, etc.). Os vigários fundavam o seu Círculo Operário, porque era uma força, um braço político, capaz de contabilizar votos provenientes dos operários e das pessoas do povo. A influência circulista foi um dos fatores que contribuíram bastante para despertar os bispos e padres a dar atenção aos problemas operários.

Um fato relevante para a ressemantização do catolicismo na cidade de Santa Maria a partir dessa devoção mariana foi o fato do padre Leopoldo Brentano⁵⁷² ter visitado o Santuário de Nossa Senhora Medianeira em 1932, para consagrar a ela os Círculos Operários (Valle: 1952, p. 10-11). E ainda, o fato de ele ter se inspirado no trabalho da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea, sediada em Santa Maria, para fundar o Círculo Operário de Pelotas, em 1932, com o apoio de Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre na época.⁵⁷³

⁵⁷² De 1928 a 1932, Pe Brentano foi capelão do Colégio Gonzaga, em Pelotas, vendido pelos jesuítas aos irmãos lassalistas, em 1925. Os demais jesuítas foram transferidos para Santa Maria para dar início ao Seminário São José. Cf. RAUSCH, Pe. Urbano, S.J. *Uma vida dedicada ao Círculo Operário*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997, p. 50-54.

⁵⁷³ Ibid. Id.

As iniciativas dos padres Caetano Pagliuca, Rafael Valle e Leopoldo Brentano, somadas aos demais sacerdotes, bispos e religiosos da cidade, foram moldando a forma de conquista do catolicismo em Santa Maria.

O jornal *Diario do Interior*, de janeiro de 1934, informa que, naquele ano, foram recebidas propostas de 80 novos sócios para o Círculo Operário. Assistiram à sessão os padres Paschoal Gomes Libreloto e Pio Risdi, este, vigário de Palmeira.⁵⁷⁴ E, no dia 13 de junho de 1934, o mesmo jornal anuncia a chegada do padre Brentano à Santa Maria para uma conferência na capela do Colégio Sant' Anna onde trataria “sobre assunto de grande interesse dos *associados*” do Círculo Operário.⁵⁷⁵ No mesmo ano, o Círculo Operário de Santa Maria contava com 330 sócios efetivos e mantinha uma escola diurna com 64 alunos matriculados.⁵⁷⁶

Percebe-se que o clero católico local foi se articulando e, ao se movimentar entre os operários e o Estado, estava lutando não só pelo reconhecimento do catolicismo no espaço da cidade e do mundo do trabalho, mas também entre as famílias, para conquistar e salvar *almas* através da catequese cristã, implícita na condução da classe operária pelos dirigentes eclesiásticos dos Círculos.

Para exemplificar a preocupação do padre Valle com relação à situação dos operários e como ele via a situação de alguns grevistas, citamos um fragmento da carta que ele enviou à Madre Geral e às Madres Capitulares da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Na carta, ele explica como via a situação dos operários nos anos de 1930:

O operário era totalmente dominado pelos anarquistas e comunistas, sendo que no dia 1º de maio não era permitido sair à rua, pois as cidades eram tomadas pelos militares para impedir a desordem. Por esse motivo, o Pe. Brentano fundou o primeiro Círculo Operário Católico, mas inicialmente foi muito perseguido, pois os operários, dominados pelos comunistas, não queriam ver a batina entre os

⁵⁷⁴ “Círculo Operário”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 20 jan. 1934, ano XX, n. 15, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁷⁵ “Círculo Operário – Uma conferência”. *Diario do Interior*. Santa Maria, 13 jun. 1934, ano XX, n. 153, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁷⁶ Segundo o Relatório de 1946 da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, em 1934 foram fundados os Círculos Operários de Pelotas, Santa Maria, Caxias do Sul e de Cruz Alta; em 1935, o Círculo Operário Leopoldense, o de Novo Hamburgo e o de Tupancreretã; em 1937, foram fundados os Círculos Operários de Bento Gonçalves e São Gabriel; em 1938, foi fundado o Círculo Operário Taquarense; em 1940, o Círculo Operário Caiense; em 1941, o Círculo Operário Pratense e o de Uruguaiana; em 1942, foi fundado o Círculo Operário de Carazinho; em 1943, o Círculo Operário Riopardense; em 1944, foram fundados os Círculos Operários de Espumoso, de Rio Grande, de Canela e de Veranópolis e o Círculo Operário Marcellinense; em 1945, foram fundados os Círculos Operários de Garibaldi, de Flores da Cunha, de Santiago, de Soledade, o Círculo Operário Farroupilhense e o Círculo Operário Lagoense; e, em 1946, foi fundado o Círculo Operário Guaiabense. Cf. *Relatório da Federação dos Círculos Operários Católicos do Rio Grande do Sul*, Santa Maria, 1946, p. 6-21, APPJPA, Porto Alegre.

operários.⁵⁷⁷

Nessa citação, nota-se o chamado “terrorismo de direita” como justificava à repressão do governo revolucionário aos operários de tendência esquerdista.⁵⁷⁸

No entanto, na mesma carta, o padre Valle contava que, quando foi presidente dos Círculos Operários, descobriu que “os operários queriam fazer passeata com a finalidade de fazer uma grande matança de patrões. Avisamos o governo e imediatamente a cidade foi dominada pelos militares e nada aconteceu”. Era a parceria da Igreja e Estado contra o inimigo comum, o perigo *vermelho*.

Esse relato não especifica o ano do protesto, mas é importante observar que o padre Valle estava se referindo ao mesmo objetivo do padre Brentano quando fundou o Círculo Operário Católico Pelotense, em 1934: “combater os comunistas e anarquistas”. No tocante à “passeata com a finalidade de matar os patrões”, não pudemos precisar a data nem o local, pois, segundo Rausch (1997, p. 50-54), a partir de 1937 o padre Valle viveu em Porto Alegre, onde dirigiu o Círculo Operário Portoalegrense, até seu falecimento, em 28 de maio de 1982.

Em discurso proferido em 1936, Getúlio Vargas, ao condenar o comunismo, as idéias marxistas e o espírito anticristão, dava margem às manifestações da Igreja católica contra o comunismo. Ele o considerava inimigo do Estado:

Desencadeador das forças do mal e do ódio que campeiam sobre a nacionalidade, ensombrado o espírito amável de nossa terra e de nossa gente (...) alicerçado no materialismo constitui-se o inimigo mais perigoso da civilização cristã (...) uma espécie de primitivismo, às furnas elementares da organização social, caracterizado pelo predomínio do instinto gregário e cujo exemplo típico são as antigas tribos do interior da Ásia.⁵⁷⁹

O discurso evidenciava o comunismo como proposta de uma sociedade retrógrada e oposta ao progresso “condenado a manter-se em atitude de permanente violência” visando a desordem a fim de implantar o poder “tirânico em nome, e em proveito, de um pequeno grupo de ilusos e audazes exploradores contra os interesse e com o sacrifício dos mais sagrados

⁵⁷⁷ Correspondência expedida em 15 de abril de 1978, pelo Pe. Rafael Valle, da Universidade do Trabalho em Porto Alegre, para a Madre Geral e Madres Capilares da Congregação das filhas do Sagrado Coração de Jesus, APPJPA, Porto Alegre.

⁵⁷⁸ Na obra de Rodeghero pode-se encontrar o tema sobre imaginário anticomunista no Rio Grande do Sul mais especificamente. RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo vermelho: imaginário anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul (1954-1964)*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

⁵⁷⁹ “O levante comunista de 27 de novembro de 1939, saudação ao povo em 01 de janeiro de 1936”. In: VARGAS, Getúlio. *O pensamento político de Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Assembléia legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/ Museu Júlio de Castilhos, 2004, p. 87-91.

direitos da coletividade”.⁵⁸⁰

Outra iniciativa dos jesuítas, narrada pelo padre Rausch (1997, p. 53), foi a criação da Escola Noturna para operários que funcionava no Seminário Central em São Leopoldo. Ela estava a cargo da União de Moços Católicos que ministravam aulas de catolicismo aos alunos. Dita Escola Noturna foi o ponto de partida do padre Brentano e do padre Rausch para a dedicação aos Círculos Operários, criados para combater o comunismo na classe operária.

Nos anos de 1930, o padre Valle,⁵⁸¹ já em Porto Alegre, estava ciente das necessidades e dificuldades de formação profissional, principalmente da classe operária. Para ver esse projeto realizado, ele lançou uma campanha de orações, sendo que, na data do discurso proferido na Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, contava com 1 milhão e 300 mil terços rezados.

A preocupação do padre Valle não era somente devocional, também preocupava-se com a transformação social, com as mudanças sociais da classe operária, indo ao encontro ao do discurso varguista.⁵⁸² O devoto de Nossa Senhora Medianeira recebeu o título de “Cidadão Porto-alegrense”, em 1978, por ter coordenado um projeto que visava levar o ensino técnico e superior aos operários do Rio Grande do Sul, na década de 1930. Posteriormente, fundou a Universidade do Trabalho em Porto Alegre, na Avenida Padre Leopoldo Brentano s/n, na Vila Farrapos.⁵⁸³

Os padres jesuítas, então parceiros do Estado, traçaram suas próprias regras para a *salvação* da família operária. Suas relações com o operariado foram sendo apoiadas pelo governo, pois a Igreja colaborou nas distintas estratégias de Getúlio Vargas para combater o comunismo.

Os Círculos Operários Católicos foram uma experiência, no dizer de Souza (2002, p. 21), “corporificada da forma hierárquica católica de intervenção no mundo do trabalho e na relação expressiva entre a Igreja e o Estado. Foi um projeto teológico-político da Igreja

⁵⁸⁰ Ibid. Id.

⁵⁸¹ Encontramos registro de que Pe. Valle foi colega, no Rio de Janeiro, em Nova Friburgo, no colégio Anchieta, do Dr. Júlio Barata, futuro Ministro do Trabalho e foi designado para substituir o Pe. Leopoldo Brentano como Assistente Geral dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul. Cf. *Curriculum Vitae* do Pe. Inácio Rafael Valle, APPJPA, Porto Alegre.

⁵⁸² Vargas, ao discursar às classes trabalhadoras em 1932, por exemplo, enaltece o proletariado no seu novo sistema de governo quando dizia que o melhor meio para atrair o capital é garanti-lo, é “transformar o proletariado numa força orgânica de cooperação com o Estado e não o deixar pelo abandono da lei, entregue à ação dissolvente de elementos perturbadores, destituídos dos sentimentos de Pátria e de Família”. Cf. “As classes trabalhadoras e o governo da Revolução, discurso proclamado em 29 de outubro de 1932. In: VARGAS, op.cit., 2004, p. 79.

⁵⁸³ A cópia do seu discurso em agradecimento ao título de Cidadão Porto-alegrense tem duas páginas e encontra-se no Arquivo da Província dos Padres Jesuítas, “Sociedade Padre Antônio Vieira”, Porto Alegre.

católica no Brasil, a partir de 1932”.⁵⁸⁴ A autora considera que a Igreja católica estava pautada na idéia de salvação e não na defesa do aparelho ideológico do Estado, pois, para ela, a Igreja é um campo teológico e por isso deve ser compreendida em sua dimensão de corpo místico.

Souza (2002, p. 152-155 e 187) refere ainda que o Pe Brentano inicia o Movimento Circulista no Rio Grande do Sul para lhes “inspirar uma alma cristã” e não para combater ou substituir os sindicatos. A idéia era sacralizar a política social implantada após 1930, com a preocupação de restaurar a dignidade do trabalhador, de manter a nação católica e afastar a sociedade de experiências radicais vindas pelo sindicalismo e pelo capitalismo liberal.

A intervenção da Igreja em relação à questão operária se tornara significativa para o Estado. Segundo Isaia (1998, p. 95-106), em 1932, a Igreja católica no Rio Grande do Sul, ao se aproximar do interventor federal, Flores da Cunha, sedimentava a aliança entre o arcebispo de Porto Alegre e Vargas nas eleições de 1933. A Igreja apoiava o novo partido que Flores da Cunha criara: o Partido Republicano Liberal (PRL) que se mostrava identificado com o catolicismo.

No final de mês de janeiro de 1932, o prefeito da cidade de Santa Maria, Manoel Ribas, transfere-se para o Paraná, pois havia sido nomeado interventor para aquele Estado.⁵⁸⁵ Assim, assumiu a prefeitura de Santa Maria o Sr. João Antônio Edler (1932-1935).

As eleições são realizadas no dia 3 de maio de 1933 e a Assembléia Constituinte foi instalada em 15 de novembro. A Igreja Católica, em nível nacional, destacou-se através do Centro Dom Vital, um núcleo de debates e difusão de idéias que, para a ocasião, organizou a Liga Eleitoral Católica (LEC). Sua atuação consistiu em supervisionar, selecionar e recomendar ao eleitorado católico os candidatos aprovados pela Igreja, mantendo uma postura apartidária. Argumentava-se não haver necessidade de um partido católico, quando as mais variadas agremiações partidárias aceitavam os postulados da Igreja.

No seu episcopado, Dom Antônio Reis irá se posicionar favoravelmente frente ao Estado que se apresentava à sociedade civil como a solução de desenvolvimento e progresso da nação. Pretendeu, junto com o clero católico da cidade, contribuir espiritualmente nesse processo. Para isso, convidou os devotos a participarem da romaria em honra a Nossa Senhora Medianeira, em 1933, para apelar a mãe de Jesus por “um novo Brasil e uma nova

⁵⁸⁴ Em 1932, inicia a campanha eleitoral para a Assembléia Nacional Constituinte; seria a primeira eleição desde a vitória de Vargas com a Revolução de 1930. De acordo com o Código Eleitoral de 1932, o voto era secreto, permitido o voto feminino e a Justiça Eleitoral ficava encarregada de organizar e supervisionar a eleição política. O Código previa, ainda, a formação de uma bancada classista composta por representantes de funcionários públicos, empregados e empregadores, eleitos por delegados sindicais.

⁵⁸⁵ “A Interventoria no Paraná”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 27 jan. 1932, n. 22, ano XIX, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

Constituição.”⁵⁸⁶ As notícias da romaria desse ano não mencionam a presença do padre Valle, somente a do Bispo Dom Antônio Reis e do padre Ricardo Liberali, vigário da Paróquia de São Vicente.⁵⁸⁷

Se as preces contribuíram no processo constitucional não é possível mensurar mas, ao governo Vargas se deve à iniciativa da criação de importantes leis sociais. Diferente da República Velha, as leis que foram criadas a partir do governo revolucionário irão amparar o trabalhador, indo de encontro à Doutrina Social da Igreja. Foi, então, criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio no início do governo.

A *catequese católica* entre os operários também resultou na incorporação da confiança na mediação mariana, invocada como Nossa Senhora Medianeira, a partir de Santa Maria, porque o padre Valle, no período em que esteve na cidade de Santa Maria, difundiu a devoção e atribuiu a ela poder de interseção a Deus em benefício da classe operária. Isso facultava à Igreja o poder de acumular *bens de salvação*.

Para o Estado, a devoção mariana irá servir também, como veremos em seguida, para congregar a massa proletária e suas famílias, “defendendo-as do comunismo”, uma estratégia usada em favor da política. Para o padre Valle, enquanto sacerdote devoto, a Igreja estava oferecendo à classe operária uma devoção onde ele poderia depositar suas esperanças e sua confiança num mundo mais justo para o proletariado. Na imaginação simbólica, uma *poderosa Senhora*, o símbolo significado e significante, que faria a intermediação dos pedidos desses homens a Deus, um colo materno para o consolo nos momentos de dor, aflição e perigo, a exemplo do que a população local já havia experimentado por ocasião do episódio de 1930.⁵⁸⁸

Essa afirmação, embasada em Durand (1988, p. 16-17) considera que o símbolo, nesse caso a imagem de Nossa Senhora, faz “aparecer um sentido secreto, é epifania de um mistério”, tem uma metade visível, “o significante”, o estandarte, a imagem, está carregada do máximo de concretude, pois enraíza-se em três dimensões concretas: é, ao mesmo tempo, cósmico, ou seja, retira toda a sua figuração do mundo visível que nos rodeia e, onírico, pois

⁵⁸⁶ “Festa da Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”, *Diario do Interior*, Santa Maria, 24 mai. 1933, n. 113, ano XIX, p. 2. AHMSM, Santa Maria.

⁵⁸⁷ “Romaria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 30 mai. 1932, n. 118, ano XIX, p. 4, AHMSM, Santa Maria.

⁵⁸⁸ A imaginação simbólica refere-se quando o significado não é absolutamente representável e o signo só pode referir-se a um sentido, não a um objeto sensível. O símbolo é definido como qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido. O símbolo é a reconstrução do sensível, do figurado ao significado mas, pela própria natureza, o significado é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante. A área do simbolismo é o não-sensível em todas as suas formas (inconsciente, metafísica, sobrenatural e supra-real). Essas coisas ausentes ou impossíveis de se perceber que são assunto da religião, da arte, da metafísica, da magia. Cf. DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1988, p. 12-15.

enraíza-se nas lembranças, nos gestos, na biografia mais íntima do fiel devoto (o temor, a proteção dos filhos, a proteção da cidade, amor maternal) e poética, isto é, também apela para a linguagem (Nossa Senhora) a mais concreta, a dona, a que domina. Assim, o duplo imperialismo do significado e do significante, na imaginação simbólica, marca, especificamente, o signo simbólico e constitui a flexibilidade do símbolo mariano.

Para a Igreja Católica, o momento era de afirmação e de maior intervenção na vida política do país. Já para os grupos oligárquicos, a nova Constituição deveria assegurar aos Estados um papel importante. O maior desafio dos constituintes foi tentar encontrar caminhos capazes de atender a uma gama variada de projetos e interesses.⁵⁸⁹

Promulgada em 15 de julho de 1934, a Constituição mantém a República Federativa, o presidencialismo, o regime representativo e o voto secreto. Assim, aos Estados foi assegurado o princípio federalista. No plano da política social, foram aprovadas medidas que beneficiavam os trabalhadores, como a criação da Justiça do Trabalho, o salário mínimo, a jornada de trabalho de oito horas, férias anuais remuneradas e descanso semanal. A Igreja obteve a oficialização do casamento religioso. A atuação da Igreja, junto à classe operária foi de antecipação frente ao Estado. Nesse sentido, a Igreja não esperou a nova legislação de 1934 para tentar estender sua atuação no meio operário, pois no dia 15 de março de 1932, o padre Leopoldo Brentano já havia fundado, em Pelotas, o Círculo Operário Pelotense (Beozzo. In: Pierucci: 1995, p. 310-315).

Em 1934, o Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, pronunciou-se oficialmente, defendendo a obediência da classe operária ao Estado, recordando os princípios cristãos, bem como a fidelidade dos operários à Igreja. Juntos, Estado e Igreja católica colocavam-se como defensores dos interesses da classe operária cristã. No entanto, os discursos de Dom João Becker sinalizavam as preocupações da Igreja e do Estado com relação à possibilidade de rebeldia dos operários influenciados pelas ideologias de esquerda.

O fantasma do comunismo se materializava, a partir de 1935, com a fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), organização de esquerda que, dentre outras coisas, defendia a liberdade religiosa, a liquidação de privilégios da raça, cor ou nacionalidade, a nacionalização dos serviços públicos, a garantia dos direitos dos trabalhadores e liberdades populares (Fausto, 2006, p. 72).

Segundo Dutra (1997, p. 16), o comunismo, a partir da Aliança Nacional Libertadora

⁵⁸⁹ GOMES, Ângela Maria de Castro. Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). In: FAUTO, Boris (Org.) *O Brasil Republicano: Sociedade e política (1930-1964)*, 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Tomo III, v. 3, n. 10, 1991, p. 9-75. (História Geral da Civilização Brasileira).

(ANL) “é o grande tema mobilizador do período, responsável pela coesão dos diferentes setores e instituições e pelas propostas de reformulação da sociedade”. Para afastar esse inimigo, o Brasil dos anos de 1930, deparou-se com “um movimento de fascistização.” Tal movimento resultou num projeto de sociedade com pressupostos totalitários nos moldes da Ação Integralista Brasileira (AIB), criada em 1932 e, de acordo com o autor acima citado:

Tinha o apoio de empresários, integralistas, parlamentares, intelectuais e religiosos. Os discursos surgem em torno da ordem, da família, da pátria, da moral, do trabalho, da propriedade, da autoridade e da obediência, no intuito de preservar a ordem social para reforçar os poderes da família, da Igreja, do Estado, da polícia e dos empresários. (*grifo nosso*)

Assim, a ideologia da Ação Integralista Brasileira, de direita, assumia esse perfil totalitário, enquanto movimento de inspiração fascista,⁵⁹⁰ fundado em São Paulo por Plínio Salgado.⁵⁹¹ Esse grupo inicia suas atividades no Rio Grande do Sul, em 1934, com grande aceitação nas zonas de colonização alemã e italiana. Em 1935, o Integralismo torna-se um partido político que garantia aos trabalhadores salários justos, paz entre as famílias brasileiras, liberdade da pessoa humana dentro da ordem e da harmonia social, a grandeza e o prestígio das classes armadas e a união de todos os brasileiros (Kuhn: 2004, p. 126).

A idéia de um governo ditatorial ultranacionalista, fundamentada pela Ação Integralista Brasileira, segundo Lustosa (1991, p. 54-59), “empolgava uma parcela de católicos conservadores e se posicionava como instrumento de libertação nacional”, encontrando apoio

⁵⁹⁰ O fascismo, surgido na Itália em 1922, com o romeno Benito Mussolini, era uma tendência hostil ao comunismo e à democracia. Esses sistemas, para os fascistas, acabam com os valores da nação e da pátria porque propagam o internacionalismo que debilita a força do Estado. Para os fascistas, a democracia, além de corrompida, é ineficaz e individualista porque garante os direitos de indivíduos; já o fascismo defende os interesses coletivos da nação. É contra a luta de classes, pois o mais importante deve ser a unidade nacional. Os fascistas defendiam a idéia de que os sindicatos fossem substituídos por organizações unitárias, não por agrupamentos profissionais. Pregavam a ordem, a disciplina, a hierarquia e a obediência através de um Estado forte. Seus líderes se utilizaram dos valores morais, como orgulho pelo passado imperial e suas antigas saudações, para estimular o nacionalismo. Agitavam as massas contra os governos liberais, que consideravam fracos, sem condições de defender o povo e a honra nacional. Os nacionalistas, com suas “camisas negras”, reuniam-se em *fascios* (esquadras de combate, de ação), agrupavam jovens desiludidos com o regime para combater os socialistas e comunistas, principalmente nas fábricas e cooperativas. Os fascistas passaram a representar a ordem pela força e violência contra seus oponentes. Tinham apoio de industriais e latifundiários. As greves, a crise econômica e a falta de autoridade levaram os ultranacionalistas a formar, na Itália, o Movimento Fascista, após a I Guerra Mundial. Mussolini cria a Constituição Trabalhista, “*Carta del Lavoro*”. O apoio da Igreja ao fascismo resultou na decisão de Mussolini em resolver a pendente “Questão Romana” que, desde 1870, dificultava as relações entre a Igreja e o Estado italiano. Através dos acordos de Latrão, assinados em 1929, o Estado do Vaticano foi reconhecido, a Igreja foi indenizada pela anexação dos Territórios Pontifícios à Itália e o catolicismo foi declarado religião oficial do Estado. O prestígio de Mussolini alcançou praticamente todo o mundo católico. Cf. PALLA, Marco. *A Itália Fascista*. São Paulo: Ática, 1996.

⁵⁹¹ Do manifesto de Plínio Salgado, em 1932, surge o lema do Integralismo: “Deus, Pátria e Família”. O Integralismo preconizava a hegemonia de um único partido, com um único dirigente.

na oligarquia tradicional, na alta hierarquia militar e no clero.

No Brasil, como na Europa, o governo encontrava novamente na ideologia de esquerda motivos para reprimir as manifestações e também tinha apoio da Igreja. O governo brasileiro, depois da repressão ao movimento comunista em 1935, elaborou, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), uma rede de informações para controlar a oposição.

Desde a Intentona Comunista de 1935, Getúlio Vargas manteve o País sob estado de guerra, com a suspensão dos direitos constitucionais e forte repressão policial. Com essa atitude, justificava a defesa da nação diante do “perigo” comunista.

Nesse sentido, as tentativas de avanço do comunismo, pós-1934, desencadearam, segundo Gomes (In: Fausto: 1991, p. 73-45), uma violenta ofensiva governamental como a repressão policial dirigida à classe operária, a jornalistas, a intelectuais e a parlamentares, sendo que, a partir de 1935, a lei de Segurança Nacional fortaleceria os poderes do presidente da República, possibilitando um verdadeiro regime de exceção.⁵⁹²

O perfil autoritário que caracterizava o governo Vargas era perceptível também nos discursos de Dom João Becker no Rio Grande do Sul, os quais dão conta do alinhamento da Igreja com o Estado nesse quesito: a questão operária. Em outras palavras, os direitos do trabalhador; a humilhação do operário; o trabalho dividido; a nobreza do trabalho e as desigualdades humanas são temas que Dom João Becker procurava amenizar, citando o exemplo de Cristo, obediente a Deus. Outros temas correntes registrados por Dom João Becker em suas Cartas Pastorais e nas publicações da Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre, UNITAS, principalmente a partir de 1935, são dirigidos aos trabalhadores no Dia Internacional do Trabalho e nos Congressos Operários.

Em Porto Alegre, em 1935, ano da Intentona Comunista,⁵⁹³ o Arcebispo metropolitano destacou, em seu discurso proferido no Círculo Operário Porto-Alegrense, os princípios da Doutrina Social da Igreja, manifestados pela voz dos papas acerca da questão social e econômica. Era o Dia Internacional do Trabalho. Dom João Becker citou as Encíclicas *Rerum novarum* e *Quadragesimo anno* no intuito de, não somente demonstrar o apreço da Igreja pela

⁵⁹² No ano de 1935 formou-se em Porto Alegre, com o apoio da diocese e de Flores da Cunha, a Ação Brasileira de Renovação Social, um grupo de católicos voltados para a luta anticomunista, que iria somar-se ao projeto de recristianização da Arquidiocese, pois esse grupo defendia a idéia de que a recristianização seria a condição básica para enfrentar os problemas sociais, já que estava embasada na Doutrina Social da Igreja. Todavia, esse grupo, formado por intelectuais, não conseguiu atingir as massas operárias e foi “alvo do ódio dos que combatiam o triunfo do ateísmo materialista”. Cf. ISAIA, op.cit., 1998, p. 133-142.

⁵⁹³ Insurreição político-militar promovida e liderada, em novembro de 1935, por Luis Carlos Prestes. O objetivo era tomar o poder e instalar um governo socialista no Brasil. Agrupava ex-tenentes, comunistas, socialistas, líderes sindicais e liberais excluídos do poder. A ANL aprovou um programa de reformas sociais, econômicas e políticas que incluía aumento de salário, nacionalização de empresas estrangeiras, proteção ao pequeno e médio proprietário e defesa da liberdade pública.

questão social, como também o poder papal já que, “através do princípio da infalibilidade papal Deus confiou ao Papa o depósito da verdade e o encargo de divulgar toda a lei moral, devemos interpretá-la e fazer cumprir”. Dom João Becker também deixava claro que, no Rio Grande do Sul, a religiosidade ocupava um lugar especial junto aos operários que, assim, queriam comemorar o dia dedicado ao trabalho:

Pode alguém estranhar que as festas comemorativas do trabalho sejam iniciadas com a solenidade religiosa que representa o ato mais sublime do nosso culto. Pois não significa, porventura, o dia primeiro de maio a emancipação do trabalho de qualquer concepção cristã, segundo as idéias dos corifeus do marxismo e do leninismo? Seja! Porém, os Círculos Operários do Rio Grande do Sul não aceitam tal significação. Prestam neste dia uma justa homenagem ao trabalho, que nos planos da providência divina, ocupa um lugar de alta relevância social. Acresce que Deus é o artífice máximo na construção do mundo e da mecânica celeste.⁵⁹⁴

O discurso denota o quanto a Igreja católica estava preocupada com o comunismo e com o anticlericalismo e como Dom João Becker procurava advertir sobre a necessidade de não dissociar a festa profana do culto divino. O arcebispo enaltece os operários católicos, porque obedientes ao dirigente eclesiástico, não dissociavam a missão apostólica da Igreja do poder público, colaborando para a “reconciliação do Estado, antes liberal e agnóstico com a Igreja “apostólica e evangelizadora”, galgado pelo arcebispo desde a Revolução de 1930.⁵⁹⁵

No entanto, Dom João Becker lembrava também que o Papa “não condena o capitalismo, mas reprovava o capitalismo que se arvora em dominador dos Estados e das nações, que escraviza os povos, impondo-lhes a sua vontade, na paz e na guerra”. O marxismo, o comunismo e o socialismo também são reprovados no mesmo discurso: “nenhum desses sistemas pode salvar o operariado nem a sociedade, abalada nos seus alicerces”. Ao finalizá-lo, enalteceu a Constituição Federal da República brasileira, a Constituição Estadual do Rio Grande do Sul e os governos dos Estados e municípios que “respeitam e garantem os direitos do operariado”, sendo “a Igreja católica a maior força protetora de todo o operariado, através de todos os séculos da era cristã.”⁵⁹⁶

O ensinamento da Doutrina Cristã seria condição “*sine qua non* para a edificação de uma verdadeira civilização cristã. O avanço do capitalismo era visto como o advento de uma

⁵⁹⁴ Discurso de D. João Becker, “O dia do Trabalho”. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, Secção Doutrinária e Noticiário, jun-jul, n. 6-7, ano XVII, 1935, p. 126 a 128, ACMPA, Porto Alegre.

⁵⁹⁵ Cf. ISAIA, Artur. Catolicismo e desenvolvimento varguista: nexos do apoio da Arquidiocese de Porto Alegre ao Estado brasileiro no período pós-30. In: *Revista Estudos Ibero-Americanos*. Pós Graduação de História, PUCRS, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XIX, n. 2, dez. 1993, p. 94.

⁵⁹⁶ Discurso de D. João Becker, “O dia do Trabalho”. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, Secção Doutrinária e Noticiário, jun-jul, n. 6-7, ano XVII, 1935, p. 129-131, ACMPA, Porto Alegre.

era de dominação pela mecanização, pelo primado da técnica, capaz de acelerar o processo de laicização em curso.”⁵⁹⁷

Esses discursos são endossados pela tese de Isaia (1998, p. 161-166) sobre a posição do bispo Dom João Becker frente à sociedade civil o qual, considerando que “a vida nacional estava alicerçada nos fundamentos cristãos”, pretendia que a Igreja católica atuasse como “força de afirmação da identidade nacional brasileira, integrando diferentes etnias a uma herança cultural específica”. Ou seja, a Igreja estaria acima das nacionalidades e o “Brasil plasmou a sua identidade na aceitação do seu magistério”.

Dita concepção, em relação à classe operária, pode ser exemplificada, também, através da Vigésima Quinta Carta Pastoral de Dom João Becker,⁵⁹⁸ onde ele lembra trechos do Evangelho católico para estimular, nos operários, a confiança nos fundamentos do cristianismo, tratando também de temas referentes à obediência e à pobreza, citando o exemplo de Jesus Cristo, referindo-se a ele como filho adotivo de José, um carpinteiro, de quem os pobres e humildes se aproximaram com confiança e simplicidade. Ao referir-se, ainda, a Jesus “como reformador social que era, conhecia bem as condições das classes populares, suas lutas e suas dificuldades”, estava claramente dizendo que a salvação estava nos seguidores de Cristo, nesse caso, na Igreja católica, pois “as humilhações do operário tomou-as sobre si o próprio Filho de Deus”. Os operários deveriam lutar pelos seus direitos sem provocar revoluções, pois deveriam obedecer às legítimas autoridades do Estado, a exemplo de “*Cristo que santificou a obediência*”:

Se as classes possuidoras devem praticar a justiça e a caridade, os elementos operários precisam conformar-se com sua sorte, procurando melhorar suas condições de vida dentro de um ambiente de paz e de ordem, *lembrando-se da doutrina e do exemplo do divino carpinteiro de Nazaré*. Se foi necessário que Jesus Cristo nos ensinasse a moderação na procura dos bens terrenos e o amor ao trabalho, não era menos preciso que ele nos ensinasse sobre a obediência a legítima autoridade. A obediência consiste em reconhecer a um superior, aceitar sua direção em tal ou qual ordem de atividade e abandonar consequentemente, nossas preferências, nossas inclinações e os pendores da nossa vontade.⁵⁹⁹ (*grifo nosso*)

Na citada Carta Pastoral, Dom João Becker deixou claro qual é o perfil do trabalhador que a Igreja esperava através dos Círculos Operários Católicos. Os Círculos eram usados como agências reguladoras para que os operários fossem obedientes à Igreja e ao Estado,

⁵⁹⁷ Cf. ISAIA, op.cit., 1998, p 166-170.

⁵⁹⁸ Vigésima Quinta Carta Pastoral de D. João Becker, “Reabilitação da pobreza, do trabalho e da obediência”, Cap. XXXII, In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, set-out, n. 9 e 10, ano XXII, 1935, p. 373-380, ACMPA, Porto Alegre.

⁵⁹⁹ Vigésima Quinta Carta Pastoral de D. João Becker, op.cit., 1935, p. 378.

elementos ordeiros, uma vez que a Constituição do Estado lhes havia sido favorável. Dom João Becker desconsiderava as individualidades, ao aconselhar os operários a se conformarem, a abandonarem suas aspirações. Dá a impressão de que condenava-os à condição de *massa*, num sistema mecanicista e não organicista, subserviente ao poder constituído. Seria então, um contra-discurso a seu próprio discurso ou quando condenava o bolchevismo.

Dom João Becker, de acordo com Isaia (1998, p. 184-185), “mostrava a necessidade de separar a idéia de liberdade da matriz liberal: segundo o arcebispo, era necessário que a liberdade se curvasse diante de um Estado dotado de força suficiente para impedir a anarquia social, fruto da ação egoísta do indivíduo”. O arcebispo condenava “a idéia de povo como fundamento, fonte da autoridade”, para ele esta ideia “só podia conduzir a sociedade à tirania, à adulteração da democracia quando as massas passam a intervir nos negócios públicos movidos por seus caprichos, caindo facilmente nas armadilhas dos demagogos, que lhes acenam com a falácia da origem popular do poder (...) o povo constitui não a fonte, mas o canal da autoridade”.

Segundo o autor, Dom João Becker “relativizava a instituição do sufrágio universal como instrumento da realização da vontade popular e relativizava os processos tidos como democráticos”, pois, para ele, as aspirações populares poderiam ser alcançadas através de outro modelo de poder, já que considerava “a necessidade de ‘aperfeiçoar-se’ a idéia de democracia”, sendo que esta deveria ter “força suficiente para não sucumbir ante os inimigos da civilização cristã.”⁶⁰⁰

Em seus discursos, Dom João Becker, demonstrava o alinhamento do arcebispo com o Estado como, por exemplo, no I Congresso Operário Católico organizado pelo Círculo Operário Porto-Alegrense, presidido pelo Arcebispo metropolitano na solenidade de instalação do mesmo, realizado no Teatro São Pedro. Esse Congresso fez parte das comemorações do Centenário da Revolução Farroupilha, quando foram discutidos assuntos referentes ao capital e ao trabalho, cujo equilíbrio, segundo o orador do discurso, estava na “justiça, na caridade e na equidade.”⁶⁰¹

O discurso de encerramento desse Congresso foi proferido por Dom João Becker. O tema tratado foi o cristianismo e o bolchevismo. Ele considerou como se fossem as duas forças antagônicas do mundo moderno. Advertindo para os perigos que os operários da nação brasileira enfrentariam se aderissem ao bolchevismo, perguntou: “será possível que nossos

⁶⁰⁰ Cf. ISAIA, op.cit, 1998, p. 186.

⁶⁰¹ *Revista Honestas*, set-out, 1935, p. 48.

operários e camponeses queiram ser condenados à sorte de verdadeiros escravos?”⁶⁰²

Podemos inferir que Dom João Becker, ao enfatizar a fidelidade à Doutrina Cristã e aos princípios do Evangelho, esperava garantir a paz e a prosperidade da nação da qual os operários seriam potenciais aliados, como um fiel *soldado*:

Nós queremos, sinceramente, a paz e a felicidade da nossa gloriosa e estremecida pátria. Mas, para que esses dons benéficos se tornem uma feliz realidade, é preciso que Cristo reine em todo o Brasil. Sejamos, portanto *soldados de Cristo* e seremos os vanguardeiros da grandeza da terra de Santa Cruz. Cristo, nosso rei, salvará o Brasil.⁶⁰³ (*grifo nosso*)

Na tentativa de amenizar os ânimos da classe operária e de colaborar com os interesses do Estado, Dom João Becker continuou seus pronunciamentos contra o *perigo* comunista que rondava o operariado. Destacou o “brilhante exemplo de fé e patriotismo dos Círculos Operários Católicos do Rio Grande do Sul” valorizando a classe operária. Referia-se ao bolchevismo russo como “apóstata de Deus e de Jesus Cristo”. Considerando-o uma ameaça violenta, não só ao operariado, mas a “todas as classes e a todas as posições sociais”, um regime “subversivo no ensino, na educação, no comércio, na indústria na política e nos governos”, argumentando que ele se aproximava dos operários. Considerava o comunismo, “inimigo formidável da civilização cristã, das instituições públicas e das pátrias, império tirânico a todas as nações.”⁶⁰⁴

No final daquele ano, 1935, o arcebispo metropolitano, Dom João Becker, viajou a Santa Maria para participar do I Congresso Eucarístico da cidade, realizado de 28 de novembro a 1 de dezembro. Dom João Becker fez o discurso inaugural, reforçando as iniciativas do padre Valle pela cristianização dos operários. O evento, segundo publicação da Diocese, ocorreu com “júbilo e entusiasmo”⁶⁰⁵. A solidariedade do Estado à Igreja católica de Santa Maria ficava expressa, por exemplo, na concordância de liberação dos ferroviários para trabalharem na organização do Congresso, por solicitação do deputado Dr. Xavier da Rocha ao Diretor Geral da Viação Férrea. A mesma decisão tomou Augusto Ribas, Diretor da

⁶⁰² Seção doutrinária, “Congresso Operário”, *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, n. 11 e 12, ano XXII, nov-dez, 1935, p. 488, ACMPSA, Porto Alegre.

⁶⁰³ Seção doutrinária, “Congresso Operário”, *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, n. 11 e 12, ano XXII, nov-dez, 1935, p. 490, ACMPSA, Porto Alegre.

⁶⁰⁴ “Congresso Operário”, Seção doutrinária, *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, n. 11 e 12, ano XXII, nov-dez, 1935, p. 490, ACMPSA, Porto Alegre.

⁶⁰⁵ Publicação especial sobre o I Congresso Eucarístico Diocesano, Jubileu Sacerdotal de D. Antônio Reis. Seção “Notas Diversas”, Santa Maria, 1935, p. 157, ACMPSM, Santa Maria.

Cooperativa de Empregados da Viação Férrea.⁶⁰⁶

O Congresso Eucarístico foi sendo amplamente anunciado em Santa Maria pelo órgão *Diário do Interior*. O jornal cobriu o evento informando à população, em várias edições, sobre o significado de um Congresso Eucarístico, bem como a história do mesmo e os locais onde haviam sido realizados anteriormente, desde 1881. As notícias davam conta de toda a programação do evento na cidade, cujos títulos remetiam à ideia de entusiasmo em torno do acontecimento como, por exemplo, o título da manchete: “A grandiosa demonstração de fé cristã”. O apoio e a presença do Arcebispo metropolitano e de Dom Sebastião Leme, Cardeal do Rio de Janeiro, deram, ainda mais prestígio a Igreja católica de Santa Maria.⁶⁰⁷



Ilustração 49 - Repercussão do Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria na mídia impressa: “O Primeiro Congresso Eucarístico de Santa Maria” (Fonte: Jornal *Diário do Interior*, 30 nov. 1935, Santa Maria. ACMEC, Santa Maria).

⁶⁰⁶ Publicação especial sobre o I Congresso Eucarístico Diocesano, Jubileu Sacerdotal de D. Antônio Reis. Seção “Notas Diversas”, Santa Maria, 1935, p. 157, ACMSM, Santa Maria.

⁶⁰⁷ “O próximo Congresso Eucarístico – Os trabalhos preparatórios”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 10 nov. 1935, ano XX, n. 246, p. 4; Valério ALBERTON, “Congressos Eucarísticos Internacionais”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 13 nov. 1935, ano XX, n. 248, p. 1; “A grande semana do Congresso Eucarístico – Ao povo catholico de Santa Maria”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 14 nov. 1935, ano XX, n. 249, p. 1; “Congresso Eucarístico. Continuum os preparativos para o grande certame”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 22 nov. 1935, ano XX, n. 255, p. 2; “Congresso Eucarístico. Os preparativos para a grandiosa demonstração de fé christã. A kermesse na Praça Saldanha Marinho”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 26 nov. 1935, ano XX, n. 258, p. 1; “Congresso Eucarístico diocesano. Continuum os preparativos. Comunhão aos doentes do Hospital de Caridade. Os aplausos do Cardeal Leme do Bispo de Uruguaiana. Outras informações. *Diário do Interior*, Santa Maria, 27 nov. 1935, ano XX, n. 259, p. 4; “Congresso Eucarístico Diocesano – Instruções para as concentrações dos dias 29 e 30 de novembro e 1º de dezembro”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 28 nov. 1935, ano XX, n. 260, p. 1; “A sessão de Estudos no Congresso Eucarístico”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 29 nov. 1935, ano XX, n. 261, p. 1; “Nas vésperas do Congresso Eucarístico Diocesano. Será instalado hoje, o Primeiro Congresso Eucarístico de Santa Maria. As cerimônias preliminares realizadas hontem revestiram-se de grande brilho. Diversas informações”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 29 nov. 1935, ano XX, n. 260, p. 1; “O Primeiro Congresso Eucarístico de Santa Maria. Com inexcédível brilho prosseguiu, hontem, as cerimônias do grande certame religioso (...)”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 01 dez. 1935, ano XX, n. 263, p. 1, AHMSM, Santa Maria.



Ilustração 50 - Repercussão do Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria na mídia impressa: “O Primeiro Congresso Eucarístico de Santa Maria”. (Fonte: jornal *Diario do Interior*, 01 dez. 1935, Santa Maria. ACMEC, Santa Maria).

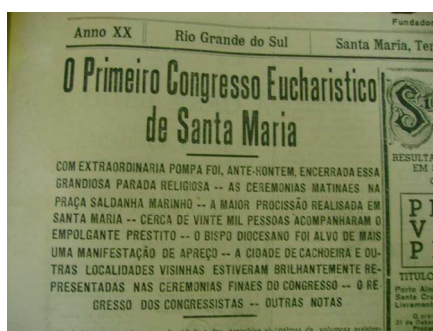


Ilustração 51 - Repercussão do Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria na mídia impressa: “O Primeiro Congresso Eucarístico de Santa Maria”. (Fonte: jornal *Diario do Interior*, 03 dez. 1935, Santa Maria. ACMEC).



Ilustração 52 - Repercussão na mídia impressa sobre o Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria, em 1935. A nota do jornal solicitava às famílias católicas que colocassem seus rádios nas janelas a fim de facilitar a “irradiação e propaganda” do Congresso Eucarístico Diocesano de Santa Maria. (Fonte: “Radio. Congresso Eucarístico. Diariamente”. Jornal *Diario do Interior*, 23 nov. 1935, Santa Maria. ACMEC)

O discurso do arcebispo metropolitano declarava que a Igreja católica, detentora dos *bens de salvação*, da ética e da moral cristã, era a salvaguarda dos direitos dos trabalhadores e do Estado, pois combatia, com ele, o inimigo, colocando em evidência, assim, sua conformidade com as diretrizes do Estado brasileiro que condenava qualquer tipo de intervenção política.

No ano seguinte, em janeiro de 1936, um dos discursos proferidos por Getúlio Vargas respaldava a Igreja católica e Dom João Becker considerava os simpatizantes das ideias marxistas dissimulados e adeptos ao comunismo, “misturadores de toda a casta, perniciosos e astutos” que distribuía livros sectários, propinando o veneno e protestando inocência a cada passo, pois não invocam na sua lábia a violência e sim a modificação evolutiva dos valores universais”. Também considerava os comunistas imitadores do *bolchevismo russo*, os quais “se diziam protetores dos proletários” aos quais acabaram escravizando. “São um perigo muito maior do que se possa supor” para a nacionalidade brasileira. Nesse discurso, Vargas alegava a necessidade e o dever de reprimir o comunismo e conclamava a todos os brasileiros a combater juntos, pois apelava para a idéia de que o comunismo pretendia destruir a “grande família cristã.”⁶⁰⁸

Em nível nacional, foi decretado o fechamento da Aliança Nacional Libertadora e reprimido o levante armado. O Congresso Nacional aprovou a decretação de estado de sítio até meados de 1937, impondo um regime autoritário com interventores estaduais fiéis a Getúlio Vargas, nomeados por ele, que também substituiu alguns chefes militares, rompendo e negando a Constituição vigente. Getúlio Vargas instalou o Estado Novo (1937-1945).

A propaganda anticomunista, a renúncia de Flores da Cunha, que partiu para o exílio em Montevidéu, e a solidariedade da maior parte dos governadores a Getúlio criavam as condições para a interrupção do processo eleitoral e o caminho estava aberto para um novo tempo, “autoritário e modernizador.”⁶⁰⁹

Esse contexto histórico, onde as relações entre a Igreja e o Estado se coadunavam, irá concorrer para nele identificarmos um fator de “invenção da tradição” pelo padre Valle: a consagração do operariado a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

⁶⁰⁸ “Necessidade e dever de repressão ao comunismo, resposta á manifestação popular recebida o Rio de Janeiro, a 10 de maio de 1936”. In: VARGAS, Getúlio. *O Pensamento político de Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul/ Museu Júlio de Castilhos, 2004, p.92-95.

⁶⁰⁹ Cf. FAUTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 91.

5. 4 Nossa Senhora Medianeira: a Padroeira dos Círculos Operários e do Estado do Rio Grande do Sul.

O golpe de Estado de 1937 não afastou a Igreja da política nacional, pois o Estado soube aproveitar a influência dos eclesiásticos. De acordo com Kühn (2004, p. 126) “a Igreja se punha a serviço do povo, mas sob as bênçãos do governo que se servia do povo para interesses e objetivos oficiais”. E ainda mais: a Igreja não se manifestava contra o Estado Novo, conseguindo, assim, manter um lugar de projeção na sociedade brasileira. É nesse contexto que, para reafirmar a conquista do espaço do sagrado, irá se efetuar, em Santa Maria, a devoção a Nossa Senhora Medianeira, passando a ter mais visibilidade em nível estadual e nacional, por iniciativa da Igreja e com o apoio do Estado.

O apoio irrestrito do arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, ao Estado Novo estava ligado as suas concepções de democracia, pois ele entendia que a mesma deveria ser a de um governo “com força”, ou seja, “aquele que não se serve da força para efetivação e a defesa dos direitos e liberdades e não um governo de força”, onde “a força se serve do governo para o avassalamento dos direitos e das liberdades”. Assim, “o regime de 1937 aparecia como um governo popular e democrata, capaz de realizar a prosperidade social e moral do povo”. E o Estado Novo configurava-se como “uma experiência política, ao mesmo tempo distante da absorção totalitária do estatismo e da licenciosidade desagregadora da democracia liberal (...) era visto como um paradigma de democracia ímpar.”⁶¹⁰

À época do Estado Novo, a atuação dos jesuítas em prol do Projeto de Restauração Católica foi revitalizada em Santa Maria através dos Círculos Operários. Nesse período, em 22 de setembro de 1937, foi fundado na cidade o Círculo Operário Ferroviário do Rio Grande do Sul (COF)⁶¹¹ que passou a ter sua sede em Porto Alegre, no mesmo prédio do Círculo Operário Porto-Alegrense, na Rua dos Andradas. O primeiro presidente foi Ariosto Borges Fortes e o Assistente Eclesiástico, o padre Cláudio Mascarello.⁶¹² Desde sua fundação, passou a ser considerado filiado à Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul. No ano de 1946, contava “com 4.987 sócios efetivos e alguns cooperadores e mantinha cinco escolas diurnas e noturnas. Estava dividido em 14 núcleos, sendo que cada um estava sendo dirigido

⁶¹⁰ Cf. ISAIA, op.cit., 1998, p. 186-190.

⁶¹¹ Esta questão ficou em aberto na obra de João Rodolpho Flores. O autor encontrou apenas algumas pistas sobre o *Círculo Ferroviário do Rio Grande do Sul*, em Santa Maria, localizado, à época, na Rua Agre e a sede central era em Porto Alegre. FLORES, João Rodolpho Amaral. *Os trabalhadores da R.F.R.G.S.* Profissão, mutualismo, cooperativismo. Santa Maria: Pallotti, 2008, p. 264-266.

⁶¹² Cf. Estatutos do Círculo Operário Ferroviário do Rio Grande do Sul COF, Porto Alegre: Selbach/ Sindicato da Rede Ferroviária Federal, 1940, APPJPA, Porto Alegre.

por uma comissão, presidida por um delegado de livre nomeação da diretoria central.”⁶¹³

Segundo os Estatutos do Círculo Operário Ferroviário (COF), o mandato do Assistente Eclesiástico era de caráter permanente e competia a ele, dentre outras coisas:

Assistir às reuniões da Diretoria e da Assembléia Geral; ser o fiel conselheiro da Diretoria e o defensor dos operários; salvaguardar as *finalidades sociais e espirituais do Círculo* e vetar todas as propostas e orientações contrárias a estas finalidades; examinar qualquer chapa a ser apresentada para as eleições anuais, vetar qualquer nome que não satisfaça a orientação do Círculo, bem como promover o afastamento de elementos, tanto diretores como auxiliares, que, por sua orientação e atos, causarem dano moral ou material notável ao Círculo; *zelar pela instrução religiosa nas escolas do Círculo e examinar os livros escolares sob o ponto de vista moral*, bem como as peças teatrais a serem exibidas por ocasião das festividades⁶¹⁴. (*grifo nosso*).

A base do Círculo Operário Ferroviário era a doutrina e a moral cristã e a orientação sociológica estava contida nas Encíclicas *Rerum novarum* e *Quadragesimo anno*, além de outros documentos pontifícios. Repudiava à luta sistemática e violenta de classe.⁶¹⁵ A Igreja ampliava sua influência, atuando politicamente pelo viés doutrinário. O seu contrário era subversão. A situação crítica, à época, do Estado Novo, foi proporcionando o fortalecimento da Igreja frente à sociedade civil e o prestígio da mesma frente ao Estado.

De acordo com o Estatuto dos Círculos Operários, percebe-se que o controle social se enquadrava no regime estado-novista, havendo uma preocupação com a doutrinação na questão moral, política e religiosa dos operários.⁶¹⁶ Em 1937, os jornais de Santa Maria, A

⁶¹³ Cf. Relatório da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1946, p. 5.

⁶¹⁴ Estatutos do Círculo Operário Ferroviário do Rio Grande do Sul COF, Porto Alegre: Selbach/ Sindicato da Rede Ferroviária Federal, 1940, APPJPA, Porto Alegre.

⁶¹⁵ Em 1937, a Santa Sé havia se manifestado novamente contra o comunismo e a injustiça social, evocando a Encíclica *Divinis redemptoris*, um documento que, segundo Souza (2002, p. 90), foi dedicado inteiramente à denúncia contra o comunismo como uma falsa doutrina. Essa Encíclica, onde Papa fez exigências em relação à justiça social e condenou a ideologia do materialismo marxista, reafirmava os discursos do governo brasileiro. Nessa época, o Projeto de Restauração Católica ia sendo respaldado pelo Estado Novo, instaurado pelo golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, com o apoio de importantes lideranças políticas, militares e eclesásticas. A publicação da Carta Encíclica *Divinis redemptoris*, sobre o “Comunismo Ateu” na Revista *Unitas*, em 1937, reforçava o espírito inovador da Igreja e, ao mesmo tempo, seu espírito de colaboração com o Estado, expresso anteriormente pelo arcebispado e sua preocupação em fortalecer a fé do operariado nos ensinamentos de Cristo e da Igreja, pois registrava que era dever do cristão “opor-se e combater os esforços do comunismo”. Carta Encíclica “*Divinis redemptoris*”, aos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários que estão em paz e comunhão com a Santa Sé Apostólica, sobre o “comunismo ateu”. Papa Pio XI. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, ano XXIV, n. 56, mai-jun 1937, p. 130-141, ACMPA, Porto Alegre. SOUZA, op.cit, 2002.

⁶¹⁶ Santos considera a ideia de doutrinação nos Círculos operários e a presença de um assistente eclesástico com poder de veto por si só definiam o perfil católico da agremiação. Cf. SANTOS, Carla Xavier. “*Nossa Senhora Medianeira Rogai por nós*”. A relação do Estado Novo com a Igreja católica através dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008, p. 69-75.

Razão e Diário do Interior, publicaram notas sobre o Círculo Operário, mas não encontramos notícias sobre Círculo Operário Ferroviário nos mesmos.⁶¹⁷ O que noticiavam era a vinda dos assistentes eclesiásticos dos Círculos Operários.

A devoção a Nossa Senhora Medianeira, como *capital simbólico* acompanhava as novas diretrizes do governo Vargas à época da implantação do Estado Novo. A exemplo do ocorrido em Santa Maria em 1930, quando a Nossa Senhora Medianeira foi invocada para proteger a cidade, o Arcebispo metropolitano, Dom João Becker, buscou, para o Estado gaúcho, em 1937, a proteção de Nossa Senhora Medianeira contra os integralistas. O fato está registrado em artigo redigido pelo padre Valle:

Em 1937, os perigos da revolução entre o governo federal e o governo estadual do Rio Grande do Sul, levaram D. João Becker, arcebispo metropolitano a fazer uma promessa de dedicar uma paróquia à Medianeira com templo votivo, se Nossa Senhora impedisse o derramamento de sangue. Como não houve revolução na cidade, D. João Becker fundou em Porto Alegre a paróquia de Nossa Senhora Medianeira, em 1942, em agradecimento à graça recebida.⁶¹⁸

O decreto da fundação dessa paróquia foi publicado no *Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre, Revista Unitas*,⁶¹⁹ sendo que a paróquia provisória, Nossa Senhora Medianeira, foi construída na Rua Coronel Neves. A invocação da devoção mariana gaúcha também irá aparecer em nível nacional, em 1937, quando Dom Sebastião Leme chamou o padre Leopoldo Brentano ao Rio de Janeiro para fundar o *Movimento Nacional dos Círculos Operários Católicos*. Esse movimento, em nível nacional, teria resultado da fusão de duas iniciativas dos padres, Valle e Brentano: os Círculos Operários e a devoção a Nossa Senhora Medianeira. Para Rausch (1977, p. 55-61):

Pe. Brentano e Pe. Valle fundiram num só movimento o Movimento dos Círculos Operários do Brasil com o Movimento do Santuário da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Pe. Brentano fez uma promessa: para onde fossem fundados Círculos, iria junto a Mãe Medianeira de Todas as Graças, que é proclamada a Medianeira e Rainha de todos os Círculos Operários do Brasil.

Assim, podemos inferir que outro desdobramento da “invenção da tradição” feita pelo

⁶¹⁷ “Círculo Operário”. *A Razão*, Santa Maria, 22 set. 1937, ano III, n. 292, p. 5; “Círculo Operário”. *Diário do Interior*. Santa Maria, 22 set. 1937, ano XXVI, n. 211, p. 4, AHMSM, Santa Maria.

⁶¹⁸ Artigo do Pe. Rafael Valle, “História da Devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”, *Copa em Revista*, 27 nov. 1954, s/ pág., APPJSPAV, Porto Alegre.

⁶¹⁹ D. João Becker, “Criação da Paróquia de N. S. Medianeira”. Seção “Religiosas”, *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, ano XXXII, n. 1-2, jan-fev. 1943, p. 21 e 22, ACMPA, Porto Alegre.

padre Valle irá surgir em 1937, em nível nacional e, como veremos em seguida, terá grande repercussão e significado para a Igreja católica.

Nesse ano, no Rio de Janeiro, no Primeiro Congresso de Operários Católicos do Brasil, os intelectuais do Centro Dom Vidal fundaram a Confederação Nacional dos Operários Católicos. Mas, segundo Rausch (1977), os confederados ostentavam somente o título, pois não possuíam membros e nem a experiência dos jesuítas com o operariado.

Segundo os escritos do padre Valle, no Congresso foi ainda escolhida a bandeira e o programa da Confederação Operária, foi eleito o presidente da primeira diretoria e *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* foi escolhida como “Rainha e Advogada de todos os Círculos Operários do Brasil”, ou seja, a padroeira da Confederação dos Círculos Operários Católicos. O resultado dessa eleição foi enviado pela *Confederação Nacional de Operários Católicos* aos Bispos católicos do Brasil, que se reuniram no Rio de Janeiro, em 1939, em Concílio Plenário Brasileiro, onde aprovaram o pedido feito e estabeleceram que a festa em honra a Nossa Senhora Medianeira seria introduzida em todo o território nacional. Ficou decidido, no citado *Concílio* de 1939 que, a partir de 1940, “a missa e ofício próprios de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças seriam rezadas em todo o Brasil a 31 de maio.”⁶²⁰

Esse Concílio, segundo Isaia (1998, p.153), “representou uma oportunidade para mútuas manifestações de estima e entendimento entre os dirigentes católicos e Vargas”, e seu resultado foi uma “conquista moral” entre o Cardeal Leme e o Presidente da República. Nesse sentido, segundo o padre Valle, em todos os Estatutos circulistas deveria encontrar-se Nossa Senhora Medianeira como padroeira e advogada dos Círculos Operários, como ele e o padre Brentano pretendiam.⁶²¹

A devoção mariana, que no Brasil se consolidou a partir de Santa Maria, em 1931, tomava dimensões nacionais em 1939. O empenho em externar e reforçar a catolicidade da nação através dos operários resultou na criação da Confederação dos Operários Católicos, mesmo sendo poucos os recursos humanos. O impacto de tal acontecimento fortalecia a Igreja católica e a confiança do governo na sua atuação, a qual detinha a doutrinação de operários dentro dos princípios e da moral cristã. As idéias do comunismo não deveriam encontrar espaço na citada Confederação.

⁶²⁰ *Histórico do Movimento em torno da Mediação Universal de Maria Santíssima*, [19--], p. 8, APPJSPAV, Porto Alegre.

⁶²¹ Cf. VALLE. Pe. Inácio. *Com Maria Mãe de Jesus: cruzadas de santas missas em honra e nas intenções da Virgem Medianeira*. Santa Maria: Pallotti, 1952, p. 11; “História da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”, *Copa em Revista*, Porto Alegre, 1954.

Assim, se o apelo à devoção do padre Rafael Valle tinha origem na sua própria fé, também estava na sua convicção de que o apoio do Estado oficializava a importância de Nossa Senhora Medianeira enquanto *capital simbólico* no campo religioso católico. Um poder difícil de ser combatido pelo seu valor subjetivo, religioso, sentimental, sobrenatural. Um *bem de distinção religiosa* para a Igreja e um trunfo poderoso a favor do estadista. “O Estado aproveitava-se da ascendência desfrutada pela Igreja ante uma massa urbana ainda presa aos valores tradicionais próprios de suas raízes rurais, utilizando-a como força legitimadora do autoritarismo varguista”⁶²² por um lado. Por outro, a Igreja católica via-se prestigiada por um regime que se mostrava como inspirado em seus ensinamentos e comprometido com as “raízes cristãs da nossa nacionalidade”, o que era retratado na estrutura da política social do Estado Novo e na doutrina da Igreja.⁶²³

A Igreja católica, através dos Círculos Operários, contribuiria, assim, para forjar um trabalhador “disciplinado, despolitizado e produtivo”. Então, na visão do Estado e da Igreja, “o negativo conceito de luta de classes” deveria ser substituído pelo conceito positivo de colaboração de classes”. O Estado Novo, como sabemos, nunca se entusiasmou por disseminar uma participação política ativa de massas, ao contrário, voltou-se muito mais para bloquear e impedir esse tipo de manifestação por parte de seus adversários. No entanto, usou de outros meios “não convencionais de adesão das massas [a devoção popular] e efetivou a centralização do poder simbólico.”⁶²⁴

Dentre os novos canais de comunicação do Estado Novo, entendemos que, no campo religioso, a devoção popular no Rio Grande do Sul foi usada estrategicamente no jogo político. A Igreja católica se articulou com o Estado sem deixar de lado, obviamente, o seu discurso teológico, pois, através dele, legitimava sua posição na sociedade civil. A pompa das procissões, com a presença de representantes do poder público, retratava publicamente o prestígio da hierarquia eclesiástica.

Paralelamente às iniciativas do Concílio Plenário Brasileiro, em 1939, o Bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis, publicava sua Terceira Carta Pastoral destacando a importância evangélica e histórica da mediação universal e da devoção a Nossa Senhora Medianeira.⁶²⁵ Também conclamou os cidadãos a auxiliarem nas obras do Santuário de Nossa

⁶²² ISAIA, op.cit., p. 151-152.

⁶²³ Ibid. Id.

⁶²⁴ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas/SP: Papirus, 1986, p. 22-53.

⁶²⁵ 3ª Carta Pastoral de Dom Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, A Mediação Universal de Maria Santíssima, 03 jan. 1939; IV Carta Pastoral de Dom Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, anunciando o Congresso Mariano-Eucarístico, 1958, AMDSM, Santa Maria.

Senhora Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria.⁶²⁶ Além disso, alinhado aos seus pares, Dom Antônio Reis colocava-se “a inteira disposição do Chefe de Polícia do Distrito Federal para relatar-lhe fatos que o auxiliassem na consecução da limpa (sic) desses indesejáveis na nossa querida pátria”, os comunistas.⁶²⁷

A Igreja, concluindo a construção de mais um templo católico em Santa Maria, o Santuário de Nossa Senhora Medianeira, em 1974, marcaria então, em outro local da cidade, o espaço que abrigaria a padroeira dos Círculos Operários Católicos do Brasil. Nesse sentido, alinhava-se às estratégias do governo brasileiro.

Nos desdobramentos dessas ações, ia se consolidando a afirmação do catolicismo em Santa Maria. Outro exemplo do que falamos é o registrado em 1939, no jornal *A Razão*,⁶²⁸ quando o Círculo Operário Ferroviário do Rio Grande do Sul convidava, através do jornal, os “280 sócios do núcleo de Santa Maria e amigos da Viação Férrea” para uma reunião “no salão da Ação Católica, junto à Catedral para a eleição da diretoria”. Nessa nota, ficou registrada a incorporação do Círculo Operário Ferroviário à Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul e à Confederação Nacional dos Círculos Operários o qual era considerado “um formidável movimento cristão em que o próprio governo Estadual e Federal confia, segundo a afirmação absoluta do Ministro do Trabalho, Sr. Dr. Waldemar Falcão”. A notícia foi assinada pela diretoria e pelo padre Cláudio Mascarello, S. J., assistente eclesiástico.

Na cidade, o Círculo Operário Santamariense tinha como assistente eclesiástico, à época, o padre Frederico Didonet, que atuava na Catedral diocesana.⁶²⁹ Provavelmente esse era o Círculo Operário Católico fundado em Santa Maria, em 1920.

Da análise que fazemos, inferimos que o objetivo dos jesuítas ia ao encontro das estratégias governamentais, pois valores que eram caros ao Estado Novo como o nacionalismo e a valorização do trabalho, promovidos de inúmeras formas, principalmente pela propaganda, serviram para “forjar os laços de Getúlio com as camadas pobres, onde negros e mulatos constituíram ampla maioria” e, ainda para combater o anticlericalismo. A Igreja, sob essa perspectiva, servia também como mecanismo de controle.⁶³⁰

No entanto, a batalha cotidiana contra o comunismo levou a outros desdobramentos no campo religioso já que, segundo Souza (2002, p. 218), os circulistas de outros Estados do

⁶²⁶ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 4, 1939, APNSC, Santa Maria.

⁶²⁷ Cf. ISAIA, op.cit., 1998, p. 156.

⁶²⁸ “Círculo Operário Ferroviário R. G. S. Convite”. *A Razão*, Santa Maria, 31 mai. 1939, ano V, n. 199, p. 5, AHMSM, Santa Maria.

⁶²⁹ “Círculo Operário Santamariense”. *A Razão*, Santa Maria, 4 jun. 1939, ano V, n. 202, p. 6, AHMSM, Santa Maria.

⁶³⁰ Cf. FAUSTO. Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: companhia das Letras, 2006, p. 125-137.

Brasil entronizaram nos seus locais de trabalho Nossa Senhora Aparecida, no intuito de “exorcizar a desordem”. Então, oficialmente, podemos dizer que existiam duas devoções marianas entre os operários: Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora Medianeira. Como e quando foi escolhida Nossa Senhora Aparecida para ser venerada nos Círculos Operários Católicos, não pudemos precisar. Parece-nos, nesse sentido, que a iniciativa da Igreja em oficializar apenas uma invocação de Nossa Senhora como padroeira dos Círculos Operários não teve o resultado esperado, pois, nos outros Estados, onde foram organizados Círculos, também havia se propagado a devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Em um período posterior ao nosso recorte temporal, encontramos um folheto informativo que registra a “visita da imagem” de Nossa Senhora Aparecida à Santa Maria, nos dias 14 e 15 de março de 1966. A visita era parte das comemorações do jubileu dos 250 anos da aparição da imagem no Rio Paraíba, a ser comemorado no ano seguinte, 1967. Fazia parte daquela comemoração a visita da imagem de Nossa Senhora Aparecida a todos os Estados do Brasil.⁶³¹



Ilustração 53 – Chegada da imagem de Nossa Senhora Aparecida à Santa Maria, travessia do rio Jacuí. (Fonte: Acervo fotográfico, Museu Sacro de Santa Maria).

Em nível local, o que podemos informar sobre a devoção a Nossa Senhora Aparecida, entre os operários, é a existência de uma capela com a imagem dela, em Santa Maria, no Bairro Km 3. A capela foi erigida por iniciativa de ferroviários devotos da padroeira do Brasil. Com a privatização da ferrovia, nos anos de 1990, a imagem de Nossa Senhora

⁶³¹ “Recordação da visita de N. Sra. Aparecida à Santa Maria, 14 e 15 – 3-66”. Arquivo particular.

Aparecida, que estava nessa capela desapareceu.

Entretanto, entre os ferroviários de Santa Maria, existia também a devoção à Santa Terezinha, pois, em homenagem a ela, os operários da Viação Férrea “cavaram a gruta com suas colheres entre as folgas de trabalho”, no pátio da antiga Rede Ferroviária, num local visível no Bairro Itararé.⁶³²

As devoções do clero e das congregações religiosas locais haviam logrado conquistar também essa classe operária, ao menos em parte, pois Santa Terezinha é uma santa Carmelita e, como vimos anteriormente, o convento dessa ordem religiosa está localizado naquele mesmo Bairro onde havia se concentrado grande parte de operários da Viação Férrea. Tais manifestações nos permitem concluir, como já dissemos, que os operários tiveram outras devoções populares católicas ao longo do século XX.

É mister que se destaque, porém que, oficialmente para a Igreja católica no Rio Grande do Sul, predominou a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças como padroeira dos Círculos Operários no período estudado. O clero gaúcho havia conquistado o operariado católico com a devoção mariana da cidade de Santa Maria que era reforçada com as romarias em sua honra.

Entendemos, a partir do exposto, que a devoção mariana, sob a invocação de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, foi uma construção e, posteriormente, uma forma de doutrinação. Em um artigo no Programa do Círculo Operário Porto-alegrense,⁶³³ lê-se: “alguns operários deixaram de entrar para o Círculo, por ouvirem dizer que é uma associação religiosa, que nas sessões só se fala em religião e que só católicos podem ser sócios”. No mesmo texto, o articulista advertia que não era verdade, pois o Círculo Operário tinha liberdade de confissão religiosa e os sacerdotes deveriam ser vistos como defensores dos princípios da classe operária:

É uma sociedade de operários respeitadores da família e da moral, e seus associados podem pertencer a qualquer religião. Se na diretoria tem algum sacerdote, isto antes de ser um mal, é um bem, pois pelos estatutos ele é o defensor dos operários e o fiel conselheiro da Diretoria.⁶³⁴

Lembramos, porém, que o fato de Nossa Senhora ser considerada padroeira dos Círculos Operários definia a predileção dos dirigentes por uma devoção popular católica e, de certa forma, restringia os Círculos Operários aos católicos, excluindo, ao nosso ver, outras

⁶³² Cf. “Gruta de Santa Terezinha é reinaugurada”, *Maria Fumaça*, Informativo do Museu Ferroviário, Santa Maria, ano I, n. 1, dez. 2005, p. 6.

⁶³³ “Estrutura, realizações. Trabalhadores Alerta! Leia com atenção e decida-se”, *COPA - Círculo Operário Porto-Alegrense*, Porto Alegre: Tipografia do Centro, [19--], p.16, APPJPA, Porto Alegre.

⁶³⁴ *Ibid.* Id.

confissões religiosas, principalmente em Santa Maria, tendo-se em vista a permanente situação de conflito no campo religioso na cidade, conforme já apontamos. A devoção mariana atestava, também, a estratégia da Igreja com relação à propagação de outras religiões ou crenças entre os operários católicos. Seus dirigentes temiam que os operários fossem *contaminados* com outras doutrinas e deixassem de obedecer e respeitar a Igreja católica e o Estado.

Os discursos proferidos por Dom João Becker em 1939,⁶³⁵ somam-se ao que afirmamos, pois reforçavam a idéia de obediência, de submissão e de doutrinação da classe operária ao Estado e a Doutrina Social Cristã. Ele enfatizava, usando as Encíclicas *Rerum novarum* e *Divini redemptoris*, que o trabalho cristão não escraviza, mas enaltece e dignifica o ser humano, frisando que essas Encíclicas tinham influenciado “poderosamente na legislação social e operária da nossa Pátria, principalmente na vigência do Estado Novo.” Por isso, confiava o arcebispo que todos deveriam “agradecer ao esclarecido patriotismo, a enérgica clarividência do Sr. Presidente da República, o qual merece os aplausos de toda a nação, assim como são dignos de encômios os seus operosos auxiliares.”⁶³⁶

Em discursos do Arcebispo metropolitano,⁶³⁷ de 1941 e 1942,⁶³⁸ observa-se a sua contínua preocupação com a perda do controle dos operários devido ao avanço das ideias comunistas. Dom João Becker referiu-se, primeiramente, à desvalorização do trabalho ao longo da história, tentando mostrar que foi a visão cristã quem valorizou o trabalho operário.

Além disso, invocou, novamente, as Encíclicas *Rerum novarum* e *Divini redemptoris* e o exemplo de Jesus Cristo como trabalhador, carpinteiro em Nazaré, no qual o operariado deveria se espelhar. Posteriormente, atribui aos socialistas o agravamento das questões sociais, “cujas teorias perturbaram as consciências dos operários e confundiram a organização

⁶³⁵ Discurso pronunciado por D. João Becker ao evangelho da missa campal, no Parque Farroupilha, 1º de maio de 1939. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, set-out, ano XXVIII, n. 9-10, 1939, p. 250-255, ACMPA, Porto Alegre.

⁶³⁶ Discurso pronunciado por D. João Becker ao evangelho da missa campal, no Parque Farroupilha, 1º de maio de 1939. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, set-out, ano XXVIII, n. 9-10, 1939, p. 254, ACMPA, Porto Alegre.

⁶³⁷ Discurso proferido na missa campal de 1º de maio pelo Arcebispo Metropolitano, em comemoração do “50º aniversário da encíclica *Rerum novarum*”. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, ano XXX, n. 5 e 6, mai.-jun, 1941, p. 191-196, ACMPA, Porto Alegre.

⁶³⁸ Em 1942, o governo brasileiro rompe a neutralidade em relação a II Guerra Mundial e envia soldados para lutar contra o Eixo (Alemanha-Itália-Japão). Tem apoio dos Estados Unidos para defender a costa brasileira de possíveis represálias. Após sucessivas batalhas, em setembro de 1943, os alemães entraram na Itália e libertaram Mussolini, levado-o para Berlim, de onde proclamou o estabelecimento da República Socialista Italiana. No entanto, na Itália, as forças antifascistas se impõem. Com a derrota dos alemães, em abril de 1945, os fascistas italianos se renderam e Mussolini foi destituído do poder e fuzilado quando tentava fugir para a Suíça. A guerra termina com o suicídio de Hitler e a rendição do Japão após o bombardeio de Hirochima e Nagasaki. Cf. PALLA. Marco. *A Itália Fascista*. São Paulo: Ática, 1996.

do trabalho e da sociedade.”⁶³⁹ O arcebispo finalizou o discurso com elogios à legislação trabalhista do Estado Novo, louvores e reconhecimento ao presidente Getúlio Vargas. Fez o mesmo no discurso de 1942,⁶⁴⁰ comemorativo ao Dia Internacional do Trabalho. Referiu-se ao trabalho escravo ao longo da história e conclamou todos os brasileiros “a lutarem para não serem escravizados por potências inimigas”. As potências inimigas eram a União Soviética e os Estados Unidos.⁶⁴¹

Podemos considerar os discursos de Dom João Becker como retaguarda às iniciativas dos jesuítas, no Rio Grande do Sul, em relação aos operários, pois vão ao encontro da política nacionalista do Estado Novo. O referido Arcebispo via em Getúlio Vargas, nas palavras de Isaia (1998), um “novo Moisés, um regenerador, um estadista inspirado pela Divina Providência”, devido a sua postura.

Nesse caso, os eclesiásticos, (o padre Valle, os bispos Dom Antônio Reis e Dom João Becker) contribuía para a manutenção do *culto público* ao presidente que, em nível nacional, transformou o estadista no “pai dos pobres”, um herói nacional.⁶⁴²

O discurso contra o comunismo ateu também era tema recorrente em Cartas Pastorais de outros bispos católicos do Brasil,⁶⁴³ os quais, como Dom João Becker, tinham respaldo da autoridade papal. Acreditavam que a Doutrina Social Cristã era capaz de salvaguardar a massa proletária, diferente do socialismo que acreditava que os proletários não deveriam se deixar entorpecer por um deus.

No final do ano de 1945, uníssono ao discurso de Dom João Becker, o Bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis publicou uma Carta Pastoral, por ocasião do 14º aniversário de sua

⁶³⁹ Discurso proferido na missa campal de 1º de maio pelo Arcebispo Metropolitano, em comemoração do “50º aniversário da encíclica *“Rerum novarum”*. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, Ano XXX, n. 5 e 6, mai.-jun, 1941p. 193, ACMPA, Porto Alegre.

⁶⁴⁰ Discurso proferido por D. João Becker no dia 1º de maio de 1942, após a missa campal no Parque Farrroupilha. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, ano, XXXI, n. 5-6, 1942, p. 154-157, ACMPA, Porto Alegre.

⁶⁴¹ Isaia, ao abordar como o arcebispo enaltecia a vida rural e as famílias numerosas em detrimento da vida nos grandes centros, analisa discursos de D. João Becker que ele condenava o avanço tecnológico dos dois maiores centros irradiadores do moderno espírito anticristão: os Estados Unidos e a União Soviética. Cf. Artur César. Catolicismo e desenvolvimento varguista: nexos do apoio da Arquidiocese de Porto Alegre ao Estado brasileiro no período pós-30. In: *Revista Estudos Ibero-Americanos*. Pós Graduação de História, PUCRS, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. XIX, n. 2, dez. 1993, p. 98-101.

⁶⁴² A religião civil se compõe de ritos e símbolos relativos à nação e a seus fundadores. Nesse caso, o clero católico de Santa Maria colaborava para o culto civil com a ressemantização da devoção popular mariana e suas romarias. ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) *Religião identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 23.

⁶⁴³ Carta Pastoral e mandamentos do episcopado brasileiro sobre o comunismo ateu, Rio de Janeiro, 1937. Carta Pastoral e mandamento do episcopado brasileiro e a Encyclica *Divini Redemptoris* do S. S. Pio XI, sobre o Comunismo Ateu, Rio de Janeiro, 1937; *Carta Pastoral* de D. José Barea, Bispo de Caxias sobre o comunismo ateu e deveres dos católicos, 1945, AMDSM, Santa Maria.

sagração episcopal.⁶⁴⁴ Nessa Carta, o Bispo advertiu aos sacerdotes em relação aos comunistas:

Não vos deixeis iludir pela falta de reação momentânea dos nossos inimigos, que é mil vezes mais funesta para a Igreja do que a perseguição aberta (...). Sede resolutos e intrépidos. Hoje ainda as multidões são vossas, ainda vos escutam a palavra; dóceis ainda obedecem aos preceitos. Amanhã talvez seja tarde, pois já bem perto ruge o inimigo, à procura de almas para devorar. Os tristes acontecimentos destes últimos tempos, cuja só narração nos faz estremecer de horror, como a intentona comunista de 35, poderão um dia, se fordes descuidados, repetir-se no seio de nossa amada Pátria. *O sopro esterilizador do comunismo ateu* e da impiedade e descrença geral pode assolar cidades e campos, e esses terrenos, onde hoje ainda floresce as virtudes cristãs, poderão produzir frutos de maldição e de morte, já tão abundantes em outros países.⁶⁴⁵ (*grifo nosso*)

Dom Antônio Reis, na citada Carta Pastoral, de 1945, faz um chamamento aos ateus e aos anticlericais:

E vós, que nascidos no grêmio da Igreja e regenerados pelas águas do batismo, tivestes a desventura de ver, uma a uma, apagarem-se as crenças de vossa infância, até de todo se extinguir o lume da fé; vós, a quem doutrinas falazes, preconceitos mundanos e a veemência das paixões cerraram corações e ouvidos à voz de Deus e da Igreja, a vós também saudamos (...). Somos ministros de uma religião que nos manda odiar e aborrecer o erro, como o maior dos males, que nos manda combatê-lo sem trégua nem descanso, sem com ele nunca pactuar nem transigir, mas que, ao mesmo tempo, nos impõe o preceito de termos uma afeição sincera, uma compaixão imensa por aqueles que erram; que nos impõe o dever de não pouparmos esforços, trabalhos e fadigas para os trazer ao caminho da verdade; que nos manda dar por eles a própria vida.⁶⁴⁶

A sua publicação reforçava a posição anticomunista da Igreja e o empenho do Bispo em prol da cristianização da cidade. Como agente social do *campo religioso católico* de Santa Maria, Dom Antônio Reis expressava o anti-agnosticismo da Igreja católica.

Dirigiu-se, também aos operários solicitando-lhes não escutar “as promessas vãs e falazes, que, sob pretexto de vos engrandecer e de tornar felizes, vos aviltam e deprimem”. Conclamava-os a obedecerem às leis do Estado, lembrando que ninguém estava isento do trabalho:

A Igreja não vos ilude com promessas enganadoras, não vos promete neste mundo, uma época em que já não haverá suor nos rostos, nem lágrimas nos olhos (...). Trabalhai pois, amai vossa profissão porque todo o trabalho honesto é honroso e sagrado. Só o vício avilta. Trabalhai porque *o trabalho é tão santo que a Igreja lhe atribuiu o método da oração* (...) e quando com o dia findarem os vossos trabalhos

⁶⁴⁴ Carta Pastoral de D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria. op.cit. 1945, p. 5.

⁶⁴⁵ Ibid. Id.

⁶⁴⁶ Carta Pastoral de D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria op.cit., 1945, p. 25.

procurai a distração, procurai o descanso para o corpo fatigado no lar doméstico, na companhia de vossas esposas e de vossos filhos, pois aí, só aí, encontrareis as alegrias puras e santas, a consolidação íntima e inefável que o amor da família e a consciência do dever cumprido causar. Então, as bênçãos do céu e da terra descerão sobre vós, então a honra e a riqueza entrarão na vossa casa porque nela habita a justiça.⁶⁴⁷

Para reforçar a presença da Igreja em Santa Maria, Dom Antônio Reis, na Carta Pastoral de 1945, reafirmou o dogma da infalibilidade papal, o dever do católico em obedecer à Igreja para não errar, em termos de doutrina e moral. Recomendou que nas assembleias cristãs, os ministros e fiéis se reunissem para orar e não para conspirar contra a ordem pública, porque considerava que eles sabiam que “todo o poder vem de Deus e quem lhe resiste, a Deus resiste”. Os cristãos tementes à Deus, deveriam condenar as insurreições e não deveriam se intimidar:

Aqueles para quem a revolta e a insurreição é em geral atitude condenada, não podem constituir perigo, nem para as dinastias nem para as instituições. E estes são sempre as primeiras vítimas das revoluções, tanto mais odiado, quanto maior é o obstáculo que opõem com a sua doutrina e exemplo (...). Ninguém é, nem pode ser católico, que não creia tudo quanto a Igreja manda crer, que não obedeça a tudo o que ela manda cumprir, que não reprove e condene o que ela condena e anatematiza.⁶⁴⁸

Era “unido a cadeira de Pedro”, que o bispo deveria governar a sua Diocese.

Dom Antônio Reis e Dom João Becker apropriaram-se de um discurso que se identificava com o “culto religioso do trabalho”, analisado por Lenharo (1986, p. 86-90). O uso das imagens de Cristo operário como fonte de inspiração e imitação era um recurso para dizer o quanto o trabalho do operariado era valorizado pela Igreja católica.

Pelos discursos dos citados bispos, podemos entender que eles compartilhavam, parafraseando Lenharo (1986, p. 86-90), da “abordagem moralista da questão social aceitando em reservar para as consciências individuais o encaminhamento do problema” e consideravam que “à Igreja cabia difundir seus postulados religiosos e amainar o descontentamento das massas sofredoras: às classes favorecidas cabia a aplicação da racionalização do trabalho, obviamente de acordo com suas consciências.”⁶⁴⁹

⁶⁴⁷ Ibid p.5, 25 e 26.

⁶⁴⁸ *Carta Pastoral*. De D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, op.cit., “1945, p. 5, 27 e 28.

⁶⁴⁹ Nos anos de 1940, Vargas falava “em nome da classe e, ao interpelar os operários, afirmava-se como o patrão de todos. Do ponto em que se colocava, Vargas atacava o subjetivismo do operário acoplado à visão da sua própria condição uma dimensão ético-militar que originalmente ela não comporta”. O objetivo era atingir nuclearmente a noção de classe e esmagar o “ser operário”. Assim, “Vargas associava o industrial ao operário-patrão e empregado – todos trabalhadores, enquanto unidos no esforço constitutivo da nação. Trabalhador, nesse

Quando Dom João Becker e Dom Antônio Reis estimulavam o operário a identificar-se com “Jesus operário”, o Jesus histórico, estariam também tocando na subjetividade do operário. Para Lenharo (1986, p. 86-95), quando se junta a sua condição de operário uma “leitura religiosa” onde a “ação pedagógica do trabalho é garantia da perfeição moral do ser humano, por seu concurso desenvolvem-se as regras de convívio e as relações de fraternidade dos homens entre si: a civilização do trabalho há de ser, um dia, a civilização ideal de vida do trabalho fraternal na comunidade de homens.” Para o autor, a “leitura religiosa” na era Vargas esmagava a condição operária e diluía o conceito de classe, o qual passava por uma visão moralizadora do conceito de trabalho, aniquilando a subjetividade de quem trabalhava e controlava o cotidiano do tempo da vida do trabalhador, alocando o lazer no âmbito doméstico como medida para evitar conflito entre empregados e patrões.

Os discursos de Dom João Becker e de Dom Antônio Reis sobre o trabalho, dirigido aos operários, dão guarida às iniciativas do padre Valle que, unido às prerrogativas desses episcopos, lutou pelo catolicismo junto aos operários.

O impulso dado pelos jesuítas à devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças tomou vulto em nível nacional e os bispos do Estado gaúcho decidiram proclamá-la, em 1942, também Padroeira do Rio Grande do Sul. Esse registro foi encontrado em Hansen⁶⁵⁰ quando explicava que após o encerramento da Procissão de Cristo-Rei, naquele ano, Dom João Becker declarou a importância de o Estado gaúcho também ter uma padroeira sob a invocação de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças:

Assim como Maria, sob a invocação de Nossa Senhora de Guadalupe é a padroeira da América Latina e sob o título de Nossa Senhora Aparecida é a padroeira do Brasil, assim querem hoje, proclamá-la padroeira do Rio Grande do Sul, sob a invocação de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

Nesse sentido, Nossa Senhora Medianeira assumia, nessa data, a função simbólica, ser padroeira dos Círculos Operários e do Estado do Rio Grande do Sul.

O objetivo do clero santa-mariense, representado nos anos de 1930 e 1940 nas pessoas do Bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis e do jesuíta, padre Inácio Rafael Valle, fora alcançado: firmar um espaço “do sagrado” pois, a cidade que fora vista como *descrente* do

caso, era um termo que consagrava, do ponto de vista do poder, a unidade indiferenciada das classes sociais.” Cf. LENHARO, op.cit., 1986, p. 86.

⁶⁵⁰“História da devoção a Nossa Senhora Medianeira”, *Copa em Revista*, Porto Alegre, 1954, APPJSPAV, Porto Alegre. Essa mesma declaração encontra-se na “Proclamação de Maria Santíssima Medianeira de Todas as Graças Padroeira do Rio Grande do Sul”, na *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, n. 10, 11, 12, out. nov. dez. 1942, p.265, ACMPPA, Porto Alegre.

catolicismo tornava-se centro de peregrinação de fiéis católicos como já nos referimos anteriormente. Nesse sentido, podemos dizer que Santa Maria ultrapassou as expectativas, pois a cidade passou a ser reconhecida por sua catolicidade com a realização das romarias estaduais a par de ser também, desde 1939, a sede da padroeira dos Círculos Operários Católicos do Brasil.

Para dar ênfase à devoção mariana no Estado do Rio Grande do Sul, no dia 1º de maio de 1948 a imagem de Nossa Senhora Medianeira foi levada à Porto Alegre “em carro-motor especial, uma preciosa lembrança do Dr. Xavier da Rocha a Dom Antônio Reis”, como Rainha e Padroeira dos Círculos Operários, “poderosa e disciplinada agremiação trabalhista, disseminada em todo o território nacional”.⁶⁵¹ Esse gesto de transportar a imagem para outra cidade pode ser interpretado como parte do processo de “invenção da tradição” à devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

A confiança na mediação de Nossa Senhora, invocada como Medianeira, levou o clero sul-rio-grandense a pedir o reconhecimento pontifício da mediação universal de Maria, mãe de Jesus.

Segundo o padre Valle, no V Congresso Eucarístico Nacional em Porto Alegre, em 28 de outubro de 1948, os sacerdotes empenharam-se pelo fortalecimento e reconhecimento, em nível mundial, da devoção pretendida pelo Estado gaúcho, como sendo “agradável à Mãe de Deus e a mais completa”. Nessa ocasião, o episcopado dirigiu ao Papa um documento: “Súplica pró-definição do Dogma da Mediação Universal de Maria Santíssima.”⁶⁵² O pedido não foi atendido. Esse dogma de fé continuou a ser perseguido pelos eclesiásticos ao longo dos anos de 1950 e 1960.⁶⁵³

⁶⁵¹ “A imagem de Nossa Senhora Medianeira será levada a capital para as grandes solenidades religiosas de 1º de maio. A caravana que acompanha a imagem seguirá quinta-feira em carro-motor especial – Preciosa lembrança do Dr. Xavier da Rocha a D. Antônio Reis”. *A Razão*, Santa Maria, 29 abr. 1948, ano XIV, n. 171, p. 6, AHMSM, Santa Maria.

⁶⁵² VALLE, Pe. Rafael. História da Devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, *Copa em Revista*, 27 nov. 1954, [s. p.], APPJPA, Porto Alegre.

⁶⁵³ Em 1954, o padre Valle destacou que já haviam chegado a noventa mil missas rezadas em prol do dogma da mediação universal de Nossa Senhora Medianeira, mas pretendiam chegar a um milhão. Com a mesma intenção, foram programadas a “Cruzada do Santo Rosário”, a “Cruzada do Trabalho” e a “Cruzada do Sofrimento” pois, como católico o padre Valle, os operários e os fiéis acreditavam que, “com milhões de santas missas, milhões de santos rosários rezados e milhões de dias e noites de trabalho e sofrimento” apressariam o advento do dogma mariano: *Maria Mediatrix Omnium Gratiarum*. O padre Valle enfatizava o esforço dos fiéis operários para alcançar o dogma da mediação de Nossa Senhora e, após o Congresso, ordenou que em todas as obras constituídas pelos Círculos Operários se colocasse a imagem de Nossa Senhora Medianeira com estas palavras: “*Ipsa fecit*”, querendo deixar explícito o que ele acreditava: que foi Nossa Senhora quem providenciou a obra dos Círculos Operários, *Ipsa fecit*, ou seja, ela própria, ela mesma o fez. O padre Brentano também se empenhou pela conquista do dogma de mediação universal de Nossa Senhora. Em 1951, entregou ao Papa uma lista com cento e dezessete mil assinaturas de operários, encabeçada pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, altas autoridades federais e pelo Cardeal do Rio de Janeiro. As assinaturas, reunidas em sete volumes, foram angariadas entre operários de vários países e passaram de trinta mil. Foram acompanhadas de fotografias do

Aquele era um momento propício para divulgar e confirmar a importância da devoção a Nossa Senhora invocada sob o título de Medianeira, pois, nos exemplares impressos para lembrar do V Congresso Eucarístico Nacional, em Porto Alegre foi usada a imagem de Nossa Senhora Aparecida, pois ela é a padroeira do Brasil.

Podemos sugerir que isso estaria ligado ao fato de o caráter nacional do Congresso e a devoção a Medianeira não ser suficientemente conhecida, pois, a “tradição” em torno dela ainda estava sendo construída.

Na folha interna da “lembrança”, entre as fotografias das autoridades eclesásticas, foi impressa a programação, a oração e o hino do Congresso. Também foram impressas as fotografias do Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, do Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, do Arcebispo de São Paulo, do Cardeal Dom Carlos Carmelo Vasconcelo Mota e do Núncio Apostólico Dom Carlos Chiarlo. A parte externa é apresentada abaixo:



Ilustração 54 - Exemplar de Lembrança do V Congresso Eucarístico Nacional realizado em Porto Alegre, em 1948. Na parte interna do folheto, de um lado Cristo Rei sob a Catedral Metropolitana de Porto Alegre, de outro a imagem de Nossa Senhora Aparecida “Padroeira e Rainha do Brasil”; ao centro, o escudo criado para o V Congresso Eucarístico Nacional de Porto Alegre. (Fonte: Acervo Particular, Santa Maria).

trabalho com os operários, reunidas em outros três volumes. Essa iniciativa, segundo o artigo do padre Valle, partiu do Círculo Operário Porto-Alegrense, que organizou junto ao Seminário Central de São Leopoldo o “*Plebiscitum Seminaristicum Mundiale*”, pela definição do dogma de Medianeira de Todas as Graças. VALLE, Pe. Rafael. História da Devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graça, *Copa em Revista*, 27 nov. 1954, s/ pág. APPJSA, Porto Alegre.

A imagem abaixo remete ao caráter cívico-político do Congresso representado pela bandeira do Brasil cruzada com a do Vaticano. O elemento central do Congresso estava entre as bandeiras: Jesus Eucarístico. Acima, deste o escudo criado para o evento composto de uma cruz ao centro, uma hóstia e acima do escudo, uma coroa para dizer da realeza de Cristo. Os outros elementos da imagem são símbolos litúrgicos e objetos da liturgia católica.



Ilustração 55 - Exemplar da capa de um cartão-postal do V Congresso Eucarístico Nacional realizado em Porto Alegre. (Fonte: Acervo Particular, Santa Maria).

Sobre o dogma da mediação de Nossa Senhora Medianeira, o padre Valle⁶⁵⁴ registrou ainda que, a primeira tese do V Congresso Eucarístico dos Círculos Operários reunidos no Rio de Janeiro, em 1950, “versou sobre o trabalho do circulismo pró-devoção à Medianeira e pró-dogma da Mediação Universal”. Ficaram conhecidos os 15 anos de trabalho dos circulistas em favor da devoção a Nossa Senhora Medianeira que, segundo a apreciação dos congressistas, pretendeu “por meio desta devoção salvar da ruína as massas proletárias”. Conforme o padre Valle, no referido Congresso foi reconhecido que “os Círculos que mais se esforçavam pela devoção a Medianeira progrediam admiravelmente e mais facilmente venciam todas as dificuldades”. Uma afirmação que procurava reforçar o prestígio e importância da devoção mariana, bem como atestar a adesão dos Círculos Operários ao Concílio Plenário Brasileiro ocorrido, em 1939, no Rio de Janeiro.

Podemos dizer que tal determinação condicionou a “invenção da tradição”. Assim, para revitalizar o dogma suplicado os devotos de Santa Maria e de Porto Alegre se reuniram para

⁶⁵⁴ História da devoção a Nossa Senhora Medianeira, *Copa em Revista*, Porto Alegre, 1954, APPJPA, Porto Alegre.

orar, no dia 01 de maio de 1950,⁶⁵⁵ Dia Internacional do Trabalho. O quadro original de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi levado de Santa Maria a Porto Alegre onde foi recebida “pelo povo com júbilo e preces na estação de trem.”⁶⁵⁶ Clero e fiéis devotos mobilizavam-se para difundir a devoção popular mariana no Rio Grande do Sul.

5.5 O Santuário e as Romarias Estaduais em honra a Nossa Senhora Medianeira

Como vimos até aqui, um dos motivos que proporcionou a repercussão da devoção do padre Valle em Santa Maria foi o momento sócio-político no qual se encontrava o Brasil em 1930. O país estava à beira de uma guerra civil.

O desdobramento dessa “tradição inventada” como estratégia de conquista vai se tornar ainda mais claro com as romarias Estaduais que passaram a ocorrer a partir de 1943, quando ela já era considerada padroeira dos Círculos Operários e do Estado. Nesse sentido, o padre Valle, que se preocupou em dar destaque à mediação de Nossa Senhora, também idealizou as romarias:

Meu sonho eram as Romarias Estaduais. A primeira foi organizada principalmente pelos Círculos Operários. Daí por diante foram crescendo cada vez mais. De Porto Alegre fizemos duas campanhas mundiais para a Mãe Medianeira: uma para todos os Bispos do mundo e outra a todos os seminários do mundo.⁶⁵⁷

A devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi sendo prestigiada e foi adquirindo importante significado para a diocese e para a população de Santa Maria. O

⁶⁵⁵ Conforme testemunhos orais, nos anos de 1950, estabelecimentos comerciais da cidade de Santa Maria foram vítimas de ataques de elementos comunistas, o chamado Grupo dos Onze. Grupo dos Onze Companheiros eram "comandos nacionalistas" que tomaram força em todo o Brasil, em 1963, com o apoio do ex-governador gaúcho Leonel Brizola. Os G-11 tornaram-se o embrião do Exército Popular de Libertação (EPL), inspirados no movimento revolucionário soviético, a exemplo da Guarda Vermelha da Revolução Socialista de 1917, na União Soviética. Já nos anos de 1960, entre as esquerdas, o Partido Comunista Brasileiro era a organização de maior tradição, o grande partido marxista da época. Havia superado a fase radical do "Manifesto de Agosto" de 1950, o PCB. No início dos anos 60 defendia um governo nacionalista e democrático. As grandes novidades, contudo, foram o reconhecimento das instituições democráticas e a formulação de um "caminho pacífico para o socialismo", abandonando a clássica imagem da revolução proletária violenta. Reconhecendo a popularidade do trabalhismo entre os trabalhadores, os comunistas passaram a atuar em conjunto com setores do Partido Trabalhista Brasileiro — PTB. No plano sindical, a aliança foi bastante fecunda. A partir de 1953 e até março de 1964, comunistas e trabalhistas, juntos, hegemonizaram o movimento operário e sindical e marcaram, com suas idéias, crenças e tradições, a cultura política popular brasileira, sobretudo no tocante ao estatismo. O resultado foi a deposição do presidente João Goulart. Cf. FERREIRA, Jorge. A estratégia do confronto: a frente a organização popular, *Revista Brasileira de História, Scielo*, v. 24 n. 47, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://scielo.org>. Acesso em: 20 jun. 2006.

⁶⁵⁶ História da devoção a Nossa Senhora Medianeira, *Copa em Revista*, Porto Alegre, 1954, APPJPA, Porto Alegre.

⁶⁵⁷ *Curriculum Vitae* do Pe. Inácio Rafael Valle, APPJPA, Porto Alegre.

objetivo de cristianizar a cidade, empreendimento difícil nas primeiras décadas do século XX, foi sendo facilitado pelo crescimento desta devoção de modo que se transformou em um evento de grande repercussão, tanto em nível estadual, quanto nacional, pois as romarias sempre ocorreram em Santa Maria.

No dizer de Romero (1979, p. 39-42), uma romaria é uma “atitude soteriológica revestida por um discurso profetizante, no qual Deus se manifesta na condução pública da vida popular. O compromisso divino adquire uma dimensão política efetiva”. Segundo o autor, “a Igreja busca seu poder fora das conjunturas passageiras, seu centro de afetividade é a consciência do homem, lugar da manifestação do eterno, impossível de ser alcançada por qualquer ordem humana positiva”. Assim, para ele “Maria foi colocada como correspondente à realidade da Igreja, também compreendida como ‘mãe da humanidade’, pois “o domínio reclamado pela igreja é religioso: nisto reside sua originalidade e sua força”.

No entanto, Sanchis adverte que, mesmo sendo a romaria e a peregrinação “a procura caminhante do Sagrado”, existe uma “estrutura romeira”, modelada pela religião, nesta operação o romeiro tornar-se “peregrino”, mas, na peregrinação modela-se também uma estrutura política que pode envolver diferentes dimensões, “como aquela que tende a organizar a distribuição ordenada do poder”, o que estamos procurando mostrar neste estudo.⁶⁵⁸

A par das romarias, o culto a Nossa Senhora Medianeira previa também a construção de um Santuário na cidade de Santa Maria, para abrigar o quadro da Virgem Medianeira, ícone sagrado, e os fiéis devotos. A construção teve início, em 1935, mas a conclusão ocorreu somente na década de 1970, no terreno adjacente, junto ao antigo Seminário São José. Segundo o jornal católico, *O Santuário*, estavam presentes na solenidade de lançamento da pedra fundamental o vigário da Catedral, padre Caetano Pagliuca, o Reitor do Seminário, o jesuíta padre Leonardo Fritzen, o Dr. Artur Menna Barreto como representante da comunidade e o Bispo Dom Antônio Reis.⁶⁵⁹

O jornal *Diário do Interior*⁶⁶⁰ referiu-se ao lançamento da pedra fundamental do Santuário da Medianeira, destacando, ainda, o ano jubilar da Diocese de Santa Maria e ano do 1º Congresso Eucarístico Diocesano que ocorreria em comemoração ao jubileu sacerdotal de Dom Antônio Reis. Eventos de marcação identitária do catolicismo na cidade.

O padre Sérgio Belmonte (1999) afirma que “o Santuário da Medianeira é resultado da

⁶⁵⁸ Cf. SANCHIS, Op. cit, 2006, p. 92-95.

⁶⁵⁹ Cf. Jornal *O Santuário*, Edição Especial, Santa Maria, 1985, p. 94, AMDSM, Santa Maria.

⁶⁶⁰ “O jubileu da Diocese de Santa Maria”. *Diário do Interior*, Santa Maria, 17 ago. 1935, n. 184, Ano XX, p. 1, AHMSM, Santa Maria.

criação humana”. Essa afirmativa procede se entendemos como “criação humana” a iniciativa de sacerdotes da Igreja católica local que, oportunamente, atuaram em consonância com as diretrizes da Igreja em nível nacional para demarcar e ocupar o espaço do sagrado.

Segundo o padre Belmonte (1999, p. 30 e 31, 54):

Na origem do Santuário está a vontade de um Fráter, (depois padre), Inácio Rafael Valle, S. J. e dos seminaristas menores do Seminário Menor Diocesano São José, de oferecer seus esforços pessoais, seus sacrifícios e orações para que a Virgem, sob o título de Medianeira, intercedesse por graças especiais para si e para seus semelhantes. A cooperação humana tinha uma intenção definitiva: que a capela do Seminário Menor São José se transformasse em lugar de peregrinação.

O autor refere ainda que no Código de Direito Canônico, por um Santuário, entende-se a Igreja ou outro lugar sagrado, onde os fiéis, em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação ordinária local. Um Santuário deve ter quatro características: deve ser insigne, célebre, nele Deus concede graças e deve contar com a aprovação da Igreja.

Podemos inferir que um Santuário surge da necessidade de recolhimento para orações dos fiéis de uma determinada devoção, é considerado um lugar santo, dedicado ao culto divino, um templo, uma Igreja com características específicas legisladas pelo Direito Canônico.

Ainda para Belmonte (1999), o Santuário da Medianeira “faz parte da história ‘moderna’ de novos Santuários, ou seja, está mais ligado à fé humana – colaboração pessoal – e resposta divina, já que a intervenção divina foi ordinária, ou seja, dependeu da colaboração das pessoas”. Assim, para o fiel católico Deus teria inspirado um grupo de pessoas a erigir um Santuário dedicado a essa devoção. O padre Valle encarregou-se de tornar devoção conhecida, a princípio em nível local e logo em nível estadual e, para tanto, teve apoio dos episcopos Dom Antônio Reis e do Arcebispo de Porto Alegre Dom João Becker.

Nesta perspectiva, se a concepção de *campo simbólico* dotado de autonomia relativa envolve uma regionalização da realidade social, cujos fundamentos derivam tanto de um processo histórico singular quanto de categorias aí produzidas, podemos sugerir que o Santuário e as Romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira, termos comuns nesse estudo, assumem um sentido “novo”, ou seja, são estratégias de conquista; são, portanto, *capital simbólico* do campo religioso católico. A construção deste templo cumpriria a sua função em

favor do grupo gestor do sagrado e em favor dos grupos que usufruíam da crença, mesmo não sendo crentes no poder da mãe de Jesus como Medianeira.⁶⁶¹

Em 1939, na sua Terceira Carta Pastoral, o Bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis, para solicitar empenho dos devotos em prol da construção do Santuário referiu-se às invocações que a Igreja católica fez anteriormente a Nossa Senhora como Medianeira. Destacou, assim, o privilégio da nação brasileira, ter, na cidade de Santa Maria, o compromisso de erigir o primeiro Santuário dedicado a sua Mediação Universal:

Leão XIII, na Encíclica sobre o Santo Rosário preparava o remédio ensinando que Maria Santíssima é Medianeira de Todas as Graças. Pio X, seis meses depois de ter subido ao sôlio pontifício lançava ao mundo a Encíclica “*Ad Diem Illum*”, de 2 de fevereiro de 1904, que é um verdadeiro tratado teológico sobre a Mediação Universal de Maria. Bento XV, a 12 de janeiro de 1921, instituía a festa da Medianeira de Todas as Graças a celebrar-se anualmente, no dia 31 de maio, e um ano depois Pio XI organizava três comissões formadas por eminentes teólogos encarregados de investigar os fundamentos teológicos desta doutrina e nós, temos a suma ventura de sermos prediletos da Virgem Medianeira, a salvadora dos nossos males, pois sem o merecermos, Ela escolheu Santa Maria para erguer em nossa Pátria o primeiro Santuário dedicado a Sua Mediação Universal. A 31 de maio de 1930, na capela do Seminário São José, inaugurou-se o quadro da Virgem Medianeira. Desde os primeiros dias tornou-se a bendita imagem centro de piedosas romarias.⁶⁶²

Essa declaração atesta a adesão de Dom Antônio Reis à proposta do padre Valle, a construção da devoção pelo *convencimento de* que o privilégio era para a cidade e que esse era um desejo de Nossa Senhora. Para Dom Antônio Reis, o título de Medianeira, defendido por muitas Encíclicas Papais, estava intimamente ligado a Jesus Cristo, o Medianeiro e sob essa invocação havia protegido a cidade. Dom Antônio Reis queria destacar a importância nacional da primazia dessa devoção mariana no Rio Grande do Sul:

Seja, pois, o Santuário o nosso orgulho, a glória da nossa amada diocese e o triunfo de Nossa Senhora Medianeira no meio da sociedade hodierna tão corrompida e, por tantos títulos, divorciada de Nosso Senhor, seu divino Filho.⁶⁶³

⁶⁶¹ BOURDIEU, op.cit .,1998, p. XIV e 43.

⁶⁶² *Terceira Carta Pastoral* de D. Antônio Reis, “A Mediação Universal de Maria Santíssima”, Santa Maria, 1939, p. 4-6, AMDSM, Santa Maria.

⁶⁶³ *Terceira Carta Pastoral* de D. Antônio Reis, “Mediação Universal de Maria Santíssima”, Santa Maria, 1939, p. 30 e 31, ACDSM, Santa Maria.

O Santuário da Medianeira, “espaço sacralizado da devoção”⁶⁶⁴, foi se tornando lugar de acolhimento de muitos fiéis que, pela fé católica, foram atribuindo a Nossa Senhora Medianeira as graças alcançadas. A fé e a festa recebiam significações radicalmente distintas por parte dos diferentes grupos sociais.

As romarias se tornam estaduais, a partir de 1943, quando devotos de outras cidades dirigiam-se a Santa Maria para participar das mesmas, coincidentemente no ano da declaração de Dom João Becker em construir uma Igreja em honra a Nossa Senhora Medianeira em Porto Alegre. Para solenizar o percurso da romaria, acompanhavam as confrarias, as associações e Congregações religiosas católicas da cidade com suas respectivas bandeiras e estandartes, cantores e animadores. Naquele ano, foram calculadas mais de mil pessoas.⁶⁶⁵ A apropriação da devoção e o seu reconhecimento como princípio atuante da coesão social e como representação de uma cultura popular creditava prestígio à Igreja frente ao Estado.⁶⁶⁶

O empenho dos jesuítas em mobilizar os operários para participarem das romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças realizadas em Santa Maria é registrado por Rausch (1997, p. 59), diferindo no que tange a data da primeira romaria estadual:

A devoção encontrou campo propício entre o povo ligado aos Círculos Operários. Começou com a idéia de “Romaria Estadual” ao seminário de Santa Maria, onde era venerada a imagem de Maria. A primeira Romaria aconteceu com 23 pessoas da localidade, em 5 de setembro de 1939. As pessoas eram circulistas e outras do círculo de amigos do Pe. Valle. Pe. Emílio que entrou neste Círculo em 1946 e eu [Pe. Rausch] em 1947. Na mobilização para as Romarias da Medianeira nosso trio funcionava.⁶⁶⁷ *O trem da Romaria, partindo de Porto Alegre, precisava de duas locomotivas puxando catorze, até dezessete vagões. De Caxias, de Cachoeira, de vários municípios da fronteira, vinham outros trens deromeiros circulistas acrescidos de centenas de populares. (grifo nosso)*

Podemos considerar que o número de pessoas motivadas a participar das romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira, à época do Estado Novo, passava a ser significativa, por outro lado, devemos considerar que os membros dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul eram *incentivados* pelos sacerdotes a externar sua devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças por ocasião das romarias.

⁶⁶⁴ COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional, festa e sociabilidade. O culto da Virgem de Nazaré no Pará colonial. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec; EdUSP; Fapesp; Imprensa oficial, v. II, 2001, p. 929.

⁶⁶⁵ “Revestiu-se de brilhantismo a Romaria realizada ao Santuário da Medianeira”. Seção “Religião”, *A Razão*, Santa Maria, 02 nov. 1943.

⁶⁶⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 52-53.

⁶⁶⁷ O trio referido pelo autor era composto pelos seguintes padres jesuítas: Pe. Emílio Schneider, assistente do Círculo Operário Ferroviário; o Pe. Rafael Valle que dirigiu o Círculo Operário Católico de Porto Alegre e o Pe. Urbano Rausch que atuava em Porto Alegre, na época do Bispo D. Vicente Scherer. Cf. RAUSCH, op.cit., 1997.

Os operários, no período da Restauração Católica, faziam parte de uma parcela significativa da população que, *motivados*, somavam esforços na reafirmação do catolicismo e na edificação da nação católica respalda pelo governo varguista. A Igreja, em particular, pretendeu não somente dar oportunidade aos operários de conhecerem a Doutrina Social Cristã no ambiente dos Círculos Operários, mas também, obviamente, convertê-los ao catolicismo. A partir disso, pode-se inferir que tal *motivação* visava também consolidar a “invenção da tradição” em torno da devoção a Nossa Senhora Medianeira.

A adesão dos devotos foi aumentando. Em 1945, por exemplo, o clero católico esperava a chegada de caravanas de várias cidades do Estado. Somente de Porto Alegre teriam chegado 400 romeiros.⁶⁶⁸ Foi registrada, também a chegada de trens especiais conduzindo os romeiros de Porto Alegre, Bagé, Pelotas, Cachoeira do Sul, Cruz Alta, Jaguari, Cacequi e outras localidades. A rádio Imembuí, de Santa Maria, em cadeia com a rádio Gaúcha de Porto Alegre transmitiu a solenidade que contou com a presença de “15 mil pessoas na monumental parada da fé.”⁶⁶⁹

Para fortalecer a fé católica, de 04 a 18 de abril de 1948, realizou-se, em Santa Maria, o II Congresso Eucarístico Diocesano juntamente com a 5ª Romaria Estadual em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.⁶⁷⁰ Para recordar o evento, foi distribuído aos devotos um folheto onde aparece a imagem de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças e uma projeção de como seria o Santuário e, junto a essa imagem, o Papa e um escudo com a imagem de Nossa Senhora Medianeira. Na parte interna do folheto, os hinos oficiais do II Congresso Eucarístico Diocesano e de Nossa Senhora Medianeira, a fotografia do Bispo Dom Antônio Reis com uma oração pelo Congresso que creditava 300 dias de indulgência ao devoto orante.

⁶⁶⁸ “Será realizada domingo a 3ª Romaria Estadual”, Seção “Religião”, *A Razão*, Santa Maria, 04 nov. 1945, AHMSM, Santa Maria.

⁶⁶⁹ “Constitui Memorável Manifesto de fé a Terceira Romaria Estadual ao Santuário da Medianeira, Domingo”. Seção “Religião”, *A Razão*, Santa Maria, 13 nov. 1945, AHMSM, Santa Maria.

⁶⁷⁰ “Mobiliza-se a diocese de Santa Maria para o segundo Congresso Eucarístico Diocesano”. *A Razão*, Santa Maria, 04 abr. 1948, n. 151, Ano XIV, p. 3 e 6. “Sob as mais profundas demonstrações de fé instala-se hoje, solenemente, o 2º Congresso Eucarístico diocesano em Santa Maria”. *A Razão*, Santa Maria, 14 abr. 1948, n. 159, Ano XIV, p. 6, AHMSM, Santa Maria.

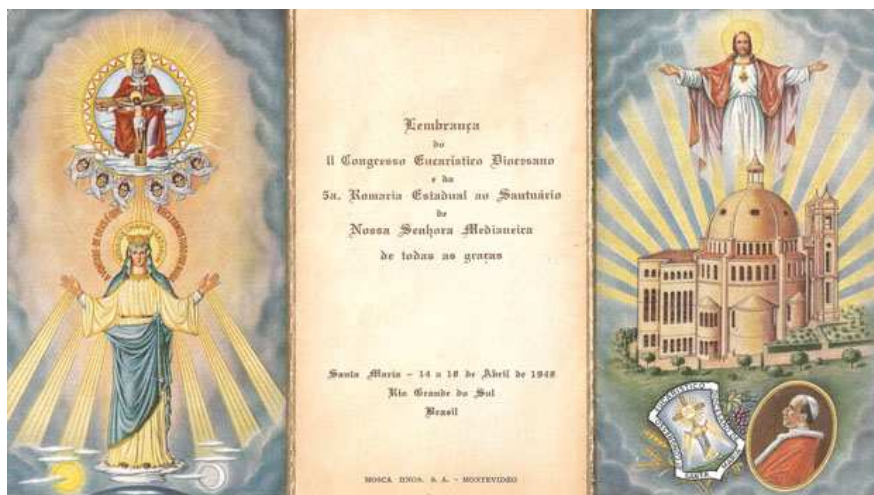


Ilustração 56 - Lembrança do II Congresso Eucarístico Diocesano e da 5ª. Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Santa Maria, 14 a 18 abr. 1948 (Fonte: Acervo Particular, Santa Maria).

A manchete do jornal *A Razão*, de 1950, destacava a catolicidade do Estado gaúcho através dessa devoção mariana: “O Rio Grande Católico esteve genuflexo no Santuário da Medianeira de Todas as Graças”. Ainda, em letras garrafais, lê-se: “Mais uma vez se confirma aos nossos olhos a verdade tão grata ao coração da cristandade, de que Deus quer salvar o mundo por meio de *Maria-ad Jesum per Mariam*”. Esse era o lema do episcopado do Bispo Dom Antônio Reis, “A Jesus por Maria”. O título da matéria não deixa de ser emblemático, pois demonstra o prestígio da Igreja através da afirmação do lema episcopal. Esse órgão de imprensa tornou-se, de certa forma, um veículo propagador da catolicidade da população santa-mariense.

Os festejos populares como atividades profanas de múltiplas linguagens se desenvolviam à sombra da devoção popular.⁶⁷¹ Em outras palavras, a cidade se traveste de palco e de teatro para a passagem da virgem.

Naquele ano, o evento foi registrado como “um espetáculo religioso” com a presença de 20 mil romeiros que, durante o percurso, puderam ver “as fachadas dos prédios enfeitadas” em homenagem à Virgem Medianeira. De Porto Alegre chegaram à cidade 800 devotos; de Cachoeira do Sul, 650; de Santa Cruz do Sul, 250; de Caxias do Sul, 151; de Cruz Alta, 150; de Caçapava do Sul, 100; de Júlio de Castilhos, 80 e outros de localidades distintas. Essa edição do jornal descreve todas as atividades religiosas do dia: a romaria, a missa campal, a

⁶⁷¹ COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional, festa e sociabilidade. O culto da Virgem de Nazaré no Pará colonial. In: JANCSÓ, e KANTOR, op.cit., v. II, 2001, p. 925.

bênção do Santíssimo Sacramento e a bênção dos doentes.⁶⁷²

Por ocasião do 25º aniversário do episcopado de Dom Antônio Reis,⁶⁷³ com a chegada do Bispo Coadjutor, Dom Luiz Vitor Sartori, em 1956, ele promoveu a peregrinação da “Imagem Milagrosa de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças a quase todas as paróquias da diocese”, segundo Rubert (1957, p. 139-140).

Essa ideia provavelmente originou uma outra campanha, nos anos de 1960, que estava voltada ao estímulo das vocações sacerdotais junto às famílias. Naquela época, cada paróquia arregimentou uma pessoa que ficava responsável por uma capelinha de Nossa Senhora Medianeira para visitar as famílias daquela divisão eclesiástica. À família que recebia a capelinha era solicitado rezar algumas orações, dentre elas, a do Terço, bem como solicitavam uma ajuda financeira para as vocações sacerdotais.

Em 1958, na sua IV Carta Pastoral, Dom Antônio Reis, além de anunciar o Congresso Mariano-Eucarístico a ser realizado, em fins de outubro daquele ano, comunicou que a Cripta do Santuário de Nossa Senhora Medianeira já estava construída e faltava levantar a parte superior. Mas, como aumentava a afluência de romeiros, em torno de 25 a 30 mil, previa que as missas deveriam ser campais e, por isso, resolveram construir “uma grande esplanada com um altar-monumento que poderá ser visto por todos. Na frente da esplanada, deverá levantar-se uma torre de 45 metros, encimada pela imagem de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.”⁶⁷⁴ O altar monumento foi construído, mas a imagem ficou apenas no projeto.

É importante destacar que, segundo Santos (1985, p. 92), foi somente na 16ª Romaria Estadual, ocorrida no dia 13 de novembro de 1960, que o município de Santa Maria foi consagrado, pelo Bispo Dom Luiz Victor Sartori (1960-1970), a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.

Como já demonstrado, as romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria, passaram a fazer parte do calendário da Igreja católica a partir de um acontecimento histórico que lembra ao povo devoto a intervenção salvífica da mãe de Jesus

⁶⁷² *A Razão*, Santa Maria, 07 nov. 1950, p. 2, AHMSM, Santa Maria.

⁶⁷³ O jornal *A Razão* destaca o jubileu de D. Antônio Reis: “Mensagem do Papa a D. Antônio Reis”. *A razão*, Santa Maria, 09 dez. 1956, n. 50, ano XXII, p. 4; “Entregue a D. Antônio Reis o título de cidadão santamariense”. *A razão*, Santa Maria, 14 dez. 1956, n. 54, ano XXII, p. 8; “Agradece o Bispo jubilar a manifestação recebida dos poderes públicos de Santa Maria”. *A razão*, Santa Maria, 16 dez. 1956, n. 55, ano XXII, p. 8; “Sua eminência D. João Barros Câmara, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, chegará a Santa Maria para o jubileu de D. Antônio Reis”. *A razão*, Santa Maria, 16 dez. 1956, n. 55, ano XXII, p. 8; “D. Antônio Reis recebe as homenagens de Santa Maria”. *A razão*, Santa Maria, 16 dez. 1956, n. 56, ano XXII, p. 6, AHMSM, Santa Maria.

⁶⁷⁴ *IV Carta Pastoral* anunciando o Congresso Mariano-Eucarístico, D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, Santa Maria, 31 jul. 1958, p. 4 e 5, AMDSM, Santa Maria. Esta Carta Pastoral foi dedicada à comemoração do centenário das aparições de Nossa Senhora em Lourdes, do Centenário de Santa Maria e do centenário de instalação da Câmara de Vereadores em Santa Maria. Advertiu sobre a importância da frequência dos católicos à Eucaristia e ao Santíssimo Sacramento, bem como a unidade de Jesus Eucarístico com Nossa Senhora.

que protegeu a cidade durante a Revolução de 1930. Esse fato também está retratado nos vitrais do moderno Santuário-Basílica. A “invenção da tradição” se perpetuava na imagem dos vitrais.

O caráter profano desse acontecimento ficava por conta da *festa*, espaço de sociabilidade sustentado por grupos de homens e mulheres que, de uma forma ou de outra ligados à Igreja, garantem a praça de alimentação e tudo o que é necessário para o atendimento dos peregrinos, pois, após a missa campal, oromeiro tinha a possibilidade de almoçar nos arredores do Santuário, no Parque da Medianeira, onde eram vendidos comestíveis como churrasco, doces, cucas, etc. Os organizadores da festa eram voluntários da Diocese e a renda arrecadada investida em obras da Igreja.⁶⁷⁵

Outro aspecto desse caráter profano era a convergência de políticos locais e regionais, não só do Rio Grande do Sul, mas também de outros Estados que, por motivos distintos, passaram a participar das romarias, conferindo-lhe caráter político-religioso. Geralmente os políticos iam à frente do cortejo da procissão ao lado do bispo e demais autoridades, unindo a devoção à padroeira com a oportunidade de externar o apoio do Estado à Igreja católica, momento em que podemos pensar, caso o político fosse descrente, que o sagrado servia de plataforma política. Assim, a conotação de evento político-religioso, profano-sagrado das Romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira, ficava explícita durante o percurso da caminhada. Por outro lado, a presença do político ao lado do Bispo dava ao representante de Roma a certeza de que o Estado estava ao lado da Igreja. Ainda, o evento religioso servia também para a afirmação do poder político da Igreja frente aos anticlericais e aos protestantes.

Osromeiros saudavam Nossa Senhora com fogos de artifício, com vivas e salvas de palmas quando da chegada do quadro com a imagem da Medianeira ao seu Santuário. O sagrado e o profano apareciam juntos, também, na celebração religiosa quando, durante a missa, os políticos tomavam a palavra após a homilia do sacerdote. Na Romaria de novembro de 1960, por exemplo, Schneider e Barbieri (1976, p. 103) referem que o prefeito de Santa Maria, Dr. Miguel Sevi Vieiro, em discurso solene, consagrava sua administração municipal à Virgem, bem como os colegas da Câmara de Vereadores e funcionários do município. Recomendava a ela também todos os operários e todos os ferroviários da cidade e pedia à “Mãe de Jesus Operário” que derramasse graças sobre os ferroviários, “a fim de que não se deixem guiar por líderes de ideologias estranhas, mas sigam a doutrina social cristã”. Naquele

⁶⁷⁵ Lopes, num estudo etnográfico, ao revisitar a Festa do Círio de Nazaré identifica novos elementos de sua dinâmica, como os agenciamentos de vários atores sociais propiciados pela festa e a diversidade de identidades amazônicas que ela aglutina. LOPES, José Rogério, *Círio de Nazaré: cortejos, conflitos e negociações da identidade amazônica*. Arquivo PDF.

momento, o homem político apelava para a religiosidade popular, pretendendo dar testemunho de devoção, a fim de demonstrar a apropriação da devoção pelo poder Executivo do Município.



Ilustração 57 – Grupo de pessoa em frente à Catedral Diocesana de Santa Maria para a saída da romaria de Nossa Senhora Medianeira, em 1963 (Fonte: Acervo fotográfico, Museu Sacro de Santa Maria)

O padre Hansen, no ano de 1962, fez um relatório a partir da cidade de Santa Maria, com notícias sobre o Santuário Diocesano de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças e o envia à Província dos Padres Jesuítas de Porto Alegre.⁶⁷⁶ No referido relatório, destacava que, a cada ano, crescia o número de romeiros, sendo que em 1961 foi calculada a presença de 50 mil fiéis de várias paróquias das dioceses do Estado. “Todos os anos participam da romaria diversos Bispos, altas autoridades civis e militares, não só municipais, mas também estaduais e, por diversas vezes, esteve presente o governador do Estado, o presidente ou representante de Assembléia Legislativa do Estado.” Registrava, também, que as solenidades da romaria eram irradiadas por uma rede de rádio emissoras, inclusive da capital do Estado. Diz que, nas proximidades do Santuário, eram instalados os transmissores da Rádio Medianeira, uma emissora fundada pelo Bispo Diocesano, Dom Luiz Victor Sartori (1960-1970), com a finalidade de servir à causa da Igreja em geral e promover a devoção a Nossa Senhora Medianeira.

O padre Afonso Hansen relatou ainda que, na Romaria Estadual de 1961, esteve presente uma delegação de romeiros de Santa Catarina, os quais levavam uma imagem de Nossa Senhora Medianeira para ser benta naquela oportunidade, a pedido da esposa do

⁶⁷⁶ Relatório feito por Pe. Afonso Hansen S.J, 02 fev. 1962. APPJPA, Porto Alegre.

governador do Estado. Essa imagem seria colocada oficialmente na sede da Legião Brasileira de Assistência Social, em Florianópolis.

Sobre a 30ª Romaria Estadual da Medianeira em Santa Maria, cujo lema foi “Justiça é Amor”, o cronista,⁶⁷⁷ padre Erebanly Edu de Pádua, registrou que a missa foi presidida por Dom Frederico Didonet e concelebrada com outros sacerdotes, inclusive o padre Valle. Também destacou a presença do governador do Estado, Euclides Triches, do secretário Nelson Marchezan e outras autoridades. Anotou também que os romeiros perguntavam qual era a razão da demora da construção do Santuário. Em resposta, ele explicou que o atraso da construção devia-se à espera pela nomeação do novo bispo que deveria tomar algumas providências no sentido de “determinar obras prioritárias uma vez que não havia recursos financeiros para concluir a obra.”

Um esclarecimento sobre esse registro do cronista a respeito do Santuário de Nossa Senhora Medianeira deve ser feito. A construção do Santuário levou muito tempo para ser concretizada, devido às discordâncias da Comissão Central de Construção. Basta dizer que foram elaborados seis projetos, sendo que o primeiro, iniciado em 1938, não teve continuidade devido ao alto custo. A cripta octogonal constante no projeto foi inaugurada somente em 09 de novembro de 1952.⁶⁷⁸

Esses elementos são tentativas de dar unanimidade à *feira*, a qual parece-nos que foi ilusória, pois a presença dos devotos não estava unicamente relacionada à padroeira da cidade ou ao seu reconhecimento pelo Estado, mas às necessidades individuais e grupais de cada romeiro, Nossa Senhora como mediadora, ao “nutrir o imaginário coletivo da época”, o que é próprio da *feira* estava criando a “herança que lhe é propícia”, pois “a festa não é imóvel, mas

⁶⁷⁷ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 8, 1964-1972, p.7, APNSC, Santa Maria.

⁶⁷⁸ Sobre este tema Santos (1985) registra que, em 11 de novembro de 1952, o “Pe. Érico Ferrari, em nome do Bispo Diocesano, D. Luiz Victor Sartori (1960-1970), anuncia a alteração das obras do Santuário: um projeto novo”. Em 14 de novembro de 1967, D. Luiz Vitor Sartori noticiou um Plano Global (terceiro projeto) do que seria o “Parque da Medianeira”. A construção do Altar Monumento inicia-se somente em 1969. O projeto “Parque da Medianeira” não foi aceito pela Comissão Central de Construção do Santuário, em 07 de setembro de 1970. O projeto “Parque da Medianeira” foi construído o Altar Monumento, inaugurado na 32ª Romaria Estadual, em 09 de novembro de 1975, com a presença do Cardeal Patriarca de Veneza, D. Albino Luciani que, em 1978, seria eleito Papa João Paulo I. O projeto foi o sexto que se ajustou aos recursos financeiros da Comissão, apresentado pelo arquiteto Júlio José Zanon, de Guaporé. Foi aceito pelo Bispo D. Ivo Lorscheiter (1974-2005) e pela Comissão Central de Construção do Santuário. D. José Ivo Lorscheiter, em 1965, foi designado Bispo Auxiliar de Porto Alegre. Participou, em Roma, da conclusão do Concílio Vaticano II, foi Secretário Geral da CNBB por quatro anos, eleito durante a Assembléia de Belo Horizonte (9 a 18 fev. 1971). Em 1974, na 13ª Assembléia Geral da CNBB, em Itaicí, SP, foi eleito Secretário Geral, pela segunda vez. Em 1979, na Assembléia Geral do Episcopado Brasileiro foi eleito Presidente da CNBB para um mandato de 4 anos, e reeleito no cargo, na Assembleia Geral de Itaicí, em 1983. D. Servilio Comti, assumiu a partir de 1976, a função de Vigário Geral da diocese. Cf. SANTOS, Zozymo Lopes dos. *Três Jubileus católicos em Santa Maria: registros cronológicos nominiais*. Santa Maria: Instituto de Preservação da Memória Cultural de Santa Maria e Região, 1985, p. 86-87.

um *continuum* de mutações, de transições, de inclusões”⁶⁷⁹ de elementos que lhe configuram uma nova plasticidade, pois o nome da festa já diz: *Medianeira de todas as graças*, ou seja, está disponível a uma multiplicidade de elementos.

Outro elemento decorrente da “invenção da tradição” é encontrado no fragmento da Terceira Carta Pastoral de Dom Antônio Reis, a doutrina da Mediação Universal de Maria Santíssima, que foi objeto de estudos da Igreja católica desde as Encíclicas de Leão XIII, seguido por outros papas. O assunto é, atualmente, denominado como movimento *Vox Populi Mariae Mediatrici* em prol dessa definição dogmática envolvendo mais de 550 bispos e 13 cardeais. Para as outras denominações cristãs, Maria é apenas uma mulher de seu tempo escolhida para ser a mãe de Jesus. Portanto, para estas, Maria não é virgem e nem imaculada. Esse é um dogma de fé da Igreja católica. Assim, o reconhecimento do título, Medianeira, mesmo além de colocar em evidência o catolicismo viria a respaldar o que estamos afirmando.

As ações do padre Valle, em honra à devoção a Nossa Senhora Medianeira, eram fundamentadas em seus estudos teológicos, mas não dissociados da realidade sócio-política brasileira. Tanto o padre Valle quanto os demais sacerdotes de Santa Maria e do Rio Grande do Sul tinham bem claro que deviam combater o anticlericalismo e o comunismo, e uma das formas era através da educação cristã. A publicidade era usada para divulgar as ações da Igreja católica, as devoções populares, guiadas pela hierarquia e para catequizar as *almas*.

Em 1949, já em Porto Alegre, o padre Valle⁶⁸⁰ fez um longo estudo teológico-filosófico sobre a Mediação universal de Maria, como a mãe de Jesus, desde a escolha por Deus para a concepção de Jesus, permanecendo ela imaculada, até a sua assunção ao céu ou, para os não crentes, desde a concepção de seu filho até a sua morte.⁶⁸¹ Nesse estudo, o padre Valle acrescentou os muitos exemplos de invocação mariana, concluindo que o título de Medianeira sintetizava todas as outras invocações, pois Maria, como mãe de Jesus, é a mesma em todos os lugares e em toda a história da humanidade. Assim, a Medianeira poderia ser também a *mãe dos operários*, a *Senhora* do mundo do trabalho.

Essa era a questão que consideramos como outro fator na “invenção” da referida tradição, a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria.

Outro resultado da construção da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as

⁶⁷⁹ VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 251.

⁶⁸⁰ Cf. VALLE. Pe. Inácio. *Vamos todos a Maria Medianeira: modesto estudo sobre a Mediação Universal de Maria Santíssima acrescida de muitos exemplos marianos*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1949. Outra edição com o mesmo título encontramos editada pela Editora Paulinas, em 1953.

⁶⁸¹ O Dogma de Imaculada Conceição de Maria foi proclamado, em 1854, pelo Papa Pio IX.

Graças, em Santa Maria, legou à Igreja católica destacar-se num dos símbolos mais significativos do poder público da cidade: o brasão de armas do Município de Santa Maria.

Nos anos de 1960, o poder político local, representado pela Câmara de Vereadores, agregou no brasão da cidade a letra “M”, representando a palavra *Maria*. O poder público se apropriava do prestígio da Igreja e vice-versa.

Assim, o prestígio e a preponderância da Igreja católica na cidade foi sancionado pelo poder público, em 16 de maio de 1961, quando o Prefeito Municipal, Vidal Castilho Dânia, pela Lei n.º. 785, adotou como símbolo heráldico de Santa Maria o seguinte escudo de armas:

Escudo português em campo de prata, com sigla de *Maria Santíssima*, de azul circundada de 12 estrelas do mesmo, sobre um terraço de dois montes de sua cor. Apoio: duas lanças com bandeirolas vermelhas, estas com lozango branco, cruzadas em sautor por trás do escudo, sobre duas lanças indígenas da mesma posição, ligada nos coutos por uma bandeirola gaúcha. Divisa: *em listel com as cores da bandeira do Piratini, a legenda em letras de prata SANTA MARIA CIDADE CORAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL*. Timbre: cor mural de prata, de 5 torres.⁶⁸²



Ilustração 58: Escudo do Município de Santa Maria (Fonte: site da Prefeitura Municipal de Santa Maria)

Ficava evidente que o legado da devoção mariana do padre Valle e dos devotos não era mais uma religiosidade ingênua, senão uma das identidades do Município: a catolicidade respaldada pela religiosidade popular tutelada pela hierarquia da Igreja católica. Postula-se, “então uma relação clara entre o signo visível e o que ele significa, o que não quer dizer que possamos decifrá-lo como deveria”,⁶⁸³ pois podem surgir outros significados para a mesma

⁶⁸² “Lei n.º. 785 Adota o símbolo heráldico do Município, Certidão n.º. 61”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria*. Santa Maria: Pallotti, ano 1, n. 1, 1962, p. 26-28.

⁶⁸³ CHARTIER, Roger. *El mundo como representación*. Historia Cultural: entre práctica e representación. Barcelona: Gedisa, 1995, p. 58

letra daquele brasão que podem estar relacionados a outros acontecimentos cujos registros desconhecemos.

O projeto de lei havia sido enviado pela Câmara de Vereadores que o aprovou por unanimidade. Os autores do brasão foram o Monsenhor Frederico Didonet, um dos dirigentes da Ação Católica; o Tenente Dr. Luiz Prates Carrión, vereador; Moysés Teixeira Hausen e o Professor Eduardo Trevisan.⁶⁸⁴

Assim, no campo político-religioso, o poder executivo e legislativo municipal definia sua predileção religiosa, ao menos simbolicamente, visível no brasão da cidade. A partir de então, a nova bandeira do Município de Santa Maria, juntamente com a do Estado e a do Vaticano, eram colocadas lado a lado no altar das igrejas católicas nas celebrações solenes e carregadas por ocasião das romarias. A devoção mariana passava a ser representada, também, através do brasão na Câmara de Vereadores, na Prefeitura e nas repartições públicas da cidade. Com a aprovação do brasão de Santa Maria todos eram chamados a “controlar, a consagrar, a ratificar, inclusive com o próprio silêncio”, a crença na santidade de Maria, mãe de Jesus.⁶⁸⁵

A partir dessa decisão simbólica do poder público, podemos entender que a devoção mariana não somente produziu identidade à cidade, mas, através da *feira* em honra a Nossa Senhora Medianeira, agregou poder e valor à Igreja. Foi geradora de conflito, de tensão, por ser produto de uma realidade social, e como parte de um jogo do viver social, os grupos envolvidos, famílias locais, Igreja e poder público, negociaram, redefiniram identidades, resultado da relação dinâmica das tradições com o passado.⁶⁸⁶

As regras sociais da *feira* em honra a Nossa Senhora Medianeira ordinariamente não excluía os católicos. Mas, mesmo que respeitasse as outras crenças, a *feira* da Medianeira “traçava fronteiras impostas entre os que são estranhos a ela”. Neste caso, a fronteira seria a devoção, a identidade do catolicismo, pois se a festa da Medianeira é “uma preocupação do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos” ela concentra afetos, emoções, fé, expectativas individuais “em torno do objeto que é celebrado”, a Virgem Medianeira e “cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera

⁶⁸⁴ “Lei nº. 785 Adota o símbolo heráldico do Município, Certidão nº. 61”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria*. Santa Maria: Pallotti, ano 1, n. 1, 1962, p. 26-28.

⁶⁸⁵ “A publicação é o ato de oficialização por excelência. O oficial é o que pode e deve ser tornado público, afixado, proclamado, em face de todos, diante de todo o mundo, por oposição ao que é oficioso, quando não secreto e envergonhado [...]. Homologar significa existir oficialmente e codificar significa acabar com o fluido, o vago, as fronteiras mal traçadas e as divisões aproximativas; significa definir fronteiras”. BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo; Brasiliense, 2004, p. 103.

⁶⁸⁶ HOBBSAWM, e RANGER, op.cit., p. 9,

de uma determinada identidade.”⁶⁸⁷

No entanto, o grau de identidade dos participantes não era uniforme, podiam ter parcelas de identidades que se somavam na escala de identidade geral da *feira* devocional, pois dela participavam políticos, oportunistas, espíritas e pessoas de outras crenças.

Assim, a cidade de Santa Maria, ao se tornar um centro de peregrinação em honra a Nossa Senhora Medianeira, podia ser oficialmente identificada pela religiosidade da população, pois a devoção mariana também passou a refletir a sociabilidade. No entanto, o poder público, na pessoa do prefeito, assume posição de frente junto ao bispo, emoldurando com a pompa e o *brilho* das bandeiras as romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira. Isto reflete a conotação simbólica e política da *feira* resultante da romaria.

O *poder simbólico* estava personificado nas autoridades máximas do Município, o Executivo e o Legislativo e, ao lado deles, o episcopal. Assim, a *feira à Medianeira* possibilitou, ao Estado, usufruir do poder da Igreja católica ao reunir diferentes grupos sociais com interesses distintos e até divergentes. Do que poderia dizer-se que a *feira* é a “invenção da festa” ou, a festa “é a inversão da inversão, ou a negação da negação.”⁶⁸⁸ Ou seja, se considerarmos que a religiosidade popular, antes considerada pelos anticlericais da cidade, dentre eles alguns políticos, objeto de deboche para combater a Igreja católica, podemos inferir que agora, *inversamente*, ela servia de *trampolim* para aproximar os políticos de seus eleitores. A devoção popular, teoricamente, não caracterizaria mais a população como ingênua ou ignorante por acreditar em Nossa Senhora, pois agora havia respaldo, não somente da Igreja católica, mas também daquela instância que antes lhes havia *negado*, o poder público.

Assim, cumpria-se o projeto teológico-político da Instituição católica com todo o aparato de seu universo simbólico. No *campo simbólico*, portanto, Santa Maria tornava-se um contra-senso para os anticlericais, os protestantes e os agnósticos, onde conflito e ideologias se anulavam, pois a romaria não era privilégio de fiéis devotos, mas também de políticos com ideologias distintas e definidas, às vezes alinhadas com o Estado e a Igreja e outras vezes, não. A *feira* da Medianeira poderia ser considerada ambivalente “com uma significação simbolicamente ampliada [...] o instante da transição quando o golpe dado ao mundo velho ajudava o nascimento do novo.”⁶⁸⁹

⁶⁸⁷ GUARINELLO, Norberto. Festa, trabalho e cotidiano. In: In: JANCSÓ e KANTOR, op.cit., v. II, 2001, p. 969-975.

⁶⁸⁸ SILVEIRA, Marcos Antônio. Ideologia, colonização, sociabilidade: algumas considerações metodológicas. In: JANCSÓ e KANTOR, op.cit v. II, 2001, p. 987.

⁶⁸⁹ BAKHTIN, op.cit., p. 178-179.

As conseqüências da iniciativa do padre Valle tiveram uma repercussão maior do que ele poderia imaginar. Na década de 1970, por exemplo, a Revista *Rainha*, editada pelos padres palotinos, publicava uma edição “Rainha-Turismo-Medianeira” o que evidencia o teor político-religioso em torno das romarias e a importância do retorno econômico que ela trazia para a cidade.⁶⁹⁰

A *padroeira* do Projeto de Restauração Católica do Rio Grande do Sul continuou reunindo devotos e operários católicos que haviam assumido e ajudado na construção da devoção do padre Valle, mesmo após a extinção de trens de passageiros no Estado. Na década de 1970, o cronista do Livro Tombo registrou que “as romarias Estaduais do Santuário da Medianeira vem atraindo romeiros de todo o Estado e dos Círculos Operários dos mais variados Estados do Brasil”.⁶⁹¹

Podemos concluir que as romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, antes mesmo de se ampliarem, vão completar a ideia de que o clero local conseguiu, através dessa devoção popular mariana, transformar a cidade, considerada *descrente*, anticlerical, num centro de peregrinação católica. O clero santa-mariense, representante do catolicismo renovado, aderiu ao projeto restaurador da Igreja católica conduzindo as necessidades espirituais do povo devoto, pois a devoção popular foi consolidada com o apoio da hierarquia. A religiosidade popular, antes vista como supersticiosa, anti-intelectual, afetiva, que levou a cidade à conotação de *descrente*, agora, conduzida pelo clero e endossada pelo poder público, já não era mais reduzida a uma dialética povo-elite, mas a religião oficial e a religião popular tornavam-se duas forças culturais que se inter-relacionavam.

Assim, considera-se a devoção a Nossa Senhora Medianeira como religiosidade popular dinâmica que, a partir de seus articuladores, poderia evocar pressupostos do conceito de “circularidade cultural”.

A síntese dessa dialética entre a intervenção oficial, padre Valle, e a devoção popular, revelou-se, nas iniciativas do sacerdote que, ao longo dos anos vai, não só emprestando ao culto mariano uma solenidade maior, mas também atribuindo-lhe uma nova identidade quando a introduz nos Círculos Operários, ampliando, assim, “a cadeia de significados” dessa devoção mariana, “contingenciada pela autoridade eclesial”. Nesse caso, o contingenciamento se dá pela “circularidade cultural” (autoridades religiosas, civis e populares), chega a outras instâncias da sociedade e do aparelho de poder, e deles recebe elementos redefinidores da sua

⁶⁹⁰ *Rainha-Turismo-Medianeira*. Revista *Rainha*, Santa Maria, Pallotti, 1974.

⁶⁹¹ Livro Tombo, Catedral Diocesana de Santa Maria, n. 9, 1973-1983, p. 41, APNSC, Santa Maria.

idéia original⁶⁹². Ou seja, à Medianeira que salvou a cidade da Revolução de 1930 são atribuídas outras identidades e a festa em torno da devoção, ao longo dos anos, foi sendo “reinventada”.⁶⁹³

5. 6. Santa Maria e o Projeto de nação católica

Como vimos anteriormente, a partir das iniciativas da diocese de Santa Maria e do apoio de Dom João Becker, Nossa Senhora Medianeira foi sendo projetada em nível estadual e nacional, tanto com o firme propósito de formar trabalhadores verdadeiramente cristãos, quanto de torná-la reconhecida como Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul.

Entendemos que essas iniciativas estavam ligadas a um projeto maior, o de legar uma identidade católica à nação brasileira e da qual Santa Maria era um microcosmo. Não podemos esquecer que o campo religioso católico de Santa Maria estava respaldado por outras devoções populares, oficialmente reconhecidas pela Igreja católica e pelo Estado no período pós-revolucionário de 1930.

Na edição, de agosto de 1931,⁶⁹⁴ da revista *Unitas*, Dom João Becker, afirma várias vezes, que Nossa Senhora Medianeira serviu como modelo, como símbolo de aprovação ou aceitação, por parte do governo brasileiro, das ações da Igreja junto aos operários e que a Igreja confiou a ela o controle da movimentação comunista entre os operários no Rio Grande do Sul. O reconhecimento da dita devoção, pelo arcebispado, reafirmava o prodígio ocorrido no interior do Estado – Santa Maria - durante a Revolução de 1930.

Isaia (1998, p. 80-85) adverte que, para a Igreja católica, a Revolução de 1930 foi um movimento que brotou da insatisfação do povo contra a cúpula da oligarquia estatal, por isso o caráter popular e “católico porque disposto a reafirmar a presença do catolicismo na vida pública”. Para o autor, Getúlio Vargas era visto por Dom João Becker como o homem capaz de “guiar, não só o Rio Grande do Sul, mas todo o Brasil, no caminho da fidelidade ao passado católico do país”. Ainda, refere que Dom João Becker via a Revolução de 1930 “como o ponto de partida para o resgate da própria identidade brasileira, através do reforço da catolicidade vilipendiada pela República”.

⁶⁹² Estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém, Pará, pode ser entendido como exemplo de uma fabricação constante da religiosidade, a mais de duzentos anos no contexto amazônico. Cf. COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional, festa e sociabilidade. O culto da Virgem de Nazaré no Pará colonial. In: JANCSÓ e KANTOR op.cit., v. II, 2001, p. 925.

⁶⁹³ VOVELLE, op.cit., p. 242-248.

⁶⁹⁴ “Actos da Santa Sé”. In: *UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, ano XVIII, n. 7 e 8, jul. - ago., 1931, p. 317 - 374, ACMPA, Porto Alegre.

Essa ideia é reforçada por Lustosa (1991, p. 49), quando afirma que, com a Revolução de 1930, em nível nacional, as relações entre a Igreja e o Estado serão encaminhadas de maneira pacífica e entrosada, através de personalidades eclesiais como Dom Sebastião Leme, no Rio de Janeiro, do arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, fervoroso adepto do movimento getulista. Acrescentamos a essas constatações o que já apontáramos para o interior do Estado do Rio Grande do Sul: a existência de outros adeptos ao movimento getulista como o Bispo Dom Antônio Reis e o padre Inácio Rafael Valle, em Santa Maria.

Nessa cidade, a aproximação do governo Vargas com a Igreja não vai agradar à maçonaria, pois pudemos perceber que, no município, persistia o antijesuitismo maçônico. A questão da separação entre Igreja e Estado, em 1931, foi tema de uma correspondência da Loja Maçônica Luz e Trabalho de Santa Maria, assinada por Manuel M. Amorim, enviada para o “Poderoso Irmão” Fernando Gama, do GORGS, na qual ele comunicava que a referida Loja já havia se dirigido “por telegrama ao Sr. Dr. Borges de Medeiros pedindo sua intervenção no sentido de ser mantida a integral separação da Igreja do Estado.”⁶⁹⁵

Nos discursos de Dom João Becker e Borges de Medeiros, analisados por Rambo (In: Dreher, 1998, p. 236 e 237), o relacionamento entre a autoridade civil do Estado e a autoridade eclesial do Rio Grande do Sul era de cordialidade e “afinamento de idéias quanto às liberdades e os direitos políticos do cidadão”. Os discursos de Borges de Medeiros legitimavam a autoridade eclesial e vice-versa, fato inaceitável para muitos maçons. A Igreja católica, como vimos, manteve tal estratégia, também, no governo seguinte.

Isaia (1998, p.81-82) observa que as acusações de anticlericais aplicadas a Borges de Medeiros e a Getúlio Vargas são rebatidas por Dom João Becker, principalmente defendendo a este que, em um discurso em Porto Alegre, ainda em 1919, fez questão de dizer que era batizado como católico e como tinha tido uma educação católica, continuava sendo. O beneplácito dos governos federal e estadual para com a Igreja era evidente e esta, por seu turno, também se articulava com ele. Assim, o governo de Vargas abriu espaço para a atuação da Igreja católica desde a implantação do governo revolucionário.

Para os anticlericais, porém, não interessava que o país fosse reconhecido como predominantemente católico. O que eles percebiam era que, mesmo havendo espaço para outros cultos, era a Igreja católica quem se projetava, ocupando espaços de seu interesse. Isso era o que desagradava à maçonaria, pois o Estado brasileiro, oficialmente separara-se da Igreja católica desde a República.

⁶⁹⁵ Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, n. folha 78-80, 16 mai. 1931, ALEV, Silveira Martins.

Sobre o anticlericalismo maçônico em nível nacional, na década de 1930, algumas correspondências deixam claro o descontentamento da maçonaria em relação à tolerância do governo Vargas para com a Igreja católica. Em uma delas, lê-se que, nesse momento de nacionalização do clero, o governo deveria tomar providências com relação à Igreja impedindo o Vaticano de “se imiscuir, sob o falso rótulo de religião”. Consideravam que a nação brasileira havia sido excessivamente bondosa com os jesuítas “legítimos cretinos resultante imediata da mentalidade carnavalesco-religiosa de uma grande parcela de nossas incultas populações.”⁶⁹⁶

A Igreja, nesse período que, apesar de articular com o governo, continuava se debatendo para vencer a ignorância religiosa, também apontava noutra frente: a da “edificação nacional.” Nesse contexto, o ano de 1930 era visto, segundo Isaia (1993, p. 93-94) como uma nova etapa marcada pela “construção de um Estado harmonizado com o caráter nacional que reclamava a presença do catolicismo como força sobrenatural de preservação de sua identidade”. Para o mencionado autor, a Igreja, respeitada pelo seu poder secular, era vista, nesse momento, como “o ressurgir de uma força atávica reveladora de um destino providencial para o Brasil, à medida que o Estado brasileiro ‘conciliava-se’ novamente com as raízes cristãs da nacionalidade”. Já a moral cristã seria restabelecida “com o poder reedificador da cristandade após o triste espetáculo de uma república liberal e agnóstica”, pois a nação brasileira estava “predestinada a um papel apostólico e civilizador.”

Em artigo publicado na Revista *Unitas*,⁶⁹⁷ pudemos observar alguns acontecimentos significativos que dão guarida à estratégia política, onde Estado e Igreja entram em acordo para referendar a idéia de que a nação brasileira continuava sendo predominantemente católica, em contraposição às tentativas de avanço do comunismo e da política de laicização do Estado. Não pretendemos dizer, com a palavra estratégia, que os prelados da Igreja eram destituídos de espírito religioso, ao contrário, queremos sugerir que a devoção que eles tinham à mãe de Jesus levou-os a difundi-la nacionalmente, num momento considerado crítico para a Igreja devido à ação dos anticlericais e, no caso de Santa Maria, também dos protestantes e maçons.

A noção de estratégia, usada a partir de Bourdieu,⁶⁹⁸ conferiria à Igreja o “desenvolvimento de uma linha objetiva orientada para obedecer regularidades e formar

⁶⁹⁶ Correspondência de Getúlio Amaral, senador da república, à Maciel Júnior, Rio de Janeiro, 1932 Doc. FGV, n. 0074/1, Rolo 3, fl. 0074 a 007/4, GV 32.11.15, FGV, Rio de Janeiro.

⁶⁹⁷ “Discurso Oficial proferido por D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, na inauguração do monumento a Cristo Redentor, a 12 de Outubro de 1931”. In: *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, n. 11 e 12, ano XVIII, nov.- dez. 1931, p. 620-630, ACMPA, Porto Alegre.

⁶⁹⁸ Cf. GUTIÉRREZ, op.cit., 1994, p. 20.

configurações compensadoras devido às condições sociais externas incorporadas,” nesse caso, pela Igreja e pelo Estado. O clero, como agente social, era “arrancado do estado de indiferença” e estimulado pelo Estado e pelo contexto social.

Em artigo de Dom João Becker, ficou registrado que, no ano de 1931, além de Nossa Senhora Aparecida ter sido proclamada oficialmente padroeira do Brasil, fato que aconteceu em maio, foi inaugurada, por iniciativa de Dom Sebastião Leme, então Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, a estátua do Cristo Redentor, no elevado do Corcovado, no dia 10 de outubro. O discurso oficial de inauguração foi proferido pelo arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom João Becker, a convite de D. Sebastião Leme, em 12 de outubro de 1931.⁶⁹⁹

Com essa notícia, podemos inferir que Dom Sebastião Leme,⁷⁰⁰ ciente da devoção surgida no Rio Grande do Sul, concedeu a Dom João Becker uma oportunidade de representar o Estado na cerimônia, uma vez que a padroeira do Brasil havia ficado com o Estado de São Paulo e o governo brasileiro havia sido conquistado pelo gaúcho Getúlio Vargas. Este, simpatizante de Dom João Becker, por seu turno, apoiava as iniciativas do jesuíta Rafael Valle com relação à devoção a Nossa Senhora Medianeira.

A situação festiva era conveniente tanto para a Igreja quanto para o governante que “vivia o período de adaptação e incerteza no governo.”⁷⁰¹

No discurso oficial que foi proferido por Dom João Becker,⁷⁰² naquela ocasião, ele enalteceu o prodígio: “levanta-se este grandioso monumento em sinal de que Cristo deverá ser o Redentor da nação, mormente na época difícil que estamos atravessando.” Dom João Becker, após destacar o significado do monumento, centrou seu discurso na necessidade das “leis espirituais governarem o mundo moral”, ou seja, “as leis divinas devem reger as instituições sociais e políticas do povo brasileiro”, pois, o perigo no momento estava “nas conseqüências funestas do laicismo, que procura infiltrar suas idéias dissolventes e anárquicas em todos os departamentos da vida humana.” Advertiu, ainda, que o povo brasileiro e o Estado, para falarem de “patriotismo, de desprendimento cívico e colaboração humana” deveriam estar balizados na moral cristã, pois “é Cristo que ilumina o indivíduo e o Estado.”

Para a Igreja católica, o Estado, pós-revolução de 1930, precisava observar os princípios cristãos e retomar, de forma diferente, sua unidade com a Igreja pois, para ele, o

⁶⁹⁹ Em 1930, o Papa Pio XI declarou Nossa Senhora Aparecida a Padroeira do Brasil e em 31 de maio de 1931 o Cardeal D. Sebastião Leme oficializou a proclamação no Rio de Janeiro.

⁷⁰⁰ D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, Arcebispo do Rio de Janeiro foi também elevado ao cardinalato em 18/4/1930 a 17/10/1942.

⁷⁰¹ Cf. FUASTO, op.cit., 2006, p. 42.

⁷⁰² “O Cristo Redentor: discurso oficial, alocução, saudações, mensagens e apreciações: Introdução”. In: *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, ano XVIII, n. 11 e 12, nov. - dez., 1931, p. 618 a 620, ACMPA, Porto Alegre.

Estado laico prescindia da presença de Deus e o monumento ao Cristo Redentor era uma forma de externar essas relações entre Igreja e Estado, já que a Igreja estava interessada em legitimar a identidade católica da nação, uma vez separada do Estado.

Antes de proclamar “Cristo, o protetor da nação”, Dom João Becker⁷⁰³ fez uma crítica aos ateus e à ciência materialista, “incapaz de contentar a inteligência humana, pois o homem sem religião e inimigo de Deus torna-se escravo das próprias paixões, vê-se oprimido pelo peso da matéria que ele deificou”. Também fez um alerta à nação brasileira e procurou convencer os incrédulos que o Brasil deveria honrar a Cristo não como um mito, mas como filho de Deus. Afirmou que não reconhecer a Jesus Cristo seria um crime porque somente em Cristo a nação encontraria salvação.

Esse discurso refletia a Encíclica de Pio XI, *Divini redemptoris*, na qual o Papa condenava o materialismo marxista como doutrina que não tem lugar para a idéia de Deus. Dom João Becker deu significado ao monumento para a nação brasileira. O monumento era uma forma de externar para o mundo que o Brasil também fora consagrado ao Medianeiro, ao Cristo, o Redentor da nação. Naquela ocasião, Dom João Becker conclamava o Brasil a ser modelo de catolicidade para outras nações dominadas pelo comunismo e pelo agnosticismo. O Brasil deveria tornar-se uma nação vigilante da religiosidade, da liberdade e da igualdade:

Ofereça o Brasil oficial, o Brasil representado pelo seu povo e pelos seus governos, ao mundo inteiro, um brilhante exemplo de fé religiosa, e de fidelidade absoluta a Cristo Redentor. E quando, por ventura, um dia, nos outros países, convulsionados por torturantes males, se amontoarem escombros sobre escombros, a nossa Pátria será então o guia das nações, a atalaia dos povos, o mentor das democracias, pela legítima interpretação do lema de liberdade, igualdade e fraternidade.⁷⁰⁴

Escrito em 1931, o discurso de Dom João Becker alertava a população sobre àqueles países que “convulsionados por torturantes males”, ou seja, comunistas e ateus, ficariam “reduzidos a escombros” e o Brasil, por ser uma nação católica, seria o vigilante da democracia, o “atalaia dos povos”, o receptor de várias etnias.

Para encerrar o discurso, Dom João Becker fez uma prece a Cristo, o Redentor, na qual pediu paz, união, prosperidade e ordem. Clamou ainda que Cristo incluísse em “nosso

⁷⁰³ “O Cristo Redentor: discurso oficial, alocução, saudações, mensagens e apreciações: Introdução”. In: *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, op.cit., 1931, p. 618 a 620.

⁷⁰⁴ “O Cristo Redentor: discurso oficial, alocução, saudações, mensagens e apreciações: Introdução”. In: *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, Ibid. Id.

amado povo o amor à disciplina social e à obediência aos legítimos superiores”.⁷⁰⁵ Aqui, Dom João Becker tornava público seu apoio ao governo Vargas creditando ao poder civil um caráter quase divino.

O apoio à devoção a Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil e a inauguração do Cristo Redentor, segundo Bruneau (1974, p. 80), foi uma ação política de Vargas que, diplomaticamente, sabia que não deveria ir contra a devoção popular devido ao grande número de devotos: “Vargas era agnóstico confesso, sem nenhum interesse na religião, como eram todos os que faziam parte de seu *entourage* imediato. Era, entretanto, grande amigo pessoal de Dom Leme”.

Assim, o monumento ao Cristo Redentor, “como guardião da paz, da ordem e da prosperidade da pátria brasileira” e a aclamação de Nossa Senhora Aparecida como a padroeira do Brasil são indícios de uma tentativa de legitimação do projeto de nação católica por parte da Igreja católica brasileira, a princípio para, segundo padre Valle, “salvar da ruína a massa proletária”.⁷⁰⁶

O *campo religioso católico* de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul viriam a contribuir com a política do Estado que nos anos 30 estava alarmada com as “ameaças vermelhas” com os boatos de “conspiração reacionária” e possíveis “ataques comunistas.”⁷⁰⁷

Quanto a Nossa Senhora Aparecida, é sabido que sua imagem foi encontrada no Rio Paraíba, em 1717, por um grupo de pescadores que, nas suas redes, recolheram a cabeça de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição e, logo em seguida, o restante do corpo apareceu nas malhas de outra rede. Sobre esse acontecimento, Santos (2000, p. 37 e 80),⁷⁰⁸ infere que “a descoberta da imagem nas águas do Paraíba reforçou o mito de uma devoção original, fundada a partir da ação de homens do povo; a devoção origina-se por iniciativa exclusivamente popular, sem concurso de autoridade eclesiástica”. O autor afirma que “quando Aparecida é coroada como padroeira do Brasil (1904), a Igreja supera o Estado e estrategicamente aproxima-se de seu rebanho agraciando o povo com a aprovação à devoção a imagem.”

Lembramos que isso ocorreu em São Paulo, onde, segundo o autor: “as autoridades

⁷⁰⁵ “O Cristo Redentor: discurso oficial, alocução, saudações, mensagens e apreciações: Introdução”. In: *UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre*, op.cit., nov.- dez. 1931, p. 618 a 620, ACMPA, Porto Alegre.

⁷⁰⁶ Cf. Pe. VALLE, História da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. In: *Copa em Revista*, 27 nov. 1954, [s.p.], APPJA, Porto Alegre.

⁷⁰⁷ Cf. FUASTO, op.cit., 2006, p. 58.

⁷⁰⁸ Cf. SANTOS, Lourival. *Igreja, nacionalismo e devoção popular: as estampas de Nossa Senhora Aparecida, 1850-1978*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

eclesiásticas não estavam criando uma devoção popular, mas reconhecendo uma prática popular que cresceu nos dois séculos anteriores“. Diferente do Rio Grande do Sul, onde um sacerdote, através da imagem de Nossa Senhora Medianeira, construiu uma tradição em Santa Maria. Posteriormente, com o apoio dos bispos, Dom João Becker e Dom Antônio Reis, o Pe. Valle se empenhou em tornar Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças padroeira dos Círculos Operários do Brasil e padroeira do Estado do Rio Grande do Sul.

Aos olhos dos devotos a questão poderia ser analisada pela sua mística. Nossa Senhora teria tornado visível o seu desejo de “mãe da Igreja católica” quando apareceu nas águas do Vale do Paraíba, em 1717, e quando foi reconhecida como a soberana padroeira da nação, em 1931.⁷⁰⁹

Nesse contexto histórico, pensamos que a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças assumiu outra função, além da religiosa, que se configurava como política e social. Tal função foi nitidamente apoiada pelo Estado, no intuito de “manipular”, parafraseando Hobsbawm e Ranger (1997, p. 315), as decisões da classe operária *perigosamente* atraída e *manipulada* pelas idéias do comunismo.

A idéia de manipulação nos leva a crer que o Estado estaria se apropriando da ação da Igreja contra os malefícios do comunismo, valendo-se, no caso dos Círculos Operários e da confiança que a Igreja creditava à devoção mariana.

O fato da devoção a Nossa Senhora, invocada como Medianeira, em Santa Maria ter surgido por iniciativa de um sacerdote, que dirigia um grupo de seminaristas, facilitou a credibilidade imediata na Igreja por parte do povo. Ela seria uma devoção que, a partir do Rio Grande do Sul, apareceria como *mediadora* entre os anseios dos operários e a classe dirigente.

A devoção religiosa, que também serviu a interesses políticos, foi conduzida por sacerdotes fiéis tanto ao Projeto de Restauração Católica quanto às prerrogativas do Estado. O referido projeto nacional de Igreja foi identificado no episcopado de Dom João Becker pela sua preocupação em marcar a presença da Igreja em todas as esferas da vida nacional:

Dotar a Arquidiocese de um clero disciplinado e um laicato inserido numa religiosidade de cunho sacramental e romanizada, nos moldes preconizados no

⁷⁰⁹ Com a aclamação de Nossa Senhora da Conceição de Aparecida como padroeira do Brasil, a Igreja católica estava reafirmando a fé do império português o qual, em 1646, foi consagrado a Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, por solicitação de D. João IV. No início do século XIV, a pedido dos reis de Portugal, o Bispo de Coimbra instituiu no reino lusitano a festa à Imaculada Conceição. Cf. SANTOS, Armando Alexandre dos. *O culto de Maria Imaculada na tradição e na história da Portugal*. São Paulo: Artpress; Portugal: Livraria Civilização, 1996, p. 7-27. No século XIX, a Princesa Isabel doou, em 1884, uma coroa de ouro e pedras preciosas para adornar a pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, do Brasil. Com o adorno, ela foi coroada solenemente no Rio de Janeiro, em 1904, por ordem do Papa Pio X.

Concílio de Trento, será um período em que a Igreja tentará de todas as formas impor-se à sociedade não somente como instituição funcional à vida nacional, mas através da seriedade de seus membros (Isaia: 1998, p. 48).

A devoção a Nossa Senhora Medianeira veio, ainda, reforçar o projeto da Igreja submetida à autoridade de Roma. Era a Igreja da Restauração Católica que colocava sob controle da hierarquia as devoções populares.

Fica claro que o clero católico pretendeu, também, que a difusão da devoção a Nossa Senhora invocada como Medianeira, desde seu início, ultrapassasse as fronteiras do Estado. Para dar ênfase à divulgação dessa devoção, o cronista do Livro Tombo do Seminário São José relatou que, na romaria de 1931: “eram muitos os romeiros, e tinham que ficar do lado de fora da capela nos corredores e jardins. Agora não se pode dizer que não há mais quem nesta cidade, não saiba da existência do quadro da Medianeira na capela do Seminário.”⁷¹⁰ No dia 31 de maio de 1931, o cronista registrou o esforço da diocese em fazer da festa em honra a Nossa Senhora Medianeira a mais importante solenidade religiosa, não só do Estado, mas do Brasil:

Com missa campal, já desde muito em causa assente. Tendo no dia 19 do corrente mês, Monsenhor Luiz Scortegagna voltado do Rio, *com ordem de dar à festa da Medianeira a máxima solenidade possível*, como participação nas homenagens que no mesmo dia os Homens Católicos do Brasil iam prestar a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, convidou em circular o povo para essa romaria oficial, que saindo da catedral e levando as insígnias das associações e colégios católicos iam até o local da missa campal no pátio do Seminário. Apesar da chuva e do aguaceiro podia-se calcular umas 2000 pessoas.⁷¹¹

Analisando o fragmento acima, percebemos que a festa de Nossa Senhora Medianeira deveria ter importância igual ou maior que a festa da padroeira do Brasil, pois a Igreja do Rio Grande do Sul estava no rol dos Estados brasileiros empenhados com a identidade católica da nação.

Nos anos de 1930, os discursos apresentavam São Paulo como sendo o estado mais culto, civilizado e moderno do Brasil, enquanto que as forças de Vargas, gaúcho, eram consideradas incivilizadas, inferiores. A pretendida superioridade paulista se dava devido às questões econômicas, ao crescimento do Estado, sendo que o discurso, racista e preconceituoso com relação aos outros Estados afirmava sempre a inferioridade e a brutalidade dos brasileiros de outras regiões, inclusive apresentando a Revolução

⁷¹⁰ Livro Tombo, Seminário São José, Santa Maria, 1928-1936, p. 18, ASSJ, Santa Maria.

⁷¹¹ Livro Tombo, Seminário São José, Santa Maria, 1928-1936, p. 22, ASSJ, Santa Maria.

Constitucionalista de 1932⁷¹² como uma luta entre duas idéias diferentes de civilização, ou melhor, entre civilização e barbarismo.

O “estado próspero”, no entanto, não hesitou em superar tal preconceito para, em 1931, abrigar a imagem negra de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e, ouvindo o clamor do povo, torná-la a Padroeira do Brasil católico.

Nas décadas de 1920 e 1930, a questão da identidade brasileira foi sendo discutida e reelaborada. É uma época de “aproximações entre as elites e o povo depois de longo período de freqüentes expressões de desprezo por negros e mestiços entre os intelectuais”. Muitos intelectuais se empenharam para reconhecer o Brasil como um país de cultura plural, destacando como de fundamental importância as contribuições de negros e mestiços, além de brancos e índios.⁷¹³

Do ponto de vista religioso, o uso de um símbolo católico feminino, como a Virgem Maria, para representar civicamente a República, “poderia soar como profanação”. Mesmo que a Igreja tenha sido separada do Estado com a implantação da República no Brasil, o resultado foi a derrota cívica perante a religião, pois o maior símbolo católico feminino, a Virgem Maria, tornou-se a padroeira do Brasil, a representante da nação: mulher, virgem, santa e negra⁷¹⁴ (Carvalho: 1990, p. 93).

No estudo de Weinstein (2001), encontramos a argumentação da superioridade paulista respaldada, também, na religiosidade popular, pois, segundo a autora, em 1932 “a imagem de Aparecida estava mais a serviço da causa paulista”, sendo apropriada pela elite dirigente de São Paulo. A origem da imagem em terras paulistas reforçava os argumentos dos constitucionalistas da supremacia do Estado mais rico da nação, a “locomotiva” do Brasil, já que também era a terra da Padroeira. Logo, a pequena cidade de Aparecida, é inaugurada como capital religiosa do Brasil.

⁷¹² A Revolução Constitucionalista de 1932 teve seu foco principal em São Paulo, mas contou também com o apoio de importantes líderes gaúchos. O governante Getúlio Vargas buscava o fortalecimento da União e a redução da autonomia dos Estados. Um dos principais focos da divergência residia na possibilidade dos Estados manterem forças armadas próprias, mas Getúlio Vargas tinha o apoio do Exército, que pretendia a extinção dessas milícias. BEZERRA, Holien Gonçalves. *O jogo do poder. Revolução Paulista de 32*. São Paulo: Moderna, 1988.

⁷¹³ Alguns desses intelectuais interessados na discussão da identidade brasileira eram: Mario de Andrade, Gilberto Freyre, Caio Prado, Azevedo Amaral, Afonso Arinos, Ronaldo de Carvalho, Martins de Almeida, Sérgio Buarque de Holanda, Oliveira Viana, entre outros. Cf. WEFFORT, Francisco. *Formação do pensamento político brasileiro: idéias e personagens*. São Paulo: Ática, 2006, p. 275-279.

⁷¹⁴ Nos anos de 1930, “o povo emergia na literatura, mas por outro lado o marxismo era opção intelectual de poucos e se achava até mesmo no Partido Comunista”. O perfil definitivo do brasileiro em formação não passava pela figura do mulato, que “apologistas da nacionalidade imaginavam ser portadores da identidade nacional”. Na verdade, a política dos anos 30 girava em torno do branqueamento da raça, um tipo físico único para o brasileiro, um perfil racial onde a importância do trato do corpo era crucial, “corpos fortes e dóceis, esteio da higiene da raça, requeria uma política repressiva e preventiva para a salvaguarda do patrimônio hereditário”. Cf. LENHARO, op.cit., 1986, p 78-79.

Se “para os bispos reformadores a fé popular vem a ser caracterizada como sinônimo de ignorância, superstição e fanatismo”, segundo Azzi (1994, p. 100), pode-se afirmar que o seria, desde que estivesse fora do controle da hierarquia da Igreja, pois, segundo esse autor, “é nos anos 20 que os bispos começam a olhar com mais simpatia aos Santuários, expressão visível da fé religiosa do povo.”

O culto a Aparecida, nesse contexto, foi retomado pelo clero católico com o intuito de formar, no Vale do Paraíba, um pólo turístico-religioso, já que tal devoção, nos séculos anteriores, havia dado frutos, desde que os padres redentoristas se incumbiram, a partir de 1895, da direção espiritual dos devotos daquela localidade (Azzi: 1977, p. 37-38). A imagem que pertencia ao povo humilde de Itaguaçu foi contemplada com a construção de um Santuário no alto do morro dos Coqueiros. Posteriormente, construíram um novo e mais amplo Santuário, pois “as rendas vultosas desses centros de romaria podiam ajudar a manutenção das pessoas e obras das instituições eclesiásticas” (Azzi: 1994, p. 100).

Em Santa Maria, o projeto da Igreja católica se assemelhava ao da Igreja da cidade de Aparecida, quando o padre Valle motivava as pessoas devotas a participarem das romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira, fossem elas procedentes desse município ou de outras localidades e, quando o Bispo Dom Antônio Reis providenciou a construção de um Santuário para os devotos de Nossa Senhora Medianeira na cidade, fato que colaborou para o desenvolvimento turístico-religioso no município.

Outra observação que podemos fazer com relação às duas devoções citadas é que, muito embora “a primazia da iniciativa popular seja característica do culto à Aparecida”, segundo Santos (2000), esta não contrasta com a devoção pretendida a Nossa Senhora Medianeira a partir de Santa Maria, pois esta também surgiu da devoção popular, consequência do fato de a população confiar a Nossa Senhora Medianeira à cidade por ocasião da Revolução de 1930, como já relatamos anteriormente.

Todavia, tal devoção esteve sempre sob o controle da hierarquia da diocese de Santa Maria e tinha um objetivo maior: legitimar o catolicismo como religião predominante na cidade, conquistar e cristianizar a classe operária do Brasil e combater as idéias comunistas, principalmente entre os operários. Estes é que dariam o cunho popular à devoção, pois, quando a piedade popular, no caso da devoção a Nossa Senhora Medianeira, ficava sob a tutela da Igreja, não era mais “julgada como excessivamente sentimental, ignorante e mágica”, conforme referem Brandão, González e Irrázavel (1992, p. 47) para falar de religiosidade popular, mas necessária para afastar o povo devoto das ideologias contrárias ao catolicismo.

Entendemos que o clero católico santa-mariense estava preocupada com a fé também enquanto expressão da nacionalidade⁷¹⁵. O surto do nacionalismo dos anos 20 é acompanhado pelos prelados da Igreja que, com a tutela das devoções populares, Aparecida e Medianeira, uniam-se às prerrogativas do Estado. Isso ficou claro com relação à devoção a Nossa Senhora Medianeira, quando os episcopos vão colocá-la, também, a serviço do Estado em nível nacional no combate ao comunismo.

A devoção à Padroeira de todos os Círculos Operários Católicos do Rio Grande do Sul – Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças - somada à devoção a Nossa Senhora Aparecida e ao Cristo Redentor completava a idéia de que a Igreja fora consolidando seu prestígio diante do povo e das autoridades civis como já comentado anteriormente. Podemos dizer, então, que a Igreja havia reconquistado a nação, a qual pretendia tornar verdadeiramente católica uma vez que “a verdadeira identidade nacional estaria indissolivelmente ligada à Igreja católica” (Isaia: 1998, p 213). Com o que concordamos, já que essa identidade seria coroada não só pela Padroeira do Brasil, mas também pela Padroeira dos operários e do Estado do Rio Grande do Sul.

O estudo do catolicismo em Santa Maria não foi só uma série de estratégias e conflitos visando sua afirmação em nível local e regional, mas inseriu-se num projeto nacional de Restauração Católica (é uma das faces desse projeto), dos quais Nossa Senhora Aparecida e o Cristo Redentor são as outras faces.

⁷¹⁵ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

CONCLUSÃO

O catolicismo em Santa Maria, na virada do século XIX, foi forjado num campo heterogêneo de diferentes grupos sociais, os quais foram delineando uma cidade multifacetada no século XX.

Com a Constituição Republicana de 1891 e a consequente liberdade de culto, os diferentes grupos sociais se mobilizaram, na cidade, a fim de abrir *portas* às diferentes formas de evangelização e dominação do *espaço do sagrado*, nas suas diversas concepções simbólicas, pois havia outras crenças em Santa Maria, além da católica romana.

Enquanto a disciplina do catolicismo ia sendo implementada pelos bispos reformadores, os anticlericais desafiavam o clero católico com suas ações, pois existia o mesmo espírito de conquista de almas, tanto entre os pastores evangélicos como com os sacerdotes católicos e os maçons.

O papel da imprensa foi fundamental para traçar o perfil das situações de conflito e consenso de Santa Maria na primeira metade do século XX, bem como foi potencialmente órgão de manipulação de interesses para intervenção na vida social e espiritual da sua população, e não somente veículo de informação. Através da imprensa, percebemos a polifonia da cidade. O citado veículo de informação facilitou os distintos processos de apropriação e ressignificação dos diferentes discursos, evangélico, maçônico e espírita em relação à Igreja católica e vice-versa.

As ideias que circulavam na imprensa denotam que havia divergências com relação à Igreja católica. O clima era de tensão e conflito em torno das crenças em Santa Maria. No sistema de relações com a Igreja, o anticlericalismo foi a força de diferentes polos de tensão que delinearão, muitas vezes, as ações dos distintos atores sociais, os quais vão agir estrategicamente em torno de seus interesses.

Na análise do campo religioso de Santa Maria, pode-se sugerir que o catolicismo dos maçons era às avessas, pois, ao mesmo tempo em que se transformavam em “heróis civilizadores” e filantropos, posicionavam-se como perspicazes (astutos) articuladores de bens simbólicos, como foi o caso da demolição da velha matriz católica, fato que teve duplo significado na cidade.

De outro lado, no *jogo de interesses*, não menos perspicazes, foram as atitudes dos bispos e sacerdotes católicos, que não deixaram a desejar na relação com as outras agremiações, como o caso da Irmandade do Rosário, das comemorações do “falso

centenário”, da devoção a Nossa Senhora Medianeira e da alteração do brasão da bandeira do Município de Santa Maria quando foi colocada a letra “M” em honra a Maria, mãe de Jesus.

O catolicismo na cidade contou com muitos líderes eclesiásticos. Destacamos, no período estudado, além do bispo Dom Miguel de Lima Valverde, o padre Caetano Pagliuca, o padre Inácio Valle e os bispos Dom Antônio Reis e Dom Luiz Victor Sartori e o arcebispo Dom João Becker. A biografia desses indivíduos e a relação com o Presidente da República Getúlio Vargas contribuíram para a compreensão de alguns desdobramentos dados aos acontecimentos e sua importância no mundo sócio-religioso em que atuaram.

No início do século XX, o jovem bispo, Dom Miguel de Lima Valverde, ao lidar com a ignorância religiosa de seus fiéis, com as devoções populares de caráter mais festivo, percebeu o quanto era incipiente a proposta do catolicismo renovado em Santa Maria e passou, então, a tomar atitudes para mudar o perfil dessa cidade (*des) crente*.

No entanto, a ambivalência da modernidade, que chegava ao município com o trem, deu margem ao poder público para tomar algumas medidas como a solicitação da demolição da matriz católica. Mas o poder público, ao interferir em assunto “da Igreja”, provocou um conflito e nessa questão saiu vitorioso, porque a segurança da população estava em jogo. O erguimento de um templo profano com as pedras da Igreja, um Teatro, “um monumento à arte,” pode ser considerado como uma vitória contra a fé e auto-fortalecimento dos anticlericais, já que, para eles, a Igreja era a antítese da cultura.

Por outro lado, a construção de um templo católico em tempo *record* para a época, de 1902 a 1909, sugere que houve uma resposta imediata do clero e dos católicos, cuja estratégia resultou no consenso de alguns maçons da cidade, uma vez que o catolicismo se *reerguia* em Santa Maria, ao menos simbolicamente, com um grandioso e novo templo. Aliado a isso, a publicação da *Revista O Centenário*, em 1914, passou a ser uma forma da Igreja católica se sobrepôr ao laicismo, já que o centenário da cidade deveria ser comemorado somente em 1958.

Para o clero, os anticlericais eram subvertidos e, como eles, a maçonaria se esforçava por alquebrar a Igreja, mas, ao fazerem alianças, mais ou menos duradouras, quando tinham interesses comuns no campo sócio-religioso-cultural, todos estavam agindo estrategicamente em diferentes espaços do jogo. A *orquestra* entre os grupos dominantes, em momentos históricos distintos, era o positivo do conflito.

Os limites de cada campo, político, religioso e cultural, como *sistema de forças* e de lutas foram ultrapassados pela Igreja católica que conseguiu transformar o sistema de posição e de relação que tinha na sua cidade. Ela, através de seus agentes sociais, tentou monopolizar,

não só o *capital* que lhe é específico, os *bens de salvação*, fundamento do seu poder ou de sua autoridade, mas também o *capital cultural*.

Os anticlericais conquistaram espaços de sociabilidade e espaços políticos que, neste estudo, foram considerados como *espaços do sagrado*, pois tal face do conflito tinha, como substância, a visibilidade, a autoridade no que resultou, já no XIX, na conquista de diferentes espaços na cidade. Resultou, também, na leitura da cidade pelo padre O' Neil como “*descrente*”.

Assim, nesse embate pela *conquista de almas* na cidade, as escolas, não só as católicas mas também as protestantes e as agremiações maçônicas funcionaram como “agências reguladoras do pensamento e das ações”. A maçonaria, mais interessada na “secularização da consciência”, contava com intelectuais locais e reforçava-se com outros membros procedentes de outras localidades e regiões que chegavam à cidade.

As demais confissões religiosas também prosperaram em Santa Maria devido à secularização do Estado com a República, o que representou, na ótica eclesiástica, uma ameaça ao catolicismo suscitando uma constante engenharia para fortalecer o sistema religioso católico. O padre Pagliuca foi quem deu início à fabricação de uma estrutura adequada para tornar a afirmar o catolicismo na cidade e torná-lo plausível. Mas a maior dificuldade para a Igreja católica não estava somente em conter os anticlericais e protestantes, mas combater a ignorância religiosa entre os católicos e os indisciplinados.

Se, para os anticlericais, nos primórdios do século XX, a Igreja católica era *maldita*, embotava o progresso científico e o clero era fantoche do seu líder, o Papa, figura pretensiosa com sua *infallibilidade*, isso não significava dizer que as relações entre o clero católico e os anticlericais fossem antagônicas. Ambos visavam o bem comum: os anticlericais, a *salvação da sociedade*, com o *capital político-cultural*; o clero católico, através da sociedade, a *salvação das almas*, com o *capital religioso*. E, se o aparecimento do jornal está intrinsecamente ligado ao surgimento e o crescimento intelectual das cidades, o estudo mostrou como eles contribuíram para despersonalizar as relações sociais diversificando a forma de análise da sociedade local.

Assim, a cidade de Santa Maria, no início do século XX, não foi somente um pólo ferroviário, mas foi também um lugar de conflito, contemplou uma *batalha* entre o clero católico e os anticlericais.

O vigário palotino, padre Caetano Pagliuca, o primeiro importante empreendedor religioso católico da cidade, além de promover a vinda de religiosos, ao contestar os discursos anticlericais pelo órgão *O Santamariense*, estava expressando a autonomia que lhe era devida

no *campo religioso* para, no sistema de relações, agir de acordo com seus interesses, os quais estavam intrinsecamente ligados à Igreja, mesmo sabendo das investidas físicas contra seus predecessores. Também foi figura chave para reverter o quadro de influência da religião católica na cidade. Ele combateu, debateu, negociou o consenso com seus opositores e o catolicismo passou a ter mais visibilidade em Santa Maria, o que significou, para a história da Igreja católica local, oportunidade de construir *pontes* entre o sagrado e o profano, entre o patrimônio cultural-religioso e a sociedade; ou seja, o clero católico e os maçons procuraram estabelecer inter-relações, por um lado, e entre a sociedade e o Estado, sem que cada uma abdicasse de suas crenças, por outro.

Para tornar a cidade um *centro religioso católico* e reverter o quadro de influência, a maneira como o vigário, padre Pagliuca, tomou decisões e agiu estrategicamente de forma diversificada através da imprensa clerical, contribuiu como uma arma eficaz contra seus opositores e, com a tolerância aos maçons, estruturou as atividades religiosas da Igreja local utilizando-se também da educação.

Nesse sentido, a conflituosa situação entre a Igreja católica, a maçonaria e o protestantismo na cidade, no primeiro quadrante do século XX, foi o que acentuou a necessidade de *legitimação* da religiosidade católica romana, resolvida a partir das significativas ações desse sacerdote palotino.

Sob o episcopado de Dom Miguel de Lima Valverde, o padre Pagliuca conseguiu metamorfosear a imagem negativa do clero e da Igreja católica na cidade, difundida no período anterior a sua chegada. Ao estruturar a Igreja católica em Santa Maria, obteve resultados positivos para a Igreja quando, através de sacerdotes e educadores cristãos, protagonizou a organização da classe operária e de suas famílias através da educação.

O anticlericalismo, do final do século XIX e início do século XX, não impediu a convergência de congregações religiosas para a cidade. Além disso, a resposta da Igreja ao Estado laico não foi tímida, pois o clero católico local, após a fundação da Catedral Diocesana, até o final da década de 1930, providenciou estrategicamente o surgimento de outras Igrejas, transformadas em Paróquias, e algumas capelas. Apoiou a construção de edifícios para instituições como o Hospital de Caridade e a Escola da Cooperativa de Empregados da Viação Férrea, o Círculo Operário onde doutrinou, através do ensino, da evangelização e da catequese, a população local. Acolhendo associações religiosas e construindo Seminários de formação sacerdotal, tornou a cidade um centro de colégios e seminários católicos que contribuíram para uma formação intelectual nos moldes cristãos.

O potencial aliado do padre Pagliuca, nas medidas em favor da afirmação do catolicismo em Santa Maria, foi o jesuíta padre Inácio Valle que, ao divulgar, em tempo propício para a Igreja, a devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira, legitimou-a como um Projeto da Restauração Católica na cidade e, a partir dela, projetou Santa Maria no estado gaúcho.

Esse agente social, com o seu discurso religioso e práticas sociais de representação da devoção mariana, contribuiu também para forjar um imaginário urbano de Santa Maria quando atribuiu um significado à Medianeira revertendo a situação de *tensão* na cidade, por ocasião da Revolução de 1930, para a afirmação do campo religioso católico na cidade.

A partir das iniciativas do padre Valle, a devoção a Nossa Senhora Medianeira também possibilitou à cidade de Santa Maria o mérito de dar o maior presente cristão ao Estado: uma padroeira para o povo gaúcho. E isso significava que, com esse *capital simbólico*, Santa Maria tornava-se um centro de peregrinação de católicos. Com tal atitude, padre Valle contribuiu para a *construção* de uma nova imagem da cidade.

Como já apontamos, o catolicismo em Santa Maria, desde o final do século XIX não era preponderante na cidade, já às vezes, era um obstáculo a ser vencido por seus opositores, pois quando condenava as outras crenças, retardava o progresso e transgredia a Constituição republicana de 1891.

Assim, para reforçar o processo de Restauração Católica em Santa Maria, em 1930, a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi uma nova possibilidade de legitimação da presença do catolicismo na cidade. Essa devoção mariana contribuiu para agregar valor simbólico, reforçar, dar respaldo e continuidade às iniciativas do padre Pagliuca e do episcopado de Dom Antônio Reis.

Os avanços da Igreja católica em Santa Maria foram combatidos pelos anticlericais porque, no *jogo de interesses*, a lógica *custo-benefício* lhes creditava desconstruir conceitos e dogmas, pois tinham o respaldo Constitucional. Comprometer a postura de sacerdotes era uma estratégia contra a Igreja romana para combater a sua influência na sociedade, na política e na cultura.

As iniciativas do clero santamariense contribuíram para que, nos anos de 1930, a Igreja conquistasse, também, o apoio do Estado Varguista, pois as instituições, Igreja e Estado tinham, naquele momento, interesses comuns: a *sacralização da sociedade* para manter os operários sob o controle do Estado.

Assim, o clero de Santa Maria ia ao encontro da ideia motriz da Igreja católica a partir da Revolução de 1930: conquistar a *res publica* como *christiana*, na qual a obediência ao

Estado e à hierarquia católica, aliadas à fé cristã, fossem objeto central da vida política e social. Isso ficou claro quando foram usadas as Encíclicas papais como documentos norteadores da administração pública, junto ao Ministério do Trabalho e dos Círculos Operários. O reconhecimento desses documentos pelo Estado, como elemento genuíno, inovador, creditou à Igreja potencial importância para o seu reconhecimento pelo Estado, não apenas como Instituição de fé, mas como portadora de ideias relevantes para o bem-estar e para a moral da sociedade moderna.

Os eclesiásticos de Santa Maria investiram na cristianização dos operários, encontraram nos Círculos Operários um viés para combater o agnosticismo, as ideias comunistas e as outras religiões. Os cursos de formação técnico-profissional iam ao encontro dos interesses do Estado e o ensino religioso, aos interesses da Igreja. Juntos, Igreja e Estado, na cidade, nesse caso representado pelos maçons que lideravam a Viação Férrea e os irmãos maristas e as irmãs franciscana, conduziram grande parte dos filhos da classe operária.

O mapa do sagrado em Santa Maria foi sendo desenhado pelos templos protestantes e católicos. O Bispo Dom Antônio Reis, por exemplo, ao construir 60 paróquias, marcou estrategicamente o espaço da Igreja católica na cidade e suas iniciativas devocionais para promover o catolicismo, como os Congressos Eucarísticos e Mariano, que tornavam os locais profanos espaços de culto divino, de propaganda da fé. Os fiéis fizeram, muitas vezes, da rua, por exemplo, uma fronteira simbólica, quando ocupavam esse espaço para realizar procissões com símbolos e bandeiras de associações religiosas. Ao externar a catolicidade nas ruas da cidade, a população católica fez do espaço citadino cenário da devoção e, indiferente aos anticlericais, invocava a presença de Deus e da *poderosa Senhora*. A paróquia, outra fronteira simbólica, estabeleceu o espaço de atuação das Igrejas católicas na cidade e agrupou lideranças católicas com a mesma identidade religiosa. Para os populares, a rua e a paróquia, nas datas de festejos religiosos populares, fundiam-se num só espaço, o do sagrado. Os anticlericais, quando se manifestavam na praça e em outros locais profanos de Santa Maria, também estavam externando suas crenças.

Os habitantes católicos da cidade, que freqüentavam as Igrejas, o Santuário da Medianeira e as romarias, também puderam fazer, de seu trabalho um espaço onde habitava o espírito católico. Foi com essa perspectiva, de cristianizar a população, que o clero diocesano local não só construiu seus templos na cidade, mas entronizou Nossa Senhora Medianeira no Seminário e no Círculo Operário, e ampliou a abrangência dessa devoção no Estado e no País, com o apoio do Arcebispo de Porto Alegre e do governante Getúlio Vargas.

O padre Valle abriu *portas* à Igreja quando estimulou a religiosidade popular e, com ela, combateu os inimigos da Igreja, o agnosticismo, o anticlericalismo e o comunismo. Com a *feira* em honra a Nossa Senhora Medianeira, a Igreja ganhava, para si, um diversificado público consumidor do capital simbólico, o qual ela vinha acumulando ao longo dos anos após o episódio de 1930. A relação que existia entre a produção deste bem de salvação, a devoção, e a procura foi resultado da lógica da demanda, pois a devoção mariana ia ao encontro das necessidades dos *consumidores*: populares, operários, subalternos, políticos e devotos de distintas classes sociais.

A *feira* da Medianeira, ao acumular *bens simbólicos*, um bem que era escasso até então, constituiu-se num bem suscetível de acumulação, em torno do qual se constituiu o *mercado* do campo religioso católico, pois havia demanda para a fé. E, quanto mais a devoção crescia, maior se tornava a autonomia do campo religioso na cidade e no Estado gaúcho. O campo religioso católico foi mudando e ampliando o *espaço de jogo*, como, por exemplo, agindo junto aos operários, no setor educacional e vocacional e melhorando a imagem dos sacerdotes.

No entanto, se a cidade tinha também templos evangélicos e Lojas maçônicas, no final do século XIX e no início do século XX, significa que também havia público para outras crenças na cidade. Assim, categorias de diferentes credos encontraram condições para a sua realização em Santa Maria e os diversos agentes sociais puderam eleger o seu reduto, garantindo um *mercado* a diferentes *produtores*. Uma relação dialética entre *produtores e consumidores*, entre *bens de salvação* oferecidos e suas escolhas.

Mas, foi o semanário católico, *O Santamariense*, editado pelo padre Caetano Pagliuca, a revista *Reação*, órgão de imprensa local editado pelos maçons, que nos permitiram entender àquela afirmação eclesial que considerou a cidade de Santa Maria *descrente*. Através da imprensa, também pudemos verificar que a devoção mariana na diocese foi um elemento importante na ressemantização da cidade, pois os jesuítas atraíam o proletariado à Igreja através da lembrança de um fato político, a Revolução de 1930. O resultado, considerado pelos devotos exitoso, devido à ação de Nossa Senhora Medianeira, propiciou o constante estímulo à devoção mariana, a qual foi sendo manifestada publicamente pela afluência dos operários às romarias em honra à ela. Assim, com a Igreja, muitos trabalhadores e suas famílias rejeitaram o comunismo e, indiretamente, o antijesuitismo maçônico e o protestantismo.

No entanto, uma visão cética com relação ao ocorrido também faz parte da análise do fato ocorrido em Santa Maria durante a Revolução de 1930. A rendição pacífica do coronel do

Exército de Santa Maria supõe que tudo foi premeditado naquela guerra civil. Mas, como as senhoras devotas vinham rezando junto aos seminaristas pela proteção da cidade e de suas famílias durante a Revolução de 1930, o padre Valle e os católicos devotos puderam atribuir a Nossa Senhora Medianeira a situação de vitória contra os revolucionários na cidade sem prejuízos à população.

A provável pertinência dessa versão dos fatos nos permite afirmar que a proteção da cidade por Nossa Senhora Medianeira poderia ser lida, na perspectiva de Hobsbawm e Ranger (1997), como uma *tradição inventada*. Em Santa Maria, a iniciativa da devoção mariana invocada como Medianeira teve, portanto, maior projeção devido à vinculação ao fato político e ao empenho do episcopado na projeção da devoção que foi, mais tarde, aliada a uma das prerrogativas da nação.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida, durante o governo de Getúlio Vargas, favoreceu, ao mesmo tempo, o reconhecimento da devoção mariana em Santa Maria, pois o ano de 1930 foi propício para a promoção de ambas as devoções católicas que, juntas, colaboraram para a popularização do catolicismo no governo varguista.

Através do presente estudo, pudemos verificar ainda que este foi um processo político-religioso cujo jogo de interesses abriu campos de inserção para a Igreja católica, através da devoção mariana de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, cujo nível mais amplo de inserção se deu entre a classe operária com os títulos de Padroeira dos Círculos Operários, em 1939 e de Padroeira do Estado, em 1942. Ambas inserções resultaram em *capital simbólico* para a Igreja católica.

No entanto, a Igreja cautelosa em relação às devoções populares, creditou poder à devoção a Nossa Senhora Medianeira porque ela foi monitorada e tutelada pelos sacerdotes e bispos. Dita devoção não foi tratada como ingênua, como era o caso de outras crenças populares. Percebemos, então, que a devoção a Nossa Senhora Medianeira serviu para o Estado do Rio Grande do Sul como forma de controle do operariado e, para a Igreja, como forma de manter a soberania religiosa. O resultado da repercussão dessa devoção, em nível nacional e em nível estadual, acentuou a idéia de que a Igreja tutelava a religiosidade popular, pois ela se tornou padroeira por iniciativa do clero, sustentada pela fé do povo devoto. Tal fé estava na figura de Nossa Senhora e tudo o que ela representa para os fiéis e para a própria Igreja católica.

Assim, a partir da devoção local a Nossa Senhora Medianeira, foi possível, também, estabelecer as relações entre os eclesiásticos, representantes da religião oficial na cidade de Santa Maria e o projeto de nação católica, pois, através dos Círculos Operários, catalisaram

um projeto político de Estado: a proteção da classe operária pelo Estado separada das ideias comunistas.

Partindo do princípio de que os Círculos Operários católicos possibilitaram uma análise do projeto de Igreja para o Brasil, a começar pelo Rio Grande do Sul, encontramos na proposta do jesuíta, padre Inácio Valle, respostas ao referido projeto, que contribuiu para que a hierarquia católica gaúcha, enquanto “legítima autoridade eclesial”, moldasse este Estado nos princípios católicos, através de uma devoção mariana. O projeto afastou operários não somente do comunismo ateu, mas também da maçonaria e do protestantismo.

Como no documento mais recente da Loja maçônica a que tivemos acesso, datado do ano de 1950, os maçons, ao menos os da Loja Luz e Trabalho, afirmavam que *sempre iriam lutar contra o clericalismo*, entendemos que a maçonaria continuava combatendo a Igreja católica mesmo que veladamente. Ainda, a informação dentre aqueles documentos de que havia entre os maçons simpatia pelo protestantismo e pelo espiritismo, confirma a hipótese de que o padre Pagliuca, atacando o protestantismo, estava também se dirigindo à maçonaria.⁷¹⁶

Percebemos, ainda, que o anticlericalismo avançou não somente entre maçons, já que o número de Lojas maçônicas aumentou na cidade,⁷¹⁷ enquanto que o catolicismo se fortaleceu com a devoção a Nossa Senhora Medianeira. A polarização permaneceu mas, inegavelmente, a Igreja católica ocupou o espaço mais importante da cidade no campo religioso a partir da década de 1930.

A pesquisa procurou mostrar ainda que tal devoção, que se tornou popular em todo o Estado do Rio Grande do Sul, foi construída por iniciativa do clero católico santa-mariense, resultando positiva contra os anticlericais posto que tornou a cidade conhecida por sua catolicidade, com um Santuário próprio, romarias anuais e festejos populares.

A devoção a Nossa Senhora Medianeira serviu, finalmente, neste estudo, para entendermos como se articularam algumas questões sócio-político-religiosas a partir de 1930 em Santa Maria, tendo a Igreja ora como mentora, ora como mediadora das ações. A partir de

⁷¹⁶ Em uma missiva, assinada por Cícero Barreto à José C. de Campos Junior, do Oriente de Porto Alegre solicita informação sobre a possibilidade de ceder o espaço da Loja maçônica Luz e Trabalho para conferências da “Aliança Espírita”, como já havia acontecido anteriormente. Cf. Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, 30 mai. 1926, ALEV, Silveira Martins. Em 1876, já era divulgado entre os maçons a simpatia pelos protestantes, como “missionários modernos” e a antipatia de teólogos protestantes da Universidade de Munich em relação ao “jesuitismo”. Cf. Seção “Dogmática”, *Boletim do Grande Oriente do Brasil ao Valle do Lavradio*, Loja Luz e Fraternidade, Santa Maria, dez 1876, ALEV, Silveira Martins.

⁷¹⁷ Atualmente, existe em Santa Maria, em torno de doze Lojas maçônicas: a Loja Luz e Trabalho, a Loja Eureka, a Loja Sinarquia, a Loja Pitágoras, a Loja Rui Barbosa III, a Loja Benjamin, a Loja Honra e Verdade, a Loja de Pesquisa, a Loja Minerva, a Loja Gutmozim, a Loja Haor e a Loja Esclarmor, esta última feminina do rito Mênfis Mishain.

dois momentos distintos configuraram-se as romarias em homenagem a Medianeira, quer sejam, o da vitória da fé cristã contra o anticlericalismo na cidade, com o impedimento da sangrenta violência dos revolucionários em 1930 e do movimento circulista. Se, a princípio, congregavam-se em torno dela os seminaristas e um grupo de senhoras, depois foram atraídos os operários e outros grupos católicos.

O resultado da “conquista” católica de Santa Maria pode ser considerada significativa, mas não menos significativa a presença de outras religiões e crenças na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOUM, Jorge. **Grau do Mestre eleito dos nove - 9º grau. Esta é a Maçonaria.** São Paulo: Pensamento, 1998.

AGREDA, Sórora Maria de. **Mística cidade de Deus.** Ponta Grossa: Planete, 1977, 2. ed., Tomo I. Tradução de Ir. Edwiges Caleffi.

Álbun Ilustrado Comemorativo do Primeiro Centenário da Emancipação Política de Santa Maria – 17 de maio de 1858 – 17 de maio de 1958. Santa Maria, [s.n.], 1958

ALVES, Rubem. **O que é religião.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

AMADO, Janaína. História e região. Reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, A. da. **República em migalhas: história regional e local.** São Paulo: Marco Zero, 1990.

AMISTAT, Theodor S J. **Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924).** Porto Alegre: Federação de Associações alemãs, 1999. Tradução de Arthur Blásio Rambo.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional.** São Paulo: Ática, 1989. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

Anuário Católico do Brasil, Rio de Janeiro: CERIS, 1997.

ARAÚJO, Maria Celina d' (org.). **As instituições brasileiras da era Vargas.** Rio de Janeiro: UERJ/FGV, 1999

ARDENGHI, Lurde Grolli. A questão da terra na ocupação do norte: caboclos, ervateiros e coronéis. In: BOEIRA, Nelson e GOLIN, Tau (Org. geral) e RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e AXT, Gunter (Org.). **História do Rio Grande do Sul. República Velha (1889-1930).** Passo Fundo: Méritos, Tomo I, v. 3, 2007, p.465-498. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

ARNALDITH, Luis. **El origen Del mundo y Del hombre según la Biblia.** Madrid: Rialp, 1957.

AUGUSTO, Ir. Celestino. **A Ação Católica nas escolas: princípios, organização. Palavras de ordem para formação dos militantes.** São Paulo: Livraria Francisco Alves/ Paulo de Azevedo, 1940.

AXT, Gunter. Coronelismo indomável: o sistema das relações. In: BOEIRA, Nelson e GOLIN, Tau (Org. geral) e RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e AXT, Günter (Org.). **República Velha (1889-1930).** Passo Fundo: Méritos, Tomo I, v. 3, 2007, p.89-128. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

AZZI, Riolando. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular.** Petrópolis: Vozes, 1977.

----- **O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos.** Petrópolis: Vozes, 1978. (Cadernos de Teologia e Pastoral/ 11).

----- **A Igreja do Brasil: da apologética à renovação pastoral.** Belo Horizonte: O Lutador, 1991.

----- **O Altar Unido ao Trono: um projeto conservador.** São Paulo: Paulinas, 1992. (História do Pensamento Católico no Brasil, v. 3).

----- **A neocristandade: um projeto restaurador.** São Paulo: Paulus, 1994. (História do Pensamento Católico no Brasil, v. 5).

----- **O Estado Leigo e Projeto Ultramontano.** São Paulo: Paulus, 1994. (História do Pensamento Católico no Brasil, v. 4).

----- **Alceu Amoroso Lima, 1893-1983: notas para a História do Centro Dom Vital.** Rio de Janeiro: Paulinas, 2001.

BAKTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais,** 6ª ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 2008. tradução de Yara Frateschi Vieira.

BARROS, Roque Spencer M de. Vida religiosa e a questão religiosa. In: HOLANDA, Sergio Buarque de. **O Brasil Monárquico: declínio e queda do Império.** São Paulo: Difel, 1985, v. 4. (História Geral da Civilização Brasileira).

BASSANEZI & BEOZZO, In. DE BONI Luiz Alberto, **A presença italiana no Brasil,** Porto Alegre: EST, v. III, 1990.

BATALHA, Cláudio. **O Movimento Operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria, 1797-1933.** Santa Maria: Ed.da UFSM, 2000.

BELMONTE, Pe. Sérgio. **Povo gaúcho, eis aí tua mãe! História, Conteúdo e significado do Santuário-Basílica e da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças – Padroeira do Rio Grande do Sul.** Santa Maria: Pallotti, 1999.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho: 1787-1930,** 2. ed. Santa Maria: Pallotti, 1979.

BENIMELI, J. A.F. CAPRILE, G. ALBERTON, V. **Maçonaria e Igreja Católica: ontem, hoje e amanhã.** 4. ed. São Paulo: Paulus, 1981.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulus, 1985.

BEOZZO, José Oscar **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II. De Medellín a Santo Domingo.** Petrópolis: Rio de Janeiro, 1993.

----- A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **O Brasil Republicano: Economia e cultura (1930-1964)**, Cap.VI, Livro Segundo: Igreja, Educação e Cultura, 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, Tomo III, v. 4, n. 11. (História Geral da Civilização Brasileira)

BEZERRA, Holien Gonçalves. **O jogo do poder**. Revolução Paulista de 32. São Paulo: Moderna, 1988.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Augusto Comte. In: DACANAL, J. H e GONZAGA, Sérgio (Orgs). **RS: cultura e ideologia**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Pallotti, 1991.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**, v. 1 e 2, Brasília: UnB: 1994. Tradução de João Ferreira.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

----- **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

----- **Coisas ditas**. Pierre Bourdieu. São Paulo: Brasiliense, 2004. Tradução de Cássia R. Silveira e Denise Moreno Pegorin.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. Tradução de Orlando dos Santos.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

----- Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião. In: SACHS, Viola et al (Org.). **Brasil& EUA: religião e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Tradução de Sérgio Lamerão.

BRINCKMANN, Candido e COELHO, Catão. Almanach Municipal da Cidade de Santa Maria da Bocca do Monte para o Anno de 1899. In: MARCHIORI, José Newton Cardoso e NOAL FILHO, Valter Antônio. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: UFSM, 1997.

BRUNEAU, Thomas. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. Tradução de Margarida Oliva.

BURKER, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

CAMARGO, Fernando, GUTFREIND, Ieda, REICHEL, Heloísa. **História Geral do Rio Grande do Sul - Colônia**. Vol. 1. Passo Fundo, Méritos, 2006.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência**: a política da era Vargas. Brasília: Editora da Universidade, 1993.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo**: imprensa paulista (1920-1945). São Paulo: Brasiliense, 1989.

----- **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas/SP: Papirus, 1998.

CÁRCEL, Ricardo Garcia. **La Inquisición**. 2. ed. Madrid: Anaya, 1995

CARDIJN, Card. Joseph. **Leigos nas linhas de frente**. São Paulo: Paulinas, 1967.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**: Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

----- & BRIGNOLI, Héctor Perez. **Os métodos da história**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARDIJN, Joseph. **Leigos nas linhas de frente**. São Paulo: Paulinas, 1967. Tradução das: monjas beneditinas da abadia de Nossa Senhora das Graças.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

----- O positivismo brasileiro e a importação de idéias. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes e LEAL, Elisabete (Org.). **Revisitando o Positivismo**. Canoas: La Salle, 1998.

CARONE, Edgar. **A terceira República (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1982.

CORSI, Francisco Luiz. **Estado Novo: política externa e projeto nacional**. São Paulo: UNESP, 2000.

CASTILLO, José Manuel Sanz del. O Movimento de Reforma e a “paroquialização” do espaço clerical do século XIX ao XX. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola/ Petrópolis: Vozes, 1993.

CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL (1824-1924). São Leopoldo: UNISINOS, 1999. Tradução de Arthur Blásio Rambo.

CERINOTTI, Ângela. **Santos e beatos de ontem e de hoje**. São Paulo: Globo, 2004. Tradução de: Esníder Pizzo e Maria Margherita De Luca.

CERON, Ir^a Maria Tereza. **Consciência viva: 40 anos de caminhada (1951-1991). Província “Imaculado Coração de Maria”, Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã**. Santa Maria: Associação Franciscana Madalen Damen, 1996.

CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**. Historia Cultural: entre práctica e representación. Barcelona: Gedisa, 1995.

----- **Science Sociale et decoupage regional**: note sur deux débats. 1820-1920. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 34, 1980.

CHECHINATO, Pe. Luiz. **Os 20 séculos da caminhada a Igreja: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

COELHO, Geraldo Mártires. Catolicismo devocional, festa e sociabilidade. O cuto da Virgem de Nazaré no Pará colonial. In: JANCSÓ, István e KANTOR, íris (org.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; EdUSP; Fapesp; Imprensa oficial, v. II, 2001. p. 919-934. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v. 3).

COLUSSI, Eliane Lúcia. **A maçonaria gaúcha no século XIX**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Tradução de: Fernando de Aguiar.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande o Sul: completo estudo sobre o Estado**. Porto Alegre: Livraria do globo, 1922.

COSTA, Rovilio. In: DE BONI, Luiz Alberto (Org.). **A presença italiana no Brasil**, Porto Alegre: EST, v. III, 1990.

----- Do religioso ao social: a Igreja nas colônias italianas. In: DREHER, Martin N. (Org.). **Populações Rio-Grandenses e modelos de Igreja**. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 1998.

COX, Harvey. **A cidade do homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. Tradução de: Jovelino Pereira Ramos e Myra Ramos.

DACANAL, José Hildebrando (Org.). **RS: Imigração & Colonização**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

----- GONZAGA, Sérgio (Org.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DAISSON, Augusto (Org.). **Revista do Centenário de Santa Maria**. Santa Maria: Globo, 1914.

DAUDT Filho, João. **Memórias**. 4ª ed. Santa Maria: UFSM, 2003.

DAVIS, Natalie Zemon. **Cultura do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DE BONI, Luiz Alberto. O Catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: LNADO, Aldair Marli (Org.) **RS: Imigração e Colonização**, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

-----**A presença italiana no Brasil**, Porto Alegre: EST, v. 2 e 3, 1990.

DECCA, Edgar de. **1930: o silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem**. A doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933). São Paulo: UNESP, 1996.

DIEL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997.

DIEHL, Artor Antônio. **Círculos Operários no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

DIENSTIBACH, Carlos. **A maçonaria gaúcha**. Londrina/ PR: A Trolha, v.3, 1993.

DI STEFANO, Roberto e ZANATTA, Loris. **História de la Iglesia argentina: desde la conquista hasta fines del siglo XX**. Buenos Aires: Grijalbo-Mondadori, 2000.

DINIZ, Eli. O Estado-Novo: estrutura de poder, relações de classe. In: FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano. Sociedade e política (1930-1964)**. C. II, Livro Primeiro: Processo Político. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, v. 3., Tomo III, n. 10. (História Geral da Civilização Brasileira).

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo: Sinodal/ EST/ EDUCS, 1984.

----- **Rostos da Igreja no Brasil Meridional: o cristianismo do sul do Brasil**. In: DREHER, Martin N. (Org). Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

----- **A Igreja Latino-Americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal. Coleção História da Igreja, v. 4, 1999.

----- Protestantismo na América Meridional. In: DREHER, Martin N. (Org.). **500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST/ CEHILA, 2002, p. 115-138.

----- Protestantismo na América Meridional. In: SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Bernardino M. (Org.) **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens**. São Paulo: Paulinas, 2003.

DRI, Rubén. **Símbolos y fetiches religiosos en la construcción de la identidad popular**. Tomo 2. Buenos Aires: Biblos, 2007.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. Tradução de Álvaro Cabral.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1988. Tradução de Liliane Fitipaldi.

DURANT, Will. **Nossa Herança Ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1963. Tradução de Mamede de Souza Freitas.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, vol. II, 1978.

----- **Mitos, Sonhos e Mistérios**. Lisboa: Edições 70, 1989. Tradução de Samuel Soares.

----- **Sagrado e Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Tradução de Rogério Fernandes.

----- **O Mito do eterno retorno**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1993. Tradução de Manuela Torres.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. Tradução de Vera Ribeiro.

ELLIS Júnior, Alfredo. **Feijó e a Primeira Metade do Século XIX**, Rio de Janeiro: Nacional, 1940.

Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1979.

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 1995.

FAUSTO, Boris. A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930. In: FAUSTO, Boris (Org.) **O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)**. Conclusão. Livro Terceiro: Cultura, Igreja, Ideologia e Diplomacia. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Tomo III, v.2. n. 9. (História Geral da Civilização Brasileira).

----- **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Brasiliense, 1976, 4. ed.

----- **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

----- **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDUSP, 1998.

FELIZARDO, Joaquim. **A Legalidade: último levante gaúcho**. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS; MEC /Sesu/ PROEDI, 1988.

FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Os papas: de Pedro à João Paulo II**, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FIGUEIREDO, Arthur. **A Idade das Luzes**. Porto Alegre: Wodam, 1997.

FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. Grau 33. **Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história**. São Paulo: Pensamento, s/d.

FLORES, João Rodolpho Amaral. **Os Trabalhadores da V.F.R.G.S. Profissão, mutualismo, cooperativismo**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

FOLLETO, Vani Terezinha (Org.). **Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

FORTES, João Borges. Santa Maria da Boca do Monte – Cidade e Município. In: AZAMBUJA, G de. Anuário do Rio Grande do Sul, 1901. In: MARCHIORI, José Newton Cardoso e NOAL FILHO, Valter Antônio. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: UFSM, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. Tradução e organização de Roberto Machado.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Getúlio Vargas e outros ensaios**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1993.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o trabalho científico: explicação das normas da ABNT**, 13. ed. Porto Alegre: [s.n.] 2005.

GAMBARINI, Pe. Alberto. **Católico pode ou não pode? Por quê?** São Paulo: Loyola, 2004.

GARRONE. **A Ação Católica: sei e creio**. Nona parte. Problemas do Mundo. São Paulo: Flamboyant, 1960. (Coleção Enciclopédia Católica no século XX).

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERTZ, René. Estado Novo. In: BOEIRA, Nelson e GOLIN, Tau. (Coord). GERTZ, René (Org.) **República: da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, v. 4, 2007, p. 39-58.

----- E. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Tradução de Betânia Amoroso.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935). In: FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano: Sociedade e política (1930-1964)**, 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. Tomo III, v. 3, n. 10. (História Geral da Civilização Brasileira).

GOMES, Ângela de Castro e Ferreira, Marieta de Moraes. “Primeira República: um balanço historiográfico”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4, 1989.

GOMES, Valdir. **Igreja católica & Maçonaria: verdadeiras razões da divergência**. 3. ed. Porto Alegre: Literalis, 2004.

GONZÁLES, José Luís. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. IRARRÁZAVAL, Diego. **Catolicismo popular: história, cultura e teologia**. Petrópolis: Vozes, 1992, Tomo III. (Desafios da Religião do Povo). Tradução de Jaime A. Clasen.

GRAEBIN, Cleusa Maria. Positivismo e educação na América Latina. In: GRAEBIN, Cleusa Maria e LEAL, Elisabete (Org.) **Revisitando o positivismo**. Canoas: La Salle, 1998, p. 161-199.

GRIJÓ, Luiz Alberto, KÜHN, Fábio, GUAZZELLI, César A. Barcellos, NEUMANN, Eduardo Santos (org.). **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

GUARINELLO, Norberto. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris (Org.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; EdUSP; Fapesp; Imprensa oficial, 2001, v. II, p. 969-978. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v. 3).

GUITTON, Jean. **Portrait de Marthe Robin**. Paris: Bernard Grasset, 1986.

GUTIÉRREZ, Alicia B. **Pierre Bourdieu: las practicas sociales**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1994.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HASTENTEUFEL, Zeno Pe. **D. Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Acadêmica, 1987.

HEERS, Jacques. **Festas de loucos e carnavais**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

HOBSBAWN, Eric. **O novo século**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Tradução de Cláudio Marcondes.

----- RANGER, Tenece. **A invenção das Tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1500-1800**. Petrópolis: Vozes, 1991.

ISAIA, Artur César. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

JAYME, Eduardo Menna Barreto. **O Metodismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Moderna, 1963.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **Os subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. *Sciences Humaines*, nº 27, abr. 1993 (digitalizado)

KICKHOFEL, Oswaldo. **Catedral do Mediador: Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**. Santa Maria: Pallotti, 2000.

KHOURY, Yara Aun (Coord.). **Guia da Central de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho” – CEDIC - PUC-SP**. São Paulo: EDUC, 1995.

KREUTZ, Lúcio. Modelo de uma Igreja Imigrante: educação e escola. In: DREHER, Martin. **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre: EST, São Leopoldo: Sinodal, 1998.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**, 2. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

LACOMBE, Américo Jacobina, In HOLANDA, Sérgio Buarque de, São Paulo: Bertrand Brasil, 1990, v. II. (História Geral da Civilização Brasileira).

LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional em México**. Abismo de conceptos. Identidad, nación, mexicano. México: Fondo de Cultura Econômica, 1973.

LANDO, Aldair, Marli, BARROS, Eliane Cruxên. Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José Hildebrando. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

LAZARTE, Rolando. **Max Weber: ciência e valores**. São Paulo: Cortez, 1996. Coleção Questões da Nossa Época.

LIBANIO, João Batista. **Igreja contemporânea: encontro com a modernidade**. São Paulo: Loyola, 2000.

----- **Cenários da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2000.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 2007. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Sílvia Lara.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1986.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. Tradução de Magda Lopes.

LONDOÑO, Fernando Torres. Introdução: Elementos para uma história da paróquia no Brasil. In: LONDOÑO, Fernando Torres (Org.). **Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997.

LOPES SOBRINHO, Hermito. **Revolta em Santa Maria 16 de novembro de 1926**. Santa Maria: Infograf, 2000.

LOVE, Joseph, WIRTH, Jonh e LEVINE, Robert. O poder dos Estados: análise regional. In: FAUSTO, Boris. (Org.) **O Brasil Republicano. Estrutura de poder e economia (1889-1930)**. C. II, Livro Primeiro, Sistema Oligárquico nos primeiros anos da República. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, Tomo III, v. 1. n. 8. (História Geral da Civilização Brasileira).

LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LOWERY, Daniel L. **Dicionário Católico Básico**. Aparecida/SP: Santuário, 1999. Tradução de: Claudete Campos Chadi.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

LUSTOSA, Oscar Figueiredo. **Igreja católica no Brasil República: cem anos de compromisso: 1889-1989**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MAGALHÃES, Beatiz ricardina. O divino e a festa do martírio. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris. **Festa: Cultura & sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: EdUSP, USITEC, Fapesp, 2001, v. II, p. 935-947.

MAGRO, Claudino. Os palotinos em Silveira Martins e nas colônias italianas. In: DE BONI, Luis. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Torini; EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, v. 3.

MARCHIORI, José Newton Cardoso e NOAL FILHO, Valter Antônio. **Santa Maria: relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: UFSM, 1997.

MARCHIORI, José Newton Cardoso. MACHADO, Paulo Fernando dos Santos e NOAL FILHO, Valter Antonio. **Do céu de Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

MARIN, Jérri Roberto. Combatendo nos exércitos de Deus: as Associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica. In: MARIN, Jérri Roberto (Org.). **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **História da Maçonaria em Portugal: das Origens ao Triunfo**, Lisboa: Editorial Presença, 1990, v. 1.

MASSOLO, Maria. El estudio de la religiosidad popular en Latinoamérica y Europa: perspectivas recientes. In: FRIGERIO, Alejandro e CAROZZI, María Júlia (Org.) **El estudio científico de la religión a fines del siglo XX**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1994.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja: de Lutero a nossos dias. A era do absolutismo**. São Paulo: Loyola, 1996. Tradução de Orlando Soares Moreira.

MEDEIROS, Márcia Maria de. **Cara ou coroa: católicos e metodistas no Planalto Médio gaúcho (início do século XX)**. Passo Fundo: Ed.UPF, 2007.

MIRAVALLE, Mark I. **Maria Corredentora, Medianeira e abogada**. Santa Barbara, Ca. /USA: Queenship publishing, 1993.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (Org.). **O Brasil republicano, Sociedades e Instituições (1889-1930)**. C. II. Livro Primeiro, Movimentos Sociais e sociedade, 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, v. 2, Tomo III, n. 9. (História Geral da Civilização Brasileira).

MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. **Evolução do catolicismo no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1972.

MOURA, Sérgio Lobo e ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República, In: FAUSTO, Boris (Org.) **O Brasil Republicano, Sociedade e Instituições (1889-1930)**, C. IX, Livro Terceiro, Cultura, Igreja, Ideologia e Diplomacia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, Tomo III, v. 2. n. 9. (História Geral da Civilização Brasileira).

NETTO, José Antônio. **Memórias do Genral Zeca Netto: episódios das Revoluções de 1893 e 1923**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2ª ed. 2003.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O'NEIL. Pe. Kevin. **Apuntes Históricos Palotinos**. Santa Maria: Pallotti, 1994.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

OZOUF, Mona. A festa sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PADOIN, Maria Medianeira. **O federalismo gaúcho: fronteira platina, direito e revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PAIXÃO, Dionara. **Pe. Ignácio Valle S. J. e a devoção a Nossa Senhora Medianeira**. Santa Maria: Pallotti, 2003.

PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PAPUS (Dr. Gerard Encausse 33°, 90°, 96°). **O que deve saber um Mestre maçom**. São Paulo: Pensamento, 1995. Tradução de J. Gervásio de Figueiredo 33°.

PARKER, Cristian. **Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996. Tradução de Attilio Brunetta.

PECHMAN, Robert Moses. A cidade dilacerada. In: SOUZA, Célia Ferz de. e PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: EdUFRGS, 1997. p. 205-219.

PEYRET, Raymond. **A cruz e a alegria:** Marthe Robin. Tradução de Foyer de Charitè Nossa Senhora da Guarda, Mendes/ RJ, Aparecida/ SP: Ed. Santuário, 1983.

PESAVENTO, Sandra J. **A revolução federalista.** São Paulo, Brasiliense, 1983.

----- **A burguesia gaúcha:** dominação do capital e disciplina do trabalho (RS 1889-1930). Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

----- República Velha gaúcha: "estado autoritário e economia". In: DACANAL, José H., GONZAGA, Sérgio (org.). **RS: economia & política.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979, p. 193-228.

----- (Coord.). **O espetáculo da rua.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1992.

----- Esta história que chamam micro. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et. all. (Orgs.). **Questões de teoria metodologia da história.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

----- **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

PEZAT, Paulo Ricardo. A ortodoxia positivista sul-riograndense e a Secretaria de Obras Públicas. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes e LEAL, Elisabete (Org.). **Revisitando o Positivismo.** Canoas: La Salle, 1998.

----- Paulo. Leituras e interpretações de Augusto Comte. In: BOEIRA, Nelson e GOLIN, Tau (Org. geral) e RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti e AXT, Gunter (Org.). **República Velha (1889-1930).** Passo Fundo: Méritos, Tomo II, v. 3, 2007. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

----- **O Positivismo na recente abordagem da historiografia gaúcha.** Anos 90 (UFRGS), V. 13, 2006, p 255-285

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“Que a união operária seja nossa pátria!”:** história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: Editoraufsm; Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

PICCOLO, Helga I. L. **Vida política no século XIX.** Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira, SOUZA, Beatriz Muniz de e CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja Católica: 1945-1970. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **O Brasil Republicano: Economia e cultura (1889-1964).** Livro Segundo, c. VII: Igreja, Educação e Cultura. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, Tomo III, v. 4, n. 11. (História Geral da civilização Brasileira).

PINHEIRO, Paulo Sérgio. O Proletariado Industrial na I República. In: FAUSTO, Boris (Org.). **O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições (1889-1930),** Livro Primeiro, c. IV: Movimentos Sociais e Sociedade. Tomo III, v. 2, n. 9, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (História Geral da Civilização Brasileira).

PINTO, Céli R. Jardim. **Positivismo – um projeto político alternativo** (RS: 1889-1930). Porto Alegre, L&PM, 1986.

QUAINE, Pe. João B. **Celebração dos 120 anos da chegada dos palotinos em Vale Vêneto: 1886-2006**, Santa Maria: Pallotti, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade nacional, religião, expressões culturais: criação religiosa no Brasil. In: SACHS, Viola et al. (Org.) **Brasil& EUA: religião e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Tradução de Sérgio Lamerão.

RAMBO, Arthur Blásio. A Igreja da Restauração Católica no Brasil Meridional. In: DREHER, Martin N. (Org.) **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

----- D. João Becker, perfil de um bispo rio-grandense. In: DREHER, Martin N. (Org.) **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja** Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

RAUSCH, Pe. Urbano, S.J. **Uma vida dedicada ao Círculo Operário**. São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

RÉMOND, René. **O século XX de 1914 aos nossos dias**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1999. Tradução de: Octávio Mendes Cajado.

RIBEIRO, Nely. **Jornais Gráficos RS 1827-1990: o jornal em Santa Maria – 1883-1992**. Santa Maria: Pallotti, 1992.

ROCHA, Evandro P Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. Passo Fundo/ EDUPF, 1998.

ROMERO, José Luis. **Breve História da la Argentina**. 5. ed. Buenos Aires: Fondo de la Cultura Econômica de Argentina, 1996.(Colección Tierra Firme).

----- **Breve História da la Argentina**. 5ª. ed. Buenos Aires: Fondo de la Cultura Econômica de Argentina, 2000. (Colección Tierra Firme).

ROMERO, Roberto. **Brasil; Igreja contra Estado: crítica ao Populismo católico**. 1. ed. São Paulo: Kairós, 1979.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In. ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Religião identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

RUANO-BORBALAN, Jean-Claude. **Une notion clef des Sciences Humaines**. *Sciences Humaines*, nº 27, Abr. 1993 (digitalizado).

RUBERT, Arlindo. **A Diocese de Santa Maria**. Porto Alegre: Imprensa Oficial do Estado, 1957.

----- **História da Igreja no Rio Grande do Sul: época colonial.** Porto Alegre: EDIPUCRS, v. I, 1994. (Coleção Teologia – 2).

----- **História da Igreja no Rio Grande do Sul: época imperial (1822-1889).** Porto Alegre: EDIPUCRS, v. II, 1998. (Coleção Teologia – 13).

RUBERT, D Hélio Adelar. **Anuário da Diocese de Santa Maria**, 2005.

RUBIN, Dorvalino. **A Sociedade Palotina (SAC) e a Obra de Schöenstatt: Schöenstatt e a Província de Santa Maria**, Informações Palotinas, Santa Maria, julho, 1997.

SAES, Décio. **A formação do Estado burguês no Brasil (1888-1891)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANCHIS, Pierre (Org). **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

----- **Peregrinação e Romaria: um lugar para o turismo religioso.** *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, Ano, 8, n. 8, p. 85-97, out, 2006.

SAINT – HILAIRE, **Viagem ao Rio grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro. 1997. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa.

SANTIN, Silvino. Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. In. DE BONI, Luis A de (Org.). **A presença italiana no Brasil**, Porto Alegre; Torino: EST, Fondazione Giovanni Agnelli, v. II, 1990.

SANTIN, Silvino e ISAIA, Antônio (Org.). **Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural**. Porto Alegre: EST, 1990.

SANTOS, Armando Alexandre dos. **O culto de Maria Imaculada na tradição e na história de Portugal**. São Paulo: Artpress, Portugal: Livraria Civilização, 1996.

SANTOS, Terezinha de Jesus Pires e SANTOS, Gilda May Cardoso (Org.) **Santa Maria: vivências e memórias de Edmundo Cardoso**, Santa Maria: Anatterra, 2008.

SANTOS, Gilda May Cardoso; SANTOS, Therezinha de Jesus Pires, MARCHIORI, José Newton Cardoso e NOAL FILHO, Valter Antônio (Org.). **Getúlio Schilling. A arte fotográfica e o teatro em Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

SANTOS, Zozymo Lopes dos. **Três Jubileus católicos em Santa Maria: registros cronológicos nominais**. Santa Maria: Instituto de Preservação da Memória Cultural de Santa Maria e Região, 1985.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **Cem anos de Teologia na América Latina (1899-2001)**. São Paulo: Paulinas/ Paulus, 2005. (Coleção História. Quinta Conferência).

SCHWARTZMAN, BOMENY e COSTA. **Universidade e Instituições Científicas do Rio de Janeiro**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982.

SCHNEIDER, Roque & BARBIERI, Francisco. **Medianeira**. Santa Maria: Rainha, 1976.

SEGALA, Aldino Luiz. O caso da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. In: DREHER, Martin N. (Org). **Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja**. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FV, 2002.

SILVA, Maria Virginia dos Santos. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Imaculada Conceição”, FIC: 1955-1995, 40 anos de história**. Santa Maria: Pallotti, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2009.

SILVEIRA, Éder. **A cura da raça: eugenia e higienismo no discurso médico sul rio-grandense, nas primeiras décadas do século XX**. Passo Fundo: UPF, 2005.

SILVEIRA, Guaracy. **Lutero, Loiola e o totalitarismo**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1943.

SILVEIRA, José Luiz. **Revelações históricas da Maçonaria**. Santa Maria: [s.n.], 1985.

SILVEIRA, Marcos Antônio. Ideologia, colonização, sociabilidade: algumas considerações metodológicas. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris (org.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; EdUSP; Fapesp; Imprensa oficial, 2001, v. II, p. 979-990. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos, v 3).

SILVEIRA NETO, M. Consuelo. **Na terra de Medianeira, na terra de Imembuí**. Santa Maria: Pallotti, 1987.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sergio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMONETI, Pe. Breno. **História de um Seminário Diocesano de Santa Maria 1926-1976**. Santa Maria: Pallotti, 1976.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

SIEPIERSKI, Paulo. D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERREIRO, Silas (Org.). **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 71-88.

STEIL, Carlos Alberto e ALVES, Daniel. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção”. A aparição de Maria em Taquari (RS). In: STEIL, Carlos Alberto. MARIZ, Cecília Loreto e REESINK, Mísia Lins (Orgs). **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marinas no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 175-202.

SÜSS, Günter Paulo. **Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida**. São Paulo: Loyola, 1979.

TAMBARA, Elomar. Positivismo e educação no Rio Grande do Sul. In: GRAEBINI, Cleusa Maria e LEAL, Elisabete (Org.) **Revisitando o positivismo**. Canoas: La Salle, 1998, p. 171-196.

TEDESCO, João Carlos. **Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução**. Passo Fundo: Ed.UPF, 2006.

TERRA, João Evangelista Martins. **Maçonaria e Igreja católica**. 6. ed. Aparecida/ SP: Santuário, 1996.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127-162.

VALLE, Inácio Rafael. **História da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças em Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 1982. (Texto retirado dos manuscritos do Pe. Valle datados de 1931, [s.n.]

----- **Vamos todos a Maria Medianeira**. Porto Alegre: Gráfica da Imprensa Oficial, 1949.

----- **Com Maria Mãe de Jesus: cruzada de santas missas em honra e nas intenções da Virgem Medianeira**. Santa Maria: Pallotti, 1952.

----- **Cinquentenário do Santuário da Mãe Medianeira de Todas as Graças – 1930-1980**. Santa Maria, Pallotti, 1980.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)**. Santa Maria: editora UFSM, 2001.

VIER, Frederico. (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações**. Petrópolis: Vozes, 1967.

VIOLA, Sólon. As propostas educativas das escolas públicas no início do século. In: GRAEBIN, Cleusa Maria e LEAL, Elisabete (Org.). **Revisitando o Positivismo**. Canoas: La Salle, 1998.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. Tradução de Maria Julia Cottvasser.

WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: USP, Programa de Pós Graduação em Sociologia: Ed 34, 2000.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense -1889/1928**. Santa Maria: EDUFSM; Bauru: EDUSC, 1999.

WEIMER, Günter. A imagem da cidade e o poder. In: SOUZA, Célia Ferz de. e PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: EdUFRGS, 1997, p. 223-235.

WEFFORT, Francisco. **Formação do pensamento político brasileiro: idéias e personagens.** São Paulo: Ática, 2006.

WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no sul do Brasil (1845 a 1880).** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana: capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915).** Porto Alegre: Sulina/ EST, 1975.

“75 anos de existência do Sínodo Riograndense 1886-1961”. São Leopoldo: Sinodal, [1961].

CONFERÊNCIAS, REVISTAS, MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES:

AÍNSA, Fernando. Identidade e utopia na América Latina. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, jul. – dez., 1995.

BIASOLI, Victor. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte (Rio Grande do Sul - 1870-1920)**. 2005. Tese (Doutorado em História social), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, SP, 2005.

BORIN, Marta Rosa. Santa Maria: de cidade descrente a centro de peregrinação. **Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)**, Rio de Janeiro, 2001. p. 337-343.

BORELLI, Viviane. **Da festa ao cerimonial midiático: as estratégias de midiaticização da telermaria da Medianeira pela Rede Vida**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2007.

BRENNER, José Antônio. Os primórdios da Comunidade Evangélica Alemã de Santa Maria. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria**, n. 6, 1999. p. 6-19.

CARVALHO, Daniela Vallandro de. **“Entre solidariedade e a animosidade”**: os conflitos e as relações interétnicas populares. Santa Maria, -1885 a 1915. 2005. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2005.

CARVALHO, Giane Alves de. Conflito, violência e tragédia da cultura moderna: reflexões à luz de Georg Simmel. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, “Droga conflito e Violência”, ano 1, 2. ed., 2007. p. 150-162.

COLUSSI, Eliane Lúcia. Os filhos da viúva: uma contribuição ao estudo da maçonaria no Rio Grande do Sul. **Revista de Filosofia e Ciências Humanas**, Passo Fundo, Ano 12, n. I e II, jan.- dez. 1996. p. 9-35.

COSTA, Hermistein Maia Pereira da. Pietismo: um desafio à piedade e à teologia. **Revista Fides Reformata**, São Paulo, v. 1, n. 01, 4 jan. 1999.

GERTZ René E. D. João Becker e o nacionalismo. **Estudos Leopoldenses – Série História**, v. 3, n. 2, jul./ dez. 1999. p. 155-175.

GONÇALVES, Marcos. Missionários da ‘boa imprensa’: a revista Ave-Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. **Revista Brasileira de História. Imprensa e impressos**. São Paulo, v. 28, n. 55, jan-jun, 2008. p. 63-84.

GRIGIO, Ênio. **A irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Maria/ RS (1873-1915) uma trajetória de conflitos**. 2003. Monografia (Especialização em História), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

HASTENTEUFEL, Zeno Pe. A legislação eclesiástica em vigor, no Brasil império, ao tempo da Revolução Farroupilha. **Revista TEOCOMUNICAÇÃO**, Porto Alegre, Ano XV, n. 68, 1985/2. p. 5-12.

----- A Igreja do Rio Grande do Sul. **Revista TEOCOMUNICAÇÃO**, Porto Alegre, v. 23, n. 101, 1993. p. 301- 321.

ISAIA, Artur César. Catolicismo e desenvolvimento varguista: nexos do apoio da Arquidiocese de Porto Alegre ao Estado brasileiro no período pós-30. **Estudos Ibero-Americanos**, Programa de Pós-Graduação em História da PUC, Porto Alegre, v. XIX, n. 2, dez. 1993.

----- Cristo e a república: catolicismo e identidade nacional no Brasil. **Revista TEOCOMUNICAÇÃO**: revista trimestral de Teologia, Porto Alegre, v. 26, n. 112, jun. 1996. p. 217-225.

----- Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Revista Anos 90**. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, n. 11, jul. 1999, p. 97-120.

----- Os intelectuais de umbanda e o mundo do trabalho. In: XX REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA. 2001, Curitiba. **Anais da XX Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, Curitiba: SBPH, 2001. p. 365-370.

----- O campo brasileiro religioso e suas transformações históricas. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano I, n. 3, jan. 2009, p. 95-105.

KARSDEURG, Alexandre de Oliveira. **Sobre as ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria 1884-1897)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Ibero Americana, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

KONRAD, Diorges. **O fantasma do medo: o Rio Grande do Sul, a repressão policial e os movimentos sócio-políticos (1930-1937)**. 2004. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2004.

“Lei nº. 785 Adota o símbolo heráldico do Município, Certidão n. 61”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria**. Ano 1, n. 1, Santa Maria, 1962. p. 26-28.

LOPES, José Rogério. Os sistemas abstratos e a produção de reflexividade da religiosidade contemporânea. **Ciências Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre: Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur. Ano 11, n. 11, (2009), 1999.

----- Círio de Nazaré: cortejos, conflitos e negociações da identidade amazônica. **Arquivo PDF**

MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. **Revista Anos 90**, Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, n. 11, jul. 1999. p. 121-143.

MALDONADO, Simone Carneiro. Georg Simmel: uma apresentação. **Revista Política e Trabalho**. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPb, n. 12, set. 1996, p. 5-9.

MARCHI, Euclides. Igreja e Estado: A construção da concórdia. **Estudos Ibero-Americanos, Pós Graduação de História da PUC**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, jul. 1975.

NUNES, Nádia Silvana. **Os alemães em Santa Maria no período do Estado Novo**. 1998. Trabalho de Final de Graduação (Curso de História), Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, 1998.

Pe. JOÃOZINHO. Entre Mulheres. **Revista Brasil Cristão**, ano 7, n. 13, 2004. p. 13.

KRIEGER, **Revista Brasil Cristão**, ano 7, n. 13, 2004. p. 13.

PAULA, David Ferreira de. O exercício político da fé: Igreja e poder nos anos 30 e 40. **Revista de Pós-Graduação em História**, Universidade Estadual Paulista de Assis, São Paulo, vol. 1, 1993. p.71-77.

PESAVENTO, Sandra Jathay. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. **Cidades**, São Paulo, ANPUH, v. 27, n. 53, jan.-jun., 2007. p. 11-23

RABUSKE, Aryhur. Os inícios da República brasileira e a Igreja Católica. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 1990. p. 117-140.

RADÜNZ, Roberto. **A terra da liberdade: o protestantismo luterano em Santa Cruz, no século XIX**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História Ibero Americana, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

RAMOS, Eloisa Capovilla da Luz. **O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo, 1850/1930**. 2000. Tese (Doutorado em História). Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.

RIBEIRO, Zilda. Sala das promessas, parte integrante do Santuário Nacional. **Revista Aparecida**, ano 5, n. 58. jan. 2007.

RUBERT, Arlindo. O cisma religioso no Rio Grande do Sul. **Revista TEOCOMUNICAÇÃO**, Porto Alegre, ano XV, n. 68, 1985/2. p. 28-38.

SANTOS, Carla Xavier. **“Nossa Senhora Medianeira rogai por nós”. A relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul (1937-**

1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

SANTOS, Lourival. **Igreja, nacionalismo e devoção popular: as estampas de Nossa Senhora Aparecida: 1850-1978.** 2000. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

SILVA, Pe. Francisco Oliveira. **O Cardeal Leme e a Revolução de 1930.** 1995. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Gregoriana, Faculdade de História Eclesiástica, Roma, It., 1995.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, v. 5, n. 2, inverno, 2000.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. **Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, Ano, 3, n. 3, p. 115-129, act. 2001.

----- Catolicismos e memórias no Rio Grande do Sul. In: STEIL, Carlos Alberto e GOES, César (Orgs). Catolicismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGAS, **Debates do NER-IFCH/UFRGS**, Ano 5, nº 5, 2004, p. 9-30.

SOUZA, Ricardo Luiz de. O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações. **Revista História-UNISINOS**, vol. 12, n. 2. mai-ago., 2008, p. 128-139.

PEDRINI, Pe. Alírio J. (SCJ). **Carismas para o nosso tempo. Reflexão teológica e pastoral.** São Paulo: Loyola, p. 34 e 51.

PEREZ, Carlos Blaya. **A fotografia na narrativa histórica: “o resgate da história da Cooperativa de Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul”.** 1998. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995. p. 279-290.

PROBST, Carlos. **História da Província Americana da Pia Sociedade das Missões (PSM – Palotinos)**, Londrina, 1989. (Texto datilografado).

RABUSKE, Arthur S. J. A Companhia de Jesus fundada para o combate e extermínio do protestantismo: uma fábula histórica. **Revista TEOCOMUNICAÇÕES**, Porto Alegre, v. 23, n. 101, set. 1993. p. 393-405.

Rainha-Turismo-Medianeira. Revista Rainha, Santa Maria, Pallotti, 1974

CERETTA, Honorina. **Recordar é viver.** São João do Polêsine, 1995 (manuscrito).

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, n. 67, set-nov. 2005, p. 14-23.

TORO, José Velasco. Paineis Integração hemisférica e integração regional: rivalidades ou alianças? **Simpósio Internacional: fronteiras na América Latina**, Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, dez. 2004. (Conferência).

VARGAS, Getúlio. **O pensamento político de Getúlio Vargas**. Porto Alegre: Assembléia legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/ Museu Júlio de Castilhos, 2004.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Revista Lua Nova**. Rio de Janeiro, v. 8, 1995. p. 227-234.

WEINSTEIN, Barbara. **Raça, religião e nacionalismo no século XX no Brasil: uma visão de São Paulo**. In: GT DE HISTÓRIA CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA HISTÓRICA, 2001, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. (Conferência. Texto xerocado).

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS:

Catálogo Informativo, União Apostólica Feminina de Schönstatt, Casa Mariengart, Jacarepaguá/SP, s/d.

Revista Honestas, set - out., 1935.

MEGRO, Cláudio. **Pe. Caetano Pagliuca, cidadão Santa-Mariense**. (Reportagem acadêmica). [s.i.; s. n.]. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

PADOIN, Maria Medianeira e BORIN, Marta Rosa. **Guia Preliminar de Fontes. Arquivo Histórico de Santa Maria**, FAPERGS, 1997.

Arquivo da Primeira Igreja Batista de Santa Maria (APIBSM):

Ata Constitutiva da Primeira Igreja Batista de Santa Maria, Santa Maria, 07 ago. 1972.

Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (ACMPA):

Boletim Eclesiástico de Porto Alegre. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XVII, n. 1 e 2, jan./fev. 1930.

“Actos da Santa Sé”. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XVIII, n. 7 e 8, jul - ago.

“Discurso Oficial proferido por D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, na inauguração do monumento a Cristo Redentor, a 12 de Outubro de 1931”. **UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XVIII, n. 11 e 12, nov - dez 1931.

“O Cristo Redentor: discurso oficial, alocução, saudações, mensagens e apreciações: Introdução”. **UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XVIII, n. 11 e 12, nov-dez. 1931.

Discurso de D. João Becker, “O dia do Trabalho”. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, Secção Doutrinária e Noticiário, ano XVII, n. 6-7, jun - jul, 1935.

Discurso de D. João Becker, “O dia do Trabalho”. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, Secção Doutrinária e Noticiário, ano XVII, n. 6-7, jun-jul, 1935.

Seção doutrinária, **UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre**, “Congresso Operário”, ano XXII, n. 11 e 12, nov-dez, 1935.

----- **Unitas, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXVI, n. 11-12, nov./ dez. de 1937.

----- **Unitas, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXXIV, n. 4-6, abr.- jun. 1945.

Carta Apostólica *Rosarium Virginis Marie*, do Sumo Pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis sobre o Rosário, Roma, 2002.

Vigésima Quinta Carta Pastoral de D. João Becker, “Reabilitação da pobreza, do trabalho e da obediência”, Cap. XXXII. **Unitas, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, set-out, ano XXII, n. 9 e 10, 1935.

“O problema do Proletariado”, discurso proferido por D. João Becker por ocasião da missa campal, no recinto da Exposição Farroupilha, em comemoração do Dia do Trabalho, 1936. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXII, n. 5 e 6, mai-jun 1936.

Carta Encíclica “*Divini Redemptoris*”, aos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários que estão em paz e comunhão com a Santa Sé Apostólica, sobre o “comunismo ateu”. Papa Pio XI. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXIV, n. 56, mai-jun 1937.

Discurso pronunciado por D. João Becker ao evangelho da missa campal, no Parque Farroupilha, 1º de maio de 1939. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXVIII, n. 9-10, set-out, 1939.

Discurso proferido na missa campal de 1º de maio pelo Arcebispo Metropolitano, em comemoração do “50º aniversário da encíclica “*Rerum Novarum*”. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXX, n. 5 e 6, mai.-jun, 1941.

Discurso proferido por D. João Becker no dia 1º de maio de 1942, após a missa campal no Parque Farroupilha. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano, XXXI, n. 5-6, 1942.

D. João Becker, “Criação da Paróquia de N. S. Medianeira”. Seção Religiosas, **UNITAS, Revista Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXXII, n. 1-2, jan-fev. 1943.

Dia do Trabalho, discurso de D. João Becker no programa oficial das comemorações do “Dia do Trabalho”, no Largo da Prefeitura de Porto Alegre, onde também celebrou missa. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XXXVII, n. 5-6, abr-jun 1947.

Encíclica *Menti nostrae*. **UNITAS, Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre**, Atos da Santa Sé, ano XL, v. 1, mar 1951, p. 37 e 38.

A Igreja e os problemas sociais, Discurso do Arcebispo Metropolitano, D. Vicente Scherer. **UNITAS, Revista da Província Eclesiástica de Porto Alegre**, ano XLI, vol. 1, mar 1952.

Arquivo da Mitra Diocesana de Santa Maria (AMDSM):

Livro de Crônicas da Congregação Mariana, n. 1.

Carta Pastoral, Arcebispo e Bispo da Província Eclesiástica da Baía, sobre o comunismo ateu, 1937.

Carta Pastoral e mandamentos do episcopado brasileiro sobre o comunismo ateu, Rio de Janeiro, 1937.

Carta Pastoral e mandamento do episcopado brasileiro e a Encyclica *Divini Redemptoris* do S. S. Pio XI, sobre o Comunismo Ateu, Rio de Janeiro, 1937.

Carta Pastoral de D. José Barra, Bispo de Caxias sobre o comunismo ateu e deveres dos católicos, 1945.

Carta Pastoral, D. Geraldo Proença Sogard, Arcebispo de Diamantina, 1963.

Terceira Carta Pastoral, D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria. “*A Mediação Universal de Maria Santíssima*”, Santa Maria, 1939.

Carta Pastoral de D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria aos seus abnegados Irmãos cooperadores e diletos filhos por ocasião do 14º aniversário de sua sagração episcopal. Santa Maria, 13 dez. 1945.

IV Carta Pastoral anunciando o congresso Mariano-eucarístico, D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria. Santa Maria, 31 jul. 1958.

HOOIJ, Pe. Rafael. C. SS. R. A obrigatoriedade da Ação Católica. **UNITAS, Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 13, n. 2, jun. 1953, p. 282-293.

Edição especial. **Revista O Santuário**, Diocese de Santa Maria, ago. 1985, n. 8.

“Congregação Religiosa: Oratório Mariano”, **Revista O Santuário**, Diocese de Santa Maria, ano XXX, jun., 2006.

Arquivo Luiz Eugenio Vécio (ALEV), Silveira Martins:

- **Jornal *Lúcifer***

Jornal *Lúcifer*, Porto Alegre, ano 3, n. 7, 05 mai. 1909.

Jornal *Lúcifer*, Porto Alegre, ano 3, n. 8, 20 set 1909.

- **Jornal *O Templário***

Jornal *O Templário*, Loja Fraternidade, Porto Alegre: Guarany, fev. e mar. 1925, abr. e jul. 1925.

- Correspondências expedidas

Correspondências expedidas, Loja Luz e Fraternidade, Santa Maria, 1876-1927.
 Correspondências expedidas, Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, 1900-1969.
 Correspondências expedidas, Loja Paz e Trabalho, Santa Maria, 1897-1919. Correspondência expedida por Rapo Borges ao Cel. Orestes C. da Fontoura, Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, 14/11/1948, fl. 78-102. Artigo “Três séculos de atraso”, Ir. Raposo. Boletim n. 10, 1950. Loja Luz e Trabalho, Santa Maria, fl. 78-105.

Arquivo da Fundação Getúlio Vargas – Centro de Pesquisa e Documentação (CEPDOC-FGV), Rio de Janeiro:

Correspondência expedida, 24 de novembro de 1931, Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, Arquivo Flores da Cunha.

Correspondência expedida, 15 de novembro de 1932, Getúlio Amaral, Rio de Janeiro, Rolo 3, fol. 0074 a 007/4, GV 32.11.15.

Arquivo do Circulo Operário Portoalerense, Porto Alegre

- Estatuto do Circulo Operário Porto-Alegrense, Porto Alegre.

Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria (AHMSM):

- Jornal *Diario do Interior*

“O Segredo do poder. Queres conhecer a vossa vida?” *Diario do Interior*, Santa Maria, ano IX, n, 238, p. 2, 11 out. 1919.

“Teatro Coliseu apresenta a peça: ‘O Cardeal Mercier: o martyr da Bélgica’”. *Diario do Interior*. Santa Maria, ano IX, n. 243, p. 2, 16 out. 1919.

Diario do Interior, Santa Maria, ano IX, n. 253, 28 out. 1919.

Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano IX, n. 253, p. 2, 28 out. 1919.

Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano IX, p. 1, 19 out. 1919.

Diario do Interior, Santa Maria, ano IX, n. 257, p. 2, 01 nov. 1919.

“A Indulgência”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano IX, n. 257, p. 1, 01 nov. 1919.

NETO, Coelho, “A oração”, *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 258, p. 1, 02 nov. 1919, ano IX.

“Círculo Espírita Allan Kardec completa dois anos de existência”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano IX, n. 269, p. 4, 15 nov. 1919.

“Greve entre o pessoal de um armazém da Viação Férrea”. *Diario do Interior*. Santa Maria, ano IX, n. 271, p. 3, 19 nov. 1919.

“Vida operária: projeto de fundação de uma sociedade, uma escola, uma biblioteca”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano IX, n. 283, p. 2, 4 dez. 1919.

Sessão “Serviço Especial do Diario do Interior – Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, , ano IX, n. 284, p. 3, 05 nov. 1919.

“Vida Operária: a reunião de domingo. A fundação da União Geral dos Trabalhadores. Criação de uma escola e de uma biblioteca. Outras notas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano IX, n. 288, p. 2, 10 dez. 1919.

“Prossegue a greve dos *chauffeurs*: tachas e pregos espalhados nas ruas. Pneumáticos furados” - Rio de Janeiro. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 6, p. 3, 07 jan. 1920.

“Na Itália uma greve de ferroviários. Medidas do governo para evitar-las”. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 14, p. 3, 17 jan. 1920.

“Círculo Operário de Santa Maria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 175, p. 2, 03 ago. 1920.

“Círculo Operário de Santa Maria: a posse de sua diretoria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 186, p. 1, 15 ago. 1920.

“Círculo Operário”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 221, p. 2, 21 ago. 1920.

“Viação Férrea: os escriturários não sairão de Santa Maria. Uma greve”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, p. 3, 11 set. 1920.

“Rumores de Greve”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 219, p. 3, 26 set. 1920.

Diario do Interior, Santa Maria, ano X, n. 231, p. 3, 11 out. 1920.

Diario do Interior, Santa Maria, ano X, n. 232, p. 1, 12 out. 1920.

“Greve de fome; a atitude dos grevistas: Londres”. “Sessão Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 323, p. 3, 12 out. 1920.

“Agitação operária na Itália: a greve geral foi decretada”. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 323, p. 3, 12 out. 1920.

“Os anarquistas no Brasil: a ação da polícia contra esses maus elementos. Deportação de três indesejáveis estrangeiros”. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 325, p. 3, 15 out. 1920.

“Grande desordem na Inglaterra: marinheiros britânicos continuam em greve”. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 328, p. 3, 20 out. 1920.

“Prisão de um agitador comunista”- Genova. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 240, p. 3, 22 out. 1920.

“O problema metalúrgico na Inglaterra: a situação se agrava. O país está ameaçado de ver sua vida industrial paralisada”. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 242, p. 3, 23 out. 1920.

Diario do Interior, Seção “Vida Religiosa”. Santa Maria, ano X, n. 244, p. 2, 27 out. 1920.

“Uma ameaça de greve no Vaticano”. Seção “Telegramas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, Ano X, n. 255, p. 3, 10 nov. 1920.

“Conferência Científico Literária”, *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 260, p. 3 e 4, 17 nov. 1920.

“Nos domínios do psiquismo Edson e o intercâmbio com o além”. *Diario do Interior*, Santa Maria, p. 2, 20 nov. 1920.

Diario do Interior. Santa Maria, ano X, n. 261, p. 3, 18 nov. 1920,.

“Uma assembléia anglicana de eclesiásticos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano X, n. 264, p. 4, 21 nov. 1920.

ALENCASTREA, Álvaro. “Avenida Rio Branco”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XVI, n. 7, p. 1, 08 jan. 1928.

CALLAGE, Fernando. “Impressões de Santa Maria: figuras da minha imaginação”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XVI, n. 17, p. 1, 21 jan. 1928.

“A fundação do Centro Cultural Santamariense: revestiu-se de excepcional brilhantismo a solenidade inaugural – O discurso do orador oficial – Outros oradores – A comissão diretora aclamada – Uma hora de arte – Várias notas”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXVII, n. 122, p. 1, 14 out. 1938.

“Inauguração da Biblioteca Pública: o acto foi solene e brilhante os discursos proferidos – Uma homenagem ao Dr. Xavier da Rocha”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXVII, n. 122, p. 2, 14 out. 1938.

“Associação de Professores Catholicos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 123, ano XXVII, p. 1, 15 out. 1938,.

“A fundação do Centro Cultural Santamariense. O discurso do orador oficial”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXVII, n. 123, p. 1, 15 out. 1938.

“Homenagem posthuma a um professor. Na Escola Olavo Bilac foi inaugurado hontem o retrato do saudoso mestre Cícero J. Barreto – Os discursos proferidos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXVII, n. 124, p. 2, 16 out. 1938.

“Bispado de Santa Maria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XIX, n. 2, p. 1, 03 jan. 1932.

“Convite” - “Sessão Fúnebre”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XIX, n. 8, p. 1, 10 jan. 1932.

“A interventoria do Paraná”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XIX, n. 22, p. 1, 27 jan. 1932.

“Festa da Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XIX, n. 113, p. 2, 24 mai. 1932.

“Romaria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XIX, n. 118, p. 4, 30 mai. 1932.

“Circulo Operário”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 15, p. 2, 20 jan. 1934.

“A inauguração do Monumento ao Ferroviário em Santa Maria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 148, p. 4, 06 jul. 1934.

“Circulo Operário – Uma conferência”. Seção “Telegrama”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 153, p. 2, 13 jul. 1934.

“O jubileu da Diocese de Santa Maria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 17 ago. 1935, n. 184, ano XXI, p. 1.

“O próximo Congresso Eucarístico. Os trabalhos preparatórios”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXI, n. 246, p. 4, 10 nov. 1935.

“Congressos Eucarísticos Internacionais”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXI, n. 248, p. 1, 13 nov. 1935.

“A grande semana do Congresso Eucarístico. Ao povo catholico de Santa Maria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 249, p. 1, 14 nov. 1935.

“Congresso Eucarístico. Continuamos os preparativos para o grande certame”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 255, p. 2, 22 nov. 1935.

“Congresso Eucarístico. Os preparativos para a grandiosa demonstração de fé chistã”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 258, p. 1, 26 nov. 1935.

“Congresso Eucarístico. Continuamos os preparativos. Comunhão aos doentes do Hospital de Caridade. Os aplausos do Cardeal Leme e o Bispo de Uruguaiana. Outras informações”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 259, p. 4, 27 nov. 1935.

“Congresso Eucarístico Diocesano”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 260, p. 1, 28 nov. 1935.

“Nas vespéras do Congresso Eucarístico Diocesano. Será instalado hoje, o Primeiro Congresso Eucarístico de Santa Maria. As cerimônias preliminares realizadas hontem revestiram-se de grande brilho. Diversas Informações”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 261, p. 1, 29 nov. 1935.

“O Primeiro Congresso Eucarístico de Santa Maria. Com inexcédível brilho prosseguiram hontem, as cerimônias do grande certame religioso”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 263, p. 1, 01 dez. 1935.

“Círculo Operário Ferroviário R. G. S. – Convite”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XX, n. 199, p. 5, 31 mai. 1939.

“Círculo Operário”. *Diario do Interior*, Santa Maria, ano XXVI, n. 211, p. 4, 22 set. 1937.

- Jornal *O Castilhista*

“Centro Operário Dr. Bozano”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano 1, n. 1, p. 1, 14 fev. 1925.

“O MédiuM Mozart”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano 1, n. 4, p. 2, 13 mar. 1925.

“Sessão fúnebre”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano 1, n. 4, p. 3, 13 mar. 1925.

“Centro Operário Dr. Bozano”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano 1, n. 5, p. 2, 21 mar. 1925.

“O manifesto do Sr. Ribeiro Tracques”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano II, n. 88, p. 1 e 2, 21 ago. 1926.

“A consulta eleitoral de 5: apenas 188 eleitores contra a cassação”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano II, n. 92, p. 1, 11 set. 1926.

“*Consumatum est*”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano II, n. 94, p. 1, 25 set. 1926.

“A língua dos bajuladores”. *O Castilhista*. Santa Maria, ano II, n. 101, p. 2, 13 nov. 1926.

“Delinqüentes”. *O Castilhista*. Santa Maria, ano II, n. 102, p. 1, 27 nov. 1926.

“Várias notícias referentes ao criminoso levante militar nesta cidade”. *O Castilhista*. Santa Maria, ano II, n. 102, p. 2, 27 nov. 1926.

“26 Corpo Auxiliar”. *O Castilhista*. Santa Maria, ano II, n. 102, p. 1, 27 nov. 1926.

“A morte do saudoso Capitão Mario Druck”. *O Castilhista*. Santa Maria, ano II, n. 102, p. 1, 27 nov. 1926.

“Revolucionário não; bandidos!” *O Castilhista*. Santa Maria, ano II, n. 106, p. 1, 08 jan. 1927.

“Ainda a vergonha de um homem e de um bando”. *O Castilhista*. Santa Maria, ano II, n. 107, p. 2, 22 jan. 1927.

“Phenomeno Psychico”. *O Castilhista*, Santa Maria, ano II, n. 114, p. 3, 30 jul. 1927.

- Jornal A Razão

“Círculo Operário”. *A Razão*, Santa Maria, n. 292, ano III, p. 5, 22 set. 1937.

“Declaração ao povo de Santa Maria: Armazém Luiz Chiapa”. *A Razão*, Santa Maria, 21 ago. 1942.

“João Cerezer, ao povo de Santa Maria”. *A Razão*, Santa Maria, 22 ago. 1942.

“Ao povo de Santa Maria”. *A Razão*, Santa Maria, 22 ago. 1942.

“Declaração”. *A Razão*, Santa Maria, 22 ago. 1942.

“Aos meus patricios: declaração”. *A Razão*, Santa Maria, 03 nov. 1942.

“Mobiliza-se a diocese de Santa Maria para o Segundo Congresso Eucarístico Diocesano”. *A Razão*, Santa Maria, n. 151, ano XIV, p. 3 e 6, 04 abr. 1948.

“Sob as mais profundas demonstrações de fé instala-se hoje, solenemente, o 2º Congresso Eucarístico diocesano em Santa Maria”. *A Razão*, Santa Maria, n. 159, ano XIV, p. 6, 14 abr. 1948.

“A imagem de Nossa Senhora Medianeira será levada à capital para as grandes solenidades religiosas de 1º de maio. A caravana que acompanha a imagem seguirá quita-feira em carro-motor especial – Preciosa lembrança do Dr. Xavier da Rocha a D. Antônio Reis”. *A Razão*, Santa Maria, n. 171, ano XIV, p. 6, 29 abr. 1948.

“Mensagem do Papa a D. Antônio Reis”. *A Razão*, Santa Maria, ano XXII, n. 50, p. 4, 9 dez. 1956.

“Entregue a D. Antônio Reis o título de Cidadão Satamariense”. *A Razão*, Santa Maria, ano XXII, n. 54, p. 8, 14 dez. 1956.

“Agradece o Bispo jubilar à manifestação recebida dos poderes públicos de Santa Maria”. *A Razão*, Santa Maria, ano XXII, n. 55, p. 8, 16 dez. 1956.

“Sua eminência D. João Barros Câmara, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro chegará à Santa Maria para o jubileu de D. Antônio Reis”. *A Razão*, Santa Maria, n. 55, ano XXII, p. 8, 16 dez. 1956.

“D. Antônio Reis recebe homenagem de Santa Maria”. *A Razão*, Santa Maria, ano XXII, n. 56, p. 6, 16 dez. 1956.

Arquivo Casa de Memória “Edmundo Cardoso” (CMEC), Santa Maria:

- Jornal *O Combatente*

“Imprensa”. *O Combatente*, Santa Maria, ano XVII, n. 1077, p. 1, 08 jan.1903.

- Revista *Reacção*

Reacção, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 1, 01 mai. 1915.

“A Escola e o livro”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 1, p.5, 01 mai. 1915.

“Livros Recomendados”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 9, 01 mai. 1915.

“Na lavoura do padre”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 6, 01 mai. 1915.

“Mentiras divinas”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 7 e 8, 01 mai. 1915.

DIABILIC. “Labaredas”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 8, 01 mai. 1915.

“*Alea jacta est*”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, p. 1, 15 mai. 1915.

“Reacção: sucesso extraordinário”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, p. 2, 15 mai. 1915.

“Jesuítas”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, p. 3, 15 mai. 1915.

“Concurso poético da ‘Reacção’”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, p. 7, 15 mai. 1915.

“A viagem do Dr. Lauro Muller”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 2, p. 11, 15 mai. 1915.

“Espiritualismo”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 3, p. 4, 01 jun. 1915.

“Sociedade Nova Aurora”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 4, p. 7, 15 jun. 1915.

“O que quer dizer ‘Pagliuca’”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 4, p. 8, 15 jun. 1915.

“São Pedro nunca foi Papa”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 5, p. 2, 01 jul. 1915.

“Os jesuítas”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 5, p. 10, 01 jul. 1915.

“A instrução dos pequenos”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 6, p. 10, 16 jul. 1915.

“A confissão”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 8, p. 1, 16 ago. 1915.

“Sociedade Crhysantemos”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 8, p. 5, 16 ago. 1915.

“Em prol de um grande cometimento: uma lição ao jesuitismo”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 10, p. 1, 16 set. 1915.

“A instrução religiosa e as escolas públicas”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 10, p. 9, 16 set. 1915.

“A instrução religiosa e as escolas públicas”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 11, p. 1, 01 out. 1915.

“O Seminário”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 12, p. 12, 16 out. 1915.

LORTIGO. “A bênção bispal”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 13, p. 1, 01 nov. 1915.

“Festa Maçônica”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 13, p. 12, 01 nov. 1915.

“Enlace Menna Barreto-Almeida”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 13, p. 12, 01 nov. 1915.

“Enlace Araújo-Dorneles”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 15, p. 3, 01 dez. 1915.

“Congresso Nacional Maçônico: o seu fim”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 16, p. 7, 16 dez. 1915.

“O Código Civil Brasileiro”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 18, p. 10, 16 jan. 1916.

“Uma festa excêntrica”. *Reacção*, Santa Maria, ano I, n. 19, p. 4, 16 jul. 1916.

- Semanário *O Santamariense*

“Cathólicos”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 1, 01 ago. 1922.

F. S. “O Crhistão Chatholico”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 3, 01 ago. 1922.

“Apostolado da Oração”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 4, 01 ago. 1922.

“Os protestantes norte-americanos”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 2, p. 1, 10 ago. 1922.

F. S. “O Crhistão Chatholico”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 2, p. 3, 10 ago. 1922.

“O Crhistão Chatholico”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 3, p. 4, 17 ago. 1922.

“Os protestantes norte-americanos”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 4, p. 1, 24 ago. 1922.

“Abrindo os olhos”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 13, p. 3, 26 out. 1922.

“Os padres são inimigos da ciência?”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 14, p. 1, 02 nov. 1922.

- “Ainda o protestantismo”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 18, p. 1, 30 nov. 1922.
- “A mixornia protestante”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 21, p. 2, 21/12/ 1922.
- “Collegios e Escolas”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 22, p. 2, 28 dez. 1922.
- “Protestantismo e catholicismo será quase a mesma cousa?”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 23, p. 1, 04 jan. 1923.
- “A derrocada espírita”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 23, p. 4, 04 jan. 1923.
- “A mixornia protestante”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 24, p. 1, 11 jan. 1923.
- “Escolas parochiaes”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 25, p. 4, 18 jan. 1923.
- “Os catholicos e a Bíblia. Podem os catholicos ler a Bíblia?”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 30, p. 1, 22 fev. 1923.
- “Collegios”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 31, p. 3, 01 mar. 1923.
- “Os catholicos e a Bíblia”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 22, p. 1 e 2, 08 mar. 1923.
- “Collegios protestantes”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 37, p. 1, 12 abr. 1923.
- “O espiritismo e a loucura”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 48, p. 2, 28 jun. 1923.
- “Lutero & Bíblia”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 48, p. 2, 28 jun. 1923.
- “A voz dos Bispos brasileiros”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano I, n. 51, p. 1, 19 jul. 1923.
- “Sciência e Fé”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano III, n. 10, p. 1, 02 out. 1924.
- “Apostolado ou commercio?” *O Santamariense*, Santa Maria, ano III, n. 17, p. 1, 27 nov. 1924.
- “Apostolado ou commercio?” *O Santamariense*, Santa Maria, ano III, n. 18, p. 1, 04 dez. 1924.
- “Noticiário”. *O Santamariense*, Santa Maria, ano III, n. 24, p. 98, 15 jan. 1925.

- Jornal *Diario do Interior*

“Irrompeu no Brasil a Revolução redemptora. No Rio Grande do Sul o movimento iniciou com a prisão dos generais Gil Almeida, em Porto Alegre e Fernando Medeiros, em Santa Maria. Assumiu o comando desta praça o tenente-coronel Annibal Garcia Barão. A tropa federalista da capital do Estado confraternizou com a Brigada Militar. O movimento

libertador está triunfante em todo este Estado. Outras notícias dão como convulsionados vários Estados da Federação. Parte da guarnição federal já aderiu ao Movimento reinvidicardor. Diversas informações”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 225, p. 2, 04 out. 1930.

“A Revolução brasileira a caminho do triunfo final”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 226, p. 3, 05 out. 1930.

“Novena em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 229, p. 4, 08 out. 1930.

A Revolução brasileira e a sua marcha para a vitória final. Como se deu a guarnição federal de Cruz Alta. O movimento de tropas continua intenso nesta cidade. Hontem seguiram para o teatro das operações na fronteira de São Paulo a 2ª Companhia do 7º Regimento de infantaria e uma bateria do 5º Regimento de Artilharia Montada”. *Diario do Interior*. Santa Maria, n. 222, p. 1 e 2, 08 out. 1930.

“A Revolução brasileira”. *Diario do Interior*. Santa Maria, n. 239, p. 1, 21 out. 1930.

“A Diocese de Santa Maria e a revolução. Um discurso do Pe. José Busato, capelão militar”. *Diario do Interior*. Santa Maria, n. 262, p. 3, 21 nov. 1930.

“O dia da prece diante da Imagem de Nossa Senhora Medianeira no Seminário São José”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*. Santa Maria, n. 231, p. 3, 11 out. 1930.

“Pró-liberdade religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 294, p.3, 30 dez. 1930.

“Retiro para homens”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 2, p. 2, 03 jan. 1931.

“Retiro do clero”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 11, p. 2, 14 jan. 1931.

“A Igreja católica e as doutrinas comunistas. Uma pastoral do bispo de Breslau”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 13, p. 1, 16 jan. 1931.

“Uma Vila Operária em Santa Maria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 13, p. 2, 16 jan. 1931.

“Uma greve operária”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 16, p. 2, 21 jan. 1931.

“Maria Santíssima Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 19, p. 2, 24 jan. 1931.

“União de Moços Catholicos: sua natureza e finalidade”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 64, p. 1, 20 mar. 1931.

“Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 65, p. 2, 21 mar. 1931.

“Romaria”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, 03 jun. 1931, n. 123, p. 2.

“Procissão”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 124, p. 2, 04 jun. 1931.

“E’cos da procissão em honra de N. S. Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 126, p. 2, 06 jun. 1931.

“E’cos da procissão em honra de N. S. Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 127, p. 2, 07 jun. 1931.

“E’cos da procissão em honra de N. S. Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 128, p. 2, 09 jun. 1931.

“E’cos da procissão em honra de N. S. Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 129, p. 2, 10 jun. 1931.

“Pela Maçonaria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 132, p. 2, 13 jun. 1931.

“Pela Maçonaria”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 138, p. 3, 20 jun. 1931.

“União de Moços Cathólicos”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 140, p. 4, 22 jun. 1931.

“M^a. SS. Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 144, p. 2, 27 jun. 1931.

“Bênção solene do novo estandarte de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 201, p. 2, 04 set. 1931.

“Homenagem a Nossa Senhora Medianeira”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 203, p. 1, 06 set. 1931.

“A bênção do estandarte de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”. Seção “Vida Religiosa”. *Diario do Interior*, Santa Maria, n. 207, p. 1, 12 set. 1931.

Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição (APNSC), Santa Maria:

Livro Tombo n. 1, Paróquia da Catedral Diocesana, Santa Maria, n. 1, 1837-1860.

Livro Tombo n. 2, Paróquia da Catedral Diocesana, Santa Maria, n. 2, 1860-1888.

Livro Tombo n. 3, Paróquia da Catedral Diocesana, Santa Maria, n. 3, 1889-1914.

Livro Tombo n. 4, Paróquia da Catedral Diocesana, Santa Maria, n. 4, 1915-1944.

Livro Tombo n. 6, Paróquia da Catedral Diocesana, Santa Maria, n. 8, 1964-1972.

Livro Tombo n. 7, Paróquia da Catedral Diocesana, Santa Maria, n. 9, 1973-1983.

Arquivo do Seminário São José (ASSJ), Santa Maria:

Livro Tombo, Seminário São José, Santa Maria, 1928-1936.

Arquivo da Paróquia São João Batista, São João do Polêsine (APSJB):

Livro Tombo, n. 1, Paróquia São João Batista

Arquivo do Instituto João Wesley, Instituto Porto Alegre, Porto Alegre (AIJW):**Arquivo da Paróquia Nossa Senhora das Dores, Santa Maria (APNSD)**

Livro Tombo

Arquivo da Casa Paroquial, Basílica de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, Santa Maria (ACPBNSM), Santa Maria:

Livro de Registro de Visitas e Romeiros.

Museu Ferroviário de Santa Maria (MFSM):**Jornal *Maria Fumaça***

“Gruta de Santa Terezinha é Reinaugurada”. *Maria Fumaça*, Informativo do Museu Ferroviário de Santa Maria, ano I, n. 1, p. 6, dez. 2005.

Arquivo do Museu Sacro de Santa Maria (AMSM):***Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, 1912 a 1921**

“Relatórios Paroquiais relativos ao anno de 1912”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano I, n. IX e X, p. 146-147, mai-jun, 1913.

Congregação da Doutrina Cristã”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano I, n. 1, p. 7 e 8, set. 1912.

Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano I, n. IV, p. 63, dez. 1912.

“Espiritismo: importante testemunho. Carta do Dr. Felício dos Santos”, Parte I. *Boletim mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano I, n. IX e X, p. 155 e 156, mai e jun, 1913.

“Espiritismo: importante testemunho. Carta do Dr. Felício dos Santos”, Parte II. *Boletim mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano I, n. XI, p. 165-176, jul. 1913.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano II, n. II, p. 28 a 30, out. 1913.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano II, n. III, p. 45 a 47, nov. 1913.

“Pela disciplina eclesiástica”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano II, n. III, p. 41 a 43, nov. 1913.

Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria, Santa Maria, ano II, n. III, p. 48, nov. 1913.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano II, n. IV, p. 63, dez. 1913.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. V, p. 79 e 80, jan. 1914.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. VI, p. 94 e 96, fev. 1914.

“Carta Pastoral de D. Miguel Lima Valverde ao clero parochial da diocese de Santa Maria – Santa Maria, 19 de março de 1914”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano II, n. VIII, p. 113 e 121, abr. 1914.

“Carta Pastoral de D. Miguel Lima Valverde ao clero parochial da diocese de Santa Maria – Santa Maria, 19 de março de 1914”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano II, n. VIII, p. 115, abr. 1914.

“Seminário Menor Diocesano”. Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano II, n. IX, p. 142-143, mai. 1914.

“Primeira Carta Encíclica do Papa Bento XV”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. 2 e 3, p. 205-221, fev.- mar. 1915.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. IV, p. 253, abr. 1915.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. IV, p. 333, abr. 1915.

Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria, Santa Maria, ano III, n. 5, p. 256 a 265, mai. 1915.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. VI, p. 316 e 317, ago. 1915.

“O Maldito”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Ano III, n. IX, set. 1915, p. 329 e 332.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. 11, p. 361 e 362, nov. 1915.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano III, n. 12, p. 375 a 377, dez. 1915.

“A última palavra do Sr. Arcebispo de Olinda”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Ano IV, n. 1, jan. 1916, p. 14 e 15.

“Pequenas Controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano IV, n. 2 e 3, p. 34 a 35, fev. mar. 1916.

“Pequenas controvérsias”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano IV, n. 8, p. 125 a 126, ago. 1916.

“O Seminário”. Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano IV, n. 10, out. 1916.

“Palavras episcopais – Carta Pastoral de D. Aducto Aurélio de Miranda Henriques”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano V, n. 8, p. 125 a 127, ago. 1917.

Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria, Santa Maria, ano V, n. 8, p. 114, ago. 1917.

“O Código Canônico”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano V, n. 11-12, p. 11, nov.- dez. 1917.

“Matrimônio perante só as testemunhas, fora de perigo de morte”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VI, n. 1, p. 11 e 12, jan. 1918.

Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria, Santa Maria, ano VI, n. 3, p. 34, mar. 1918.

Decretos de dissolução das irmandades de Nossa Senhora do rosário, Nossa Senhora da Assunção e a de São Miguel e Almas. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VI, n. 4-5, p. 61 a 71 e 78 e 79, abr. mai. 1918.

“Casamento Civil”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VI, n. 11, p. 176 a 178, nov. 1918.

“Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo I – Preliminares do Matrimônio, A. Promessa”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VII, n. 3-4, p. 55 a 59, mar.- abr. 1919.

“Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VII, n. 7, p. 101 a 106, jul. 1919.

“Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VII, n. 8, p. 115 a 118, ago. 1919.

“Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VII, n. 10, p. 157 a 160, out. 1919.

“Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VII, n. 12, p. 185 a 188, dez. 1919.

“Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Ano VIII, n. 1-2, jan.- fev. 1920, p. 25 a 29.

“Código do Direito Canônico – Inovações e Comentários. Do Matrimônio, Capítulo II – Dos Impedimentos, A. Em Geral”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VIII, n. 3-4, p. 58 a 64, mar.- abr. 1920.

“A Igreja e o Theosofismo – resposta do Sr. Cardeal a uma carta que lhe foi endereçada”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano VIII, n. 1-2, p. 18 a 20, jan.- fev. 1920.

Seção “Varia”, *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano IV, n. 7, p. 111.

VAL, Cardeal R. Merry del. “Sagrada e Suprema Cong. Do S. Ofício. Epistola aos Ordinários locais despertando-lhes a vigilância à cerca de novos manejos dos acatholicos contra a nossa fé”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano IX, n. 3-5, p. 50-53, mai. 1921.

PIMENTA, D. Silvério Gomes. “Pastoral D. Silvério Gomes Pimenta. Arcebispo de Marianna sobre o perigo dos collegios acatholicos”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano IX, n. 3-5, p. 63-67, mai. 1921.

“Espiritismo”. *Boletim Mensal da Diocese de Santa Maria*, Santa Maria, ano IX, nº. 12, p. 175-178, dez. 1921.

Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Eclesiásticas de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre comunicando ao clero e aos fiéis o resultado das Conferências Episcopais na cidade de Nova Friburgo de 12 a 17 de janeiro de 1915. Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1915.

Fotografias – Acervo fotográfico AMSM, Santa Maria:

ENCONTRO dos Congregados Marianos no Colégio Marista, Santa Maria, RS, 1915. 1 fotografia, preto e branco, 14cm x 18cm.

RETIRO das professoras da Viação Férrea, Irmãs franciscanas, sacerdotes e autoridades, Santa Maria, RS, 1923. 1 fotografia, preto e branco, 14cm x 18cm.

RETIRO espiritual da juventude, com Monsenhor Pascual Librelotto e o Padre Rômulo Zanchi, Santa Maria, RS, [19--]. 1 fotografia, preto e branco, 14cm x 18cm.

D. ANTÔNIO Reis, Bispo de Santa Maria, RS, [19--]. 1 fotografia, preto e branco, 20cm x 12cm

DESFILE em carro aberto, D. Antônio Reis e autoridades civis e militares. Santa Maria, RS, [1932], 1 fotografia, preto e branco, 14cm x 18cm

Arquivo da Província dos Padres Jesuítas, “Sociedade Padre Antônio Vieira” (APPJPA), Porto Alegre:

Relatório feito por Pe. Afonso Hansen S.J., 02 fev. 1962.

Histórico da devoção de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças no Brasil.

Correspondência expedida, 15 abr. 1978, Pe. Rafael Valle, Universidade do Trabalho.

Curriculum Vitae do Pe. Inácio Rafael Valle.

Círculo Operário Portoalegrense – COPA, programa, estrutura, realizações. **Trabalhador Alerta! Leia com atenção e decida.** Porto alegre: Typografia do Centro, [s. d.].

Copa em Revista, **História da Devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças**, 27 nov. 1954, [s. p.].

Círculo Operário de Santa Maria (COSM), Santa Maria:

MAGRO, Cláudio. Pe. Caetano Pagliuca, cidadão santamariense”, Reportagem acadêmica, [s.d.], Universidade Federal de Santa Maria.

REFERÊNCIAS DE *SITE* ACESSADOS:

AZEVEDO, Dermi. **A Igreja católica e seu papel político no Brasil**. Estudos Avançados, São Paulo, Scielo Brasil, v.18, n.52, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 14 jun. 2006.

LAURENTIN, René. **É impossível ser fiel a Escritura e não levar Maria a sério**. Um comentário à Declaração comum da Comissão Internacional Anglicano-Católica (Arcic) sobre Maria: graça e esperança em Cristo”. Disponível em: < <http://www.30giorni.it/br/articolo>> Acesso em: 14 jun. 2007.

“**Lettre du Pape Paul VI au Cardinal Leo Jozef Suenens**”, Arcebispo de Malines – Bruxelas, 1976. Disponível em <<http://www.vatican.va>> Acesso em: 12 jun. 2007.

Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Chistifideled laici*, Papa João Paulo II, sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Aos Bispos, aos sacerdotes e aos diáconos. Aos religiosos e às religiosas. A todos os fiéis leigos. 1988. Disponível em: <<http://www.vatican.va>> Acesso em: 16 jan. 2007.

MAGALHÃES, Mariza. **A Igreja e as questões sociais**. 2005. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br>> Acesso em: 14 jun. 2006.

MARTÍN, Eloísa. **La construcción de Aparecida u Luján como Patronas Nacionales: un analisis comparativo**. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/religion/news90.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2005.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **A espiritualidade do Cardeal Mercier**. FEUSP: Editora Mandruvá. Disponível em: <<http://www.hotoppos.com.br/index.html>> Acesso em: 14 e 3 jun. 2007.

SANTOS, Luiz Antônio de Castro e FARIAS, Lina Rodrigues de. *A Reforma Sanitária no Brasil: ecos da Primeira República*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2003. Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br>> Acesso em: 04 jul. 2007.

<http://www.paideamor.com.br>

<http://www.scielo.org>

<http://www.rosariopermanente.net/devcoes/osset.php>

<http://www.asj.org.br>

<http://www.vatican.va>

<http://www.monfort.org.br>.

www.multimedios.org/terra/tooooo3.htm.

www.presbiteros.com.br.

www.pt.portalbrasil.net/religiao_religioes_afrobrasileiras.htm-7k

www.editorasalesiana.com.br

www.paroquias.org

<http://www.diocesasantamaria.org.br>

<http://www.astrologie.com.br>

<http://www.vidaslusofonas.pt/anacreonte.htm>

HORRELL, J. Scott. Maçonaria: tensões e perguntas. Disponível em: <
<http://www.monergismo.com>

ENTREVISTA

Entrevista, Ir^a Terezinha da Silva, Superiora Geral das Irmãs Operárias de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, Santa Maria, 20 jun.2006.

Entrevista, pastor Almerindo Pedroso, Igreja Bom Pastor, Santa Maria,13 jun. 2007.

ANEXO

ANEXO 1

O movimento moderno em torno da “Mediação Universal de Maria Santíssima” se deve ao Cardeal Désiré Joseph Mercier, Primaz da Bélgica. Ele conseguiu que o Papa Bento XV instituísse, em 1921, a festa em honra a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. A importância da aclamação à mãe de Jesus como “Medianeira de Todas as Graças”, encontramos no relato intitulado *Histórico do Movimento em torno da Mediação Universal de Maria Santíssima*. O documento informa a solicitação do cardeal:

O Papa a colocou em seu calendário particular, declarando que concedera o privilégio da celebração da nova festa a todos os bispos do mundo que pedissem a Santa Sé. O cardeal Mercier enviou uma carta circular a todos os bispos convidando-os a que também celebrassem em suas dioceses a festa da Virgem Medianeira. Mais de 400 bispos atenderam ao pedido do cardeal Mercier e a maioria das ordens e congregações religiosas. O Concílio Vaticano II aprovou o título de “Medianeira” e destacou a íntima participação de Maria Santíssima nos Mistérios da Redenção, que é a parte precípua da Mediação Mariana.⁷¹⁸

O histórico da imagem representativa de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças pode ser encontrado no Acervo do Arquivo da Província dos Padres Jesuítas “Sociedade Padre Antônio Vieira.”⁷¹⁹ Verificamos que a representação da mesma foi feita originalmente num quadro emoldurado que, no Rio Grande do Sul, surge a partir de três santinhos, em preto e branco, trazidos do arcebispado de Malines, Bélgica⁷²⁰. Um destes santinhos, recebidos do Cardeal Mercier⁷²¹ que os produziu interpretando passagens bíblicas, foi escolhido pelo padre Valle para representar a mediação universal de Maria, mãe de Jesus.

O padre Valle registrou que se tornou devoto de Nossa Senhora Medianeira, porque quando se decidiu pela vida sacerdotal encontrou dificuldades nos estudos como também para manter-se no Seminário devido às precárias condições financeiras de seus pais. Sofreu de

⁷¹⁸ Esse relato estava entre os escritos do Pe. Ignácio Valle, com a pergunta do arquivista: É de autoria dele? O documento pertence ao Arquivo da Província dos Padres Jesuítas, “Sociedade Padre Antônio Vieira”, está sem data e consta de duas páginas, APPJPA, Porto Alegre.

⁷¹⁹ *O Histórico da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças no Brasil*, documento com 16 páginas datilografadas, sem referência do autor e sem data de realização. APPJPA, Porto Alegre.

⁷²⁰ Na Bélgica iniciam-se as primeiras discussões sobre questões sociais, sede da Organização Internacional do Trabalho.

⁷²¹ Désiré Joseph Mercier nasceu perto da planície de Waterloo, no povoado de Braine-l’Alleud (Brabante), no castelo de Castegier, em 1851. Entrou no Seminário Menor de Malines, em 1868, para estudar filosofia durante dois anos. Em outubro de 1870, foi admitido no Seminário Maior. Em 1871, foi enviado para a Universidade de Louvain, a fim de estudar teologia. Aos 4 de abril de 1874 foi ordenado sacerdote. Com o apoio do Papa Leão XIII tornou-se fundador e diretor do Instituto Superior de Filosofia, destinado principalmente aos leigos. Em 1892, fundou o seminário eclesiástico “Leão XIII”, anexo ao Instituto Superior de Filosofia. Pio X nomeou Mercier arcebispo de Malines, em 1906, e, em 1907 o arcebispo foi Primaz da Bélgica e Cardeal. Faleceu em janeiro de 1926. Cf. NUNES, Ruy Afonso da Costa. *A espiritualidade do Cardeal Mercier*. FEUSP: Editora Mandruvá. Disponível em: < <http://www.hotoppos.com.br/index.html> > Acesso em: 14 jun. 2007.

grave doença e em tais circunstâncias pedia a intercessão de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Creditando à intercessão dela o êxito de seus pedidos fez a promessa de divulgar essa devoção.⁷²²

Laurentin destaca que o Cardeal Mercier,⁷²³ antes e depois da Primeira Guerra Mundial, de 1914-1918, constatou a importância do ecumenismo entre os católicos e anglicanos. “Estando o ecumenismo no ar junto aos protestantes, com a criação progressiva do Conselho Ecumênico das Igrejas, ele tentou reintegrar a Igreja da Inglaterra na Igreja Católica”, época em que Roma não se preocupava com o ecumenismo.⁷²⁴ Esta característica do Cardeal Mercier também foi observada por Rigo (2006 p. 57-61).

A constatação oficial da Igreja sobre o pioneirismo do Cardeal Mercier em relação ao ecumenismo está registrada na carta do Papa Paulo VI ao Cardeal Leo Giuseppe Suenens, da Arquidiocese de Malines – Bruxelas, por ocasião dos 50 anos do falecimento do Cardeal Mercier e do Padre Portal, 1976.⁷²⁵

Se alguns anglicanos da cidade de Santa Maria foram simpatizantes do Cardeal Mercier não podemos mensurar. O fato dele ter tentado aproximar as Igrejas católica e anglicana, já no final do século XIX, e por ter se destacado incansavelmente pela causa operária preocupando-se com a situação de abandono dos operários e desvalidos da sua Diocese durante a Primeira Guerra Mundial, levou um grupo local a promover a peça teatral denominada “Cardeal Mercier” que pode ter sido motivada pelo grupo literário e artístico católico da cidade, pois encontramos referências a esta associação no semanário *O Santamariense*.

⁷²² Sobre Nossa Senhora como Medianeira de Todas as Graças Pe. Valle destacou que o reconhecimento da mediação da mãe de Deus foi registrado desde o século IV, com Santo Efrém, chamado o sírio. Logo outros homens santos da Igreja católica a ela se referem como Medianeira: São Germano, Bispo de Constantinopla, século VIII; Santo Anselmo, arcebispo de Canterbury e São Bernardo, século XII; São Boaventura e Santo Alberto Magno, século XIII; São Pedro Canísio, século XVI; São Roberto Belarmino, século XVII; Santo Afonso de Ligório, em 1750. O autor, Pe. Valle citou ainda outros religiosos que se referiram a Nossa Senhora como Medianeira de Todas as Graças: no “Poema da Virgem” do Pe. José de Anchieta; no primeiro sermão do Rosário pregado pelo Pe. Antônio Vieira e outros. Cf. VALLE, Pe. Inácio Rafael. *Vamos todos a Maria Medianeira*. Porto Alegre: Gráfica da Imprensa Oficial, 1949, p. 43-53.

⁷²³ O Cardeal Mercier, durante a Primeira Guerra Mundial, 1914-1918, além de enfrentar os invasores alemães na Bélgica, preocupava-se com a salvação dos trabalhadores, dos operários e agricultores. Através de seus estudos tornou-se um dos máximos expoentes do renascimento escolástico tomista no século XIX. Foi um crítico da postura de prelados da Igreja e da cristandade. Ele havia percebido que “para muitos cristãos, a religião parecia consistir em práticas devocionais e em preceitos morais”. Dizia que “os padres, nos sermões e retiros, pregavam muito pouco sobre o dogma, e alongavam-se demasiadamente sobre a moral, tal não é a essência do Cristianismo, promoveu a maior participação dos fiéis nas celebrações litúrgicas. Cf. NUNES, Ruy Afonso da Costa. *A espiritualidade do Cardeal Mercier*. FEUSP: Editora Mandruvá. Disponível em: < <http://www.hotoppos.com.br/index.html> > Acesso em: 14 jun. 2007.

⁷²⁴ LAURENTIN, René. *É impossível ser fiel a Escritura e não levar Maria a sério. Um comentário à Declaração comum da Comissão Internacional Anglicano-Católica (Arcic) sobre Maria: graça e esperança em Cristo*. Disponível em: < <http://www.30giorni.it/br/articolo> > Acesso em: 14 jun. 2007.

⁷²⁵ *Lettre du Pape Paul VI au Cardinal Leo Jozef Suenens*, Arcebispo de Malines – Bruxelas, 1976. Disponível em < www.vatican.va > Acesso em: 12 jun. 2007.

Assim, a sociedade santa-mariense já havia tido oportunidade de tomar consciência da importância do Cardeal belga para a Igreja e para classe operária, pois em 1919, o público local foi convidado à assistir um drama teatral dividido em sete atos, interpretado por Montagu Love e Jane Egle, no Teatro Coliseu, intitulado “O Cardeal Mercier: o mártir da Bélgica”. Segundo a nota do jornal “a história registrou como um abnegado que sofreu e amargou com sua pátria. Cardeal Mercier, um santo pastor que não abandonou suas ovelhas, vendo-as esfaqueadas e pelo lobo devoradas.”⁷²⁶

Nos anos de 1920, o padre José Schrijvers C. SS. R. publicou a obra *Almas Confidentes*, onde expunha “a felicidade de ser filho de Maria”. Ali, advertiu que “os protestantes eliminaram de sua vida esta fonte de felicidade íntima, negando a mãe de Deus e os jansenistas (...) quiseram arrefecer nos corações crentes esta devoção filial e espontânea.”⁷²⁷

Sobre o significado da origem da devoção é importante salientar que além da imagem hoje divulgada em Santa Maria existem outras formas de representação de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças difundidas na Europa, que podem ser réplicas das outras duas que o Cardeal Mèrcier idealizou. Abaixo apresentamos dois exemplos. A primeira de um Tabernáculo na França e a outra de uma igreja também na França:



Ilustração 59 - Fotografia do Portal de um Tabernáculo na França representando Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Relevo do primeiro quartel do século XX. (Fonte: Mosteiro da Cartuxa “Nossa Senhora Medianeira”, Ivorá/ RS).

⁷²⁶ “Teatro Coliseu apresenta a peça: ‘O Cardeal Mercier: o martyr da Bélgica’”. *Diario do Interior*. Santa Maria, ano IX, n. 243, p. 2, 16/10/ 1919, AHMSM, Santa Maria.

⁷²⁷ Cf. SCHRIJVERS, Pe. José. *Almas Confidentes*. 39. ed., [s.i.: s.n.], 1929.



Ilustração 60 - Reprodução de uma pintura alusiva a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças de uma Igreja na França. (Fonte: Mosteiro da Cartuxa “Nossa Senhora Medianeira”, Ivorá/ RS)

A apropriação do modelo atual levou à criação de um quadro grande que passou a representar a Virgem Medianeira em Santa Maria. A produção do quadro colorido ficou a cargo de uma religiosa franciscana, Irmã Maria Angelita Ida Stefani, falecida em 2005, em Santa Maria. Uma reprodução da imagem do quadro pode ser visualizada abaixo.⁷²⁸



Ilustração 61 - Lembrança da Terceira Romaria Estadual ao Santuário de Nossa Senhora Medianeira, 11 de novembro de 1945 (Fonte: Arquivo particular)

⁷²⁸ O ícone sagrado é uma forma genuína de espiritualidade devocional dos católicos romanos e ortodoxos. No VII Concílio Ecumênico de Nicéia, em 787, os padres manifestaram o seu desejo de “conservar intactas todas as tradições da Igreja, que lhes foram confiadas, sejam elas escritas ou não-escritas. Uma delas consiste precisamente na pintura dos ícones, em conformidade com a Carta da Pregação Apostólica” 18. Disponível em: < www.paroquias.org > Acesso em: 29 mai. 2006.

Assim, o seminarista Rafael Valle, a partir de seu contato com o cardeal Désidé Mercier, estimulou esta devoção mariana em Santa Maria. Acredita-se que foi este Cardeal o idealizador do quadro.

Para explicar o significado do ícone sagrado escolhido pelo padre Valle vamos usar a interpretação da Irmã Terezinha da Silva:

Em cima, a Santíssima Trindade: o profeta Ezequiel fala de uma visão: “A glória de Deus enchia todo o templo”. No meio deste esplendor vemos o Pai em forma de um ancião (eternidade de Deus), coroado (todo-poderoso) que recebe o sacrifício de Jesus na Cruz. Único sacrifício agradável a Deus e que seria oferecido do nascer ao por do sol, como profetizou Malaquias. O Espírito Santo que procede do Pai e do Filho está entre os dois em forma de pomba. Aos pés de Deus, seis querubins de seis asas, conforme a profecia de Isaías: “Querubins com seis asas esvoaçavam no templo, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exércitos”. As letras alfa e ômega, a primeira e a última do alfabeto grego, nos lembram que Deus é o Princípio e o Fim de todas as coisas. Todos os privilégios de Nossa Senhora vêm dos merecimentos de Jesus na cruz. Por isto as graças como raios descem do crucificado sobre Maria, e dela sobre o mundo. E esta frase de São Bernardo: “A vontade de Deus é que recebemos tudo por Maria”. Maria de braços abertos, posição de oração, intercede por nós. De um lado o sol e de outro a lua, lembra-nos que em todas as horas do dia e da noite Nossa Senhora reza por nós, levando a Jesus os nossos anseios e trazendo a nós as bênçãos e graças Divinas.⁷²⁹

Esta interpretação místico-cristã do quadro de Nossa Senhora Medianeira, de conhecimento da hierarquia católica, justifica a aceitação e promoção desta invocação à Virgem na diocese de Santa Maria. Ou seja, acredita-se que Maria, mãe imaculada de Jesus, por sua fidelidade a Deus, está unida a Cristo como mãe de Deus e conseqüentemente da Igreja. Assim, a mãe de Jesus intercede por toda a humanidade.

Diante deste quadro os fiéis passaram a se reunir em oração no Seminário São José, posteriormente começaram a realizar romarias; prática que se mantém atualmente. As imagens de gesso surgiram mais tarde e irão aparecer em algumas Igrejas da diocese, nos lares das famílias devotas, em algumas instituições públicas e privadas. Mas, a representação original está no quadro que atualmente adorna o Santuário Basílica Menor “Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças”, de Santa Maria.⁷³⁰ Todavia, “até 1930 o título de Medianeira

⁷²⁹ A interpretação sobre o quadro está impressa em folhetos informativos distribuídos no Santuário Basílica de Nossa Senhora Medianeira. Encontramos estas informações descritas na obra de PAIXÃO, Dinara. *Pe. Ignácio Valle S. J. e a devoção a Nossa Senhora Medianeira*, Santa Maria: Pallotti, 2003, p. 106 e 107.

⁷³⁰ O Santuário Basílica de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças foi classificado como Basílica Menor, título concedido pela Sagrada Congregação para o Culto Divino, no dia 5 de janeiro de 1987. E no dia 31 de maio do mesmo ano, o decreto pontifício foi executado. É o primeiro do Rio Grande do Sul. Este título, para a Liturgia e a Pastoral da Igreja Católica, segundo a regulamentação de 06 de junho de 1968, da Sagrada Congregação para o Culto Divino, declara “a concessão do título de Basílica Menor a uma Igreja que se vincula

de Todas as Graças era praticamente desconhecido apesar de dez dioceses possuírem o privilégio de celebrarem a festa da Virgem Medianeira com missa e ofício próprios”.⁷³¹

A tradição da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças já existia na Europa e foi amplamente divulgada na França, por exemplo, a partir de Châteaneuf-de-Galaure, Lyon, através da mística Marthe Robin, nos anos de 1930, com a devoção ao “Amor misericordioso de Maria Medianeira”. Esta devoção estendeu-se depois à Itália e à Espanha, com o padre Juan Garcia Arintero, o qual escreveu vários livros sobre a evolução mística. Na França tinha o apoio dos jesuítas, como o padre Albert Valensin, que conheceu e apoiou a mística Marthe Robin. Na Bélgica o grande difusor dessa devoção mariana foi o monge trapista, Rafael Armaes, falecido em 1933, declarado padroeiro da juventude pelo Papa João Paulo II. A devoção a Nossa Senhora Medianeira, nesta época, também era difundida na África e Ásia.⁷³²

mais fortemente com a Cátedra de Pedro e se torna centro de peculiar empenho litúrgico e pastoral”. Para que esta idéia se concretize, a Sagrada Congregação estabelece algumas normas e exigências. Disponível em: <<http://www.diocesasantamaria.org.br>> Acesso em: 16 jun. 2006.

⁷³¹ Histórico do Movimento em torno da Mediação Universal de Maria Santíssima, s/d, p.4, APPJPA, Porto Alegre.

⁷³² PEYRET, Raymond. *A cruz e a alegria: Marthe Robin*. Tradução de Foyer de Charité Nossa Senhora da Guarda, Mendes/ RJ, Aparecida/ SP: Ed. Santuário, 1983; GUITTON, Jean. *Portrait de Marthe Robin*. Paris: Bernard Grasset, 1986.